UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

DANIELA DE SOUZA SILVA COSTA

VOCABULÁRIO DIALETAL DO CENTRO-OESTE:

INTERFACES ENTRE A LEXICOGRAFIA E A DIALETOLOGIA

VOLUME I

Londrina
2018

DANIELA DE SOUZA SILVA COSTA

VOCABULÁRIO DIALETAL DO CENTRO-OESTE:

INTERFACES ENTRE A LEXICOGRAFIA E A DIALETOLOGIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Estudos da Linguagem, Área de concentração: Análise e Descrição Linguística, da Universidade Estadual de Londrina – UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo.

Londrina
2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C837v Costa, Daniela de Souza Silva.
Vocabulário dialetal do centro-oeste : interfaces entre a lexicografia e a dialetologia / Daniela de Souza Silva Costa. - Londrina, 2018.
2 v.: il.

Orientador: Aparecida Negri Isquerdo.
Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2018.
Inclui bibliografia.

1. Projeto Dicionário Dialetal Brasileiro - Teses. 2. Projeto Atlas Linguístico do Brasil - Teses. 3. Língua portuguesa - Dialetologia - Brasil, Centro-Oeste - Teses. 4. Língua portuguesa - Lexicografia Teses. I. Isquerdo, Aparecida Negri. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 806.90(817)-087.9

DANIELA DE SOUZA SILVA COSTA

VOCABULÁRIO DIALETAL DO CENTRO-OESTE:
INTERFACES ENTRE A LEXICOGRAFIA E A DIALETOLOGIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Estudos da Linguagem, Área de concentração: Análise e Descrição Linguística, da Universidade Estadual de Londrina – UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

_____
Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo
Universidade Estadual de Londrina – UEL

_____
Profa. Dra. Dircel Aparecida Kailer
Universidade Estadual de Londrina – UEL

_____
Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina – UEL

_____
Profa. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP

_____
Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Londrina, março de 2018.

Ao amor da minha vida, Érico. Sem você, nem esta Tese nem a pessoa que a escreve poderiam existir plenamente. "Caiu a chuva, vieram as enchentes, os ventos deram contra a casa, mas a casa não caiu, porque estava construída sobre a rocha" (Mt, 7:25).

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de humildade, é reconhecer que ninguém alcança uma vitória sem a presença e a contribuição de muitas pessoas. Não pretendo nomear todos os que me ajudaram até aqui, mesmo porque para a conclusão desta etapa outras conquistas a precederam nos diversos papéis sociais desempenhados. Por isso, expressarei minha gratidão aos que participaram diretamente desta realização.

A Deus, acima de tudo, que me presenteou com dons para a execução desta tarefa e também por colocar sempre em meu caminho anjos em forma de pessoas especiais.

A Nossa Senhora, que, com seus diversos títulos e honras, sempre me manteve no caminho, incentivando-me quando fraquejei e intercedendo por mim e por minha família durante todas as provações por que passei nesses quatro anos de curso (e não foram poucas...).

Ao Érico, meu marido, meu companheiro, amado parceiro, essencial para este sucesso, seja com seus conselhos pragmáticos, sua consultoria em Informática, seja pela presença firme, pelo olhar acolhedor e pela compreensão, tudo sempre oferecido com amor, dedicação, paciência e resiliência. Sem você, nunca chegaria tão longe. Sem você, nunca nem sonharia tão alto!

À Gabriela, meu pedacinho de céu, por ser essa filha tão pequena em estatura e tão grande em bondade e compreensão. Muito obrigada, Xuxa, por entender que a mamãe precisava viajar para a “escolinha lá longe” e por cuidar do papai e da vovó nas minhas ausências.

À minha mãe, minha gorduchinha, que cuidou da minha casa e dos meus amores na minha ausência, que me socorreu nas intempéries financeiras ocasionadas pelas viagens rotineiras e pela troca de trabalho, por todas as lutas que travou por mim desde minha concepção até os cuidados atuais, os cafezinhos, as conversas e o amor incondicional desde sempre. Obrigada, amo a senhora!

A toda a minha família, a de sangue e a que me acolheu, obrigada pela ajuda, pelo apoio, por cuidar dos meus tesouros e pela compreensão de sempre: pais, sogros, cunhados e amigos, vocês são anjos em minha vida!

À Profa Dra Aparecida Negri Isquerdo, Cida, minha orientadora, minha amiga, minha conselheira, orientadora de Iniciação Científica, de Mestrado e de Doutorado, obrigada por abrir as portas do Atlas Linguístico do Brasil, por despertar o amor pela

pesquisa em mim e especialmente pela confiança ao me propor um grande, mas apaixonante desafio. Com certeza, descobri uma paixão acadêmica a partir dessa proposta: a Lexicografia.

Ao Atlas Linguístico do Brasil, seu comitê nacional e a todos os pesquisadores do projeto, pela ajuda sempre que necessário, pelo carinho com que me receberam e pela cessão dos dados, em grande parte inéditos, para este trabalho.

Ao Dicionário Dialetal Brasileiro, especialmente a seu coordenador, Prof. Dr. Américo Venâncio Machado Filho, e à Isamar Neiva, integrante do projeto, pelas ajudas, sugestões e conselhos em conversas informais e em encontros acadêmicos e pela cedência de documentos e da produção científica acerca do DDB, oferecendo-me suporte metodológico para a adequação do *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste* ao projeto maior.

Ao Júnior Lima, meu coordenador na Escola Estadual Dolor Ferreira de Andrade, por me ensinar tanto sobre a docência e sobre o amor pelo alunado, além do apoio incondicional manifestado desde a compreensão por minhas ausências até a mágica de montar um horário que me possibilitava viajar para cumprir os créditos em disciplinas.

Ao Daniel Abrão, meu coordenador na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, por seus conselhos e por me auxiliar com a atribuição de disciplinas cujos horários não se chocavam nem com minhas viagens nem com minha carga horária no Estado.

À Janaína Zaidan, minha coordenadora já na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que não apenas me acolheu com bastante carinho e cuidado, como também me ajudou a administrar casa em Campo Grande, emprego em Aquidauana e estudo em Londrina a partir da organização de minhas tarefas na instituição.

Ao querido prof. Auri Frübel, meu professor de Mestrado, Diretor do *Campus* de Aquidauana da UFMS, que desde aquela ligação em março de 2014 me abriu novos horizontes e reais possibilidades de crescimento profissional. Muito obrigada por tudo o que fez e faz por mim, desde as conversas, os conselhos, e especialmente pela sugestão do afastamento para pós-graduação, sem ele eu não conseguiria me dedicar como consegui ao Doutorado.

Aos amigos e companheiros nessa loucura de Doutorado, Ed Galvão, Taci Marcelle, Day Bençal e Anninha Chierotti: vocês foram um presente londrinense,

uma possibilidade de renascimento para minha fé em amigos no ambiente acadêmico, um alento nas ausências de casa e na saudade da família. Amo vocês!

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UEL, especialmente: Vanderci Aguilera, Fabiane Altino e Mariângela Joanilho, pelos ensinamentos, pelas conversas e pelo incentivo durante todo este percurso.

Aos funcionários da secretaria do Programa, Rosely e Ricardo, sempre queridos, sempre prestativos e sempre tão bondosos, muito obrigada.

À minha banca de qualificação, professoras Vanderci Aguilera, Dircel Kailer, Clotilde Murakawa e Maria Cândida Seabra, obrigada pelas pertinentes contribuições e pela gentileza de compartilharem conhecimentos tão fundamentais para meu crescimento acadêmico e profissional.

Há muitas outras pessoas a quem agradecer. A todos os que participaram pelo menos em parte desta caminhada, e não foram poucos, mas não consegui nomear, meu muito, muito obrigada!

Gosto de viajar por palavras do que de trem
Observo muito mais as paisagens
Sacio minha aprendizagem
Transcendo as entrelinhas
O que é mágico me entretém

(Manoel de Barros, 2002)

COSTA, Daniela de Souza Silva. **Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste**: interfaces entre a Lexicografia e a Dialetologia. 2018. 348 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

Os dicionários, além de documentarem o léxico, são tomados também como obras normativas, apesar de muitos deles ainda carecerem de fontes diversificadas e atualizadas para a seleção e definição das acepções e informações registradas nos verbetes, por exemplo. No que diz respeito às marcas diatópicas, têm se mostrado bastante produtivas as pesquisas dialetológicas e geolinguísticas para o conhecimento da língua em uso em determinado espaço e tempo. Esta pesquisa, que se filia ao Projeto *Dicionário Dialetal Brasileiro* (DDB) e se vale de princípios teóricos da Lexicografia, da Dialetologia e da Geolinguística, além do construto da Linguística de *Corpus* e da Linguística Computacional, tem com objetivo geral produzir um vocabulário dialetal a partir da norma falada no Brasil Central, representada pelo repertório lexical ativo dos informantes entrevistados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) documentado pela aplicação do Questionário Semântico-Lexical nos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, o *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste* (VDCO). Para isso, traçaram-se como objetivos específicos: i) tratar lexicograficamente um *corpus* de natureza geolinguística; ii) propor um modelo de microestrutura para o vocabulário dialetal, em acordo com parâmetros do DDB e também com novas proposições; iii) analisar o *Vocabulário* considerando os dados mato-grossenses, sul-mato-grossenses e goianos separadamente e em conjunto, com vistas a identificar semelhanças e particularidades entre as informações documentadas. Manejando um *corpus* de 23.174 ocorrências, o VDCO apresenta 1.604 entradas, entre 228 verbetes completos e 1.376 remissivos, e revela que há uma norma lexical comum à região, além de particularidades entre os estados e mesmo entre localidades da mesma Unidade Federativa, como *umbigo* (inflorescência da bananeira)*, biloca* (bolinha de vidro) e *tocaio* (pessoa de mesmo nome), entre outros. Dessa forma, mostrou-se relevante o uso de dados geolinguísticos para a elaboração de um produto lexicográfico, o que possibilitou o conhecimento da norma lexical do Centro-Oeste e sua documentação em um vocabulário, resultado que permite também a disseminação mais abrangente dos dados tratados, haja vista especialmente o formato e os custos de produção de um repertório lexicográfico.

Palavras-chave: Norma lexical. Centro-Oeste. VDCO. *Dicionário Dialetal Brasileiro*. Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

COSTA, Daniela de Souza Silva. **Dialectal Vocabulary of Midwest Region**: interfaces between Lexicography and Dialectology. 2018. 348 p. Thesis (Doctoral degree in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

ABSTRACT

Dictionaries, besides documenting the lexicon, are also taken as normative works, although many of them still lack diverse and updated sources for the selection and definition of meanings and information recorded in the entries, for example. Regarding the diatopic marks, the dialectical and geolinguistic researches have been very productive for the knowledge of the language in use in a certain space and time. This research, which is based on the *Dicionário Dialetal Brasileiro* Project (DDB) and uses theoretical principles of Lexicography, Dialectology and Geolinguistics, in addition to the construct of Corpus Linguistics and Computational Linguistics, had as its general objective to produce a dialectal vocabulary of the norm spoken in Brazilian Midwest Region, represented by the active lexical repertoire of the informants interviewed by the *Atlas Linguístico do Brasil* Project (ALiB), verified from the application of the Lexical-Semantic Questionnaire in the states of Mato Grosso, Mato Grosso do Sul and Goiás (Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste – VDCO). For this purpose, were set as specific objectives: i) to treat lexicographically a geolinguistic corpus; ii) propose a microstructure model for the dialectal vocabulary, according to DDB parameters and also with new propositions; iii) analyze the vocabulary considering the data from Mato Grosso, Mato Grosso do Sul and Goiás separately and then together, with a view to identifying similarities and particularities among the information documented by the ALiB Project in the three states. For dealing a corpus with 23.174 occurrences, the VDCO presents 1,604 entries, between 228 entire entries and 1.376 remising ones, and reveals that there is a lexical norm common to the region, but also shows particularities between states and even between localities of the same Federative Unit, as *umbigo* (inflorescence of the banana tree), *biloca* (little ball of glass) and *tocaio* (person with the same name), among others. In this way, the use of geolinguistic data for the production of a lexicographic work was relevant, as well as its use made possible the knowledge of the language standard of the Brazilian Midwest Region and its documentation in a vocabulary, a result that also allows the wider dissemination of the data, especially given the format and production costs of a lexicographic repertoire.

Keywords: Lexical norm. Brazilian Midwest Region. VDCO. Brazilian Dialectal Dictionary. Linguistic Atlas of Brazil Project.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tipologia de dicionários segundo Porto Dapena (2002) 46
Quadro 2: Estrutura do artigo lexicográfico 69
Quadro 3: Perfil social e identificação dos informantes ALiB.....133
Quadro 4: Localidades pesquisadas no Centro-Oeste e seus respectivos números de identificação no *corpus* 135
Quadro 5: A legenda dialetal e sua descrição 172

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Escopos de Lexicologia e Lexicografia.....41
Figura 2: Mega-, macro- e microestrutura de dicionários.....54
Figura 3: Relações estruturais em dicionários.....56
Figura 4: A megaestrutura – macroestrutura e *Outside Matter*.....59
Figura 5: Relações medioestruturais em dicionários.....64
Figura 6: Tipologia de definições lexicográficas segundo Porto Dapena (2002).....81
Figura 7: Tela do Excel com planilha pronta para conversão para SFM.....118
Figura 8: Tela inicial do SheetSwiper.....120
Figura 9: Arquivo SFM convertido a partir de um XLS pelo SheetSwiper.....121
Figura 10: Tela inicial do FLEx.....122
Figura 11 FLEx – Tela de edição de léxico.....123
Figura 12: Composição de um verbete do *Vocabulário Dialetal Baiano*.....125
Figura 13: Legenda geolinguística do VDB.....134
Figura 14: Nomes para o *umbigo* da bananeira (Cardoso et al, 2014b, p. 183).....137
Figura 15: Nomes para bolinha de gude nas capitais brasileiras (CARDOSO et al, 2014b, p. 271).....144
Figura 16: Rede de Pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil na região Centro-Oeste.....173

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Produtividade dos designativos para a inflorescência da bananeira segundo o VDCO 138

SUMÁRIO

VOLUME I

INTRODUÇÃO 15

CAPÍTULO I – O LÉXICO E O INÍCIO DA LEXICOGRAFIA 21
1.1 O léxico e sua constituição 21
1.2 O fazer dicionarístico e o nascimento da Lexicografia 26

CAPÍTULO II – TEORIA LEXICOGRÁFICA 39
2.1 Tipologia de dicionários: contribuições substanciais 43
2.2 Arquitetura de dicionários: métodos e conceitos 52
2.2.1 A megaestrutura 57
2.2.2 A macroestrutura 60
2.2.3 A medioestrutura 63
2.2.4 A microestrutura 67
2.2.4.1 A parte definitória do verbete 71

CAPÍTULO III – A LEXICOGRAFIA E ALGUMAS DE SUAS RELAÇÕES INTERDISCIPLINARES 83
3.1 A Lexicografia, a Dialetologia e a Geolinguística 83
3.1.1 A Lexicografia Regional ou Lexicografia Dialetal 88
3.2 Linguística de Corpus e Lexicografia 100
3.3 A Linguística Computacional e sua contribuição para os trabalhos lexicográficos 107

CAPÍTULO IV – PERCURSO METODOLÓGICO 114
4.1 Percurso metodológico: o Dicionário Dialetal Brasileiro e o Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste 114

CAPÍTULO V – O FALAR DO BRASIL CENTRAL APONTADO PELO *VOCABULÁRIO DIALETAL DO CENTRO-OESTE*: TENDÊNCIAS 135

CONCLUSÕES.....148

REFERÊNCIAS.....153

ANEXO 1.....166

VOLUME II

APRESENTAÇÃO 168

LISTA DE ABREVIATURAS.....175

APÊNDICE 1 – LEGENDA DIALETAL.....264

INTRODUÇÃO

A história do Centro-Oeste distingue-se das demais regiões brasileiras por ter sido a última área geopolítica brasileira a ser colonizada e também por suas condições geográficas, que favorecem uma economia diferenciada, com base na agricultura e na pecuária, especialmente, o que atraiu e atrai, até os dias atuais, estrangeiros e brasileiros de outras regiões e também influencia grandemente a norma linguística do Brasil Central.

O Estado de Mato Grosso, por exemplo, teve seus primeiros núcleos de povoamento fundados ainda no século XVII pelos jesuítas, quando ainda era território espanhol. No século XVIII, como terra portuguesa, foi desbravado pelas bandeiras, que descobriram ouro e assim deram início à aceleração do povoamento na então Capitania de Mato Grosso. Já no período republicano, a Companhia Matte Laranjeira, que trabalhava com a extração da erva mate desde o Império, foi se expandindo com o auxílio governamental, atraindo sulistas para o gerenciamento da produção e contratando indígenas e paraguaios para a lida com a matéria-prima, influência marcante até os dias atuais na cultura e na realidade mato-grossense, cuja economia se baseia no agronegócio, com a produção de soja e a criação de gado.

A história de Goiás, por sua vez, foi iniciada a partir do movimento das bandeiras em busca do ouro ainda no século XVIII, formadas por portugueses e indígenas. Outro fato relevante para a compreensão da realidade goiana foi a Marcha para o Oeste, política expansionista do Governo Vargas empreendida na década de 1930 que atraiu mineiros e paulistas, entre outros, além da migração nordestina para o estado, em especial a partir da década de 1960, com a construção de Brasília pelo governo de Juscelino Kubitschek e graças às promessas de emprego, renda e ascensão social para garantir a concretização do sonho de uma nova capital para o país. Atualmente, o estado alicerça sua economia na agroindústria, o que é corroborado por suas terras férteis, água abundante, clima favorável e um amplo domínio na tecnologia de produção, instituindo-se como um dos grandes exportadores de grãos e detentor de um dos maiores rebanhos bovinos do país.

Mato Grosso do Sul também baseia sua economia no agronegócio; entretanto, sua história difere-se em parte dos seus vizinhos posto que seu povoamento se iniciou apenas a partir do XIX, com a expansão da Companhia Matte Laranjeira pela então porção sul de Mato Grosso e também a partir das fortalezas militares utilizadas na Guerra do Paraguai (1864-1870), que depois do conflito bélico se tornaram cidades importantes. Como o segundo estado brasileiro em população indígena, a identidade sul-mato-grossense também destaca a influência de gaúchos, cuja presença data ainda de meados do século XIX, quando a Revolução Farroupilha motivou o êxodo dessa população para diversos destinos, especialmente Mato Grosso do Sul, que conta com aproximadamente 43 mil gaúchos, segundo o IBGE (2012), além de paranaenses, mineiros e paulistas, bem como de nordestinos que se concentram no centro e no sul do Estado.

Nota-se, pois, que a região Centro-Oeste caracteriza-se por sua história recente em relação ao restante do país, bem como pela miscigenação bem característica de sua população, refletida em manifestações culturais, como a alimentação, as danças e os ritos, bem como na norma linguística.

Alguns trabalhos já buscaram identificar e documentar a norma lexical da região, tendo já apresentado particularidades. [1] No que diz respeito aos acadêmicos, temos especialmente duas modalidades de descrição linguística: os atlas e os vocabulários.

Nogueira foi a primeira pesquisadora a desenvolver estudos dialetológicos em Mato Grosso do Sul. *A linguagem do homem pantaneiro* (NOGUEIRA, 1989), por exemplo, resgatou em forma de glossário parte do léxico da região do Pantanal. Também O *Glossário pantaneiro* (CORREA, 2001) apresentou e definiu palavras e expressões utilizadas nos pantanais. Em relação a trabalhos lexicográficos já com princípios teóricos, Justiniano (2005) documentou o vocabulário da erva mate, como vimos, uma importante atividade econômica para o estado, no Cone Sul de Mato Grosso do Sul. Em termos de atlas linguísticos, há o de âmbito estadual, o *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* – ALMS (OLIVEIRA, 2007), e dois microatlas municipais: o *Atlas Linguístico de Ponta Porã* – ALiPP (REIS, 2006) e o *Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário* – ALiCoLa (ALENCAR, 2013).

[1] Pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, já foram defendidas sete dissertações de Mestrado com foco no vocabulário dessa região, todas orientadas pela Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo, e uma está em curso.

Também no Mato Grosso há trabalhos que versam sobre a norma linguística regional, como a dissertação de Cuba intitulada *Atlas Linguístico da mesorregião Sudeste de Mato Grosso* (CUBA, 2009), que investigou o falar de oito localidades daquele Estado, além de estar em desenvolvimento por pesquisadores da UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso) o ALiMAT, *Atlas Linguístico do Estado de Mato Grosso* (LIMA; TOMANIN; CARDOSO, 2010).

Em relação ao universo goiano, o primeiro trabalho de cunho lexicográfico sobre a fala do estado foi desenvolvido por Teixeira ainda em 1944, o *Glossário Regional*, quarto capítulo da obra *Estudos de Dialetologia Portuguesa* – linguagem de Goiás, que documenta 252 unidades lexicais por meio de "[...] laboriosas pesquisas pelo extenso Estado central, [que] traz[em] as gemas do linguajar de, pelo menos três quartas partes de sua população" (TEIXEIRA, 1944 *apud* Rezende, 2016, p. 56).

Ainda sobre a norma linguística da região, mas já abrangendo todo o Centro-Oeste, destaca-se o *Dicionário do Brasil Central*, de Bariani Ortêncio (1983), pesquisador nas áreas de Filologia e Linguística que coletou seus dados em diversas obras, literárias ou não, tendo como proposta, para além de uma obra de consulta, oferecer uma fonte de informações culturais abrangendo, desde lendas, a descrições de festas e atividades socioeconômicas do Brasil Central (ORTÊNCIO, 1983).

Refletindo, pois, sobre esse panorama, pode-se identificar que ainda são poucos os trabalhos lexicográficos que versam sobre a norma lexical do Centro-Oeste, notadamente os que se pautam em parâmetros teóricos, sendo inexistente algum que se valha de dados geolinguísticos para sua produção, quiçá os que aliem estes a princípios lexicográficos.

Ao pretender contribuir para o conhecimento da norma lexical do Centro-Oeste utilizando princípios lexicográficos aplicados ao tratamento de dados geolinguísticos, esta pesquisa aplica o construto teórico-metodológico da Lexicografia contemporânea, da Dialetologia e da Geolinguística, além de observar os parâmetros teóricos da Semântica e da Lexicologia e com a contribuição da Linguística de *Corpus* e da Linguística Computacional, de modo a produzir o *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste* (VDCO), parte do projeto maior *Dicionário Dialetal Brasileiro*.

Isso porque parte-se da hipótese de que pode haver uma norma regional caraterística do Centro-Oeste, haja vista a realidade particular dessa porção do território brasileiro frente ao restante do país. Contudo, ao considerar o contexto histórico, geográfico, econômico e cultural dos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, essa reflexão fomenta novas indagações: haveria uma norma regional única de todo o Brasil Central, tendo em vista a semelhança, no que diz respeito à economia, entre as três Unidades da Federação? Podem existir particularidades que individualizem as normas lexicais de mato-grossenses, sul-mato-grossenses e goianos? Haveria áreas semânticas que poderiam revelar mais fortemente traços característicos dessas realizações de vocabulário?

Para confirmar a hipótese inicial e mesmo para responder essas perguntas, o VDCO se valeu das respostas para as 202 perguntas do Questionário Semântico-Lexical (COMITÊ NACIONAL/ALIB/2001) de 108 informantes das 24 localidades dos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás que compõem a rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, ancorando-se também nos comentários e nas respostas às questões fonético-fonológicas (159 perguntas) e também às morfossintáticas (49 questões), [2] quando estas oferecessem acréscimos e mesmo explicações aos fenômenos observados.

Tais informações, em grande parte ainda inéditas, contabilizam mais de 23 mil ocorrências lexicais, utilizadas para a composição da nomenclatura do *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste*, que conta com 1.604 entradas.

Desse modo, esta Tese oferece o registro de dados lexicais atualizados e tratados sob a égide da Lexicografia, de modo a tornar conhecida e reconhecida a norma lexical do Centro-Oeste brasileiro de forma inédita, haja vista que, mesmo havendo obras que tratassem dessa temática, nenhuma delas se valeu de dados geolinguísticos. Ademais, intenta-se atender, ao menos parcialmente, à carência de obras lexicográficas brasileiras que forneçam dados científicos, tratados sob princípios teóricos consistentes, acerca dos regionalismos, por exemplo, além de

[2] O Projeto ALiB adota um questionário único aplicado a todos os inquéritos – composto por 431 questões que contemplam realizações fonético-fonológicas (159 perguntas); prosódicas (11 questões); semântico-lexicais – 14 áreas semânticas (202 perguntas); morfossintáticas (49 questões); pragmáticas (04 perguntas) e metalinguísticas (06 perguntas), além de quatro temas para discursos semidirigidos e um texto para leitura. Quanto ao perfil dos entrevistados, estes devem ser naturais da localidade e filhos de pais oriundos da mesma região linguística, homens e mulheres, de duas faixas etárias (18 a 30 e 50 a 65 anos), com escolaridade fundamental (interior e capitais) e universitária (capitais).

considerar a descrição linguística, neste caso a lexical, como preponderante para a compilação de uma produção lexicográfica.

Para isso, estabelece-se como objetivo geral desta Tese produzir um vocabulário dialetal que documente uma porção do léxico veiculada no Brasil Central, oriunda do repertório lexical ativo dos informantes entrevistados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), registrado a partir da aplicação do Questionário Semântico-Lexical do referido trabalho geolinguístico.

Para atingir esse propósito, definiram-se como objetivos específicos: i) tratar lexicograficamente um *corpus* de natureza geolinguística; ii) propor um modelo de microestrutura para o vocabulário dialetal, em acordo com parâmetros do DDB e também com novas proposições; iii) analisar o vocabulário considerando os dados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás separadamente e em conjunto, com vistas a identificar semelhanças e particularidades, em termos de norma lexical, entre as informações documentadas pelo Projeto ALiB nos três estados.

O segundo objetivo específico apresentado se reporta ao projeto *Dicionário Dialetal Brasileiro* (DDB), a que se filia este trabalho. Trata-se de um projeto interinstitucional sediado pela Universidade Federal da Bahia e coordenado pelo Prof. Dr. Américo Venâncio Machado Filho que tem como objetivo oferecer uma visão pandialetal da norma lexical do Brasil a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. [3]

De modo a atingir esses objetivos e elaborar o produto final desta Tese, esta pesquisa se valeu do aporte teórico da Lexicografia para a produção do Vocabulário a partir do estudo de obras de autores da área, especialmente Haensch (1982a; 1982b), Ahumada Lara (2000; 2007), Hartmann (2001), Hartmann e James (2001), Porto Dapena (2002) e Pérez Hernández e Moreno Ortiz (2009). Além disso, com vistas a compreender o *corpus* geolinguístico desta investigação respeitando as particularidades desse tipo de dados, foram consultadas, dentre outras, pesquisas de Brandão (1991), Cardoso (2010) e García Mouton (2010), assim como Gómez Guinovart (1998) e Berber Sardinha (2000; 2004; 2012), importantes para a compreensão da Linguística de *Corpus* e da Linguística Computacional, para organizar as informações de modo a constituir de fato um *corpus* e a tornar possível seu tratamento, haja vista sua extensão.

[3] O referido projeto será mais bem apresentado no Capítulo IV deste estudo, que trata da Metodologia da Pesquisa.

Este trabalho se estrutura em dois volumes. No primeiro, seguindo-se a esta Introdução está o Capítulo I, que discute conceitos teóricos da Lexicologia, além de apresentar um panorama do surgimento da Lexicografia até seus mais recentes passos. Posteriormente, no Capítulo II, é tratada a teoria lexicográfica que deu suporte ao estudo; no III, as relações interdisciplinares da Lexicografia com outras áreas, como a Dialetologia, a Geolinguística, a Linguística de *Corpus* e a Linguística Computacional.

Depois, no Capítulo IV, são descritos os aspectos metodológicos desta pesquisa, que foram em parte baseados na metodologia do Projeto ALiB, haja vista o *corpus* ser formado por dados em grande parte inéditos fornecidos por esse projeto (cf. ANEXO 1), bem como na orientação metodológica do *Dicionário Dialetal Brasileiro*, com o qual se pretende contribuir oferecendo dados geolinguísticos tratados sob o viés lexicográfico que passarão a integrar a obra nacional.

Finalizando o Volume I tem-se o Capítulo V, que analisa alguns fenômenos linguísticos evidenciados pelo VDCO de modo a responder com resultados a hipótese aventada e também destacando particularidades relevantes para a norma lexical do Centro-Oeste. Seguem após essa última seção as conclusões, as referências e o Anexo.

O Volume II, por sua vez, traz o *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste*, apresentação, estrutura e conteúdo, sendo finalizado com o Apêndice, que fornece as informações detalhadas sobre as fontes das unidades léxicas que compõem a nomenclatura do VDCO na forma de legenda dialetal. [4]

[4] O *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste* utiliza o termo legenda dialetal em detrimento de legenda geolinguística, como no caso do *Vocabulário Dialetal Baiano*, primeiro projeto interligado ao *Dicionário Dialetal Baiano*, haja vista o *corpus* de que se vale e também a partir do entendimento de léxico dialetal, cujo designação é explicada no item 3.1.1 deste trabalho.

CAPÍTULO I – O LÉXICO E O INÍCIO DA LEXICOGRAFIA

Inicialmente, é necessário considerar que a elaboração do *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste* exigiu aprofundamento teórico e reflexões, estas que são aqui discutidas no que tange à Lexicologia, especialmente no que diz respeito às definições de palavra, lexia, lexema e unidade lexical. Além disso, demonstra-se brevemente a história da Lexicografia até se tornar uma disciplina linguística.

1.1 O léxico e sua constituição

O léxico é o repertório vocabular de uma língua, o mais claramente influenciado por questões extralinguísticas, como aspectos culturais, econômicos, sociais e históricos que nele se refletem promovendo sua expansão ou retração em línguas vivas. Contudo, essa conceituação representa um dos vários entendimentos que se tem do termo, não havendo um consenso entre os lexicólogos de como venha a ser definido de modo conclusivo.

Josette Rey-Debove, em seu texto *Léxico e dicionário* (1984), por exemplo, explica que as diversas definições de léxico são exploráveis segundo as necessidades do trabalho que se tem a efetuar, não se devendo perder de vista, segundo ela, as insuficiências de cada solução.

De acordo com a lexicógrafa francesa (REY-DEBOVE, 1984, p. 49-51), o léxico é entendido sob três perspectivas:

1. *O conjunto de morfemas de uma língua*

Concepção americana que entende como unidade de léxico o morfema ou unidade significativa mínima. Todavia, Rey-Debove (1984) discute os problemas dessa definição, como das demais sobre as quais disserta. Para ela, se o morfema for tomado como unidade mínima componente do sistema léxico, há que se separarem morfemas lexicais (lexemas) de morfemas gramaticais (gramemas), que formam classes abertas e classes fechadas organizadas de acordo com o número de constituintes e de seu poder de expansão: “[...] quanto mais uma classe é pobre em elementos, tanto mais é fechada, e que quanto mais é rica, mais é aberta” (REY-

DEBOVE, 1984, p. 49). A estudiosa complementa: “[...] assim, a classe de morfemas-nomes [lexemas], a mais vasta, pode enriquecer-se todos os dias sem prejuízo para a intercompreensão dos usuários mas não a classe dos artigos ou dos pronomes pessoais” (REY-DEBOVE, 1984, p. 49). Além disso, outra crítica da estudiosa francesa é que morfemas não formam frases, mas unidades codificadas mais altas.

2. *O conjunto de palavras de uma língua*

Segundo a mesma autora, trata-se da definição tradicional de léxico, imagem também dada pelos dicionários. Rey-Debove esclarece a razão de essa definição ser tão difundida: “[...] o léxico como conjunto de palavras convém bem ao que sabemos da frase, que se constrói com as mais altas das unidades codificadas disponíveis” (REY-DEBOVE, 1984, p. 50). Entretanto, essa definição traz consigo o mesmo problema da anterior, uma vez que existe ainda uma dicotomia: palavras lexicais (substantivos, adjetivos, verbos e alguns advérbios) e palavras gramaticais (artigos, pronomes, conjunções, preposições, etc.).

3. *O conjunto das unidades ou o conjunto das palavras de classe aberta duma língua*

É a definição a que se dá maior prioridade entre os linguistas segundo a autora e considerada bastante operatória tendo em vista que, como unidades significativas codificadas, as palavras formam o conjunto mais vasto de uma língua e, dentre elas, as palavras lexicais são as mais importantes, não necessariamente as mais frequentes porque frequência está relacionada diretamente à abertura e ao fechamento dos conjuntos. Assim, Rey-Debove (1984, p. 51) assevera: “[...] a solução do léxico considerada como conjunto aberto seria satisfatória se a distinção entre conjuntos abertos e fechados fosse precisa, e não da ordem do mais ou do menos”.

Na primeira definição de léxico, apontada por Rey-Debove (1984), léxico é concebido como o conjunto de morfemas, as unidades mínimas de significado. Conforme Dubois (2006), morfema, na terminologia da gramática distribucional e na análise em constituintes imediatos, “[...] designa o menor elemento significativo individualizado num enunciado, que não se pode dividir em unidades menores sem

passar ao nível fonológico". Como Rey-Debove (1984) já afirmara, há, dentre os morfemas, os lexicais (lexemas) e os gramaticais (gramemas), estes que ainda se dividem em independentes (artigos, preposições, etc.) e dependentes (afixos, desinências, etc.).

Já na segunda e na terceira definição de léxico, Rey-Debove (1984) utiliza o termo palavra como unidade de designação. Trata-se de um item lexical bastante utilizado pelo senso comum e cuja cientificidade é muito discutida na academia.

Entretanto, muitos também são os teóricos que o utilizam em seus textos, como na segunda definição de léxico proposta por Rey-Debove (1984), bem como na explicação sobre o processo de geração lexical, em que Biderman (1998, p. 92) afirma: "[...] a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos lingüísticos: as palavras". Há, pois, possibilidades de tratar com cientificidade o termo, a depender de como é compreendido.

Biderman, contribuindo para esse entendimento, explica em seu artigo *Dimensões da palavra* (1998), as dimensões divina, mágico-religiosa e criadora, as mais antigas compreensões de palavra, além de trazer à baila seus aspectos cognitivos e linguísticos. Quanto à cognição como viés de entendimento, assevera que "[...] é a partir da *palavra* que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem" (BIDERMAN, 1998, p. 88), entendendo-se que a partir do processo de nomeação é que o conhecimento humano se desenvolve: dando-se nome para algo, ele pode ser compreendido, de fato conhecido e sua existência na realidade comprovada. Nesse sentido, retoma a hipótese Sapir-Whorf, que defende que cada sistema léxico pode ser compreendido como a somatória dos conhecimentos humanos e é particularizado de acordo com a realidade que designa, o que, por exemplo, promove a não equivalência de lexias em línguas naturais em alguns casos.

Já quando reflete sobre a dimensão linguística da palavra, a lexicógrafa brasileira retoma a célebre dicotomia saussuriana significante-significado e discute as questões pertinentes à arbitrariedade e à motivação do signo linguístico, revisitando o conceito de valor linguístico da teoria de Saussure, que constitui um dos aspectos do significado de uma palavra. De acordo com a Teoria do Valor, "[...] o valor de um signo resulta da presença simultânea dos outros signos dentro do

sistema e aos quais ele se contrapõe, formando uma rede semântica" (BIDERMAN, 1998, p. 111) e, assim, "[...] o valor de uma palavra emana da complexa rede de significações que se tece no interior do léxico de uma língua" (BIDERMAN, 1998, p. 111). A autora demonstra, pois, que o referido termo é utilizado na Linguística Geral.

Também Porto Dapena (2002) o utiliza, definindo palavra como a "[...] unidad lingüística plenamente válida para ser adoptada como prototipo de las entradas del diccionario" [5] (PORTO DAPENA, 2002, p. 170). O lexicógrafo galego discute três conceitos por meio dos quais pode ser compreendida uma palavra: a palavra gráfica, a fonológica ou de discurso e a léxico-gramatical ou de sistema. A palavra gráfica é compreendida como um conjunto de letras delimitado por dois espaços em branco, o que lhe nega o estatuto de unidade linguística e se justifica por ser a primeira noção aprendida fora da ciência linguística. Já a palavra fonológica ou de discurso é aquela formada de fonemas em um discurso. Isso corresponde ao que Biderman (1999, p. 83) define como "[...] uma sequência fônica que constituísse uma emissão completa e após a qual uma pausa seria possível" (BIDERMAN, 1999, p. 83), o que também se configura como insuficiente, posto que exclui de seu entendimento outros traços característicos, não só fônicos, mas também gramaticais e semânticos.

De fato, o conceito de palavra léxico-gramatical parece ser o mais adequado e também o mais completo. Segundo Porto Dapena (2002, p. 143), é "[...] la unidad abstracta – pertenenciente al sistema de la lengua – con la que se identifican todas las formas o varientes pertenecientes a un único paradigma flexional", [6] unidade abstrata também tratada como lexema por alguns autores, como Biderman (1978).

Porto Dapena (2002), contudo, adverte que o termo lexema não é entendido da mesma forma pelos linguistas. Segundo ele, para Greimas e Coseriu, trata-se de uma unidade exclusiva de conteúdo, o significado de um morfema, equivalendo ao conceito de semema do estruturalismo. Já para ele, Porto Dapena (2002), refere-se ao próprio signo (que possui significante e significado).

Já em relação às lexias, Pottier (1973) as define como:

---

[5] "[...] Unidade linguística plenamente válida para ser adotada como protótipo das entradas do dicionário" (Tradução Nossa – T.N.).

[6] "[...] A unidade abstrata – pertencente ao sistema da língua – com que se identificam todas as formas ou variantes pertencentes a um único paradigma flexional" (T.N.).

> [...] Une unité lexicale de langue qui s'oppose à ce qu'il appelle une *réunion fortuite de discours;* par exemple: *cheval, cheval-vapeur, cheval marin, cheval de frise* sont des unités données en langues et n'ont pas à être créées par le locuteur au moment de l'élaboration de son texte [7] (POTTIER, 1973).

Biderman (1978) já discutira o assunto informando que o mais aceito é, pois, que o lexema designe a unidade abstrata da língua, ao passo que as lexias são os lexemas que aparecem no discurso. Ademais, ao discutir a classificação das lexias proposta por Pottier (1973; 1978), Biderman (1978), além de discorrer sobre as simples e as complexas, pondera sobre o limite impreciso entre as complexas, tendo em vista o grau de soldadura que une os termos. Por exemplo, na sequência:

Maria comprou pão antes de ontem.

Maria, *comprou* e *pão*, sem maiores problemas, são exemplos de lexias simples, formadas por apenas um elemento. Mas *antes de ontem* não pode ser compreendida como lexia complexa por possuir mais de item em sua constituição e ser uma expressão consagrada pelo uso? Concordando com a autora, entende-se que sim, mas seus constituintes são categorizados separadamente como lexemas, ambiguidade talvez causada pela ortografia do termo, que não unifica os vocábulos como em terça-feira ou guarda-chuva.

Biderman (1999, p. 89, grifos da autora), sobre o tema, orienta que:

> [...] As lexias se repartem em duas categorias: as *lexias simples*, graficamente constituídas de uma sequência gráfica separada por dois brancos [...] e *lexias complexas*, formadas por várias unidades separadas por brancos e não ligadas por hífen [...]. E chamaremos de *lexias compostas* aquelas que são ligadas por hífen. [8]

No *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste*, há os três tipos de lexias apontadas por Biderman (1978; 1999), mesmo porque o *corpus* da pesquisa é composto por unidades léxicas em uso oral por falantes do Brasil Central, que utilizam variantes como *pé d'água, carrinho de mão, garota de programa*, dentre muitos outros.

---

[7] "[...] Uma unidade lexical da língua que se opõe ao que se chama de um encontro fortuito de discursos; por exemplo: cavalo, cavalo-vapor, cavalo marinho, cavalo friso são unidades dadas em línguas e não precisam ser criadas pelo falante no momento da elaboração de seu texto" (T.N.)

[8] A partir do Novo Acordo Ortográfico, vigente desde 2009, essas considerações carecem de ressalvas, posto que as normas de utilização do hífen foram alteradas e, na verdade, fomentaram muitas discussões, de maneira que não há ainda consenso sobre tal normatização.

Biderman utiliza mormente em seus textos os termos unidade léxica e item lexical para designar a palavra, que demonstram a participação no universo do léxico e remetem a termos mais gerais que congregam lexias, sejam elas simples ou compostas. Dessa forma, utilizam-se neste texto especialmente os mesmos termos adotados pela lexicográfica brasileira, mas mantêm-se em alguns casos lexia, lexema e palavra, esta tomada em sua acepção léxico-gramatical (PORTO DAPENA, 2002) e em sua dimensão cognitiva e linguística (BIDERMAN, 1998).

Além, pois, da compreensão de preceitos da Lexicologia aplicados neste trabalho e aqui discutidos, o próximo tópico é reservado ao entendimento do fazer lexicográfico, seus primórdios e desenvolvimento ao longo do tempo.

1.2 O fazer dicionarístico e o nascimento da Lexicografia

Desde o surgimento dos primeiros dicionários, muito antes da Lexicografia instituir-se como disciplina linguística, ainda no século XIV, via-se a importância de compreender as línguas, de fazer conhecida a forma como outras sociedades se comunicavam e também para promover a interação entre as nações.

Antes, porém, já havia listas de palavras, muitas delas bilíngues, para promover o entendimento de uma língua. As primeiras dessas listas conhecidas, as tábuas sumérias, foram produzidas ainda durante a Antiguidade:

> Entre sumerios y acadios debió existir desde muy antiguo una actividad lexicográfica que cristaliza en recopilaciones de signos que debieron de funcionar, en parte, como diccionarios unilingües (a partir del año 2.600 a.C.) de motivación pedagógica, para uso de las escuelas de escribas: también existieron “catálogos” de nombres de oficios, de objetos, de divinidades, etc., así como glosarios bilingües sumero-arcadios cuando la primera de esas lenguas pasó a ser lengua de cultura y diplomática, tras la caída del III Imperio de Ur, e incluso glosarios cuadrilingües, como el sumero-acadio-hurrita-ugarítico de la biblioteca de Rap’anu [9] (FERNÁNDEZ-SEVILLA, 1974, p. 13).

[9] “Entre sumérios e acádios deve ter existido desde muito antiga uma atividade lexicográfica que cristaliza em coleções de signos que deveriam funcionar, em parte, como dicionários monolíngues (a partir do ano de 2.600 a.C.) de motivação pedagógica, para o uso das escolas de escribas: também existiram "catálogos" de nomes de ofícios, objetos, divindades, etc., bem como glossários bilíngues sumero-arcadios quando a primeira destas línguas passou a ser língua da cultura e diplomática, depois da queda do Terceiro Império de Ur, e mesmo glossários quadrilíngues, como o sumero-acádio-hurrita-ugarítico da biblioteca de Rap'anu” (T.N.).

Segundo Farias (2007, p. 89), “[...] os babilônios também se inserem nessa pré-história da lexicografia ao produzirem suas listas de palavras três milênios antes da era cristã”. Dessa forma, desde o início pré-histórico dos trabalhos lexicográficos, em que se produziram obras intituladas paralexicográficas, era evidente a relação entre esses fazeres e sua importância social, que visava ao entendimento entre povos por meio da compreensão de sua língua, tendência observada até os dias atuais.

De acordo com Biderman (1984a, p. 01), “[...] os únicos trabalhos de cunho vagamente lexicográfico daquelas eras [antiguidade] são os glossários, sobretudo os produzidos pela escola grega de Alexandria e, entre os latinos, o *Appendix Probi*”. Segundo Silva Neto e Araújo (2001, s.p.),

> Este documento [o *Appendix Probi*] contém 227 registros e data, provavelmente, do século III a.C., tendo sido escrito por um autor anônimo, de origem africana. O trabalho, reunindo formas incorretas e sua correção, sem a pretensão de funcionar com o rigorismo de uma gramática, buscou preservar a norma culta e correta da língua latina. Em contraposição, deu-nos uma visão significativa da língua falada pelo povo.

Em todos esses casos, a preocupação maior dos filólogos e gramáticos responsáveis era a correção de erros que porventura houvesse no caso da tradução de textos, bem como com vistas à compreensão de obras literárias. Nesse momento histórico, além do intuito de fazer conhecer e compreender outras línguas, vislumbrava-se também o interesse pelo uso correto do vocabulário, especialmente em sua modalidade escrita.

Já na Idade Média, a produção de trabalhos lexicográficos passou por um grande salto em produtividade, tanto pelo fato de a variedade de línguas faladas começar a ser desvelada, seja por estudos linguísticos ou mesmo pelas conquistas de territórios, quanto por maiores investimentos em glossários e enciclopédias.

> Neste período, as línguas faladas apresentavam-se tão diferentes do latim clássico, língua do direito, da igreja e da difusão do saber e da cultura, que a prática de fazer listas temáticas de palavras e explicá-las por meio de glosas tornou-se indispensável (FARIAS, 2007, p. 91).

Essas glosas eram anotações entre as linhas de um texto para explicar o sentido de uma palavra ou mesmo para esclarecer um trecho de difícil entendimento.

Contudo, com o passar do tempo e com o distanciamento entre a língua em uso e a língua literária, as glosas tornaram-se cada vez mais frequentes e também numerosas nos textos, o que motivou a criação de listas separadas que as agrupassem, os glossários.

> Inicialmente, essas obras tinham como consulentes somente os mestres, pois tratavam-se de textos complexos, volumosos e de manipulação muito difícil. Posteriormente, com a descoberta da imprensa e com a expansão da escolarização na Europa, essas obras tornaram-se mais acessíveis (FARIAS, 2007, p. 91).

Dentre os primeiros glossários, podem-se citar *Abolita* e *Abstrusa* (século VII), a partir dos quais se produziram outros, como por exemplo:

> El *Liber glossarum* (el glosario de mayor difusión durante la Edad Media) y el *Glosario de Ansileubo* (quizá también compuesto en Hispania) [que] tienen como fuentes las compilaciones Abolita y Abstrusa, y en grande parte a las *Etymologiae* de San Isidoro (GEMMINGEN, 2003, p. 155). [10]

As *Etimologias*, de Santo Isidoro de Sevilha, conforme explica Biderman (1984a), carecem de ressalvas por seu baixo valor científico e linguístico. Entretanto, apesar desse problema, não poderiam faltar nas bibliotecas da época, talvez porque a elas, em detrimento do fato de tratarem a língua sob concepções equivocadas, sob outro ponto de vista:

> Se les puede atribuir un interés lexicológico y lexicográfico, ya que además de presentar un amplio campo de conocimientos tratan también la forma y el sentido de las palavras dentro de la *ars grammatica*. Pero hay que realzar que fueron las Etymologiae las que ejercieron una mayor influencia sobre el pensamento lingüístico posterior. Se convirtieron en una referencia obligada durante toda la Edad Media, logrando que el modo de proceder de San Isidoro se impusiera como método, como fundamento para la adquisición de conocimientos (GEMMINGEN, 2003, p. 153). [11]

[10] "O *Liber glossarum* (o glossário de maior difusão durante a Idade Média) e o Glosario de Ansileubo (talvez também compilado na Espanha) têm como fontes as compilações *Abolita* e *Abstrusa* e em grande parte as *Etimologias* de Santo Isidoro" (T.N.).

[11] "Pode-se lhes atribuir um interesse lexicológico e lexicográfico, uma vez que, além de apresentar um amplo campo de conhecimentos, tratam também a forma e o sentido das palavras dentro da *ars grammatica.* Porém, há que se realçar que foram as *Etimologias* as que exerceram uma maior influência sobre o pensamento linguístico posterior. Converteram-se em uma referência obrigatória durante toda a Idade Média, conseguindo que o modo de proceder de Santo Isidoro se impusesse como método, como fundamento para a aquisição de conhecimentos" (T.N.).

Ainda referentes a esse momento histórico, podem-se citar o *Glossário de Reichenau* (séc. VIII); o *Glossário de Cassel* (séc. IX); além do *Papias* e do *Catholicon*, de João Baldo de Gênova (séc. XV), primeiro dicionário a ser impresso por Gutenberg, alemão que aprimorou a impressão e revolucionou a história da informação.

Entretanto, como já mencionado, os dicionários, tal qual são conhecidos hoje, começaram a surgir na Europa a partir da Renascença, período que marcou o fim do século XIV e o final do século XVI e assinalou a transição entre as Idades Média e Moderna, com o feudalismo dando lugar ao capitalismo e as teocracias sendo substituídas por ideias humanistas. Assim, com o homem sendo o centro de sua realidade, as expansões marítimas tomaram força, assim como as artes e as ciências, o que fomentou a relação entre falantes de línguas diferentes e a necessidade de entendimento entre eles:

> Con la Edad Moderna, las fronteras de todo tipo – también marcadas por las diferentes lenguas – comienzan a hacerse menos rígidas, lo cual crea nuevas necesidades de intercomunicación linguística. [...] Surge entonces la fiebre de los diccionarios bilíngües, trilíngües, etc (FERNÁNDEZ-SEVILLA, 1974, p. 44).[12]

Segundo Biderman (1984a, p. 02), os primeiros dicionários espanhóis foram o "*Universal Vocabulario* de Alonso de Palencia (1490) e os vocabulários *Latino Español* (1492) e *Español Latino* (1495) de Antônio de Nebrija, autor também da primeira gramática espanhola". Além deles, é importante citar também o *Dictionarum* de Calepino. Apesar de, em sua primeira edição (1502), tratar-se de uma obra monolíngue de latim, tornou-se um marco como dicionário poliglota ao acrescentar, na segunda edição, o italiano e o francês até chegar, em 1590, a conter 11 línguas. De acordo com Verdelho (2002, p. 02):

> O Calepino passa a ser, deste modo, um dicionário poliglota e, não obstante a sobriedade lexical, no que respeita à informação interlinguística, tornou-se um dos instrumentos mais importantes da consciência plurilíngue europeia e um factor de transformação do pensamento sobre as grandes questões da origem das línguas, da sua hierarquização e das suas relações diacrônicas.

[12] "Com a Idade Moderna, as fronteiras de todo tipo – também marcadas pelas diferentes línguas – começam a se fazer menos rígidas, o que cria novas necessidades de intercomunicação linguística. [...] Surge então a febre dos dicionários bilíngues, trilíngues, etc." (T.N.).

Também no século XVI ocorreu o início da produção de obras lexicográficas em língua portuguesa, com a publicação do *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem* (1562), de Jerônimo Cardoso. Nessa época, os jesuítas se instalaram em Portugal e, dada sua missão de catequização e escolarização, desempenharam também papel importante na produção de manuais escolares e de dicionários.

> Entre eles, avultam os dicionaristas das línguas de missão, no Brasil e no Oriente [...] e, além destes, no quadro específico da lexicografia portuguesa, temos notícias de trabalhos de Fernando Pires, António Velez, Manoel de Gouveia, Manuel Barreto, Bento Teixeira, Matias de S. Germano, António Franco e José Caieiro (VERDELHO, 2002, p. 20).

Já no século XVII, os dicionários monolíngues desenvolveram-se, aperfeiçoando suas técnicas. Na Espanha, é de grande relevância o *Tesoro de la lengua castellana*, de Sebastián Covarrubias (1601):

> [...] Por una parte, un diccionário linguístico muy valioso, que explica palabras y frases hechas, refranes, etc., y, por otra parte, una obra enciclopédica que ofrece, entre otros, nombres próprios y reúne, en general, información sobre la cultura de la época (HAENSCH, 1982a, p. 109).[13]

Esse século ficou também conhecido como o "grand siècle" da civilização francesa, em que se produziram dicionários monolíngues de boa qualidade para a época: “Richelet (1680), Furetière (1690), o dicionário da Academia Francesa (1694)” (BIDERMAN, 1984a, p. 02).

Já no século XVIII, na Espanha, entre 1726 e 1739, aconteceu a publicação da primeira edição do *Diccionario de Autoridades*, da Real Academia Espanhola, de caráter normativo, também chamado *Diccionario de la lengua catellana.* Ele “[...] no nació [...] con fins normativos, pero su própria transcendencia, el prestigio de sus recopiladores, de la Instituición y la tutela de Rey, acabaron confiriéndole este carácter” [14] (FERNÁNDEZ-SEVILLA, 1974, p. 46). Hoje, a obra está em sua 23ª edição (2014) e é conhecida também pela sigla D.R.A.E (Diccionario de la Real Academia Española).

---

[13] “Por um lado, um dicionário linguístico muito valioso, que explica palavras e frases feitas, provérbios, etc. e, por outro lado, uma obra enciclopédica que oferece, entre outros, nomes próprios e reúne, em geral, informações sobre a cultura da época” (T.N).

[14] “Não nasceu com fins normativos, mas sua própria transcendência, o prestígio de seus compiladores, da Instituição e a tutela do Rei acabaram por conferir-lhe esse caráter” (T.N).

Também nesse século ocorreu a produção das melhores obras lexicográficas portuguesas até então, como o dicionário bilíngue de maior expressão em Portugal: o *Vocabulario Portuguez e Latino,* do padre Raphael Bluteau (1712-1721). “As inovações contidas no *Vocabulario* de Bluteau são seguidas pelos que o sucederam [...] [como] as abonações que vêm acompanhadas de autor, obra, tomo, livro, volume, página” (CUNHA, 2013, p. 40). Além disso, o *Vocabulario:*

> Não é apenas um dicionário bilingüe cujo objetivo seria fornecer a palavra ou expressão latina que traduzisse um termo português; na verdade, Bluteau elaborou um trabalho misto, pois a parte relativa à língua portuguesa constitui praticamente um dicionário da língua portuguesa (BIDERMAN, 1984a, p. 05).

Murakawa (2001, p. 154) acrescenta que o *Vocabulario*, “[...] além de dar continuidade ao espírito humanista do Renascimento de que o dicionário é uma obra em constante evolução, foi o primeiro a fixar um *corpus lexical* autorizado para a língua portuguesa”.

A par de Bluteau, Antônio de Moraes Silva também foi responsável por uma obra-prima da Lexicografia em língua portuguesa: o *Diccionario da Lingua Portugueza* (1789), primeira obra de fato monolíngue em português. Em sua primeira edição, creditou a obra a Bluteau, atribuindo a si mesmo a revisão e alguns acréscimos. Apenas em sua segunda edição, em 1813, toma para si a publicação. Biderman (1984a) menciona diversos pontos altos na elaboração dessa segunda edição do *Diccionario* e a considera um marco para a Lexicografia em língua portuguesa:

> É o primeiro dicionário de uso da língua, muito avançado para os padrões lexicográficos da época. Apesar de ter-se baseado na obra do Padre Bluteau, sobretudo na primeira edição, na segunda edição Moraes libertou-se de seu modelo, ampliou consideravelmente a obra com respeito ao número de verbetes, incluídos, e mais que isso, apurou o seu trabalho lexicográfico (BIDERMAN, 1984a, p. 05).

Murakawa estudou o *Diccionario da lingua portugueza*, de Moraes Silva, e concluiu:

> [...] Se nós considerarmos agora o conteúdo lexicográfico do Diccionario, observamos que Moraes avançou muito em relação ao seu tempo. [...] Seu Diccionario, embora produzido em uma época em que as ciências estavam dando seus primeiros passos, sem auxílio de bons modelos lexicográficos e elaborado por um só indivíduo, constitui um inestimável material de estudo para os filólogos e lexicógrafos da língua portuguesa que queiram buscar informações ou modelos lexicográficos de valor (MURAKAWA, 2006, p. 220-221).

E o século XVIII foi ainda palco para um grande feito lexicográfico por parte dos franceses: as enciclopédias: obras que reúnem informações sobre todos os conhecimentos humanos. A primeira delas foi um projeto "[...] impulsionado por Diderot e D'Alembert, mas posteriormente outros integrantes colaboraram na execução da obra: Holsbach, Jacourt, Montesquieu e Turgot" (FARIAS, 2007, p. 92-93). Biderman (1984a) afirmara que a desigualdade entre seus colaboradores não tirou a notoriedade da obra: um marco para seu tempo. Para demonstrar a relevância da *Enciclopédia*, a pesquisadora cita a definição de dicionário elaborada pelo próprio Diderot e registrada na obra:

> Num dicionário da língua francesa, há principalmente três coisas a considerar: a significação das palavras, o seu uso e o tipo de palavras que devemos incluir neste dicionário. A significação das palavras se estabelece por boas definições; seu uso, por uma excelente sintaxe; seu tipo, enfim, pelo próprio objetivo do dicionário. A esses três objetivos principais, pode-se acrescentar três outros subordinados a esses: a quantidade ou a pronúncia das palavras, a ortografia e a etimologia (DIDEROT, [s.d] *apud* BIDERMAN, 1984a, p. 02).

Também a Grã-Bretanha produziu, à época, uma importante obra: A *Enciclopaedia Britannica* (1768), que contava com 3 volumes e 2.700 páginas.

> A partir de 1809, ano de sua quarta edição, a Britannica passou a contar com a colaboração de especialistas de grande prestígio internacional como: Albert Einstein, Sigmund Freud, Leon Trotsky, Henry Ford, incluindo também a contribuição de presidentes como John Fitzgerald Kennedy, que certamente tornaram a obra ainda mais rica e prestigiosa nos meios acadêmicos (FARIAS, 2007, p. 93).

Atualmente, a *Britannica* está em sua 15ª edição, publicada em 1985 e que conta com 32 volumes. Porém, desde 2010, não conta mais com versão impressa,

tendo seu conteúdo disponibilizado na internet desde 1994, sendo, inclusive, a primeira a realizar esse feito.

Todavia, apesar dessa produção de obras lexicográficas relevantes em vários países europeus, os lexicógrafos concordam que a França produziu dicionários de qualidade superior aos das demais línguas. Entre diversas obras, Biderman cita o *Littré* (1872) como uma obra-prima da Lexicografia francesa mesmo considerando-se os atuais critérios lexicográficos. Segundo a pesquisadora:

> Littré dedicou-se monacalmente à confecção do seu dicionário durante 30 anos. Foi um inovador para o seu tempo; embora o seu exemplário só inclua autores anteriores a 1830 (os clássicos para Littré), constitui um modelo de repertório léxico e de escolha de citações como ilustração das palavras-entrada (BIDERMAN, 1984a, p. 02-03).

Também data do século XIX uma importante obra da Lexicografia portuguesa: o *Grande Diccionario Portuguez* ou *Thesouro da Lingua Portugueza* (1871-1874), de Frei Domingos Vieira. Publicado por completo a partir das anotações e do esquema do religioso, uma equipe concluiu a obra. "[...] Constituído de 5 volumes o *Thesouro* de Vieira, como foi denominado, pode ser considerado um monumento da lexicografia portuguesa pelo volume de informações nele contido" (MURAKAWA, 2001, p. 158).

> [...] [É] bastante completo e informativo para o século XIX. Via de regra os significados e usos lingüísticos são ilustrados com citações de bons autores. São indicados: o étimo da palavra-entrada, expressões idiomáticas e sintagmas freqüentes em que ocorra esse vocábulo lema (BIDERMAN, 1984a, p. 06).

Também merece destaque Caldas Aulete, que idealizou o *Aulete, Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa* (1881), mas não o viu publicado por sua morte prematura, tendo a produção sido concluída por uma equipe. Obra bastante elogiada e tida, inclusive, como um marco da Lexicografia moderna, ela recebeu da Editora Delta, em 1958, uma versão brasileira, o *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza*, elaborada por Hamílcar de Garcia (BIDERMAN, 1984a), que incluía muitos brasileirismos e abonações de autores brasileiros, além dos portugueses que já vigoravam em edições anteriores.

Essa inclusão de brasileirismos em obras portuguesas, iniciada em Moraes Silva (1789) e seguida por *Aulete*, passou a ser uma tendência para a produção lexicográfica além-mar. De acordo com Nunes (2006, p. 58):

> [...] Em finais do século XIX, a produção dos monolíngues se divide em dois percursos. O primeiro é o que vem da tradição portuguesa. Os dicionários gerais, tais como Moraes (1789), Aulete (1881) e o Figueiredo (1899) passam a incorporar um número cada vez maior de brasileirismos. Trata-se da via de complementação ou enriquecimento da língua portuguesa, marcada pela continuidade. A outra via é a da produção de dicionários de brasileirismos, cada vez mais extensos. Essa via marca-se pela tendência à ruptura e vê a perspectiva de um dicionário que representasse a língua nacional. Esses dicionários do final do século XIX apontam para a vinda dos grandes dicionários brasileiros de língua portuguesa, o que de fato só ocorrerá em meados do século XX.

Todavia, deve-se esclarecer que o texto citado de Nunes (2006) não significa nem quer levar a crer que, no Brasil, não havia produção dicionarística até o século XIX. O intuito de trazer à baila essa citação foi o de demonstrar como esses dois países interligados pela história da colonização e que dividem a mesma língua comportaram-se de forma distinta quanto à produção de obras lexicográficas no século XIX.

Na verdade, como já mencionado por Verdelho (2002), os missionários jesuítas produziram dicionários nas terras em que estiveram catequizando e educando, como no Brasil, por exemplo. Inclusive, são considerados por muitos estudiosos da área os precursores dos trabalhos lexicográficos brasileiros, especialmente por buscarem a compreensão da língua tupi por meio de gramáticas e glossários, ao lado de viajantes e seus relatos. Murakawa, acerca dos relatos de viajantes e sua relação com o fazer lexicográfico, elucida que:

> [...] São relatos repletos de informações e detalhes que interessam às mais diversas áreas do conhecimento como história, geografia, literatura comparada, história das mentalidades e também à linguística, enquanto fonte de informação sobre a língua da época e [...] sobre o modo como o referente exótico da flora e da fauna é definido pelo narrador, fornecendo subsídios para a construção da definição lexicográfica (MURAKAWA, 2016, p. 15-16).

Isquerdo, por sua vez, em *Os estudos lexicográficos no Brasil: um percurso histórico* (2011), credita aos jesuítas e aos viajantes os primeiros trabalhos paralexicográficos no Brasil, que se registraram entre os séculos XVI e XVIII, tais

como o *Vocabulario na lingua brasílica* (VLB) e *O caderno da lingua ou vocabulario portuguez-tupi*, de Frei João de Arrouches (1739) (ISQUERDO, 2011).

Já no século XIX, como introduzira Nunes, a Lexicografia brasileira se firma em busca de uma língua nacional:

> Motivadas por espírito nacionalista surgem produções lexicográficas sobre brasileirismos que tinham a pretensão de registrar e fixar a norma brasileira, obras que ora tinham como propósito descrever a norma nacional (brasileirismos) em oposição à europeia, ora buscavam registrar vocabulários regionais (ISQUERDO, 2011, p. 122).

Dentre essas obras, Isquerdo (2011) cita o *Diccionario da Língua Brasileira* (1832), de Luís Maria Silva Pinto; além da *Collecção de Vocábulos e Frases usadas na Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul* (Brasil: 1852; Londres: 1856), de Antonio Alvares Pereira Coruja; o *Vocabulario Brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa* (1853), de Braz da Costa Rubim e o *Vocabulario indígena em uso na Província do Ceará* (1887), de Paulino Nogueira, além de muitos outros. Vê-se, pois, que a produção lexicográfica brasileira de fato deu mostras de um salto tanto quantitativo quanto qualitativo no século XIX, o que resultou, no século seguinte, na publicação de célebres obras dicionarísticas em território nacional.

De acordo com Krieger et al (2006), houve uma fase de trabalhos publicados no Brasil e em Portugal em que se produziram o *Novo Diccionário da Língua Portuguesa* (1926), de Cândido Figueiredo, e o *Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa* (1958), de Caldas Aulete. Depois, em uma segunda fase, começou a haver publicações realizadas no Brasil, como o *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* (1939-1944), de Laudelino Freire, e o *Dicionário da Língua Portuguesa* (1961-1967), de Antenor Nascentes.

Dentre essas obras lexicográficas representativas produzidas no século XX, relaciona-se o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1975), de Aurélio Buarque de Holanda. Sucesso editorial desde seu lançamento, atualmente, está em sua 5ª edição impressa (2010) e se tornou sinônimo de dicionário no Brasil, além de ter alcançado o *status* de dicionário padrão, o que evidencia o *Dicionário Aurélio*, como é popularmente chamado, em relação às demais produções.

> [...] É considerado como um dos mais abalizados dicionários de língua portuguesa dos tempos contemporâneos. “Aurélio” é tomado, portanto, como sinônimo de dicionário, o que denota sua grande aceitação e indiscutível popularidade. É o carro-chefe da Editora Nova Fronteira e ainda ocupa posição de destaque no âmbito editorial, nos países de língua portuguesa (OLIVEIRA, 1999 *apud* ISQUERDO, 2011, p. 131).

Apesar, ou talvez exatamente por sua popularidade, o *Aurélio* tem sido objeto de muitas pesquisas lexicográficas e, consequentemente, também de várias críticas. Segundo Biderman (2000), por exemplo, a obra peca pelo inchaço em sua nomenclatura, faltam-lhe fontes seguras para abonar termos técnicos e ainda, segundo a lexicógrafa, seu modelo de verbete é questionável.

Todavia, ele segue destacando-se na vendagem de dicionários desde seu lançamento e se impondo também quanto ao uso das novas tecnologias. Em 1998, já disponibilizava uma versão em disquete (unidade flexível de armazenamento de dados); em 1999, lançou uma primeira versão em CD-ROM e, desde 2001, possui uma versão para internet.

Também segue esse caminho o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), elaborado por uma equipe coordenada por Antônio Houaiss. Considerado o maior dicionário da língua portuguesa em número de verbetes, [15] lançou, à mesma época, sua versão eletrônica, além de contar atualmente com uma versão on-line, exclusiva para assinantes do portal UOL. De acordo com Cunha (2013, p. 43),

> O advento dos dicionários online e eletrônicos modernizou o fazer dicionarístico, popularizando ainda mais dicionários como o *Aurélio* e o *Houaiss*. A facilidade de acesso e a rapidez de busca nessas novas tipologias de dicionários atraem pessoas que antes não eram afeitas ao uso dos dicionários tradicionais.

Outra tendência do século XXI, que já se registrara em épocas anteriores, mas que ganhou força e representatividade a partir da evolução dos estudos lexicográficos com o auxílio da Informática, ao lado das versões eletrônicas dos dicionários, é a produção de obras a partir de *corpora*. *O Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* (2004), organizado por Francisco da Silva Borba, é um exemplo com base em *corpora* textuais que se volta aos “[...] que [se] servem da língua escrita em algum momento da vida social e, especificamente, aos escolares

[15] A edição digital de 2009 conta com 442 mil entradas.

não só do ensino médio, mas até dos primeiros anos do ensino superior de qualquer área" (BORBA, p. VII, 2004).

Também *o Tesouro do Léxico Patrimonial Galego Português* utiliza dados textuais para a composição de seu *corpus* a partir da consulta a obras que tratam o léxico dialetal do galego, do português europeu e do português brasileiro. No que tange ao Brasil, o projeto já cadastrou 31 obras dialetais, sendo três referentes ao Centro-Oeste. De acordo com Álvarez (2017),

> O *Tesouro* permite consultar facilmente toda a informação completa contida em obras lexicográficas e dialectais que nem sempre se encontram acessíveis aos investigadores. A informação sobre as fontes originais é fornecida na sua totalidade e encontra-se organizada a partir de variantes, lemas, classificação semântica e localização geográfica. A informação textual complementa-se com uma representação cartográfica da distribuição espacial das formas.

A par de *corpora* textuais, tem tomado forma também a produção de dicionários com base em *corpora* orais, coletados em pesquisas geolinguísticas. Dentre eles se situa o *Dicionário Dialetal Brasileiro* (DDB), que teve suas bases lançadas pelo professor Dr. Américo Venâncio Lopes Machado Filho em 2010 e cuja "[...] concepção não está voltada ao tratamento isolado de dialetos brasileiros, mas visa permitir uma visão pandialetal da realidade variacional do léxico no Brasil, com base nos dados do Projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (Projeto ALiB)" (MACHADO FILHO, 2010, p. 69).[16]

Na atualidade, o DDB já está produzindo seus primeiros resultados, por meio da Tese de Doutoramento de Isamar Neiva (2017), o *Vocabulário Dialetal Baiano*, cujo intento é também sua publicação eletrônica. Também no caso do *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste*, pretende-se que ele seja publicado eletronicamente e, quiçá, no formato impresso e, posteriormente, seja integrado ao *Dicionário Dialetal Brasileiro.*

Com base nas informações partilhadas neste item acerca do caminhar dos trabalhos e dos estudos lexicográficos, pode-se concluir que o fazer dicionarístico teve seu início muitos séculos antes da Lexicografia, assim como várias foram as fases por que passou até evoluir e chegar aos dias atuais, acompanhando as

[16] No que tange ao DDB, esse projeto tem um tratamento mais aprofundado no Capítulo IV, concernente à metodologia desta Tese.

tendências de cada época em que se manifestou e servindo, inclusive, como testemunha de diferentes momentos históricos, mostrando que os dicionários evoluem como evolui o mundo, como já afirmava Boulanger (1986, p. vii):

> Le monde et les dictionnaires évoluent l'um et l'autre à des vitesses variables, que placent toujours les dictionnaires à la remorque de l'actualité et des événements du monde, au lieu d'em faire des témoins instantanés. Bien entendu, le dictionnaire est um témoin de la civilisation; mais avant tout, il rend compte de la civilisation dans l'histoire[17].

Considerados os aspectos históricos do fazer lexicográfico desde os primeiros trabalhos até os mais atuais, a sequência deste trabalho se ocupa dos aspectos teóricos da Lexicografia, bem como sua instituição como disciplina linguística.

[17] "O mundo e os dicionários evoluem um e outro em velocidades variadas, que sempre colocam os dicionários como um escravo da atualidade e dos acontecimentos do mundo, ao invés de os tornar testemunhas instantâneas. Bem entendido, o dicionário é uma testemunha de civilização, mas acima de tudo, ele reflete a civilização na história" (T.N.).

2 CAPÍTULO II – TEORIA LEXICOGRÁFICA

Discutiram-se no tópico anterior aspectos relativos ao percurso histórico do fazer dicionarístico. Nesse sentido, é de comum acordo entre os pesquisadores diferenciar as obras lexicográficas cuja produção já seguia, ao menos, alguns critérios metodológicos, e aquelas anteriores a eles, conhecidas como obras paralexicográficas, isso porque, como já mencionado, o fazer dicionarístico é anterior à Lexicografia.

Os dicionários, desde seu início, buscavam ser "[...] uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua" (BIDERMAN, 2001a, p. 131), objetivo que norteava e continua a orientar o fazer lexicográfico. Porém, como já discutido no item anterior, apenas com o desenvolvimento paulatino de produções que descreviam de alguma forma o léxico é que começaram a ser empreendidos estudos que, por sua vez, produziam obras com maior maturidade científica, pois a Lexicografia "[...] nasceu como uma tradição textual e não como um produto de uma organização intelectual prévia da matéria dos dicionários" (LARA, 2004, p. 148).

Talvez por esse motivo a filiação da Lexicografia seja tema de debates no âmbito acadêmico. Uma vez que se entendia unicamente que a Lexicografia "[...] não estuda um objeto, mas oferece os métodos e os procedimentos para criá-lo" (LARA, 2004, p. 149), por algum tempo, ela esteve ligada à Lexicologia, como uma de suas subáreas.

Essa posição, entretanto, não é partilhada por este estudo, uma vez que se entende a Lexicografia como uma disciplina linguística e não uma subárea da Lexicologia. Segundo Werner (1982a, p. 93), a Lexicologia é "[...] la descripción del léxico que se ocupa de las estructuras y regularidades dentro de la totalidad del léxico de un sistema individual o de un sistema colectivo[18]". Biderman, por seu turno, apresenta uma definição bastante ampla de Lexicologia e de Lexicografia:

[18] "[...] A descrição do léxico que se ocupa das estruturas e regularidades dentro da totalidade do léxico de um sistema individual ou de um sistema coletivo" (T.N.).

> [A Lexicologia é a] ciência que se ocupa do estudo do vocabulário de uma língua. Ela procura estudar o léxico enquanto sistema, e seus elementos constitutivos em suas peculiaridades. Opõe-se à Lexicografia que procura descrever o léxico, elaborando dicionários para consulta dos usuários da língua. A Lexicologia tem objetos teóricos e especulativos (BIDERMAN, 1984c, p. 140).

Considerando-se, pois, que ambas as disciplinas, Lexicologia e Lexicografia, estudam o léxico, apesar de objetos de estudo bem distintos, o fato de a Lexicografia ter se ocupado por longo tempo em mormente fornecer subsídios para o fazer lexicográfico, como já afirmara Lara (2004), levou muitos acadêmicos a pensá-la como subsidiária da Lexicologia. Todavia, como já esclarecera Biderman (1984c), ambas se singularizam em suas áreas de atuação.

Em relação ao desenvolvimento da Lexicografia, passaram a emergir, na década de 1940, estudos sobre a frequência das palavras na elaboração de materiais de ensino de Língua Estrangeira, o que pode ser considerado como um embrião de uma Lexicografia teórica. Nessa década, publicou-se um dos primeiros trabalhos da área, de autoria do russo L. V. S📖c📖erba, "[...] con una teoría general de la lexicografía[19]" (HAENSCH; OMEÑACA, 2004, p. 35). Na década de 1960, na França, produziram-se também *Les vocabulaires français* (Robert – Leon Wagner) e a tese de Bernard Quemada (*Les diccionaires du français moderne, 1539-1863*), além do *Étude sur leur histoire, leus types el leurs méthodes* (1968) e *La histoire des diccionaires français* (1968), ambos de Georges Matoré (AZORÍN FERNÁNDEZ, 2003, p. 44).

A década de 1970 deu início, na Espanha, às publicações voltadas a uma teoria lexicográfica, com obras de "[...] Manuel Seco (1971), Julio Fernández-Sevilla (1974), Manuel Alvar Ezquerra (1976), Germán Colón (1979) y Alvaro Porto-Dapena ([já em] 1980)" (HAENSCH; OMEÑACA, 2004, p. 41).

Assim, ao lado da já existente Lexicografia prática, o ofício de fazer dicionários, começou a surgir uma Lexicografia teórica, também chamada de Metalexicografia.

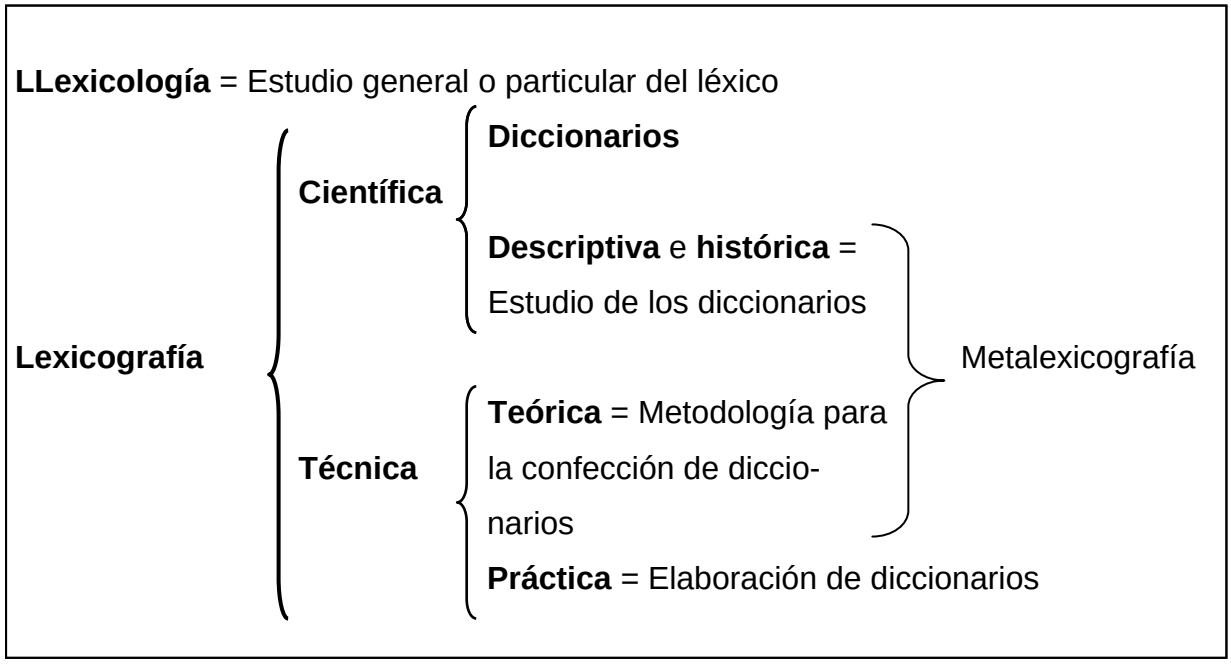
> La Lexicografía teórica o metalexicografía se constituye junto a la lexicografía práctica – el carácter eminentemente práctico que posee la lexicografía está fuera de toda duda – como un ámbito científico nuevo que circunscribe un objeto múltiple ya que su finalidad no és solo un diccionario, sino también y fundamentalmente, la

[19] "Com uma teoria geral da lexicografia" (T.N.).

> investigación que trata del diccionario[20] (ANGLADA ARBOIX, 1991, p. 07).

Essa nova face da Lexicografia levou-a a se firmar como disciplina linguística autônoma, merecendo sua independência frente à Lexicologia. Porto Dapena (2002), sintetizando os escopos das duas disciplinas e também considerando os campos de atuação da Lexicografia, elaborou o seguinte esquema como síntese desse processo:

Figura 1: Escopos de Lexicologia e Lexicografia



Fonte: Porto Dapena (2002, p. 23).

Contudo, deve-se considerar que, mesmo sendo disciplina linguística diversa da Lexicologia, os saberes lexicográficos em muito se enriquecem com os estudos lexicológicos, assim como deles dependem, uma vez que um bom trabalho lexicográfico exige conhecimentos de elementos da Etimologia, da Semântica e da Morfologia, dentre outros, assuntos tratados pela Lexicologia. Nas palavras de Casares (1992, p. 11), "[...] no se concibe un buen lexicógrafo que no éste

[20] "A lexicografia teórica ou metalexicografia se constitui junto à lexicografia prática – o caráter eminentemente prático que possui a lexicografia está fora de toda dúvida – como um âmbito científico novo que circunscreve um objeto múltiple já que sua finalidade não é apenas um dicionário, mas também e fundamentalmente, a investigação que trata do dicionário" (T.N.).

suficientemente versado en la lexicología de su tempo, para poder aprovechar sus enseñanzas". [21]

Mas, não estando então ligada diretamente à Lexicologia, pode-se compreender a Lexicografia como disciplina vinculada à Linguística Aplicada, tendo em vista "[...] la finalidad resolutiva inherente a este dominio de las ciencias del linguaje impone que el conocimiento trascienda y modifique la realidad objeto de la investigación" [22] (AZORÍN FERNÁNDEZ, 2003, p. 37). Esse fim se aplica à Lexicografia, haja vista que seus estudos contribuem para o aprimoramento do fazer lexicográfico, bem como para um melhor entendimento dos dicionários como objeto de estudo, no caso da Metalexicografia.

A par dessa característica, outro traço da Lexicografia comum às áreas da Linguística Aplicada é seu caráter interdisciplinar, como já mencionado no parágrafo anterior, por meio de suas relações com a Semântica, a Morfologia e a Gramática, por exemplo. Soma-se a essa interdisciplinaridade também sua capacidade de renovação, por estar sempre muito próxima e intimamente relacionada às pesquisas científicas, às novas metodologias e até mesmo às novas correntes linguísticas pertinentes a cada tempo em que o trabalho lexicográfico se realiza. Pode-se mencionar, nesse particular, como exemplo de relações da Lexicografia com estudos mais recentes, a contribuição da Linguística de *Corpus* e da Linguística Computacional[23] de que ela se vale.

Considerando-se, pois, o desenvolvimento da Lexicografia e sua importância para o desenvolvimento teórico do fazer lexicográfico, importa também discutir conceitos da Metalexicografia que orientam um projeto lexicográfico e também utilizados nesta Tese, a começar por identificar a tipologia das obras lexicográficas, tema do tópico a seguir.

[21] "[...] Não se concebe um bom lexicógrafo que não esteja suficientemente versado na lexicografia de seu tempo, para poder aproveitar seus ensinamentos" (T.N.).
[22] "A finalidade resolutiva inerente a este domínio das ciências da linguagem impõe que o conhecimento transcenda e modifique a realidade objeto da investigação" (T.N.).
[23] O capítulo III desta Tese trata mais detidamente as relações interdisciplinares da Lexicografia, como entre essas disciplinas mencionadas, por exemplo.

2.1 Tipologia de dicionários: contribuições substanciais

O termo dicionário tornou-se hiperônimo para a produção de obras dicionarísticas, talvez pelo fato de o desenvolvimento do fazer lexicográfico ser anterior a uma teoria lexicográfica e à popularização de sua utilização por grande parte da população. Nesse sentido, Rey (1977, p. 11) atesta que:

> [...] Les dictionnaires, notamment les dictionnaires de langue, ont cessé d'être d'illustres inconnus. Ces ouvrages aux tirages impressionnants, insérés dans la pratique didactique, ont été longtemps considérés comme des produits et des outils (naturels) [...]. [24]

Dessa forma, fez-se necessário um tópico versando sobre o tema: tipologia de dicionários. Diversos pesquisadores da Lexicografia Teórica ou Metalexicografia trataram o assunto com vistas a compreender e especialmente a nortear a atividade de lexicógrafos. Todavia, considerando-se o árduo trabalho dessa classificação, por muitas vezes, nota-se que não há consenso entre os autores. Haensch (1982a, p. 96), por exemplo, explica essa diversidade a partir de alguns fatores:

> En primer lugar, porque han sido no sólo criterios lingüísticos, sino también factores históricos y culturales los que han influido en el nascimiento y desarollo de los distintos tipos de obras lexicográficas; en segundo lugar, porque las obras lexicográficas existentes presentan, por lo general, una combinación de rasgos pertenecientes a categorias de clasificación totalmente diferentes. [25]

Todavia, apesar de dificultosa, a tarefa de tipificar repertórios lexicográficos é de grande importância para todos os envolvidos com o objeto:

> Para o compilador, uma classificação das obras lexicográficas permite desenhar um instrumento de consulta segundo um conjunto de padrões e parâmetros formais que garantam a sua real utilidade. Para o usuário, uma classificação de dicionários oferece um panorama das obras disponíveis, permitindo-lhe, assim, uma escolha mais acertada segundo as suas necessidades. Por último, para o crítico de dicionários, uma classificação constitui um subsídio que ajuda na tarefa avaliadora de obras lexicográficas (BUGUEÑO MIRANDA, 2014, p. 215).

---

[24] "[...] Os dicionários, incluindo dicionários de língua, deixaram de ser ilustres desconhecidos. Estes trabalhos com tiragens impressionantes, inseridos na prática de ensino, têm sido considerados como produtos e ferramentas (naturais) [...]" (T.N.).

[25] "Em primeiro lugar, porque têm sido não apenas critérios linguísticos, mas também fatores históricos e culturais os que têm influenciado o nascimento e desenvolvimento dos distintos tipos de obras lexicográficas; em segundo lugar, porque as obras lexicográficas existentes apresentam, em geral, uma combinação de características pertencentes a categorias de classificação totalmente diferentes" (T.N.).

Tendo em vista então o exposto pelo lexicógrafo alemão (HAENSCH, 1982a), não se pretende aqui esgotar o assunto, muito menos concluir com exatidão a tipologia de obras lexicográficas, mas tem-se em vista apresentar alguns critérios classificatórios e uma ordenação deles resultante pela importância desse tópico para esta Tese. Nesse sentido, também o linguista germânico contribuiu para os estudos metalexicográficos ao fornecer critérios pragmáticos para a classificação de dicionários, a seguir expostos:

1. Formato e extensão do repertório lexicográfico, ou seja, o número de entradas que contém uma obra. Acerca desse critério, Biderman (2001a, p. 131-132) acrescenta algumas subclassificações: a) o dicionário padrão: com uma nomenclatura de 50.000 a 70.000 verbetes; b) o dicionário escolar: contendo por volta de 25.000 entradas e c) o dicionário infantil: entre 5.000 palavras (voltado ao público menor de 7 anos) e 10.000 entradas (para consulentes na faixa etária de 7 a 10 anos).

2. Caráter linguístico ou enciclopédico, isto é, se a obra trata da língua ou das coisas do mundo. Especificamente sobre esse parâmetro, Haensch (1982a) pondera que o cunho enciclopédico muito se destaca nos dicionários linguísticos quando, na definição, ocorre a remissão a elementos do mundo real, mesmo porque o dicionarista necessita de "[...] información sobre las cosas, sobre la materia, para poder redactar diccionarios de la lengua" [26] (HAENSCH, 1982a, p. 130), o que pode ser entendido como um hibridismo.

Também considerando o hibridismo em relação ao caráter linguístico, Porto Dapena (2002) menciona os dicionários terminológicos. Isso porque o pesquisador galego considera que "[...] el vocabulario terminológico se estructura de un modo idéntico al de la realidad que representa, de suerte que **designación**, o relación

[26] "[...] Informação sobre as coisas, sobre a matéria, para poder redigir dicionários de língua" (T.N.).

entre el signo y la cosa, y **significación**, o relación entre significados, coinciden plenamente" [27] (PORTO DAPENA, 2002, p. 48).

3. Sistema linguístico: considera se a produção se vale de um sistema linguístico individual de um autor ou de um grupo de autores ou se é composta a partir de um *corpus* de pesquisa.
4. Número de línguas que toma em conta a produção lexicográfica: se monolíngue ou multilíngue, que abrange também o bilíngue. Há ainda uma classificação de acordo com o léxico registrado: se descreve um vocabulário geral ou parcial e, dentre esses, se a codificação é exaustiva ou seletiva.

5. Cronologia: organiza os inventários lexicográficos entre os diacrônicos, "[...] que estudian la evolución del vocabulario a través de los siglos"[28] (HAENSCH, 1982a, p. 160) e os sincrônicos, que registram o léxico em um momento determinado.

6. Caráter: prescrição ou descrição da norma. Nesse caso, também deve-se ter em conta que, mesmo sendo um repertório lexicográfico de caráter descritivo, o próprio *status* dos "dicionários" na sociedade os transmuta em prescritivos, como se o fato de a norma estar ali documentada já a configurar como aceita, válida.

7. Ordenação de materiais: se o dicionário se organiza a partir de significantes (semasiológico), sendo usualmente ordenado alfabeticamente em suas entradas, ou por conceitos (onomasiológicos).

8. Finalidade: a matéria de que tratam com mais especificidade, como dicionários de abreviaturas, de pronúncia ou sintagmáticos, por exemplo, e os meios de divulgação de que se valem, hoje tema bastante atual, dada a

[27] "[...] O vocabulário terminológico se estrutura de um modo idêntico ao da realidade que representa, de modo que a designação, ou relação entre o signo e a coisa, e significação, ou relação entre significados, coincidem plenamente" (T.N.).
[28] "[...] Que estudam a evolução do vocabulário através dos séculos" (T.N.).

propagação das versões online e digitais dos dicionários, em alguns casos até substituindo as impressas, como ocorreu no caso da Enciclopédia Britannica, já mencionado no item 1.2.

Porto Dapena (2002), por sua vez, em seu *Manual de técnica lexicográfica*, apresenta uma classificação apenas para os dicionários linguísticos, os que mais interessam aos seus estudos. Segundo o autor, tais obras podem ser classificadas a partir de alguns critérios: a) número ou extensão de entradas; b) modo de tratamento das entradas; c) ordenação da obra e d) suporte de suas informações. Além desses aspectos, alguns pontos de vista devem ser levados em conta de acordo com o mesmo pesquisador: i) a perspectiva temporal; ii) o nível linguístico contemplado e iii) a finalidade e o público de destino (PORTO DAPENA, 2002).

Com vistas a ilustrar essas classificações, que convergem em muitos aspectos com as de Haensch (1982a), elaborou-se o quadro a seguir, que detalha os critérios propostos pelo lexicógrafo galego a partir da apresentação de algumas subclassificações também elaboradas por ele:

Quadro 1: Tipologia de dicionários segundo Porto Dapena (2002)

<table>
<tr><th colspan="2">Critério classificatório</th><th colspan="2">Tipos de dicionários</th></tr>
<tr><td colspan="2" rowspan="3">Perspectiva temporal</td><td colspan="2">Sincrônicos</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Diacrônicos</td><td>Históricos</td></tr>
<tr><td>Etimológicos</td></tr>
<tr><td rowspan="5">Volume, amplitude e extensão das entradas</td><td rowspan="2">Volume de entradas</td><td colspan="2">Exaustivo</td></tr>
<tr><td colspan="2">Seletivo</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Extensão de entradas</td><td rowspan="3">Número de línguas</td><td>Monolíngues ou unilíngues</td></tr>
<tr><td>Bilíngues</td></tr>
<tr><td>Plurilíngues, polilíngues ou poliglotas</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Amplitude de entradas</td><td colspan="2">Geral</td></tr>
<tr><td colspan="2">Particular ou restrito (especial)</td></tr>
</table>

Nível ou plano linguístico	Dicionários de língua	
	Dicionários de norma	
	Dicionários de discurso	
Microestrutura ou tratamento das entradas	Descritivos	Integrais
		Definitórios
	Não descritivos	
Ordenação	Alfabéticos	Diretos
		Inversos
	Ideológicos ou analógicos	
	De famílias etimológicas	
	Estatísticos ou de frequência	
	Estruturais	
	Mistos	
Finalidade	Pedagógicos	
	Semasiológicos	
	Onomasiológicos	
Suporte	De papel (impressos)	
	Eletrônicos	

Fonte: elaborado pela autora com base em Porto Dapena (2002, p. 49-76).

Já em terras brasileiras, destaca-se a contribuição da lexicógrafa Maria Tereza de Camargo Biderman para a tipologia de dicionários, apresentada em seu texto *A ciência da lexicografia* (1984a). Para ela, há essencialmente seis tipos de repertórios lexicográficos, a saber:

i) Dicionário padrão da língua: que, apesar de diversas obras assim se apresentarem, segundo a autora, "[...] raros são os dicionários que preenchem idealmente o tipo dicionário padrão da língua" (BIDERMAN, 1984a, p. 11).

ii) Dicionário ideológico ou analógico: aquele que "[...] organiza os conceitos em campos semânticos, ao invés de ordenar as palavras em ordem alfabética" (BIDERMAN, 1984a, p. 11).

iii) Dicionário histórico: aquele que se baseia no vocabulário e na língua de determinada época histórica. Dentro dessa categoria, também está inserido o dicionário pancrônico, que, segundo a lexicógrafa, muitas vezes é conhecido como etimológico. Este, compilado a partir da perspectiva da língua contemporânea, ocupa-se "[...] dos estágios anteriores do idioma, remontando à origem das palavras; tenta acompanhar a evolução histórica dos vocábulos, assinalando os diferentes valores semânticos por eles assumidos no decorrer do tempo" (BIDERMAN, 1984a, p. 13).

iv) Dicionário de tipo especial: também chamado de dicionário especializado, trata de aspectos particulares da língua ou de um domínio do conhecimento, como os científicos ou técnicos, por exemplo.

v) Dicionário inverso (ou grafêmico): "[...] muito útil para os estudos de processos de sufixação e da produtividade léxica de determinados sufixos" (BIDERMAN, 1984a, p. 16) e

vi) Enciclopédias: que podem organizar suas entradas a partir da ordem alfabética ou por área de conhecimento e "[...] buscam reunir o máximo de informações sobre os mais variados domínios do conhecimento para o consumo do público em geral" (BIDERMAN, 1984a, p. 16).

Como é possível perceber, as abordagens teóricas discutidas neste texto em muito convergem quanto ao tema tratado, diferenciando-se por vezes em subclassificações ou mesmo ao considerarem maior ou menor número de critérios para a tipificação das obras lexicográficas. Porém, não discordam quanto às classificações comuns a todas as propostas.

Partindo dessas classificações, especialmente no que toca o léxico que registra e sua codificação (HAENSCH, 1982a) e o volume e a amplitude de suas entradas (PORTO DAPENA, 2002), podem-se distinguir os inventários lexicográficos com maior precisão teórica.

Assim sendo, como definir um dicionário propriamente dito? Especialmente nos dias atuais, em que os produtos lexicográficos demonstram mudanças profundas no formato, na compilação de dados, na disseminação das obras e mesmo nas fontes para sua organização, por exemplo? Como já pontuado, o termo

dicionário é utilizado mormente como um hiperônimo de obra lexicográfica, talvez porque "[...] cualquier obra titulada de este modo suscite la confianza de los consumidores de modo ingenuo y acrítico"[29] (CAMPOS SOUTO; PÉREZ PASCUAL, 2003, p. 56-57).

Externamente, o dicionário pode ser visto a partir de três vieses:

> 1. Instrumento de comunicación al servicio de un programa informativo o didáctico determinado;
> 2. Conjunto documental sistematizado, puesto que debe asegurar la función catálogo que le es propia;
> 3. Producto técnico-comercial condicionado por las tecnologias disponibles, los medios aplicados (tipografia, informática, etc.) y por las estrategias comerciales adoptadas. El diccionario, por supuesto, es ligado a la industria del libro con todo lo que ello comporta [30] (QUEMADA, 1987 *apud* ANGLADA ARBOIX, 1991, p. 08).

Essa feição externa do dicionário aplica-se, pois, a todos os repertórios lexicográficos, não apenas ao tipo mencionado. O dicionário Houaiss (2009), por sua vez, define dicionário como:

> Compilação completa ou parcial das unidades léxicas de uma língua (palavras, locuções, afixos etc.) ou de certas categorias específicas suas, organizadas numa ordem convencionada, ger. alfabética, e que fornece, além das definições, informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia etc. ou, pelo menos, alguns destes elementos [A tipologia dos dicionários é bastante variada; os mais correntes são aqueles em que os sentidos das palavras de uma língua ou dialeto são dados em outra língua (ou em mais de uma) e aqueles em que as palavras de uma língua são definidas por meio da mesma língua].

Percebe-se que o lexicógrafo buscou abarcar, na acepção, tanto a definição do tipo dicionário *stricto sensu* como também o *lato sensu*, uma vez que a significação apresentada cabe a vários tipos de produções. Além disso, tratou também da tipologia de obras lexicográficas. Nota-se assim que a acepção apresentada por Houaiss (2009) aproxima esse tipo de repertório lexicográfico à visão geral que dele se tem: um lugar formal de registro do léxico de um idioma. "[...] Nessa medida, constitui-se em paradigma lingüístico modelar dos usos e sentidos

[29] "[...] Qualquer obra intitulada deste modo suscita a confiança dos consumidores de modo ingênuo e acrítico" (T.N.).

[30] "1. Instrumento de comunicação a serviço de um programa informativo ou didático específico; 2. Conjunto documental sistematizado, uma vez que deve garantir a função de catálogo que lhe é própria;
3. Produto técnico-comercial condicionado pelas tecnologias disponíveis, os meios aplicados (tipografia, informática, etc.) e pelas estratégias comerciais adotadas. O dicionário, é claro, é ligado a uma indústria do livro com tudo o que isso implica" (T.N.).

das palavras e expressões de uma coletividade lingüística, desempenhando o papel de código normativo da língua" (KRIEGER, 2006, p. 142).

Além do dicionário, protótipo de obra lexicográfica, há também outros repertórios relevantes para a Lexicografia em seu viés prático. Dentre eles, situam-se os tesouros ou *thesauri*: "[...] cuando un diccionario general llega al más alto grado de extensión o cantidad de entradas"[31] (PORTO DAPENA, 2002, p. 60), dessa forma aplicando-se o caráter exaustivo à amplitude de suas entradas.

Também merecem destaque os glossários, primeiras obras com suas origens ainda paralexicográficas, ao lado dos relatos de viagem, mencionados no segundo item do Capítulo I. Para Haensch (1982a), pode-se compreender o glossário de duas formas:

> Repertorio de voces destinado a explicar un texto medieval o clásico, la obra de un autor, un texto dialectal, etc.
> Repertorio de palabras, en muchos casos de términos técnicos (monolingüe ou plurilingüe), que no pretende ser exhaustivo, y en que la selección de palabras se ha hecho más o menos al azar [32] (HAENSCH, 1982a, p. 106).

Um quarto repertório lexicográfico pode ser compreendido a partir das classificações apresentadas: os vocabulários. Segundo Porto Dapena (2002), estes são entendidos como dicionários particulares ou restritos e, seguindo as orientações de Haensch (1982a), registram o léxico de forma parcial, motivo pelo qual muitas vezes são confundidos com os glossários, dadas suas características extremamente semelhantes. Isso faz com que, "[...] con el paso del tiempo, se va perdiendo la distinción que existía entre *vocabularium* y *glossarium*, y los términos comienzan a utilizarse como sinónimos"[33] (GEMMINGEN, 2003, p. 162). Nessa perspectiva, os vocabulários se referem a uma parcela do léxico de uma língua (PORTO DAPENA, 2002, p. 62).

Ademais, por se tratar do tema desta Tese, é fundamental, a partir das considerações realizadas, a explicitação do conceito de vocabulário adotada tendo

---

[31] "[...] Quando um dicionário geral chega ao mais alto grau de extensão ou quantidade de entradas" (T.N.).

[32] "Repertório de vozes destinado a explicar um texto medieval ou clássico, a obra de um autor, um texto dialetal, etc.
Repertório de palavras, em muitos casos de termos técnicos (monolíngue ou plurilíngue), que não pretende ser exaustivo, e em que a seleção de palavras se faz mais ou menos de forma aleatória" (T.N.).

[33] "[...] Com o passar do tempo, vai se perdendo a distinção que existia entre *vocabularium* e *glossarium,* e os temos começam a se utilizar como sinônimos" (T.N.).

em vista a natureza do produto deste estudo. O termo foi escolhido em detrimento a glossário e a dicionário tomando como norte a concepção de Campo Souto e Pérez Pascual (2003, p. 55):

> Entendido de manera generosa, *vocabulario* sería um parasinónimo de diccionario; sin embargo, parece razonable restringirlo, bien, conforme a lo propuesto por el DRAE bajo este término en sus acepciones tercera y quinta, a los **catálogos de palabras pertenecientes a una región**, actividad o campo semántico determinado, bien, como hace Manuel Alvar Ezquerra (1993b: 17), a **una selección de términos realizada con criterios extralingüísticos** [34] (grifos nossos).

Frente à discussão apresentada sobre a tipologia de obras lexicográficas, situa-se o produto desta Tese como um vocabulário, por reunir um tipo de léxico parcelar da variante brasileira do português em uso na região Centro-Oeste; por tratar de uma norma lexical contemporânea, é também sincrônico, descritivo e monolíngue. Ordena suas entradas a partir da ordem alfabética, é de cunho semasiológico e tem suporte impresso, com perspectiva futura de versão também eletrônica.

Além disso, na produção de uma obra lexicográfica, é preciso ter em vista o método a ser utilizado. Conforme Haensch e Omeñaca (2004), há duas orientações fundamentais para elaborar dicionários, formas essas empregadas pelas produções lexicográficas do espanhol da América, tema dos estudos desses lexicógrafos tratados em *Los diccionarios del español en el siglo XXI.* O primeiro é o método integral, em que se tomam todas as unidades léxicas em uso por determinada área, ou, ao menos, uma seleção extremamente abundante delas, o que demanda um *corpus* organizado, bem compilado e um esforço considerável a depender da extensão da obra. Segundo os autores, há também o método diferencial-contrastivo, em que se recolhem apenas:

> [...] Unidades léxicas de uso exclusivo en Hispanoamérica o en un área hispano-americana, o bien unidades léxicas que se dan también en España, pero tienen en el español americano otras condiciones de uso: otra denotación, connotación, frecuencia, distinto

[34] "Entendido de maneira generosa, vocabulário seria um parassinônimo de dicionário; no entanto, parece razoável restringi-lo, bem, tal como proposto pelo DRAE sob este termo em suas acepções terceira e quinta, aos **catálogos de palavras pertencentes a uma região**, atividade ou campo semântico determinado, bem assim como faz Manuel Alvar Ezquerra (1993b: 17), a **uma seleção de termos feita com critérios extralinguísticos"** (T.N.).

> uso contextual, distinto género o número, distinto regime o construcción, etc [35] (HAENSCH; OMEÑACA, 2004, p. 312).

Nessa perspectiva, o produto desta Tese segue o método integral de seleção de dados, tendo como fonte dados geolinguísticos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) composto a partir da amostra qualitativa da norma lexical da região Centro-Oeste brasileira, sem dimensionar ou distinguir apenas as unidades léxicas de utilização única e específica nessas localidades. Também com o suporte dos dados do Projeto ALiB se desenvolve o *Dicionário Dialetal Brasileiro*, projeto maior a que se filia este estudo e que busca oferecer uma visão pandialetal da norma lexical brasileira.

Realizadas essas considerações, o próximo subitem trata da arquitetura de dicionários, bem como das escolhas feitas em relação à temática para a produção do *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste.*

2.2 Arquitetura de dicionários: métodos e conceitos

Após discutida a questão das tipologias pelas quais se classificam os dicionários, faz-se necessário também um olhar para a estrutura interna de obras desse gênero. Há algumas correntes de estudos que veem sob diferentes perspectivas os repertórios lexicográficos nesse viés. A mais conhecida foi primeiramente proposta por Rey-Debove, lexicógrafa francesa que considerava duas dimensões: a da macroestrutura e a da microestrutura. Em sua concepção, a primeira é "[...] l'ensemble des entrées ordonnées, toujours soumise à une lecture verticale partielle" [36]; enquanto a segunda é "[...] l'ensemble de informations ordonnées de chaque article, réalisant un programme d'information constant pour tous les articles, et qui se lisent horizontalement à la suite de l'entrée" [37] (REY-DEBOVE, 1971, p. 21). Compartilham desse entendimento vários outros pesquisadores, entre eles Porto Dapena (2002).

---

[35] "[...] Unidades léxicas de uso exclusivo na América Hispânica ou em uma área hispano-americana, ou unidades léxicas que ocorrem também na Espanha, mas têm no espanhol americano outras condições de uso: outra denotação, conotação, frequência, distinto uso contextual, distinto gênero ou número, distinto regime ou construção, etc." (T.N.).

[36] "[...] A totalidade das entradas ordenadas, sempre sujeita a uma leitura parcial vertical" (T.N.).

[37] "[...] A totalidade das informações ordenadas de cada artigo, realizando um programa de informação constante para todos os artigos, e que se lê horizontalmente na sequência da entrada" (T.N.).

Haensch (1982b) amplia a noção de macroestrutura proposta por Rey-Debove (1971) acrescentando-lhe as páginas titulares, o prólogo ou prefácio e a introdução, além do que chama de corpo do dicionário, a nomenclatura.

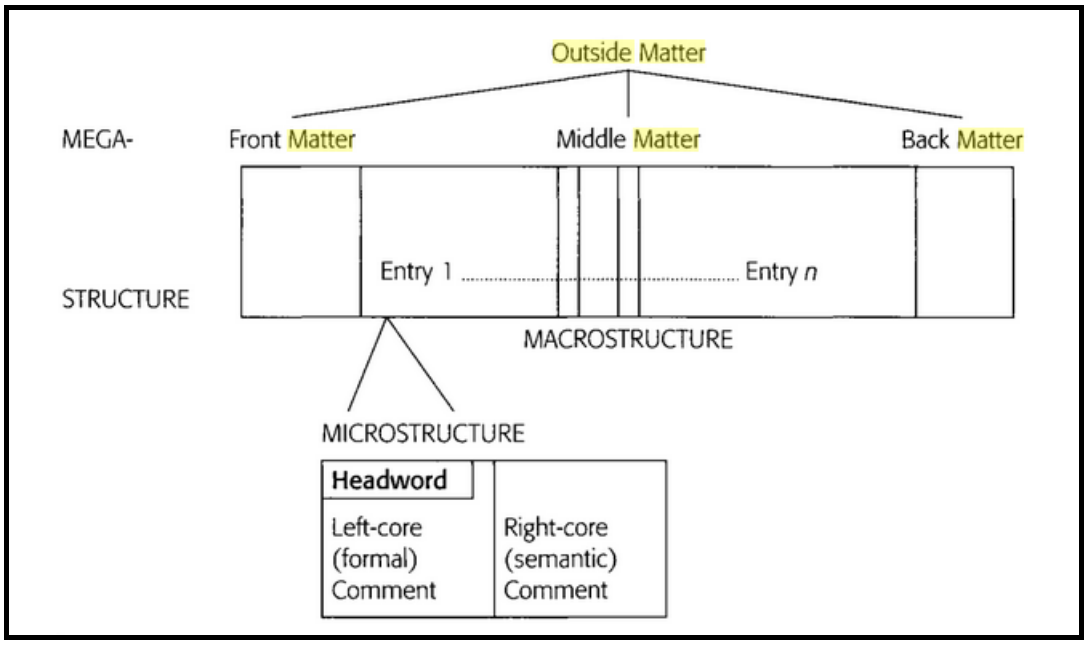
Além dessas, uma terceira corrente de estudos, iniciada por Hausmann e Wienand (1989) e seguida e ampliada por Werner (1997), Fuentes Morán (1995), entre outros (CAMPOS SOUTO; PÉREZ PASCUAL, 2003, p. 57-58), apresenta outro ponto de vista para a organização interna das obras. Para eles, as estruturas que compõem os dicionários são cinco: a hiperestrutura – que seria a parte inicial que Haensch (1982b) acresceu à noção de macroestrutura de Rey-Debove (1971); a macroestrutura (de leitura vertical); a microestrutura (de leitura horizontal); a iconoestrutura (composta pelas representações gráficas situadas em verbetes) e as estruturas de acesso (índices).

No início do século XXI, outra linha de pesquisas metalexicográficas parece congregar essas cinco estruturas de dicionário organizando de modo diferente o conteúdo de uma obra lexicográfica. No Brasil, teóricos como Bugueño Miranda (2007a) e Pontes (2009), dentre outros, remetem-se a estudos de Hartmann e Wienang assumindo que, de fato, quatro são as estruturas de um dicionário: a megaestrutura, a medioestrutura, a macroestrutura e a microestrutura.

Os conceitos de macro e microestrutura se coadunam com os propostos por Rey-Debove (1971) e Porto Dapena (2002), sendo acrescentadas a essas teorias as concepções de megaestrutura e de medioestrutura. A megaestrutura é compreendida como o todo do repertório lexicográfico, ou, nas palavras de Hartmann e James (2001), “[...] the totality of the component parts of a reference work, including the MACROSTRUCTURE and the OUTSIDE MATTER”[38]. Efetivamente, a obra seria assim dividida:

[38] “A totalidade das partes componentes de uma obra de referência, incluindo a MACROESTRUTURA e as QUESTÕES EXTERNAS” (T.N.)

Figura 2: Mega-, macro- e microestrutura de dicionários



Fonte: Hartmann (2001, p. 59).

Nesse sentido, a *outside matter* congrega a *front matter* (prólogos ou prefácios, apresentações ou introduções), a *middle matter* (como as ilustrações) e a *back matter* (como as listas de referências bibliográficas, por exemplo). Percebe-se, inclusive, uma aproximação entre as noções de *front matter* e *middle matter* de Hartmann (2001) e as estruturas de acesso e a iconoestrutura de Fuentes Morán (1995 *apud* CAMPOS SOUTO; PÉREZ PASCUAL, 2003). Contudo, Hartmann (2001) acrescenta algo até então não tratado, que são as referências constantes ao final das obras lexicográficas e itens também importantes para as consultas, haja vista revelarem as fontes tomadas para a elaboração dos dicionários. Já a medioestrutura é um "[...] cross-referencing system which leads the users from one place of the dictionary (the cross-reference item or point) to another (the cross-reference address) in order to find the necessary additional information" [39] (SVENSÉN, 2009, p. 388), isto é, um sistema de remissivas.

Tendo em vista essas considerações, nota-se que todos parecem concordar com o conceito de microestrutura, mas o de macroestrutura sofre modificações de acordo com o olhar do teórico, além de parecer tomar novas formas a divisão interna

[39] "[...] Sistema de referência cruzada que leva os usuários de um lugar do dicionário (o item de referência cruzada ou ponto) para outro (o endereço de referência cruzada) a fim de encontrar a informação adicional necessária" (T.N.).

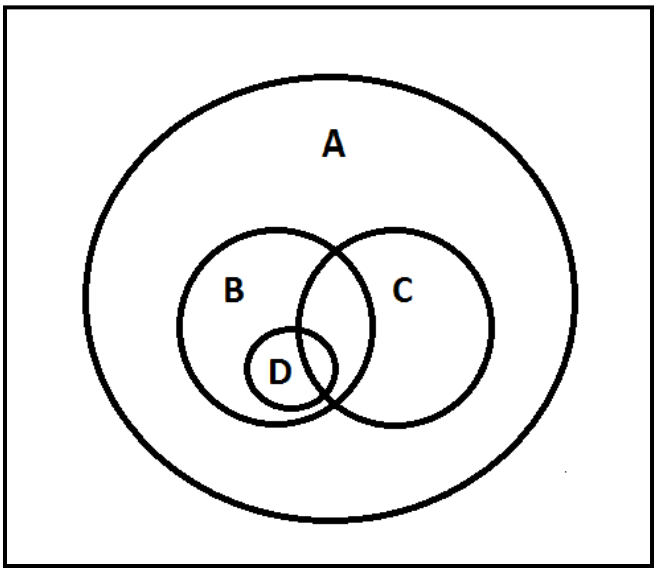
do dicionário a partir de Hausmann e Wiegand (1989 *apud* CAMPOS SOUTO; PÉREZ PASCUAL, 2003) e Hartmann (2001).

Neste trabalho, consideram-se as noções de macro e microestrutura de Rey-Debove (1971), entendendo-se que a macroestrutura diz de fato respeito à nomenclatura do dicionário, sendo diferente em sua concepção, formulação e organização, como será discutido no tópico a ela destinado, em relação à megaestrutura, ou seja, o conjunto do dicionário tomado como um todo, que congrega os elementos introdutórios da obra lexicográfica, como prefácio ou apresentação, introdução, índices e abreviaturas, bem como elementos que porventura vigorem em certas produções, como lista de autores consultados, informações enciclopédicas, como dados culturais, dentre outros – itens contemplados por Hartmann (2001) e Hartmann e James (2001).

Dessa forma, com o auxílio da Teoria dos Conjuntos[40], adota-se uma representação a partir do Diagrama de Venn para demonstrar como essas estruturas se relacionam em um projeto lexicográfico:

[40] Segundo a ciência Matemática, conjunto é um conceito primitivo a que não cabe definição. Todavia, a Teoria dos Conjuntos, que se originou dos trabalhos do alemão Georg Cantor (1845-1918), pode ser compreendida como aquela que estuda a associação entre objetos de uma mesma propriedade. Segundo Freiria, inclusive, a importância da referida teoria ultrapassa os limites matemáticos e auxilia "[...] o conhecimento humano de modo geral" (FREIRIA, 1992, p. 72).

Figura 3: Relações estruturais em dicionários[41]



Fonte: elaborada pela autora.

No Diagrama ilustrado pela Figura 3, a megaestrutura está representada pela letra A, a macroestrutura pela B, a letra C representa a medioestrutura e D, o subconjunto da microestrutura. Essa ilustração matemática tem o propósito de ajudar a esclarecer o ponto de vista aqui adotado – com base nos estudos de Hartmann (2001), Bugueño Miranda (2007a) e Pontes (2009) – acerca das relações estruturais de projetos lexicográficos, uma vez que se entende ser a megaestrutura (A) o grande conjunto do dicionário, que congrega todos os seus componentes.

Um deles, a macroestrutura (B), dá conta da nominata do dicionário, referindo-se ao conjunto de entradas do repertório lexicográfico, entradas essas que formam o subconjunto D, parte da macroestrutura e integrante da megaestrutura: a microestrutura.

Já a medioestrutura (C) também faz parte da megaestrutura e se relaciona tanto à macro quanto à microestrutura, já que, mesmo não respondendo, em sua constituição, aos mesmos critérios de seleção e ordenamento dos conjuntos representados por B e D, fato pelo qual não pode estar inserida em nenhum deles, remete-se a eles ao fornecer informações e mesmo instruções ao consulente acerca

[41] A Figura 3 utiliza um esquema de representação concebido por John Venn (1834-1923): o Diagrama de Venn, para a demonstração das relações estruturais em dicionários. Para maiores informações sobre tal método, consultar Silva (2017).

do uso do dicionário e de como compreender e se valer da nominata e dos artigos lexicográficos em suas consultas.

Esclarecida essa posição teórica, os subtópicos deste item, *Arquitetura de dicionários: métodos e conceitos*, discutem os itens relacionados às estruturas que compõem os dicionários.

2.2.1 A megaestrutura

Em uma comparação, pode-se entender metaforicamente o dicionário tal qual um relógio: de modo a atender às consultas por que é procurado pelos consulentes, possui também um sistema de componentes, assim como as engrenagens daquele aparelho, que o constituem internamente. Contudo, talvez, o usuário final de ambas as tecnologias nunca se dê conta da complexa estrutura que as formam, valendo-se apenas da pronta resposta que almejam ao consultá-las.

No caso do dicionário, como já apontado no tópico anterior, uma dessas partes componentes é a megaestrutura, o conjunto da produção tomado como um todo, seus elementos que vigoram antes e depois da nomenclatura, a macro e a microestrutura. Entretanto, enquanto a macroestrutura tem forma própria e toda uma teoria que a embasa e a orienta quanto à formatação e à organização, bem como se trata de uma estrutura dicionarística canônica, a matéria externa (*Outside Matter*) pode ou não estar contemplada em um dicionário, ao menos se considerados todos os seus possíveis componentes, a saber: *Front Matter*, *Middle Matter* e *Back Matter.* [42]

De acordo com Hartmann e James (2001), *Outside Matter* é "[…] a cover term for all those components of a reference work which do not form part of the central WORD-LIST". [43] Quando são mencionadas as partes introdutórias do dicionário,

[42] Na literatura lexicográfica, há alguns pesquisadores que trouxeram ao português esses termos. Contudo, a opção por mantê-los em inglês segue a conduta de Bugueño Miranda (2007a), que assim os utiliza, destoando de Welker (2004), para quem *Outside Matter* é explicado como textos externos, *Front Matter* como textos anteriores, assim como *Middle Matter*, textos internos e *Back Matter*, textos posteriores. Damim (2005) utiliza material externo, anteposto, interposto e posposto, respectivamente. Dada, pois, a atualidade dos estudos nessa área, bom como a ainda falta de consenso na utilização desses termos em língua portuguesa, talvez também causada pelas recentes pesquisas, opta-se por utilizá-los como o faz boa parte dos teóricos consultados por esta Tese, tanto os que utilizam a língua portuguesa quanto a inglesa em seus textos.

[43] "[...] Um termo para todos aqueles componentes de uma obra de referência que não formam parte da central lista de palavras [macroestrutura]" (T.N.)

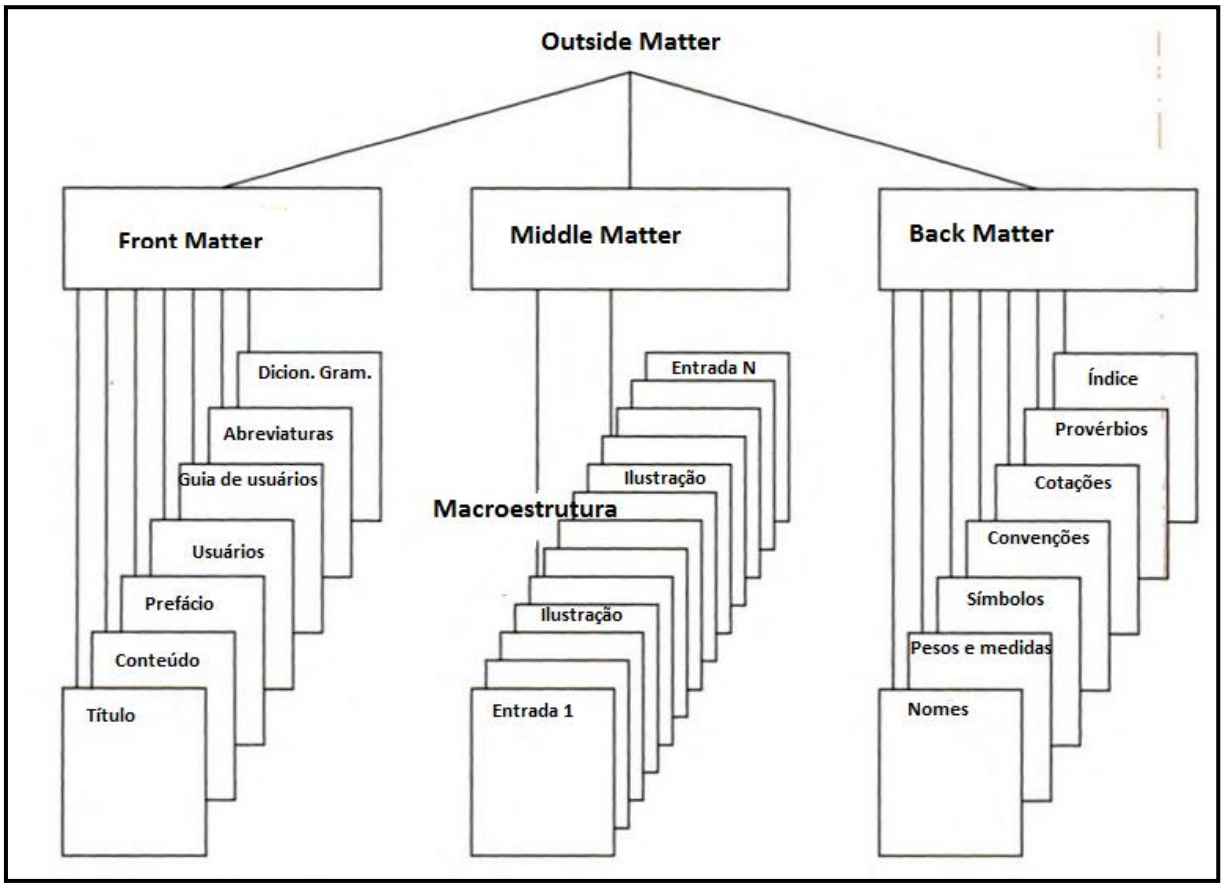
como o prefácio, a introdução e a lista de abreviaturas, por exemplo, está se tratando a *Front Matter*, o que vem antes da nomenclatura do dicionário e diz respeito às páginas iniciais, responsáveis por apresentar "[...] características da obra, definição de critérios adotados pelo lexicógrafo, indicações de uso, guia para consulta da obra [e] indicador do leitor potencial do dicionário" (PONTES, 2009, p. 67).

Já quando se trata das ilustrações, não apenas pictóricas, mas também gráficas, caracteriza-se a *Middle Matter*, "[...] intervenções que podem conter alguns dicionários entre a macro e a microestrutura" (FORNARI, 2008, s/p.). Os desenhos e fotografias, por exemplo, são bastante importantes em dicionários escolares, uma vez que uma ilustração pode ajudar sobremaneira um aluno a compreender algumas unidades léxicas junto a uma definição lexicográfica. Contudo, também mapas e outras inserções fazem parte desse material interposto. Fornari (2008, s/p.) exemplifica a *Middle Matter* a partir do SoAm, dicionário de americanismos em que, a cada vez que a sequência alfabética da nominata chega a um dos países de língua espanhola, "[...] há uma interrupção nos verbetes para explicar dados culturais e sociais do país em questão, através de um quadro parecido aos que corriqueiramente encontramos em livros didáticos de geografia" (FORNARI, 2008, s/p.).

Já a *Back Matter* deve ser o último componente de um dicionário, em que se podem apresentar as referências bibliográficas das abonações tomadas, por exemplo, bem como tabelas de conjugação de verbos, compêndios gramaticais, etc.

Hartmann e James (2001) oferecem uma ilustração que congrega esses níveis da megaestrutura, isto é, a macroestrutura, que tratada em tópico próprio, e a *Outside Matter*, representada a seguir já em uma versão em português, mantendo, contudo, os termos designativos das estruturas em inglês como já explicado na nota de rodapé 41:

Figura 4: A megaestrutura – macroestrutura e *Outside Matter*



Fonte: adaptado pela autora a partir de Hartmann e James (2001, p. 92).

Segundo Damim (2005), a importância da megaestrutura do dicionário, bem como da matéria externa (*Outside Matter*) nela inserida, dá-se uma vez que:

> [...] O espaço dedicado a cada unidade é limitado, e nem todos os tipos de informações de que necessita o consulente podem ser incluídas na macro e na microestrutura. Assim, se torna necessária a presença de outros componentes que possam dar conta de informações complementares. Nesse sentido, o conceito de megaestrutura engloba a totalidade dos componentes do dicionário (DAMIM, 2005, p. 86).

Pontes (2009, p. 67) acrescenta que as instruções de uso, presentes na megaestrutura, "[...] têm importância em qualquer dicionário, sobretudo em dicionários escolares, sendo, pois, sua presença obrigatória na estrutura megaestrutural do dicionário".

Dessa maneira, a megaestrutura deve ser a primeira a ser considerada em uma análise lexicográfica que busque investigar os componentes do dicionário, bem como é essencial aos consulentes pesquisar as informações nela contidas para uma

consistente procura. Por exemplo, caso um estudante queira compreender o uso regional de certa unidade léxica, talvez desconhecida por sua norma lexical internalizada, deve buscar resolver essa dúvida com a ajuda de um dicionário. Contudo, se ele tiver acesso a uma obra que não trata do tema, não terá sanada sua indagação ou mesmo irá criticar o inventário lexicográfico taxando-o de incompleto ou mesmo de má qualidade, o que poderia ser evitado caso procurasse as informações sobre público alvo, objetivos e *corpus* de pesquisa utilizado, constantes usualmente na introdução ou no prefácio (que fazem parte da *Front Matter*).

Consideradas, pois, essas características do nível que seria o maior dentre os componentes do dicionário, a seguir, são discutidas as demais estruturas que compõem a megaestrutura, a se iniciar pela macroestrutura.

2.2.2 A macroestrutura

Como já assinalado, a macroestrutura é composta pela nomenclatura, o conjunto das entradas de um dicionário ordenado de acordo com critérios específicos. Para Castillo Carballo (2003, p. 87), "[...] el objetivo primordial [do dicionário] deberá ser el de registrar el máximo número de unidades léxicas que se ajusten a los fines que se quieren conseguir, evitando, en todo momento, incorporar voces ajenas al criterio de selección estabelecido". [44]

Os critérios de seleção da nomenclatura de uma obra lexicográfica levam em conta sua natureza, exposta ou não em seu título – isso porque o dicionário é comumente tomado como hiperônimo de um conjunto de obras do gênero e bastante utilizado mais por questões comerciais que científicas – e sua finalidade: os usuários a que se destina, além, inclusive, de questões comerciais – se publicado por uma editora, que número de páginas pode atingir, etc. – bem como questões de frequência no *corpus* de pesquisa tomado pelo projeto lexicográfico do item candidato à entrada, etc.

Porto Dapena (2002) divide esses elementos seletivos em dois: a) critérios externos ou extralinguísticos, que seriam finalidade e tamanho, por exemplo, e b)

[44] "[...] O objetivo principal deverá ser o de registrar o máximo número de unidades léxicas que se ajustem aos fins que se querem conseguir, evitando, em todo momento, incorporar itens alheios ao critério de seleção estabelecido" (T.N.).

critérios internos ou linguísticos: frequência, correção, etc. Além disso, alerta que outras motivações permeiam a seleção das entradas de um dicionário, uma vez que:

> [...] Todo diccionario es producto de la cultura y del momento histórico en que se produce por lo tanto, inevitablemente, ha de manifestar de alguna manera el aspecto ideológico de la sociedad a que va destinado y de la que el propio autor es componente [45] (PORTO DAPENA, 2002, p. 172).

Bugueño Miranda (2007b), por sua vez, também versa sobre o tema em seu texto *O que é macroestrutura no dicionário de língua*. Para ele, os parâmetros para a definição da macroestrutura seguem uma vertente fenomenológica, considerando o usuário e a relação entre tipo de dicionário e número de entradas. Os critérios internos e extralinguísticos apontados por Porto Dapena (2002) são tratados por Bugueño Miranda (2007b) separadamente, como parâmetros definicionais para a constituição da macroestrutura: quantitativos e qualitativos. Dentre os primeiros, encontram-se o estatístico, "[...] uma frequência menor ao número mínimo de ocorrências implica que essa unidade léxica não aparecerá na nominata do dicionário" (BUGUEÑO MIRANDA, 2007b, p. 265) e os sin- ou (dia) sistêmicos, que utilizam a sincronia como variável. Já quanto aos critérios qualitativos, estes dizem respeito à escolha do tipo de unidade que irá compor a macroestrutura (afixos, nomes próprios, etc.), além de tratar inclusive dos parâmetros de lematização das unidades léxicas que se tornarão entradas. [46]

Definidos esses pontos no projeto lexicográfico, há que se selecionar a ordenação dos materiais léxicos criteriosamente escolhidos. Segundo Haensch (1982b), esse é o elemento mais importante da macroestrutura de um dicionário. O lexicógrafo pode optar pela ordem alfabética direta ou inversa, pelas famílias de palavras ou de acordo com um sistema conceitual. A forma mais comum e mais utilizada é a organização por ordem alfabética direta, especialmente nos dicionários de caráter semasiológico, considerando-se também a praticidade necessária às consultas às obras por parte de usuários de diversos níveis de conhecimento linguístico, estes sempre considerados desde o início da elaboração do projeto, o

[45] "[...] Todo dicionário é produto da cultura e do momento histórico em que se produz, portanto, inevitavelmente, há de manifestar de alguma forma o aspecto ideológico da sociedade a que se destina e da qual o próprio autor é componente" (T.N.).

[46] Porto Dapena (2002) explica que há dois sentidos para o termo entrada, um estrito e outro sentido comum. No primeiro, entende-se entrada como unidade independente do dicionário que é objeto do artigo lexicográfico. Em sentido amplo, é tomada como qualquer unidade léxica de que se oferece informação em um dicionário, seja em sua macro ou sua microestrutura.

que orienta o próprio estudioso alemão a par de Carlos Omeñaca: “[...] se piede que, al elaborar un diccionario, se piense mucho más que hasta alora en el usuario y sus necessidades” [47] (HAENSCH; OMEÑACA, 2004, p. 60).

Essa ordenação se faz a partir da prévia lematização das unidades léxicas que comporão a nominata. Esse processo tem vistas a converter os itens lexicais candidatos à entrada ou a enunciado do artigo à sua forma canônica: o lema, este que vigorará no dicionário. “[…] The term «Lemma» is used to mean the base form of a word, disregarding grammatical changes such as tense and plurality. Thus, the frequency of the lemma DEAL – including deal, deals, dealing, and dealt – in the LOB Corpus is 290” [48] (BIBER; CONRAD; REPPEN, 1998, p. 29).

A lematização é realizada de acordo com a classe da palavra que se lematiza e, de acordo com Porto Dapena (2002, p. 174-178), segue os seguintes critérios:

i) Os substantivos são representados em sua forma masculina singular seguida pela terminação do feminino caso haja, salvo se as formas feminina ou plural representarem outros significantes (rolo – peça cilíndrica; rola – ave; núpcias, por exemplo);

ii) Os adjetivos seguem essa mesma regra, assim como os pronomes, lematizando-se em sua forma singular masculina seguida pela terminação feminina, se for o caso;

iii) Os artigos são exceção dentre as classes relacionadas a nome, uma vez que “[...] cada una de cuyas formas da lugar a artículos independientes y, por lo tanto, se lematizan todas sus variantes flexionales” [49] (PORTO DAPENA, 2002, p. 176);

iv) Os verbos são lematizados em sua forma infinitiva que, salvo nos casos de verbos irregulares, não apresenta morfemas flexionais.

Assim, organizada a macroestrutura e atendidos os parâmetros definidos para sua estruturação, “[...] passa-se à seleção e ao arranjo dos elementos

[47] “[...] Pede-se que, ao se elaborar um dicionário, pense-se muito mais que até agora no usuário e em suas necessidades” (T.N.).

[48] “[...] O termo ‘lema’ é usado para significar a base de uma palavra, ignorando mudanças gramaticais tais como tempo e plural. Assim, a frequência do lema deal (acordo) – incluindo deal (negócio), deals (tratos), dealing (negociação) e dealt (tratadas) - no LOB Corpus é de 290” (T.N.).

[49] “[...] Cada uma de suas formas dá lugar a artigos independentes e, portanto, lematizam-se todas as suas variantes flexionais” (T.N.).

descritivos que deverão figurar nos verbetes" (BORBA, 2003, p. 309), tema do tópico a microestrutura, que se segue à medioestrutura.

2.2.3 A medioestrutura

De acordo com Damim (2005, p. 84), "[...] o plano medioestrutural corresponde a um sistema de articulação entre a macro, a microestrutura e outros componentes do dicionário, como o material anteposto, o material posposto e o material interposto, e de todos esses elementos com o usuário". Bugueño Miranda (2013), por sua vez, afirma que, ao lado da macro, da microestrutura e da *Front Matter*, a medioestrutura é um componente "canônico", obrigatório em um dicionário. Isso porque se devem levar em conta tanto as necessidades do usuário quanto as intenções do lexicográfico em reunir uma quantidade considerável de informações acerca de uma unidade léxica de forma otimizada.

De acordo com Nkomo (2007, p. 374):

> […] As a convention, it [sistema de convenções] assists the lexicographer to gather information from different sources, compress and condense it in order to save space, and distribute it in the different access positions following a clearly spelt out macro- and microstructural system. [50]

Em outras palavras, a medioestrutura pode ser entendida como um sistema de remissivas de uma obra lexicográfica, representado por itens lexicais, abreviaturas, símbolos ou ícones, por exemplo, e que deve ser claramente apresentado na *Front Matter*. O termo é especialmente utilizado por lexicógrafos alemães, como Wienang (2004), e disseminado em obras redigidas em língua inglesa, como as de Gouws (2004) e Hartmann e James (2001) (NKOMO, 2007, p. 374). Todavia, tem se mostrado bastante profícuo também aqui no Brasil a partir dos trabalhos de Bugueño Miranda (2007a; 2013), Pontes (2009) e especialmente de Welker (2004), que trouxe os conhecimentos lexicográficos alemães atualizados traduzidos para o português em sua obra *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia.*

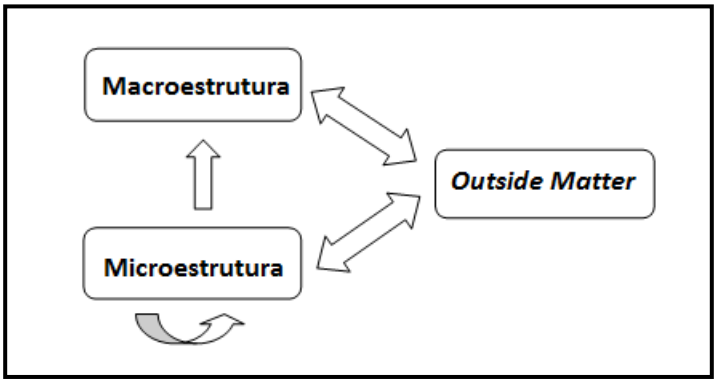
[50] "[...] Como uma convenção, ele [sistema de remissões] auxilia o lexicógrafo a reunir informações de diferentes fontes, comprimir e condensá-lo a fim de economizar espaço e distribuí-lo nas diferentes posições de acesso seguindo sistemas de macro e microestrutura claramente enunciados" (T.N.).

Bugueño Miranda (2008, p. 11-12), por exemplo, propôs uma tipologia para as relações medioestruturais:

> a) Referências de um segmento macro ou microestrutural para outro segmento macro ou microestrutural;
> b) referências de um segmento macro ou microestrutural a qualquer texto externo à macro ou microestrutura;
> c) referências de um segmento macro ou microestrutural a outro dicionário.

Assim, haveria uma classificação para essas relações medioestruturais, que podem ser horizontais, quando há remissão nos limites do verbete; verticais, quando não ocorre no verbete, mas em algum ponto da macroestrutura; e transversais, quando está fora da micro e da macroestrutura, o que leva o consulente à *Outside Matter* ou até a outras obras. Representando graficamente essa classificação, pode-se pensar na seguinte figura:

Figura 5: Relações medioestruturais em dicionários



Fonte: elaborada pela autora.

Duarte e Pontes (2011, p. 51) acrescentam que as indicações de remissivas verticais podem ser também chamadas de internas (presentes na macroestrutura) e as transversais de externas (que levam a textos externos, seja na *Outside Matter*n, seja remetendo a outras obras lexicográficas); explícitas (quando estão representadas por sinais e ou abreviações, como *v.* – ver – *Cf.* – conferir – *m.q*. – mesmo que, etc.) e implícitas (sem esses sinais), além de serem obrigatórias ou facultativas, isto é, sendo estritamente necessário ou não ao consulente seguir a indicação da remissiva para compreender a acepção do item pesquisado.

Aplicando essa terminologia e analisando brevemente sua aplicabilidade em um dicionário geral de língua portuguesa, pesquisou-se o item lexical *mucura* na obra de Houaiss (2009). No verbete referente a essa unidade léxica, há o registro: “m.q. gambá (designação comum)” (HOUAISS, 2009). Trata-se, pois, de uma remissão vertical interna explícita e obrigatória, uma vez que remete o consulente a outro item que não se encontra na micro, mas na macroestrutura do dicionário (vertical), estando inserida no verbete (interna) e devidamente marcada com símbolo definido como índice remissivo (m.q.) na *Front Matter* (explícita), além de ser obrigatória, pois, apresentando apenas a remissão a outro verbete e nenhuma definição, obriga o consulente a verificar a acepção de *gambá* para ter sanada sua dúvida. Seguindo-se o caminho indicado pelo lexicógrafo, encontra-se *gambá* como:

> Design. comum aos marsupiais do gên. *Didelphis*, os maiores da fam. dos didelfídeos, com três spp., encontrados do Sul do Canadá à Argentina, com até 50 cm de comprimento, cauda preênsil, longa e quase inteiramente nua, com a parte distal branca, pelagem cinza, preta ou avermelhada e fêmeas com marsúpio bem desenvolvido [sin.: cassaco, micurê, mucura, raposa, sariguê, sarigueia, saruê, tacaca, taibu, ticaca, timbu] (HOUAISS, 2009).

Assim, nota-se que a equipe responsável pelo *Dicionário Houaiss*, mesmo que de maneira fortuita, forneceu um exemplo de relações medioestruturais de forma a atender satisfatoriamente, ao menos neste caso apresentado, seu consulente no entendimento da acepção de *mucura*, mostrando que uma referência medioestrutural deve obedecer a um único movimento e levar o usuário rapidamente à informação desejada; deve também ser elucidativa, isto é, compreendida pelo consulente, e ainda funcional, acarretar um ganho para quem a consulta (BUGUEÑO MIRANDA, 2013, p. 22-23), como a expansão vocabular, por exemplo.

Além disso, pode-se inclusive entender a remissão inserida no verbete *mucura* a *gambá* e apenas este segundo trazer uma definição considerando que esta é uma unidade léxica integrante do que se pode chamar de português médio, isto é, aquele de conhecimento da maior parte da população brasileira, para designar o referente em pauta. Isso facilitaria seu entendimento por parte de quem consulta a obra, o que é corroborado por Arnal Purroy (2010, p. 43), que afirma que esse recurso é utilizado quando “[...] el lexicógrafo juzga que el equivalente de la

variedad estándar es de uso poco común e puede resultar desconocido para el usuario". [51]

Todavia, há variados casos em que a falta de atenção aos preceitos dos estudos metalexicográficos que versam sobre a medioestrutura podem comprometer sobremaneira o acesso dos usuários às informações que almejam, fugindo àqueles princípios axiomáticos propostos por Bugueño Miranda (2013) e dando origem às pistas falsas e à circularidade, também conhecida como definição circular ou círculos viciosos.

Sobre as pistas perdidas, Porto Dapena (2002, p. 329) orienta que "[...] el diccionario debe ser **autosuficiente**, lo que significa que en su microestructura no puede utilizar ninguna palavra que a su vez, no se encuentre en su macroestructura". [52] De fato, é mister evitar o movimento de um usuário que, a partir de uma definição que utiliza um vocábulo desconhecido, precise buscar seu sentido naquela acepção e não a encontre na macroestrutura do dicionário, seguindo mesmo uma pista perdida na obra.

Medina Guerra (2003, p. 144-146), tendo por base os estudos de Teso Martín (1987) e Castillo Peña (1992), além das pistas perdidas, enumera outros dois defeitos no que ela chama de relação entre definições:

1. Ininteligível: quando uma das palavras da definição não possui, entre suas acepções, uma que possa ser compreendida no sentido em que é utilizada num sintagma definidor de que faz parte;
2. Círculo vicioso (definição circular): quando "[...] se define una voz con outra que a su vez se define con la primera (A=B; B=A)" [53] (MEDINA GUERRA, 2003, p. 145).

Para que o sistema de remissivas seja então eficiente, Damim (2005) elenca os seguintes aspectos que devem ser levados em conta em um projeto lexicográfico:

a) O material anteposto, ou a *Front Matter*, deve conter explicações sobre a estrutura do artigo léxico e como esta pode direcioná-lo para outras partes do dicionário;
b) O sistema de remissões deve ser simples, padronizado e invariável;

[51] "[...] O lexicógrafo julga que o equivalente da variedade padrão é de uso pouco comum e pode resultar desconhecido para o usuário" (T.N.).
[52] "[...] O dicionário deve ser autossuficiente, o que significa que em sua microestrutura não pode utilizar nenhuma palavra que, por sua vez, não se encontre em sua macroestrutura" (T.N.).
[53] "[...] Se define uma palavra com outra que, por sua vez, se define com a primeira (A=B; B=A)" (T.N.).

c) A listagem de abreviaturas utilizadas para a remissão, bem como a explicação de seu funcionamento, deve estar presente num dicionário, seja na *Front* ou na *Back Matter*; e

d) O usuário não deve fazer muitos movimentos, além do primeiro de remissão, para encontrar a informação que busca.

Vê-se, pois, que a medioestrutura merece tanta atenção do lexicógrafo quanto a macro e a microestrutura, tendo em vista que esses problemas dificultam a depreensão de informações buscadas pelos usuários e até, por vezes, podem causar sua aversão às consultas. Assim, podem-se evitar os defeitos mencionados por Porto Dapena (2002) e Medina Guerra (2003) para que o dicionário seja de fato um conjunto de informações úteis, práticas e acessíveis: um produto útil com um verdadeiro propósito.

2.2.4 A microestrutura

A microestrutura de um dicionário é composta por um "[...] conjunto de informaciones – también dispuestas de acuerdo con un determinado patrón o patrones – que se ofrecem dentro del artículo lexicográfico" [54] (PORTO DAPENA, 2002, p. 135). Sendo assim, é, pois, composta por artigos lexicográficos, também chamados verbetes[55], que são a unidade mínima autônoma em que se organizam os repertórios lexicográficos.

O artigo lexicográfico "[...] está formado por el lema, que es la unidad léxica tratada, y por las informaciones que se proporcionan acerca de esa unidad" [56] (GARRIBA ESCRIBANO, 2003, p. 105). Contudo, haja vista a particularidade de cada projeto lexicográfico e também critérios anteriores tomados como norteadores para a composição da macroestrutura, como o tipo do dicionário, o usuário a que se destina, dentre outros, essas informações acerca do lema, da entrada – e aqui se toma o sentido estrito do termo já esclarecido por Porto Dapena (2002) – também respeitam tais parâmetros.

---

[54] "[...] Conjunto de informações – também dispostas de acordo com um determinado padrão ou padrões – que se oferecem dentro do artigo lexicográfico" (T.N.).

[55] Neste texto, utilizam-se artigo lexicográfico e verbete como equivalentes.

[56] "[...] Está formado pelo lema, que é a unidade léxica trata, e pelas informações que se proporcionam sobre essa unidade" (T.N.).

Por exemplo, um dicionário bilíngue vai tomar como estrutura básica de verbete o lema, a classe gramatical a que pertence e seu equivalente na língua alvo enquanto, em um dicionário de especialidade, há comumente a entrada seguida pela definição e, sempre que possível, exemplos, isso em se tratando especialmente dos dicionários semasiológicos, tipo a que pertence também o *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste.*

A partir desses dois exemplos, apresentados para ilustrar a diversidade de formas de organização e de composição dos artigos lexicográficos, inicia-se a discussão sobre os padrões para a formação dos verbetes, afinal, cada tipo de dicionário e mesmo obras lexicográficas que se incluem na mesma tipificação podem apresentar conteúdo diverso entre si, por vezes inclusive de certa forma distante dos padrões pré-estabelecidos quando da elaboração do projeto.

De maneira geral, o artigo lexicográfico é composto por enunciado, o lema, a entrada, mais a informação. Segundo Haensch (1982b, p. 462), o lema e a parte definitória ou corpo do artigo. Borba (2003, p. 311), por seu turno, explica que "[...] o mais simples verbete terá três níveis de informação: a classe da palavra a que pertence, a definição ou equivalência sinonímica e a abonação".

Entretanto, como apontado anteriormente, a parte enunciativa do artigo lexicográfico mostra-se mais simples e também mais uniforme que a informativa: é o ponto que parte do lema para o rema, a informação nova presente na parte informativa, que pode congregar diversos dados sobre a entrada, a depender, como já mencionado, do tipo do dicionário, de sua extensão, da finalidade e até do meio de divulgação.

Contudo, de modo a coibir uma miscelânea de informações disformes e destoantes nos artigos lexicográficos, há padrões e orientações lexicográficas para a organização e a composição dos verbetes, que devem ser seguidos com vistas a aprimorar a qualidade do fazer lexicográfico e também a facilitar a consulta às obras.

Destacam-se, nesse particular, três teóricos que tratam do tema para verificar os pontos de encontro e as particularidades de suas contribuições: o alemão Haensch, que o tratou em um dos capítulos da obra por ele co-organizada, *La lexicografía* (HAENSCH, 1982b), o galego Porto Dapena, que apresenta o conteúdo em seu *Manual de técnica lexicográfica* (2002) e Biderman, brasileira que versa sobre a composição dos verbetes em seu texto *O dicionário padrão da língua* (1984b):

Quadro 2: Estrutura do artigo lexicográfico[57]

<table>
<tr><th>Biderman (1984b)</th><th colspan="2">Haensch (1982b)</th><th colspan="2">Porto Dapena (2002)</th></tr>
<tr><td>Palavra-entrada (lema)</td><td colspan="2">Enunciado (lema)</td><td colspan="2">Enunciado (cabeceira, rubrica)</td></tr>
<tr><td>Categorização léxico-gramatical</td><td colspan="2">Informações gramaticais</td><td colspan="2">Categorização gramatical</td></tr>
<tr><td>-</td><td colspan="2">Indicação de variantes gráficas</td><td colspan="2">-</td></tr>
<tr><td>Pronúncia</td><td colspan="2">Pronúncia</td><td colspan="2">Pronúncia</td></tr>
<tr><td>-</td><td colspan="2">Etimologia</td><td colspan="2">Etimologia</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Paráfrase de significado(s)</td><td rowspan="4">Parte definitória</td><td>Avaliações e caracterizações</td><td rowspan="2">Significado (acepções)</td><td>Gerais e comuns</td></tr>
<tr><td>Definição</td><td>Especiais e particulares</td></tr>
<tr><td>Outras informações (sinônimos e antônimos, particularidades gramaticais ou fônicas, etc.)</td><td>Exemplos de uso</td><td colspan="2">Autoridades ou citações</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Remissivas [58]</td><td colspan="2">Expressões fixas</td></tr>
<tr><td colspan="2">Outras informações</td></tr>
</table>

Fonte: elaborado pela autora.

Verifica-se que Biderman (1984b), Haensch (1982b) e Porto Dapena (2002) concordam no que tange ao início da entrada, que deve ser o lema, o que justifica inclusive o sinônimo dado ao termo pelo lexicógrafo galego: cabeceira. Como já destacado, lema é a unidade léxica tratada pelo processo de lematização, que lhe exclui morfemas derivacionais e flexionais. Depois, seguem as informações gramaticais do lema, como classe de palavra a que pertence, gênero e número, se for o caso, o que Porto Dapena (2002) inclusive separa em categoria e subcategoria. Esses teóricos concordam que a pronúncia é elemento essencial em dicionários

[57] Alteramos a sequência dos elementos tratados nos textos dos autores de modo a clarificar a comparação entre as abordagens sem prejuízo de conteúdo.

[58] Reproduzimos a divisão da parte definitória proposta por Haensch (1982b), que incorpora as remissivas à microestrutura de modo a buscar a fidelidade ao conteúdo da obra pesquisada. Contudo, como já apresentado no tópico anterior, entendemos o sistema de remissivas também como uma das partes do dicionário, a medioestrutura, como já argumentado na seção a ele pertinente.

bilíngues, especialmente, que se ocupam, grosso modo, de uma norma estandardizada, além de dicionários escolares, em vista de seu público.

Em alguns casos, trata-se de um problema a ser considerado pelo dicionário e elucidado em sua megaestrutura. Isso porque, quando ocorre, por exemplo, de línguas que se realizam em amplos espaços geossocioculturais, as variações linguísticas são intrínsecas às realizações comunicativas, o que obrigaria o projeto lexicográfico, caso haja representação fônica de um lema, a elucidar a representação escolhida (correta/incorreta, standard/particular, etc.). No caso da variante brasileira do português, a título de exemplo, como representar fonicamente coração? A primeira sílaba com vogal fechada, como se realiza no eixo Rio-São Paulo, ou com a vogal aberta, típica do falar nordestino?

Nesse sentido, vê-se novamente a importância de delimitar as etapas e as definições do projeto lexicográfico desde sua gênese, revelando-as em sua megaestrutura e seguindo-as em sua microestrutura.

A etimologia, por seu turno, item tomado como parte do artigo lexicográfico por Haensch (1982b) e Porto Dapena (2002), é mais frequentemente presente e até obrigatório em dicionários do tipo diacrônico (etimológicos e históricos), haja vista tratarem a unidade léxica sob um viés histórico, demonstrando suas origens e mudanças no decurso de tempo. Todavia, trata-se também de uma informação bastante frequente em dicionários sincrônicos, mesmo que considerada desaconselhável por Garriba Escribano (2003), o que se deve a certa tradição que acompanha o fazer lexicográfico e também, e mais especialmente, àquele caráter ideológico que possui o dicionário de catálogo de palavras e que, por isso mesmo, "[...] consiste en un estúdio atomístico del léxico en la medida en que se considera aisladamente las palavras que le sirven de entradas" [59] (PORTO DAPENA, 2002, p. 182), o que lhe imputa também, indiretamente, certo dever de conter "todas" as informações que se busquem sobre o lema.

Porém, especialmente em terras brasileiras, os estudos etimológicos estão ainda incipientes, sobretudo se considerada a influência indígena na norma lexical brasileira e a carência de pesquisas nessa área, mas também pela falta de vasto material que sirva de consulta para as obras lexicográficas, o que pode, inclusive, ter

[59] "[...] Consiste em um estudo atomístico do léxico na medida em que considera separadamente as palavras que lhe servem de entradas" (T.N.).

motivado a ausência da etimologia entre os componentes de verbete no texto de Biderman (1984b).

Tratados esses primeiros elementos do artigo lexicográfico, na continuidade deste texto, focaliza-se a parte definitória do verbete, utilizando-se do termo proposto por Haensch (1982b), entendido aqui como o que mais bem definiu a questão, haja vista que sinônimos e até antônimos, exemplos, acepções gerais e particulares dos lemas são importantes, senão basilares, para a compreensão da unidade léxica em pauta, bem como auxiliam os consulentes no entendimento de sua definição, esta aqui utilizada em seu sentido lato neste momento, compondo assim toda uma parte do verbete.

2.2.4.1 A parte definitória do verbete

Como já discutido, Haensch (1982b) apresenta as avaliações e as caracterizações da palavra-entrada, a definição, os exemplos de uso e as remissivas como parte definitória do verbete. O sistema de remissivas já foi tratado anteriormente por ter sido considerado como elemento da medioestrutura. As avaliações e as caracterizações, por sua vez, podem ser entendidas como as marcas de uso, que se utilizam para assinalar as restrições de uso de uma determinada unidade léxica e podem ser de ordem:

i. Diacrônica: indicativa do momento de vigência da palavra na língua;
ii. Diatópica: assinalando as restrições geográficas no uso da palavra;
iii. Diafásica e diastrática: demonstrando restrições de uso quanto ao estilo, ao nível da língua, à intenção comunicativa, etc.;
iv. Diatécnica: indicando os tecnicismos, vocabulário específico de uma língua de especialidade e
v. Transição semântica: apresentando a marca de “figurado”, uma aproximação maior ou menor do sentido original de um lexema.

Os exemplos, por sua vez, têm como funções:

> Proveer de contorno sintáctico al vocablo en cuestión ofreciendo, ya sea explícita o implícitamente, información sobre sus colocaciones posibles; reintroducir el vocablo al uso del que fue abstraído, facilitando así el regreso de la mirada reflexiva a la actividad verbal de su lector; y servir de vehículo para la transmisión indirecta de datos culturales y sociales [60] (GARRIBA ESCRIBANO, 2003, p. 122).

É bastante comum encontrar em obras lexicográficas exemplos de uso extraídos de textos literários, o que de certa forma perde legitimação como abonação, uma vez que podem se referir a idioletos, a idiossincrasias do autor ou a outros momentos da língua que não mais reflitam o vocabulário atualizado. Além desses, podem ocorrer também exemplos criados pelo lexicógrafo, que visam a um maior didatismo frente aos reais, documentados, esses últimos mais indicados por serem tomados a partir de realizações concretas, mas que carecem ser extraídos de *corpora* representativos da língua em uso de modo a se referirem de fato à utilização da palavra.

Dentre os elementos da parte definitória, a definição é o item mais buscado pelo usuário em uma obra lexicográfica, o eixo central do verbete e, talvez por isso mesmo, tema de muitas discussões em Lexicografia, o que fomenta diversas posições teóricas, bem como uma vasta tipologia de definições e até certa dificuldade, por parte dos lexicógrafos, em redigi-la. Corroborando essa afirmação, Porto Dapena (2002, p. 266-267) afirma que:

> De todas las actividades del lexicógrafo la más dificil y a la vez más comprometida es sin duda la definición, la cual pese a ser el punto que siempre ha despertado mayor interés entre los estudiosos de la lexicografía teórica o metalexicografía, sigue constituyendo el principal escollo dentro de la redacción lexicográfica y, al mismo tiempo, el punto sobre el que se han venido centrando en buena medida las críticas dirigidas al diccionario monolingüe tradicional. [61]

Conforme Werner (1982b, p. 271), o objetivo da definição lexicográfica seria "[...] dar al usuario una instrucción que le permita interpretar correctamente signos

[60] "Prover de contorno sintático o vocábulo em questão oferecendo, seja explícita ou implicitamente, informação sobre suas possíveis colocações; reintroduzir o vocábulo ao uso de que foi extraído, facilitando assim o retorno do olhar reflexivo de seu leitor na atividade verbal e servir de veículo para a transmissão indireta de dados culturais e sociais" (T.N.).

[61] "De todas as atividades do lexicógrafo a mais difícil e cada vez mais comprometida é sem dúvida a definição, que apesar de ser o ponto que sempre despertou interesse entre os estudiosos da lexicografia teórica ou metalexicografia, continua a ser o principal obstáculo dentro da escrita lexicográfica e, ao mesmo tempo, o ponto que tem vindo a concentrar grande parte das críticas dirigidas ao dicionário monolíngue tradicional" (T.N.).

léxicos según su papel de emisor lingüístico, receptor lingüístico o traductor", [62] um papel deveras complicado a ser desempenhado apenas por ela. Nesse ponto reside um primeiro percalço na elaboração das definições por parte dos lexicógrafos: munir os consulentes de informações que os habilitem a utilizar as unidades léxicas com correção, tanto na compreensão como na tradução e na elaboração de textos. Sabe-se que diferentes são as habilidades requeridas para cada uma dessas funções, bem como diversos são os graus de conhecimento linguístico requeridos para essas atividades, já que é bem mais fácil a um falante entender o sentido de uma palavra do que utilizá-la com propriedade, como já afirmara Bosque (1982).

Nesse quesito, considera-se que toda a parte definitória do artigo proposta por Haensch (1982b) em conjunto, ou seja, a definição aliada às marcas e exemplos de uso, bem como ao sistema de remissivas, é que poderá melhor desempenhar esse papel. Assim, a definição seria responsável pela paráfrase do termo definido, e os outros segmentos da parte definitória se encarregariam do entendimento da unidade léxica em questão no que tange a situações contextuais de uso, contornos gramaticais, bem como a particularidades em sua utilização, dentre outros elementos que contribuem sobremaneira para seu conhecimento.

Quanto à definição, Porto Dapena (2002, p. 269) a considera "[...] todo tipo de equivalencia establecida entre la entrada y cualquier expresión explicativa de la misma en un diccionario monolingüe". [63] Já Rey-Debove (1971, p. 180) apresenta duas acepções para o item definição: "(1) l'action de définir ou opération définitionelle. (2) L'énoncé que est censé expliciter le contenu di mot et qui représente le second membre d'une prédication définitionelle totale dont le sujet est l'entrée". [64]

A lexicógrafa francesa ainda acrescenta dois elementos necessários para a definição: os **définissants**, elementos que formam o enunciado que vai definir a entrada, esta que ela chama também de **défini** (REY-DEBOVE, 1971, p. 180). Porto Dapena também se refere a esses dois elementos, a quem nomeia **definiens** e **definiendum**, respectivamente, a expressão explicativa comumente conhecida como definição e a entrada do artigo lexicográfico (PORTO DAPENA, 2002, p. 269).

---

[62] "[...] Dar ao usuário uma instrução que lhe permita interpretar corretamente signos léxicos segundo seu papel de emissor linguístico, receptor linguístico ou tradutor" (T.N.).

[63] "[...] Todo tipo de equivalência estabelecida entre a entrada e qualquer expressão explicativa da mesma em um dicionário monolíngue" (T.N.).

[64] "(1) A ação de definir ou operação definitória. (2) O enunciado que explica o conteúdo da palavra e que representa o segundo membro de uma afirmação definitória total cujo tema é a entrada" (T.N.).

A definição deve consistir basicamente em uma paráfrase para definir o item lexical que lhe corresponda “[...] mediante un sintagma cuyo contenido referencial es idéntico del semema que hay que definir” [65] (WERNER, 1982b, p. 275). Além disso, a expressão explicativa (**définissants** ou **definiens**) deve ser redigida na mesma língua do **definiendum** (ou **défini**), o que equivale a dizer que está representada por um texto metalinguístico, utilizando preferencialmente palavras simples e de fácil entendimento, além de buscar a clareza e a precisão.

No que diz respeito ao texto metalinguístico, Porto Dapena (2002) elucida que há dois discursos metalinguísticos distintos na definição lexicográfica, o que não significa que há duas metalínguas, mas duas formas de reproduzi-la, que seriam a **metalíngua de signo** e a **metalíngua de conteúdo**. A primeira seria o *enunciado lexicográfico*, que define ou atribui valor à unidade léxica, especialmente em casos em que uma paráfrase não é possível, como ocorre com preposições, conjunções e demais palavras gramaticais; já por **metalíngua de conteúdo** se compreende de fato o *enunciado definicional*, isto é, quando se apresenta uma noção de equivalência semântica entre **défini** e **définissants**, ou entre **definiendum** e **definiens**.

Medina Guerra (2003, p. 133) acrescenta que existem regras para redação da definição, quais sejam:

> 1. La unidad léxica no debe figurar en la definición;
> 2. La definición no debe traducir ninguna ideología;
> 3. La definición debe participar de las características de la lengua de su época y las palabras con que se codifique han de ser sencillas a la vez que claras y precisas. [66]

Dessa forma, haveria então uma maneira de discutir correção e incorreção quanto às definições lexicográficas. Todavia, apesar de se concordar com Medina Guerra (2003) quanto aos itens 1 e 3, sabe-se que alcançar a segunda regra é uma questão quase utópica, tendo em vista que a ideologia está presente em todos os discursos, inclusive no metalinguístico, que dá forma à definição.

Porto Dapena (2002), sobre o mesmo assunto, estabelece seis princípios, a que também designa requisitos ou condicionamentos, em que se devem

[65] “[...] Mediante um sistema cujo conteúdo referencial seja idêntico ao do semema que deve definir” (T.N.).

[66] “1. A unidade léxica não deve figurar na definição; 2. A definição não deve traduzir nenhuma ideologia; 3. A definição deve participar das características da língua de sua época e as palavras com que se codifique devem ser simples, claras e precisas” (T.N.).

fundamentar as definições lexicográficas, tanto referentes à forma quanto ao conteúdo do enunciado lexicográfico, "[...] uno de carácter general, que es el **de equivalencia**, junto a otros más particulares, representados por el **de conmutabilidad** o **sustitución**, el **de identidad categorial** o **funcional**, el **de análisis**, el **de transparencia** y, finalmente, el **de autosuficiencia**" [67] (PORTO DAPENA, 2002, p. 271).

Segundo o primeiro princípio, deverá haver uma equivalência total entre **definiendum** e **definiens**, tanto relacionada à extensão quanto à compreensão. Para Manuel Seco (2003, p. 31), "[...] una información sobre **todo** el contenido y **nada más** que el contenido de la palavra definida". [68]

Já de acordo com o princípio de comutatividade ou substituição, **definiendum** e **definiens** devem poder ser comutados em uma sentença sem prejuízo sintático ou semântico. Entretanto, esse princípio só é aplicável a enunciados definicionais, isto é, àqueles que utilizam a metalíngua de conteúdo, o que exclui as definições lexicográficas de palavras gramaticais, que se redigem a partir da metalíngua de signo. Como atender esse requisito considerando, por exemplo, a substituição de um termo, a preposição para, por seu enunciado lexicográfico: "relaciona por subordinação e expressa os sentidos de [...]" (HOUAISS, 2009)?

Assim como o princípio da comutatividade, também o da identidade categorial ou funcional só se aplica aos casos de definições em metalíngua de conteúdo, uma vez que, primeiramente, a categoria gramatical do **definiens** deve coincidir com a do **definiendum**, isto é, se a entrada for um substantivo, por exemplo, o enunciado definicional deve ser também um substantivo ou um sintagma nominal equivalente. Além disso, esse princípio apresenta a identidade categorial como similar à funcional, o que não se aplica a todos os casos, haja vista que nem sempre o definidor de mesma classe gramatical que o definido pode desempenhar as mesmas funções sintáticas deste.

Para o princípio de análise, "[...] una verdadera definición vendría a equipararse *grosso modo* con el 'análise componencial' de la semántica" [69] (PORTO

[67] "[...] Um de caráter geral, que é o de equivalência, junto a outros mais particulares, representados pelo de comutatividade ou substituição, o de identidade categorial ou funcional, o de análise, o de transparência e, finalmente, o de autossuficiência" (T.N.).
[68] "[...] Uma informação sobre todo o conteúdo e nada mais que o conteúdo da palavra definida" (T.N.).
[69] "[...] Uma verdadeira definição viria a equiparar-se grosso modo com a análise componencial da semântica" (T.N.).

DAPENA, 2002, p. 276), o que excluiria desse condicionamento, isto é, não tomaria como corretas, as definições sinonímicas.

O princípio de transparência, por sua vez, rege que a definição traga em seu enunciado apenas palavras simples e de uso comum, pertencentes ao léxico básico da língua de modo a promover o fácil entendimento do **definiendum** por parte do consulente. Nesse mesmo sentido, Biderman (1984b, p. 32) orienta que a paráfrase definitória deve ser "[...] redigida em linguagem simples, **escorreita** e ter sido formulada utilizando-se **palavras muito freqüentes na língua**, preferencialmente lexemas que façam parte do vocabulário básico" (grifos nossos). Para um dicionário monolíngue de caráter geral, esse é um requisito passível de cumprimento, ao contrário dos dicionários de especialidade. Além disso, mesmo para os dicionários gerais, não é possível garantir que o *definiens* seja totalmente compreendido por todos os usuários, a depender de seu vocabulário e de seus conhecimentos linguísticos gerais.

Finalmente, o último princípio proposto por Porto Dapena (2002) é o da autossuficiência, que determina que as palavras que formam o **definiens** devem constituir entradas no mesmo dicionário, possibilitando que, caso o consulente não compreenda algum item lexical nele expresso e por esse motivo não tenha sanada sua dúvida quanto ao **definiendum**, possa buscar esclarecimentos sobre os termos ainda desconhecidos na mesma obra, evitando assim as pistas perdidas.

Mas, mesmo que considerados esses princípios para a elaboração das definições lexicográficas, na prática, essa tarefa acaba por ser desempenhada de diferentes maneiras de acordo com as escolhas do lexicógrafo e também pela própria natureza da palavra-entrada. Assim sendo, é fundamental a consulta à teoria lexicográfica para uma correta elaboração de definição. Biderman (1984b, p. 34), em seu texto *O dicionário padrão da língua*, por exemplo, explica que "[...] quando o referente designado é um elemento concreto do mundo físico, ou do universo cultural, [...] o melhor procedimento é a descrição acompanhada de uma imagem do próprio referente". Já para um conceito abstrato, a lexicógrafa brasileira propõe a definição lógica, isto é, a constituída a partir da combinação entre gênero próximo + diferença específica. Esse tipo de definição é especialmente utilizado no caso de substantivos, verbos e adjetivos, estes que se valem ainda de orações adjetivas em seus verbetes.

No caso das palavras instrumentais (preposições, conjunções, artigos, alguns advérbios, etc.), Biderman (1984b) postula que a única forma de as definir é situá-las em seu contorno linguístico, mostrando situações comunicativas em que ocorrem.

Bosque (1982), em seu artigo *Sobre la teoria de la definición lexicográfica*, estabelece critérios fundamentais para a classificação das definições lexicográficas:

A) Pela natureza da metalinguagem

Serão próprias se redigidas a partir da metalinguagem de conteúdo, consideradas pelo autor como as verdadeiras definições, e impróprias as que utilizam a metalinguagem do signo. O autor ilustra esse primeiro critério com exemplos de definição imprópria que se iniciam com fórmulas que especificam metalinguisticamente condições de uso, mas não definem significados, além de "[...] las definiciones que se basan en la fórmula 'relativo o pertencente a'" [70] (BOSQUE, 1982, p. 106), bem como aquelas em que a definição se converte em exemplo de uso.

Dentre as definições próprias ou parafrásticas, destaca-se, segundo o autor, a **definição hiperonímica** (também conhecida como definição lógica, aristotélica ou inclusiva), que é o mais frequente de todos os tipos e se apresenta como gênero próximo + diferença específica, isto é, quando se utiliza um hiperônimo, categoria de maior extensão semântica, e depois um hipônimo. Para Bosque (1982, p. 107), inclusive, "[...] el hipotético diccionario que estuviera constituido unicamente por definiciones hiperonímicas sería probablemente el diccionario perfecto". [71]

Nessa categoria de definição hiperonímica, encontram-se as **definições metonímicas**, quando o *definiendum* é apresentado pelo *definiens* como parte de um todo, como na terceira acepção de *tíbia* no dicionário Houaiss (2009): "nos insetos, o quarto segmento da perna".

Como definição hiperonímica, o autor também apresenta o que ele chama de apêndices a ela, complementos, como a **definição serial**, quando o *definiens* se reporta a certo ponto de uma escala para esclarecer o *definiendum*, seja essa escala um ciclo (manhã-tarde-noite), uma cadeia (soldado-cabo-sargento) ou uma rede

[70] "[...] As definições que se baseiam-na fórmula 'relativo ou pertencente a'" (T.N.).
[71] "[...] O hipotético dicionário que estivesse constituído unicamente por definições hiperonímicas seria provavelmente o dicionário perfeito" (T.N.).

(avó-mãe-filha). Além dela, menciona também a **mesonímica,** quando se posiciona a unidade léxica num ponto intermediário entre outras duas, excluindo-as, como em:

*Morno: cuja temperatura varia **entre o frio e o quente**.*

Assim também está nessa categoria a **definição ostensiva**, em que se "[...] muestra directamente el referente mediante una alusión directa al objeto que posee la propiedad que o define o [...] mediante una representación icónica" [72] (BOSQUE, 1982, p. 111):

*Dourado: cor **do ouro**.*

Além da definição hiperonímica, há também a **sinonímica**, por meio da qual o *definiens* apresenta palavras equivalentes semanticamente ao *definiendum*. Deve-se atentar apenas para o fato de não existirem sinônimos perfeitos na língua, bem como o problema da circularidade acaba sendo mais presente nesse tipo de definição. Entretanto, o professor espanhol afirma que a crítica a esse tipo não se concentra na circularidade, mas em distinguir entre aquela que não é mais que a sequência lógica entre unidades semânticas e a que se produz quando o lexicógrafo não encontra uma paráfrase adequada para a entrada.

Ainda entre as definições próprias, Bosque (1982) inclui as **antonímicas**, distinguindo-as entre "[...] las definiciones que incluyem un componente negativo y las que establecen una oposición antonímica binaria" [73] (BOSQUE, 1982, p. 109). As primeiras negam certa propriedade do objeto, como em:

Cru: sem cozimento aparente.

Já as que estabelecem oposição antonímica binária podem ser ilustradas com o seguinte exemplo:

Ininteligente: não inteligente.

B) Pela natureza do definido e a informação proporcionada na definição

[72] "[...] Mostra diretamente o referente por meio de uma alusão direta ao objeto que possui a propriedade que o define ou [...] mediante uma representação icônica" (T.N.).
[73] "[...] As definições que incluem um elemento negativo e as que estabelecem uma oposição antonímica binária" (T.N.).

Nesse critério, Bosque (1982) apresenta duas importantes oposições no que diz respeito à tipologia da definição lexicográfica: **definições lexicográficas** e **enciclopédias** e **explicativas** e **construtivas**.

Parece simples a separação entre **definição lexicográfica** (define palavras) e **enciclopédica** (descreve objetos), que seriam matérias do dicionário e da enciclopédia, respectivamente, até porque a finalidade de uma obra lexicográfica é auxiliar o usuário a reconhecer e/ou identificar as unidades que a constituem. Porém, "[...] la realidad demuestra que la distinción entre definiciones lexicográficas y enciclopédicas es sumamente compleja y, en el caso de algunos sustantivos, prácticamente imposible" [74] (BOSQUE, 1982, p. 112). O autor inclusive compara a dificuldade nessa diferenciação com a árdua tarefa em apartar informações fonéticas de fonológicas mencionada por Weinrich (1975), além de defender que as definições enciclopédicas empregadas nos dicionários apenas resultam em benefício aos consulentes. Murakawa (2007, p. 242), sobre o tema, afirma que "[...] é, portanto, na definição enquanto eixo central do verbete, que vamos encontrar a língua e suas realizações, e a evolução científica, técnica e cultural" das civilizações.

Outra dicotomia que Bosque (1982) discute nesse critério para a classificação das definições são os tipos **explicativos** e **construtivos**, termos utilizados inicialmente por Alan Rey (1965). No caso das primeiras, elas delimitam conceitos ou refletem a essência de determinada categoria que o falante possa conhecer mesmo sem conseguir definir, como no exemplo:

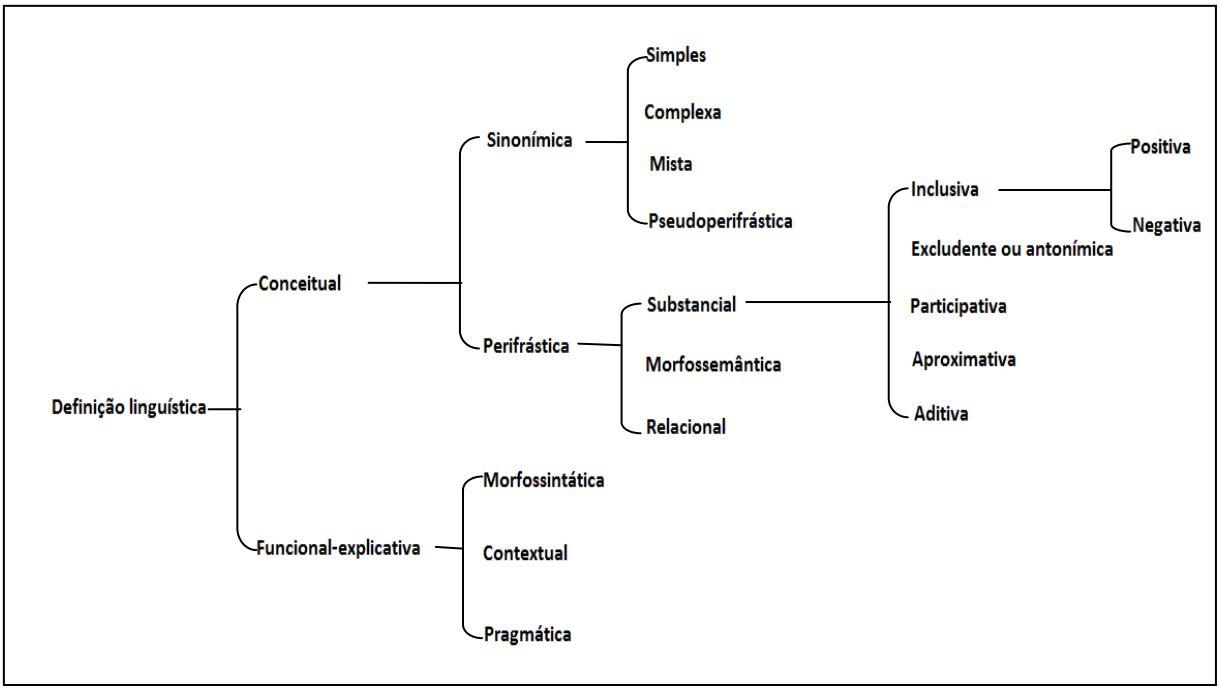
Correr: imprimir grande velocidade ao deslocamento do corpo pelo contato rápido dos pés ou das patas com o solo.

As **definições construtivas**, por sua vez, criam o termo e o conceito a partir de um significado complexo, como nos casos dos tecnicismos ou das unidades léxicas formadas por siglas, por exemplo.

Outra tipologia de definições lexicográficas bastante difundida no meio acadêmico é a proposta por Porto Dapena em seu *Manual de técnica lexicográfica* (2002). A figura a seguir sintetiza essa classificação:

[74] "[...] A realidade demonstra que a distinção entre definições lexicográficas e enciclopédicas é extremamente complexa e, no caso particular de alguns substantivos, praticamente impossível" (T.N.).

Figura 6: Tipologia de definições lexicográficas segundo Porto Dapena (2002)[75]



Fonte: elaborada pela autora a partir de Porto Dapena (2002).

Examinam-se aqui as propostas de Porto Dapena (2002) e de Bosque (1982) pela representatividade de ambos os autores no âmbito dos estudos em Lexicografia, que se coadunam em diversos pontos e, em alguns, o professor galego considera ainda outras não tratadas pelo estudioso espanhol.

A primeira grande classe das definições lexicográficas linguísticas postulada por Porto Dapena (2002) é composta pelas **definições conceituais** e **funcionais-explicativas** que, na terminologia de Bosque (1982), referem-se às **próprias** e **impróprias**, respectivamente. Dentre as **definições conceituais**, situam-se as **sinonímicas** e as **perifrásticas**, tratadas como **hiperonímicas** por Bosque (1982). Entre as sinonímicas, Porto Dapena (2002) acrescenta subtipos: a **simples**, que contém apenas um sinônimo; a **complexa**, que possui dois ou mais sinônimos em seu definiens; a **mista**, que mescla sinônimos com uma definição perifrástica e a **pseudoperifrástica**, que, apesar de ser composta por uma expressão pluriverbal, na verdade, contém apenas um elemento que diz respeito ao *definiendum*, seu

[75] Optamos por apresentar apenas a tipologia das definições linguísticas propostas por Porto Dapena (2002), excluindo da ilustração as definições enciclopédicas por serem aquelas mais relacionadas ao objeto deste trabalho, opção também realizada considerando questões práticas de espaço e de visibilidade no texto.

sinônimo, e os demais se referem ao contorno definicional. [76] O teórico apresenta alguns exemplos para ilustrar esse tipo de definição, como:

Conservar: manter algo.

Em que apenas manter se relaciona à entrada e o segundo elemento (algo) representa um contexto semântico-sintático em que o definido possui o respectivo significado, sendo, pois, de fato, uma definição sinonímica.

Dentre as **definições perifrásticas**, Porto Dapena (2002) inclui a **substancial**, expressa por um sintagma endocêntrico que pertença à mesma categoria gramatical do *definiendum* com complementos e que responda a pergunta: "o que é o definido?".

Como exemplo, cita-se:

Pernilongo: inseto hematófago de hábitos noturnos.

As definições substanciais, por seu turno, são divididas em cinco subtipos: as **inclusivas** (segmentadas por sua vez em **positivas**, as **hiperonímicas** de Bosque (1982), e as **negativas**, **mesonímicas** (BOSQUE, 1982)), as **excludentes** ou **antonímicas**, as **participativas** e **aproximativas**, tratadas por Bosque (1982) como **metonímicas** e **analógicas,** respectivamente, e as **aditivas**, importantes definições substanciais dada sua frequência, que consistem na soma de palavras coordenadas acompanhadas por determinantes, como em:

Conferir: tratar e examinar entre várias pessoas algum ponto ou negócio.

Outro tipo de **definição conceitual** é o **morfossemântico**, caracterizado como uma correspondência total ou parcial entre os componentes do definido e do definidor quando este é uma palavra composta ou derivada. Já o **relacional** estabelece relações entre o definido e outra palavra da língua, de modo a se expressar por um sintagma exocêntrico, sem núcleo como no caso das definições substanciais, mas com um transpositor que converta à categoria do definido o definidor composto por uma oração ou sintagma nominal.

[76] Segundo Porto Dapena (2002, p. 308), o contorno definicional diz respeito às "[...] circunstancias que rodean al discurso, esto es, al contexto entendido en su sentido más amplio".

Paralelamente às definições conceituais, Porto Dapena (2002) apresenta as **definições linguísticas funcionais-explicativas**, também conhecidas como **impróprias** (BOSQUE, 1982), como já mencionado, e as subdivide em morfossintáticas, contextuais e pragmáticas de acordo com os contornos situacionais que representam.

Vê-se então que muitos são os tipos de definição lexicográfica e que, mesmo assim, há e haverá casos em que um tipo específico não possibilite abarcar todos os traços léxico-semânticos de uma palavra, o que pode levar à hibridização de uma definição quanto à tipologia, além de ser uma escolha do projeto lexicográfico que tipo de definição mais bem lhe atenderá.

No caso do *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste*, a definição utilizada é a do tipo perifrástica (ou hiperonímica) para nomes (substantivos e adjetivos) e explicativa para os verbos.

Discutidas, pois, questões que envolvem um projeto lexicográfico, como as que tocam sua estrutura e conceitos da teoria lexicográfica, cabe uma reflexão sobre o papel de algumas disciplinas de que se valem os lexicógrafos para a elaboração de seus projetos. Isso porque, além dos conhecimentos acerca da própria teoria lexicográfica, como já afirmara Alvar (1980, p. 73), "[...] cada época científica exige nuevos métodos y no podemos continuar con una lexicografía que no ha saludado todavia los albores del siglo XX". [77]

Nesse sentido, a Lexicografia se vale também dos conhecimentos de outras áreas. Este trabalho, por exemplo, além dos estudos lexicográficos, ainda considera o aporte teórico da Dialetologia e da Geolinguística, haja vista a produção do *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste* ter como *corpus* dados geolinguísticos documentados pela equipe de pesquisadores do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) no Brasil Central, além de utilizar a Linguística de *Corpus* para se orientar quanto à organização de seus dados e a Linguística Computacional, que contribuiu para o tratamento de informações e para a elaboração do produto final desta Tese, interdisciplinaridade tratada no próximo capítulo.

[77] "[...] Cada época científica exige novos métodos e não podemos continuar com uma lexicografia que ainda não tenha recebido o alvorecer do século XX" (T.N.).

CAPÍTULO III – A LEXICOGRAFIA E ALGUMAS DE SUAS RELAÇÕES INTERDISCIPLINARES

A interdisciplinaridade da Lexicografia é uma característica que a enriquece sobremaneira, tendo em vista que a amplitude dos conhecimentos necessários para a descrição do léxico de uma língua exige do lexicógrafo conhecimentos acerca da "palavra" em diversos aspectos, como também já pontuado.

Considerando, pois, essa face inerente à disciplina, este Capítulo visa aprofundar discussões sobre a perspectiva interdisciplinar da Lexicografia, especialmente no que toca mais pontualmente os objetivos deste trabalho, como o principal deles, a produção de um vocabulário dialetal compilado a partir de um *corpus* composto por dados geolinguísticos, manipulados com o auxílio de sistemas computacionais e sistematizados com o apoio da Linguística de *Corpus*.

3.1 A Lexicografia, a Dialetologia e a Geolinguística

Haja vista a natureza dos dados aqui tratados sob o viés lexicográfico, é importante começar esta seção tratando da Dialetologia, o "[...] ramo dos estudos da ciência da linguagem que se ocupa da variação e da diversidade de usos" (CARDOSO, 2008, p. 16), uma vez que a base do VDCO é o *corpus* composto por dados geolinguísticos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Essa variação, bem como a diversidade de usos mencionada pela dialetóloga brasileira, é motivada por vários fatores, muitos deles extralinguísticos, como o espaço social e geográfico em que a língua se realiza. A espacialidade é um elemento fundamental nos estudos dialetais já que:

> [...] Evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso da história (CARDOSO, 2010, p. 15).

Os estudos dialetológicos sistemáticos, isto é, com uma metodologia delineada segundo princípios científicos, iniciaram-se apenas a partir do século XIX, apesar de o interesse do homem pela diversidade linguística ter sido despertado

desde muito antes, entendida inicialmente, inclusive, como uma punição divina. [78] Cardoso (2010, p. 28), citando o livro bíblico dos Juízes, destaca que o reconhecimento dos diversos falares servia para distinguir a origem das pessoas, como no caso de, naqueles tempos, a forma de pronunciar *chibólet* já identificava os efraimitas dentre os galaaditas:

> Galaad ocupou os vaus do Jordão, e cada vez que um fugitivo de Efraim queria passar, perguntavam-lhes: És tu efraimita? Ele respondia: Não. Pois bem, diziam eles então, dize: Chibólet, não podendo pronunciar **corretamente**. Prendiam-no logo e o degolavam junto dos vaus do Jordão (grifo nosso) (BÍBLIA SAGRADA, [*s.d.*] *apud* CARDOSO, 2010, p. 28).

Entretanto, como já mencionado, os estudos sistemáticos da Dialetologia começaram a surgir em meados do século XIX. Chambers e Trudgill (1994) citam o trabalho de Wenker (1876), que entrevistou por correspondência 50.000 professores alemães pedindo-lhes que escrevessem certas frases em dialetos locais. A partir de alguns problemas identificados na pesquisa do alemão, como a forma indireta com que coletou seus dados, métodos dialetológicos e geolinguísticos foram sendo apurados, dando bases para novas pesquisas com maior rigor metodológico, caráter científico que muito se enriqueceu com o fato de, nesse mesmo século (em 1881), a França, impulsionada pelos estudos dos *patois* e pelo particular interesse de Jules Gilliéron, ter inserido a Dialetologia no currículo regular da *École Pratique des Hautes Études*, de Paris (BRANDÃO, 1991, p. 08).

Já no nascer do século XX, resultado ainda do trabalho do século anterior, a França lançou seu *Atlas Linguistique de la France* (publicado entre 1902 e 1910), de Gilliéron e Edmond Edmont, este que realizava a coleta de dados e aquele que os recebia e compilava. Apesar das críticas recebidas por este trabalho, pautadas especialmente no fato de Edmont, responsável pelos inquéritos, não ser um linguista, "[...] a pesquisa desses dialetólogos é considerada um marco para a Dialetologia e fonte de investigação para estudos que os sucederam" (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 41).

---

[78] No livro bíblico do Gênesis, relata-se o caso da Torre de Babel, quando Jeová, o Deus hebraico, irritou-se com os descendentes de Noé que, após o dilúvio, tentaram construir uma torre para chegarem ao céu, tornarem-se famosos e não se dispersarem pela terra. A punição foi proferida: "[...] vamos descer e confundir a língua deles, para que um não entenda a língua do outro" (BÍBLIA SAGRADA, 1990, p. 22).

No Brasil, a Dialetologia teve como marco inicial o ano de 1826, quando Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, a pedido de Adrien Balbi, participou do *Atlas Etnographique du Globe,* contribuindo com um estudo de natureza dialetológica sobre o português do Brasil. De acordo com Balbi (1826, p. 172),

> [...] Le baron de Pedra Branca, ministe de S. M. l'empereur du Brésil à la court de France, à la complaisence duquel nous nous sommes adressé pour avoir des informations sur les diférences que le dialecte brésilien porrait présenter, comparé a la langue du Portugal. [79]

Já no século XX, *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, discutiu as modalidades locais e regionais do falar dos brasileiros de modo a conhecer "[...] com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros, quantos e quais os subdialetos, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio geográfico de cada um" (AMARAL, 1982, p. 03). Segundo Cardoso e Ferreira (1994), tais obras marcariam a primeira e a segunda fase da Dialetologia no Brasil, respectivamente.

As autoras propuseram a divisão da Dialetologia no Brasil em fases, de acordo com seus propósitos e produtos. Para elas, há também uma terceira fase, que se inicia a partir da publicação do Decreto Lei de número 30.643, de 20 de março de 1952, quando a "mentalidade dialetológica" foi sendo sedimentada no Brasil e tiveram início os trabalhos de natureza geolinguística, tanto os voltados para a elaboração de atlas regionais como de estudos de menores dimensões, como os atlas de pequenas regiões, dentre outros trabalhos (CARDOSO; FERREIRA, 1994, p. 37-51). Uma quarta fase, proposta por Mota e Cardoso (2006), reuniria os trabalhos de Dialetologia produzidos a partir de 1996, data do início do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, que agregam o viés da Geolinguística Pluridimensional à medida que estendem a motivação de suas pesquisas da puramente diatópica para considerar também outras variáveis, como sexo, escolaridade e idade, por exemplo.

A pluridimensionalidade, entretanto, já era latente nos estudos dialetológicos há mais tempo. Thun (1998a) esclareceu, por exemplo, que desde a monografia de Rousselot: *Les modifications phonétiques du langage étudiées dans le patois d'une famille de Cellefrouin (Charente)*, de 1891, o abade francês já se preocupara com a

[79] "[...] O Barão de Pedra Branca, ministro de S. M., o Imperador do Brasil para a corte da França, a quem pedimos a gentileza de coletar informações sobre as diferenças que o dialeto brasileiro poderia apresentar em comparação à língua de Portugal" (T.N.).

variação de idade e de sexo em seus estudos, além de ter documentado o aparecimento de "[...] d'un 'patois de peuple' et d'un 'patois des messieurs'' [80] (THUN, 1998a, p. 369).

Dessa forma, nota-se que, desde os primeiros trabalhos dialetológicos, já se vislumbrava dar tratamento a variáveis extralinguísticas para além das diatópicas e que também condicionavam a fala e se dinamizavam socialmente. Porém, apenas no século XX a Dialetologia Pluridimensional se consolida de fato, constituindo seu objeto próprio. Nas palavras de Coseriu (1981 *apud* THUN, 1998b, p. 722): "[...] la diatopía, diastratía y diafasía [81] [...] constituyen [...] el objeto propio de la dialectologia". [82] Thun, Forte e Elizaincín (1989, p. 28), entretanto, já alertavam anteriormente que também deveriam ser consideradas as variações advindas da sucessão de gerações e as pertinentes ao sexo dos falantes, unindo-as às três já citadas ou mesmo integrando-as à variação diastrática ou à diafásica.

Assim, como visto desde os trabalhos de Gilliéron, a Dialetologia se vale do método fornecido pela Geolinguística ou Geografia Linguística, que "[...] como la Dialectologia, estudia la variación de la lengua, pero la estudia en el espacio, e la refleja sobre mapas" [83] (GARCÍA MOUTON, 2009, p. 63). Porém, a Geolinguística contemporânea considera também outros fatores para a descrição da língua, como atestam Mota e Cardoso (2006, p. 22):

> [...] Na geolinguística pluridimensional contemporânea, soma-se ao parâmetro diatópico, prioritário em trabalhos dessa natureza, o interesse por outros tipos de variação, como a diagenérica [variação entre os gêneros/sexos masculino e feminino], a diastrática [variantes sociais], a diageracional [considerando-se a idade dos falantes], entre outras.

A Geografia Linguística é, pois, o método dialetológico para o mapeamento de dados coletados, uma vez que registra as informações por meio de cartas/mapas linguísticos que fornecem recursos práticos para a análise do fenômeno linguístico documentado. Seu objetivo é, assim,

---

[80] "[...] Um 'patois do povo' e um 'patois dos cavalheiros'" (T.N.).

[81] A variação **diatópica** está ligada a fatores geográficos, como a particularização da norma linguística em dada área dialetal, que não necessariamente respeita as fronteiras administrativas entre estados, regiões ou mesmo países. A variação **diastrática,** também chamada variação **social**, insere-se no campo dos grupos sociais, como as gírias e os tecnoletos. A variação **diafásica**, por sua vez, diz respeito aos fatores pragmáticos e discursivos ativados durante a interação linguística, sendo um exemplo seu o idioleto.

[82] "[...] A diatopia, diastratria e diafasia [...] constituem [...] o objeto próprio da dialetologia" (T.N.).

[83] "[...] Como a Dialetologia, estuda a variação da língua, mas a estuda no espaço e a reflete sobre mapas" (TN).

> [...] O registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou que, pelo menos tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados (COSERIU, 1982, p. 79).

Considerando-se, pois, a Dialetologia e a Geolinguística, vê-se a importância de ambos os ramos linguísticos para o fazer lexicográfico, uma vez que favorecem o estudo dos dialetos em uso em dadas localidades e, consequentemente, o registro do léxico dialetal (ou de marcas diatópicas de determinadas unidades lexicais) em dicionários. E a Dialetologia e a Geolinguística contribuem sobremaneira para o avanço da Lexicografia moderna no que diz respeito, dentre outras, à fiabilidade de suas produções em relação à norma que documentam. Segundo Machado Filho: "[...] vê-se, [...] na atitude de maior aproveitamento da base de dados dos projetos de elaboração de atlas linguísticos, uma oportunidade transdisciplinar de bom termo, nomeadamente para o avanço da lexicografia moderna" (MACHADO FILHO, 2010, p. 51).

Este trabalho, por exemplo, parte dos dados do projeto que já lançou seus primeiros volumes, o *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO et al, 2014a; 2014b), importante produção geolinguística que, segundo Romano (2013), pode inclusive nortear uma divisão da Geolinguística brasileira em fases.

Para o pesquisador, que toma a Geolinguística não como método da Dialetologia, mas como campo de investigação:

> O primeiro momento tem como marco inicial a publicação do primeiro atlas linguístico estadual, o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (ROSSI et al., 1963) e se estende até 1996 - ano em que o projeto ALiB deu início às suas atividades com o esforço de dialetólogos de todo o país. Os atlas linguísticos desenvolvidos ou projetados neste período de 33 anos seguem pressupostos metodológicos anteriores aos do ALiB, portanto, divergem quanto à metodologia (ROMANO, 2013, p. 207).

Romano (2013) argumenta que a partir de 1996 os trabalhos geolinguísticos desenvolvidos no Brasil passam a ser fortemente influenciados pelo ALiB, além da crescente produção de atlas linguísticos de pequeno domínio fomentada a partir do incentivo e da orientação dos diretores científicos do projeto.

Haja vista, pois, a importância dos atlas linguísticos, compreendidos como fontes para estudos aprofundados da língua em uso, como já pontuara Alvar (1958, *apud* CARDOSO; FERREIRA, 1994, p. 20):

> O grande interesse do atlas está na grande massa de materiais que oferece agrupados; penso sobretudo nas múltiplas surpresas que oferece. [...] As descobertas feitas por um atlas são como brechas numa muralha: através das fendas será possível penetrar no ignorado [...].

No que tange a este estudo, essas surpresas descortinadas pelos atlas por meio de seus dados importam, especialmente, as referentes ao nível do léxico, uma vez que este pode mostrar realidades linguísticas distintas que se particularizam frente às especificidades de cada comunidade linguística e também por ser o léxico o objeto de investigação desta pesquisa.

Frente ao exposto, isto é, a importância dos estudos dialetais para a Lexicografia, a seguir, é apresentado um histórico da Lexicografia Dialetal, confluência entre tais disciplinas linguísticas, alguns de seus produtos e perspectivas.

3.1.1 A Lexicografia Regional ou Lexicografia Dialetal

Retomam-se as palavras de Ahumada Lara (2000) já mencionadas na Introdução deste trabalho para início deste tópico que versa sobre a Lexicografia Dialetal, o "[...] ramo da lexicografia que se ocupa da redação de dicionários diferenciais da variedade diatópica de uma língua, isto é, da formalização lexicográfica das variedades especiais de uma língua em seu sentido mais amplo" (AHUMADA, 2000, p. 14).

Nas fontes bibliográficas consultadas sobre o tema, nota-se o uso de duas designações: Lexicografia Regional e Lexicografia Dialetal. Ambas remetem, para nomear o tipo de obra em pauta, aos conceitos de léxico regional e dialetal, respectivamente.

Para Isquerdo (2012, p. 116), o **léxico dialetal** é formado pelas "[...] variantes lexicais que identificam áreas demarcadas geolinguisticamente [e] que evidenciam de forma bastante particular o vocabulário de uma comunidade de falantes". A mesma autora argumenta que o **léxico regional**, por seu turno, pode ser "[...]

entendido genericamente como a norma lexical veiculada por habitantes circunscritos a áreas geográficas de diferentes dimensões" (ISQUERDO, 2012, p. 116).

Em outras palavras, o léxico regional contempla a norma lexical mais geral, talvez até de maneira inespecífica, considerando as diferentes normas linguísticas ativas no falar de comunidades que habitam diversas áreas geográficas, tanto países distintos (como na oposição entre o português europeu e o do Brasil), como regiões diferentes no mesmo país (que se podem ilustrar pelas particularidades entre a norma do eixo Rio-São Paulo e a dos falantes do Norte/Nordeste do Brasil), ou ainda áreas menores, como falares distintos dos campo-grandenses e dos corumbaenses, por exemplo (moradores de Campo Grande – a capital do Estado – e de Corumbá, ambas cidades de Mato Grosso do Sul).

Já o léxico dialetal relaciona-se diretamente com as pesquisas dialetológicas e geolinguísticas, já tratadas no item anterior deste Capítulo, que revelam áreas dialetais demarcadas, estas que nem sempre (ou quase nunca) coincidem com os limites político-geográficos das regiões consideradas, revelando-se como termo mais científico que a primeira designação. Assim, prefere-se utilizar neste texto Lexicografia Dialetal, bem como o *Vocabulário* aqui é concebido como dialetal e não regional, mormente porque os dados que compõem seu *corpus* são dialetais.

Retomando, pois, a Lexicografia Dialetal, o interesse dos trabalhos lexicográficos pelo registro das variedades linguísticas é anterior ao desenvolvimento da Lexicografia e mesmo da Dialetologia como disciplinas da Linguística. Ao longo deste trabalho, procurou-se demonstrar que a Lexicografia foi se desenvolvendo através dos séculos a partir, inicialmente, de trabalhos paralexicográficos para depois construir um caminho teórico e metodológico que norteasse seus estudos e o desenvolvimento de obras dicionarísticas.

Também a Lexicografia Dialetal seguiu esse caminho. Segundo Ahumada Lara (2007, p. 104), "[...] la lexicografía regional nace como glosografía, esto es, al amparo de las obras literarias o de carácter histórico y geográfico sobre el descobrimiento, la conquista y la colonización". [84]

Como um primeiro registro de variação regional da língua espanhola, por exemplo, ilustrando as palavras de Ahumada Lara, Camacho Niño (2010, p. 64)

[84] "[...] A lexicografia regional nasce como glossografia, isto é, ao amparo das obras literárias ou de caráter histórico e geográfico sobre o descobrimento, a conquista e a colonização" (T.N.).

menciona “[...] la temprana inclusión de la voz *canoa* en el *Vocabulario de romance en latín* (¿1495?) de Antonio de Nebrija”, [85] palavra que, segundo Alvar Ezquerra (1992, p. 200), seria conhecida pela Península Ibérica apenas após o retorno de Cristóvão Colombo de sua primeira viagem como descobridor em 1493. Para Alvar Ezquerra (1992, p. 200), a importância dessa obra de Nebrija para a Lexicografia firma-se pelo fato de que:

> [...] El *Vocabulario* no es una simple transposición de las palabras del primero [*Diccionario latino-español*] como afirmaron algunos de sus coetáneos y como todavía hoy se repite de cuando en cuando, sino que es resultado de un serio y minucioso quehacer. [86]

Ainda segundo o autor, os conhecimentos de Nebrija sobre a tradição medieval, a Gramática e a Lexicografia da época aliados à acuidade teórica de suas obras levaram o professor a se tornar uma referência naquele período histórico.

Já no século XVII, o *Tesoro de la lengua castellana o española* (de Sebastián de Covarrubias, 1611) constituiu um marco na história da língua e da cultura espanhola por ser o primeiro dicionário monolíngue do castelhano e também o primeiro desse tipo publicado na Europa para uma língua vulgar (REAL ACADEMIA ESPANHOLA, 2016). Partindo dos modelos de Nebrija e Covarrubias, a Academia Espanhola, em seu *Diccionario de autoridades (*1726-1739*)*, obra também conhecida na atualidade como Dicionário da Real Academia Espanhola (D.R.A.E), “[...] trataría las voces dialectales que se usasen con frecuencia en España” [87] (CAMACHO NIÑO, 2010, p. 64).

Mas foi apenas durante o século XIX que os repertórios lexicais de caráter regional, aliados ao notório desenvolvimento da Lexicografia, tornam-se independentes de outras obras de modo pleno. Em 1836 Esteban Pichardo publicou o *Diccionario de voces cubanas*, cuja importância dá-se como fonte lexicográfica e também como um documento da Cuba do século XIX. De acordo com Ahumada Lara (2007), a parte da Lexicografia que começa a nascer em meados desse século apresenta três características que a identificam:

---

[85] “[...] A precoce inclusão da voz canoa no *Vocabulario de romance en latín* (1495?) de Antonio de Nebrija” (T.N.).

[86] “[...] O *Vocabulario* não é uma simples transposição das palavras do primeiro [*Diccionario latino-español*], como afirmaram alguns de seus contemporâneos e ainda hoje se repete algumas vezes, mas é o resultado de uma tarefa séria e minuciosa” (T.N.).

[87] “[...] Trataria as vozes dialetais que se usassem com frequência na Espanha” (T.N.).

> (a) La actitud reivindicativa frente a la Real Academia Española para que las voces regionales tengan una mayor presencia en lo que ellos entienden es el diccionario de todos [DRAE] [...];
> (b) El interés por la documentación escrita, ya sea testimonio literario o de cualquiera outro tenor, de cuantas voces regionales se incluyeran en el repertorio [...];
> (c) El carácter normativista que preside la inclusión de un número importante de vulgarismos [88] (AHUMADA LARA, 2007, p. 104).

Isso porque, considerando os diversos trabalhos desenvolvidos sobre a variação linguística documentada a partir de diferentes espaços geográficos das línguas faladas, chegou-se a um maior conhecimento sobre a questão dos americanismos – palavras e expressões advindas do espanhol da América, algumas já incorporadas ao vocabulário peninsular, e passou a ser cobrado da Academia um registro desse recorte lexical em sua obra lexicográfica, o que, de certa forma, imprimiu-lhes um caráter normativo, um reconhecimento oficial de sua presença e mesmo uma autorização para seu uso, dado o prestígio do D.R.A.E.

Ainda no século XIX, muitas outras obras sobre léxico regional foram produzidas, como citam Ahumada Lara (2007), Camacho Niño (2010) e Alvar Ezquerra (1996-1997), já com o auxílio dos estudos dialetais que se desenvolveram notadamente nesse mesmo período.

No Brasil, o léxico dialetal também é tema de diversas obras, sejam elas livros, monografias, dissertações e teses, que também produzem, não raras vezes, atlas linguísticos. Isquerdo (2017, no prelo) apresenta em seu texto, *Lexicografia dialectal del portugués de Brasil*, um quadro em que demonstra diversas produções de cunho dialetal desenvolvidas no Brasil desde o século XIX até a atualidade. Além dessas obras, pode-se citar o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, que, desde o final do século XX, vem fornecendo a pesquisadores material geolinguístico que pode ser explorado sob vários vieses de acordo com a pesquisa a ser desenvolvida. Integrantes desse projeto também contribuem sobremaneira para o conhecimento das normas particulares em uso no Brasil, bem como seus resultados têm servido como *corpus* para o projeto *Dicionário Dialetal Brasileiro*.

[88] "(a) A atitude reivindicativa frente à Real Academia Espanhola para que as vozes regionais tenham uma maior presença no que eles entendem ser o dicionário de todos; (b) O interesse pela documentação escrita, seja como testemunho literário ou de qualquer outro teor, de quantas vozes regionais se incluírem no repertório; (c) O caráter normativista que preside a inclusão de um número importante de vulgarismos" (T.N.).

No que tange à realidade brasileira, o léxico dialetal, além de tema de diversas pesquisas, fomenta discussões teóricas que visam compreender o que de fato é regional e o que é geral no Português do Brasil. Biderman participa desses debates e orienta que alguns pontos devem ser levados em conta para o enfrentamento da questão: “a) qual o ponto de referência para definir um termo como regional? b) se o vocábulo é regional relativamente a um dialeto padrão, qual é esse dialeto padrão, de qual região?” (BIDERMAN, 2001a, p. 135), demonstrando que muito há que se caminhar para que se encontre uma definição unívoca para o termo. Além disso, os estudos sobre o léxico no Brasil cunharam dois termos para identificar a norma lexical regional que também carecem dessas indagações: brasileirismos e regionalismos.

No âmbito das discussões acerca do conceito de brasileirismo, destaca-se a tese de doutoramento de Oliveira, que definiu o termo como “[...] todo fato lingüístico, de caráter geral ou regional, que caracterize o português em uso no Brasil, em contraste com o usado na Europa” (OLIVEIRA, 1999, p. 95). Dessa forma, pode-se estabelecer uma relação hierárquica entre os termos, de modo que o brasileirismo seja entendido como um hiperônimo, relacionado à norma regional, e o regionalismo um hipônimo, que pode ser então entendido como um termo que designa a variação linguística circunscrita a áreas dialetais no âmbito do espaço brasileiro.

Ademais, além da necessidade de compreensão do significado de ambos os designativos, brasileirismo e regionalismo, é preciso também entender como eles se realizam na norma lexical, esta que é objeto de estudos dialetais e geolinguísticos, notadamente os atlas linguísticos, produzidos nos diferentes continentes e que registram a variedade viva de um idioma, muitas vezes ausente nos dicionários gerais da língua. Estes, a partir dessa postura, carecem, na maior parte das vezes, especialmente considerando-se a realidade brasileira, de fontes atualizadas e/ou de *corpora* de estudos científicos que lhes deem embasamento acerca da variação linguística.

Segundo Sousa Fernández (2010, p. 241),

> Entre las disciplinas lingüísticas que más provecho han sacado de los atlas lingüísticos figura la lexicografía. Los materiales que ofrecem los atlas se convierten a menudo en una valiosa fuente de información para diccionarios generales, diccionarios dialectales y diccionarios etimológicos. [89]

Isso porque os atlas possibilitam à Lexicografia desfazer-se das amarras que lhe eram impostas pela exclusividade de fontes anteriores à cartografia geolinguística, que se restringiam a documentos, por vezes antigos, ou que não revelassem, de fato, a língua em uso. E sobretudo a Lexicografia Dialetal ganhou impulso com o uso dos atlas como *corpus*, haja vista que pode se firmar em dados coletados segundo parâmetros metodológicos que garantem a documentação do uso da língua em diferentes contextos geográficos, podendo descrever com mais propriedade as variedades linguísticas vivas em determinado território.

Assim sendo, os atlas linguísticos proporcionam à Lexicografia e a todos os seus consulentes informações vivas e comparáveis a respeito do uso de uma língua em um espaço geográfico. Considerando de suma importância confirmar a relevância dos atlas linguísticos para o rigor lexicográfico no tratamento das variedades linguísticas, especialmente no tocante a dados lexicais, vale-se desta extensa, mas profundamente esclarecedora afirmação de García Mouton (2010, p. 272-273) acerca do conteúdo dos altas linguísticos:

> — Evidencia que una palabra existe, lo cual no es poco. También son muy interessantes los datos negativos.
> — Localiza una palabra en el espacio, lo que permite estudiar su área de uso, sacar conclusiones sobre si está en regresión o en expansión y delimitar geosinónimos, aspecto que el DRAE muchas veces no resuelve.
> — Presenta las variantes de una misma palabra, porque para los dialectólogos todas las formas tienen la misma categoría, todas son dignas de recogerse y de transcribirse. La gran riqueza de los atlas es que recogen lo oral.
> — Cartografía las palabras en una red de relaciones semánticas, y eso permite identificar deslizamientos semánticos, que explican cambios léxicos, o verdadeiras transferencias de significado. Las familias léxicas viven en los mapas; no suelen hacerlo en los diccionarios.
> — Documenta la convivencia real de unas palabras con otras, por ejemplo, em áreas de contacto lingüístico, de transición entre una área léxica y otra o em procesos de sustitución de una palabra por otra nueva.

[89] "Entre as disciplinas linguísticas que mais proveito tem tirado dos atlas linguísticos figura a lexicografia. Os materiais que oferecem os atlas se convertem amiúde em uma valiosa fonte de informações para dicionários gerais, dicionários dialetais e dicionários etimológicos" (T.N.).

> — Señala, con una serie de marcas, el grado de vitalidad o de envejecimiento de las palabras y, en ocasiones, también cuáles prefieren y cuáles rechazan los informantes. Muchas veces estas actitudes dejan ver la influencia de la norma general sobre la local e indican el sentido del cambio.
> — Y, a través de sus notas, aportan apoyo metalingüístico o etnolingüístico a partir de las respuestas de los propios hablantes. [90]

Também a Dialetologia tende a evoluir com o desenvolvimento da Lexicografia Dialetal, uma vez que, havendo documentação da variação léxica de um território determinado, os estudos dialetológicos poderão confrontar seus resultados aos já existentes, acrescentando, refutando ou confirmando registros anteriores do léxico em uso, fontes ainda praticamente ausentes nos dicionários gerais de língua portuguesa, por exemplo. Cardoso ratifica essa afirmação ao mencionar que:

> [...] O vasto manancial de informações, de novas palavras, de novos usos que a Geolinguística permite identificar ainda não foi explorado, de forma condizente com o que oferecem essas fontes, pelos que constroem os dicionários da nossa língua portuguesa (CARDOSO, 2011, p. 315).

Além disso, os falantes em geral podem ser beneficiados com o desenvolvimento da Lexicografia de cunho dialetal, bem como os trabalhos dialetológicos podem ser mais divulgados, haja vista que "[...] el diccionario es una obra técnica dirigida a un público no técnico y el Atlas, ventaja suya, sobre ser una obra técnica va dirigida a otros técnicos" [91] (ALVAR, 1980, p. 70). Assim também poderão ser disponibilizados de forma mais acessível os estudos diatópicos, tendo

---

[90] "- Evidencia que uma palavra existe, o que não é pouco. Também são muito interessantes os dados negativos.
- Localize uma palavra no espaço, o que permite estudar sua área de uso, tirar conclusões sobre estar diminuindo ou expandindo e delimitar geosinônimos, aspecto que o DRAE muitas vezes não resolve. - Apresenta as variantes de uma mesma palavra, porque para os dialetólogos todas as formas têm a mesma categoria, todas são dignas de se recolher e transcrever. A grande riqueza do atlas é que recolhem o oral.
- Mapeia as palavras em uma rede de relações semânticas, e isso permite identificar deslizamentos semânticos que explicam mudanças lexicais ou verdadeiras transferências de significado. As famílias lexicais vivem nos mapas; normalmente não o são nos dicionários.
- Documenta a convivência real de umas palavras com outras, por exemplo, em áreas de contato linguístico, de transição entre uma área lexical e outra ou em processos de substituição de uma palavra por outra nova.
- Assinala, com uma série de marcas, o grau de vitalidade ou de envelhecimento das palavras e, às vezes, também quais preferem e quais rejeitam os informantes. Muitas vezes, essas atitudes revelam a influência da norma geral sobre a local e indicam o sentido da mudança.
- E, por meio de suas notas, fornecem apoio metalinguístico ou etnolinguístico a partir das respostas dos próprios falantes" (T.N.).

[91] "[...] O dicionário é uma obra técnica dirigida a um público não técnico e o atlas, vantagem sua, sendo uma obra técnica é dirigida a outros técnicos" (T.N.).

em vista, assim como afirmou Alvar (1980), também a maleabilidade mesmo no manuseio de um dicionário, diferentemente dos atlas.

A par da Geolinguística e da Dialetologia, também o desenvolvimento da Metalexicografia contribuiu para a consolidação da Lexicografia Dialetal no sentido de esta deixar de ser um mero complemento dos estudos sobre os dicionários de língua, como o mote de seu nascimento, passando a possuir, inclusive, duas variantes de trabalho: "(1) el analisis de las voces con marca diatópica en los diccionarios generales de la lengua y (2) las obras lexicográficas que recogen el léxico común, el diferencial o ambos de una zona geográfica concreta" [92] (CAMACHO NIÑO, 2010, p. 63). Dessa forma, também a Lexicografia Dialetal teve ampliado seu escopo de estudo para além da redação de dicionários dialetais, como pontuara Ahumada Lara (2000) no início deste tópico, passando a tratar da análise das marcas diatópicas de unidades léxicas em dicionários gerais, como acrescentou Camacho Niño (2010).

A partir dessa primeira frente de estudos, desenvolvem-se trabalhos analíticos sobre marcas diatópicas de unidades léxicas em dicionários gerais, posto que:

> [...] Embora essa tipologia de dicionários priorize a modalidade escrita da língua, a norma eleita como padrão, também pode contemplar realizações próprias da língua oral, de uso coloquial, urbanas e rurais, sobretudo, as representativas das normas regionais (ISQUERDO, 2007, p. 199).

Entretanto, é necessário fundamentar-se em *corpora* de pesquisas para que de fato as normas regionais representadas pelas marcas de uso dos dicionários gerais de língua coadunem com a realidade que tais obras buscam retratar. Assim sendo, vê-se a urgente necessidade de maior interação entre estudos geolinguísticos e obras lexicográficas, considerando-se a restrita consulta àqueles para o registro de marcas diatópicas nos dicionários, como se pode verificar em obras lexicográficas de cunho geral. Confirma essa realidade a afirmação de Salvador (1980, p. 57): "[...] la lexicografía de una lengua de gran extensión tiene

[92] "(1) A análise das vozes com marca diatópica nos dicionários gerais da língua e (2) as obras lexicográficas que refletem o léxico comum, o diferencial ou ambos de uma área geográfica específica" (T.N.).

que plantearse como un ideal el de establecer la delimitación geográfica de los usos y que para alcanzar ese ideal es inexcusable una geografía lingüística previa". [93]

Além disso, as marcas diatópicas em unidades lexicais de um idioma em dicionários, sejam elas relacionadas a diferentes acepções ou mesmo a diversas variantes léxicas para nomear o mesmo conceito, perpetuam sua existência e promovem o (re)conhecimento da variação linguística. Sobre o tema e considerando o cenário italiano, Barbato e Varvaro apregoam que "[...] the more a dialect loses ground to Italian, until it is reduced to a second language, the more the dictionary becomes a necessary instrument, to learn it or at last to keep it alive" [94] (BARBATO; VARVARO, 2004, p. 431).

Contudo, se aos dicionários gerais das línguas tem faltado consulta a obras dialetais e geolinguísticas, a produção de dicionários dialetais e de materiais lexicográficos com base em *corpora* geolinguísticos tem evoluído consideravelmente ao redor do mundo. Arnal Purroy (2002-2004), por exemplo, em seu texto *Proyecto para el Diccionario diferencial del español de Aragón*, revela, como fontes para a obra que está sendo desenvolvida, o Atlas Linguístico e Etnográfico de Aragon, além de "[...] diccionarios aragoneses ya existentes y en todas aquellas monografías dialectales y trabajos especializados que proporcionan datos valiosos para el conocimiento del léxico regional" [95] (ARNAL PURROY, 2002-2004, p. 1058-1059).

Ainda na Europa está em desenvolvimento um dicionário dialetal com dados da Galícia que foram coletados para o *Atlas Linguístico da Península Ibérica.* De acordo com Sousa Fernández (2010, p. 243), "[...] la obra pretende ser un repertorio léxico de las variedades dialectales habladas en la Galicia rural a principios del siglo XX". [96] Além dele, um projeto pan-nacional tem se desenvolvido na Europa, sediado na Universidade de Santiago de Compostela (Espanha), o *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*, com comitês galego, português e brasileiro:

---

[93] "[...] A lexicografia de uma língua de grande extensão deve se apresentar como um ideal de estabelecer a delimitação geográfica dos usos e, para alcançar esse ideal, é indispensável uma geografia linguística prévia" (T.N.).

[94] "[...] Quanto mais um dialeto perde terreno para o italiano, até que seja reduzido a uma segunda língua, mais o dicionário se torna em um instrumento necessário, para se aprendê-lo ou, ao menos, para conservá-lo vivo" (T.N.).

[95] "[...] Dicionários aragoneses já existentes e em todas aquelas monografias dialetais e trabalhos especializados que proporcionam dados valiosos para o conhecimento do léxico regional" (T.N.).

[96] "[...] A obra pretende ser um repertório léxico das variedades dialetais faladas na Galícia rural em princípios do século XX" (T.N.).

> O resultado deste proxecto é un banco de datos, de acceso libre desde febreiro de 2014 a través do portal web do Instituto da Lingua Galega no que se rexistran e integran materiais lexicográficos con referenciación xeográfica relativos ao dominio galego, portugués europeo e portugués brasileiro. Os datos son extraídos de obras moi heteroxéneas: corpora obtidos en traballos de campo, materiais dispersos en obras dialectais, vocabularios de falas, atlas, etc., moitas delas inéditas e de moi difícil acceso, polo que o utro dos obxectivos do Tesouro, ademais do de preservar numeroso léxico dialectal, é o de poñer todos estes materiais a disposición da comunidade científica e do público xeral [97] (ROMERO, 2015, p. 79).

Já sobre a realidade brasileira acerca da segunda vertente de estudos da Lexicografia Dialetal (CAMACHO NIÑO, 2010), pode-se dizer que a produção de obras lexicográficas que tratem o léxico comum ou apenas o diferencial em zonas geográficas tem também começado a dar frutos. Inicialmente, como registrado na Introdução desta Tese, produziram-se diversas obras de cunho mais documental que científico, sendo elaboradas por jornalistas, escritores ou outros profissionais encantados com a variedade linguística de uma determinada região, mas que não fundamentavam as bases de suas produções na Lexicografia, quiçá na Lexicografia Dialetal.

Todavia, já há registros de obras lexicográficas que tratam o léxico regional com o rigor científico que exige o fazer dicionarístico. No início do século XXI, ainda no ano de 2000, por exemplo, Cardoso e Ferreira publicaram *O léxico rural: glossário e comentários*, cujo *corpus* advinha do Atlas Prévio dos Falares Baianos – AFPB (1963) e do Atlas Linguístico do Sergipe (1987). Além dele, O *dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha – Minas Gerais,* de Antunes (2013), congrega textos escritos e orais frutos de vinte anos de coleta de dados realizada pela autora (de 1980 a 2000), sejam eles narrativas fantásticas e de encantamento, falas gravadas a partir de entrevistas ou diálogos que antecederam ou sucederam a gravação das histórias, exemplos registrados por profissionais do projeto em conversas espontâneas ou provenientes de trabalhos escritos acadêmicos que utilizaram também dados orais.

[97] "O resultado desse projeto é um banco de dados, de acesso livre desde fevereiro de 2014 através do portal web do Instituto de Língua Galega em que se registram e integram materiais lexicográficos com referenciação geográfica relativos ao domínio galego, português europeu e português brasileiro. Os dados são extraídos de obras muito heterogêneas: *corpora* obtidos em trabalhos de campo, materiais dispersos em obras dialetais, vocabulários de falas, atlas, etc., muitas delas inéditas e de muito difícil acesso, posto que outro dos objetivos do Tesouro, além de preservar numeroso léxico dialetal, é de por todos esses materiais à disposição da comunidade científica e do público em geral" (T.N.).

De grande domínio, indica-se o projeto *Dicionário Dialetal Brasileiro* (DDB) que, tal qual o dicionário mencionado por Sousa Fernández (2010), também se vale de dados geolinguísticos, no caso do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Como já mencionado, este estudo contribui para o DDB à medida que fornecerá os dados relativos à região Centro-Oeste brasileira para a elaboração da referida obra lexicográfica. Conforme Machado Filho, seu coordenador, "[...] o DDB objetiva conjugar de forma abrangente língua e cultura, de forma a permitir o conhecimento mais abrangente possível da relação dialetal que se estabelece, através do léxico, nas comunidades que o utilizam" (MACHADO FILHO, 2015, p. 43).

Vê-se assim que o fazer lexicográfico tem buscado, nas fontes geolinguísticas e dialetais, dados consistentes para a elaboração de dicionários, mesmo porque:

> Solo con el aprovechamiento de los Atlas lingüísticos podrà salir nuestra lexicografía de los límites que la constriñen. Cada época científica exige nuevos métodos y no podemos continuar con una lexicografía que no há saludado todavia los albores del siglo XX [98] (ALVAR, 1980, p. 73).

E, ratificando-se as palavras de Alvar (1980), a Lexicografia também tem se valido de novos métodos, especialmente os informáticos, para o tratamento de seus dados, assim como a Lexicografia Dialetal, que precisa de recursos tecnológicos e de outras disciplinas linguísticas que auxiliem a recolha e as análises da grande quantidade de dados geolinguísticos disponibilizados quando se consulta um atlas linguístico, por exemplo. Nesse sentido, as relações interdisciplinares da Lexicografia se dão também com a Linguística de *Corpus* e a Linguística Computacional.

Isso porque, como nem todo conjunto de dados é considerado um *corpus*, tendo em vista que este possui parâmetros para sua constituição e organização, é necessário buscar conhecimentos em Linguística de *Corpus* para o respeito a tais critérios e para a concepção de um projeto lexicográfico de fato com base científica. Além disso, neste caso, e haja vista o volume de dados do Projeto ALiB considerados para este trabalho: 108 inquéritos realizados em 24 localidades, o que totalizou aproximadamente 270 horas de gravação, essa tarefa não seria possível sem o auxílio de ferramentas computacionais, já que os programas utilizados

[98] "Apenas com o aproveitamento dos Atlas linguísticos poderá sair nossa lexicografia dos limites que a comprimem. Cada época científica exige novos métodos e não podemos continuar com uma lexicografia que ainda não tenha recebido o alvorecer do século XX" (T.N.).

possibilitaram o alinhamento das informações, assim como sua estruturação com vistas a elaborar o VDCO, utilizando as novas tecnologias que em muito auxiliam os pesquisadores em diversas áreas.

Assim, a continuidade deste texto foi reservada para apresentar a Linguística de *Corpus* e a Linguística Computacional, suas principais características e preceitos.

3.2 Linguística de *Corpus* e Lexicografia

O uso de *corpora* em pesquisas linguísticas confere a seus resultados maior confiabilidade, além de lhes possibilitar o caráter comparativo, por se basearem em outros estudos e fontes também documentadas. Nesse sentido, os *corpora* têm sido utilizados pelas pesquisas linguísticas há bastante tempo, sendo anteriores, inclusive, ao uso dos computadores, como se imagina. Berber Sardinha (2000, p. 325) ratifica essa afirmação ao discorrer que, desde a Grécia Antiga, “[...] Alexandre, o Grande, definiu o *corpus* Helenístico. Na Antiguidade e na Idade Média, produziam-se *corpora* de citações da Bíblia”.

Essa relação entre *corpora* e pesquisas linguísticas permaneceu ativa, mesmo que timidamente, durante vários séculos, tendo se destacado especialmente no século XX, notadamente no ensino de línguas. Ainda segundo Berber Sardinha (2000, p. 325), “[...] durante boa parte do século XX houve muitos pesquisadores que se dedicaram à descrição da linguagem por meio de corpora, entre eles educadores como Thorndike e lingüistas de campo como Boas”. Contudo, por terem suas análises de *corpus* realizadas apenas manualmente, já que ainda não havia o uso de computadores nesse momento histórico, as pesquisas careciam de maior credibilidade por parte da academia, posto que demandavam muitos profissionais para o manuseio de um extenso *corpus* – a pesquisa de Thorndike, por exemplo, abrangia 4,5 milhões de palavras, o que aumentava a possibilidade de erro dado esse grande número de pessoas que teriam contato com os dados e seriam responsáveis pela análise.

Sentia-se, pois, a necessidade de algum instrumento que facilitasse essa relação entre grandes *corpora* e pesquisadores, especialmente porque a fiabilidade dos resultados de uma pesquisa de análise puramente manual dependeria, segundo muitas críticas, de uma diminuição do *corpus* estudado, o que fugiria à natureza dos

trabalhos que, em sua maioria, buscavam uma descrição da língua por meio do estudo das palavras de maior ocorrência no léxico geral.

Esse quadro mudou a partir da década de 1960, quando os computadores *mainframe* passaram a equipar centros universitários de pesquisa e, pouco tempo depois, tornaram-se populares, participando também da vida dos pesquisadores fora do ambiente universitário. Assim, aquele primeiro questionamento quanto à confiabilidade do tratamento de grandes *corpora* por meio manual foi desaparecendo e os estudos linguísticos baseados em *corpus* não apenas reapareceram como se fortaleceram.

Quanto à língua portuguesa, Biderman (1978) afirma que as análises linguísticas com a aplicação de computadores e de técnicas quantitativas datam dessa mesma época:

> De um lado alguns especialistas americanos trabalhavam nos Estados Unidos, com as variantes portuguesa e brasileira, tanto da língua escrita como da falada. Por outro lado, vindo da França – um outro estímulo, de tendências mais estilísticas – também se concentrou no estudo computacional da língua escrita (variantes portuguesa e brasileira) (BIDERMAN, 1978, p. 64).

Assim, esse relacionamento com as tecnologias se sucedeu ao redor do mundo: o computador passou a ser indispensável às pesquisas linguísticas que trabalhassem com *corpus* para as análises, alterando-se, inclusive, a ideia que havia anteriormente acerca do que seria um *corpus* de pesquisa. Para Galisson e Coste (1983 *apud* ALUÍSIO; ALMEIDA, 2006, p. 157), trata-se de um:

> [...] Conjunto finito de enunciados tomados como objeto de análise. Mais precisamente, conjunto finito de enunciados considerados característicos do tipo de língua a estudar, reunidos para servirem de base à descrição e, eventualmente, à elaboração de um modelo explicativo dessa língua. Trata-se, pois, de uma colecção de documentos quer orais (gravados ou transcritos) quer escritos, quer orais e escritos, de acordo com o tipo de investigação pretendido.

Entretanto, acrescentando-se mais requisitos a essa citação e mesmo a esse entendimento, muito se associa *corpus* às possibilidades que o formato eletrônico permite. Sinclair (2004), um expoente da Linguística de *Corpus* responsável pelo dicionário COBUILD (Collins Birmingham University International Language Database), o primeiro compilado a partir de um *corpus* eletrônico, por exemplo, define-o como “[...] a collection of pieces of language text in electronic form, selected

according to external criteria to represent, as far as possible, a language or language variety as a source of data for linguistic research" [99] (SINCLAIR, 2004, p. 19).

Assim, nota-se que o surgimento dos computadores, principalmente sua popularização após a década de 1980, interferiu diretamente na definição de *corpus*, além de mudar as formas de armazenamento e exploração de dados a serem analisados, visto que tais equipamentos possibilitaram, a partir de então, o processamento de uma quantidade antes inimaginável de dados em fração de segundos, o que permitiu ainda a testagem de hipóteses de forma rápida e eficiente. Para Berber Sardinha (2004, p. XVII), "[...] o computador pessoal, com memória poderosa e capacidade de armazenamento, começa a desempenhar, nas ciências humanas, o papel transformador que o telescópio teve na física e nas ciências exatas".

Nesse cenário, desenvolvem-se sobremaneira as áreas de estudos linguísticos relacionadas a *corpora* eletrônicos e também é promovido o desenvolvimento de ferramentas tecnológicas para tratar temas da linguagem. Aqui, referimo-nos a campos de estudos fundamentais também para esta pesquisa: a Linguística de *Corpus* e a Linguística Computacional. De acordo com Berber Sardinha (2000, p. 325), a Linguística de *Corpus*:

> Ocupa-se da coleta e exploração de corpora ou conjunto de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador.

Ela, no entanto, não pode ser compreendida como uma disciplina, uma vez que não possui objeto de estudo próprio, delimitado. Segundo o mesmo autor,

> [...] Se entendermos metodologia como um *modo típico de aplicar um conjunto de pressupostos de caráter teórico*, então a Lingüística de Corpus pode ser entendida como uma metodologia, pois traz consigo algo mais do que simplesmente o instrumental computacional (BERBER SARDINHA, 2000, p. 356).

Na discussão apresentada por Berber Sardinha (2000), vê-se que a melhor forma de conceber a Linguística de *Corpus* é compreendê-la como uma abordagem baseada em *corpus*, uma vez que fornece subsídios metodológicos para o

[99] "[...] Uma coletânea de trechos de texto da língua em formato eletrônico, selecionados de acordo com critérios externos para representar, na medida do possível, uma língua ou uma variedade linguística como uma fonte de dados para a pesquisa linguística" (T.N.).

tratamento de *corpora* para as diversas disciplinas que com eles trabalhem, entendendo-os sob o viés empírico e considerando a linguagem como sistema probabilístico.

Segundo essa metodologia, nem todo conjunto de textos pode ser considerado um *corpus*. Para isso, a coletânea deve possuir as características de quantidade, qualidade, simplicidade e documentação (SINCLAIR, 1996). Berber Sardinha (2000, p. 338-339) assim as explica:

> (1) Primeiramente, o corpus deve ser composto de textos autênticos, em língua natural [...]. (2) Em segundo lugar, quando se fala em autenticidade de textos, subentende-se textos escritos por falantes nativos [...]. (3) O terceiro pré-requisito é que o conteúdo do corpus seja escolhido criteriosamente [...] (4) O quarto pré-requisito é o mais problemático: representatividade.

A autenticidade de que tratam os itens 1 e 2 mencionados por Berber Sardinha (2000) firma sua importância no fato de os textos serem produzidos naturalmente e não com o propósito de serem analisados pela pesquisa linguística. Além disso, devem ser construídos em língua não artificial e produzidos por falantes nativos – caso o seja por aprendizes da língua, isso deve ser especificado. O terceiro ponto versa sobre a escolha criteriosa, que deve seguir os dois anteriores, de autenticidade e de naturalidade, bem como atender aos objetivos da pesquisa.

Já como o próprio linguista apregoa, a representatividade é o mais complexo dos pré-requisitos. Para ele, "[...] representatividade significa a capacidade de um *corpus* de ser equivalente à população de que se origina, sendo que 'população' deve ser entendida como o tipo de linguagem ou discurso que o *corpus* encerra" (BERBER SARDINHA, 2012, p. 325). Exatamente aí reside o problema: como um *corpus* pode ser equivalente a uma população? Como pode revelar a linguagem de um povo? Seria o tamanho? O alcance em gêneros textuais?

Para Biderman (2001b, p. 79), uma das formas para responder a essas perguntas seria considerar que:

> No desenho do *corpus* é necessário que haja uma proporção equilibrada dos diferentes tipos de texto e/ou temas nele incluídos. É também importante que um corpus seja representativo dos diferentes gêneros e variedades dos usos linguísticos, ou seja, impõe-se a representatividade dos diferentes níveis da linguagem para assegurar a inclusão de todos os aspectos do idioma. Só assim o corpus pode representar, em miniatura, o universo multifacetado da

> língua. Quando se projeta um corpus visa-se extrair de suas observações generalizações sobre a língua.

Assim, a variedade de gêneros e tipos textuais associa diretamente representatividade e tamanho, extensão do *corpus,* uma vez que quanto maior e mais diversificado ele o for, mais traços linguísticos serão demonstrados, especialmente os mais raros, como os *hapax legomena,* [100] que não se verificam, de maneira geral, em pequenas amostras. Além disso, quanto mais sujeitos forem tomados como produtores desses textos, mais tais *corpora* poderão ser aceitos como representativos de uma comunidade linguística.

Vê-se, pois, que extensão é um critério que também deve ser considerado na constituição de um *corpus*. Todavia, a noção acerca desse conceito não é consensual entre os estudiosos, considerando-se também o desenvolvimento das pesquisas e a vastidão de textos disponíveis atualmente para análises. Berber Sardinha (2000) argumenta que a extensão comporta três dimensões, quais sejam: o número de palavras, que visaria atender ao mencionado no parágrafo anterior, por exemplo; o número de textos, que garante a adequada representação deste ou daquele tipo textual; e o número de gêneros, registros ou tipos textuais, que atende àquilo que já fora representado por Biderman (2001b).

Para verificar a extensão de um *corpus*, Berber Sardinha (2004, p. 25-27) esclarece que há três abordagens: a) impressionística: que se baseia nas descobertas advindas da criação ou da exploração dos *corpora*; b) estatística: apoia-se em dados estatísticos e c) histórica: orienta-se pelo tempo de acompanhamento dos *corpora* por parte dos pesquisadores.

Além de representatividade e extensão, um terceiro critério a ser considerado na constituição de um *corpus* é sua especificidade, o que indica, por exemplo, que para revelar o vocabulário regional de uma comunidade linguística, o ideal é a utilização de dados lexicais coletados nessa região especificamente. Isso vale tanto extraindo textos e criando subc*orpus* a partir de *corpora* gerais, como ocorre neste caso, com o VDCO formando seu *corpus* partindo de uma parcela dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, como criando *corpora* específicos para a pesquisa.

---

[100] *Hapax legomena* tem origem no grego e indica as palavras que aparecem uma única vez em determinada obra, em um *corpus*.

Berber Sardinha explica ainda a importância desse quesito pautado no fato de que “[...] uma variedade específica da linguagem demonstra uma maior padronização e conseqüente menor variação no nível do léxico, gramática, discurso, etc” (BERBER SARDINHA, 2000, p. 347). Entretanto, deve-se atentar para o fato de, nesses casos, o *corpus* não se tornar verificável, comprometendo os resultados na pesquisa no que tange à replicabilidade e à generabilidade, uma vez que, tendo sido criado para fins específicos de projetos particulares, usualmente, tais *corpora* não são disponibilizados para outras pesquisas científicas.

Muito ligada a essa especificidade do *corpus* está sua adequação, pelo fato de que ele deve se ajustar aos objetivos de estudo do pesquisador, o que não significa que o cientista deva apenas procurar o que lhe é de interesse; evidentemente, deve considerar que, se pretende analisar um vocabulário regional, como é o caso deste trabalho, precisa verificar textos produzidos por habitantes nativos de uma região.

Assim, depreende-se que a compilação de um *corpus* exige a observância de diversos parâmetros para sua validação e mesmo para que as análises a partir dele alcancem o aprofundamento e consigam, de fato, comprovar ou refutar as hipóteses iniciais do pesquisador, podendo inclusive servir de base para comparações com outros estudos de modo confiável, como estabelece a Linguística de *Corpus*.

Tendo em vista esses critérios exigidos para a constituição de *corpora*, nota-se que a Linguística de *Corpus* dialoga com diversas disciplinas que também se encarregam de estudar a linguagem, contribuindo para seu desenvolvimento e também marcando o caráter interdisciplinar dessa abordagem. Sobre o tema, Oliveira (2009, p. 52) esclarece que:

> A Linguística de *Corpus* situa-se na interdisciplinaridade e na complementaridade, relacionando-se com outras áreas do conhecimento, teorias ou abordagens linguísticas, que ao somarem conhecimentos, poderão contribuir para um melhor conhecimento do seu objeto comum de estudo que é a linguagem.

Dentre essas relações interdisciplinares, encontra-se a contribuição dessa metodologia para com os estudos lexicográficos, uma vez que a produção de dicionários, glossários e vocabulários em muito se enriquece com a confiabilidade dos dados que os irão compor.

Os *corpora* há muito fazem parte do fazer lexicográfico, como já demonstrado, mas os eletrônicos, especialmente, passaram a contribuir para as obras lexicográficas a partir do maior desenvolvimento da Linguística de *Corpus* e atendem a Lexicografia de várias formas. Além das já citadas confiabilidade e comparabilidade, possibilitam descobrir "[...] a maior lista de palavras de uma língua com suas respectivas freqüências" (DURAN, 2008, p. 1793), além de auxiliarem o lexicógrafo na seleção de exemplos que integrarão os verbetes. A autora vê diversos benefícios com o uso da abordagem baseada em *corpora* pela Lexicografia, que ela classifica entre diretos e indiretos:

> Os benefícios indiretos impactam as decisões acerca do tipo de dicionário a ser produzido: a quem se destina, o que deve conter, como deve ser organizado etc. [...] Já os benefícios diretos [são] representados pelas informações a respeito do comportamento do léxico, suas propriedades combinatórias, suas diversas realizações de sentido, suas ocorrências nos diversos registros da língua (DURAN, 2008, p. 1794).

Assim, a compilação e a organização de um *corpus* associadas à armazenagem de dados realizada criteriosamente, como orienta a Linguística de *Corpus,* podem contribuir em muito para os dicionários, desde sua concepção, isto é, orientando o projeto lexicográfico com vistas a atender a demanda de seus usuários (o que buscam encontrar, como realizam as consultas, do que sentem falta nas obras já existentes, etc.) e contribuindo para a riqueza de informações na mega, na macro, na médio e na microestrutura da obra.

Além disso, a modernização na produção de dicionários tende a apresentar ainda mais resultados advindos de *corpora* eletrônicos, haja vista as obras lexicográficas eletrônicas que têm se desenvolvido com destaque a partir dos anos 2000. Isso porque a questão da seleção de entradas não se submete ao quesito espaço de publicação como nos dicionários impressos. Dessa forma, os resultados poderão ser apresentados em maior número nas obras eletrônicas, respondendo às críticas comuns aos trabalhos lexicográficos que versam especialmente sobre a omissão de informações existentes nos *corpora* pesquisados. "Assim, pensando as funções SELECIONAR, ARMAZENAR E EXIBIR do trabalho lexicográfico, poderíamos ter a supressão da primeira, a segunda seria desempenhada pelo próprio corpus e a terceira pelo dicionário" (DURAN, 2008, p. 1798).

O *Collins Cobuild*, por exemplo, dicionário britânico monolíngue fruto da parceria entre a Universidade de Birmingham e a editora Collins, foi um dos pioneiros na utilização de *corpus* eletrônico, ainda no final do século XX, e desde sua versão em CD-ROM de 2001, já conta com um *corpus* em seu pacote de recursos. Berber Sardinha (2000, p. 332), sobre o cenário inglês, acrescenta que "[...] hoje em dia, o emprego de corpora na produção de dicionários, em língua inglesa pelo menos, tornou-se rotineira".

No Brasil, ainda se está caminhando paulatinamente nessa direção, já que não há, ao menos em dicionários gerais da língua portuguesa, exemplos de *corpora* sendo de fato utilizados na elaboração das grandes obras de renome nacional. Todavia, pesquisadores ligados a universidades têm desenvolvido projetos lexicográficos que já começam a apresentar resultados no mercado editorial, como é o caso de Francisco Borba, professor de linguística aposentado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, *campus* de Araraquara, que organizou e publicou pela Editora da UNESP o *Dicionário do Português Contemporâneo* em 2005.

> A publicação, com o objetivo de estimular a pesquisa vocabular e a reflexão sobre o uso da língua, estabeleceu o conjunto de verbetes pelo critério de maior ocorrência num corpus de cerca de 90 milhões de itens lexicais registrados a partir de 1950. Esse material foi extraído do banco de dados do Laboratório de Lexicografia da FCL [Faculdade de Ciências e Letras da UNESP], que encerrou 2004 com quase 200 milhões de ocorrências de palavras em textos escritos em português do Brasil (D'AMBROSIO, 2005, p. 13).

Pode-se citar também o *Dicionário Histórico do Português do Brasil (séculos XVI, XVII e XVIII)*, projeto que se iniciou em 2005 e representou uma proposta inovadora, uma vez que até então "[...] o Brasil não conta[va] com nenhuma obra lexicográfica sobre seu vocabulário nos primeiros tempos da formação do Português Brasileiro" (ALUÍSIO; ALMEIDA, 2006, p. 176).

Projeto coordenado pela professora doutora Clotilde Murakawa, o *Dicionário Histórico do Português do Brasil (séculos XVI, XVII e XVIII) – DHPB* – foi idealizado pela lexicógrafa Maria Tereza de Camargo Biderman. Para a seleção de sua nomenclatura:

> [...] Foi construída uma base textual como corpus de referência, a partir de um vasto conjunto de documentos de todo tipo e gênero, situados no período compreendido entre 1500 e 1808, duas datas de suma importância para a história do Brasil. A data de 1500, o descobrimento, com a Carta de Pero Vaz de Caminha, e a de 1808, quando da vinda da família real portuguesa, mudando o Brasil de colônia para Vice-Reino (MURAKAWA, 2011, n.p.).

O DHPB foi concluído em 2012, com uma nomenclatura de 10.470 verbetes (MURAKAWA, 2015, p. 75).

Assim também ocorre com a Lexicografia Dialetal, em que o uso de dados de atlas linguísticos, aliado à compilação e à organização de *corpora* baseados nos parâmetros da Linguística de *Corpus,* resulta em maior credibilidade em relação aos resultados alcançados, assim como possibilita uma posterior referência de seus estudos por parte de outros trabalhos. Como exemplos, já foram mencionados alguns por este trabalho, como o Projeto *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*, bem como o *Dicionário Dialetal Brasileiro*, a que se vincula este estudo.

Confirma-se então a importância de *corpora* organizados metodologicamente como fonte de informação para a produção de materiais lexicográficos confiáveis e mais próximos à realidade linguística de uma comunidade, posto que eles documentam “[...] a linguagem natural realmente utilizada por falantes e escritores da língua em situações reais” (BERBER SARDINHA, 2000, p. 352). Como também já pontuado, a Linguística de *Corpus* mudou a visão acerca de *corpus* de referência, associando-o sempre ao caráter eletrônico das fontes a serem tomadas para sua organização e seleção.

Nesse sentido, é inegável também a importância da Linguística Computacional para o desenvolvimento tanto da Linguística de *Corpus* como das disciplinas linguísticas como um todo, inserindo-se nesse conjunto a Lexicografia, já que os computadores em muito têm auxiliado as pesquisas linguísticas, favorecendo especialmente o tratamento de grandes *corpora*. Por esse motivo, o tópico a seguir foi reservado para tratar dessa disciplina.

3.3 A Linguística Computacional e sua contribuição para os trabalhos lexicográficos

Tendo em vista que os *corpora* eletrônicos firmam-se como uma relevante fonte de informação para as obras dicionarísticas, o tratamento desses dados exige

ferramentas específicas que possam trabalhar com vastos volumes de informações e oferecer procedimentos estatísticos para as análises e, de acordo com cada objetivo a ser considerado nas pesquisas, novos processos e utilitários para os estudos. Esse é o campo de atuação da Linguística Computacional.

Muitas vezes tomada como uma subsidiária da Linguística de *Corpus*, a Linguística Computacional tem suas áreas de abrangência muito mais amplas que apenas atender a compilação e a organização de *corpora*.

> La lingüística computacional constituye un campo científico de carácter interdisciplinar, vinculado a la lingüística y a la informática, cuyo fin fundamental es la elaboración de modelos computacionales que reproduzan distintos aspectos del linguaje humano y que faciliten el tratamento informatizado de las lenguas [101] (PÉREZ HERNÁNDEZ; MORENO ORTIZ, 2009, p. 68).

Ela também é conhecida com outras designações, como, por exemplo, a mais mencionada delas, Processamento Automático de Línguas Naturais (PLN – sigla derivada do inglês, origem do nome), além de Linguística Informática e Engenharia Linguística, nomes menos usuais.

No ramo da Informática, a Linguística Computacional é subdisciplina da Inteligência Artificial e, na Linguística, a depender de seu enfoque, relaciona-se à Linguística Teórica ou à Linguística Aplicada. Isso porque, nela, distinguem-se três principais linhas de investigação: a Linguística Computacional Teórica; a Linguística Computacional Aplicada e a Informática Aplicada à Linguística.

Como seu objetivo é "[...] incorporar en los ordenadores la habilidad en el manejo del lenguaje humano" [102] (GÓMEZ GUINOVART, 1998, p. 135), ela pode atuar na linha da Linguística Teórica, elaborando modelos linguísticos formais, aplicando-os a diferentes níveis de descrição linguística e comprovando, por meio da informática, a correspondência entre esses modelos e suas hipóteses, o que seria o campo da Linguística Computacional Teórica.

Além disso, seu viés mais conhecido e exigido pelas pesquisas linguísticas é o prático, "[...] que se centra, a grandes rasgos, en el diseño de sistemas informáticos capaces de gestionar, comprender, producir y traducir enunciados

[101] "A linguística computacional constitui um campo científico de caráter interdisciplinar, vinculado à linguística e à informática, cujo fim fundamental é a elaboração de modelos computacionais que reproduzam distintos aspectos da linguagem humana e que facilitem o tratamento informatizado das línguas" (T.N.).

[102] "[...] Incorporar nos computadores a habilidade no manejo da linguagem humana" (T.N.).

orales y escritos en lenguaje natural, para lo que desarrolha aplicaciones informáticas" [103] (PÉREZ HERNÁNDEZ; MORENO ORTIZ, 2009, p. 68) e que se define como Linguística Computacional Aplicada. Já a Informática Aplicada à Linguística é, segundo os mesmos autores (PÉREZ HERNÁNDEZ; MORENO ORTIZ, 2009), uma expressão que congrega todas as disciplinas linguísticas que utilizam ferramentas computacionais em seus estudos.

Dessa forma, vê-se a gama de possibilidades de sua atuação, tanto no âmbito teórico quanto no aplicado.

> Diante dessa pluralidade, [...] o trabalho desenvolvido no domínio do PLN [104] acumula uma vasta literatura, produzida por estudiosos das mais variadas disciplinas, com formações acadêmicas, embasamentos teóricos e interesses de pesquisa também bastante diversos (DIAS DA SILVA, 2006, p. 105).

De modo a atender os objetivos deste estudo, não são aprofundados esses diversos enfoques da Linguística Computacional possibilitados pelas várias disciplinas que congrega, mas este texto se reserva a discutir brevemente o tratamento das línguas desenvolvido a partir do uso de computadores.

Esse interesse pelo tratamento computacional das línguas naturais existe desde o desenvolvimento dos primeiros sistemas computacionais. Ainda na década de 1940, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), eles estavam sendo produzidos com vistas a traduzir as línguas inglesa e russa, então antagonistas no confronto bélico, para tentar decifrar táticas de guerra do inimigo, algo imprescindível naquele momento histórico: "[...] los servicios de inteligencia y las fuerzas armadas de ambos países tenían un interés especial em esos proyetos y, por ese motivo, fueron los principales impulsores de dichos proyetos durante mucho tiempo" [105] (PÉREZ HERNÁNDEZ; MORENO ORTIZ, 2009, p. 69).

Dessa forma, a principal motivação do desenvolvimento de *softwares* relacionados às línguas foi a tradução, situação que se verifica até hoje e tem evoluído sobremaneira ao longo do tempo: basta observar, por exemplo, o avanço do Google tradutor, especialmente no que tange à tradução inglês-português, desde

---

[103] "[...] Que se concentra, grosso modo, no desenvolvimento de sistemas computacionais capazes de gerenciar, compreender, produzir e traduzir enunciados orais e escritos em linguagem natural, para o que desenvolve aplicações informáticas" (T.N.).

[104] Programação Neuro-Linguística em seu acrônimo em inglês.

[105] "[...] Os serviços de inteligência e as forças armadas de ambos os países tinham um interesse especial nesses projetos e, por esse motivo, foram os principais impulsores de ditos projetos durante muito tempo" (T.N.).

seu lançamento, em 2007, até os dias atuais, culminando no lançamento, inclusive, em 2010, de uma versão para dispositivos móveis. A par desse exemplo, a tradução das línguas naturais por meio das máquinas também já ultrapassou os textos escritos e já tem sido possível também a versão automática de imagens e voz. Entretanto, convém frisar que, dado seu pouco tempo de desenvolvimento, tais ferramentas ainda não equivalem a tradutores humanos, mas têm progredido consideravelmente.

Para muito além da tradução automática – talvez o recurso mais utilizado pelos usuários em geral, há, para os estudos linguísticos, diversos sistemas computacionais que atendem análises das mais variadas, como morfossintáticas, fonético-fonológicas e semântico-lexicais, para citar apenas algumas delas. Um exemplo simples desse desenvolvimento foi o sistema SGP – Sistema Geral de Pesquisa, desenvolvido especialmente para o tratamento de dados lexicais e para a geração de relatórios analíticos para uma dissertação de mestrado, defendida em 2012, concebido por um analista de sistemas a partir das solicitações da pesquisadora.

O desenvolvimento de ferramentas computacionais pode servir, pois, para diversos fins dos estudos linguísticos, a depender da comunicação entre as áreas de Linguística e Informática, o maior desafio nessa interação. Nas palavras de Starosta (1991, *apud* DIAS DA SILVA, p. 106), isso se deve:

> [Por um lado, à] fragmentação do campo da lingüística e as especulações filosóficas nebulosas que se fazem passar por “teoria lingüística” nos grandes círculos da comunidade de lingüistas [que] não inspiram confiança nos engenheiros da linguagem; [por outro] [a]o total desconhecimento dos fatos elementares da linguagem que esses engenheiros ostentam presunçosamente em suas publicações em nada contribui para convencer os lingüistas sérios que, lá entre os computadores, haja alguém que esteja interessado em aplicar o que quer que seja que os cientistas da linguagem tenham descoberto.

Contudo, muito já se tem feito visando ao fim dessa celeuma entre as áreas, especialmente vislumbrando a interação que surge entre linguistas e engenheiros da computação, uma vez que ambos os conhecimentos são essenciais para o desenvolvimento de *softwares* cada vez mais elaborados e precisos no tratamento de dados linguísticos:

> Cuanto mayor sea el conocimiento que tengamos de la estrutura lingüística (a nivel morfológico, sintáctico, semántico y pragmático) y del uso que los humanos hacemos de la lengua, mejores serán las aplicaciones informáticas que podamos diseñar para comunicarmos, para manejar, almacenar o extraer información o para interactuar con los ordenadores [106] (PÉREZ HERNÁNDEZ; MORENO ORTIZ, 2009, p. 93).

Para isso, diversos congressos e associações têm sido organizados visando a um melhor contato entre as áreas. Apesar de, no Brasil, a Linguística Computacional ainda ser pouco explorada nos cursos de Letras e, consequentemente, ser escassa a presença de linguistas no desenvolvimento de ferramentas computacionais, na Europa e na América do Norte esses laços têm se estreitado. No Canadá, por exemplo, existe a *Association for Computacional Linguistics*. Já na Espanha, o *Observatorio Español de Industrias de la Lengua* "[...] se encarga de promover la ingeniería lingüística en España" [107] (GÓMEZ GUINOVART, 1998, p. 141) por meio do contato entre academia e empresas, além da promoção de congressos e eventos e de revistas científicas que divulgam resultados dessa interação.

No Brasil, apesar de ainda incipientes, tais relações têm apresentado seus primeiros resultados e, guardadas as proporções, têm demonstrado sucesso. A Revista de Porto Alegre *Letras de Hoje*, por exemplo, em seu número 2 do volume 41, traz diversos textos para referência na área de Linguística Computacional que, "[...] com diversos enfoques, oferecem uma visão panorâmica sobre conceitos, relevância, aplicações e projeção de futuro da Lingüística Computacional" (CREUS, 2006, p. 05).

Além disso, o NILC – Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional – da USP – São Carlos, já citado neste trabalho, "[...] conta hoje com uma equipe multidisciplinar, de linguistas e cientistas da computação, que talvez seja a maior já formada para o processamento de linguagem natural (PLN) para o português", sendo que:

---

[106] "Quanto maior seja o conhecimento que tenhamos da estrutura linguística (a nível morfológico, sintático, semântico e pragmático) e do uso que os humanos fazemos da língua, melhor serão os aplicativos computacionais que podemos desenvolver para nos comunicarmos, para manipular, armazenar ou extrair informações ou para interagir com computadores" (T.N.).

[107] "[...] Se encarrega de promover a engenharia linguística na Espanha" (T.N.).

> [...] As áreas de atuação do NILC incluem: tradução automática, sumarização automática, simplificação de textos, ferramentas de auxílio à leitura e escrita, construção de dicionários e corpora eletrônicos, ferramentas de processamento da língua de níveis linguísticos variados, linguística de corpus, terminologia computacional, e aplicações de técnicas de aprendizado de máquina para PLN, dentre várias outras (INSTITUTO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DE COMPUTAÇÃO, 2016).

Também a Universidade Estadual de Londrina desenvolve um Projeto Interinstitucional e Interdisciplinar de Dialetologia, Computação, Cartografia e Lexicografia (INDICCALEX), que desenvolve trabalhos e pesquisas relacionando a Linguística Computacional e os estudos linguísticos, como a Tese de Manfio (2016), que avaliou como equipamentos acionados por comando de voz reagem a diferentes realizações linguísticas, utilizando como *corpus* dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Com esses poucos exemplos, já se vê como a Linguística Computacional tem auxiliado os estudos linguísticos e, mesmo no Brasil, onde ainda não se desenvolveu tal qual em outras nações, muito se evoluiu nas últimas décadas.

Assim também ocorre com este trabalho, que utiliza os preceitos da Linguística de *Corpus* para a organização do *corpus* e se vale também da Linguística Computacional, que forneceu os sistemas computacionais para conversão dos arquivos (*SheetSwiper*) e mesmo para a geração do vocabulário (FLEx – FieldWorks Language Explorer), que tem suas informações detalhadas na sequência do texto.

Dessa maneira, a Linguística Computacional tenta alcançar seu maior objetivo, apesar dos diversos desafios enfrentados, que é o uso adequado e eficiente dos computadores em pesquisas linguísticas, possível apenas a partir de *softwares* desenvolvidos em acordo com os preceitos da Linguística, além de uma maior aceitação e mesmo confiança em seus resultados por parte dos linguistas: “[...] dentre os grandes desafios que essas máquinas lançaram aos seus arquitetos, destaca-se o desafio de se criar meios para tornar a comunicação homem-máquina mais natural e intuitiva” (DIAS DA SILVA, 2006, p. 103).

Demonstrando que a união entre Ciências da Computação e Linguística tem oferecido valiosos resultados, tem-se já há algum tempo produtos dessa inter-relação. Além dos já mencionados ainda neste tópico, podem-se citar muitas obras lexicográficas que se valeram de sistemas computacionais para auxiliar sua

elaboração. No Brasil, por exemplo, já foram referidas versões eletrônicas dos grandes dicionários brasileiros: Ferreira (que desde 1999 disponibiliza aos usuários essa versão) e Houaiss (desde 2001 também já conta com elas), mas há ainda projetos lexicográficos de natureza científica assim desenvolvidos.

O *Dicionário Dialetal Brasileiro* (DDB), grande projeto a que se liga diretamente esta Tese, é um exemplo dessa integração também, uma vez que prevê a disponibilização de uma versão eletrônica quando os dados lexicais do Brasil advindos das pesquisas do Projeto Atlas Linguístico do Brasil estiverem já todos mapeados e organizados à luz da Lexicografia.

Como o próximo Capítulo trata da metodologia deste estudo, é importante salientar que parte dela foi fornecida pelo DDB, considerando a possível integração do *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste* ao referido projeto, além do exemplo de dicionário dialetal. Ademais, acrescenta-se que alguns caminhos metodológicos foram tomados exclusivamente por este trabalho, consideradas as pesquisas realizadas e com vistas a contribuir para o projeto maior e para a comunidade acadêmica em geral, o que será detalhado a seguir.

4 CAPÍTULO IV – PERCURSO METODOLÓGICO

Manejar dados geolinguísticos sob o viés lexicográfico foi o primeiro grande desafio desta Tese, dada a amplitude das informações a serem compiladas e a dificuldade nesse tratamento considerando-se a forma como foram coletadas, transcritas e armazenadas, que não visava a esse fim. Tendo em vista, pois, essa realidade, bem como a dimensão dos estudos em Lexicografia e a teoria já discutida, escolhas precisaram ser feitas de modo que a elaboração deste *Vocabulário* atendesse seus objetivos, cujo principal deles é descrever a norma lexical falada pelos habitantes do Centro-Oeste e documentada pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

O primeiro passo metodológico foi compilar as informações contidas no banco de dados do ALiB de modo a constituir o *corpus* de pesquisa. Porém, foi notado que essa tarefa exigiria mais tempo que o previsto inicialmente, posto que as transcrições do Projeto ALiB estão em planilhas de texto que apresentam particularidades entre si, como extensão, modos de transcrição dos inquéritos, formas transcritas diversas, etc. além do fato de que esses dados não foram armazenados com vistas a um tratamento lexicográfico.

Por isso, procedeu-se a uma minuciosa revisão dos arquivos de texto das transcrições das entrevistas, com base nos registros sonoros também disponibilizados para este estudo.

Posteriormente, foram estudados os parâmetros metodológicos a serem seguidos para a produção do *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste*, a começar pelas orientações do *Dicionário Dialetal Brasileiro*, apresentado a seguir.

4.1 Percurso metodológico: o Dicionário Dialetal Brasileiro e o Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste

O *Dicionário Dialetal Brasileiro* é um projeto coletivo e interinstitucional:

> [...] Com vistas ao desenvolvimento de um dicionário que possa assegurar a difusão mais ampla do conhecimento da realidade linguística brasileira, no que tange aos usos lexicais, de forma a atender, de maneira econômica e com maior amplitude, o acesso indexado, por parte dos estudiosos da língua e da cultura e da população em geral, aos dados dialetais hoje disponíveis (GRUPO NÊMESIS, 2016, online).

Como já mencionado, esses dados dialetais a serem disponibilizados pelo projeto DDB são provenientes do Banco de Dados do Projeto ALiB, coletados a partir dos inquéritos realizados em 1.100 localidades brasileiras durante quase duas décadas de pesquisa de campo. Os dados lexicais foram documentados a partir de 202 questões que fazem parte do Questionário Semântico-Lexical do referido projeto, que contempla quatorze áreas semânticas, a saber: 1. Acidentes geográficos, 2. Fenômenos atmosféricos, 3. Astros e tempo, 4. Atividades agropastoris, 5. Fauna, 6. Corpo humano, 7. Ciclos da vida, 8. Convívio e comportamento social, 9. Religião e crenças, 10. Jogos e diversões infantis, 11. Habitação, 12. Alimentação e cozinha, 13. Vestuário e acessórios e 14. Vida urbana (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001). [108] Contudo, visando a um melhor aproveitamento das informações, não raras vezes, dados do Questionário Fonético-Fonológico ou mesmo dos Discursos Semidirigidos foram considerados, uma vez que estes também revelam a norma lexical dos falantes.

A preparação inicial dos dados para posterior tratamento lexicográfico deu-se a partir da eliminação da fala dos inquiridores e da separação entre os questionários, restando no arquivo de texto apenas o QSL/ALiB (cujas respostas foram complementadas, quando possível, com informações dos demais questionários).

Para tratar esse grande volume de dados, o Projeto DDB conta com seu caráter coletivo e interinstitucional, de modo que busca congregar pesquisadores de diversas instituições para dele participarem e auxiliarem na elaboração do produto final. Em 2017, foi concluído um vocabulário que trata a norma lexical da Bahia como tese de doutorado na Universidade Federal daquele estado, o *Vocabulário Dialetal Baiano* (VDB) (NEIVA, 2017), e há este trabalho. Além disso, considerando-se também o universo de informações, programas computacionais foram utilizados para garantir a organização do *corpus* e posterior migração para uma única base lexicográfica dos dados do ALiB para o dicionário nacional.

No caso do VDB (NEIVA, 2017), o primeiro a integrar o DDB, para a composição de seu *corpus*, foi inicialmente necessária a conversão dos arquivos em DOC para TXT. Isso porque as transcrições dos registros sonoros das entrevistas realizadas pelas equipes vinculadas ao Projeto ALiB foram feitas no Word (editor de

[108] O Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB tem orientação onomasiológica, ou seja, parte do conceito para a denominação e, a partir dos designativos documentados como respostas para as perguntas, constituiu-se a nomenclatura do VDCO.

textos oferecido pela Microsoft), o que não possibilita a extração automática dos dados armazenados para outras plataformas. Dessa maneira, segundo os pesquisadores responsáveis, seriam evitados “[...] irreconhecimentos de caracteres funcionais pelo programa” (MACHADO FILHO; NEIVA, 2015, p. 317), no caso o *WordSmith* da Oxford University Press em sua versão 4.0, por meio do qual foram extraídos os signos lemáticos por frequência e ordem alfabética.

Geradas as *wordlists* (listas de palavras geradas pelo *WordSmith*), os dados foram migrados para a extensão XLS (viabilizada pelo Excel, também do pacote Office da Microsoft) em um primeiro momento, mas, com o decorrer da pesquisa, os responsáveis optaram pelo Access, também da Microsoft, por considerá-lo mais funcional para as análises.

Nesse primeiro passo metodológico da pesquisa, a da escolha pelas ferramentas computacionais que mais auxiliassem a elaboração do dicionário, o VDCO apresenta uma nova possibilidade para a utilização de recursos, tendo em vista a forma como os dados do ALiB são compilados para a composição de nosso *corpus*.

Neste caso, o *corpus* foi constituído a partir das transcrições das entrevistas, revisadas pela consulta aos registros sonoros dos inquéritos, isto é, depois de uma cautelosa revisão, pelo reconhecimento de que uma transcrição pode não atender aos objetivos específicos de uma pesquisa, considerando sua época de realização, seu autor e mesmo os objetivos para ela traçados quando de sua execução, que podem divergir de outros estudos. Assim, essa fase ainda permitiu o acesso à intencionalidade dos falantes, a todo o contexto das falas e a demais componentes muitas vezes ausentes nas transcrições iniciais.

Em um segundo momento, após essa revisão, esses dados foram direta e manualmente transferidos para uma planilha de Excel. Destaque-se, inclusive, esse processo manual, uma vez que a presença do pesquisador transferindo os dados do Word para o Excel manualmente possibilitou uma nova revisão dos dados, assegurando a confiabilidade e a correção do que seria analisado, mesmo porque a Informática é um recurso que contribui para a Linguística, mas não é capaz de substituir o labor do estudioso.

Além disso, o *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste* teve também o intuito de apresentar novas ferramentas para a elaboração de obras lexicográficas, como o *FLEx* (FieldWorks Language Explorer), um programa desenvolvido pelo Summer

Institute of Linguistic (SIL International) muito profícuo, pois gera automaticamente os verbetes e organiza o dicionário de acordo com parâmetros pré-estabelecidos pelo usuário. Porém, de modo a utilizar os dados armazenados no Excel para a elaboração do vocabulário pelo FLEx, houve a necessidade de converter os arquivos de XLS [109] para SFM, [110] formato passível de importação pelo programa do SIL, respeitando-se as normas para a etiquetagem dos dados [111] e para a anotação do *corpus* [112] já desde a planilha do Office. A Figura 7, a seguir, ilustra esse procedimento:

Figura 7: Tela do Excel com planilha pronta para conversão para SFM

	A	B	C	D	E	F	G	H
1	\lx	\va	\ng	\de	\bb	\ee	\so	\cf
2	cabeça do joelho		loc sf	osso redondo situado na frente do jo	o osso redondo que fic	Quando machuca que quebra a	MT105-3;	MT107-4
3	cabeça-dura		loc sf	pessoa que tem dificuldade de aprend	a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas		MT105-4	
4	cabeceira	cabicera	sf	ponto de desaguamento de um rio	o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio		MT103-4;	MT108-1; M
5	cabelo		sm	pelo flexível do pescoço do cavalo	o cabelo em cima do pescoço do cavalo		MT103-2;	MT108-2
6	cabo		sm	extremidade do carrinho de mão em	as duas partes em que a pessoa segura para empurrar		MT103-4;	carrinho de
7	cabra-cega	capa-cega	loc. sf	brincadeira infantil em que uma crian	a brincadeira em que u	A cabra-cega botava uma vend	MT103-1;	MT105-3; M
8	cabritinho	cabritinha	sf	fihote da ovelha logo que nasce	a cria da ovelha logo que nasce		MT107-4;	MT110-3
9	caca		sf	muco ressecado do nariz	a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo		MT104-1;	MT106-4; M
10	cacaca		sf	muco ressecado do nariz	a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo		MT108-4;	MT111-4
11	cacete armado		sm	lugar pequeno com um balcão onde s	um lugar pequeno com um balcão onde os homens cos		MT103-3	
12	cachaça		sf	bebida alcoólica feita de cana-de-açú	a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar		MT103-1;	MT103-2; M
13	cachaceiro		sm	pessoa que costuma beber demasiad	nome que se dá à pessoa que bebeu demais		MT104-2;	MT105-1; M
14	cachimbo		sm	inseto de corpo comprido e fino com	o inseto de corpo comprido e fino com quatro asas ber		MT106-4	
15	cacho		sm	parte que se corta do cacho da banar	cada parte que se corta do cacho da bananeira para pc		MT105-4;	MT108-7; M
16	caçuá		sm	objeto de vime, de taquara, de cipós t	aquele objeto de vime,	Então, coloca a canga, que é a	MT104-4	canga
17	caçula	caçulo	sm/sf	filho que nasceu por último	o filho que nasceu por último		MT103-1;	MT103-2; M
18	cacunda		sf	parte do cavalo em que vai a sela	a parte do cavalo onde vai a sela		MT108-4	
19	cadeira		sf	parte larga do cavalo posterior ao lor	a parte larga atrás do lombo		MT105-3;	lombo
20	café		sm	primeira refeição do dia feita pela ma	a primeira refeição do	o café já é com pão e tudo (MT	MT103-3;	MT107-3; M
21	café da manhã		loc sm	primeira refeição do dia feita pela ma	a primeira refeição do dia feita pela manhã		MT103-1;	MT103-2; M
22	cainha		adj	pessoa que não gosta de gastar seu d	a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vez		MT105-4;	MT108-2; M

Fonte: elaborada pela autora.

O Excel foi escolhido não somente pela praticidade na alimentação dos dados ou pelo fácil acesso ou tratamento que o aplicativo possibilita às informações nele armazenadas, mas especialmente pela possiblidade de migração de dados por ele oferecida, uma vez que, se o VDCO integrará o DDB, deve também priorizar uma forma prática e segura de transferir seus dados posteriormente.

---

[109] Formato Excel.

[110] Simple File Manager, formato de arquivo que possibilita sua manipulação em diversas plataformas.

[111] "[...] A etiquetagem é o processo de assinalamento de um marcador de classe gramatical (ou de outro marcador ou 'etiqueta de interesse') a cada palavra, num corpus" (VIEIRA; LIMA, 2001, p. 15).

[112] A anotação de *corpus* é "[...] a prática de adicionar informação lingüística interpretativa a um corpus eletrônico, contendo dados lingüísticos de fala ou escrita" (VIEIRA; LIMA, 2001, p. 35).

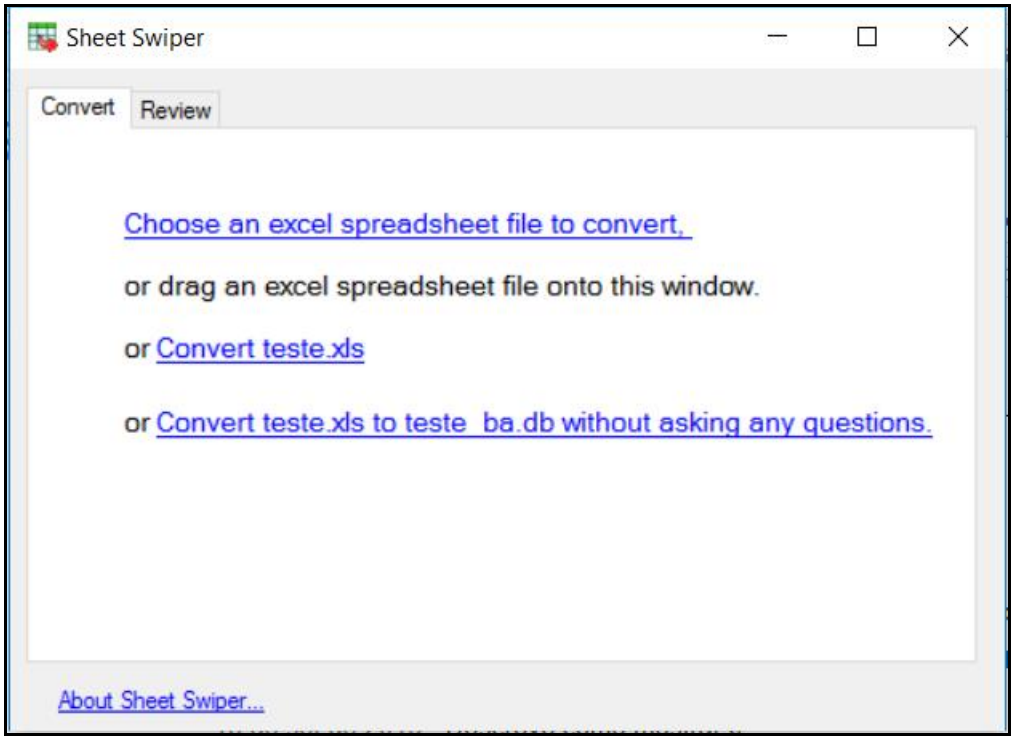
Pela Figura 7, vê-se que as primeiras linhas de cada coluna possuem uma codificação: \lx; \va; \ng; \de; \bb; \ee; \so e \cf. Esses códigos atendem às indicações do FLEx e visam a uma correta transferência de dados. Por eles, o programa norte-americano constrói o verbete “encaixando” cada informação no campo devido. Por exemplo, \lx é o lexema, que será a entrada do vocabulário; \va representa a forma variante; \ng a nota gramatical; \de a definição; \bb a bibliografia, que em nosso caso refere-se à pergunta do QSL/ALiB que deu origem à entrada; \ee é o exemplo de uso: a fala de um informante que demonstra o uso da unidade lexical ou mesmo se refere a informações enciclopédicas acerca do referente em causa; \so é a fonte dos dados, isto é, as informações de localidade e informante que mencionou a referida lexia e \cf, que indica a remissão **devida** ou **indicada** em relação à entrada: **devida** caso seja indispensável para a compreensão da definição, ou **indicada** para os casos em que pode acrescentar mais conhecimento ao usuário sem necessariamente ser indispensável.

A questão das remissivas é um item de bastante relevância para o DDB, inclusive, haja vista almejar-se “[...] um sistema de remissão bastante eficiente e complexo, capaz de dar conta das co-referências possíveis, incluindo-se aí o sistema de identificação isoglóssica de cada unidade lexical no espaço geolinguístico brasileiro” (GRUPO NÊMESIS, 2016, online). Tal importância justifica-se pelo fato de que, por se tratar de um dicionário dialetal, seu objetivo deve ser também o de demonstrar ao consulente possíveis isoglossas, identificadas a partir da variação linguística demonstrada pelo uso de uma unidade léxica em detrimento de outra em diferentes espaços geográficos (como no caso do VDCO, que documentou *banducha* como designação para tiara/diadema apenas em Formosa (GO)).

Elaborada a planilha Excel com os dados, o próximo passo do VDCO foi a conversão do arquivo de extensão XLS para SFM. O *Simple File Manager* (SFM) é um gerenciador de arquivos que os gera de forma simples e leve, tornando-os passíveis de serem lidos e executados por vários outros programas e em máquinas de diversas configurações. Talvez por isso essa seja a extensão de arquivos requisitada pelo SIL para ser importada pelo FLEx. Essa tarefa ocorre por meio de outro aplicativo: o *SheetSwiper*, também fornecido pelo SIL e que converte exatamente planilhas com dados linguísticos para esse formato que o Instituto mesmo chama de padrão, suscetível de utilização em diversos programas de

tratamento de léxico. Para isso, abre-se o programa a partir de onde ele esteja instalado na máquina, quando se vê a tela inicial, tal qual demonstrada na Figura 8:

Figura 8: Tela inicial do SheetSwiper



Fonte: elaborada pela autora.

Como se pode ver, o programa dá como opção de conversão escolher uma planilha qualquer ou converter a última acessada (neste caso, a planilha teste). Depois de realizado o processo, o arquivo SFM tem este formato:

Figura 9: Arquivo SFM convertido a partir de um XLS pelo SheetSwiper

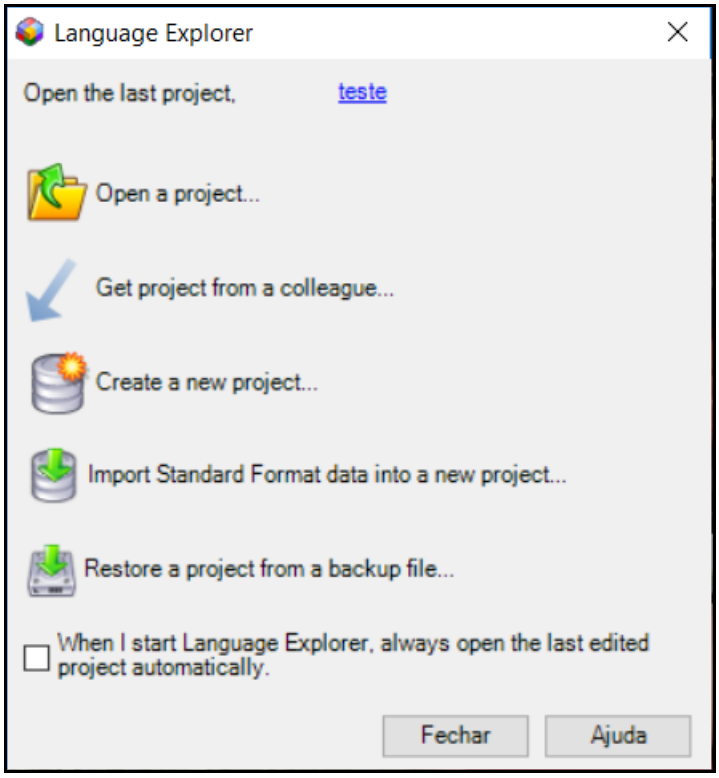
```
\lx cabeça do joelho
\va
\ng loc sf
\de osso redondo situado na frente do joelho
\bb o osso redondo que fica na frente do joelho
\ee Quando machuca que quebra a cabeça do juelho, um fala assim fulano quebrô a cabeça do juelho,
\so MT105-3; MT107-4
\cf

\lx cabeça-dura
\va
\ng loc sf
\de pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas
\bb a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas
\ee
\so MT105-4
\cf

\lx cabeceira
\va cabicera
\ng sf
\de ponto de desaguamento de um rio
\bb o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio
\ee
\so MT103-4; MT108-1; MT110-2
\cf

\lx cabelo
\va
\ng sm
\de pelo flexível do pescoço do cavalo
\bb o cabelo em cima do pescoço do cavalo
\ee
\so MT103-2; MT108-2
\cf
```

Fonte: elaborada pela autora.

Esse processo de conversão de arquivos em Excel para DataBase é uma proposta do VDCO para o DDB, que atualmente utiliza o WordSmith 4.0 para a listagem de palavras, mas que ainda não faz uso de nenhum software para a elaboração do dicionário, o que demanda muito mais tempo para a realização da tarefa, bem como exige do pesquisador ou da equipe responsável que se afaste das análises para a execução de uma atividade meramente mecânica, se considerado que todos os parâmetros já foram definidos e aplicados, não restando mais que dispor as informações em campos específicos.

Depois disso, já havendo o arquivo SFM, promove-se sua importação para o FLEx, cuja tela inicial é apresentada pela Figura 10:

Figura 10: Tela inicial do FLEx



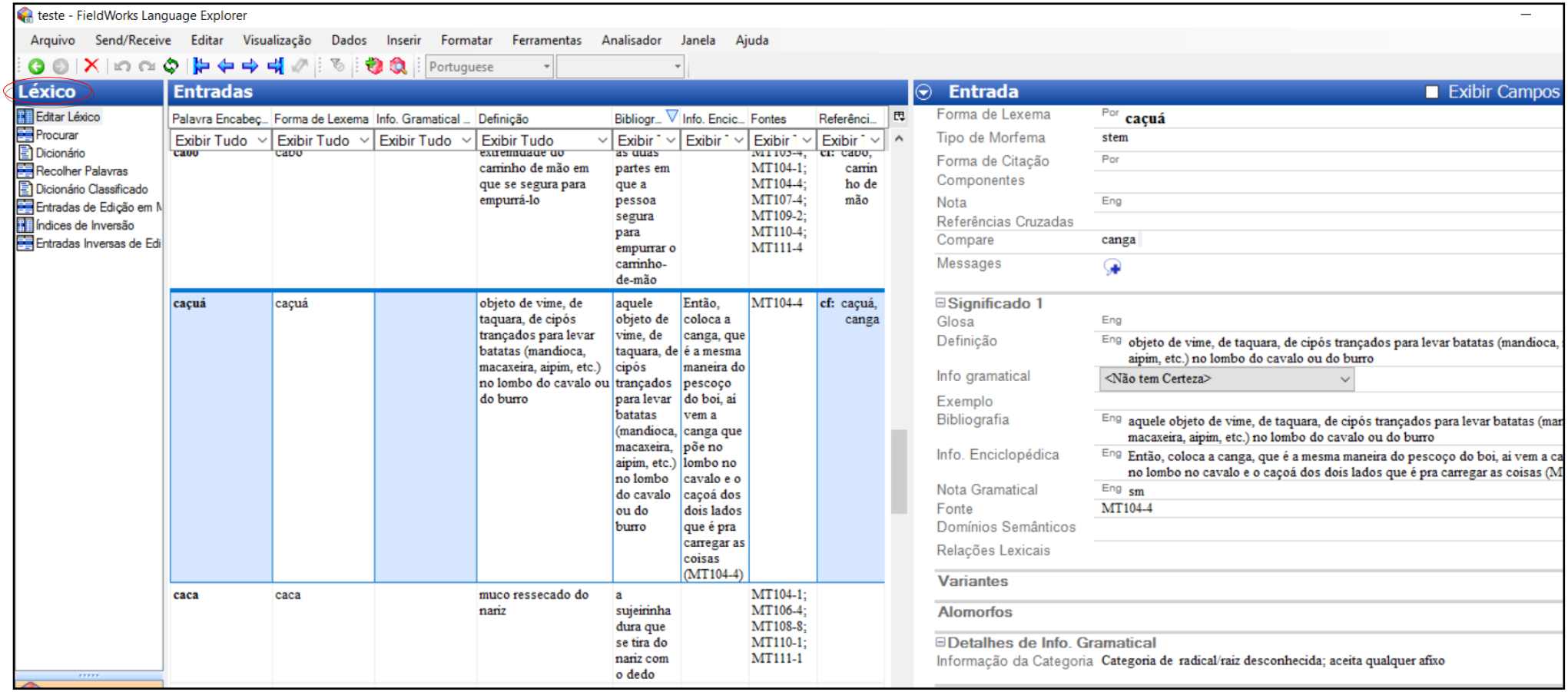
Fonte: elaborada pela autora.

Segundo o SIL, o "[…] FieldWorks Language Explorer (or FLEx, for short) is designed to help field linguists perform common language documentation and analysis tasks" [113] (SIL, 2016, online). De fato, trata-se de uma ferramenta extremamente útil e ágil no tratamento dos dados e, no caso específico deste trabalho, para a organização de dados lexicais com vistas a criar um dicionário.

No caso da Figura 10, que mostra a primeira tela do sistema assim que ele é aberto, veem-se as opções oferecidas e, tal qual o SheetSwiper, o FLEx nos possibilita abrir o último projeto sem necessariamente navegar pelas pastas do computador. A próxima tela demonstra o projeto teste de modo a já trazer os campos preenchidos para uma melhor ilustração:

[113] "[...] FieldWorks Language Explorer (ou FLEx, abreviado) é projetado para ajudar os linguistas de campo a realizarem tarefas de documentação e análise da língua comum" (T.N.).

Figura 11: FLEx – Tela de edição de léxico



Fonte: elaborada pela autora.

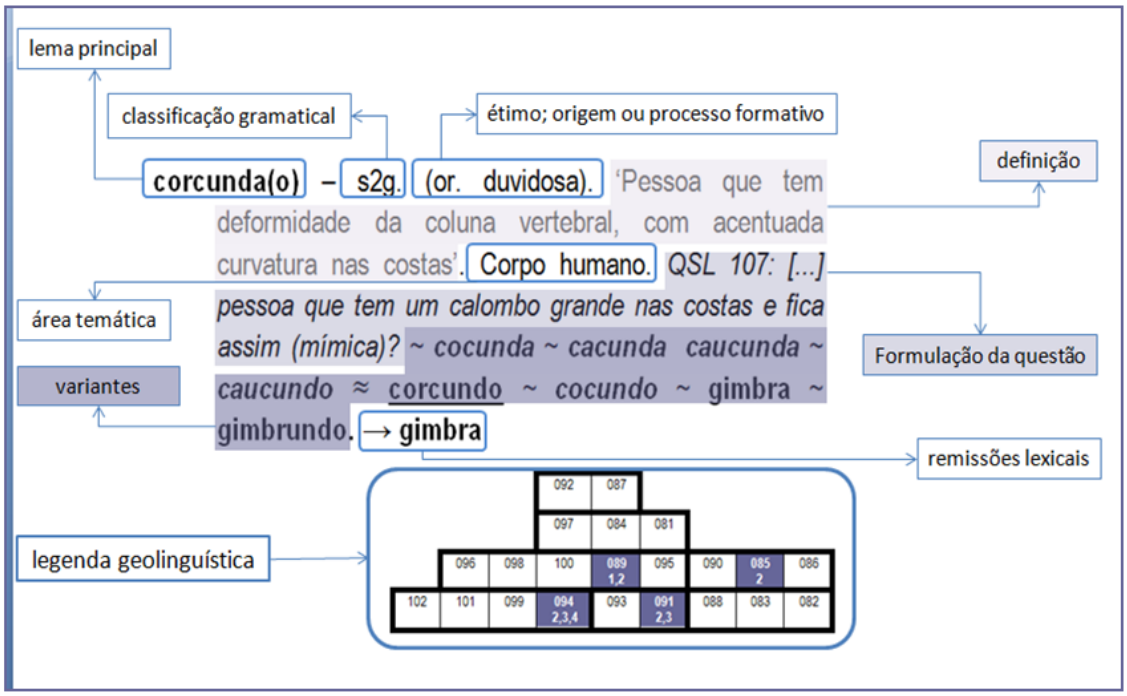
A apresentação das telas do FLEx como um todo são bastante amigáveis e intuitivas e, a partir dessa segunda, o menu e as opções passam a vir em língua portuguesa. Na tela Editar Léxico, ilustrada pela Figura 11, têm-se as opções principais do *software* no canto esquerdo superior e depois uma divisão, em que o lado esquerdo é reservado para todas as entradas, sejam aquelas importadas a partir de um arquivo SFM, como no caso do VDCO, ou aquelas inseridas uma a uma, no caso de trabalhos que não criaram arquivos DataBase antes. No lado direito, estão as informações da entrada selecionada em suas particularidades, dados esses que também podem ser editados por esta tela aberta a partir da seleção do item assinalado em vermelho. Aqui demonstram-se também os parâmetros que o pesquisador deseja que definam seu projeto lexicográfico e, consequentemente, aqueles aqui escolhidos e que norteiam as informações que compõem o verbete do *Vocabulário*.

No caso presente, a composição do verbete respeita as diretrizes definidas pelo *Dicionário Dialetal Brasileiro*, haja vista dele fazer parte e também por compreender que uma obra que almeje apresentar a norma lexical em uso em um espaço geográfico precisa registrar, em suas entradas, informações que coadunem com seu caráter descritivo e ofereçam um panorama contextual do uso daquela palavra-entrada. Desse modo, seus consulentes podem entender com mais propriedade aquela unidade léxica, mesmo porque podem ocorrer casos em que o usuário a desconheça por um caráter regional e até mesmo restrito que possa vir a ter, como o caso de *balanço* [114] para nomear gangorra, documentado pelo VDCO.

No DDB, a proposta de verbete tem assim se apresentado:

[114] A validação das unidades léxicas como entradas do *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste* será tratada na continuidade do texto.

Figura 12: Composição de um verbete do *Vocabulário Dialetal Baiano*



Fonte: NEIVA (2015, p. 64).

Se comparado esse modelo de verbete aos convencionais, componentes de um dicionário geral de língua, nota-se que ele possui elementos essenciais em sua estrutura, como lema principal (inclusive indicado com letras redondas e em negrito, como o orientado pela teoria lexicográfica para o destaque da palavra-entrada frente aos outros campos), a classificação gramatical (que, como explicado no Capítulo II, é importante para o uso e para a compreensão do item léxico por parte do consulente) e um campo destinado à origem da palavra (seja seu étimo, a origem propriamente dita ou o processo que a formou). Depois, segue-se a parte definitória do verbete, assim nomeada por Haensch (1982b): a definição, elaborada pelo lexicógrafo (neste caso a definição do tipo aristotélica, perifrástica ou hiperonímica), seguida pela área semântica a que pertence a lexia (de acordo com as 14 contempladas pelo Questionário Semântico-Lexical do ALiB) e a própria pergunta do QSL/ALiB que gerou a resposta eleita como entrada do *Vocabulário*. Posteriormente, seguem as formas variantes e, finalmente, a remissão a outra entrada a esta relacionada.

Uma das proposições diferenciadas do VDCO em relação ao *Dicionário Dialetal Brasileiro*, aqui brevemente demonstrado a partir do *Vocabulário Dialetal*

Baiano, seu primeiro produto, é relativa à apresentação das variantes. Como o apresentado na Figura 12, o VDB trata igualmente variantes léxicas e fonológicas (*cocunda* e *cacunda*, por exemplo, vigoram junto a *gimbra*, *gimbrundo*). Entretanto, entende-se que seria melhor separar essas variantes linguísticas que tratam de níveis diversos da língua, respeitando-se exatamente essa diferenciação entre elas.

Entende-se que "[...] una variable lingüística es un conjunto de expresiones de un mismo elemento y cada una de las manifestaciones o expresiones de uma variable recibe el nombre de variantes linguísticas" [115] (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p. 21), conceito que incorpora as variantes fonéticas e as lexicais. Contudo, elas se diferem, pois tratam de níveis linguísticos distintos: enquanto na variante fonética os sons mudam no nível da palavra, "[...][nas] **realizações fonéticas**, [...] os signos continuam os mesmos" (BABINI, 2002, p. 24), no caso das variantes lexicais, há "[...] el uso alternante de unas formas léxicas – normalmente sustantivos, verbos o adjetivos – en unas condiciones linguísticas y extralinguísticas determinadas" [116](MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p. 32), ou seja, dois signos linguísticos [117] distintos atuando alternadamente para nomear o mesmo referente.

Estabelecendo, pois, a diferença entre variantes fonéticas e lexicais, esse critério foi tomado como parâmetro para a organização da macroestrutura do *Vocabulário*, em que se consideraram como candidatas a lema apenas as variantes lexicais [118], ficando as fonéticas reservadas ao campo das variantes.

Igualmente, o VDCO tratou casos de homonímia, como *bonitinha* para nomear o terçol e *bonitinha* para conjuntivite. A orientação para esses casos foi considerar o contexto de utilização da lexia e seu significado, atribuído pelo falante que a proferiu, bem como princípios da Semântica que tratam a homonímia. Esclarece Lyons (1997, p. 82) que "[...] los homónimos se definen tradicionalmente como palabras distintas que poseen la misma forma", [119] explicando ainda que há a homonímia absoluta, aquela em que se satisfazem três condições, quais sejam: a)

---

[115] "[...] Uma variável é um conjunto de expressões de um mesmo elemento e cada uma das manifestações ou expressões de uma variável recebe o nome de variantes linguísticas" (T.N.).

[116] "[...] O uso alternante de algumas formas léxicas – normalmente substantivos, verbos ou adjetivos – em condições linguísticas e extralinguísticas determinadas" (T.N.).

[117] Retomando a teoria saussuriana, lembramo-nos que signo linguístico é a combinação entre conceito e imagem acústica, termos que o linguista genebrino substituiu por significado e significante (SAUSSURE, 2012).

[118] As variantes lexicais são aquelas que pertencem ao domínio do léxico de uma língua. Para maiors aprofundamento sobre o tema, rever parte 1.1 do Capítulo I desta Tese.

[119] "[...] Os homônimos se definem tradicionalmente como palavras diferentes que possuem a mesma forma" (T.N.).

que tenham significados não relacionados entre si; b) que todas as suas formas seja idênticas e c) que todas as formas idênticas sejam gramaticalmente equivalentes; e a parcial, que respeita ao menos um desses parâmetros (Lyons, 1997).

Esse tratamento de homônimos deve ser considerado pelo lexicógrafo, uma vez que os dicionários, por documentarem a língua em uso, lidam com essa questão, como ocorreu com o *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste*. Nesse sentido, Biderman (1991, p. 286) explica que "[...] a prática lexicográfica em português e em línguas latinas costuma considerar como [...] homônimas as palavras derivadas de étimos diferentes e de significados diferentes, porém, idênticas morfofonicamente".

Realizadas essas considerações teóricas, que orientaram o procedimento metodológico adotado por esta pesquisa, explica-se que o VDCO apresenta dois tipos de verbetes: os remissivos, de maneira a demonstrar a distribuição sociogeográfica no universo pesquisado, e os completos, que versam sobre os lemas selecionados como representativos da fala do Brasil Central por tomarem como entradas as variantes lexicais mais produtivas, as que tiveram um maior número de ocorrências, para nomear um referente. Isso porque o objetivo da pesquisa é descrever a norma lexical falada por habitantes do Centro-Oeste brasileiro.

Por isso, destacam-se na nomenclatura como verbetes completos apenas aqueles cujo lema foi o mais recorrente para designar um conceito. Nesse sentido, a produtividade, isto é, a análise das unidades léxicas de acordo com suas ocorrências, classificando-as da maior produtividade para a menor, norteou a composição da nomenclatura do VDCO e também a microestrutura dos verbetes.

Todavia, houve casos em que dois itens lexicais apresentavam o mesmo número de ocorrências, ou seja, a mesma produtividade. Nesses casos, para a escolha de qual deles encabeçaria um verbete completo, foram utilizados critérios geolinguísticos, primeiro considerando a distribuição diatópica e, nas situações em que esse parâmetro ainda fosse equivalente entre duas ou mais unidades léxicas, o caráter social do registro. Dessa maneira, as entradas dos verbetes completos foram selecionadas a partir de sua documentação em mais localidades (diatopia). O segundo critério, adotado apenas caso o primeiro não fosse suficiente, regeu essa seleção a contar da pluridade de perfis de informantes que mencionaram a referida lexia.

Por exemplo, para nomear o final da tarde, foram documentadas com seis ocorrências *fim da tarde* e *pôr do sol*, a maior produtividade alcançada para a questão, o que candidataria ambas a verbete completo. Porém, *fim da tarde* foi documentada em cinco localidades e *pôr do sol*, em seis, caráter diatópico que as distingue e remete esta à entrada de verbete completo e *fim da tarde*, a verbete remissivo.

Além desse caso, os verbos utilizados para se referir ao ato de comer demasiadamente também registraram o mesmo número de ocorrências (cinco): *repugnar* e *estourar*. Como ambos foram documentados em cinco localidades distintas, foi preciso acionar o critério social para a seleção do lema que seria tratado no verbeto completo. Entretanto, eles também foram equivalentes quanto a esse parâmetro, restando ao VDCO recorrer novamente à diatopia e selecionar *estourar* como lema de verbete completo por se revelar com mais força em um estado (três ocorrências no Mato Grosso, uma em Mato Grosso do Sul e uma em Goiás) em relação a *repugnar* (dois registros mato-grossenses, um sul-mato-grossense e dois goianos).

Porém, houve um caso em que nenhum desses critérios se revelou profícuo: *comer de gula* e *estar com danadeza*, locuções verbais utilizadas para nomear o ato de comer exagerada e rotineiramente que se registraram apenas uma vez cada uma, o que fez com que ambas se tornassem lemas de verbetes completos.

Considerando todas essas variáveis, foi necessária também a decisão acerca da validação das respostas, isto é, refletir sobre quais unidades léxicas, apesar de comporem o *corpus* da pesquisa, não fariam parte da nomenclatura do VDCO. Isso porque, não raras vezes, houve o registro de itens lexicais cuja acepção em pouco ou em nada se aproximava do conceito em pauta.

A partir dessa constatação, foram pesquisadas obras lexicográficas de diferentes tipologias, como dicionários gerais e etimológicos, de modo a elucidar a possível motivação dessa documentação. Igualmente, foram consideradas informações fornecidas pelos próprios falantes acerca do item lexical ou do referente nomeado para a validação dessas respostas. A par dessas consultas, foram validadas todas as unidades lexicais que pudessem de fato se referir ao conceito pesquisado, inclusive as *hapax legomena*, cujas ocorrências podem ainda revelar lexias em vias de desaparecimento ou de surgimento em relação ao sistema linguístico, como o caso de *sumidouro* para nomear o redemoinho na água.

Assim, propõe-se uma distribuição diferente no que tange à ordem das informações no verbete completo no VDCO em relação ao inicialmente proposto para o DDB:

> **estilingue** (istilinga; estilingo) s.m. Objeto em formato de forquilha, de madeira ou de metal, munido de elástico, com que se atiram pequenas pedras. [É «estilingue», funda. No tempo que nóis morava lá no mato os menino, meus irmão tinha, falava funda, mas hoje ninguém vê se falá mais em funda, mais é «estilingue» [MT106-4].] QSL157/ALiB: Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho? MT; MS; GO. cf. **bodoque; pelote; pilunga; baladeira; funda**.

Igualmente, para os verbetes remissivos, sua ordem, na nomenclatura, segue a alfabética:

> **funda** (fundia) s.f. [Ah, os mais velho fala «funda», mais os mais novo já fala istilingue, daí… Mistura tudo, né? Eu falo: "para com a «funda» na mão, guri, joga essa «funda» fora" [MT110-4].] MT; MS; GO. cf. **estilingue**.

No caso do VDCO, como se vê, segue-se a organização do verbete proposta por Haensch (1982b), qual seja: lemas (primário e secundário), classificação gramatical e parte definitória. Dessa forma, foram agrupadas as variantes fonéticas (*istilinga, istilingo* e *fundia*) às entradas (*estilingue* e *funda*).

Não participa dos artigos lexicográficos do Vocabulário a origem etimológica. Desaconselhada por Garriba Escribano (2003) como componente de dicionários sincrônicos, considera-se ainda o fato de os estudos etimológicos no Brasil ainda estarem incipientes, o que poderia comprometer a uniformidade na constituição dos verbetes do VDCO, além de este produto lexicográfico ser de caráter descritivo.

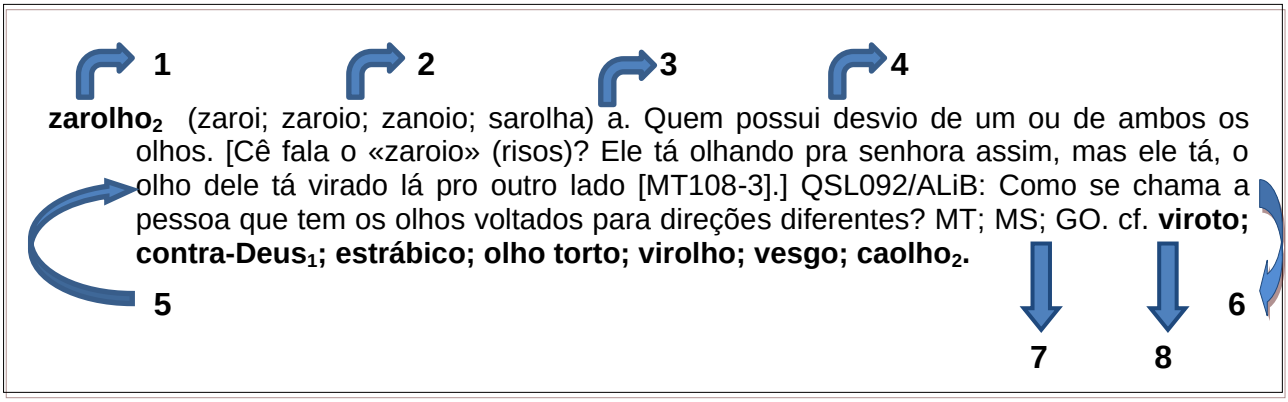
A continuidade das informações segue a metodologia do DDB – definição lexicográfica do tipo parafrástica e pergunta formulada pelo ALiB que documentou a palavra-entrada. Contudo, entre esses componentes, acrescenta-se o contexto de realização da unidade léxica em tela, não previsto pelo DDB, mas que se entende ser fundamental para o VDCO, tendo em vista configurar-se como um vocabulário descritivo de uma norma regional.

Nesse sentido, informações diversas fornecidas pelos falantes podem enriquecer sobremaneira a descrição da norma lexical do Centro-Oeste, em se tratando deste trabalho, fornecendo ao consulente contextos de uso e também

informações enciclopédicas sobre o referente nomeado. O artigo *amassa-barro* apresentado ilustra ambos os casos: o contexto sintático que envolve a lexia e dados sobre os hábitos do animal, tendo sido inclusive revelado um conhecimento linguístico do falante que vê uma provável mudança em curso. Nessa informação, após a transcrição da fala do informante, segue sua identificação: [120]

> **amassa-barro** (massa-barru) s.m. [Porque ele fala «amassa-barro» porque ele amassa bem o barro primeiro, ele... Aí depois ele põe uma camada de capim, outra de barro e mistura as duas, as duas camada do capim e do barro. Pra senhora ver que chuva não derruba a casa de «amassa-barro». Pra derrubar casa de «amassa-barro» tem que ser chuva mesmo, chuva grande. Aí de uns tempo pra cá que ficou... Que um monte... Chegô... Foi chegando mais gente de fora aqui, né, que conhecia como joão-de-barro, né? Entom agora ficou todo mundo conhece mais como joão-de-barro [MT108-3].] MT; MS. cf. **joão-de-barro**.

Frente ao exposto, tem-se como exemplo de verbete completo:



Em que:

1) **Lema:** item dicionarizado ou mesmo aquele cuja produtividade, isto é, o número de ocorrências, justifica essa posição. A lematização respeita a norma padrão escrita formal do português brasileiro. [121]

2) **Variante fonética:** indicação das diversas realizações fonéticas da palavra-entrada, [122] sem necessariamente se constituir em um lema.

---

[120] A partir das notas metodológicas apresentadas do ALiB, explicitadas pelos Quadros 3 e 4, na sequência do texto, vemos que foi o cuiabano da faixa etária II (50 a 65 anos de idade) que proferiu tal explicação.

[121] Por esse critério, empréstimos linguísticos, bem como unidades léxicas cujas grafias não puderam ser confirmadas pelas diversos modos de pesquisa utilizados (frequência na rede mundial de computadores, registros em obras de diversas naturezas, dentre outros), tiveram sua lematização respeitando-se a fala dos informantes, como *melis*, por exemplo, utilizado para nomear a banana que nasce grudada ou mesmo a criança que nasce no mesmo parto de seu irmão ou irmã.

3) **Classificação gramatical:** registro da classe gramatical a que pertence o item lematizado.

4) **Definição:** paráfrase lexicográfica do item em questão (nos casos de substantivos e adjetivos) ou uma explicação (no caso dos verbos), elaborada pela autora.

5) **Abonação:** contexto de uso da unidade léxica, além de informações enciclopédicas acerca do elemento nomeado. Nem todos os verbetes contam com abonação, posto tratar-se de uma explicação dos falantes em relação à unidade lexical ou ao referente, nem sempre disponível nos inquéritos que compõem o *corpus* desta pesquisa. [123] É redigida em redondo, entre colchetes e seguida por parênteses que indicam a fonte do dado. Nela, a palavra-entrada é destacada e vigora entre os símbolos **«»**. Além disso, as abonações foram transcritas tal qual enunciadas pelos falantes, respeitando-se suas marcas de fala.

6) **Bibliografia:** indicação do código de identificação da pergunta do Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil que deu origem à entrada, seguido do texto da questão.

7) **Legenda dialetal:** informação geolinguística da fonte da entrada, demonstrando o ou os estados do Centro-Oeste em que vigora a referida unidade léxica, indicada por meio das siglas dos estados do Centro-Oeste: MT, MS e GO.

8) **Remissiva**: referência a todos os remissivos a que se ligam o item lexical lematizado – verbetes completos e remissivos, completando, assim, o ciclo informacional acerca do lema. A indicação da remissiva é realizada pela abreviatura **cf**.

---

[122] Haja vista que o objeto deste trabalho é o nível lexical da norma veiculada no Centro-Oeste, foi desconsiderado o alçamento das vogais átonas finais, representando-se tanto quanto possível as realizações fonéticas por meio da transcrição grafemática.

[123] A explicação dos informantes, de maneira geral, precisa de um estímulo do inquiridor, uma nova pergunta sobre o referente, o que, por muitas vezes, não ocorre, tendo em vista a própria natureza da pesquisa, que buscou designativos para elementos diversos, mas não requeria dos pesquisadores abonação, esta presente em grande parte nos inquéritos realizados por estudiosos do léxico, apenas uma vertente do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Já como verbetes remissivos, vigoram da seguinte forma os artigos lexicográficos:

falar mais que homem da cobra (falar igual homem da cobra) v. [Assim, eu... Eu se... Sempre a gen... Eu aprendi um ditado assim: “nossa, mas fulano «fala igual o homem da cobra»”(risos). Agora o porquê eu num sei, porque fala muito né, ela diz: "por certo o homem da cobra falava demais, né” (risos) [GO123-2].] MS; GO. cf. **conversar mais que homem da cobra**.

Como já mencionado, a essa estrutura não pertencem apenas a definição e a bibliografia, itens componentes somente do verbete completo, aquele que traz informações da unidade léxica mais recorrente para a nomeação de um referente e que dá pistas, por isso, para o entendimento de que é a mais reconhecida na região e, consequentemente, pode representar domínio na norma lexical do Centro-Oeste.

Além dessas informações, respeita-se a metodologia do DDB no que diz respeito à apresentação de uma legenda dialetal para indicar a distribuição geográfica da unidade léxica documentada em relação ao *corpus* de pesquisa, demonstrando ainda sua filiação ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil e a fonte dos dados, atendendo ao grande objetivo do DDB, que é o de “[...] conjugar de forma abrangente língua e cultura, de forma a permitir o conhecimento mais abrangente possível da relação dialetal que se estabelece, através do léxico, nas comunidades que o utilizam” (MACHADO FILHO, 2015, p. 43).

Todavia, com vistas a otimizar as consultas à produção e também a facilitar o manuseio do *Vocabulário*, a legenda dialetal completa, isto é, contendo todas as informações da fonte dos itens léxicos, está disposta no Apêndice do VDCO, uma vez que a busca por informações sobre a ocorrência das unidades léxicas, mais detalhada e específica, pode ser proveniente de diversos perfis de usuários, além de requerer mais tempo para sua leitura e interpretação. Assim, caso o consulente queira conhecer algum item lexical em uso no repertório lexical do Centro-Oeste, ele precisa inicialmente consultar apenas o VDCO; porém, se quiser compreender os detalhes dessa unidade léxica, como produtividade, local de ocorrência e perfil do falante, aí sim consultará também o Apêndice.

Para a compreensão da proposta da referida legenda dialetal, é importante primeiramente saber que todas as localidades em que se realizaram as entrevistas pelos pesquisadores do ALiB recebem uma numeração no âmbito da rede de pontos

do referido projeto, que as identificam no universo de estudo. Assim também acontece com as pessoas entrevistadas que, por questões éticas e também metodológicas, recebem uma numeração identificadora de acordo com seu perfil social. Dessa maneira, homens são identificados com números ímpares e mulheres, pares; o nível de escolaridade fundamental recebe a numeração de 1 a 4 e de escolaridade universitária, de 5 a 8; a faixa etária I é indicada com 1, 2, 5 e 6, enquanto a faixa etária II, com 3, 4, 7 e 8.

Detalhando o perfil dos informantes, apresenta-se o Quadro 3:

Quadro 3: Perfil social e identificação dos informantes ALiB

Número de identificação	Perfil social
1	Homem jovem, escolaridade fundamental
2	Mulher jovem, escolaridade fundamental
3	Homem idoso, escolaridade fundamental
4	Mulher idosa, escolaridade fundamental
5	Homem jovem, escolaridade universitária
6	Mulher jovem, escolaridade universitária
7	Homem idoso, escolaridade universitária
8	Mulher idosa, escolaridade universitária

Fonte: elaborada pela autora com base na metodologia do ALiB.

Assim, retoma-se a legenda:

Figura 13: Legenda geolinguística do VDB

Fonte: NEIVA (2016, p. 64).

Na proposta, os campos escurecidos, que contêm dados preenchidos, representam as localidades em que a unidade léxica foi documentada, no caso: 89, 85, 94 e 91; os números abaixo dessa indicação identificam os informantes que proferiram a resposta.

No caso do VDCO, produto desta Tese, foi proposta uma legenda dialetal puramente textual, especialmente tendo em vista a dificuldade em representar ilustrativamente as 24 localidades que compõem a rede de pontos do ALiB na região Centro-Oeste, cujos dados foram aqui considerados, tanto em relação a seu posicionamento geográfico quanto mormente acerca da proporção entre suas dimensões territoriais. Dessa maneira, a legenda dialetal é composta pelo número da localidade (em acordo com o definido pelo Projeto ALiB), seguido por um traço simples e logo depois o número que identifica o falante.

Anteriormente, no Quadro 3, foram explicitadas as informações sobre os informantes selecionados pelo Atlas de acordo com sua metodologia. A seguir, demonstram-se as localidades em que se realizaram os inquéritos e seus respectivos números de identificação no universo da pesquisa:

Quadro 4: Localidades pesquisadas no Centro-Oeste e seus respectivos números de identificação no *corpus*

Estado da Federação	Número de identificação	Nome da localidade
Mato Grosso	103	Aripuanã
	104	São Félix do Araguaia
	105	Diamantino
	106	Poxoréu
	107	Vila Bela da Santíssima Trindade
	108	*Cuiabá (capital)*
	109	Barra do Garças
	110	Cáceres
	111	Alto Araguaia
Mato Grosso do Sul	112	Coxim
	113	Corumbá
	114	Paranaíba
	115	*Campo Grande (capital)*
	116	Nioaque
	117	Ponta Porã
Goiás	118	Porangatu
	119	São Domingos
	120	Aruanã
	121	Formosa
	122	Goiás
	123	*Goiânia (capital)*
	124	Jataí
	125	Catalão
	126	Quirinópolis

Fonte: elaborado pela autora com base na metodologia do ALiB.

Assim, buscou-se produzir uma obra lexicográfica de caráter dialetal que possa representar o vocabulário ativo na fala de mato-grossenses, sul-mato-grossenses e goianos seguindo-se preceitos lexicográficos, bem como utilizando conhecimentos interdisciplinares, como os pertinentes à Dialetologia, à Geolinguística e à Linguística Computacional, auxiliados pela abordagem metodológica da Linguística de *Corpus*.

CAPÍTULO V – O FALAR DO BRASIL CENTRAL APONTADO PELO *VOCABULÁRIO DIALETAL DO CENTRO-OESTE*: TENDÊNCIAS

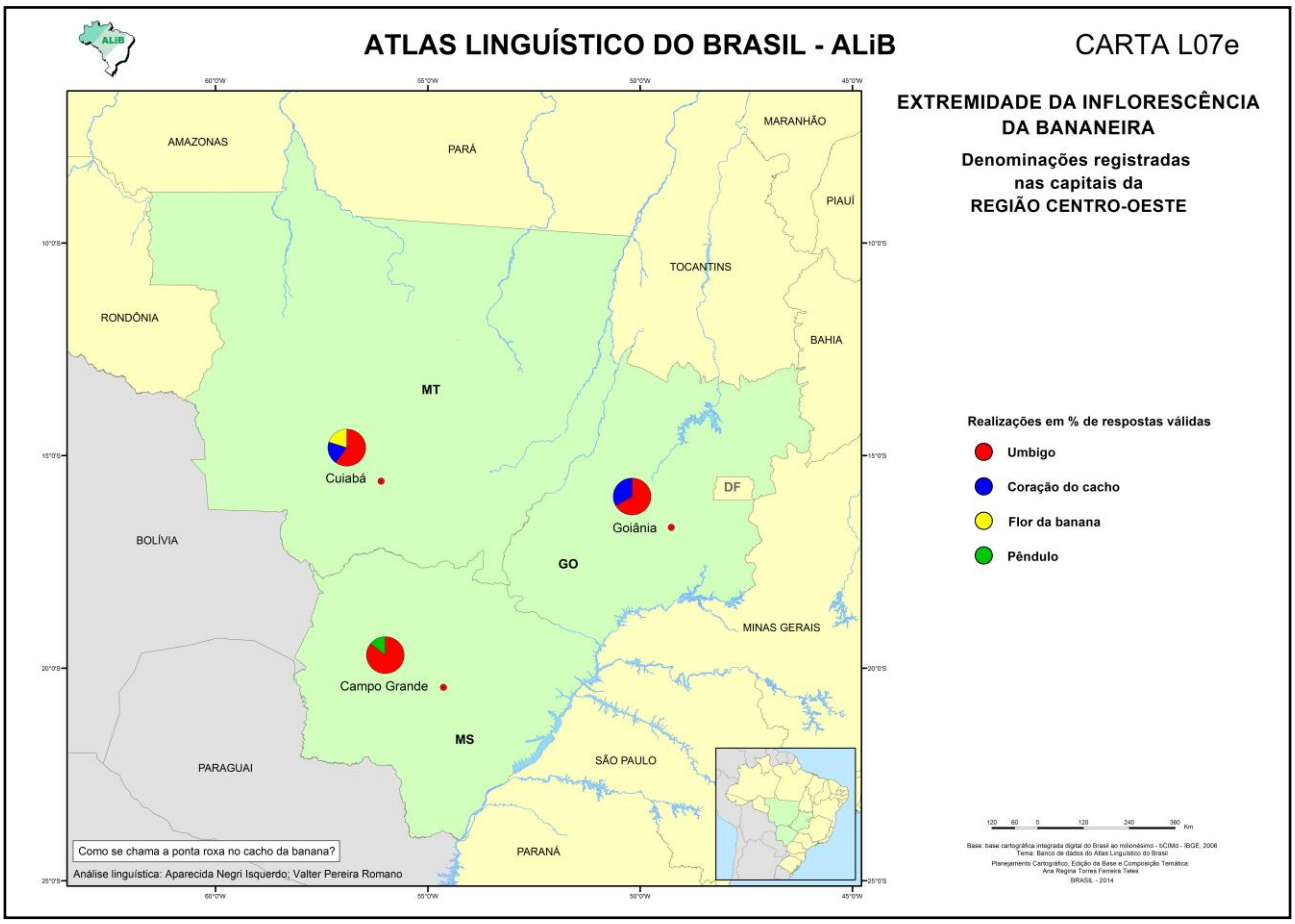
Ao manejar um *corpus* geolinguístico de mais de 23 mil ocorrências para a elaboração do *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste*, cuja nomenclatura é composta por 1.604 entradas, um novo objetivo específico foi traçado, o de analisar o *Vocabulário* considerando os dados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás com vistas a identificar semelhanças e particularidades entre as informações documentadas pelo Projeto ALiB nos três estados, tendo em vista a riqueza vocabular apresentada.

No entanto, considerando-se o cronograma da pesquisa e principalmente a dimensão do *corpus*, não é possível a este texto tratar detidamente todos os fatos lexicais identificados na fala habitantes do Centro-Oeste e demonstrados pelo VDCO. Por esse motivo, este Capítulo apresenta considerações e discussões sobre alguns fenômenos, que podem oferecer um panorama das tendências e da realização da norma lexical da região investigada.

Inicialmente, a hipótese do trabalho era verificar se haveria uma norma lexical comum aos estados da região Centro-Oeste. De fato, essa hipótese precisou ser revista no decorrer da pesquisa, posto que seria utópica sua verificação já que os dados linguísticos do Brasil não são totalmente conhecidos. Porém, muito se tem evoluído nesse quesito, mormente pelos trabalhos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, que, desde os anos 1990, tem se empenhado em documentar a variante brasileira do português e cujos primeiros resultados começaram a ser publicados em 2014 (CARDOSO et al, 2014a; 2014b). Exatamente a partir dos dados publicados pelo ALiB, fez-se uma comparação entre os verbetes do VDCO e o segundo volume do Atlas Linguístico do Brasil, que contempla informações das 25 capitais brasileiras.

Nele, dentre os 27 fenômenos de caráter lexical tratados em 106 cartas e entre os que se destacam na região Centro-Oeste, estão os nomes para a extremidade da inflorescência da bananeira (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 25). *Umbigo* foi a variante lexical mais produtiva nas capitais dessa área geográfica (CARDOSO et al, 2014b, p. 183), seguida de *coração do cacho, flor da banana* e *pêndulo*, como demonstra a Figura 14:

Figura 14: Nomes para o *umbigo* da bananeira (Cardoso et al, 2014b, p. 183)



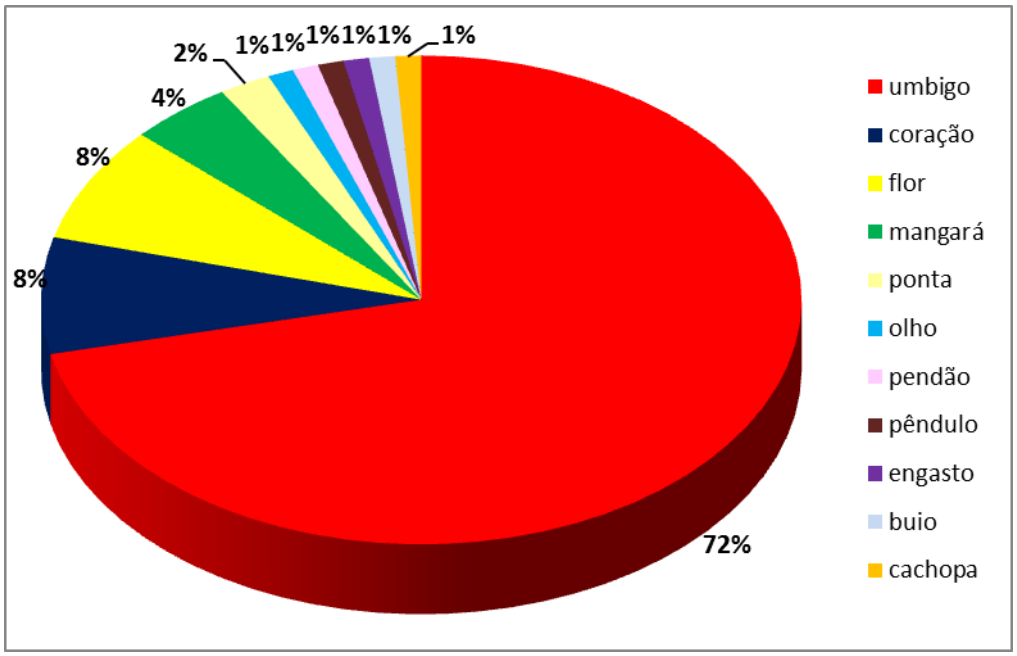
Fonte: Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al, 2014b, p. 183).

Nota-se que a unidade lexical *umbigo* teve maior produtividade em Campo Grande, depois em Goiânia e finalmente em Cuiabá, assim como *coração da banana* teve maior ocorrência em Goiânia e depois em Cuiabá. *Pêndulo*, por sua vez, só foi documentada em Campo Grande e *flor da banana*, em Cuiabá. Tratando-se dos dados do *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste*, que, além das capitais dos estados, lida com os dados do ALiB referentes ao interior de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, documentam-se os itens lexicais *umbigo/umbigueira, mangará, flor, coração, olho, ponta, pendão, pêndulo, engasto, cachopa* e *buio*.

Inicialmente, já se pode notar que os dados do interior, tendo em vista as particularidades dessas cidades, que atraem muito menos fluxos migratórios e cuja realidade socioeconômica é bem diversa em relação às capitais de estado, oferecem maior variedade lexical, isso em se tratando apenas de um fênomeno linguístico. Também esse motivo pode promover a alteração da ordem de produtividade das unidades léxicas quando computados todos os dados da região, que passou a ser:

umbigo, flor, coração, mangará, ponta e *pêndulo, engasto, pendão, cachopa, olho* e *buio* (as seis últimas com ocorrência única), o que demonstra também que as escolhas lexicais mudam conforme a realidade dos falantes:

Gráfico 1: Produtividade dos designativos para a inflorescência da bananeira (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 25) segundo o VDCO:



Fonte: *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste*.

O referente em pauta, inclusive, é bastante conhecido pelos falantes, o que pode ser verificado a partir das abonações dos verbetes do *Vocabulário*, apresentados no Volume II desta Tese:

umbigo (imbigu) s.m. Ponta terminal da inflorescência da bananeira. [Uns chama da fruta, nóis chamamos é o «imbigo» dela. Essa parte aqui, essa aqui ó... Quando a pessoa tem a uma cocera [...], então você vai adonde tem essa banana iss'aqui, vai da banana baié, daquela, daquela nanica, aquela baxa, então o 'cê vai lá no mato que sempre 'ocê pranta bastante que é aqu'eis cachão grande. Aí você corta, tira, quebra ela, 'cê qué pôr pra quebrá né, aí o cê quebra ela e tráiz. Aí ocê corta essa parte aqui, 'cê corta essa parte e passa em cima daquilo. 'Cê vai na berada do rio e pega uma escova e dá uma lavada bem caprichada com sabão [...], aí 'ocê seca ela, que quando ela tá sequinha aquela, aquela cocera, aí o cê corta isso aqui e passa em cima e iss'aqui fica, fica aquela nóda, fica aquela nóda. Duas veiz que passá já sarô, já sarô iss'aqui [MT103-3].] QSL044/ALiB: Como se chama a ponta roxa do cacho da banana? MT; MS; GO. cf. **pêndulo; pendão; engasto; buio; cachopa; umbigueira; flor; mangará; coração; ponta; olho.**

flor (flor da banana) s.f. [Inclusive os pessoal, tem gente que come isso aqui também. Corta bem fininho ele, lava bem lavadinho e passa numa gurdura quente tempera e come. Diz que é gostoso. Essa rocha iss'aqui, tem a «flor da banana» quelas solta iss'aqui qué pa dá as penca da banana, as palma [MT109-4].] MT; MS. cf. **umbigo**.

mangará s.m [«Mangará», tem gente que fala que isso aí faz bem pra quem tá gripado, faz chá com isso, mas eu nunca fiz não, não sei [GO125-4].] MT; GO. cf. **umbigo**.

A partir desses exemplos, pode-se perceber a interface entre a Dialetologia e a Lexicografia considerada nesta pesquisa: dados geolinguísticos documentados pelo Atlas Linguístico do Brasil e compilados para a organização de uma obra lexicográfica, "[...] uma oportunidade transdisciplinar de bom termo, nomeadamente para o avanço da lexicografia moderna" (MACHADO FILHO, 2010, p. 51). Esse propósito, inclusive, norteou a concepção do *Dicionário Dialetal Brasileiro*, projeto maior a que se filia o VDCO, qual seja:

> [...] Assegurar a difusão mais ampla do conhecimento da realidade linguística de uma nação, no que tange aos usos lexicais, de forma a atender, de maneira econômica e com maior amplitude, o acesso aos dados dialetais, por parte de seus supostos principais grupos de interesse ou público-alvo, isto é, os estudiosos da língua e da cultura e a população em geral (MACHADO FILHO, 2010, p. 50).

Isso porque a impressão de atlas linguísticos, consideradas suas especificidades gráficas, é economicamente onerosa, além do fato de que o próprio formato dessas publicações, de modo a possibilitar a visualização das informações,

torna também complexo seu manuseio. Essas características físicas podem restringir a consulta aos atlas.

O tratamento lexicográfico desse conteúdo e sua disposição em dicionários, por sua vez, podem contribuir em grande medida para a divulgação desses dados. O VDCO, por exemplo, contempla mais de 23 mil ocorrências em 1.604 entradas e está disposto em 169 páginas entre o vocabulário propriamente dito (84 páginas) e o apêndice (85 páginas), este que apresenta a legenda dialetal a ser consultada apenas por aqueles que almejam conhecer os detalhes da documentação das variantes lexicais no que tange aos falantes que as mencionaram.

Além disso, por contemplar informações gramaticais, semânticas e discursivas sobre as entradas, o *Vocabulário* congrega em seus verbetes dados relevantes para o entendimento das lexias, tanto no que diz respeito à sua utilização quanto ao que se refere às suas características linguísticas. Dessa forma, além de contribuir para o acesso a dados geolinguísticos, acrescenta-lhes informações, favorecendo maior entendimento sobre a norma lexical do Centro-Oeste, revelada de forma inédita pelo Atlas Linguístico do Brasil.

Favorecendo ainda essa inter-relação, o VDCO promove uma consulta enriquecedora aos usuários ao apresentar em sua macroestrutura verbetes completos e remissivos, estes se referindo àqueles, que alçaram essa posição na estrutura do *Vocabulário* por terem como lemas as variantes lexicais mais produtivas para a nomeação de cada conceito contemplado, e cujos verbetes completos apresentam uma lista de todas as entradas a eles relacionados, de forma que a consulta fique completa e auxilie o entendimento do lema.

Igualmente, o produto desta Tese mostra detalhes das particularidades lexicais do Brasil Central, como o caso de dois entes da realidade apontados pelos falantes a partir do texto da pergunta 71 do QSL/ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 27): “como se chama o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?”: gambá e jaratataca. Ao verbete completo *gambá* foram relacionados os remissivos *saruê, raposa, mucura* e *mixila*. Já *jaratataca* deu origem a outro verbete completo, posto que, mesmo sendo produto da mesma pergunta do QSL/ALiB, remete a outro conceito. Essas decisões metodológicas foram amparadas por ampla consulta a registros lexicográficos das referidas variantes lexicais e a obras específicas sobre o tema – como o *Dicionário dos mamíferos do Brasil* (CARVALHO, 1979), referendadas também pelas explicações

dos falantes que em muito enriqueceram a microestrutura do *Vocabulário* ao serem incluídas como abonações, uma das sugestões de alteração do VDCO para o DDB.

O verbete completo que se refere ao marsupial, por exemplo, parte integrande do Volume II deste trabalho, teve como abonação a fala do informante mato-grossense de Alto Araguaia de faixa etária II:

> **gambá$_1$** s.m. Animal semelhante a um gato, de cauda longa e quase totalmente nua, de pelagem cinza, preta ou avermelhada, que expele odor desagradável quando ameaçado. [O «gambá» é assim parecenu um gatinho, só que o biquim pra frente assim ó, rajadim, gosta de come ovo, come galinha. O «gambá» é maior, é rabudo, ele catinga bem menos [MT111-3].] QSL071/ALiB: Como se chama o bicho que solta cheiro ruim quando se sente ameaçado? MT; MS; GO. cf. **saruê; raposa; mucura; mixila.**

Já na entrada que se refere ao mustelídeo, tem-se:

> **jaratataca** (jaracataca) s.f. Animal semelhante a um rato, de cauda muito peluda e branca, de pelagem preta, com uma faixa branca nas costas dividida ao meio por uma linha preta. Possui uma glândula anal que segrega e faz projetar, como defesa, um líquido fétido, irritante e nauseante. [«Jaratataca» é tipo de um coelhinho assim, mais ou menos. Tem um raposo, tem um mai preto, tem um branco, se você pega ele ele solta um olhim alí mais ninguém guenta a catinga dele. Ele catinga o dobro do gambá, o dobro do gambá. Raposo é assim cor, da cor dessa desse trem… Marrom claro [MT111-3].] QSL071/ ALiB: Como se chama o bicho que solta cheiro ruim quando se sente ameaçado? MT; MS; GO.

Observa-se, pois, que ambos os critérios adotados para a definição da macroestrutura atuaram nesse caso: dicionarização das variantes lexicais e abonação por parte dos informantes, exigindo a organização de dois verbetes não relacionados diretamente, uma vez que focam conceitos diferentes, o que também se revela a partir de definições lexicográficas distintas.

Esse segundo parâmetro também orientou casos em que unidades léxicas receberam nova acepção por parte dos entrevistados, não documentada em obras lexicográficas consultadas. A unidade lexical *balanço* ilustra essa afirmação ao ter sido utilizada para nomear “[...] uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 35):

balanço$_1$ (balança; balangu) s.m. [Chama «balança», um senta numa ponta, a outra na outra e fica balançando, é «balanço», ali tem um ali [MT111-3].] MT; MS; GO. cf. **gangorra$_2$**.

Ainda com considerável produtividade, como pode ser verificado no Apêndice:

balanço$_1$ MT105-4; MT107-1; MT107-3; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS114-3; MS114-4; MS115-3; MS117-1; MS117-3; GO119-1; GO121-1; GO121-3; GO123-7; GO124-2; GO125-3; GO126-2; GO126-3; GO126-4

Ademais, deve-se pontuar que as ocorrências únicas também se tornaram lemas, mesmo porque o *Vocabulário* tem caráter exaustivo e não seletivo. Dessa forma, foi possível reconhecer e documentar unidades léxicas que podem estar em vias de desaparecimento, como *amarra-boi* dando nome à estrela vespertina, cujo verbete traz a explicação do morador de Nioaque/MS de faixa etária II:

amarra-boi s.f. [Porque era hora deles marrá a boiada, carretero que vinha, né? Então a hora que a estrela tava entrando falava: “tá na hora de amarrá os boi”. E ela ficou como «márra-boi», que aquele tempos era antigo meu pai que falava. Aí parece a estrela e os boi tava cumeno, aí a hora que ela ia entrando volta: “a estrela tá entrando, tá hora marrá os boi” [MS116-3].] MS. cf. **estrela-d'alva$_2$**.

Retomando a hipótese inicial do trabalho, que era identificar uma possível norma lexical comum a Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, algumas variantes lexicais que se tornaram lemas de verbetes parecem comprovar essa proposição: *umbigo*, a primeira entrada do VDCO tratada neste Capítulo, e também outras, distribuídas em diversas áreas semânticas dentre as estudadas, como é possível verificar quando explorado o Apêndice que acompanha o Volume II desta Tese.

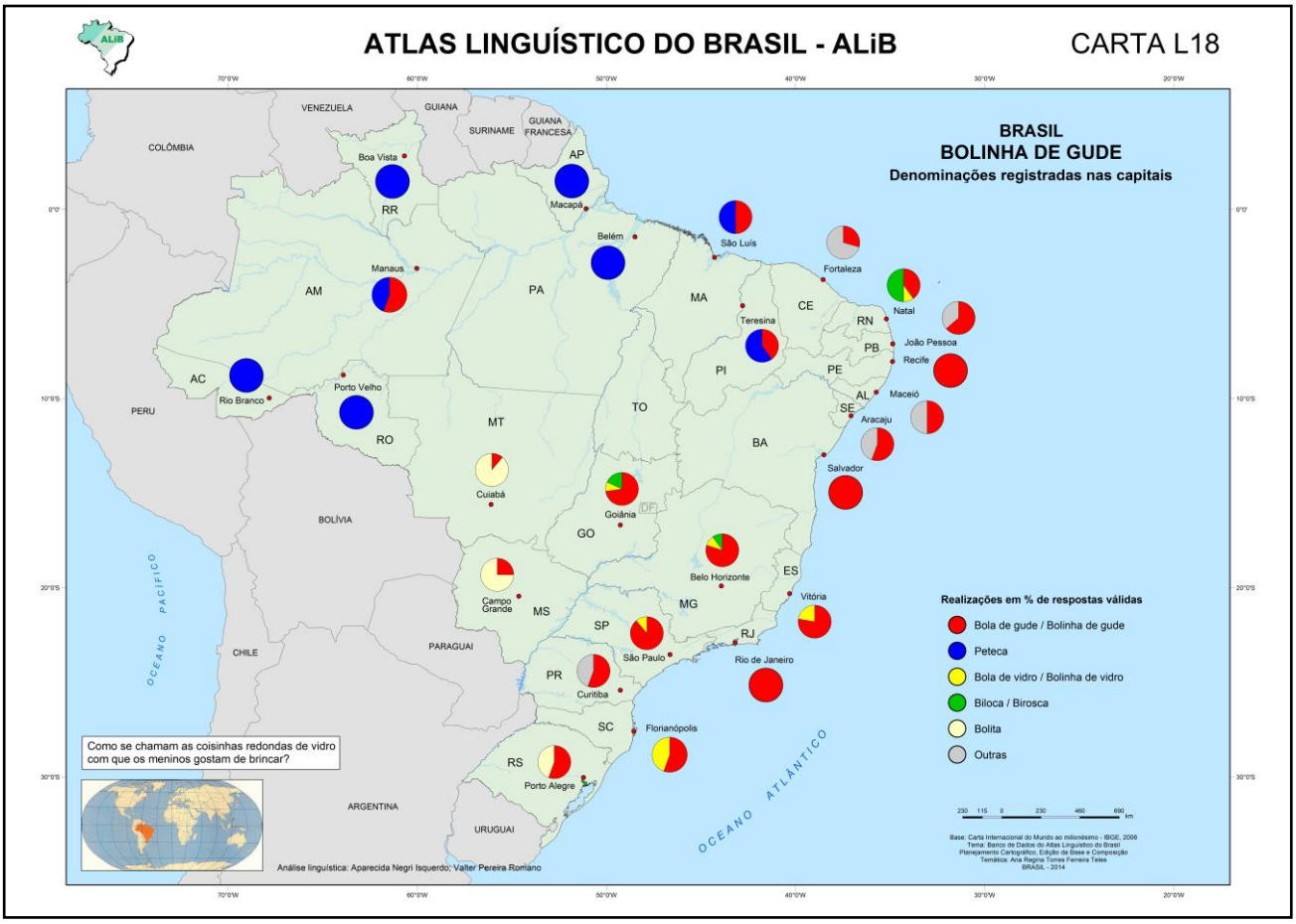
Mão de vaca, por exemplo, tornou-se lema de verbete completo por ser o item lexical mais utilizado para nomear a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 32), haja vista seu predomínio no vocabulário de falantes dos três estados, ainda que tenha sido verificado um vasto repertório vocabular para nomear esse conceito, como também pode ser verificado a partir do sistema de remissivas:

mão de vaca (pata de vaca) a. Quem evita ao máximo gastar dinheiro. [Mais antigamente falava «mão de vaca» [MS115-8].] QSL138/ALiB: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar? MT; MS; GO. cf. **muxiba; mesquinho; caxias; canguinhas; avarento; muquirana; ridico; unha de fome; mão mirrada; murrinha; amarrado; mão de égua; pão-duro; mão fechada; seguro; sovina; mão segura; vil; cainha; miserável; econômico; munheca.**

mão de vaca MT103-1; MT103-3; MT104-1; MT104-2; MT106-2; MT107-4; MT108-4; MT108-6; MT108-7; MT109-1; MT109-2; MT110-1; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS114-2; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-6; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS117-2; GO118-1; GO118-2; GO119-1; GO120-2; GO121-1; GO122-3; GO123-1; GO123-7; GO123-8; GO125-1; GO125-4; GO126-2

Bolita também foi a unidade léxica mais recorrente para designar o seguinte conceito: bolinha de vidro com que as crianças brincam (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 34), no cômputo geral dos dados, mostrando-se inclusive como característica do falar do Centro-Oeste, uma vez que, no universo das capitais de estados brasileiros, predomina *bola de gude/bolinha de gude*, como demonstra a Figura 15:

Figura 15: Nomes para bolinha de gude nas capitais brasileiras (CARDOSO et al, 2014b, p. 271)



Fonte: Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al, 2014b, p. 271).

bolita	MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO124-1; GO124-2; GO124-4

Porém, se analisadas as escolhas lexicais dos falantes dos três estados, nota-se que **bolinha de gude** ganha força em Goiás, embora não reverta o segundo lugar em produtividade, permanecendo como lema de verbete remissivo:

bolinha de gude MT104-2; MT104-3; MT105-1; MT106-2; MT106-4; MT107-4; MT108-8; MT109-2; MT109-4; MS112-1; MS113-1; MS113-4; MS114-2; MS115-4; MS115-8; MS116-2; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-3; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2

A partir de *bolita*, entre outros verbetes, pode-se começar a identificar comportamentos linguísticos distintos entre mato-grossenses, sul-mato-grossenses e goianos, descortinando normas lexicais particularidades inseridas no falar do Centro-Oeste, que também demonstrou singularidades em relação à norma nacional, como já assinalado.

Como o *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste* foi desenvolvido em etapas, isso pode ser verificado a partir das diferentes versões do trabalho: a primeira delas, que seria apresentada para a Banca de Qualificação, com dados mato-grossenses; a segunda, com resultados de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul, que de fato compôs o Relatório de Qualificação, e a terceira e última, com os dados goianos incorporados.

Pela análise das três planilhas, pode-se notar que Mato Grosso e Mato Grosso do Sul em muito se aproximam em relação às escolhas lexicais de seus falantes, mostrando a influência de sua história, una até a década de 1970, quando a porção sul do território do então Estado de Mato Grosso foi desmembrada e deu origem à Mato Grosso do Sul. Isso porque vários itens léxicos predominaram em ambos os estados, como é o caso de *guri*, que dominou os registros até a inclusão dos dados goianos, quando *menino* tornou-se lema de verbete completo por se tornar a variante lexical mais produtiva:

guri MT103-1; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT109-4; MT110-1; MT110-4; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-2; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO119-3; GO121-3; GO121-4; GO124-1; GO125-4

Contudo, já revelando também diferenças entre ambos os estados, reflexo inclusive de outros determinantes extralinguísticos que fizeram com que o então Mato Grosso fosse dividido ainda em 1977, há quarenta anos, vigoram verbetes

como *cambaio*, utilizado para nomear a pessoa que tem pernas tortas e cuja documentação só se deu em território mato-grossense:

cambaio MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4

Tira-jejum, por sua vez, foi documentada apenas em Mato Grosso do Sul:

tira-jejum MS114-3; MS114-4; MS115-3; MS115-4; MS116-2; MS116-3; MS117-2; MS117-3

Porém, quando examinados os dados de Goiás, surgem significativas diferenças entre os estados. Como já mencionado, muitos verbetes completos, quando da organização da versão do *Vocabulário* que congregava informações de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, tornaram-se remissivos na versão final, visto que seus lemas não mais representavam a variante lexical mais recorrente na nomeação de um fenômeno linguístico. Como *guri*, também *pocã*, *cambota* e *lote* são exemplos dessa alteração, dando lugar a *mexerica*, *perna torta* e *terreno* como verbetes completos, respectivamente.

Igualmente, novas entradas foram acrescidas à macroestrutura do VDCO por representarem a fala goiana, como *bonitinha* para nomear a conjuntivite, *murrinha* para mão de vaca e *biloca* para bolita:

bonitinha$_2$ GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO122-2; GO123-1; GO123-7; GO123-8; GO126-2; GO126-3; GO126-4

murrinha GO118-1; GO118-3; GO119-1; GO119-4; GO122-1

biloca GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO123-2; GO123-7; GO125-2; GO126-1; GO126-3; GO126-4

A par dessas ocorrências, outros fenômenos se destacaram por sugerirem uma norma lexical particular a uma cidade, a uma localidade apenas. *Banducha* como nome para “[...] o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos” (COMITÊ NACIONAL DO ALIB, 2001, p.

37), por exemplo, foi mencionada por todos os informantes de Formosa, Goiás, e apenas por eles, como demonstra a legenda disponibilizada no Apêndice:

banducha GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4

Dessa maneira, quatro ocorrências que, caso fossem aleatórias, poderiam não despertar atenção, apontam para uma característica que pode identificar a fala dos formosenses ao vigorarem em um verbete do VDCO:

banducha s.f. [É, as menininhas vestem e falam «banducha», essas coisas, é bandu... É a «banducha». É isso mesmo, aí você coloca de fit... Tem ela de várias... Tem ela de plástico, tem ela de florzinha... [GO121-2].] cf. **diadema**.

Merecem destaque nesta análise também as *hapax legomena*, que muitas vezes são desconsideradas em diversos *corpora* em vista da metodologia adotada pela pesquisa ou mesmo pelo suporte de publicação das obras. No *Vocabulário*, elas demonstram ora inovações lexicais promovidas pelos falantes, ora mudanças linguísticas em curso, pelo aparecimento ou desaparecimento de itens lexicais do repertório dos informantes, como *tocaio*, designativo para aquele que tem o mesmo nome de outro (COMITÊ NACIONAL DO ALIB, 2001, p. 32) utilizado apenas pelo sul-mato-grossense de Ponta Porã, faixa etária dos 50 aos 65 anos:

tocaio s.m. [«Tocaio»... Pra mim é «tocaio». Bom... Pra nóis o termo antigo é, né? [MS117-4].] cf. **xará**.

A abonação do verbete demostra que o próprio usuário da língua, muitas vezes, tem consciência linguística de suas escolhas lexicais, neste caso pela compreensão de utilizar um “termo antigo” para xará, *tocaio*, unidade lexical que, de acordo com Cunha (2010), advém do castelhano e data de 1881. Houaiss (2009), por sua vez, imprime-lhe a rubrica de regionalismo do Brasil, Minho e Trás-os-Montes, informação corroborada por Caldas Aulete (2014): “Adj. e s. m. || (Bras., Rio Grande do Sul) xará, homônimo, que tem o mesmo nome que outro: Ele é o meu *tocaio* (tem o mesmo nome que eu). (Também é usado esse termo em Trás-M.] F. cast. *Tocayo*”, podendo-se depreender que se trata de uma unidade léxica utilizada desde épocas pretéritas da língua, talvez trazida ainda do português europeu.

Tendo em vista esses exemplos tratados, além de todos os demais que compõem a nomenclatura do VDCO, vê-se que a norma lexical do Centro-Oeste de fato apresenta nuances próprias de cada estado e mesmo particularidades em uma única localidade. De igual modo, tais singularidades se expressam em diversas áreas semânticas, o que impede afirmar que alguma dessas áreas reflita em maior ou menor grau a fala do Centro-Oeste.

Muitos outros fenômenos lexicais se sobressaíram no VDCO. Entretanto, como já mencionado, não é possível a este Capítulo discuti-los em razão do objetivo geral do estudo, que se centrou no produto final, qual seja, o da compilação do VDCO. Todavia, como objetivo específico, foi prevista uma análise preliminar da riqueza vocabular documentada com vistas a identificar caraterísticas singulares da região em relação ao português médio brasileiro e mesmo dos estados entre si.

Para atender, pois, a esse quarto objetivo específico, foram selecionados alguns fatos representados em verbetes e entendidos como relevantes para o conhecimento da norma lexical do Brasil Central e também representativos de tendências que norteiam o comportamento linguístico de mato-grossenses, sul-mato-grossenses e goianos, sem a pretensão de esgotamento das possiblidades de análise do *corpus*, certamente.

Também por isso, espera-se que outros estudos possam dar continuidade às análises aqui iniciadas e que estas possam ao menos vislumbrar as possibilidades de tratamento das informações organizadas pelo VDCO a partir do banco de dados do Projeto ALiB.

CONCLUSÕES

Ao final deste trabalho, algumas reflexões emergem considerando-se todo o processo de produção da Tese, além da análise dos dados já apresentada no capítulo anterior. Desde o início, o desenvolvimento do projeto de Tese exigiu muitas tomadas de decisões, além do enfrentamento e da transposição de desafios, o que leva a tratar, neste tópico, as conclusões do estudo, tanto no que concerne ao produto final como às etapas de produção do VDCO.

Produzir um vocabulário dialetal que documente a norma falada no Brasil Central, representada pelo repertório lexical ativo dos informantes entrevistados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) registrado a partir da aplicação do Questionário Semântico Lexical, foi o objetivo geral estabelecido para a Tese, o que exigiu estudos aprofundados em Lexicologia, Lexicografia, Dialetologia, Geolinguística, Linguística de *Corpus* e Linguística Computacional. Entretanto, como já prenunciara Alvar (1980), quem se propõe ao labor lexicográfico precisa se valer de muitos outros conhecimentos, especialmente aqueles advindos da evolução das ciências.

A filiação do trabalho ao *Dicionário Dialetal Brasileiro* e as contribuições do *Vocabulário Dialetal Baiano* (NEIVA, 2017) foram muito importantes no que diz respeito a esse aporte teórico-metodológico. Todavia, as pesquisas realizadas apontaram novos caminhos que favoreceram a finalização do VDCO com maior dinamismo e acuidade, como o uso de *softwares* para o tratamento dos dados e para a elaboração do *Vocabulário*, como o pacote Office (especialmente sua planilha Excel) e o FLEx.

A partir desse uso das novas tecnologias, o que era entendido como o maior desafio a ser superado, a redação dos verbetes e a organização do produto final, foi mais facilmente realizado do que se previu. É preciso ainda registrar que o tratamento dos arquivos de texto que continham os dados geolinguísticos se mostrou muito mais dificultoso em relação aos objetivos propostos. Isso porque pesquisas anteriores, como o próprio VDB, tratam tais documentos a partir de ferramentas computacionais que geram listas de palavras, analisadas segundo a frequência em que aparecem no texto.

Todavia, após os testes iniciais realizados, o VDCO precisou buscar novos caminhos para esse tratamento dos dados geolinguísticos, uma vez que as

possibilidades existentes ou buscavam por semelhanças fonéticas ou procuravam palavras de mesma escrita. Assim, não poderiam ser relacionados, por exemplo, *estilingue, estilinga, funda, badogue* e *bodoque*, haja vista essas unidades léxicas e todas as suas respectivas variantes fonéticas terem sido utilizadas para nomear o mesmo referente, mantendo entre si relações diversas. Por isso, optou-se pelo levantamento manual das unidades léxicas candidatas a lema e seu arquivamento em planilha de Excel, posto que esse refinamento inicial no levantamento garantiu a fiabilidade dos dados e a adequação dos arquivos aos objetivos propostos pelo estudo, bem como ofereceu a possibilidade de mais uma revisão dos dados além daquela inicial realizada a partir dos arquivos sonoros das entrevistas para a verificação das transcrições.

Dessa forma, foram iniciados os trabalhos com vistas ao primeiro objetivo específico: tratar lexicograficamente um *corpus* de natureza geolinguística. Realizadas as revisões, o próximo passo seguiu a orientação do DDB, que prescrevia a eliminação das falas dos inquiridores e a separação do questionário semântico dos demais do ALiB. Apesar de seguida essa orientação desde o início, o decorrer do trabalho demandou a retomada de partes do inquérito já excluídas, uma vez que do contexto da fala dos informantes também participam os inquiridores, cujas perguntas, comentários e dúvidas enriquecem consideravelmente as respostas e elucidam explicações que não seriam tão produtivas sem essa presença.

Isso se mostrou essencial na recolha de informações que compõem a abonação dos verbetes, outra alteração proposta por este trabalho para a metodologia original do *Dicionário Dialetal Brasileiro*, por se entender que a abonação, além de atestar o uso concreto do item lexical em causa, revela traços sociais, históricos e geográficos da realidade da região Centro-Oeste que influenciam fortemente a norma lexical de seus falantes e validam o uso de diversas variantes lexicais, como já demonstrado.

Porém, uma vez que esse componente do artigo lexicográfico do VDCO advém dos contextos de fala, desde que estes acrescentem informações sobre a unidade léxica ou mesmo sobre o referente em pauta, ele só está disponível nos inquéritos em que os pesquisadores perguntaram além do nome para um conceito, indagando sobre conhecimentos empíricos dos informantes sobre o elemento em questão depois de já terem documentado as respostas. Por isso, essa questão da abonação foi outro desafio para a produção do *Vocabulário Dialetal do Centro-*

Oeste, já que o pretendido era que todos os verbetes contivessem esse campo, mesmo porque o interesse maior do produto é a descrição da norma lexical da região, o que se enriquece sobremaneira com o acréscimo de informações sobre o item léxico em causa a partir dos contextos de fala.

Nessa perspectiva, todas as unidades léxicas que receberam alguma explicação por parte de quem as proferiu e se tornaram lemas receberam abonação no corpo do verbete. Só assim, por exemplo, conseguiu-se validar como lema **enchente** para nomear a chuva passageira com base na explicação da mato-grossense de Poxoréo, faixa etária II: “é «enchente» porque aqui tem uma tal de chuva que eis trata: «enchente» São José, «enchente» da Páscoa, que é essa chuva rápida e grossa que faiz bastante enxorrada que enche os rios” (inf. 4/106).

Esse aspecto da abonação responde ao segundo objetivo específico, que previa a proposição de um modelo de microestrutura para o vocabulário dialetal, em acordo com parâmetros do DDB e também com novas proposições. Teve-se como meta utilizar no limite das possibilidades a estrutura do *Dicionário Dialetal Brasileiro*, concluído em uma primeira etapa pelo *Vocabulário Dialetal Baiano* (NEIVA, 2017), respeitando assim uma microestrutura que contivesse lema, informação gramatical, definição, bibliografia (filiação das entradas à pergunta do QSL/ALiB que as motivou) e legenda dialetal.

Contudo, para a nomenclatura do VDCO, os lemas das entradas foram selecionados a partir de critérios lexicais e não fonéticos, visto que o *Vocabulário* trabalha com o léxico, o que fez com que variantes morfofonêmicas vigorassem como variantes fonéticas, como *minduim, aminduim, mendobim* e *mendoim,* dispostas em verbete cujo lema é *amendoim*, por exemplo.

Além disso, o VDCO conta também com uma nova proposta de legenda dialetal, diversa daquela do *Dicionário Dialetal Brasileiro*. No primeiro trabalho concernente ao DDB, o *Vocabulário Dialetal Baiano* (NEIVA, 2017), ela é ilustrativa, como uma tabela em que se colorem os campos que trazem dados e que vigora no artigo lexicográfico. No VDCO, utilizou-se uma legenda puramente textual com as mesmas indicações, porém gráficas, apresentada como Apêndice do Volume II, de maneira que seja consultada apenas nos casos em que o usuário tenha interesse por informações geolinguísticas relativas às entradas, como perfil do informante que a proferiu e a localidade em que foi documentada.

Em relação à lematização das entradas, ela respeitou a norma padrão escrita formal da variante brasileira do português, como demonstrado no caso de *amendoim*. Entretanto, haja vista a complexidade e as dimensões do *corpus* tratado, que possibilitou o conhecimento de muitos traços linguísticos, inclusive alguns mais raros, como as *hapax legomena,* muitos itens lexicais promovidos a entradas requereram outras pesquisas para o processo de lematização, uma vez que muitos deles não estão dicionarizados. Assim, foram consultados, além de dicionários gerais de língua de diversas épocas, também obras de caráter etimológico, folclórico e mesmo fontes diversas, como publicações dialetais talvez sem muito viés científico e, em situações extremas, como *cangibrina* (pinga), em que nenhuma busca anterior solucionou a grafia indicada para a lexia, recorreu-se ao levantamento de frequência na rede internacional de computadores (XATARA, 2008), selecionando-se aquela com maior recorrência na *Web.* [124]

O último objetivo específico, que diz respeito à análise, foi atendido no capítulo anterior, posto que a diversidade lexical verificada requereu (ou ao menos mereceu) uma seção a ela reservada. Assim sendo, o Capítulo V discutiu tendências e fatos lexicais relevantes no universo de 23.174 ocorrências, que geraram 1.604 entradas, entre 228 verbetes completos, isto é, aqueles que tratam as unidades léxicas mais produtivas para nomear os conceitos requeridos pelas 202 perguntas do QSL/ALiB que compuseram o *corpus* do VDCO, e 1.376 verbetes remissivos.

Como visto, 202 perguntas resultaram em 228 verbetes completos. Isso porque a organização dos dados e a reflexão teórica conduziram a um volume maior de artigos lexicográficos em relação ao número de questões do ALiB, o que foi motivado também pelo fato de uma pergunta do Questionário, não raras vezes, apontar para mais de um referente, assim revelando particularidades da realidade sócio-histórico-geográfica dos falantes entrevistados, ou mesmo por fomentar respostas distintas quanto às classes gramaticais dos lemas, também por singularidades demonstradas no entendimento dos falantes.

Finalmente, refletindo sobre a hipótese inicial estabelecida para a pesquisa – a existência de uma norma lexical regional particular do Centro-Oeste brasileiro, aventada a partir de trabalhos com base em recortes menores, acredita-se que o

[124] "[...] A dimensão da web corresponde mais adequadamente tanto para a demonstração do idiomatismo em um contexto real, quanto para acrescentar importantes informações. [...] Tudo, portanto, vem corroborar a utilização da web como base textual" (XATARA, 2008, p. 772).

produto da Tese demonstrou uma realidade linguística ainda mais diversa: uma norma lexical de fato regional, além de particularidades entre os estados, o que se evidenciou com os dados ora apresentados.

Com a finalização da pesquisa, espera-se, a partir da divulgação de seus resultados, contribuir para ambos os projetos a que o VDCO se filia: Atlas Linguístico do Brasil e *Dicionário Dialetal Brasileiro*, a este com os dados do Centro-Oeste tratados lexicograficamente e ao ALiB, com parte do auxílio já efetivado com a revisão das transcrições, além do fornecimento dessas informações para pesquisas futuras, sempre creditadas a esse importante projeto de descrição da norma linguística nacional.

Igualmente, tem-se a expectativa de que o *Vocabulário* possa favorecer o aprimoramento dos estudos lexicais de cunho dialetal e também do ensino/aprendizagem da língua portuguesa, disseminando seus resultados à comunidade acadêmica e ao público em geral de modo a contribuir para o reconhecimento e o respeito à variação linguística, tão característica do Brasil e fortemente relacionada aos modos de viver e de ser dos brasileiros, aqui representados pelos falares mato-grossenses, sul-mato-grossenses e goianos.

REFERÊNCIAS

AHUMADA LARA, Ignacio. **Estudios de lexicografia regional del español**. Jaén: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2000.

AHUMADA LARA, Ignacio. Panorama de la lexicografía regional del español. **Kañina**, Revista Artes y Letras, XXXI (1), Universidade de Costa Rica, 2007, p. 101-115.

ALENCAR, Beatriz Aparecida. **Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário**: uma descrição da língua portuguesa falada no extremo oeste de Mato Grosso do Sul. 2013. 620 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

ALUÍSIO, Sandra Maria; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. O que é e como se constrói um *corpus*? Lições aprendidas na compilação de vários *corpora* para pesquisa linguística. **Calidoscópio**, vol. 4, n. 3, set/dez 2006, p. 156-178.

ALVAR, Manuel. Atlas Lingüístico y diccionarios. In: AIH. **Actas VII**. Centro Virtual Cervantes, 1980, p. 53-73.

ALVAR EZQUERRA, Manuel. Nebrija, autor de diccionarios. In: **Cuadernos de Historia Moderna**, número 13. Madri: Editorial Complutense, 1992, p. 199-209.

ALVAR EZQUERRA, Manuel. Lexicografía Dialectal. **E.L.U.A**. Estudios de Lingüística Universidad de Alicante, 11, 1996-1997, p. 79-108.

ÁLVAREZ, Rosário. In: **Instituto da Língua Galega**. Memória de atividades: 2009. Universidad de Santiago de Compostela, junho de 2010, p. 9-12.

ÁLVAREZ, Rosario (Coord.). **Tesouro do léxico patrimonial galego e portugués**. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega. Disponível em: http://ilg.usc.es/Tesouro. Acesso em: 19 out. 2017.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 1982. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000004.pdf. Acesso em: 24 mar. 2016.

ANGLADA ARBOIX, Emília. Lexicografía, Metalexicografía, Diccionario, Discurso. **Sintagma** 3 (1991), p. 05-11.

ANTUNES, Carolina. **Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha** – Minas Gerais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

ARNAL PURROY, Maria Luisa. **Proyecto para el Diccionario diferencial del español de Aragón**. Cuestiones preliminares. Vol. 59-60, 2, 2002-2004, p. 1055-1074.

ARNAL PURROY, Maria Luisa. La definición lexicográfica en los diccionarios regionales actuales del Español de España. In: AHUMADA, Ignacio (Org.).

Metalexicografía variacional: diccionarios de regionalismos y diccionarios de especialidad. Málaga: Universidade de Málaga, 2010, p. 33-60.

AZORÍN FERNÁNDEZ, Dolores. La lexicografía como disciplina lingüística. In: MEDINA GUERRA, Antonia Maria (Org.). **Lexicografia Española**. Barcelona: Ariel, 2003, p. 31-52.

BABINI, Maurizio. **Fonética, Fonologia e Ortoépia da Língua Italiana**. São Paulo: Annablume, 2002.

BALBI, Adrien. **Introduction a l´Atlas Ethnographique du globe**. Tomo I. Paris: Chez Rey et Grevier, Librairies, 1826.

BARBATO, Marcello; VARVARO, Alberto. Dialect dictionaries, **International Journal of Lexicography**, v. 17, nº 4, p. 429 - 439, dezembro, 2004.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Língua e discurso**: contribuição aos estudos semântico-sintáxicos. 2 ed. São Paulo: Global, 1981.

BERBER SARDINHA, Tony. Lingüística de Corpus: Histórico e problemática. In: **D.E.L.T.A**., vol. 16, nº 2, 2000, p. 323-367.

BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de Corpus**. Barueri: Manole, 2004.

BERBER SARDINHA, Tony. Linguística de Corpus. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (Orgs.). **Ciências da Linguagem**: O fazer científico? Volume 1. Campinas: Mercado de Letras, 2012, p. 321-347.

BIBER, Douglas; CONRAD, Susan; REPPEN, Randi. **Corpus linguistics**. Investigating language structure and use. Cambrigde Approaches to Linguistics. United Kingdom: Cambridge University Press, 1998.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. **Teoria Linguística**. Linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros técnicos, 1978.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. A estruturação mental do Léxico, In: **Estudos de filosofia e lingüística**, São Paulo: T. A. Queiroz / EDUSP, 1981, p. 131-145.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. A ciência da lexicografia. **Alfa**, São Paulo, 28 (supl.), 1984a, p. 1-26.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. O dicionário padrão da língua. **Alfa**, São Paulo, 28 (supl.), 1984b, p. 27-43.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. Glossário. **Alfa**, São Paulo, 28 (supl.), 1984c, p. 135-144.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. Polissemia versus homonímia. **Anais do Seminário do Gel**, XXXVIII, Franca: UniFran - União das Faculdades Francanas, 1991, p. 283-290.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Lingüística Portuguesa**, n. 02, 1998, p. 81-118. Disponível em: dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf. Acesso em: 21 dez. 2015.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. Conceito linguístico de palavra. In: BASÍLIO, Margarida (Org.). **Palavra**. Volume Temático I. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 81-97. Série Linguagem.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. Aurélio: sinônimo de dicionário? **Alfa**, São Paulo, n. 44, p. 27-55, 2000.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2001a, p. 131-144.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. **Teoria Linguística**. Linguística quantitativa e computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Vol II. Campo Grande: Editora UFMS, 2004, p. 185-200.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. **Ciência e Cultura**, 58 (2), 2006, p. 35-37.

BORBA, Francisco S. **Organização de dicionários**. Uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BORBA, Francisco S. (Org.). **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOSQUE, Ignacio. Sobre la teoría de la definición lexicográfica. **Verba** (9), 1982, p. 105-123. Disponível em: https://dspace.usc.es/.../1/pg_107-126_verba9.pdf. Acesso em: 13 jul. 2016.

BOULANGER, Jean-Claude. **Aspects de l'interdiction dans la lexicographie française contemporaine**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1986.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1991. Série Princípios.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix. A lexicografia de falsos amigos frente à bilíngüe: desenho de um novo dicionário de falsos amigos espanhol-português. **Revista Voz das Letras**, Concórdia, Santa Catarina, Universidade do Contestado, n. 08, II sem. 2007a. Edição extra. Disponível em: https://www.academia.edu/1492155/A_LEXICOGRAFIA_DE_FALSOS_AMIGOS_FRENTE_%C3%80_BIL%C3%8DNG%C3%9CE_DESENHO_DE_UM_NOVO_DICION%C3%81RIO_DE_FALSOS_AMIGOS_ESPANHOL-PORTUGU%C3%8AS. Acesso em: 10 jul. 2016.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix. O que é macroestrutura no dicionário de língua. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2007b, p. 261-272.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix. Balanço e perspectivas da lexicografia. **Cadernos de Tradução**, v. 02, n. 32 (2013), p. 15-37. Disponível em: https://www.academia.edu/11054223/Present_and_future_in_lexicography. Acesso em: 13 jul. 2016.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix. Da classificação de obras lexicográficas e seus problemas: proposta de uma taxonomia. **Alfa**, São Paulo, 58 (1), 2014, p. 215-231.

CALDAS AULETE. **Dicionário Caldas Aulete**. Versão online. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

CAMACHO NIÑO, Jesús. El léxico dialectal del habla de Jaén. In: AHUMADA, Ignacio (Org.). **Metalexicografía variacional**. Diccionarios de regionalismos y diccionarios de especialidad. Málaga: Universidade de Málaga, 2010, p. 61-75.

CAMPOS SOUTO, Mar; PÉREZ PASCUAL, José Ignácio. El diccionario y otros productos lexicográficos. In: MEDINA GUERRA, Antonia Maria (Org.). **Lexicografía Española**. Barcelona: Ariel, 2003, p. 53-78.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Reflexões sobre a Dialectologia. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **Estudos geolingüísticos e dialetais sobre o português**. Campo Grande: Editora UFMS, 2008, p. 13-31.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A contribuição dos atlas linguísticos aos estudos de lexicografia: o que oferecem o ALS-I e o ALS-II. In: CARDOSO; Suzana Alice Marcelino; MEJRI, Salah; MOTA, Jacyra Andrade (Orgs.). **Os dicionários**: fontes, métodos e novas tecnologias. Salvador: Vento Leste, 2011, p. 315-330.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; FERREIRA, Carlota. **A Dialetologia no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 1994.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; FERREIRA, Carlota. **O léxico rural:** glossário, comentários. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Vol. 1. Londrina: EDUEL, 2014a.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014b.

CARVALHO, Cory Teixeira de. **Dicionário dos mamíferos do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Nobel, 1979.

CASARES, Julio. **Introduccion a la Lexicografía Moderna**. 3 ed. Madri: Raycar S.A. Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Textos Universitários).

CASTILLO CARBALLO, María Auxiliadora. La macroestructura del diccionario. In: MEDINA GUERRA, Antónia M. (Org.). **Lexicografía española**. Barcelona: Editorial Ariel, 2003, p. 79-101.

CHAMBERS, Jack. K.; TRUDGILL, Peter. **La Dialetología**. Madrid: Visor Libros SL, 1994.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Lingüístico do Brasil:** questionário 2001. Londrina: EDUEL, 2001.

CORREA, Lucelino R. **Glossário Pantaneiro**. Campo Grande: Editora UNIDERP, 2001.

COSERIU, Eugênio. A geografia lingüística. In: COSERIU, Eugênio (Org.). **O homem e sua linguagem**. Tradução Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro; São Paulo: Presença; USP, 1982, p. 79-116.

CREUS, Susana Q. de. Apresentação. A Lingüística Computacional e suas linhas de investigação. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 41, n. 2, junho, 2006, p. 05-08.

CUBA, Marigilda Antônio. **Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso**. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4ª ed. Revista e atualizada de acordo com a nova ortografia. 2ª impressão. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, Cláudio de Assis da. **O léxico em documentos produzidos no Paraná – Brasil (séculos XVIII e XIX)**: abordagem lexicográfica. 2013. 237 p. Tese (Programa de Pós-Gradução em Estudos da Linguagem). Londrina: UEL, 2013.

D'AMBROSIO, Oscar. **Língua Viva**, n. 198, março 2005. Disponível em: http://www.unesp.br/aci/jornal/198/linguistica1.php. Acesso em: 11 fev. 2016.

DAMIM, Cristina Pimentel. **Parâmetros para uma avaliação do dicionário escolar**. 2005. 233 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

DIAS DA SILVA, Bento Carlos. O estudo Lingüístico-Computacional da Linguagem. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 41, n. 2, junho, 2006, p. 103-138.

DUARTE, Eduarda Barbosa; PONTES, Antônio Luciano. O componente medioestrutural do dicionário escolar Caldas Aulete. **Entrepalavras**, Fortaleza, ano 1, v. 1, n. 1, ago/dez 2011, p. 48-57. Disponível em: http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/4. Acesso em: 05 jul. 2016.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

DURAN, Magali Sanches. Lexicografia e Linguística de Corpus. In: MAGALHÃES, José Sueli de Magalhães; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Orgs.). **Múltiplas Perspectivas em Linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 1793-1800. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_058.pdf. Acesso em: 11 mar. 2016.

FARIAS, Emília Maria Peixoto. Uma breve história do fazer lexicográfico. **Revista Trama**, v. 3, n. 05, 1º semestre de 2007, p. 89-98.

FERNÁNDEZ-SEVILLA, Julio. **Problemas de Lexicografía actual**. Bogotá: Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo. Series Minor, XIX, 1974.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa***,* Versão 5.0, Curitiba: Editora Positivo, 2004.

FORNARI, Michelle Kühn. Concepção e desenho do Front Matter do dicionário de falsos amigos espanhol-português. **Revista Voz das Letras**, Concórdia, Santa Catarina, Universidade do Contestado, n. 09, I sem. 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/1492153/CONCEP%C3%87%C3%83O_E_DESENHO_DO_FRONT_MATTER_DO_DICION%C3%81RIO_DE_FALSOS_AMIGOS_ESPANHOL_-_PORTUGU%C3%8AS. Acesso em: 10 jul. 2016.

FREIRIA, Antônio Acra. A Teoria dos Conjuntos de Cantor. **Paidéia**, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, n. 02, Fev/Jul, 1992. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/paideia/n2/08.pdf. Acesso em: 16 jun. 2016.

FRUBEL, Auri Claudionei Matos. **Para um vocabulário do falar sul-mato-grossense:** uma contribuição parcelar. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Três Lagoas: UFMS, 2003.

GARCÍA MOUTON, Pilar. Dialectologia y Geografía Lingüística. In: ALVAR, Manuel (Org.). **Manual de Dialectologia hispânica**. El español de España. Barcelona: Editora Ariel, 2009, p. 63-77.

GARCÍA MOUTON, Pilar. Si el DRAE utilizase los atlas lingüísticos...: un ejemplo aragonés. In. CASTAÑER MARTÍN, Rosa María; LAGÜÉNS GRACIA, Vicente (Orgs.). **De moneda nunca usada**. Estudios filológicos dedicados a José Maria Enguita Utrilla. Zaragoza: Instituto Fernando El Católico, CSIC, 2010, p. 271-282.

GARRIBA ESCRIBANO, Cecilia. La microestructura del diccionario. In: MEDINA GUERRA, Antónia M. (Org.). **Lexicografía española**. Barcelona: Editorial Ariel, 2003, p. 103-126.

GEMMINGEN, Barbara Freifrau von. Los inicios de la lexicografía española. In: MEDINA GUERRA, Antonia Maria (Org.). **Lexicografía Española**. Barcelona: Ariel, 2003, p. 151-173.

GÓMEZ GUINOVART, Javier. Fundamentos de lingüística computacional: bases teóricas, líneas de investigación y aplicaciones. In: CID LEAL, Pilar; BARO i QUERALT, Jaume. **Anuari SOCADI de documentacio i informacio**. Barcelona: Societat Catalana de documentació i informació, 1998, p. 135-146. Disponível em: http://www.raco.cat/index.php/Bibliodoc/article/viewFile/56629/66051. Acesso em: 11 fev. 2016.

GRUPO NÊMESIS. **Dicionário Dialetal Brasileiro**. Disponível em: https://gruponemesis.ufba.br/projetos/dicion%C3%A1rio-dialetal-brasileiro. Acesso em: 18 out. 2016.

HAENSCH, Günter. Tipología de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, Günter et al. (Orgs). **La lexicografía.** De la lexicografía teórica a la lexicografía práctica. Madri: Editorial Gredos S.A., 1982a, p. 95-187.

HAENSCH, Günter. Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios. In: HAENSCH, Günter et al (Orgs.). **La lexicografía.** De la lexicografía teórica a la lexicografía práctica. Madri: Editorial Gredos S.A., 1982b., p. 395-534.

HAENSCH, Günter; OMEÑACA, Carlos. **Los diccionarios del Español en el siglo XXI**. Problemas actuales de la lexicografía, los distintos tipos de diccionarios: una guía para el usuário, bibliografía de publicaciones sobre lexicografía. 2ª ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2004.

HARTMANN, Reinhard Rudolf Karl. **Teaching and researching lexicography**. Essex: Longman, 2001.

HARTMANN, Reinhard Rudolf Karl; JAMES, Gregory. **Dictionary of lexicography.** London: Routledge, 2001.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**, versão 3.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Catálogo**. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=720. Acesso em: 17 nov. 2017.

INSTITUTO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DE COMPUTAÇÃO. **Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional**. USP, São Carlos. Disponível em: http://www.icmc.usp.br/Portal/Pesquisa/pesquisaDinamico.php?id_laboratorio=67. Acesso em 11 mar. 2016.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A propósito de dicionários de regionalismos do Português do Brasil. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Orgs.).

As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia. Vol. III. Campo Grande: Editora UFMS; São Paulo: Associação Editoria Humanitas, 2007, p. 193-208.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Os estudos lexicográficos no Brasil: um percurso histórico. In: CARDOSO, Suzana Alice; MEJRI, Salah; MOTA, Jacyra (Orgs.). **Os dicionários:** fontes, métodos e novas tecnologias. Salvador: Vento Leste, 2011, p. 113-144.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Vol. IV. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012, p. 115-140.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Lexicografia dialectal del portugués de Brasil. In: GRANJA, María Álvarez de la; SEOANE, Ernesto Xosé González (Eds.). **Léxico dialectal y lexicografía en la Iberorromania**. Santiago de Compostela: Universidade Santiago de Compostela (no prelo).

JUSTINIANO, Aparecido Lázaro. **Vocabulário da erva-mate no Cone Sul de Mato Grosso do Sul***.* 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/*Campus* de Três Lagoas, Três Lagoas/MS.

KRIEGER, Maria da Graça. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. **Caleidoscópio,** São Leopoldo vol. 04, n. 03, p. 141-147, set/dez 2006.

KRIEGER, Maria da Graça et al. O século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil. **Alfa**, São Paulo, 50 (2): 173-187, 2006.

LARA, Luis Fernando. **Teoria del diccionario monolingüe**. México: Centro de Estudos Linguísticos & Literários, 1996.

LARA, Luis Fernando. O dicionário e suas disciplinas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). **As ciências do léxico**. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Vol II. Campo Grande: Editora UFMS, 2004, p. 133-152.

LIMA, José Leonildo; TOMANIN, Cássia Regina; CARDOSO, Valéria Faria. Procedimentos metodológicos do ALiMAT: o documentador, o informante e a entrevista. **Revista Ecos**, edição nº 09, junho de 2010, p. 209-219.

LYONS, John. **Semántica lingüística**. Una introducción. Barcelona: Editoriais Paidós, 1997.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Um ponto de interseção para a dialectologia e a lexicografia: a proposição de um dicionário dialetal brasileiro com base nos dados do ALiB. **Estudos** (UFBA), v. 41, p. 49-70, 2010.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *O* projeto Dicionário Dialetal Brasileiro: discussão sobre método. In: **Comunicación Social**: retos y perspectivas. Santiago de Cuba: Centro de Linguística Aplicada, 2015, p. 39-43.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes; NEIVA, Isamar. Questões de método para a composição do *Dicionário Dialetal Brasileiro*: os dados da Bahia em foco. In: MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura Torres; RIBEIRO, Silvana Soares Costa (Orgs.). **Documentos 5**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil, avaliações e perspectivas. Salvador: Quarteto, 2015, p. 317-331.

MANFIO, Edio Roberto. **Avaliação de dispositivos acionados por voz e texto para o português brasileiro**. 2016. 121f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

MEDINA GUERRA, Antonia Maria. La microestructura del diccionario: la definición. In: MEDINA GUERRA, Antonia Maria (Org.). **Lexicografía Española**. Barcelona: Ariel, 2003, p. 127-150.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del linguaje**. 4 ed. Barcelona: Ariel Letras, 2009.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Documentos 2**: projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. P. 15-26.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Tradição lexicográfica portuguesa: Bluteau, Moraes e Vieira. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 153-159.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. **António de Moraes Silva**: lexicógrafo da língua portuguesa. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Modelos de verbetes em dicionários clássicos da língua portuguesa. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Vol. III. Campo Grande: Editora UFMS; São Paulo: Associação Editoria Humanitas, 2007, p. 235-245.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. A contribuição de um dicionário histórico: o Dicionário Histórico do Português do Brasil. **Organon**, v. 25, n. 50, 2011.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Dicionário histórico do português do Brasil: testemunho lexical da língua portuguesa no Brasil Colônia. **Debate terminológico**, n. 14, 2015, p. 75-88.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. O contributo dos relatos de viagem para a Lexicografia Histórica Portuguesa. In: COSTA, Daniela de Souza Silva; BENÇAL, Dayme Rosane (Orgs.). **Nos caminhos do léxico**. Campo Grande: Editora UFMS, 2016, p. 15-32.

NEIVA, Isamar. **Vocabulário Dialetal Baiano**. Relatório de Qualificação. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016. 143 p.

NEIVA, Isamar. **Vocabulário Dialetal Baiano**. 2017. v. 1, 270 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvado, 2017.

NKOMO, Dion. Some deficiences in the Mediostructure of Isichazamazwi SesiNdebele. **Lexikos**, 17 (AFRILEX-reeks), série 17, 2007, p. 372-384. Disponível em: http://lexikos.journals.ac.za. Acesso em: 13 jul. 2016.

NOGUEIRA, Albana Xavier. **A linguagem do homem pantaneiro**. 1989. 383f. Tese (Doutorado em Letras). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1989.

NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil**. Análise e história do século XVI a XIX. Campinas: Pontes Editores; São Paulo: FAPESP; São José do Rio Preto: FAPERP, 2006.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. **O português do Brasil**: brasileirismos e regionalismos. 1999. Tese de Doutorado (Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1999.

OLIVEIRA, Dercir. Pedro de (Org.). **ALMS** – Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

OLIVEIRA, Lúcia Pacheco de. Linguística de *corpus*: teoria, interfaces e aplicações.

Matraga, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 48-76, 2009. Disponível em:

http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga24/arqs/matraga24a02.pdf. Acesso em: 11 fev. 2016.

ORTÊNCIO, Bariani. **Dicionário do Brasil Central**. Subsídios à Filologia. São Paulo: Editora Ática, 1983.

PÉREZ HERNÁNDEZ, Chantal; MORENO ORTIZ, Antonio. **Lingüística computacional y lingüística de corpus**. Potencialidades para la investigación textual. 2009. Disponível em: http://tecnolengua.uma.es/doc2/trea2009.pdf. Acesso em: 11 mar. 2016.

PONTES, Antonio Luciano. **Dicionário para uso escolar**: o que é como se lê. Fortaleza: EdUECE, 2009.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. **Manual de técnica lexicográfica**. Madri: Arco Livros S.A., 2002.

POTTIER, Bernard (Ed.). **La langage**. Dictionnaire de linguistique. Paris: CEPL, 1973.

POTTIER, Bernard. **Linguística Geral**. Teoria e descrição. Rio de Janeiro: Presença, 1978 [1965].

RAMIREZ, Arnulfo G. Dialectología y Sociolingüística. In: ALVAR, Manuel (Org.). **Manual de Dialectologia hispânica**. El Español de España. Barcelona: Editora Ariel, 2009, p. 37-48.

REAL ACADEMIA ESPANHOLA. **Tesoro de Covarrubias**. Disponível em: http://www.rae.es/obras-academicas/obras-linguisticas/tesoro-de-covarrubias. Acesso em: 02 jan. 2016.

REIS, Regiane Coelho Pereira. **Atlas Linguístico de Ponta Porã-MS**: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai. Volumes I, II e III. 2006. 430 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Campo Grande: UFMS, 2006.

REIS, Regiane Coelho Pereira. **Variação linguística do português em contato com o espanhol e o guarani na perspectiva do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira entre Brasil/Paraguai (ALF-BR PY)**. 2013. 481 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013.

REY, Alain. **Le lexique images et modèles**. Du dictionnaire a la lexicologie. Paris: Libraire Armand Colin, 1977.

REY-DEBOVE, Josette. **Étude Linguistique et sémiotique des diccionaires français contemporains**. Paris: Mouton, 1971.

REY-DEBOVE, Josette. Léxico e dicionário. Tradução Clóvis Barleta de Morais. **Alfa**, São Paulo, n. 28 (Supl.), 1984, p. 45-69.

REZENDE, Rayne Mesquita de. **Configurações da linguagem em Goiás**: um estudo dos regionalismos lexicais sob o viés metalexicográfico. 2016. 207 p. Dissertação (Mestrado – Pós-Graduação em Estudos da Linguagem). Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2016.

ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da Geolinguística brasileira a e proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v. 13, nº 02, p. 203-242, jul./dez. 2013.

ROMERO, Marta Negro. O Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Portugués no marco do espazo lingüístico galego - portugués (PE e PB). In: CASTRO, Olga; LIÑEIRA, María (Eds.). **Trama e urda**. Contribucións multidisciplinares desde os estudos galegos. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 2015, p. 76-97.

SALVADOR, Gregorio. Lexicografía y Geografía lingüística. **Revista Española de Lingüística**. 10, 1 (janeiro-junho, 1980), p. 49-57.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28ª ed. 2ª reimp. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SECO, Manuel. **Estudios de la lexicografía española**. Madri: Gredos, 2003.

SILVA, Marcos Noé Pedro da. **Diagrama de Venn**. Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/matematica/diagrama-de-venn.htm>. Acesso em: 19 out. 2017.

SILVA NETO, Serafim da; ARAÚJO, Ruy Magalhães de. Fontes do latim vulgar. Conferência de abertura do V Congresso Nacional de Linguística e Filologia. **Cadernos do V CNLF**, série V, n. 8 (A Filologia de ontem e de hoje). Disponível em: http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ8_06.htm. Acesso em: 16 fev. 2018.

SINCLAIR, John McHardy. **Preliminary Recommendations on Corpus Typology**. 1996. Disponível em: http://www.ilc.cnr.it/EAGLES96/corpustyp/node1.html#SECTION00010000000000000000. Acesso em: 07 mar. 2016.

SINCLAIR, John McHardy. Corpus and Text-Basic Principles. In: Wynne, Martin (Ed.). **Developing Linguistic Corpora:** a guide to good practice. Oxford: University of Oxford: AHDS Literature, Languages and Linguistics, 2004, p. 01-20.

SOUSA FERNÁNDEZ, Xulio. Entre el atlas lingüístico y el diccionario. Un diccionario de léxico tradicional a partir de los materiales del ALPI. In: AHUMADA, Ignacio (Org.). **Metalexicografía variacional**. Diccionarios de regionalismos y diccionarios de especialidad. Málaga: Universidade de Málaga, 2010, p. 237-256.

SVENSÉN, Bo. **A handbook of Lexicography**. The theory and practice of dictionary-making. United Kingdom: Cambridge University Press, 2009.

THUN, Harald. Vivacité et diversité de la variation linguistique. In: ENGLEBERT, Annick et al (Orgs.). **Actes du XXII^{e} Congrés International de Linguistique et de Philologie Romanes**. Bruxelas, 23 a 29 de julho de 1998. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998a, p. 365-409.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: RUFFINO, Giovanni. (Org.). **Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e**

Filologia Romanza*.* Tübingen: Niemeyer, 1998b. p. 701-729.

THUN, Haraldo; FORTE, Carlos E.; ELIZAINCÍN, Adolfo. El Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). Presentación de un proyecto. **Iberoromania**, n. 30, 1989, p. 26-62.

VERDELHO, Telmo. Dicionários portugueses, breve história. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida (Orgs.). **História do saber lexical e a constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas/FFLCH; Pontes, 2002, p. 15-64.

VIEIRA, Renata; LIMA, Vera Lúcia Strube. Lingüística Computacional: princípios e aplicações. In: NEDEL, Luciana (Ed.). **IX Escola de Informática da SBC-Sul**. Passo Fundo/Maringá/São José: SBC-Sul, 2001, p. 01-42.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

WERNER, Reinhold. Léxico y teoría general del lenguaje. In: HAENSCH, Günter et al *(*Orgs.). **La lexicografía.** De la lexicografía teórica a la lexicografía práctica. Madri: Editorial Gredos S.A., 1982a, p. 21-94.

WERNER, Reinhold. La definición lexicográfica. In: HAENSCH, Günter et al (Orgs.). **La lexicografía.** De la lexicografía teórica a la lexicografía práctica. Madri: Editorial Gredos S.A., 1982b, p. 259-328.

XATARA, Cláudia Maria. A web para um levantamento de freqüência. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Org.). **Múltiplas perspectivas em lingüística**. Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 770-777. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_398.pdf>. Acesso em: 26 out. 2017.

ANEXOS

ANEXO A

Autorização para utilização dos dados geolinguísticos inéditos pertinentes à região centro-oeste do atlas linguístico do brasil

Projeto ALiB Atlas Lingüístico do Brasil

D E C L A R A Ç Ã O

Ao utilizar como referencial empírico do trabalho de Pós-Graduação intitulado *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste: uma proposta de intersecção entre a Dialetologia e a Lexicografia* que desenvolvo sob a orientação **Aparecida Negri Isquerdo**, Diretora Científica do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (**Projeto ALiB**), dados do *corpus* desse Projeto, **declaro**:

1. Estar ciente de que os materiais do Banco de Dados do **Projeto ALiB** a mim facultados não podem ser repassados, enquanto conjunto de dados, a outro(s) pesquisador(es) e/ou interessado(s) na matéria.
2. Ter pleno conhecimento de que a divulgação parcial ou final do trabalho deve ser sempre acompanhada da indicação da fonte (Banco de Dados do Projeto ALiB) e da citação do nome do orientador.
3. Autorizar que os resultados da análise por mim efetuada sejam utilizados nas publicações do Atlas Lingüístico do Brasil, em quaisquer dos volumes que venham a integrar a coleção, mediante a indicação da fonte e a citação do meu nome.
4. Oferecer a minha contrapartida ao Atlas Lingüístico do Brasil colaborando, se requerido, na transcrição de dados, catalogação e cópia de materiais e em outras atividades que não impliquem a pesquisa de campo.

E por estar de acordo, firmo a presente DECLARAÇÃO que tem, também, o CIENTE do Orientador.

Campo Grande, 26 de março de 2015

Daniela de Souza Silva Costa

RG: 931.821 SEJUSP/MS CPF: 821.837.241-53

CIENTE

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo

Diretor Científico

REGISTRADO no Projeto ALiB sob nº 25

Projeto Atlas Lingüístico do Brasil
Suzana Alice Marcelino Cardoso
Diretora-Presidente

DANIELA DE SOUZA SILVA COSTA

VOCABULÁRIO DIALETAL DO CENTRO-OESTE:

INTERFACES ENTRE A LEXICOGRAFIA E A DIALETOLOGIA

VOLUME II

Londrina
2018

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tipologia de dicionários segundo Porto Dapena (2002) 46
Quadro 2: Estrutura do artigo lexicográfico 69
Quadro 3: Perfil social e identificação dos informantes ALiB.....133
Quadro 4: Localidades pesquisadas no Centro-Oeste e seus respectivos números de identificação no *corpus* 135
Quadro 5: A legenda dialetal e sua descrição 172

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Escopos de Lexicologia e Lexicografia.....41
Figura 2: Mega-, macro- e microestrutura de dicionários.....54
Figura 3: Relações estruturais em dicionários.....56
Figura 4: A megaestrutura – macroestrutura e *Outside Matter*.....59
Figura 5: Relações medioestruturais em dicionários.....64
Figura 6: Tipologia de definições lexicográficas segundo Porto Dapena (2002).....81
Figura 7: Tela do Excel com planilha pronta para conversão para SFM.....118
Figura 8: Tela inicial do SheetSwiper.....120
Figura 9: Arquivo SFM convertido a partir de um XLS pelo SheetSwiper.....121
Figura 10: Tela inicial do FLEx.....122
Figura 11 FLEx – Tela de edição de léxico.....123
Figura 12: Composição de um verbete do *Vocabulário Dialetal Baiano*.....125
Figura 13: Legenda geolinguística do VDB.....134
Figura 14: Nomes para o *umbigo* da bananeira (Cardoso et al, 2014b, p. 183).....137
Figura 15: Nomes para bolinha de gude nas capitais brasileiras (CARDOSO et al, 2014b, p. 271).....144
Figura 16: Rede de Pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil na região Centro-Oeste.....173

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Produtividade dos designativos para a inflorescência da bananeira segundo o VDCO 138

SUMÁRIO

VOLUME I

INTRODUÇÃO 15

CAPÍTULO I – O LÉXICO E O INÍCIO DA LEXICOGRAFIA 21
1.1 O léxico e sua constituição 21
1.2 O fazer dicionarístico e o nascimento da Lexicografia 26

CAPÍTULO II – TEORIA LEXICOGRÁFICA 39
2.1 Tipologia de dicionários: contribuições substanciais 43
2.2 Arquitetura de dicionários: métodos e conceitos 52
2.2.1 A megaestrutura 57
2.2.2 A macroestrutura 60
2.2.3 A medioestrutura 63
2.2.4 A microestrutura 67
2.2.4.1 A parte definitória do verbete 71

CAPÍTULO III – A LEXICOGRAFIA E ALGUMAS DE SUAS RELAÇÕES INTERDISCIPLINARES 83
3.1 A Lexicografia, a Dialetologia e a Geolinguística 83
3.1.1 A Lexicografia Regional ou Lexicografia Dialetal 88
3.2 Linguística de Corpus e Lexicografia 100
3.3 A Linguística Computacional e sua contribuição para os trabalhos lexicográficos 107

CAPÍTULO IV – PERCURSO METODOLÓGICO 114
4.1 Percurso metodológico: o Dicionário Dialetal Brasileiro e o Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste 114

CAPÍTULO V – O FALAR DO BRASIL CENTRAL APONTADO PELO *VOCABULÁRIO DIALETAL DO CENTRO-OESTE*: TENDÊNCIAS 135

CONCLUSÕES.....148

REFERÊNCIAS.....153

ANEXO A 166

VOLUME II

APRESENTAÇÃO 168

LISTA DE ABREVIATURAS.....175

APÊNDICE A – LEGENDA DIALETAL.....264

APRESENTAÇÃO

O *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste* (VDCO) foi concebido com o intuito de dar tratamento lexicográfico à norma lexical veiculada pela língua falada nos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás e é destinado a estudiosos da língua portuguesa e de suas variações, bem como a interessados pela realidade linguística brasileira, aqui representada pelo léxico de falantes do Centro-Oeste, além de estudantes de Ensino Fundamental, Médio e Superior.

Para facilitar a consulta a todos os públicos, ordenam-se as entradas em ordem alfabética. De acordo com a teoria lexicográfica que orientou sua produção (HAENSCH, 1982), O VDCO é de natureza exaustiva – por documentar todas as unidades lexicais levantadas do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) como respostas para as 202 perguntas do Questionário Semântico-Lexical, sincrônica – por reunir o léxico em uso na primeira década do século XXI, monolíngue – por tratar apenas uma língua, a portuguesa, em sua variante brasileira, representada pela norma lexical veiculada no Centro-Oeste – e descritiva – por se ocupar da descrição linguística do universo pesquisado. Além disso, tem orientação semasiológica, posto que parte da unidade léxica para a definição, e é apresentado em suporte impresso, inicialmente.

O *Vocabulário* tem como fonte um *corpus* de dados geolinguísticos do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) coletados em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás na primeira década dos anos 2000, composto por mais de 23 mil ocorrências. Para que esse *corpus* pudesse ser compilado, as transcrições dos 108 inquéritos aplicados foram organizadas e transformadas em outros formatos eletrônicos, de modo que pudesse ser feita a extração do vocabulário para posterior tratamento lexicográfico. Assim, o *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste* (VDCO) pretende fornecer dados que poderão contribuir para a ampliação dos estudos lexicais e também subsidiar o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa, pois disponibiliza um repertório lexical ativo dos informantes entrevistados.

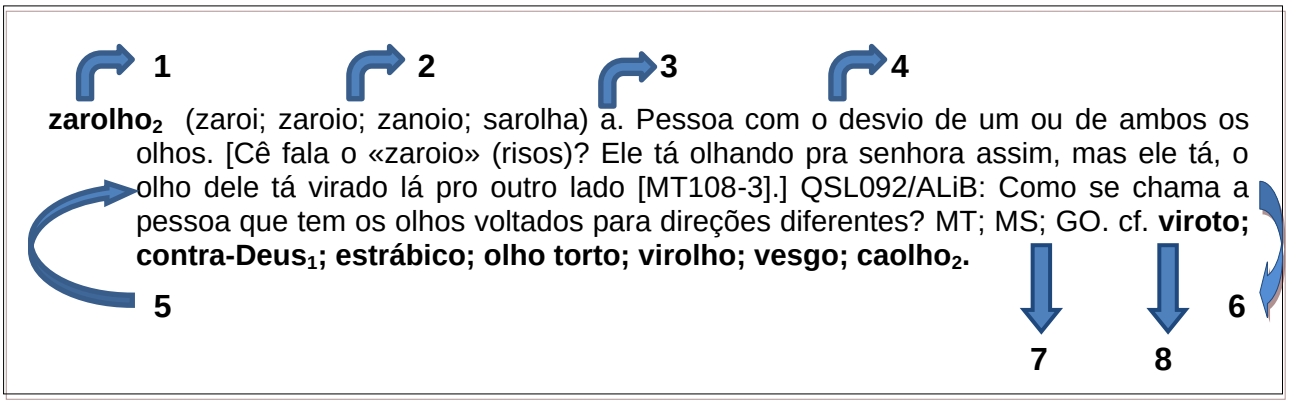
No que se refere à coleta dos dados geolinguísticos que subsidiaram esta publicação, foram inquiridas 108 pessoais naturais de 24 localidades do Centro-Oeste, entre as capitais de estados e as cidades do interior, respeitando-se um perfil pré-determinado pelo Projeto ALiB. Desses inquéritos, resultaram aproximadamente

270 horas de gravação contendo, dentre outras, as respostas para o Questionário Semântico-Lexical que investiga os nomes dados a conceitos pertinentes a 14 áreas semânticas, a saber: 1. Acidentes geográficos, 2. Fenômenos atmosféricos, 3. Astros e tempo, 4. Atividades agropastoris, 5. Fauna, 6. Corpo humano, 7. Ciclos da vida, 8. Convívio e comportamento social, 9. Religião e crenças, 10. Jogos e diversões infantis, 11. Habitação, 12. Alimentação e cozinha, 13. Vestuário e acessórios e 14. Vida urbana.

Dessa forma, o repertório lexical disponibilizado por este *Vocabulário* contempla conceitos referentes a essas áreas semânticas. Ele foi compilado a partir de 23.174 ocorrências que geraram uma nomenclatura de 1.604 entradas, compostas por substantivos, adjetivos e verbos.

A macroestrutura foi organizada de acordo com a produtividade das variantes lexicais lematizadas, isto é, respeitando-se o número de ocorrências, de maneira que a mais produtiva como nomeação de determinado conceito tornou-se lema de um verbete completo, ou seja, aquele que traz a definição lexicográfica e a bibliografia (o texto da pergunta do questionário que gerou a variante lexical), além de informações gramaticais e abonações. As demais unidades léxicas, menos recorrentes, figuram como lemas de verbetes remissivos, compostos por informações gramaticais e abonações, além da indicação de remissão ao verbete completo a que se refere.

Quanto à microestrutura, o verbete completo possui organização como a ilustrada no verbete zarolho, que segue:



Em que:

1) **Lema:** item dicionarizado ou mesmo aquele cuja produtividade, isto é, o número de ocorrências, justifica essa posição. A lematização respeita a norma padrão escrita formal do português brasileiro. [125]

2) **Variante fonética:** indicação das diversas realizações fonéticas da palavra-entrada, [126] sem necessariamente se constituir em um lema.

3) **Classificação gramatical:** registro da classe gramatical a que pertence o item lematizado.

4) **Definição:** paráfrase lexicográfica do item em questão (nos casos de substantivos e adjetivos) ou uma explicação (no caso dos verbos), elaborada pela autora.

5) **Abonação:** contexto de uso da unidade léxica, além de informações enciclopédicas acerca do elemento nomeado. Nem todos os verbetes contam com abonação, posto tratar-se de uma explicação dos falantes em relação à unidade lexical ou ao referente, nem sempre disponível nos inquéritos que compõem o *corpus* desta pesquisa. [127] É redigida em redondo, entre colchetes e seguida por parênteses que indicam a fonte do dado. Nela, a palavra-entrada é destacada e vigora entre os símbolos **«»**. Além disso, as abonações foram transcritas tal qual enunciadas pelos falantes, respeitando-se suas marcas de fala.

6) **Bibliografia:** indicação do código de identificação da pergunta do Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil que deu origem à entrada, seguido do texto da questão.

---

[125] Por esse critério, empréstimos linguísticos, bem como unidades léxicas cujas grafias não puderam ser confirmadas pelas diversos modos de pesquisa utilizados (frequência na rede mundial de computadores, registros em obras de diversas naturezas, dentre outros), tiveram sua lematização respeitando-se a fala dos informantes, como *melis*, por exemplo, utilizado para nomear a banana que nasce grudada ou mesmo a criança que nasce no mesmo parto de seu irmão ou irmã.

[126] Haja vista que o objeto deste trabalho é o nível lexical da norma veiculada no Centro-Oeste, foi desconsiderado o alçamento das vogais átonas finais, representando-se tanto quanto possível as realizações fonéticas por meio da transcrição grafemática.

[127] A explicação dos informantes, de maneira geral, precisa de um estímulo do inquiridor, uma nova pergunta sobre o referente, o que, por muitas vezes, não ocorre, tendo em vista a própria natureza da pesquisa, que buscou designativos para elementos diversos, mas não requeria dos pesquisadores abonação, esta presente em grande parte nos inquéritos realizados por estudiosos do léxico, apenas uma vertente do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

7) **Legenda dialetal:** informação geolinguística da fonte da entrada, demonstrando o ou os estados do Centro-Oeste em que vigora a referida unidade léxica, indicada por meio das siglas dos estados do Centro-Oeste: MT, MS e GO.

8) **Remissiva**: referência a todos os remissivos a que se ligam o item lexical lematizado – verbetes completos e remissivos, completando, assim, o ciclo informacional acerca do lema. A indicação da remissiva é realizada pela abreviatura **cf**.

Já como verbetes remissivos, vigoram da seguinte forma os artigos lexicográficos:

> **falar mais que homem da cobra** (falar igual homem da cobra) loc. v. [Assim, eu... Eu se... Sempre a gen... Eu aprendi um ditado assim: “nossa, mas fulano «fala igual o homem da cobra»”(risos). Agora o porquê eu num sei, porque fala muito né, ela diz: "por certo o homem da cobra falava demais, né” (risos) [GO123-2].] MS; GO. cf. **conversar mais que homem da cobra**.

Essa estrutura não contém apenas a definição e a bibliografia, itens que integram somente o verbete completo, aquele que traz informações da unidade léxica mais recorrente para a nomeação de um referente e que dá pistas, por isso, para o entendimento de que é a mais reconhecida na região e, consequentemente, pode representar domínio na norma lexical do Centro-Oeste.

Ademais, o VDCO também apresenta ao final um apêndice com a legenda dialetal, que mostra não só a fonte da entrada, mas também identifica quem a forneceu. Para o entendimento da legenda dialetal, deve-se atentar para o fato de que as letras referem-se à sigla do estado da federação: MT: Mato Grosso; MS: Mato Grosso do Sul e GO: Goiás. Na sequência, as centenas identificam as localidades em que foi documentado o lema e, finalmente, os números após o hífen indicam os entrevistados: os homens receberam numeração ímpar e as mulheres, par, os números 1, 2, 5 e 6 indicam a faixa etária I e 3, 4, 7 e 8, os informantes de faixa etária II; os números de 1 a 4 identificam os informantes com escolaridade Ensino Fundamental e de 5 a 8, a escolarização universitária.

Assim, temos como exemplos:

Quadro 5: A legenda dialetal e sua descrição[128]

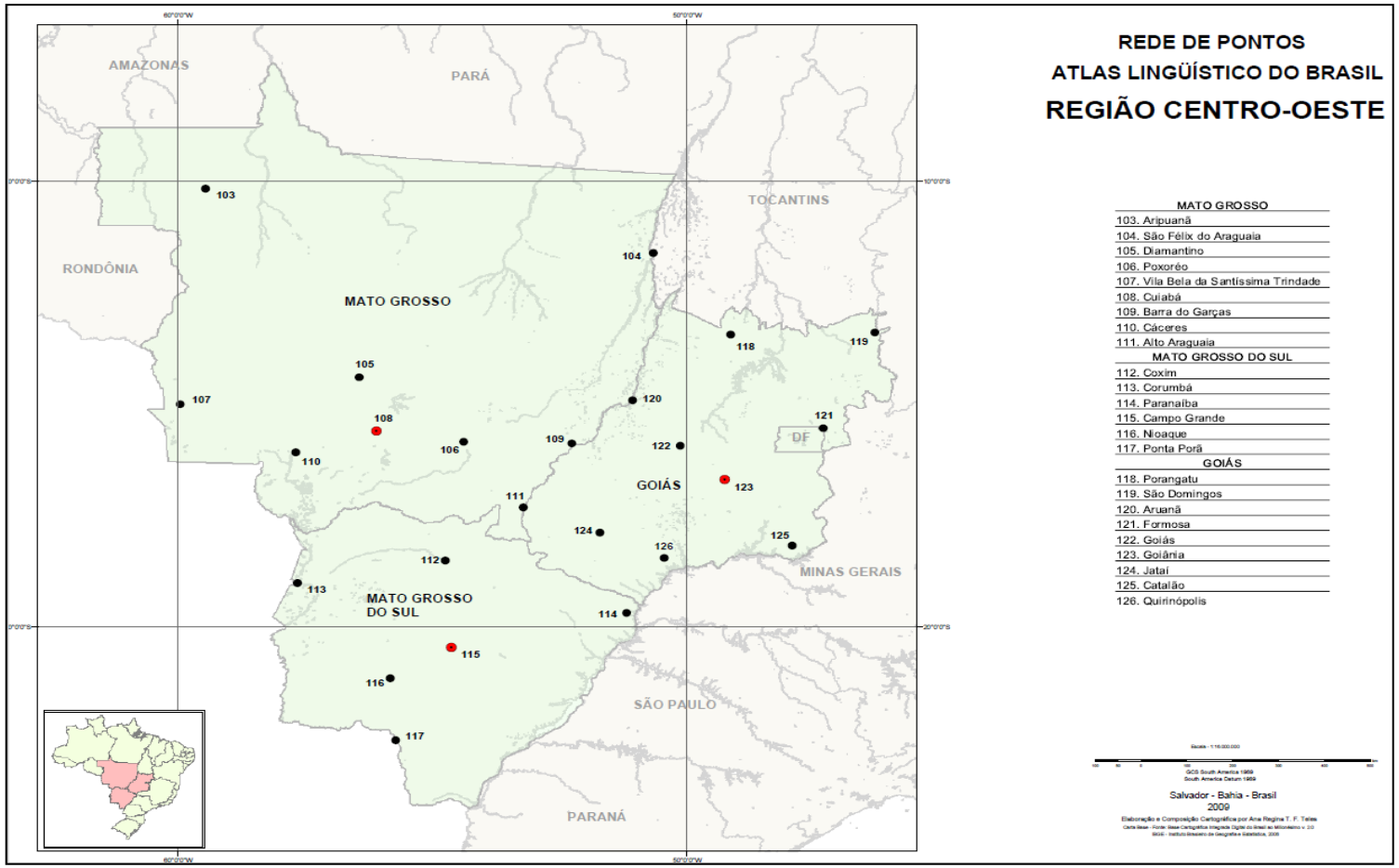
Legenda	Descrição
MT108-7	Cuiabá/MT; informante masculino, faixa etária II, escolaridade universitária.
MT111-2	Alto Araguaia/MT; informante feminino; faixa etária I, escolaridade fundamental.
MS114-4	Paranaíba/MS; informante feminino, faixa etária II, escolaridade fundamental.
GO123-8	Goiânia/GO; informante feminino, faixa etária II, escolaridade universitária.

Fonte: elaborada pela autora a partir da metodologia do ALiB (CARDOSO et al, 2014a).

[128] A numeração das ilustrações deste Volume II do *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste* segue a ordem do texto. Assim, mesmo este sendo o primeiro quadro, é numerado na sequência do Volume I.

A figura a seguir apresenta a rede de pontos do ALiB no Centro-Oeste, devidamente identificada com os códigos das localidades:

Figura 16: Rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil no Centro-Oeste



Fonte: Atlas Linguístico do Brasil (2009).

Realizadas, pois, essas considerações, apresenta-se a seguir o *Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste*, a iniciar pela lista de abreviaturas que vigoram na obra e depois a nomenclatura do VDCO. Tem-se a expectativa de que este *Vocabulário* possa contribuir para a divulgação da norma lexical do Centro-Oeste, aqui representada por dados geolinguísticos do ALiB referentes aos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

LISTA DE ABREVIATURAS

a.: adjetivo

adv.: advérbio

cf.: conferir

GO: Goiás

MS: Mato Grosso do Sul

MT: Mato Grosso

QSL/ALiB: Questionário Semântico-Lexical/Atlas Linguístico do Brasil

s.f.: substantivo feminino

s.m.: substantivo masculino

v.: verbo

à noitinha (de noitinha) adv. Período do dia que equivale ao início da noite. QSL028/ALiB: Como se chama o começo da noite? MT; MS; GO.

à tarde (à tardizinha; de tardizinha; à tardinha; de tarde) adv. Final da tarde. [Não... Pelu menos sim, nóis fala aqui sim é «à tardizinha», quando acaba o sol, né? Aí fica aquela parte fresquinha, nois fala «à tardizinha» chegô [MT106-2]]. QSL027/ALiB: E quando o sol se põe? MT; MS; GO.

abaixar (o sol_4) v. MT; MS; GO. cf. **entrar**.

abdômen s.m. MS. cf. **útero**.

abortar$_1$ (bortou; abrotou) v. [É, geralmente por comum se dá outro nome, eu num sei. Mas geralmente é aborto mesmo, né, tanto de homem como de, por exemplo, uma gata «abortô» um gato, quando tem uma gata, um trem assim [MT106-3]]. MT; MS; GO. cf. **perder$_3$**.

abortar$_2$ v. Acarretar a interrupção da gravidez por causas variadas. [Aí que nóis fala que «abortô». As duas coisa é quase dum jeito só, né não? [MT111-3]] QSL126/ALiB: Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve... MT; MS; GO.

abortar$_3$ v. Provocar a interrupção da gravidez. [Aí nesse caso se ela ficou grávida e não teve ela provocou um aborto. «Abortô», né? [MT106-3]] QSL127/ALiB: Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela... MT; MS; GO. cf. **tirar; não segurar a criança; perder$_3$; perder$_2$; provocar aborto; fazer aborto**.

aborto$_1$ (fazer $aborto_1$) s.m. Fato que ocorre com animais quando da expulsão natural do feto sem que ele tenha condições de sobreviver. QSL060/ALiB: Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria? MT; MS; GO. cf. **perda$_1$**.

aborto$_2$ (aborto espontâneo) s.m. Interrupção da gravidez por causas variadas. [Minha irmã teve um esses dias, esses tempo atrás, ta com trêis meses mais ou menos, teve «aborto» de quatro meses [MS115-2]] QSL126/ALiB: Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve... MT; MS; GO. cf. **perda$_2$;**

aborto$_3$ s.m. Interrupção dolosa da gravidez. QSL127/ALiB: Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela... MT; MS; GO. cf. **perda$_3$.**

abrir$_1$ (estar se abrindo) v. [É quando cumeça, nós fala: “fecho o tempu”. Qui aí começa a chuvona, né? Depois quando acaba nos fala: “«abriu», pode todo mundo sair” [MT106-2]] MT; MS; GO. cf. **limpar**.

abrir$_2$ (o sol_1) v. MT; MS; GO. cf. **limpar**.

abrir-se (estar se abrindo o sol) v. MT; MS; GO. cf. **nascer**.

abutre s.m. MT. cf. **urubu**.

aceiro (acero) s.m. [Uns fala cerado, cerado que es fala, «acero» pa passá, né? É, vai cortando no meio do mato assim, cê vai cortano, tipo um cerado, vai cortano pro cê ir passano [MS115-2]] MS. cf. **picada**.

acendedor s.m. MT; MS; GO. cf. **interruptor**.

acre s.m. [O «acre» é um bicho que ele fica assim, é uma listrona assim que diz que dá de um riu e passa água de um riu por outro, o povo fala [GO119-1]] GO. cf. **arco-íris**.

adotado a. MT; MS; GO. cf. **adotivo**.

adotivo (dotivo; eudotivo; adotiva; criança adotiva; filho adotivo) a. Que foi adotado. [Nós chamamos assim, um filho «adotivo», né? Qué dizê um filho «adotivo», a palava fala um filho «adotivo», mas só que segundo a lei, diz assim que a pessoa… É um

menino que só não é legítimo, maisi desde que é documentado tudo então é mais pai do que diz que o pai certo é aquele que cria, né? [MT103-3]] QSL130/ALiB: Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse? MT; MS; GO. cf. **enteado; criado; adotado; filho de criação**.

afofa-toba (fofa-toba) s.f. MT. cf. **pinga**.

aguaceiro s.m. MS. cf. **inverno**.

aguardente s.m. MT; MS; GO. cf. **pinga**.

alambique s.m. MT; GO. cf. **pinga**.

alapeia s.f. MS. cf. **lava-bunda**.

alça s.f. MT; MS; GO. cf. **braço**.

alcoólatra (alcoólita; alcoólitro; alcólico; alcoólata) a. [Um «alcólata», esse é meu marido, ele bebe demais, demais da conta, eu acho que ele é um «alcoólatra» e num qué... Sabe [GO126-2].] MT; MS; GO. cf. **bêbado**.

alcoolizado a. GO. cf. **bêbado**.

aleijado$_1$ (alejado) a. [É, chama de «alejado». Ó, tem uma criação ali que ele já nasceu «alejado», puxa de uma perna, já nasceu «alejado» [MT103-3].] MT; MS; GO. cf. **manco$_1$**.

aleijado$_2$ (alejado; alejado duma perna) a. Que não tem uma das pernas. [É que não tem uma perna, fala fulano, agora a gente fala é deficiente, né, mai de primero a gente falava: "ah, é «alejado»" [MT107-4]] QSL114/ALiB: Como se chama a pessoa que não tem uma perna? MT; MS; GO. cf. **pitoco$_3$; amputado; coxo$_2$; manco$_3$; náfego$_2$; manqueba$_2$; paralítico; paraplégico; deficiente$_3$; cotó$_3$; sem perna; perneta**.

aleijado$_3$ (alejado) a. [É, aqui pra nóis é, fulano é «alejado», ele puxa duma perna, é conxo duma perna, e tem nego: “ah, fulano é conxo duma perna”. É porque ele puxa duma perna, ele tem uma perna mais baxa do que a outra [MS114-3]] MS. cf. **manco$_2$**.

aleivosia (libusia) s.f. [A pessoa fala que vê «libusia», vê vulto, sabe, vê fazendo barulho. So que é «libusia» porquê não vê, não é nada [GO119-2]] GO. cf. **assombração**.

alforje (arfoge; forje; arfójio; alfoje) s.m. [Chama de «alfoje». No lombo? Não, sempre carrega a tiracolo, tiracolo é... Ou às vezes no animal mesmo assim, um do lado e outro do outro assim [MT104-3]] MT; MS; GO. cf. **bruaca**.

alma s.f. MT; GO. cf. **assombração**.

alma penada s.f. MT; MS; GO. cf. **assombração**.

alma perdida s.f. GO. cf. **assombração**.

alma seca s.f. GO. cf. **assombração**.

alvorada$_1$ s.f. [«Alvorada», aqui fala muito «alvorada» [GO123-7].] MT; GO. cf. **amanhecer$_2$**.

alvorada$_2$ s.f. GO. cf. **barra do dia**.

alvorecer$_1$ s.m. MS. cf. **amanhecer$_2$**.

alvorecer$_2$ s.m. GO. cf. **barra do dia**.

ama de leite s.f. MT; MS. cf. **mãe de leite**.

amalá s.m. [Os espíritas do candomblé já falam «amalá»... Tá entendendo, «alamá» eles falam, a umbanda fala dispacho: “fulano fez um dispacho na encruzilhada”, “deu uma arreada pra uma entidade tal, de tal, de tal...” [MS113-4]] MS. cf. **macumba**.

amamentadeira (amamentadera) s.f. [Agora, não sei se é ama «amamentadera», né? Deve ser isso, né? Mas aqui é «amamentadera» sim, éh «amamentadera» sim. Mas acontece que aí a... a... Aqui Cuiabá mesmo dava o nome de mãe, tornava uma segunda mãe pr'aquela pessoa, né? Mãe fulana de tal, mãe fulana, inclusive tem mãe Bonifácia, já ouviu falá, né? Mãe Bonifácia, mãe preta, tem muitas muitas pessoas aqui que ficam a história de Mato Grosso que recebe o nome de mãe, porque ela amamentava as criança, né? C'a outra mãe legítima não tinha como amamentá ela amamentava [MT108-5]] MT. cf. **mãe de leite**.

amanhecer$_1$ (manhecendo; estar amanhecendo) v. Iniciar-se o dia. QSL022/ ALiB: Como se chama a parte do dia quando começa a clarear? MT; MS; GO.

amanhecer$_2$ (manhecer) s.m. Início do dia. QSL022/ALiB: Como se chama a parte do dia quando começa a clarear? MT; MS; GO. Cf. **aurora$_1$; alvorecer$_1$; alvorada$_1$; chegar; sair$_1$; raiar$_1$; manhã; clarear$_2$; nascer do sol$_1$; romper do dia$_1$; clarear do dia$_1$.**

amanhecer$_3$ (o dia$_2$) v. MT; GO. cf. **nascer**.

amarelinha (amarelinho) s.f. Brincadeira infantil que consiste em pular em um pé só sobre casas numeradas de uma figura riscada no chão, exceto naquela em que cai a pedra que marca a progressão do brincante. [Ah, «amarelinha». Ficava com uma pedrinha na mão e você ia jogando e você ia passando de casa com um pé só. Você tinha que pular e quando chegava no dois, era, você começava com um pé, tem três, você pula com um pé só, aí você tinha que pegar com um pé só aquela pedrinha lá onde ela tiver e aí você podia colo... Pegava e jogava lá na outra, né, até você conseguir chegar no círculo maior [MT104-2]] QSL167/ALiB: Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só? MT; MS; GO. cf. **maré$_3$; finca; queima; pula-pula$_2$; pula-macaco; macaca**.

amarra-boi (marra-boi) s.f. [Porque era hora deles marrá a boiada, carretero que vinha, né? Então a hora que a estrela tava entrando falava: "tá na hora de amarrá os boi". E ela ficou como «marra-boi», que aquele tempos era antigo meu pai que falava. Aí parece a estrela e os boi tava cumeno, aí a hora que ela ia entrando volta: "a estrela tá entrando, tá hora marrá os boi" [MS116-3]] MS. cf. **estrela-d'alva$_2$**.

amarrado (amarradinho) a. GO. cf. **mão de vaca**.

amarrar o facão (marrar o facão) v. Interromper naturalmente os ciclos menstruais. [Num tem mais mestruição. Qué dizê, fulana «marrou o facão», desse jeito sempre fala, é nome... «Marrou o facão» qué dizê que ela num tem mais filho, ela num tem mais filho, já é uma mulhé assim... Que já num é, se já que eles qué dizê isso, mas isso é um nome que eles dava: "ah, fulana «amarrou o facão»", é desse jeito [MT106-3]] QSL122/ALiB: Numa certa idade acaba a menstuação. Quando isso acontece, se diz que a mulher... MT.

amassa-barro (massa-barru) s.m. [Porque ele fala «amassa-barro» porque ele amassa bem o barro primeiro, ele... Aí depois ele põe uma camada de capim, outra de barro e mistura as duas, as duas camada do capim e do barro. Pra senhora ver que chuva não derruba a casa de «amassa-barro». Pra derrubar casa de «amassa-barro» tem que ser chuva mesmo, chuva grande. Aí de uns tempo pra cá que ficou... Que um monte... Chegô... Foi chegando mais gente de fora aqui, né, que conhecia como joão-de-barro, né? Entom agora ficou todo mundo conhece mais como joão-de-barro [MT108-3]] MT; MS. cf. **joão-de-barro**.

amendoim (aminduim; amenduim; amendoim; mendoim; minduim; mendobim) s.m. Fruto envolto em casca resistente que se pode consumir assado ou cozido, seja torrado ou moído. [A canjica a gente tem que cozinhar, né... Molhava o milho, aí põe ele pra cozinhar... Deixa cozinhar bem cozidinho... Aí depois coloca o... Uns coloca o leite

primeiro, depois vai botando o açúcar, aí vem o ... «Amendoim», tem uns que põe côco [GO122-4]] QSL040/ALiB: Como se chama o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído? MT; MS; GO.

amputado a. MS. cf. **aleijado$_3$**.

amuleto$_1$ (moletu; muletinha; amuletu da sorte) s.m. Objeto que se usa para dar sorte ou afastar males. [Éh, é uma coisa que a pessoa usa pra espantar os males, né? «Amuleto» a figo, né? Eu nu sei já essa parte aí de, eu, eu não sei, sei muito, eu não sei muito a respeito disso que eu fui criado num lar protestante, né? [MT108-5]] QSL150/ALiB: Como se chama o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males? MT; MS; GO. Cf. **sapicuá; preventivo; medalha$_1$; medalha$_2$; cordão; escapulário$_1$; talismã; figa; crucifixo$_1$; santinho$_1$; breve$_1$; patuá$_1$**.

amuleto$_2$ s.m. MT. cf. **medalha$_2$**.

anágua (nágua) s.f. [Ah, calcinha, usa pra calcinha, né? Aí põe a «nágua», aí que a muié vai colocar a saia, né. As antiga ainda usa muito «nágua», né? [MT105-1]] MT; MS. cf. **calcinha**.

analfabeto (enalfabeto) a. [Ahn... fala... «analfabeto» mesmo, fala que tem dificuldade, não sei o quê... [GO122-2]] GO. cf. **burro**.

anca$_1$ (âncora) s.f. MT; MS; GO. cf. **lombo**.

anca$_2$ s.f. MT; MS; GO. cf. **garupa**.

andar v. [Ela tá tipo «andano» assim, né, numa rapidez e some, logo ela some. É, é isso, eu vi, isso aí eu já ouvi fala, né, que quando a gente vê ela ino assim, a gente pode pedí alguma coisa que vai acontecê [GO123-2]] MT; GO. cf. **cair**.

angolar v. GO. cf. **estourar**.

angolista (ingulista) s.f. [Quase igual, tanto faz «angolista» e... Os mais velhos, os mais novos a cocar [MT104-4].] MT. cf. **galinha-d'angola**.

angu s.m. [Esse é pa fazê «angu», é igual fazê o curau, né, mais só que é essa já é pa fazê cum... Como que fala, o caruru que eles fala aqui de galinha de... Esses trem, aí põe um poquinho só do «angu», só pra ingoçá o cardo [MT107-3]] MT; GO. cf. **curau$_2$**.

anjo do mal s.m. GO. cf. **diabo**.

anoitecer$_1$ s.m. MT. cf. **pôr do sol**.

anoitecer$_2$ v. GO. cf. **entrar**.

anoitecer$_3$ (estar anoitecendo; ir anoitecendo$_1$) v. MT; MS; GO. cf. **escurecer$_6$**.

anoitecer$_4$ (inoitecer) s.m. MT; MS; GO. cf. **boca da noite**.

anoitecer$_5$ (estar anoitecendo; ir anoitecendo$_2$) v. MT; MS; GO. cf. **escurecer$_5$**.

ansiado (insiado) a. [«Ansiada»… Eles num fala que fica ansioso, eles fala que fica «ansiado»: “cumi tanto que tô até «ansiada»” [MS114-3]] MT; MS; GO. cf. **cheio**.

ansioso a. MT; GO. cf. **cheio**.

anteontem (antonti; ontonti; ondeontem) s.m. MT; MS; GO. cf. **antes de ontem**.

antes de anteontem (antis de antonti; ontes de onti de onti; ontem de ontem de ontem; anteonti; antes de ontem de ontem; antes de onti de ontem; anteante de ontem) s.m. MT; MS; GO. cf. **tresanteontem**.

antes de ontem (antes de ontem; ontis de onti; ontem de onti) s.m. Dia anterior a ontem. QSL037/ALiB: Como se chama o dia que foi antes desse dia? [E um dia para trás]? MT; MS; GO. cf. **anteontem**.

apagador s.m. MT; GO. cf. **interruptor**.

aparecer (o sol; está aparecendo; começar a aparecer) v. MT; MS; GO. cf. **nascer**.

aparição s.f. MT. cf. **assombração**.

aperitivo s.m. MT. cf. **pinga**.

apetitoso a. GO. cf. **guloso**.

aragem s.f. MS. cf. **estiagem**.

arara$_1$ s.f. [«Arara» fala quando a pessoa... 'Custuma desde pequeno, né, começa a falá. Eles fala algumas coisa, né, mai não tanto assim, bem né... Falam assim... Algumas coisa [MS113-1].] MT; MS; GO. cf. **papagaio$_4$**.

arara$_2$ a. [Porque a «arara» fala muito [MT108-2]] MT. cf. **falador**.

arcado a. [«Arcado», fala: "essa pessoa já tá «arcada»". Mais cê sabe por que que é isso? Quando vai ficando véio, sempe vai, vai dano enfermidade e a enfermidade vai puxando, é, não é por causa de velhice, é por causa, o médico diz que é por causa da, que vai ficando véio, é, ele vai arcando, por causa da velhice vai puxando, mais não é não isso, eu acho que não é não. Isso é devido à enfermidade quantas pessoas não passa quando já tá véio po derrame, algumas coisa, então vai prejudicano [MT103-3]] MT; MS. cf. **corcunda$_2$**.

arco (arquinho; alquinho; arco-íris) s.m. MT; MS; GO. cf. **diadema**.

arco celeste s.m. [Nós chama de alco aqui, «alco-celeste». É só história mesmo, o povo diz que se entrar lá, o homem vira mulher, a mulher vira o homem, nego chega aqui, vai pro arco, chega aqui ele já tá acolá, você vai, até empurra ele, caía peixe lá, daquele lambarizão lá no meio do cerrado onde eu morava, foi o arco que puxou dum corgo não sei aonde e jogou aqui, e dava pra acreditar nele [GO119-3]] GO. cf. **arco-íris**.

arco da aliança s.m. [«Arco d'aliança», né? É nóis falamos assim, azul né, "oia, como é que o tempo ficou tão azul né, bonito né, ficô toda azulzina"... Né, o tempo. Ela fica com um lado colorida... Branca [MT103-3]] MT. cf. **arco-íris**.

arco da velha (arco da véia) s.m. [Eu falo assim, eu falo assim: "olha..." às veiz tá ajeitado pra chovê, né, aí antes que a chuva chegue aqui onde a gente está, como nós tamos aqui agora eu falo: "ó, fulano, num vai chovê não, o «arco da véia» lá, ó..." que minha mãe falava isso pra gente. Eu ainda uso [MT106-4]] MT; MS; GO. cf. **arco-íris**.

arco-íris (arco-iri; aco ilhu; alco-íris; arquíris) s.m. Arco luminoso que se vê no céu originado a partir da refração da luz solar e de seu reflexo em gotículas de chuva, visível como um conjunto de bandas coloridas. [«Arco-íri». Os antigo dizia assim, dizia que aquilo era uma alegria, sempe o povo dizia: "'cê tá vendo, meu fio?", quando a gente era novo: "tá vendo, meu fio, como é que Deus tá lembrando do home na Terra? Ó como é que ele feiz um coisa tão bonito ali ó, colorido, ali como é que tá bonito?"; "ó, como é Deus tá pelo home, ó como é que feiz uma coisa tão bonita", porque lá só fala sempe os antigo dizia: "lá só Deus que faiz" porque num tinha como subí um homem pa fazê aquilo bonito. Passô um tempo, o tempo interinho de chuva, feiz uma faxa azuzinha e aí você vê aquela parte chei de nuve, colorida, então rapidamente aí a pessoa já indicava pra gente: "'cê viu como é que Deus tá pelo home na Terra? Porque ó como é que ele feiz uma coisa tão bonita po home se alegrá ou a mulher também, né, trazê uma alegria" [MT103-3]] QSL017/ALiB: Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa de listras coloridas e curvas. Que nomes dão a essa faixa? MT; MS; GO. cf. **arco celeste; olho de boi; escada de anjo; arco da aliança; arco da velha; acre.**

armador (armadô) s.m. [Às vez a pessoa caía porque dava muito acidente de cavalo, né? Porque tinha muito atividade de cavalo, né, às vez caía e quebrava esse osso: “o fulano quebrou o «armadô»”, né? É... essa clavícula, né? [MT108-3]] MT. cf. **clavícula**.

armazém s.m. [Tem «armazém» que é assim, tem «armazém» pequenininho, o cara tá ali bebendo pinga, ele vende arroiz, vende feijão, vende ólio, vende cigarro, vende tudo [MT109-4]] MT; GO. cf. **boteco**.

arqueada a. [Essa a «arqueada», né, essa que tem, essa primera que você falô, juntora, a outra ao contrário é juntora [MT108-7]] MT; GO. cf. **perna torta**.

arraia$_1$ (raia) s.f. [Eu mesmo falava «arraia», mas o pessoal aqui usa mais falar é pipa, o pessoal hoje mais novo, né? [GO118-1]] MT; GO. cf. **pipa$_1$**.

arraia$_2$ s.f. [Uai, a «arraia» ... na «arraia» num tem vareta não [GO119-4]] GO. cf. **pipa$_2$**.

arreio (arreio de bruaca) s.m. MT. cf. **cangalha$_3$**.

ásculo s.m. [Eu falo que tá c’um «ásculo» muito forte, né... De suor... Um «ásculo» de suor [MS117-4]] MS. cf. **cê-cê**.

assa-peixe (assa-pexe) s.m. [Ele é compridinho, né, tem as asa cumprida, parece um aviãozinho. Aí ele pega, parece um aviãozim, tem duas assim compri, bem compridinho, duas asinha. Aí ele vem, tá, e fica, zem, bate muito e se levanta, bate, levanta... Aqui é conhecido como «assa-pexe». Éh, o nome éh...Que o cuiabano, que o pessoals aqui é conhecido aqui na região tem oto nome dele específico, mas aqui é conhecido como «assa-pexe», fala por «assa-pexe», todo mundo sabe o que é [MT108-5]] MT. cf. **lava-bunda**.

assassino (assassino por aluguel) s.m. MT; MS; GO. cf. **pistoleiro**.

assombração (sombração) s.f. Alma do outro mundo que dizem poder ser vista à noite em lugares sombrios. [Negócio de «assombração»... Ah, tem um índio, um índio, o finado Carleto, irmão dum colega meu, ele apareceu prum, prum colega meu índio também. É, morreu por causa de negócio de madeira, maquinário lá dentro da área deles, tirando madeira, ele foi e queimou trator, caminhão, coisa lá e deram um tiro de doze na cabeça dele e degolaram, degolaram ele. Aí o meu colega dormia muito na casa dele, aí ele foi e assistindo, né, ele foi e foi deitar, aí diz que apareceu tipo assim na janela assim aquela luz branca e começou a falar num sei o que pra ele, diz que ele tentava falar, gritar, chamar o pai dele, ai não saía nada. Duas vezes já abordou ele, o irmão dele, e lá na aldeia aparecia pra filhinha dele também [MT103-1]] QSL148/ALiB: Como se chama o que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo? MT; MS; GO. cf. **visão; coisa de outro mundo; mulher de branco; coisa-ruim$_2$; extraterrestre; aparição; livusia; gente morta; lobisomem; alma seca; encarnação; misura; visagem; espírito; alma; alma penada; alma perdida; vulto; fantasma**.

assuã s.m. MT. cf. **nuca**.

aurora$_1$ s.f. MS. cf. **amanhecer$_2$**.

aurora$_2$ s.f. MT. cf. **nascer do sol$_2$**.

aurora$_3$ s.f. MT; MS. cf. **barra do dia**.

aurora$_4$ s.f. GO. cf. **estrela-d'alva$_2$**.

avarento a. [Até lá perto de casa tem um homem lá que ele ficou rico, ele plantava cebolinha aí o... o... Cunhado dele descobriu um garimpo de ouro lá em Poconé, mas como ele não tinha recurso pra tocar o garimpo e esse, esse Nerso qu’era o vizinho, esse que eu tô falando pra senhora, ele sempre teve dinheiro, mas não bastante,

mas ele sempre teve porque pão-duro é... É... Esqueço: «avarento» [MT108-3].] MT; GO. cf. **mão de vaca**.

aviãozinho s.m. MT; GO. cf. **pipa$_2$**.

avó de peixe s.f. MT. cf. **lava-bunda**.

axila (maxila; xila) s.f. [Aqui no interiô o estudado fala «axila», e antigamente nói falava suvacu [MT107-4]] MT; MS; GO. cf. **sovaco**.

azular v. MS. cf. **limpar**.

bacia s.f. GO. cf. **barra do rio**.

bagaceira s.f. GO. cf. **pinga**.

bagana s.f. MT; MS. cf. **bituca**.

bago s.m. MS. cf. **vagem**.

baguete (espaguete) s.f. [A «baguete» é fininha. Agora aquele pão grande assim ‘cê num vê ele mais não, depois que inventaram o pão de 50 gramas, num existe aquele pão mais [GO123-5]] MS; GO. cf. **bengala**.

bainha s.f. MT. cf. **vagem**.

bala (balinha; bala doce) s.f. Guloseima dura de açúcar, a qual se acrescentam ingredientes ou essências de vários sabores. [Primeiro falava só caramelo, né, depois que pegou o… «Bala doce» [MS112-3]] QSL185/ALiB: Como se chama aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? MT; MS; GO. cf. **bombom; caramelo**.

baladeira (baladera) s.f. [Eu, porque a gente conhecia no Amazona, né, a «baladera», né, só chamava de «baladera», aqui istilingue, né? [MT103-4]] MT; GO. cf. **estilingue**.

balaio (balai) s.m. Objeto de vime, de taquara ou de de cipó trançado usado para levar cargas no lombo de animais. [Tem, a mão de mi, é o seguinte, uma «balai», ele, uma «balaio», um jacá é duas mão, duas mão de milho, primero era ferido na ispiga de milho, então era cento e vinte ispiga de mi’, era duas mão de mi’. Então era um «balai’», era um jacá, mai o mi” era tudo grandão, muita paia, as ispiga dá grandão assim. Tão dá certinho. Hoje se for medi duas mão de mi’ num «balai», duas mão, porque o «balai» era ferido, o «balai» tinha que tê dois, é, deiz parmo o «balai» [MS114-3]] QSL057/ALiB: Como se chamam aqueles objetos de vime, de taquara, de cipós trançado(s), para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.), no lombo do cavalo ou do burro? MT; MS; GO. cf. **baquité; cesta; cofo$_1$; paneiro; cesto; jacá**.

balanço$_1$ (balança; balangu) s.m. [Chama «balança», um senta numa ponta, a outra na outra e fica balançando, é «balanço», ali tem um ali [MT111-3].] MT; MS; GO. cf. **gangorra$_2$**.

balanço$_2$ (balangu; balança) s.m. Brinquedo que consiste em um assento suspenso por cordas ou correntes fixas num suporte, onde as pessoas se sentam para se balançarem. [Brincava, ixi, até hoje eu brinco (risos): a gente vai po rio pescá, qu’eu gosto de pescá assim no final de semana, às vezes eu levo a corda pa armá a, a rede pa gente dormi, passa no pau, na galha do pau e amarra assim aí tá gostoso, eu vô e balanço até hoje. A neta também tem «balanço», né, aí põe no quintal, uma árvore [MT109-4]] QSL166/ALiB: Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? MT; MS; GO. cf. **trapézio; gangorra$_2$**.

balão$_1$ s.m. MS; GO. cf. **pipa$_2$**.

balão$_2$ s.m. [Vixi, issu aí eu fiz na autoescola né... num passô... cê faiz aqui assim né? O «balão» [GO119-4].] MT; GO. cf. **rotatória**.

bandeira dois s.f. GO. cf. **menstruação**.

bandeira vermelha s.f. MS. cf. **menstruação**.

bandeirola s.f. [Isso é «bandeirola», puxou as duas pra fechar [MT111-3]] MT. cf. **veneziana**.

bandido s.m. MT; MS. cf. **pistoleiro**.

banducha s.f. [É, as menininhas vestem e falam «banducha», essas coisas, é bandu... É a «banducha». É isso mesmo, aí você coloca de fit... Tem ela de várias... Tem ela de plástico, tem ela de florzinha... [GO121-2]] GO. cf. **diadema**.

banguela (banguelu) a. Que não tem um ou mais dentes na parte frontal de uma ou de ambas as arcadas. [Fulano é «banguela», fala «banguela» porque não tem justamente os dente [MT106-3]] QSL100/ALiB: Como se chama a pessoa que não tem dentes? MT; MS; GO. cf. **boca de velho; desdentado; sem dente.**

banzeiro (banzeiro) s.m. [Aqui é mais um... Faz onda quando uma voadeira passa e aí a gente fala que fez um «banzero», né? [MT104-2].] MT; GO. cf. **onda$_2$**.

baquité s.m. [De primeiro usava muito, que era mais fácil, né, que ninguém sabia fazê o tar do balaio, então fazia o «baquité» que era mais fácil, que o babaçu é o que tem muito aqui, então eis fala mais fácil de pegá [MT107-3]] MT. cf. **balaio**.

bar s.m [É, mais bulicho, buteco. Agora na cidade aqui é «bar» né? [MS115-3]] MT; MS; GO. cf. **boteco**.

barata s.f. [«Barata». É um... Corre, a hora que ele rela nela, ela que tá c'a «barata», aí ela que tem que corre atráis dos otros [MS114-2]] MS. cf. **pega-pega**.

barra$_2$ s.f. MS. cf. **pique$_4$**.

barra do dia (barrão do dia; barrar do dia) s.m. Claridade avermelhada que se vê no céu e que precede o romper do dia. [É porque daí já vem a «barra do dia» e fica aquele, a cor, né, aí já vem a «barra do dia» já, tá o sol já vai saí que a «barra do dia», tá claro [MT107-4].] QSL024/ALiB: Como se chama a claridade avermelhada do céu antes do nascer do sol? MT; MS; GO. cf. **reflexo$_1$; barragem vermelha$_1$; alvorada$_2$; clarear do dia$_2$; alvorecer$_2$; crepúsculo$_1$; raio do dia; claro do sol; romper do dia$_2$; clarão$_2$; raiar do sol; aurora$_3$; vermelhidão; lusco-fusco$_1$.**

barra do rio (barra$_1$) s.m. Ponto de desaguamento de um rio. [É, vem um aqui, aí o oto vem daqui então se encontra né, aí falava assim: “ô, fulano, amanhã nói vai pescá e nói vamo encontrá lá na boca do rio...”. Vamo supor que tem aqui a vinte quilômetro tem o Rio Branco, né, aí o oto desce de barco e dizia assim: “nói vamo descê até na, na boca do rio ou a «barra do rio»”, e tanto faz, sempe tem paralelo, né, quando fala uma coisa tem ota, a boca do rio, né, ou então a «barra do, do rio» Branco [MT103-3]] QSL003/ALiB: Como se chama o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio? MT; MS; GO. cf. **foz; fim do rio; chegada; pororoca; bacia; embocadura; cabeceira; boca do valo; boca do rio; encontro; nascente; final.**

barra do sol (barrar do sol) s.m. [Aí quando tá chovendo assim, quando aquela barrado assim, a maior parte dos antigo fala amanhã num vai chovê, vai tê sol o dia inteiro, a «barra do sol» lá oh, a barra da noite, aquele crarão [MS115-3]] MS; GO. cf. **crepúsculo$_2$**.

barrado (barradu no céu) s.m. [É o entrá do sol mesmo, fala: “ah, a entrada do sol formou um «barrado» bunito e tal”, uma coisa mais ou meno assim. É, fala uma «barrado» bunito no céu, todo colorido é mais ou meno assim, mai não é nome científico [MT106-3]] MT; MS. cf. **crepúsculo$_2$**.

barragem vermelha$_1$ (barrage vermeia) s.f. [Ah é, a gente sempre fala: “Ai, tem aquela «barrage vermeia»" [MT112-2]] MS. cf. **barra do dia**.

barragem vermelha$_2$ (barrage vermeia) s.f. MT. cf. **crepúsculo$_2$**.

barrão da tarde s.m. MT. cf. **crepúsculo$_2$**.

barriga s.f. [Ninguém usa útero não, a gente fala é na «barriga», aquela menina tá buchuda, tá buchuda, tá prenha [MT104-4].] MT; MS; GO. cf. **útero**.

barriga quebrada (bucho quebrado) a. MT. cf. **guloso**.

barzinho s.m. [T'aqui o «barzinho», né, o cara tá bebendo aqui, tem a mesinha tá bebeno, mai ele vende a bulacha, vende arroiz, vende fejão, vendo tudo [MT109-4]] MT; MS; GO. cf. **boteco**.

bate-bunda s.m. [Ah! Quando a gente era criança falava bestera, falava «bate-bunda». Que ele vinha batia a bundinha na água assim, levantava [MS115-8]] MS. cf. **lava-bunda**.

bater-cara s.m. MS. cf. **esconde-esconde**.

baú s.m. MT; MS; GO. cf. **bruaca**.

bazé a. [Fica «bazé», nem molhada e nem seca. Eu chamo porque não é nem uma coisa nem outra [GO120-2].] GO. cf. **úmido**.

bêbado (bebu; bêbudu) a. Quem se embriaga, que bebe demais. QSL144/ALiB: Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais? MT; MS; GO. cf. **pé de cana; tomado; bebedor; embriagado; alcoolizado; peida-pinga; chapado; boca de álcool; pudim de cachaça; pau d'água; pau de cana; pé inchado; pinguço; bebum; alcoólatra; beberrão; tonto; cachaceiro.**

bebedor a. MT. cf. **bêbado**.

beberrão a. MT; MS; GO. cf. **bêbado**.

bebum a. [«Bebum»... Agora, isso depende do, do grau que você vai também né, porque rico é alcólatra, agora pobre já é «bebum»... [GO123-5]] MT; MS; GO. cf. **bêbado**.

beija-flor (beja-flô; beija-flô) s.m. Ave pequena de asas longas e bico comprido e fino, de voo veloz e que pode ficar parada no ar. [Que eu sei é «beja-flor», né? Tem dos pequenininho, tem dos maiorzinho, tem dos maior, né? Lá em casa de vez em quando... Lá tinha muito, mas... Com o decorrer do tempo vai sumindo. É tem argum dele que aparece, de vez em quando aparece, né? Mas não assim sempre, né? [MT108-3]] QSL065/ALiB: Como se chama o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar? MT; MS; GO. cf. **colibri; bicudo**.

bengala (bengalão; benga) s.f. Pão de trigo comprido a que o padeiro dá talhos na parte de cima antes de ir ao forno. [Eu sô difícil comprá desse pão, lá em Porto Velho tem muito pão «bengala», aqui é só mais esse pãozinho... pão francês [MT108-4]] QSL187/ALiB: Como se chama isto? MT; MS; GO. cf. **pão$_2$; pão de sal$_2$; gamela; pão palito; baguete; pão comprido; pão francês$_2$; pão grande; bisnaga; palito**.

benjamim s.m. MT. cf. **caçula**.

benzedeiro (benzedora; benzedera) s.f. Pessoa que se crê que afasta o mal, defende de feitiços e cura doenças com benzeduras, eventualmente predizendo. [É com galhinho, né, que tira mal olhado. Esse aí fala «benzedera» [MT107-4]] QSL151/ALiB: Como se chama uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta? MT; MS; GO. cf. **mãe de santo; rezadeiro.**

benzedor (benzedera) s.m. [Aqui a turma chama de uma, fala de «benzedera». Mas aqui a maioria que benze é que faiz essas garrafada [MT107-3]] MT; MS; GO. cf. **curandeiro**.

bergamota s.f. MT; MS. cf. **mexerica**.

berneira (bernera) s.f. [É a «bernera». Ela é... Ela é bem grande e ela é verde, né? Ela faz um barulhinho quando ela... Voa, né? «Bernera», ela que coloca o... O berne na, na, na, nas criação, né? [MS115-4]] MS; GO. cf. **varejeira**.

beronha s.f. MS. cf. **varejeira**.

berruga s.f. [É, a gente usa falar «berruga». Pega na água, ele agarra na gente assim... Aí a gente nem pode puxar né, tem que passar um sabão né... pra cair [GO120-4]] GO. cf. **sanguessuga**.

besta a. MT. cf. **burro**.

besta-fera s.f. MT. cf. **diabo**.

bia s.f. MT. cf. **bituca**.

bicha s.f. [«Bicha». Parece uma lesminha mesmo, ela prega na gente e chupa [GO126-3]] GO. cf. **sanguessuga**.

bicho$_1$ (bichinho; bicho da goiaba; bicho do coco; bicho da fruta) s.m. [Na goiaba é diferente... No côco já é bem grossinho, já é maior, na goiaba já é pequenininha, «bicho de goiaba» [MT108-2]] MT; MS; GO. cf. **coró$_1$**.

bicho$_2$ (bicho de pau; bichinho) s.m. MT; MS; GO. cf. **coró$_2$**.

bicho velho s.m. MT. cf. **diabo**.

bico s.m. MS. cf. **lanterna**.

bicudo s.m. MT. cf. **beija-flor**.

biloca s.f. GO. cf. **bolita**.

bimbarra s.f. MS. cf. **pinguela**.

binga (bingu) s.f. [A «binga» pareci um isqueiru. Um quadradinhu assim... Qui, só qui é à gasulina. Aí você risca igual isqueru, faz assim, aí pegô. Depois você tampa ela, ela apaga [MT111-2]] MT; MS; GO. cf. **isqueiro**.

birola s.f. MT; MS. cf. **bolita**.

birosca s.f. GO. cf. **boteco**.

biscate s.f. [Agora fala «biscate», mas «biscate» propriamente dito é... é... Pessoa que pega bico assim pra fazer serviço como é no meu caso, né? [MT108-3]] MT; MS; GO. cf. **prostituta**.

bisnaga s.f. MT; MS; GO. cf. **bengala**.

bisnaguinha s.f. GO. cf. **pão francês$_2$**.

bituca (biduca; pituca; betuca; butuca) s.f. Parte restante do cigarro depois de fumado. [Do palhero é, é, é... «Pituca» [GO123-7]] QSL146/ALiB: Como se chama o resto do cigarro que se joga fora? MT; MS; GO. cf. **bagana; guimba; bia; pitoco$_4$; toco$_3$**.

bluquim a. GO. cf. **perna torta**.

blush (bruche) s.m. [É, tem também acho que ru.. rouge, acho que num tem mais, né. Era pra ficar bem rosadinho assim, mas acho que... agora é «blush», ficou mais chique [GO123-4]] MT; MS; GO. cf. **ruge**.

bobo a. MT; GO. cf. **burro**.

boca da noite (boquinha da noite) s.f. Início da noite. [Olha, antigamente eles chamava assim, quando a noite ia entrando eles falava assim, a «boca da noite», mas é um nome que não é dos antigo, né: “é na «boca da noite», vô na sua casa, fulano, na

«boca da noite»". Qué dizê na hora que escureceu, né. Ainda usa, tem muita gente que ainda usa isso [MT106-3]] QSL028/ALiB: Como se chama o começo da noite? MT; MS; GO. cf. **noite$_2$; tarde; lusco-fusco$_2$; entardecer$_4$; anoitecer$_4$; happy hour; escurecer$_6$.**

boca de álcool a. MS. cf. **bêbado**.

boca de forno s.f. MT. cf. **pega-pega**.

boca de velho a. GO. cf. **banguela**.

boca do rio (boca) s.f. [Costumamo «boca» né, são duas «boca», um rio pra lá e um aqui [MS113-3]] MT; MS. cf. **barra do rio**.

boca do valo s.f. [Aqui nóis falamo, por exemplo, «boca do valo»: é onde desce o rio Coxipó e entra no Cuiabá [MT108-7]] MT. cf. **barra do rio**.

bocaiúdo a. ["Você é um «bocaiúdo», num pára com essa boca, parece uma matraca" [MT108-8]] MT. cf. **falador**.

bocudo a. [«Bocudo», a gente fala. A gente fala «bocudo», fala... É mais assim que a gente fala mais pro pessoal aqui. É «bocudo» que fala bastante. Inclusive 'inda aqui no bairro tem bastante dessas pessoas que fala. Fala bastante, né? [MS113-1]] MT; MS. cf. **falador**.

bode$_1$ s.m. GO. cf. **cê-cê.**

bode$_2$ s.m. GO. cf. **menstruação**.

bodoque s.m. [Aqui é, no meu tempo era «bodoque», hoje é istilingue [GO122-3].] MT; GO. cf. **estilingue**.

bodum s.m. [No garimpo é que fala «bodum» [MT108-7].] MT. cf. **cê-cê**.

boi de óculos a. MT. cf. **míope**.

boi ralado (vaca ralada) s.m. [Só quando 'cê qué brincá né, mais como, com brincadeira, agora, 'cê num chega num... Pra comprá 'cê se refere à carne moída. Agora, se tivé em casa, brincando assim, "ô, vamo fazê um «boi ralado» hoje" e tal, mas num é um, uma utilização direta, né? [GO123-5]] GO. cf. **carne moída**.

boia-fria s.m. [É, no, o termo «boia-fria» num se usa tanto em fazenda, se você contratá é mais pião [GO123-4].] GO. cf. **diarista**.

bola$_1$ (bola do joelho) s.f. [É, eu falo: a «bola du juelho», né. É, eu falo assim: "nossa, fulano bateu a «bola do joelho» no chão" (risos), ela é redonda [GO123-2].] MT; GO. cf. **rótula$_2$**.

bola$_2$ s.f. [Maioria fala «bola», mas o certo é rotatória [MS114-3]] MS; GO. cf. **rotatória**.

bola de vidro (bolinha de vidro) s.f. [«Bola de vidro», chama «bola de vidro», chama gu... bola de gude, né, mas no meu tempo era «bola de vidro»: vamos brincar de «bola de vidro» [GO122-3].] GO. cf. **bolita**.

bolacha (bolacha do joelho) s.f. [Eu falo é «bolacha» também, que eu não sei outro nome [GO118-1]] MT; MS; GO. cf. **rótula$_2$**.

boliche (bolicho) s.m. [«Bolicho». "Você não vai no «bolicho»?" Ah, muita gente que fala assim, até hoje tem uns que fala «bolicho», falo: num é «bolicho», é mercado, boteco. Boteco acho que fala onde vende pinga [MT108-2]] MT; MS. cf. **boteco**.

bolinha de gude (bola de gude; de gude; bola de gute; bolinha) s.f. [Antigamente era a bolita, hoje em dia eles querem ser mais chique, é «bola de gude» [MS115-8]] MT; MS; GO. cf. **bolita**.

bolita (bulita; bulica; bolica) s.f. Bolinha de vidro com que os meninos brincam. [Aí tem duas formas de jogá, né? Tem no buque e do sírio. É o seguinte: no buque éh, éh... Cavuca um buraquinho lá, faiz um risquinho grande lá, aí... Tem quatro, cinco pessoas aí joga, né? A bo, «bolita», não é? Aí quem fica mais próximo do do... Risco lá é o primero, aí joga pro buque. Ah, ah, quem foi primero, aqui não fala matô, fala matá, então vô pega agora, aí primero joga, né? Aí, aí faiz um buque, aí ele vem e faz o buque, então depois que faz o buque já pode matá, tá entendeno? Aí "pá", acertou já sai fora, vai saino até ficá o último. Agora no sírio é a mehma coisa, mehma coisa só que faz um risco redondo, por exemplo, duas cada é integrante do jogo... Se a partida for de duas, cada ... Integrante coloca duas... Duas «bolita» no sírio, aí aí vai jogando, né? E vai tirando a «bolita», vai tirando, quem tirá mais, né? Ganhô e quem vai perdendo vai saindo até ficá o último [MT108-5]] QSL156/ALiB: Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar? MT; MS; GO. cf**. birola; biloca; bola de vidro; peteca; bolinha de gude; bolita de gude**.

bolita de gude s.f. MT. cf. **bolita**.

bolsa$_1$ (bolsa de couro) s.f. MT; GO. cf. **bruaca**.

bolsa$_2$ (bolsa d'água) s.f. MT; MS; GO. cf. **útero**.

bom (estar/ficar) a. Que se observa no tempo com o final das chuvas e início do bilho do sol. QSL016/ALiB: Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer? MS. cf. **estiado**.

bombom s.m. MT. cf. **bala**.

bonitinha$_1$ (bonitinho; bunitinha$_1$) s.f. [Geralmente eles fala: tá com «bunitinha», né, um carocinho que sai assim, eles fala, eles chama «bunitinha». É, é feia né, aí põe de «bonitinha» né, porque tá logo no olho e fica atrapalhando [GO120-1].] GO. cf. **terçol**.

bonitinha$_2$ (bonitinho; bunitinha$_2$) s.f. [A «bunitinha» você amanhece com o olho todo pregado (riso), eu que num enxerga e tem que lavar e bem lavado pra poder descolar pra poder enxergar [GO118-3]] GO. cf. **conjuntivite**.

bornal s.m. MT. cf. **bruaca**.

borra s.f. GO. cf. **picumã**.

borrachudo s.m. [Aí tem uns que é bem piquinininho, é «borrachudo», a gente nem vê que... Que pica a gente e pica ni mim eu só... Nem parece, quase [MS116-2].] MS; GO. cf. **pernilongo**.

borralho (borraio) s.m. Cinza quente que fica dentro do fogão de lenha. [Não, geralmente é quando a gente aqui, aqui em Cuiabá usava muito fogueira, usa até hoje, né. Não é tanto como antes, mas ainda usam foguera. Aí na foguera, quando ela vai acabando, faz aquela fogueira alta quando ela vai acabando, que já vai ficando aquela... Aí a gente põe assim, aí a gente ia dormir e bem cedo ia lá buscar ela lá no «borralho» e tava assado [MT108-8]] QSL172/ALiB: Como se chama a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha? MT; MS; GO. cf. **cinza; brasa$_1$.**

borrego s.m. [Quando é macho é «borrego», quando é fêmea é borrega [GO123-7]] GO. cf. **carneiro**.

borrica s.f. [Pois é, esse é o balanço, né, mas nós usamos mais é «burrica», porque tudo... No meu tempo de infância, tudo que nós fazíamos era muito rudimentar porque, primeiro porque não tinha dinhero pra comprá e memo a indústria tinha acordado pra esse tipo de... De trabalho. A «burrica» é como se fosse essa caneta... É um pau roliço. Um buraco no meio e otro fincado no chão pra ele fazê além desse movimento

ele rodá. É que ela roda, além dela fazê a gangorra ela roda [MT108-7]] MT; MS. cf. **gangorra$_2$**.

botão s.m. MT; MS. cf. **interruptor**.

botar fora v. GO. cf. **perder$_3$**.

boteco (butequinho) s.m. Venda pequena e simples onde se servem bebidas, seus acompanhamentos e alguns artigos de primeira necessidade. [«Boteco» é daquele simplizinho assim, na, na, geralmente na ponta de rua, né? Assim que usa muito aquele «boteco», lá memo na rua de casa tem um «boteco», né? Onde fica bastante gente lá pra tomar cerveja e tal, ouvir música, né? [MT108-3]] QSL202/ALiB: Como se chama um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber pinga e onde também se pode comprar alguma outra coisa? MT; MS; GO. Cf. **comércio; bar; barzinho; cacete armado; botequim; mercado; boliche; venda; armazém; mercearia; quiosque; empório; birosca.**

botequim s.m. MT; MS; GO. cf. **boteco**.

bozó s.m. [«Bozó». É um pedacinhu di chifri di vaca... Qui elis colocam uma, eli já vem cum uma pedrinha qui dá fogo pur dentru. Aí na tampinha deli tem outra pedrinha. Aí bati as pedrinhas, dentru daqueli chifri fica um papel, uma palhinha, alguma coisa... Aí bati aquelas pedras umas nas outras... Aí forma u fogu i acendi [MT111-2]] MT. cf. **isqueiro**.

braço s.m. Haste do carrinho de mão em que a pessoa segura para empurrá-lo. QSL053/ALiB: Como se chamam as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o carrinho de mão? MT; MS; GO. cf. **rabo$_1$; mão$_1$; cabeçalho; varal; roda-mão; cabo; alça; pega-mão; pegador$_1$**.

branquinha s.f. MT; MS; GO. cf. **pinga**.

brasa$_1$ s.f. [Num sei, pra mim era «brasa» isso [MS115-6]] MT; MS; GO. cf. **borralho**.

brasa$_2$ s.f. Carvão em incandescência, mas sem chama. QSL173/ALiB: Para acender um cigarro, se usa fósforo ou...? MT; GO.

brejeira (brexeira) s.f. GO. cf. **pinga**.

breve$_1$ s.m. [Um «breve». Cê fazia um saquinho assim de pano, aí cê costurava ele dentro e colocava no pescoço de maneira que cê tinha ele sempre escondido. Num deixava ele aqui, embaixo da roupa, escondido, né, afastá males, inveja, sabe, dente de alho, uns pauzinho daquele guiné... [MT106-4]] MT; MS. cf. **amuleto$_2$**.

breve$_2$ (brevizinho) s.m. [Um «brevizinho» aqui do santinho [MS113-3]] MT; MS. cf. **medalha$_2$**.

brilhar (o sol; começar a brilhar) v. MS; GO. cf. **nascer**.

brilho do sol s.m. MT. cf. **nascer do sol$_2$**.

brincadeira de roda s.f. GO. cf. **corre cotia**.

brincadeira do lenço s.f. GO. cf. **corre cotia**.

brisa s.f. [Mas sempre que eles mai fala é «brisa»: “A «brisa» tampou... A «brisa» tampô a estrada" eles fala [MT109-2].] MT; MS. cf. **neblina$_3$**.

broca s.f. [Sim, é que chama aquele bichinho, que chama é a «broca» que chama, pra mim eu conheço por «broca», né? À veiz quado ela tá lá naquela madera chega lá tá branca, né? [MT103-4]] MT; GO. cf. **coró$_2$**.

bronze s.m. [«Bronze». Só sei que passa «bronze» assim também. Minha prima gosta de se maquiar demais, fica vermelha quando se maqueia, ela passa «bronze» [GO125-2].] MT; GO. cf. **ruge**.

broto s.m. MT; GO. cf. **toco$_1$**.

bruaca (broaca; buraca) s.f. Mala rústica de couro usada para transporte em animais. [Esse aqui é, essa aqui é a «bruaca» feita de coro, ou um caxote qui infia nesse aqui ó. É, fala «bruaca», meu pai sempre falava «bruaca», né, mai meu pai tamém tinha um caxote que butava [MT107-4]] QSL058/ALiB: E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro? MT; MS; GO. cf. **capanga$_1$; mala; sião; cofo$_2$; bornal; alforje; bolsa$_1$; surrão$_1$; baú.**

bruxaria s.f. [Qui arrancô o corpu da mulher pra fa... Achu que é «bruxaria», né?... As pessoas acham qui é pra «bruxaria». Tiro, rancou o corpu da mulher i dexô ixpostu, aí quebrô vasus de floris, essas coisas. A televisão até filmô. Só qui até hoji num incontrô quem feiz [MT111-2]] MT. cf. **macumba**.

bucho s.m. MT. cf. **útero**.

buio s.m. [«Buiu» é... aquela parte... roxa, que eles jogava. Num sei, quando a gente era pequeno chamava de «buiu», agora depois de grande parece que... o povo falô que é umbigo, a gente... hum... parô de chamá de «buiu» [GO123-3]] GO. cf. **umbigo**.

bunda s.f. [É, que se... na «bunda» do cavalo lá, num sei o termo específico não. Eu uso, eu, com o meu, todo minha, o meu vocabulário... vai na «bunda» memo do cavalo aí em cima [GO123-5].] MT; MS; GO. cf. **garupa**.

burro (burrinho; burra) a. Quem tem pouca ou nenhuma inteligência. [Geralmente é de «burro», né, que não se deve usar, né. Mas é o nome que todo mundo gostaria de usar, que na verdade é uma coisa que se associou ao burro, mas eu não sei por que, até hoje não entendo. Ele é muito inteligente, nossa, se você ensinar ele é um animal como outro qualquer, acho que é só uma questão mesmo de criação, né... O burro só é muito «burro» quando ninguém ensina nada pra ele. É, era muito «burro» mesmo tá ou o dono que era «burro» e não sabia, né? [MT104-2]] QSL137/ALiB: Como se chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas? MT; MS; GO. cf. **lento; tapado; retardado; terça-feira; devagar; analfabeto; besta; bobo; rudo; paspalho; cabeça-dura; lerdo**.

cabeça (cabeça do joelho) s.f. [Quando machuca que quebra a «cabeça do juelho», um fala assim: "fulano quebrô a «cabeça do juelho»". Otro fala: "ah, cê rebentô o minisco", num sei o quê. Mas em geral é «cabeça do juelho» [MT107-4]] MT. cf. **rótula$_2$**.

cabeça de baiano s.f. GO. cf. **quebra-mola**.

cabeça de boi a. GO. cf. **chifrudo**.

cabeça-dura a. [A gente fala que é «cabeça-dura», não entra nada na cabeça que a gente fala, né? [MS117-3]] MT; MS. cf. **burro**.

cabeçalho s.m. MS. cf. **braço**.

cabeceira (cabicera; cabecera) s.f. [«Cabecera» do rio Taquarí que encontra o rio Paraguai, pelo menos é assim que eu sei [MS113-4]] MT; MS. cf. **barra do rio**.

cabelo (cabelo do cavalo) s.m. [Eu falava: “eu vou pintar o meu cabelo da cor daquele «cabelo» do cavalo” [MT108-2]] MT; MS; GO. cf. **crina$_2$**.

cabo s.m. MT; MS; GO. cf. **braço**.

caboclo s.m. GO. cf. **pistoleiro**.

cabra-cega s.f. [A «cabra-cega», botava uma venda nos olhos da, da... Do garoto e saía, né, pra ele descobri onde que tava um objeto, uma coisa, né? A direita estava vazia, o cara sentava num banco e ia empurrando, é como se fosse um parigato também, parigato aquela lá [MT108-7]] MT; MS; GO. cf. **cobra-cega**.

cabrito (cabritinha) s.m. [Nasceu é «cabrito», né? Aí você fala assim: “eu vou lá comprar um «cabrito» pra assar”. Depois de grande, o povo não muda o nome, mas aí o nome é «cabrito»; nasceu, o filhotinho é «cabrito» [GO119-3].] MT; GO. cf. **carneiro**.

caca (cacá) s.f. MT; MS; GO. cf. **meleca**.

cacaca (carata; cataca; caraca) s.f. MT; MS; GO. cf. **meleca**.

caça-prêmio s.m. MS. cf. **pistoleiro**.

cachaça s.f. [Ela era fabricado, tira ela, corta ela, dexa ela ficá paviá do dia pro otro. Ela vai caí num, num apareio lá, que é comprado, que ela vai foncioná ali dentro e dipois ela com o decorrê do, dos meis ali ela vai, ela vai ficá forte, porque ali a cana fica forte, né, e já vai caí ni'oto lugá, numa bica. Caí em oto lugá que ali vai fazê a «cachaça», mas ela já passa dento dum aparei caindo pra ali, uma alambique, fazia muito nessa, nossa! [MT103-3]] MT; MS; GO. cf. **pinga**.

cachaceiro a. MT; MS; GO. cf. **bêbado**.

cachimbo s.m. MT. cf. **lava-bunda**.

cacho s.m. [Não, um «cacho», um «cacho». Por exemplo, se nós cortá ele aqui é um «cacho»... Aí corta outro que ele forma vários «cacho»... Então nós dá no nome de «cacho» mesmo [MT106-3]] MT; MS; GO. cf. **penca**.

cachopa s.f. GO. cf. **umbigo**.

caçula (caçulo) s.m. Filho mais novo. [O «caçula» da casa é o último, nóis... Um menino que ele tem já vinte e um ano, e então ele é o «caçula» da casa [MT103-3]] QSL131/ALiB: Como se chama o filho que nasceu por último? MT; MS; GO. cf. **filho último; raspa-tacho; benjamim**.

cadeira s.f. MT. cf. **garupa**.

café s.m. [O «café» já é com pão e tudo já. Quem tá na berada do rio se chama de uma merenda porque pode sê bolo de mandioca, pode sê bolo de porvi, ou que seje também pexe frito ou alguma coisa, então se dá o nome de merenda porque já uma coisa mais pesada, né? [MT103-3]] MT; MS; GO. cf. **café da manhã**.

café da manhã s.m. Refeição que se faz ao acordar pela manhã. [«Café da manhã». É leite com café, come um pedaço de pão, quejo, presunto, se tem, come um fruta, um suco natural... Que mais? Um bolo... [MT103-2]] QSL176/ALiB: Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã? MT; MS; GO. cf. **quebrajejum; quebra-torto; desajunto; desjejum; chá; café; merenda$_2$; lanche; tira-jejum; tira-torto**.

cainha a. MT. cf. **mão de vaca**.

cair (estar caindo) v. Movimentar-se, a estrela cadente, no céu. [As pessoas costumam dizer qui a genti tem qui fazer um pididu quandu a genti vê... Qui num podi conta prá ninguém, porqu aí si realiza u pididu. Sempri qui a genti vê diz qui tem qui fazê antis dela «caí». Qui eles custumam dizê qui ela «cai», aí quandu ela passa assim a genti vê é muintu rápidu, às vezes a pessoa fala assim : ‘’Olha lá!’’ aí quandu a genti vai vê já «caiu» e num dá tempu [MT111-2]] QSL032/ALiB: E quando se vê uma estrela cadente, como é que se diz? MT; MS; GO. cf. **passar; correr; riscar; movimentar-se; sair do lugar; deslocar-se; andar; mudar$_2$.**

calçada (carçada) s.f. Caminho calçado ou pavimentado destinado à circulação de pedestres, quase sempre mais alto que a parte da rua em que trafegam os veículos. [A «calçada», a gente anda na «calçada» [MS112-2]] QSL196/ALiB: Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho? MT; MS; GO. Cf. **passeio; passarela$_2$.**

calcanhar (carcanhar; cracanhar) s.m. Parte posterior e arredondada do pé humano. QSL119/ALiB: Como se chama isto? MT; MS; GO. Cf. **garrão$_2$; regente da perna**.

calção (carção) s.m. [«Carção» é aquele maior que veste por cima da zorba e ele tem um negocinho que vem até aqui. Tudo é debaixo da calça [MT111-3]] MT. cf. **cueca**.

calcinha s.f. Roupa íntima feminina que se usa sob a calça, vestido, etc. [Uma «calcinha», ropa íntima, né? [MS105-7]] QSL190/ALiB: Como se chama a roupa que a mulher usa debaixo da saia? MT; MS; GO. cf. **calçola; tanga; anágua**.

calçola s.f. MT. cf. **calcinha**.

caloteiro a. MT; MS; GO. cf. **mau pagador**.

cambaio a. [Minha irmã memo tem. Achu qui porque... É di nascença, né? Aí ela é alta, aí as perna dela fica assim, curvadona. E aí chama de «cambaia». Ela fica brava, menina. Minha mãe fez sim... Era bem mais, minha mãe fez simpatia, né? Aí que ela voltou mais, que era bem gran... Bem abertona, ela vestia calça ficava coisa mais ridícula. Ela vesti mais saia e vistidu porque num dá pra apresenta muito, né? [MT106-2]] MT; MS. cf. **perna torta**.

cambalhota (cambolhota; cabanhota; cambaiota) s.f. Brincadeira que se faz girando o corpo sobre a cabeça e voltando à posição sentada. [Eu brinquei demais disso, subia nos pau, segurava com as mão e dava «cambalhota», né? [GO125-4]] QSL155/ALiB: Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? MT; MS; GO. cf. **pirueta; salto mortal; perereca; cambotada; carambota; cambota$_3$; maria cambota.**

cambão$_1$ s.m. [Ah, aquele eu conheço como «cambão». É que põe no pescoço pra... Pra num entrar no quintal assim aramado, lugar de... Porque ele engancha né? Assim: põe no pescoço, aí depois põe ele aqui assim pra não soltar do pescoço dele, aí entom quando ele vai passar no, no, no cercado ele não passa porque engancha entom [MT108-3]] MT; GO. cf. **forquilha$_2$**.

cambão$_2$ s.m. [É assim, a língua que a gente conhecia falá assim, falava vai botá é juvo ou «cambão», porque os dois é o memo nome, porque botava no pescoço dos doi boi, né, pra puxá, os dois boi e madera. É juvu ou «cambão» porque hoje em dia quase num usa, né, mas aqui a tradição, a língua da negro escravo, falava «cambão» ou juvu [MT107-4]] MT. cf. **canga$_3$**.

cambito s.m. MT; GO. cf. **lava-bunda**.

cambota$_1$ a. [«Cambota», uai. Eu chamo cavalo «cambota». Meu cavalo tá «cambota», tá mancando [GO121-3]] GO. cf. **manco$_3$**.

cambota$_2$ (cambeta) a. [Se dá o nome de «cambota». É, as mãe ajeitava, todos filho de antigamente mudava a «cambota» por causo que fazia, sabe o que que fazia? Toda veiz de manhã cedo ia nesse fogão à lenha e pegava, tinha uma banhinha né, esquentava, e passava nas perna esfregando, puxando, né, e a veiz quando ele tava durmindo, antes dessa infecção, e pegava as duas perna e esticava ela e amarrava com a fraldinha puxando, né, e ele durmindo. Puxando, então chegava no ponto que ele tava, toda criança a perna é molinha, né, e então quando ele era recém nascido, quando ele crescia a perna tava reta mesmo que ele nascesse «cambota» assim, aí arrumava [MT103-3]] MT; MS; GO. cf. **perna torta**.

cambota$_3$ s.f. [Não, antigamente a gente lá pa roça falava era «cambota», virou «cambota» [MT111-4]] MT; MS; GO. cf. **cambalhota**.

cambotada (cambotiada) s.f. MT. Cf. **cambalhota**.

caminho$_1$ s.m. MT. cf. **caminho de Santiago**.

caminho$_2$ s.m. [Vai... Desmatando... A gente fala desmatando, roçando, abrindo «caminho» [MT108-6]] MT; MS; GO. cf. **picada**.

caminho$_3$ s.m. [Trilha é a pessoa que tem mais uma culturinha, né, já fala trilha, mas em geral em si é «caminho» [MT107-4]] MT; MS; GO. cf. **trieiro$_2$**.

caminho da estrela (caminho$_1$) s.m. MT. cf. **caminho de santiago**.

caminho de santiago (caminho de São Tiago) s.m. Faixa luminosa larga, tênue e irregular, visível nas noites claras e que forma longa mancha branca no escuro do céu. [Bom, minha vó, minha vó e meu vô me ensinô a chama é «caminho de santiago» pra isso [MT111-1]] QSL033/ALiB: Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa? MT; MS; GO. cf. **carreiro de santiago; ema; lençol de estrela; moinho das sete estrelas; véu de estrela; estrada de santiago; caminho da estrela; três marias; três reais magos; céu de estrela; via láctea; constelação.**

camomila (camumila; camomilha; camorila; camolina) s.f. Erva de flores brancas e amarelas com as quais se prepara uma infusão empregada como calmante e digestivo. [«Camomila» é pra, quando a gente tá nervoso, que nem hoje mesmo, tava me sentindo nervosa, fiz um chá de «camomila» e tomei [GO119-3]] QSL041/ALiB: Como se chamam umas florezinhas brancas com o miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmárica ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barrida de nenê/bebê e até de adulto e também para acalmar? MT; MS; GO.

candeia s.f. [Que a «candeia» é uma muito antiga que usava no tempo dos escravos, usava com óleo de mamona. Ela... Você coloca um pavio, molhado no óleo de mamona, ela é redonda assim, ó, enche de óleo de mamona aqui. Aí tem um local assim compridinho aqui assim que vem um pavio, aí você coloca fogo aqui no pavio e ela vai queimando, não deixa ela apagar. Mesmo que dá uma ventadinha, ela dá uma torcida no vento, mas volta [GO125-4]] GO. cf. **lamparina**.

canga$_1$ s.f. [Parece que se eu num me engano, se eu num tô enganado parece que é «canga» que eles fala, é «canga», é uma madeira que coloca pra ele num íh embora. Ela parece que ela tem tipo uma madeira horizontal que tem dois gancho que põe no pescoço, né, é mais ou menos isso que eu num entendo bem que isso é de fazenda [MT106-3]] MT; GO. cf. **forquilha$_2$**.

canga$_2$ s.f. cf. MT; GO. **cangalha$_3$**.

canga$_3$ s.f. Peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro ou ao arado. [É, marrava os boi, isso daqui põe tudo no... No pescoço de um boi... D'um boi... É... Essa parte aqui... Aqui é onde fica no pescoço do boi né, é a «canga» que eles fala, minhas filhas não conhece isso aqui, se perguntar pra elas não sabem (risos), elas nunca viram carro de boi [MS115-4]] QSL056/ALiB: Como se chama a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado? MT; MS; GO. cf. **coalheira$_2$; cargueiro$_2$; cambão$_2$; jugo; cangalha$_3$.**

canga d'água (canca d'água) s.f. [É uma chuva rápida com volume grande de água, né, então... aprendi na roça, ali na fazenda, costume de fazenda mesmo, falar "caiu uma «canga d'água»" [GO121-3].] GO. cf. **tempestade$_1$**.

cangaceiro s.m. MS. cf. **pistoleiro**.

cangalha$_1$ (cangaia; cangaio) s.f. MT; MS; GO. cf. **forquilha$_2$**.

cangalha$_2$ (cangaia$_1$) s.f. Armação de madeira que se coloca no lombo de animais para levar cargas de ambos os lados. [«Cangaia». Lá onde era sítio do meu pai tem ainda até hoje, só que nóis num usa mais não, porque depois que inventó o tal do carrinho

de charrete ninguém usa mais, aí já amansa o cavalo, já põe na charrete se pega e leva o trem. É mais fácil, num dá muito trabaio, sempre se tem que arriá, tá apertanu ele, num sei o quê, dá trabalho pra carregá [MT107-3]] QSL055/ALiB: Como se chama a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas? MT; MS; GO. cf. **cargueiro$_1$; canga$_3$; canga$_2$; arreio**.

cangalha$_3$ (cangaia$_2$) s.f. [Aquilo eu chamo de «cangaia». Põe uma armação aqui, outra aqui, daqui pra cá tem uma trava de um lado e de outro, e tem dois tavesseirão colado do lado de dentro pra não machucar o animal, a que nós conhece aqui, a «cangaia» [GO119-3]] MT; GO. cf. **canga$_3$**.

cangibrina s.f. [Aí o cara, depende de quem vai tomá uma, uma… «cangibrina» [MS117-3]] MS. cf. **pinga**.

cangote s.m. MT; GO. cf. **nuca**.

canguinhas (canguinho; canguim) a. [«Canguim» demais, tem dinhero e num gasta, num compra as coisa, fala mai é «canguinho» [MT109-3]] MT. cf. **mão de vaca**.

canhoteiro (canhoteira; canhotero) a. MT. cf. **canhoto**.

canhoto (canhota) a. Quem usa preferencialmente a mão ou o pé esquerdo. [Ele só escreve com a esquerda, que a maioria aqui fala «canhoto», mas ele, pra fazer as outras coisas ele faz com as duas: ele come com as duas, ele trabalha com as duas... [GO125-4]] QSL110/ALiB: Como se chama a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? MT; MS; GO. cf. **esquerdo; canhoteiro; contra-Deus$_2$**.

caninha (caninha branca) s.f. MT. cf. **pinga**.

canino s.m. [Sempre eu vejo falá um dente «canino», não sei por que «canino», a gente fala «canino» [MS113-4]] MT; MS; GO. cf. **presa**.

canjica$_1$ s.f. [Com milho, né? Fica parecendo um doce, cum uns pedacinho de milho. Tem que ser cortado.... Da espiga, num pode sê muito duro, conheço como «canjica» [MS115-6]] MT; MS. cf. **curau$_1$**.

canjica$_2$ s.f. MT; MS. Cf. **curau$_2$**.

canjica$_3$ s.f. Alimento feito de milho branco com leite e leite de coco, temperado com açúcar e canela. [Ah, «canjica», com grão de milho branco e vermelho também. Põe na panela de pressão pra fervê com água também, né, fervê com água, aí ‘cê cuzinha bem cuzido, aí depois ‘cê tempera com leite, né, aí põe… Cuzinha um poco com água e leite, né, aí depois ‘cê coloca um leite moça, né, cozinha com canela, cravo… Muito bom pra mulher dá leite também [MT105-1]] QSL181/ALiB: Como se chama aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela? MT; MS; GO. cf. **canjicada; chá de burro; mugunzá**.

canjicada s.f. [«Canjicada» cê põe ela para cozinha no leite. Quando a canjica tá pronta, cê põe pra cozinhá no leite, põe um pouco de amenduim, um poco de farinha de côco, chama canjica, «canjicada». Põe um pouquinho aminduim no mei, chama «canjicada». Eu gosto da canjica sozinha, você como com açúca e com leite tamém, fica bom [MT111-3]] MT; MS; GO. cf. **canjica$_3$**.

canoa s.f. MS. cf. **mandioca brava**.

cantoneira (contonera) s.f. MT. cf. **clavícula**.

canzilo s.m. GO. cf. **lava-bunda**.

cão s.m. [Aí diz que ele tava lavando vasilha, né, e meio tonto, aí diz que ele pegô e falô assim: “Deus, fez nóis homens branco, o «cão» foi fazê saiu esses nêgo" e mostrava e apontava pro lado do cumpade do meu pai e o que que ele fez, ele já tava meio

tomado na bebida diz que ele caiu no choro porque o outro falô que ele era preto e era do «cão» e ele era de Deus porque era branco [MT106-4]] MT; MS; GO. cf. **diabo**.

caolho$_1$ (caoi; caoio) a. Quem só enxerga com um olho. [«Caolho». Acho que é «caoi», né? Fala que a pessoa é «caoi», né, só tem um olho, né? [MS114-4]] QSL091/ALiB: Como se chama a pessoa que só enxerga com um olho? MT; MS; GO. Cf. **curto das vistas; deficiente$_2$; zarolho$_2$; zarolho$_1$; cego de uma vista; cego de um olho; cego de um lado; cego**.

caolho$_2$ (caoio) a. [O «caolho» é aquele que tem um olho, fala que é «caolho» que ele tem o olho torto, né, que ele vai olhá um objeto tanto dum lado como de oto ele... Eis fala: “fulano é «caolho», esse é meio, tem um olho torto” [MT106-3]] MT; MS; GO. cf. **zarolho**.

capa (capa dos olhos; capinha; capa do olho) s.f. [Porque tampa o oio, fecha. «Capa do oio» [MT109-3]] MT; MS; GO. cf. **pálpebra**.

capa preta s.m. MT. cf. **diabo**.

capa-cega (capa-cego) s.f. [É, «capa-cego», quer dizê incapô, né, ficô cego, né. «Capa-cego», né? [MS114-4]] MT; MS. cf. **cobra-cega**.

capanga$_1$ s.f. [É, aqui quando o povo faz assim, que nem... Tira um pedaço dum jeans, uma calça, corta aí o povo costura assim de lado, no fundo, põe uma alcinha, aí o povo chama de «capanga» [GO118-2]] GO. cf. **bruaca**.

capanga$_2$ s.m. [É tipo «capanga», né, é uma coisa assim nesse sentido de «capanga» né, uma pessoa mandada, a gente fala assim: "nossa, aquele pessoa foi mandada pra fazê isso", "aquela pessoa foi mandada”, assim a gente fala [GO123-2]] MT; MS; GO. cf. **pistoleiro**.

capataz s.m. MT. cf. **pistoleiro**.

capela (capela do olho; capelinha do olho, capela do zóio) s.f. [É, quando dá aquela, aquela tipo espinha: “hoje eu tô com uma espinha bem na «capelinha do olho»". Engraçado [MT104-4]] MT; MS; GO. cf. **pálpebra**.

capelinha s.f. [«Capelinha» né? Ah, a casinha, né, que põe o menino Deus ali... Põe as ovelha, né... [GO120-4]] GO. cf. **presépio**.

capeta s.m. [Tem gente que fala «capeta», só que é os mais velhos também. Eu falo diabo [GO123-6]] MT; MS; GO. cf. **diabo**.

capote (galinha capote) s.f. [Galinha «capote». É, porque ela anda encapotadinha assim [MT109-3]] MT; GO. cf. **galinha-d'angola**.

carambota (calambota; carambolota) s.f. [Ah, eu gostava muito daquela brincadera, fala-se «calambota». Eu gostava, a brincadera que mai gostava, ia po areião na bera do rio, adonde nói morava, na bera do rio era só areia, óia, até pa comê tinha que tá chamano a mãe, tinha que tá chamano, gritano, porque ficamo o dia intero, brincano e rolando em cima da areia, fazendo «calambota» [MT103-3]] MT; MS. cf. **cambalhota**.

caramelo s.m. [Antigamente nóis falava «caramelo», papai ia pra cidade falava: “oh, papai, traz «caramelo» pra mim, senhor, traz papai? «Caramelo» pra mim!”. Papai ia de cavalo lá longe: “papai, o senhor vai trazê «caramelo» pra mim?”, “vô, meu filho, papai vai trazê «caramelo»”. E ele ia embora e nóis gritando atrás até que sumia na estrada, aí quando ele vinha ele trazia desses pães, saco cheio, «caramelo» e bolacha, bolacha aquele tempo era novidade, menina [MT106-4]] MT; MS; GO. cf. **bala**.

carapanã s.m. [É, nói chama o nome nosso aqui é «carapanã», aqui no Mato Grosso eles chamam pernilongo, aqui na região da Amazona [MT103-3]] MT. cf. **pernilongo**.

carburação (cauburação) s.f. MS. cf. **picumã**.

careca (carequinha) s.m. MT. cf. **pão francês$_2$**.

careta s.f. [«Careta», esse negócio aqui assim. É, que tampa [MT108-1]] MT. cf. **pálpebra**.

cargueiro$_1$ s.m. MS; GO. cf. **cangalha$_3$**.

cargueiro$_2$ s.m. MS. cf. **canga$_3$**.

carmélia s.f. [É, as «carmélia» de fulano chegô aí. Tá tudo aí chega lá, aí chega a otra e fala: "a «carmélia» de fulano tá aqui ó", que aqui parece que tem duas, a «carmélia» de tal lugá e «carmélia» de tal lugá, então todo mundo já sabe de qual lado que é [MT107-3]] MT. cf. **prostituta**.

carmim s.m. [Antigamente, falava «carmim». «Carmim»... "Vô passá «carmim» pra í na festa", a minha vó falava. Eu lembro. É, bem, o «carmim» era bem vermelhinho, ficava aquela maçã de rosto bem vermelhinha, tava bonita [MS115-8]] MS. cf. **ruge**.

carne (carne crescida; carne no olho) s.f. MT. cf. **catarata**.

carne moída (carne muída) s.f. Carne triturada na máquina. QSL178/ALiB: Como se chama a carne depois de triturada na máquina? MT; MS; GO. cf. **boi ralado; picadinho.**

carne seca s.f. MT; MS. cf. **meleca**.

carneiro (carnerinho) s.m. Filhote de ovelha. [Ah, eu acho que... Num tem tempo determinado não, eu num sei, nome eu num sei quando nasce, né. Eu só sei que tem o «carnerinho», nasceu o «carnerinho» [MT109-4]] QSL059/ALiB: Como se chama a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome? MT; MS; GO. cf. **cabrito; borrego; cordeiro; filhote$_1$; ovelha.**

carrasco s.m. GO. cf. **pistoleiro**.

carreador s.m. MT. cf. **trieiro$_2$**.

carreiro (carrero) s.m. [«Carrero» é onde o animal tem costume de passar constantemente, né? Parece que o animal fica até viciado, né, chama «carrero», né? [MS115-7]] MS; GO. cf. **trieiro$_2$**.

carreiro de santiago (carrero de santiago) s.m. MS; GO. cf. **caminho de santiago**.

carrinho s.m. [Aqui nóis trata mais por «carrinho»: “fulano, vai lá pegá o «carrinho» lá e leva tal coisa em tal lugá” [MT107-3]] MT; MS; GO. cf. **carrinho de mão**.

carrinho de ferro (carro de ferro) s.m. [Ou que seja um «carro de ferro», fala pegá o «carro de ferro» e traz um carrinho de uma roda só [MT106-3]] MT; MS; GO. cf. **carrinho de mão**.

carrinho de mão (carrim de mão; carro de mão) s.m. Carro de uma só roda empurrado por uma pessoa, com dois varais na parte oposta, usado para transporte de pequenas cargas em trechos curtos. [Mais comum aqui pra nós é «carrinho de mão». Agora em Rondônia tem essa menina que mulhé cria diz que lá dá o nome de carriola, mas pra nós aqui é «carrinho de mão», ou que seja um carro de ferro fala: pegá o carro de ferro e traz um carrinho de uma roda só [MT106-3]] QSL052/ALiB: Como se chama um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos? MT; MS; GO. cf. **carrinho de pedreiro; carriola; trole; carrinho de massa; carroça; carrinho; carrinho de ferro.**

carrinho de massa s.m. MS. cf. **carrinho de mão**.

carrinho de pedreiro s.m. GO. cf. **carrinho de mão**.

carriola s.f. MT; MS; GO. cf. **carrinho de mão**.

carroça (carrocinha) s.f. MT. cf. **carrinho de mão**.

casca$_1$ (casquinha) s.f. MT. cf. **vagem**.

casca$_2$ (cascão) s.f. MT; GO. cf. **meleca**.

cassete armado s.m. MT. cf. **boteco**.

cata-corno s.m. GO. cf. **ônibus$_2$**.

catador de orelha (catadô de oreia) s.m. [Garimpo fala muito «catadô de oreia»: "cê vai buscá a oreia daquele cara pra mim". Ele ia, matava, não tinha como trazê o cara, trazia a orelha [MT108-7]] MT. cf. **pistoleiro**.

cataraca (catarata; carcaraca) s.f. MT; GO. cf. **meleca**.

catarata (cataraca; carcarata; tatarata; tacarata) s.f. Opacidade da parte transparente do olho, geralmente recorrente em pessoas idosas. [É «catarata», no meu caso eu já teve esse, inclusive eu já fez duas cirurgia nesse olho aqui, fez outro aqui, que fez uma raspagem e nesse aqui eu fez a raspagem e fiquei e tirô a «catarata» e não fiquei bom [MT108-3]] QSL096/ALiB: Como se chama aquela pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas? MT; MS; GO. cf. **vilhida; carne**.

catarro s.m. [Ai, aqui que o povo fala é catarrento, o povo cutuca o nariz assim e vai... tá com nariz cheio de «catarro» [GO118-4]] MT; MS; GO. cf. **meleca**.

catarro seco s.m. MS. cf. **meleca**.

catete (catetu) s.m. MT; MS; GO. cf. **meleca**.

catinga (catiça) s.f. [Ah, eu pra mim é «catinga», pra mim num chera, chero é quando chera, né? [MS114-3]] MT; MS. cf. **cê-cê**.

catinga de gambá s.m. MT. cf. **cê-cê.**

catota s.f. [Esse Zé Juca Preá. Começô a minha história falando que ele meteu o dedo mindinho no nariz, tirô uma «catota» do nariz e limpô na calça de brim e começô a, a sua história, os seus causos. Vem do, do «catota», acumulação, né, talvez seja, éh... Uma flexão da palavra... Até italiano, né, «catota». Ou espanhol, né... Ou paraguaio [MT108-7]] MT. cf. **meleca**.

catuni$_1$ s.m. MT. cf. **rótula$_2$**.

catuni$_2$ s.m. [Não, «catuni» é de, é de porco, essas coisa, né. De gente é… Vamo vê, tornozelo... Tornozelo é este, né. É? Chama… Chama até «catuni», tornozelo [MT110-4]] MT. cf. **tornozelo**.

caturra (caturrica) s.f. [E tem a «caturra», falamos aqui, que tem aqueles piriquitinho, que tem os papinho aqui assim, a frente é branca e tem o verdinho, o verdinho fala muito pouco, mas aqueles que têm a frentezinha dele branca aprende de tudo [MS113-4]] MS. cf. **papagaio$_4$**.

cauda$_1$ s.f. MT; MS; GO. cf. **rabo$_3$**.

cauda$_2$ s.f. MT; GO. cf. **rabo$_3$**.

cavaleiro d'água (cavalero d'água) s.m. [Batendo, a água tá batendo, nós trata aqui batendo ou então «cavalero d'água» né? [GO126-3]] GO. cf. **onda$_2$**.

cavalo do capeta (cavalinho do capeta) s.m. [Aquele que bate na água que a senhora tá falando nós trata mais de «cavalo do capeta» [GO126-3]] GO. cf. **lava-bunda**.

cavalo do diabo s.m. GO. cf. **lava-bunda**.

caxias a. MS. cf. **mão de vaca**.

caxinga a. GO. cf. **manco$_3$**.

cê-cê s.m. Odor malcheiroso de suor, especialmente sob os braços. [Ah, uns fala: "'cê tá cum «ce-cê», 'cê tá…", ah já ví dizê: "nossa, 'cê tá num «ce-cê», heim?" [MS114-4]] QSL109/ALiB: Como se chama o mau cheiro embaixo dos braços? MT; MS; GO. cf. **cheiro de gambá; ásculo; nhaca; catinga de gambá; seborreia; bode$_1$; gambá$_2$; gaieiro; sovaqueira; mau cheiro; catinga; neguinho; mau odor; bodum.**

cedo (cedinho) adv. Início do dia. QSL022/ALiB: Como se chama a parte do dia quando começa a clarear? MT; GO.

cego (cega) a. [Chama «cegu» que num vê, num tá venu, né? Só tem um ladu. Chama «cegu». Memu que enxergue [MT106-2]] MT; MS; GO. cf. **caolho$_2$**.

cego de um lado a. MS. cf. **caolho$_2$**.

cego de um olho (cego dum oio; cego dum olho) a. [«Cego d'um oio», num fala deficiente, né? Aqui em geral a linguagem é «cego d'um olho». É, hoje em dia tem muito, né, que já tem mais cultura fala deficiente do olho [MT107-4]] MT; MS; GO. cf. **caolho$_2$**.

cego de uma vista a. MT. cf. **caolho$_2$**.

ceguinho s.m. GO. cf. **cobra-cega**.

cepóide de pé d'água s.m. [«Cepóide de pé d'água». Pé d'água é uma chuva bem forte, né? Cepo quer dizer grande, forte, bastante [MT108-7]] MT. cf. **tempestade$_1$**.

cera (cerinha) s.f. [Ah, gente, eu memo falo... Tem, já vi falano assim: "ah… fulano tá cheio de «cerinha» den'do do nariz" [MS112-2]] MT; MS; GO. cf. **meleca**.

cerado (acerado) s.m. [Passa, pa...Vai, faiz assim pa pessoa passa, ou faiz pra carro passa, assim trator, essas coisa, pega madera, porque sempre quando tem... Que corta madera, faiz «acerado» pa passá a pessoa e passá o trator pa puxá as madera, né? [MS115-2]] MS. cf. **picada**.

ceroula (cerola) s.f. [É, antigamente o povo falava «cerola» [MT111-3]] MT; MS; GO. cf. **cueca**.

cerração s.f. [Forma «cerração», dá esse nome também. Agora quando é, fala: "ah, tá cheio de «cerração»", ninguém enxerga. «Cerração» é aquela fumaça que cobre o morro que a gente não vê nada [MT106-3]] MT; MS; GO. cf. **neblina$_3$**.

cesta s.f. MT; MS; GO. cf. **balaio**.

cesto s.m. [Tem uns que o «cesto» é maior, e tem o «cesto» pequeno. Tem o «cesto» de você por a fruta... [GO125-1]] MT; MS; GO. cf. **balaio**.

céu de estrela s.m. MT. cf. **caminho de santiago**.

chá (chá com bolo) s.m. [Agora esse tomá «chá», né? Aí envolve café, né? Envolve o pão, né, envolve tudo que que é o «chá», né? Mais fala tomá «chá», tomá «chá» [MT108-5]] MT; MS. cf. **café da manhã**.

chá de burro s.m. [É, aqui no colégio eles fala. A gente fala: "ah, é «chá de burro» hoje", quero não, é a criada canjica [MT104-4]] MT. cf. **canjica$_3$**.

chapado a. GO. cf. **bêbado**.

charuto s.m. [«Charuto»: você corta palha de milho, e põe, e inclusive meu pai me leva uma luva, você corta a palha de milho, bota o fumo dentro, enrola e... [GO119-3]] MT; GO. cf. **cigarro de palha.**

chegada s.f. [«Chegada» é quando a gente encontra um com otro assim, né, aí começa a descer tudo junto [MT105-2]] MT. cf. **barra do rio**.

chegar (o dia$_1$) v. MS. cf. **amanhecer$_2$**.

cheio a. Quem fica desconfortável por ter comigo demais. QSL183/ALiB: Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: comi tanto que estou... MT; MS; GO. cf. **entanguido; ansiado; entupido; enfartado; ruim; farto; estafado; estufado; satisfeito; indigesto; fastiado; enfadicado; ansioso; enjoado; empanzinado; saciado; enfadado; supitado; empanturrado; empachado.**

cheiro de gambá s.m. GO. cf. **cê-cê**.

cheirosinha (cheirosinha) s.f. [Tem uma tal de «cherosinha», que ela é menor, aquela cê descasca ela e fica com a mão cherando o dia inteiro. Aquela eu tenho lá também na chácara. Aquela lá é menorzinha [GO123-3]] GO. cf. **mexerica**.

chicotinho está no pé s.m. MS. cf. **corre cotia**.

chicotinho queimado s.m. [É, as crianças formam um círculo, né, e ficam abaixadas, né, agaixadas. Aí tem uma criança que fica com um varinha, né, aí ela vem por trás assim e põe a varinha atrás de uma, né, das crianças, aí tem que perguntar "com quem...", aí pergunta: "com quem que tá o «chicotinho queimado»?" Aí tem que adivinhar e se num adivinhar... Daí vai ter que ir falando... Até... [GO123-4]] GO. cf. **corre cotia**.

chifre (chifi) s.m. Apêndice ósseo presente na parte superior da cabeça do boi e de outros animais. QSL077/ ALiB: Como se chama o que o boi tem na cabeça? MT; MS; GO.

chifrudo a. Que foi traído pela esposa, companheira. [Né, fala assim: aquele «chifrudo», ou então a gente fala assim: "nossa, aquele home lá, ele foi traído pela muié" né, usa assim esse palavreado assim [GO123-2]] QSL141/ALiB: Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem? MT; MS; GO. cf. **traído; cornélio; cabeça de boi; corno; galheiro; cornudo.**

chimia (chimi) s.m. [Eu chamo «chimia». Todos usa falá isso... Todos usa falá «chimia» [MS117-4]] MT; MS. cf. **geleia**.

chule s.m. MS. cf. **pega-pega**.

chupador s.m. GO. cf. **redemoinho$_2$**.

chuva s.f. [Antes, nóis num distingue assim chuva forte, rápida, é «chuva» [MT110-1]] MT; MS; GO. cf. **inverno**.

chuva alargada s.f. MT. cf. **inverno**.

chuva boba (chuvinha boba) s.f. MS. cf. **garoa$_2$**.

chuva brava$_1$ (braba) s.f. [«Chuva brava» a gente fala, tempestade... Morro de medo, essa noite fiquei foi com medo quando nós saimo daqui... [MT106-4]] MT; MS; GO. cf. **tempestade$_1$**.

chuva brava$_2$ (chuva braba) s.f. MS; GO. cf. **tempestade$_2$**.

chuva de bomba s.f. [É, que na hora que você... Se for a que eu estou pensando aí, dia seguinte que você vê já ta limpa aí, né? Na mesma hora formou uma chuva e veio uma chuva forte, igual uma tempestade e tudo, aí chove aqui, você anda uns 10, cinco quilômetro pra lá, não choveu, a gente chama bomba aquela, «chuva de bomba», aquele ditado nosso aqui é esse aí [GO119-3]] GO. cf. **tempestade$_2$**.

chuva de caju$_1$ s.f. MT. cf. **tempestade$_2$**.

chuva de caju$_2$ s.f. MT. cf. **inverno**.

chuva de flores (chuva de flor) s.f. [«Chuva de flor». Ah... diz que num presta falá que caiu pedra, né? [MS117-4].] MS; GO. cf. **chuva de granizo**.

chuva de gelo (chuva com gelo) s.f. [Aqui é «chuva de gelo». Até é animado na nossa região aqui, já aconteceu por duas chuva, eu memo já vi, fala: "oia, como é que é

bonito, «chuva de gelo» tá caindo", vem porque a temperatura aqui é muito, quando ela começa a descê, que ela começa a caí, então logo dissolve porque a temperatura aqui pra nóis é além de todas, né? [MT103-3]] MT; MS; GO. cf. **chuva de granizo**.

chuva de granima s.f. [«Chuva de granima» né, chuva brava, granima que chove pedra, né? [MS113-3].] MS. cf. **chuva de granizo**.

chuva de granizo (granizo; granito) s.f. Chuva acompanhada de pedras de gelo formadas devido a quedas bruscas de temperatura. [«Chuva de granizo»? É mais granizo a gente vê... antigamente acho que falava mais pedra, né? [MS115-4]] QSL015/ALiB: Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva? MT; MS; GO. cf. **chuva de granima; tempestade de pedra; chuva de flores; chuva de gelo; chuva de pedra.**

chuva de manga$_1$ (manga de chuva$_1$) s.f. [É «manga de chuva». Nóis falamos assim: "óia, vem «chuva de manga»", que ela vem rapidamente, mas na nossa língua, língua da tedição dos povos passado, até que tem quando nóis tava viajando tinha um rapaiz, falava assim: "olha, pessoal, diz que agora no mêis de setembo, no final de setembo pa otubo vem a «chuva de manga»", que justamente a chuva do caju: "se for «chuva de manga» não precisava plantá manga, né?". Ele entrou na brincadera, né? Não precisava manga, né? Ele diz assim que essa chuvona de manga né, essa chuva... Essa chuva pesada, né, chuva que vem muito assim do jeito que 'cê tá falano, na língua da tredição daqui na língua dos índio, né, fala que é «chuva de manga», chuva pesada... Pá ((tentou imitar o barulho da chuva)), muita chuva, muita mesmo e é rápido e passa de repente, passa e vai embora, então ela móia rapidamente [MT103-3]] MT; MS. cf. **tempestade$_1$**.

chuva de manga$_2$ (manga de chuva$_2$) s.f. [Chove muito aqui... Num chove lá, é «chuva de manga», passô aqui e num passô lá, é vento [MS115-3]] MT; MS; GO. cf. **tempestade$_2$**.

chuva de molhar besta (chuvinha de molhá besta; chuva de molhá os besta) s.f. [Só que a chuvinha fininha que fica assim, o povo aqui em São Félix fala «chuva de molhar os besta», qualquer um que... É, o mesmo que chuvisco. "Ah, não, você viu? Ah, ficou o dia inteirinho uma «chuvinha de molhá besta»", porque todo mundo sabe que a chuva não empatou nada e molha. É, porque uns fala: "não, num vai molhar nada", aí vai na garoa pra ver se de noite num tá empoçada? [MT104-4]] MT. cf. **garoa**.

chuva de molhar bobo (chuvinha de molhá bobo) s.f. [O povo fala aqui é «chuvinha de molhá bobo». É, chuvinha bem fininha, né? Que para, aí fala assim: "ih, mas tá uma chuvinha, chuvinha só de molhar bobo". (risos) Então tem esse ditado aqui, né, do Goiás [GO118-4]] MT; MS; GO. cf. **garoa**.

chuva de neve s.f. MT. cf. **garoa**.

chuva de pedra (chuva de peda; chuva de pedra de gelo; pedra d'água) s.f. [«Chuva de pedra»: "deu uma «chuva de pedra»!", "você viu, menina? Deu uma «chuva de pedra» em tal lugar, já sabe!". Se falar chuva de gelo ninguém nem sabe... [MT104-4]] MT; MS; GO. cf. **chuva de granizo.**

chuva de primavera s.f. GO. cf. **garoa**.

chuva de vento$_1$ (chuva com vento) s.f. [Chuva, é assim, mais quando é, quando é água e vento, é «chuva de vento». É, mais fala é mais é «chuva de vento», eu falo «chuva de vento».Pra escrever, eu escreveria temporal ou tempestade, agora pra falar é «chuva de vento» [GO123-6]] MT; MS; GO. cf. **tempestade$_1$**.

chuva de vento$_2$ s.f. MT. cf. **tempestade$_2$**.

chuva de verão s.f. MS; GO. Cf. **tempestade$_2$**.

chuva demorada s.f. MT; MS. cf. **inverno**.

chuva fina (chuvinha fina) s.f. [É... deu uma ga... tá dando uma ga... uma «chuvinha fina», uma garoinha, né? [MS115-4]] MT; MS; GO. cf. **garoa**.

chuva forte$_1$ s.f. MT; MS; GO. cf. **tempestade$_1$**.

chuva forte$_2$ s.f. MT; GO. cf. **tempestade$_2$**.

chuva forte$_3$ s.f. MT; GO. cf. **inverno**.

chuva grande$_1$ (grande chuva) s.f. MT. cf. **tempestade$_2$**.

chuva grande$_2$ s.f. MT; MS. cf. **inverno**.

chuva grossa$_1$ s.f. MT; MS; GO. cf. **tempestade$_2$**.

chuva grossa$_2$ s.f. MT. cf. **inverno**.

chuva insistente s.f. MT. cf. **inverno**.

chuva longa s.f. MT; MS. cf. **inverno**.

chuva mansa (chuva muito mansa) s.f. [É uma «chuva muito mansa», geralmente eles falam assim: “uma «chuva mansa»”. Geralmente tem um nome... [MT106-3]] MT; MS; GO. cf. **garoa**.

chuva molhadeira (chuva molhadera) s.f. [A chuva, sempe quando ela é fininha a chuva, que ela é fininha assim, é o pessoal sempe diz: “óia, a chuva é «chuva molhadera», né”, a chuva que mais vai molhá o chão, né, é uma «chuva molhadera» porque ela é fininha, fraquinha, mais ela agoa tudo na terra, ela agoa tudo na terra porque ela fininha [MT103-3]] MT. cf. **garoa**.

chuva passageira$_1$ s.f. MT; MS. cf. **tempestade$_1$**.

chuva passageira$_2$ s.f. MT; MS; GO. cf. **tempestade$_2$**.

chuva pesada$_1$ s.f. MT; MS. cf. **tempestade$_1$**.

chuva pesada$_2$ s.f. MT; GO. cf. **tempestade$_2$**.

chuva pesada$_3$ s.f. [Fala que choveu pesado. Às veiz nego: “ah, choveu muito lá, choveu uma «chuva pesada», choveu o dia intero”, mais é chuva normal, comum [MS114-3]] MS; GO. cf. **inverno**.

chuva rápida$_1$ s.f. MT. cf. **tempestade$_1$**.

chuva rápida$_2$ s.f. GO. cf. **tempestade$_2$**.

chuva temporona$_1$ s.f. MT. cf. **tempestade$_1$**.

chuva temporona$_2$ s.f. GO. cf. **inverno**.

chuvão$_1$ s.m. GO. cf. **tempestade$_1$**.

chuvão$_2$ (chuvona$_2$) s.m. GO. cf. **tempestade$_2$**.

chuvarada s.f. [É o que a gente fala: “ah, mai caiu foi uma «chuvarada» lascada”, ou então: “chuveu o dia todo” [MT109-2]] MT; MS. cf. **inverno**.

chuviscar (tá chuviscando) v. Fenônemo meteorológico que ocasiona uma chuva fina e contínua. [Vai moiá, «tá chuviscando», tá..." «começo chuviscá», né, aí quando para a chuva: "tá garoando, não vai não" [MT109-3]] QSL018/ALiB: Como se chama uma chuva bem fininha? MT; GO. cf. **garoar; neblinar$_1$; serenar**.

chuvisco (chuvisca) s.m. MT; MS; GO. cf. **garoa**.

chuvisqueiro (chuvisqueru; chuvisquera; chuvisquerim) s.m. [«Chuvisquero» é aquele que é mais grosso e garoa é quando fica o dia intero assim, com aquele «chuvisquerim» fino [MS114-2].] MT; MS; GO. cf. **garoa**.

chuvona$_1$ s.f. MS; GO. cf. **tempestade$_2$**.

ciclo menstrual (ciclo) s.m. MS. cf. **menstruação**.

cigana (ciganinha) s.f. [Ela é um bichinho cumprido assim, ela tem uma asa na frente, otra mais pra trais, ela fica, assenta, ela fica vuano, quando ela assenta, ela fica assim. A «cigana» [MT107-3]] MT. cf. **lava-bunda**.

cigarra s.f. [A gente chama isso aqui de «cigarra». Assim, purque tem aquela cigarra que faiz "zi" e essa aqui também [MT110-2]] MT. cf. **lava-bunda**.

cigarro s.m. MT; MS; GO. cf. **cigarro de palha**.

cigarro bravo (cigarro brabo) s.m. [Eles usa falar «cigarro brabo» e esses outro, de caixinha, cigarro manso [GO120-4]] MT; GO. cf. **cigarro de palha**.

cigarro de fumo s.m. [Quando fala «cigarro de fumo» é aquele que é cortado e enrolado num papel, «cigarro de fumo» [MT106-3]] MT; MS; GO. cf. **cigarro de palha**.

cigarro de macaia s.m.MS. cf. **cigarro de palha**.

cigarro de palha (cigarro a palha; cigarro enrolado na palha; cigarro de paia) s.m. Cigarro rústico, enrolado à mão. [«Cigarru di palha». Eles fazia di palha de milhu. É, faiz us quadradinhu, eles cortava enrolava e ponhava fogo nu trem [MT106-2]] QSL145/ALiB: Que nomes que dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão? MT; MS; GO. cf. **cigarro de rolo; cigarro de papel; cigarro bravo; pito$_2$; charuto; cigarro; palheiro; porronco; fumo; cigarro de fumo; cigarro de macaia; tabaco.**

cigarro de papel s.m. MS. cf. **cigarro de palha**.

cigarro de rolo s.m. [Faz até hoje, né? É... «Cigarro de rolo»? Que aqueles povo enrola com a mão, até hoje tem esse, acabou ainda não, daqueles de palha de milho, de... [GO125-2].] MS; GO. cf. **cigarro de palha**.

cilada s.f. MT. cf. **macumba**.

cilibrim s.m. MT. cf. **lanterna**.

cinza (cinza quenti) s.f. [É «cinza» mesmo, é «cinza» mesmo. E esse que sai que justamente é com a corporação do fogo que ele sobe pra cima a fumaça e dexa a resina, né, qué dizê, esse é o pucunã [MT103-3].] MT; MS; GO. cf. **borralho**.

circular s.m. MT; MS; GO. cf. **ônibus$_1$**.

cisco (cisto) s.m. Partícula, grânulo que pode cair no olho e incomodar. [Nesse caso aí é um «cisco», né, quando cai no olho: "ah, caiu um «cisco» no olho, tá me incomodando". Fala que é um «cisco» [MT106-3]] QSL090/ALiB: Como se chama alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando? MT; MS; GO. cf. **trem; granizo; lambe-olho**.

clarão$_1$ s.m. GO. cf. **relâmpago$_2$**.

clarão$_2$ (crarão; clarião) s.m. MT. cf. **barra do dia**.

clarão da tarde (clarão do sol) s.m. MS. cf. **crepúsculo$_2$**.

clarear$_1$ v. [Não, aqui eles sempre, eles fala o dia hoje «clariou», o sol vai mostrá a cara hoje [MS114-3]] MT; MS; GO. cf. **limpar**.

clarear$_2$ (vir clareando; estar clareando) v. MT; MS; GO. cf. **amanhecer$_2$**.

clarear$_3$ (crareando; estar clareando; ir clareando) v. MT; MS. cf. **nascer**.

clarear do dia$_1$ (clarear$_3$) s.m. MT; MS. cf. **amanhecer$_2$**.

clarear do dia$_2$ s.m. MS. cf. **barra do dia**.

claro do sol (clarão do sol; claro do dia) s.m. [Todo mundo fala que é o «claro do sol», né? O sol já vai vim, ó o «claro do sol» lá [MS114-3]] MT; MS; GO. cf. **barra do dia**.

clavícula (cavícula; cravícula; cavica; clavica; carvícula) s.f. Osso longo com uma dupla curvatura que articula o esterno com a escápula, parecendo ir do pescoço ao ombro. QSL106/ALiB: Como se chama o osso que vai do pescoço até o ombro? MT; MS; GO. cf. **pá; saboneteira; armador; ossada; cantoneira.**

coalheira$_1$ (quaiera) s.f. GO. cf. **forquilha$_2$**.

coalheira$_2$ (quaieira) s.f. MS. cf. **canga$_3$**.

cobra-cega s.f. Brincadeira infantil em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras. QSL161/ALiB: Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras? MT; MS; GO. cf. **gato-cego; múmia; ceguinho; cabra-cega; pata-cega; capa-cega.**

cocar (galinha cocar; cocá) s.f. [A «cocá», mas também... Quase igual, tanto faz angolista e... Os mais velhos, os mais novos a «cocá» [MT104-4]] MT; MS; GO. cf. **galinha-d'angola**.

cócega (cócigas; cócica; cóceca; cosca; cosquinha; coci) s.f. Sensação particular, a um tempo irritante e agradável, que provoca movimentos espasmódicos e/ou riso incontrolado, produzida por um leve roçar, repetidos toques ou fricções leves em certos pontos do corpo. QSL120/ALiB: Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé? MT; MS; GO.

cofo$_1$ s.m. MT. cf. **balaio**.

cofo$_2$ s.m. [Eles usa fazer assim de couro, o corpo de «cofo» faz assim também... É, de couro né, aí faz a tampa assim dele e aí usa fazer também o.. o, o «cofo» de talo, de... [GO120-4]] GO. cf. **bruaca**.

coisa de outro mundo (coisa do além) s.f. MT. cf. **assombração**.

coisa-ruim$_1$ (coisa) s.f. MT; MS; GO. cf. **diabo**.

coisa-ruim$_2$ s.f. MT; GO. cf. **assombração**.

cola$_1$ s.f. [É «cola». É pra espantar mutuca... [MS113-2]] MS. cf. **rabo$_1$**.

cola$_2$ s.f. [É... A «cola» é o rabo... Com aquele lá que fica abanano [MS117-4]] MS. cf. **rabo$_2$**.

cola-cola s.f. MS. cf. **pega-pega**.

coletivo (transporte coletivo) s.m. [Usa muito «coletivo», o «coletivo» todo mundo sabe que carrega “n” pessoas, né? [GO123-7]] MT; MS; GO. cf. **ônibus$_1$**.

colibri (curumbi; colobri) s.m. [É, conhece como «colibri», mais ninguém num... Jamai fala: “ai, o «colobri»” não, nunca, é beja-flor memo [MS113-4]] MS; GO. cf. **beija-flor**.

coluna s.f. MS. cf. **lombo**.

comer de gula (comeu de gula) v. Comer em demasia frequentemente. QSL184/ALiB: Como se chama uma pessoa que normalmente come demais? MT. cf. **estar com danadeza.**

comércio s.m MT. cf. **boteco**.

cometa s.m. [Assim, aqui eles dá o nome de «cometa». Tem muita gente antigamente que quando via ela passá fazia até um pedido [MT106-3]] MT; GO. cf. **estrela cadente**.

comilão (comelão; comilona) a. MT; MS; GO. cf. **guloso**.

companheiro (companheiro) s.m. [Vou pegar um «companhero» pra trabalhar pra mim esses dias [MT111-3]] MT; GO. cf. **diarista**.

conga s.f. MT. cf. **sura**.

congá (congar) s.m. MT. cf. **macumba**.

conjuntivite (cujitiviti; convitivite) s.f. Inflamação da membrana interna da pálpebra que causa vermelhidão no olho e produção de secreção. [Tem a «conjuntivite» também né? Que dá, eu também já teve esse «conjuntivite»... Esse... Esse dordolho é te, é terrível, eu tive muito isso. Ah, dói demais e o olho fica ardendo e fica vermelho parece que vai sair até sangue. Eu curava muito, nesse tempo... No tempo de criança não tinha nem... Remédio, podia ser que tinha remédio, mas não podia comprar que era muito pobre, né? Aí minha mãe usava de tirar folha de... Fedegoso. Pra tirar o sumo, batia ele depois co, botava um poco de água numa vasilha, batia bem memo, socava bem ele, depois torcia num pano pra tirar o suco da folha do... Do fedegoso pra escardar o olho. E com isso aí melhorava [MT108-3]] QSL095/ ALiB: Como se chama a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado? MT; MS; GO. Cf. **vermelhão; bonitinha$_2$; mal de olho; dor d'olho; dor de vista.**

constelação (constelação de estrela) s.f. [Eu acho que não né, o grupamento, né. Esse aí é o grupamento de estrela, mas é uma «constelação», né, que fica bem juntinha, mas ele fica de fora a fora né, é uma «constelação» [MT107-4]] MT; MS; GO. cf. **caminho de santiago**.

contorno s.m. [Agora é rotatória. Ficô mais chique, né? Mais antigamente falava «contorno». Quando ia contorná [MS115-8].] MT; MS; GO. cf. **rotatória**.

contra-Deus$_1$ a. GO. cf. **zarolho$_2$**.

contra-Deus$_2$ a. MT. cf. **canhoto**.

conversador (conversadô) (conversa demais; conversadeira; conversadora) a. [Aqui fala é «conversadô». “Vixe, mas aquele bicho é «conversadô», Nossa Senhora...”, num dá tempo de você falar nada [MT111-3]] MT; MS; GO. cf. **falador**.

conversar mais que homem da cobra (conversar pior que homem da cobra) v. MT; GO. cf. **falar mais que homem da cobra**.

coração s.m [«Coração» é aquela que fica bem parecida um coração, mais bem vermelha, pendurada [MT108-7]] MT; MS; GO. cf. **umbigo**.

corcunda$_1$ (cacunda) s.f. MT; GO. cf. **lombo**.

corcunda$_2$ (carcundu; corcundu; colcundu; colundu; cacunda) a. Quem sofre de deformidade da coluna vertebral com acentuada curvatura nas costas, e não raro no peito. [Usa, arguma usa, mais é: “fulano é arcado”, num é arcado, é «corcunda» que a turma fala mais [MS114-3]] QSL107/ALiB: Como se chama a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim? MT; MS; GO. cf. **embodocado; curvado; arcado**.

cordão s.m. GO. Cf. **amuleto$_2$**.

cordeiro (cordeirinho) s.m. MT; MS; GO. cf. **carneiro**.

corisco s.m. [Não, conheço por antigamente eles tratava que hoje num é, num é científico, falava que era «corisco», dava o nome de «corisco», mas num tem nada a ver, aquilo é uma descarga elétrica da atomosfera, né? Eu chamo de raio porque o nome

científico mesmo é raio. «Corisco» era os velho, os véio que chamava: “ah, isso é um «corisco»”, tem uma machadinha que cai, que eles acreditava que tinha uma machadinha que derrubava a árvore, essa coisa toda, mas aquilo... Aí depois eu estudei muito a eletricidade, por causa do meu ramo de trabalho e então a gente passou a entender que é um raio, que é uma descarga elétrica da atomosfera, né [MT106-3]] MT; MS; GO. cf. **raio**.

corixo s.m. MT; MS. cf. **córrego**.

cornélio a. [Aqui nóis chama de «cornélio». Ah, o outro pra falar de chifrudo fica feio, né? O nome mais, mais assim, né, é «cornélio» mesmo [GO120-3]] MS; GO. cf. **chifrudo**.

corno (corno manso) a. [Não é que não gosta, é aquilo que eu falei, são as palava dura da gente fala, né, são as palava, pra mim é feia, pra mim é feia, né, falá assim: “mais fulano é «corno»”, hoje desde que aí no mundo o pessoal fala tanto da coisa, aí que você ouve durante o dia, mais é porque eles num teme nada e fala, né? [MT103-3]] MT; MS; GO. cf. **chifrudo**.

cornudo a. MS. cf. **chifrudo**.

coró$_1$ (corozinho) s.m. Verme branco e enrugado que se encontra em frutas como coco e goiaba. [O do côco é... «Coró» [MT106-1]] QSL086/ALiB: Como se chama aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco? MT; MS; GO. Cf. **tapuru$_1$; gongo; gongolô$_1$; bicho**; **mandruvá**.

coró$_2$ (goró; corozim; coró de madeira; coró de pau podre) s.m. Larva encontrada no esterco, em madeira estragada. [«Coró», ele, ele é engurdurado, aquele bicho que fura pau. Ele é bem engordurado, você pode cortá ele com a faca e você vê, é gordura própria, aquele dali os índio come, eu nunca expromentei não, mais os índio come demais aquilo ali, eles levo aonde eles acham porque realmente os índio quando anda no mato eles andam procurando muito aquilo dali, eles são de, de orige dele, né, então adonde tem pau podre eles vão procurá e acha [MT103-3]] QSL087/ALiB: Como se chama aquele bicho que dá em esterco, pau podre? MT; MS; GO. Cf. **bicho$_2$; larva; broca; merenda$_1$; lagarta; cupim; tapuru$_2$; gongolô$_2$.**

corre cotia (corre lá cutia) s.f. Brincadeira infantil em formato de círculo em que uma criança passa com um objeto que deixa cair atrás de outra que esteja sentada, que deve pegá-lo e correr para alcançar aquela que o deixou cair. [«Corre cutia», né? A pessoa pega algum objeto e todos começa a batê palma e falá “corre cutia, de noite e de dia”. A tradição, aí... Sem que a outra percebê que eles estão cantando... Sem aqueles que tá cantando percebê, a pessoa põe o objeto lá e sai correno, e a pessoa tem que tá atento pra pegá o objeto e corrê atrás daquela e aquela vai sentá no memo lugá, aí ela já fica de cutia, ela já fica de cutia [MS115-1]] QSL164/ALiB: Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair? MT; MS; GO. Cf. **chicotinho queimado; chicotinho está no pé; pega-varinha; brincadeira do lenço; brincadeira de roda; roda cotia; roda-roda; pata-choca; pega-pegador; ovo choco.**

córrego (corgo; corguzinho; corguinho) s.m. Rio pequeno, de aproximadamente dois metros de largura, com fluxo de água de leve a moderado. [Ah, não dá, mas ele deve dá aproximadamente quatro metro mais ou menos. De quatro pra cinco metro, então já é «córgo». O «córgo» do Areia também dá mais ou menos isso, de cinco a seis metros de largura, então fala «córgo». Agora se for bem estreito já dá o nome de rêgo, é um rêgo, uma coisa que a pessoa salta por cima dele de um lado que não dê pra ele [MT106-3]] QSL001/ALiB: Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura? MT; MS; GO. Cf. **lagoa; corixo; grota; sanga; ribeirão; riacho; rio; rego$_1$.**

correnteza s.f. MT; GO. cf. **onda$_2$**.

correr v. [Essas que «corre»... E quando ela... Também você vê, se você tivé no quintal onde você tivé, você viu ela «corrê» você pega um... Qualqué coisa que você achá no chão do seu lado, seja um pauzinho, um raminho, você coloca embaixo do travesseiro, aí você deita e dorme. A partir daquele momento não fale mais com ninguém e vai deita, dorme. Quando você amanhecê o outro dia você sonhou se você é solteira com quem vai casá [MT106-4]] MT; MS; GO. cf. **cair**.

corvo s.m. [O nome dele diz que é «corvo», mais ninguém fala, né? É urubu [MS114-3].] MT; MS. cf. **urubu**.

costa s.f. MT; MS; GO. cf. **lombo**.

cotia (cutica; cutícula) s.f. [Ou fala a «cutia»: “lava essa «cutia» do nariz, minino, a lá no banhero” [MT109-4].] MT; GO. cf. **meleca**.

cotó$_1$ s.m. [Num é que nem cachorro? «Cotó»? [MS115-6].] MT; MS; GO. cf. **sura**.

cotó$_2$ (quitó) s.m. [Os cachorros oncero, os onceros, geralmente, são «cotó», pra dá mais possibilidade dele... Furá mato quando ele corre atrás de uma onça, dum animal, na caça, né? [MT108-7].] MT; MS; GO. cf. **pitoco$_4$**.

cotó$_3$ a. MT. cf. **aleijado$_3$**.

cotobó a. [Pois é, eu conheci um assim, eles falava ele, pois o apelido no bichim de «cotobó». Porque ele era das perninha assim, eles falava “ah, ele é um «cotobó»” [MT111-4]] MT. cf. **perna torta.**

cotovelo (cotovelinho) s.m. [É, tem esse aqui, num tem? Aí fala bem no «cotovelinho» do meu pé [MT104-4].] MT. cf. **tornozelo**.

couro s.m. MT; MS. cf. **pálpebra**.

coxé$_1$ (coxê) a. [É, aí no Pantanal se fala «coxé» [MS113-2]] MT; MS. cf. **manco$_1$**.

coxé$_2$ (conxé; coxengo) a. [Que o nafre a gente fala sempre pa criação, né, então «coxé» fala pra gente: "fulano de tar é «coxé» duma perna", cê entendeu? Então nafre é pra criação e falá «coxé» é porque é gente [MT107-3]] MT; MS; GO. cf. **manco$_2$**.

coxim s.m. [Faz de papel, assim de dobrá o papel só na beradinha assim, chamava ela na época mesmo era de «coxim» [GO122-1]] GO. cf. **pipa$_2$**.

coxo$_1$ (conxo$_1$) a. MT; MS; GO. cf. **manco$_1$**.

coxo$_2$ a. [«Coxu» é u qui só tem uma, né? [MT111-2]] MT; GO. cf. **aleijado$_2$**.

coxo$_3$ (conxo$_2$) a. [É, aqui pra nóis é, fulano é alejado, ele puxa duma perna, é «conxo» duma perna, e tem nego: “ah, fulano é «conxo» duma perna”. É porque ele puxa duma perna, ele tem uma perna mais baxa do que a outra [MS114-3]] MS; GO. cf. manco$_2$.

creme s.m. GO. cf. **geleia**.

crepúsculo$_1$ s.m. GO. cf. **barra do dia**.

crepúsculo$_2$ (crepuscu) s.m. Luminosidade decrescente ao anoitecer proveniente da iluminação das camadas superiores da atmosfera pelo sol, que, embora escondido, está próximo do horizonte. QSL026/ALiB: Como se chama a claridade avermelhada que fica no céu depois do entrar do sol? MT; GO. cf. **barra do sol; reflexo$_2$; raio da tarde; entrada do sol; barrão da tarde; barrado; clarão da tarde; barragem vermelha$_2$.**

criado a. [Aqui a gente fala que é «criado», «criado» meu… [MS117-3]] MS. cf. **adotivo**.

criar (dar cria) v. [Começa a passar mal, aí você corre pra parteira, a parteira vem e ajuda a «criar» [MT111-3]] MT; GO. cf. **ganhar**.

criminoso s.m. MT; MS; GO. cf. **pistoleiro**.

crina$_1$ (clina; quilina; quina) s.f. Pelo flexível e resistente do alto da cabeça e pescoço do cavalo. QSL073/ ALiB: Como se chama o cabelo em cima do pescoço do cavalo? MT; MS; GO. cf. **crista; cabelo**.

crina$_2$ s.f. [«Crina» é aquele dali, né, aquele de tráis eu conheço como «crina» tamém, os dois [MS116-2].] MS; GO. cf. **rabo$_3$**;

crista s.f. MT; GO. cf. **crina$_1$**.

crucifixo$_1$ s.m. MT; MS. cf. **amuleto$_2$**.

crucifixo$_2$ s.m. [Olha, se não for «crucifixo» eu não sei sinceramente [MS115-5]] MT; MS; GO. cf. **medalha$_2$**.

cu de pinto s.m. GO. cf. **terçol**.

cueca (cuequinha; conca) s.f. Roupa íntima masculina que se usa sob a calça, bermuda, etc. [Que era a «cueca» antigamente, só que a «cueca» tinha barguilha, né? [MS115-8]] QSL189/ALiB: Como se chama a roupa que o homem usa debaixo da calça? MT; MS; GO. cf. **calção; samba-canção; zorba; sunga; ceroula.**

cupim s.m. MT. cf. **coró$_2$**.

curandeiro (curandeira; curandô; curadô; curadera; curadora; curandero) s.f. Pessoa que procura tratar e curar doentes sem habilitação médica oficial, geralmente com ervas e plantas. [Acho que é aquelas pessoa que faiz garrafada, né, de plantas medicinal, esse negócio. Esse a gente fala que é «curandero» [MT107-4]] QSL152/ALiB: Como se chama a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? MT; MS; GO. cf. **pai de santo; benzedor; raizeiro**.

curau$_1$ (curau de milho$_1$) s.m. Papa cremosa de milho verde ralado, cozido com leite, coco e açúcar e polvilhada com canela. [O «curau» é, o meu «curau» ou mermo a canjica que fala, rala ele, quando acabá põe o leite e faiz ele tipo um mingau e põe ele na vasilha, quando ele esfria, ele fica bem durinho, né? [MT103-4]] QSL179/ALiB: Como se chama uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela? MT; MS; GO. cf. **canjica$_1$; mingau$_1$.**

curau$_2$ (curau de milho$_2$) s.m. Papa cremosa de milho verde ralado, cozido com leite e açúcar, sem coco, e polvilhada com canela. [Doce ela, que eu saiba é milho ralado, né, põe leite, entendeu, é «curau», né, doce [MT111-1]] QSL180/ALiB: E como se chama essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que chama? MT; MS; GO. cf. **mingau$_2$; angu; canjica$_2$;**

curto da vista (curto de vista) a. MT; GO. cf. **míope**.

curto das vistas a. MT. cf. **caolho$_2$**.

curva s.f. [Rapaiz, no meu tempo noi sentava na «curva», né, hoje diz que tem o vaso, né (risos). Mai eu não sei se aquele tempo nosso era na perna aqui (risos) e lá né den'do cerrado [MT109-3]] MT. cf. **vaso**.

curvado (encurvado) a. GO. cf. **corcunda$_2$**.

dador de cano a. GO. cf. **mau pagador**.

dador de nó a. [Aquele lá é o «dador de nó»... Não paga ninguém... [MS117-4].] MS. cf. **mau pagador.**

danado a. [Gente «danado» que come muito, ele não tá aguentano, ele tá comeno, né? [MS112-4]] MT; MS. cf. **guloso**.

dar à luz v. MT; MS; GO. cf. **ganhar**.

data s.m. [Comprei uma «data». Aí, outros já fala: “eu comprei um terreno lá por tanto”, outra hora não, a maioria é «data» [MS114-3]] MT; MS. cf. **terreno**.

de pouca visão a. MT. cf. **míope**.

dedo s.m. [É a banana. Antigamente até os carrinheros quando vendia, num tinha supermercado, vendia na rua com carrinho de mão, então o «dedo» de banana é um... é um... um mil réis, ou cem mil réis ou um cinquinho [MT108-7]] MT. cf. **penca**.

deficiente$_1$ a. MT; GO. cf. **manco$_1$**.

deficiente$_2$ (deficiente de um olho) a. MT; GO. cf. **caolho$_2$**.

deficiente$_3$ (deficiente de uma perna; deficiente da perna; deficiente físico) a. [Dexa eu me expricá direito, que nem esse que se arrasta a gente chama de manco, né, ou senão a gente costuma dizê: “fulano é «deficiente»”, ou é... Tem pessoas, eu num custumo dizê que eu acho feio chamá os otro de alejado, né, eu acho horrívio [MS112-2]] MT; MS; GO. cf. **aleijado$_3$**.

deficiente$_4$ a. MT. Cf. **manco$_2$**.

deficiente$_5$ a. MT. cf. **perna torta**.

deficiente visual a. MT; GO. cf. **míope**.

defunto a. MT; MS; GO. cf. **finado**.

deita-capim s.f. MT. cf. **tempestade$_2$**.

deixa que eu chuto a. MT. cf. **manco$_2$**.

demônio (demo) s.m. [Se eu fô punhá nesse livro aí num cabe os nome dos «demônio» que é comandado pelo diabo, porque o diabo, ele, ele não está aqui, ele está preso, né, ele é preso, é que nem um presidiário, presidiário tá preso na cadeia, mas ele tem uns bandidos aqui fora, ele comanda, lá de dentro ele comanda os bandido aqui fora, mema coisa é o diabo. Senhora entendeu? [MS115-1]] MT; MS; GO. cf. **diabo**.

dentão s.m. MT. cf. **pilão$_2$**.

dente chato s.m. [A maioria fala: “ó, meu «dente chato» estragô” [MS114-3]] MT; MS; GO. cf. **pilão$_2$**.

dente de cavalo s.m. MT. Cf. **siso**.

dente de trás s.m. MT; GO. cf. **pilão$_2$**.

dente do fundo s.m. MS. Cf. **pilão$_2$**.

dente do juízo s.m. [É… E antigamente falava: nasceu o «dente do juízo» [MS115-8]] MT; MS; GO. cf. **siso**.

dente permanente s.m. [É, a gente fala assim: “nossa, é... meu «dente permanente» tá doeno é...”, "não pode rancá o «dente permanente»", e a gente fala assim [GO123-2]] GO. cf. **siso**.

dente queiro$_1$ (dentiquera; dente quero) s.m. [É porque diz que tem um «dente quero», né, é o nome daquele dente que quando a gente nasce, nasce ele já tá bem de idade, né, assim de vinte, e vinte e pocos ano, uns dizesseis ano, é o «dente quero», né? [MT103-4]] MT; GO. cf. **siso**.

dente queiro$_2$ s.m. MT; GO. cf. **pilão$_2$**.

derrubar (**filhote$_2$**) v. MS. Cf. **perder$_3$**.

desajunto s.m. MT. cf. **café da manhã**.

desaparecer (**o sol$_5$**) v. MT; GO. cf. **entrar**.

descansar (descansá) v. [Pessoal antigo que falava a mulher tá perto de «descansá»... «descansá» é ganhá nenê... as pessoa antiga que fala [GO124-2]] MT; GO. cf. **ganhar**.

descarga elétrica s.f. MS; GO. cf. **raio**.

descarrego s.m. MT. cf. **macumba**.

desdentado a. MT; MS; GO. cf. **banguela**.

desgraça s.m. GO. cf. **diabo**.

desjejum s.m. MT; MS; GO. cf. **café da manhã**.

deslocar-se v. [Sempe tem uma «deslocando». É, ele diziam que, eles diziam assim que… Qualqué pedido que a pessoa fizesse era atendido, no dizê deles maisi… Sabê eu hoje o que que significa até que hoje a gente num, num liga mais p'aquelas tedição dos tempos passado, ninguém liga mais, né, vai se acabando, né, vai se acabando porque ninguém… [MT103-3]] MT; MS; GO. cf. **cair**.

desonesto a. GO. cf. **mau pagador**.

despacho s.m. [Lá em cima tinha um pé de manga diz que lá tinha feito um «dispacho» pra... Pra acabá comigo. Discobri [MT105-3]] MT; MS; GO. cf. **macumba**.

devagar a. GO. cf. **burro**.

devedor a. MT; GO. cf. **mau pagador**.

diabo s.m. Ser que se acredita ser do mal e viver no inferno. [Quem véve é o «diabo» com seus anjos e os espíritos maus, que está, que praticaram as maus ações, que eles falam assim [MT106-3]] QSL147/ ALiB: Deus está o céu e no inferno está... MT; MS; GO. cf. **inimigo; exu caveira; besta-fera; coisa-ruim$_1$; anjo do mal; maligno; zé pilintra; desgraça; zebu; bicho velho; satanás; capeta; demônio; capa preta; judeu; cão; lúcifer.**

diadema (gademo) s.m. Adorno em forma de arco que serve para prender os cabelos. [Se bem que a «diadema» é aquela antigamente mais, aquelas de plástico mais. Hoje tem, hoje eles já enfeitaram ela um pouquinho, mais então usa os dois nomes, né, só pelo costume de muito uso fala tanto faz a tiara como o «diadema», é um objeto só, mas usa os dois nomes pras duas, pras uma coisa só, um objeto só [MT104-2]] QSL193/ALiB: Como se chama o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos? MT; MS; GO. cf. **tiara; banducha; arco; travessa**.

dianteira (dianteiras) s.f. MT; MS; GO. cf. **mão$_2$**.

diarista (diário) s.m. Homem contratado para trabalhar nas terras de outro, recebendo sua remuneração por dia de trabalho. [Ele é um «diarista» porque ele também, se ele trabaia dois dia e trabaiá uma semana, recebeu, ele já vai embora. Qué dizê, ele tá sem compromisso daquela pessoa até o próprio patrão não tem, não tinha. Hoje tem, mai de primero não tinha uma responsabilidade com ele, né? [MT103-3]] QSL061/ALiB: Como se chama o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho? MT; MS; GO. cf. **trabalhador; boia-fria; companheiro; peão; empreiteiro$_1$.**

dilúvio$_1$ s.m. MS. cf. **tempestade$_2$**.

dilúvio$_2$ s.m. [Ah, é «dilúvio», que eu sei por causa da Bíblia [MT104-2]] MT. cf. **tempestade$_2$**.

doce (doci em pasta) s.m. [Ó, a língua do pessoal paranaense que eu já vi de muito tempo até o meu minino invocô. É, ele comia, nói chamava «doce», né: "ô, muié, traiz o «doce» aí". E a gente já falava do que que é, traiz o «doce» de banana ou «doce» de mamão, ou «doce» de abróba, né, que é o jerimum, a língua certa é o jerimum mesmo, então traiz aí pa nóis aqui [MT103-3]] MT; GO. cf. **geleia**.

dor de vista s.f. MT; MS. cf. **conjuntivite**.

dor d'olho (dordói) s.f. Inflamação da membrana interna da pálpebra que causa vermelhidão no olho e produção de secreção. [«Dor d'olho», remelo... Um chá de rosa branca, né, ou leite de peito com arruda, né, não tem coisa melhor, né: tira o leite do peito da mulher, pega as folha de arruda, esfrega até o leite ficar verdinho, né, aí depois pinga assim a sujera da folha de arruda no olho. Vai queimá, né, porque o olho tá irritado, né, mais é um santo remédio pa «dor d'olho» [MT105-1]] QSL095/ ALiB: Como se chama a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado? MT; MS; GO. cf. **conjuntivite**.

dorso s.m. MS; GO. cf. **lombo**.

econômico (conômico) a. [Porque é seguro no dinhero, maisi a palavra de tredição que os antigo dizia são as pessoa que é segura no dinhero, é «'conômico» [MT103-3]] MT; MS. cf. **mão de vaca**.

ema s.f. [Aí fala, fala aquilo ali é a, a «ema» da… tsc… da, do Cruzero do Sul. Aí fala só que as faxa preta aqui é do Cruzero do Sul, é a «ema» [MT110-3]] MT. cf. **caminho de santiago**.

embocadura (desbocadura) s.f. [Tem costume de falar «desbocadura» tamém, né? Onde o rio está desbocano. Isso é o pantaneiro, né? É pantanero que usa? É o rio... O rio Aquidauana desemboca no rio Miranda [MS115-7].] MS. cf. **barra do rio**.

embodocado a. [Pra mim é «embodocado»... A pessoa já tá arcadinho de véio [MS117-4]] MS. cf. **corcunda$_2$**.

embriagado a. MT; MS; GO. cf. **bêbado**.

embrulhão a. GO. cf. **mau pagador**.

embrulhar-se v. GO. cf. **estourar**.

emendada s.f. MS. cf. **gêmea$_2$**.

empachado a. MT; MS. cf. **cheio**.

empanturrado a. MT; MS; GO. cf. **cheio**.

empanzinado a. [Tá «empazinado», qué dizê: a comida foi gostosa, só que não disinvolveu, a natureza não disinvolveu ela, que comeu demais então. Bebeu muita água então tá «empazinado», qué dizê: «empazinado» na nossa língua é que tá cheio demais, que não tem sobra [MT103-3]] MT; MS; GO. cf. **cheio**.

empório s.m. [É, aqui antigamente chamava de... «Empório». O «empório» já é uma venda, né? Tipo assim d'um supermercado. É, uma venda pequena, pequeno porte, né? [MS115-7]] MS. cf. **boteco**.

empreiteiro$_1$ s.m. MT; MS; GO. cf. **diarista**.

empreiteiro$_2$ (empreiteiro) s.m. [Quando eu sei que paga é o mandante, ele mandou fazer o crime, e o que pega é «empretero», né... É uma empreitada que ele pega [GO122-3]] MS; GO. cf. **pistoleiro**.

encachorrar v. Embebedar-se. QSL144/ALiB: Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais? MT.

encarnação s.f. MT. cf. **assombração**.

enchente s.f. [É «enchente» porque aqui tem uma tal de chuva que eis trata: «enchente» São José, «enchente» da Páscoa, que é essa chuva rápida e grossa que faiz bastante enxorrada que enche os rios... [MT106-4]] MT. cf. **tempestade$_2$**.

encontro (incontru das águas; incontru dos rios) s.m. [É justamente onde ele termina chama... É terminação mesmo, sabe, aqui o córgo do encontro aqui nóis fala o «encontro» Poxoréu com o córgo dos Borola, chama «encontro» [MT106-3]] MT; MS; GO. cf. **barra do rio**.

enfadado (enfartado) a. MT; GO. cf. **cheio**.

enfadicado (infadigado; fadigado; fatigado) a. MT; MS; GO. cf. **cheio**.

enfartado a. GO. cf. **cheio**.

engasto s.m. [«Engasto». É, pois é, isso aqui dá depois do cacho. Pessoa fala: "é o «engasto» da banana", aí você corta ele aqui, isso aí não presta pra nada, não, joga fora [GO119-3]] GO. cf. **umbigo**.

enjoado a. MT; GO. cf. **cheio**.

enredeira (mexerica enredeira; enredera) s.f. [«Enredera». É uma mixiriquinha piquinininha. Aham, fica amarelinha porque é azeda demais [MS114-1]] MS; GO. cf. **mexerica**.

enrolador (enrolado) a. MT; GO. cf. **mau pagador**.

enrolão a. MT. cf. **mau pagador**.

entanguido (entangido) a. MT. cf. **cheio**.

entardecer$_1$ s.m. MT; GO. cf. **pôr do sol**.

entardecer$_2$ (atardecer; tardecer) s.m. Final da tarde. QSL027/ALiB: E quando o sol se põe? MT; MS; GO. Cf. **final da tarde; hora das ave-marias; boca da noite; noite$_1$; fim da tarde; pôr do sol; escurecer$_4$;.**

entardecer$_3$ v. MS; GO. cf. **escurecer$_6$**.

enteado s.m. [É «enteado», «enteado» é fi de criação. Pode ser filho de criação, é «enteado» meu [MT111-3]] MT. cf. **adotivo**.

entrada do sol s.f. MS. cf. **crepúsculo$_2$**.

entrar v. Ação que se observa no céu no final do dia. [Porque o sol «entra», fala «entra», o sol já «entrô». Mas «entrou» aonde que eu num sei. No Japão [MT110-4]] QSL025/ALiB: O que acontece no céu no final da tarde? MT; MS; GO. cf. **abaixar; escurecer$_2$; esconder-se; desaparecer; anoitecer$_2$; ir embora; sentar; sumir; por-se.**

entupido a. MT; GO. cf. **cheio**.

enxovalhado (enxovalhada) a. [Não sei outro nome, eu sempre falo: "Não deu nem pá molhar a terra direito", a gente sempre fala assim. Porque eu ouvia falar essa palavra «enxovalhada» com uma pessoa até do sítio, aí eu perguntei pra ela o que... Como que a roupa tá «enxovalhada» porque eu pensava que era assim, quase seca sem tá seca. Como a senhora falou da terra, né? Aí ela falou: "Não, é quando ele veste, vestiu um pouco ainda tá limpo e pinduro ela, e depois ele veste de novo". Uma, uma lavra, uma mulher da roça né, me falô isso [MT108-8]] MT. cf. **úmido**.

enxurrada$_1$ (enxurreada) s.f. [Essa aí pa nói chama «enxurreada», quando chove bravo assim é «enxurreada» [MS113-3]] MS. cf. **tempestade$_2$**.

enxurrada$_2$ s.f. MT. cf. **inverno**.

escada de anjo s.f. [«Escada de anjo», eu acho que é assim, pode sê «escada de, de anjo», né, que ele fala que os anjos iscurregam por aquele arco-íris [GO126-1]] GO. cf. **arco-íris**.

escapulário$_1$ s.m. [«Escapulário»? É um que tem dois santinho. Um é Nossa Sinhora e o otro é otro santo que eu num lembro, aí você dá um nozinho aqui e otro ali, né? Diz que é, tem que ganhá, num adianta cê comprá. Aí cê, cê faz um pedido, alguma coisa, a hora que cê tive dando os nozinhos. É «escapulário» mesmo o nome [MS115-6]] MS. cf. **amuleto$_2$**.

escapulário$_2$ s.m. GO. cf. **medalha$_2$**.

esconde-esconde s.m. Brincadeira infantil em que um participante deve encontrar os demais que estão escondidos. QSL160/ALiB: Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras? MT; MS; GO. cf. **bater-cara; pique$_2$; pique-esconde$_1$; esconder.**

esconder (escondê; esconde) s.m. [Vão brincá de «escondê»… Na época minha era, né… [GO124-3]] MT; MS; GO. cf. **esconde-esconde**.

esconder-se (o sol$_6$) v. MT; MS; GO. cf. **entrar**.

escurecer$_1$ s.m. MT; MS. cf. **pôr do sol**.

escurecer$_2$ (começar a escurecer) v. MT; MS; GO. cf. **entrar**.

escurecer$_3$ (estar escurecendo) v. Findar-se a tarde. QSL027/ALiB: E quando o sol se põe? MT; MS; GO.

escurecer$_4$ s.m. MT; MS. cf. **entardecer$_2$**.

escurecer$_5$ (estar escurecendo; começar a escurecer) v. Iniciar-se a noite. QSL028/ ALiB: Como se chama o começo da noite? MT; MS; GO. cf. **anoitecer$_5$**.

escurecer$_6$ (escurecer da noite) s.m. MT; GO. Cf. **anoitecer$_3$**.

esfomeado a. MT; MS; GO. cf. **guloso**.

esgalamido (esgalameda) a. MT. cf. **guloso**.

esgulepado a. [Chama «isgulepado», come demais, é mais do que guloso [GO123-7]] GO. cf. **guloso**.

espiga (ispiga) s.f. Haste terminal do pé de milho que guarda os grãos. [O pessoal chama de boneca, né? Aquela, aquela, aquela ela assim quando tá com aquele, tá empacotado, né? Ainda tá com... Cheio de... De coberta de folhas, né? Que tem aquele cabelinho, né? Chama de boneca, né? Aí a «espiga» já é, né, a «espiga» já era, já nu é, é descascada já [MT108-5]] QSL045/ALiB: Quando se vai colher o milho, o que é que se tira do pé? [Quando se vai à feira comprar milho, compra-se o quê?]. MT; MS; GO.

espinha$_1$ s.f. MS. cf. **lombo**.

espinha$_2$ s.f. [É, ou então pego um ouro ou então uma aliança, esfrega e coloca. Aí nós fala que deu «espinha» porque, nós fala «espinha» porque você negou dar alguma coisa pra uma grávida, você entendeu? Aí então nasceu «espinha» na capela do seu olho porque todas que nasce na capela do olho, eles falam que a gente negou de dar alguma coisa pra moça grávida, que pediu pra gente...". "Ow, me dê isso que você tá comendo...", aí guarda, daqui a três, quatro dias já vem uma «espinhinha» aqui na capelinha do olho [MT104-4]] MT; GO. cf. **terçol**.

espinhaço s.m. [É, «espinhaço» do cavalo, que a gente fala [GO118-1]] MS; GO. cf. **lombo**.

espírito s.m. MT; MS; GO. cf. **assombração**.

esquecer anão debaixo do sovaco (esquecer anão debaxo do subaco) v. [É… fala assim… «esqueci os anãozinho debaxo do subaco». Uai… diz que é pequenininho e morreu, quer dizer, num zela do corpo [GO124-3]] GO. cf. **feder gambá**.

esquentar v. MT. cf. **limpar**.

esquerdo (esquerdinha) a. MT; MS; GO. cf. **canhoto**.

estafado a. GO. cf. **cheio**.

estalo s.m. [É tem, porque o trovão é... Ele faz aquele barulho assim…um barulho maior assim, agora o «estalo» é de repente, aquele dá quele barulhão assim de repente, né, e o trovão é mais comprido né, o barulho é diferente um pouco, né? [MS114-4]] MT; MS. cf. **trovão**.

estar bichada v. GO. cf. **estar de chico**.

estar com azio v. GO. cf. **estourar**.

estar com danadeza v. Comer em demasia frequentemente. QSL184/ALiB: Como se chama uma pessoa que normalmente come demais? MT. cf. **comer de gula**.

estar de boi v. [Sim, ixi, até hoje fala: “hoje eu «tô de boi»”. Não, essas meninas de 17, assim, pra baixo, já fala menstruação [MT104-4]] MT; GO. cf. **estar de chico**.

estar de chico (estar em chico; chico; tá com chico) v. Perder sangue de origem uterina habitualmente, a cada período de cerca de quatro semanas. [Não, quando desceu pra mim memo a minha vó falo assim: "ah, «tá cum chico»", meu Deus o que que é «chico», né? Aí depois que foi expricá pra mim, taquete [MT107-2]] QSL121/ALiB: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? MT; MS; GO. cf. **estar bichada; estar menstruada; vazar; estar de visita; estar de boi; estar nos dias; menstruação; estar de flamengo**.

estar de flamengo (torcedor do flamengo) v. [O que eu mais ouço e sei fala assim, é a... Mais as menina fala: “Ah, tô naqueles dias dias”, né? Ou intão: “eu «tô di flamengu»”. Elas num fala assim: “que tô mestruada”, né? [MT106-2]] MT. cf. **estar de chico**.

estar de visita v. [Não sei, pessoas antigas, né, achava assim acho que era palavra... Tinha vergonha, né, de falar esses nomes, aí falava chico, é... Visita, hoje eu «tou de visita»... [GO121-2]] GO. cf. **estar de chico**.

estar menstruada v. MT; GO. cf. **estar de chico**.

estar no parto v. MT. cf. **ganhar**.

estar nos dias (estar naqueles dias) v.. [É, às vezes assim, pra menstruação, às vezes a pessoa fala: “ah, «tô naqueles dias»...”. É... essas pessoas que às vezes têm vergonha de falar... [GO123-4]] MT; MS; GO. cf. **estar de chico**.

estar trojevando v. Trovejar. QSL010/ALiB: Como se chama o barulho forte que se escuta logo depois de um raio? MT.

estiada s.f. MT. cf. **estiagem**.

estiado a. Característica do tempo seco e brando após um período de chuvas. QSL016/ALiB: Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer? GO. Cf. **bom**.

estiagem (estiage) s.f. Tempo seco e brando após um período de chuvas. [É, fala «estiage», né, mas pra aquela pessoa que tem mena cultura fala vai levantá o tempo [MT107-4]] QSL016/ALiB: Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer? MT; MS; GO. cf. **aragem; veranico; estiada; tempo aberto; tempo limpo**.

estiar v. MT; MS; GO. cf. **limpar**.

estilingue (istilinga; estilingo) s.m. Objeto em formato de forquilha, de madeira ou de metal, munido de elástico, com que se atiram pequenas pedras. [É «estilingue», funda. No tempo que nóis morava lá no mato os menino, meus irmão tinha, falava funda, mas hoje ninguém vê se falá mais em funda, mais é «estilingue» [MT106-4]] QSL157/ALiB: Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho? MT; MS; GO. cf. **bodoque; pelote; pilunga; baladeira; funda**.

estourar (estourando; vou estourar; estourado) v. Comer demasiadamente a ponto de sentir desconforto. QSL183/ALiB: Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: comi tanto que estou... MT; MS; GO. cf. **explodir; embrulhar-se; angular; passar mal; repugnar; estar com azio**.

estrábico a. MS; GO. cf. **zarolho$_2$**.

estrada$_1$ s.f. MT; MS; GO. cf. **picada**.

estrada$_2$ (istradinha) s.f. MT; MS; GO. cf. **trieiro$_2$**.

estrada de santiago s.f. GO. cf. **caminho de santiago**.

estrela boiadeira s.f. [Que o povo... Os tempo que o povo viajava... Dormia nas parada de carreta, cuidava boi até a hora que a estrela entrava né... Então se falava «boiadêra»... O nome memo eu num sei... É o costume, né? [MS117-3].] MS. cf. **estrela-d'alva$_2$**.

estrela cadente (cadente) s.f. Estrela brilhante e efêmera que parece se deslocar no céu. [«Estrela cadente». Se falá o pessoal pe… Fala que vai fi… Fala que vai ficá mintiroso, né. Ou… Fazê um pidido e comentá, diz que num vai valê, né. Ficá quieto. E não mostrá com o dedo, né. Diz que nunca deve apontá, né. Isso é um costume mais velho, né. E a gente acaba indo, morre com o custume mais véio, fica véio passando pro mais novo, né? [MT105-1].] QSL031/ALiB: De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, e faz um risco de luz. Como chamam isso? MT; MS; GO. cf. **rabo de galo$_1$; mãedueira; mãe de ouro; satélite; estrela da sorte; estrela do oriente$_3$; cometa**.

estrela da manhã s.f. MT. cf. **estrela-d'alva$_2$**.

estrela da noite s.f. MS. cf. **estrela-d'alva$_2$**.

estrela da sorte (estrelinha da sorte) s.f. MT. cf. **estrela cadente**.

estrela da tarde s.f. GO. cf. **estrela-d'alva$_2$**.

estrela do oriente$_1$ s.f. MT. cf. **estrela-d'alva$_1$**.

estrela do oriente$_2$ s.f. MT; MS. cf. **estrela-d'alva$_2$**.

estrela do oriente$_3$ s.f. GO. cf. **estrela cadente**.

estrela guia$_1$ s.f. MT; MS; GO. cf. **estrela-d'alva$_1$**.

estrela guia$_2$ s.f. GO. cf. **estrela-d'alva$_2$**.

estrela-d'alva$_1$ (estrela d'árvi) s.f. Estrela brilhante e última a desaparecer, podendo ser vista ainda de manhã. [É a «estrela d'alva», né, falava assim: "óia, como é que aquela estrela sempe ela tava bem baxinha lá". Dizia: "óia, na hora que aquela estrela tá saindo é hora de pegá os pexão" né? Porque a gente ia pegá pintado naquele remansão, né, todo lugá dá muito pexe, é aquela hora que aquela estrela tava saindo, a gente diziam que tava saindo, que é a «estrela d'alva». Então era hora de pegar os pintadão que quando ela clareava os pexe enxergava também, os pexe enxergavam e ficava fácil pa pegá o pexe porque eles tava cumeno [MT103-3]]

QSL029/ALiB: De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam essa estrela? MT; MS; GO. Cf. **estrela da manhã; estrela guia$_1$; estrela-mãe; estrela do oriente$_1$; aurora$_4$; poente$_2$; matutina; planeta Vênus.**

estrela-d'alva$_2$ (istrela d'arva) s.f. Estrela brilhante que se vê perto do horizonte e que surge no céu primeiro, podendo ser vista ainda no cair da tarde. [É uma que sempre ela fica brilhosa no céu, ela é a maior do que as outras, aí tem uma, duas, três e tem uma que é a maior, é a «estrela d'alva» [MT104-4]] QSL030/ALiB: De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como se chamam essas estrelas? MT; MS; GO. cf. **estrela da noite; estrela do oriente$_2$; estrela boiadeira; estrela da tarde; estrela guia$_2$; amarra-boi.**

estrela-mãe s.f. MT. cf. **estrela-d'alva$_2$**.

estrondo s.m. GO. cf. **trovão**.

estufado a. MS. cf. **cheio**.

exagerado a. MT. cf. **guloso**.

explodir (estar explodindo) v. MS. cf. **estourar**.

extraterrestre s.m. [Quando vê um muito feio então não é desse mundo, é «extraterrestre» [MT108-2]] MT. cf. **assombração**.

exu caveira s.m. MS. cf. **diabo**.

faísca s.f. MS. cf. **raio**.

falador (faladera) a. Quem fala demais. [Ah, fulano é muito «faladera», fala pelos ovido [MT107-4]] QSL136/ALiB: Como se chama a pessoa que fala demais? MT; MS; GO. cf. **língua de trapo; fuxiqueira$_2$; prosa; falastrão; papagaio$_2$; futriqueira; língua quente; metralhadora; FM; mexeriqueira; taquara rachada; linguarudo; tagarela; arara$_2$; fofoqueiro; maritaca$_2$; matraca; gralha; bocaiúdo; bocudo; conversador; falante.**

falante a. MT. cf. **falador**.

falar mais que homem da cobra (falar igual homem da cobra) v. [Assim, eu... Eu se... Sempre a gen... Eu aprendi um ditado assim: "nossa, mas fulano «fala igual o homem da cobra»"(risos). Agora o porquê eu num sei, porque fala muito né, ela diz: "por certo o homem da cobra falava demais, né" (risos) [GO123-2]] MS; GO. cf. **conversar mais que homem da cobra**.

falastrão a. MT; GO. cf. **falador**.

falecido (falecida) a. [É o «falecido» fulano ou entom finado fulano, né? [MT108-3]] MT; MS; GO. cf. **finado**.

faltar as vistas v. MT. cf. **ter problema nas vistas**.

faminto (fominto) a. MS. cf. **guloso**.

fanhento s.m. MT; GO. cf. **fanhoso**.

fanho s.m. MS; GO. cf. **fanhoso**.

fanhoso (fanhotu) a. Quem parece falar pelo nariz ou como se estivesse com o nariz apertado. [Maisi sempe pessoas «fanhoso» na nossa região poquin mesmo, no meu tempo de vida poquinho gente eu vi «fanhoso», poco, poco mesmo [MT103-3]] QSL101/ALiB: Como se chama a pessoa que parece falar pelo nariz? MT; MS; GO. cf. **fonha; fanho; fanhento; foem**.

fantasma s.m. MT; MS; GO. cf. **assombração**.

farol$_1$ s.m. [De premero era lanterna, hoje já a turma fala o «farol», né? [MS114-3]] MT; MS. cf. **lanterna**.

farol$_2$ s.m. MT; MS; GO. cf. **sinaleiro**.

farolete s.m. MT; MS. cf. **lanterna**.

farto a. GO. cf. **cheio**.

fase menstrual s.f. GO. cf. **menstruação**.

fastiado (infastiadu; enfartiada) a. MT; MS; GO. cf. **cheio**.

fava s.f. [Chama «fava», é onde ele fica coberto por uma parte assim por dentro, né, então enquanto ele tá lá dentro que ainda não foi debulhado dá o nome de «fava». Fala assim: “a «fava» de feijão e tal, vamo debulhá” um feijão que ainda tá na «fava», qué dizê, inda tá dentro daquela, sempre eu me lembro que eles falava isso [MT106-3]] MT. cf. **vagem**.

fazer aborto v. [Agora, se eu falar: “ela «fez um aborto»” é porque ela tirô o nenê [GO123-6]] GO. cf. **abortar$_3$**.

fechadura s.f. MT. cf. **tramela**.

feder gambá v. Exalar involuntariamente odor malcheiroso de suor, especialmente sob os braços [É... como é que fala? «Fedendo gambá». É eles falam gambá, porque o gambá não fede? Então [MT104-4]] QSL109/ ALiB: Como se chama o mau cheiro embaixo dos braços? MT; GO. cf. **esquecer anão debaixo do sovaco; feder macaco**.

feder macaco v. [Ah, diz que fede, aí fala assim: "cêis vai tomá banho porque cêis tá «fedeno macaco»", eu falo assim: “óh, tá fedeno”, meu menino mesmo, meu filho mais velho ele tá ficano rapaizim então ele dá um cheirinho ruim, né, eu falo assim: “Nossa, cê tá fedeno, cê vai dá um jeito” [GO123-2]] GO. cf. **feder gambá**.

feitiçaria s.f. MT; MS; GO. cf. **macumba**.

feitiço s.m. [Todos os tempo, até nas escritura, todo tempo existiu o bom e o ruim, mais é uma, é uma mente firme, vamo supô, eu digo assim: “eu vô cunversá com fulana de tal, eu tenho que cunversá hoje com ela”. Se eu batê papo com ela e ela cunversá e saí fora, qué dizê que não teve «feitiço», se ela incutiu cunvesá aí o «feitiço» vai funcioná, aí o «feitiço» vai funcioná porque ela deu o lugá aí eu vô voltá ota veiz cunvesá com ela [MT103-3]] MT; MS; GO. cf. **macumba**.

felipe (felipada) s.f. [Supertição? Tem uma mulher aqui vendia banana, ia comprá banana na mão dela e “quanto que é uma dúzia de banana aí?” e “é tanto...”, aí contava dois, quatro, seis, oito, dez, quando chegava no «felipe» punha doze. Ela falava: “não, o «filipe» não conta não”, aí ela pegava outra banana e deixava aquela como... E acredita que eles acreditava no passado que se a pessoa pegasse um cacho de banana um «felipe» dava pobrema em nascimento de criança e às vezes uma criança poderia nascer assim gêmia, grudado o corpo humano no outro? [MT106-3]] MT; MS; GO. cf. **gêmea$_2$**.

figa s.f. MT; MS. cf. **amuleto$_2$**.

filho de criação (fi de criação) a. [É enteado, enteado é «fi de criação». Pode ser «filho de criação», é enteado meu [MT111-3].] MT; MS; GO. cf. **adotivo**.

filho último s.m. MT; MS. cf. **caçula**.

filhote$_1$ (fiote; filhotinho) s.m. MT; MS; GO. cf. **carneiro**.

fim da tarde (finzinho da tarde; fim do dia) s.m. [Ah, eis fala no «finzinho da tarde», porque às vezes o sol esconde, mai num tá noite assim, tá claro. Que agora que esse horário o sol esconde mai, mai antes, né? [MS116-2]] MT; MS; GO. cf. **entardecer$_2$**.

fim do rio (fim) s.m. MT. cf. **barra do rio**.

finado (finada) a. Quem é mencionado em uma conversa quando já faleceu. [Fala é: "«finadu» José faleceu", né? Alguma coisa. Quandu vai falá alguma coisa, "«finadu» José num sei o que", sempre coloca o «finado» primeru, né? [MT106-2]] QSL135/ALiB: Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela? MT; MS; GO. cf. **defunto; saudoso; falecido**.

final s.m. MT; GO. cf. **barra do rio**.

final da tarde (final do dia) s.m. MS; GO. cf. **entardecer$_2$**.

final de mês s.m. MT. cf. **menstruação**.

finca s.f. [Você fincava uma casinha de cá de lá, e ocê ia jogando a «finca» e fazendo o risco, né... chama brincar de «finca» [GO122-3]] GO. cf. **amarelinha**.

firmar (o tempo; afirmar) v. MT; MS; GO. cf. **limpar**.

flor (flor da banana; flô) s.f. [Inclusive os pessoal, tem gente que come isso aqui também. Corta bem fininho ele, lava bem lavadinho e passa numa gurdura quente tempera e come. Diz que é gostoso. Essa rocha iss'aqui, tem a «flô da banana» quelas solta iss'aqui qué pa dá as penca da banana, as palma [MT109-4]] MT; MS. cf. **umbigo**.

FM a. [«Efe eme» não pára de falar, né? [MS117-1]] MS. cf. **falador**.

foco s.m. MS. cf. **lanterna**.

foem (fuem; fuim; foengue) s.m. [É «foem», eles fala que é «foem»: "fulano é «foem» porque tá falando pelo nariz" [MT106-3]] MT; GO. cf. **fanhoso**.

fofoqueira$_1$ s.f. MT. cf. **mexerica**.

fofoqueiro (**fofoquero**) a. MT; MS; GO. cf. **falador**.

folgado a. GO. cf. **mau pagador**.

folha s.f. [É fechá a «folha» da janela [MS112-4]] MT; MS. cf. **veneziana**.

fominha a. MS. cf. **guloso**.

fonha (funha) s.f. MT. cf. **fanhoso**.

forquilha$_1$ (furquilha; furquia; furquinha) s.f. Armação de madeira em formato de triângulo que se coloca no pescoço de animais para não atravessarem a cerca das propriedades. [Aquilo é uma «furquia» porque não vai dá conta, porque sempre o arame é vinte centímetro da distância por otro. Quando ele é varadô de cerca, então ele põe a cabeça ali vai se ajeitano, ele passa o chife dele, então ele vaza po oto lado, porque depoi de passá a cabeça dele, porque o que atrapaia ele é a cabeça que tem o chife assim, né, depois dele ajeitá que passa aí o corpo vai embora qué liso, né, passa no arame. Então ali nói dá o nome de «furquia», põe a «furquia» pá ele não podê passa [MT103-3]] QSL054/ALiB: Como se chama a armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro/bezerro, carneiro, vaca), para não atravessarem a cerca? MT; MS; GO. cf. **cangalha$_1$; coalheira$_1$; canga$_1$; gancho$_1$; cambão$_1$**.

forquilha$_2$ a. GO. cf. **perna torta**.

foz s.f. MT; MS; GO. cf. **barra do rio**.

fraco das vistas a. MS; GO. cf. **míope**.

frivióca de água$_1$ (frivioca da água) s.f. [É «frivioca da água», fala: “óia aquela água, tá a «frivioca» dela é grande, né", e oto chama quéda, né, aqui a quéda é, dela é tchô... lá embaixo e as onda dela, né, aquela onda dela assim [MT103-3]] MT. cf. **onda$_1$**.

frivióca de água$_2$ s.f. MT. cf. **onda$_2$**.

fuligem s.f. GO. cf. **picumã**.

fumaça$_1$ s.f. [Ou o povo fala «fumaça» ou lubrina. É assim que o povo fala quando tá assim, aquela «fumaça» [GO118-4]] MT; GO. cf. **neblina$_3$**.

fumaça$_2$ s.f. [Ah, geralmente é... «Fumaça». É, gruda, dependendo da lenha que você usa ela gruda mais do que a outra [MT104-2]] MT; GO. cf. **picumã**.

fumo (fumo de rolo; fumo de corda) s.m. [É «fumo de rolo», a gente chamava né, é o próprio cigarro [GO120-1]] MT; MS; GO. cf. **cigarro de palha**.

funda (fundia) s.f. [Ah, os mais velho fala «funda», mais os mais novo já fala istilingue, daí… Mistura tudo, né? Eu falo: “para com a «funda» na mão, guri, joga essa «funda» fora” [MT110-4]] MT; MS; GO. cf. **estilingue**.

funil s.m. [Falamos um «funil», é. Não lembro no momento se tem oto nome, nóis falamos o «funil», né, porque vem água daqui, vem daqui até que aqui na bacia Amazônica tem, não sei, às vezes não sei 'cêis anda um monte pode até tá sabendo que tem um rio lá que ele puxa e qualqué um barco de treiz, quato tonelada, se caí ali na hora que ele tá fazendo aquilo você vê profundidade mais alto memo do… Muito mais alto que uma árvore dessa daí, então qualqué barco ele puxa, então aquilo é grandão assim faiz aquele ocão assim, então por isso que nóis chamamo «funil» [MT103-3]] MT; GO. cf. **redemoinho$_2$**.

furacão s.m. MT; MS. cf. **tempestade$_2$**.

furete s.m. MT. cf. **menino**.

futriqueira (futriquera) a. MS. cf. **falador**.

fuxiqueira$_1$ (fuxiquera) s.f. [A «fuxiquera» porque não tem como você escondê, se tu levar na bolsa já vai sentir o cheiro dela, entendeu? [MT104-4]] MT; GO. cf. **mexerica**.

fuxiqueira$_2$ (fuxiquera) a. MS; GO. cf. **falador**.

fuzilo s.m. MT. cf. **relâmpago$_2$**.

gafanhoto d'água s.m. GO. cf. **lava-bunda**.

gaieiro (gaeru; gaiero) s.m. [«Gaiêro», eles fala, tem gente que fala esse nome, né, que fala assim: “fulano tá parecendo que tá com «gaiêro»”. «Gaiêro» qué dizê mau cheiro debaixo do braço, sempre eles dão esse nome. Então os pais, os véio criou a gente assim num falá, diz que num era bom falá que aquilo era uma doença, uma coisa assim, mas num era bom falá isso, falá: “fulano tá com «gaiêro»”, mas eu nunca falei com ninguém não, e graças a Deus eu nunca tive esse pobrema, mas eu num falo não [MT106-3]] MT; MS; GO. cf. **cê-cê.**

galheiro a. MT. cf. **chifrudo**.

galinha s.f. MT; MS; GO. cf. **prostituta**.

galinha-d'angola (galinha di angola; galinha da angola; angola; galinha angola) s.f. Ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintas brancas. [Qu’eu sei, é... Num sei, que eu conheço é «galinha angola», né? Que tem aquelas pintinha branca. E canta "tô fraco, tô fraco, tô fraco" [MT108-3]] QSL067/ALiB: Como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas? MT; MS; GO. cf. **tô-fraco; guiné; capote; cocar; angolista**.

gambá$_1$ s.m. Animal semelhante a um gato, de cauda longa e quase totalmente nua, de pelagem cinza, preta ou avermelhada, que expele odor desagradável quando ameaçado. [O «gambá» é assim parecenu um gatinho, só que o biquim pra frente assim ó, rajadim, gosta de come ovo, come galinha. O «gambá» é maior, é rabudo, ele catinga bem menos [MT111-3]] QSL071/ALiB: Como se chama o bicho que solta cheiro ruim quando se sente ameaçado? MT; MS; GO. cf. **saruê; raposa; mucura; mixila.**

gambá$_2$ (gambazinho; gambazim) s.m. [É um «gambazinho», né? "Oh, seu «gambazim» tá forte, hein?" [GO120-3]] GO. cf. **cê-cê.**

gamela s.f. MS. cf. **bengala**.

ganado (esganando; esganado) a. MT; MS. cf. **guloso**.

gancho$_1$ s.m. MT; GO. cf. **forquilha**.

gancho$_2$ (ganchinho) s.m. MT. cf. **grampo**.

gangorra$_1$ (cancorra; gorrinha) s.f. Prancha retangular, comprida, apoiada somente no centro e que duas crianças, cada qual sentada numa de suas extremidades, impulsionam para o alto pela pressão dos pés no solo, de tal modo que, quando uma das extremidades toca o chão, a outra chega ao alto. QSL165/ ALiB: Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? MT; MS; GO. cf. **borrica; rasga-calça; pula-tábua; pula-pula$_1$; balanço$_1$.**

gangorra$_2$ s.f. [Aquela é «gangorra», eu já botei uma lá do lado daquelas árvores lá, tem a corrente lá, põe uma tabuinha lá, aquela lá é a «gangorra» [MT111-3]] MT; GO. cf. **balanço$_2$**.

ganhar (ganhar neném; ganhar o bebê; ganhar a criança; ganha nenê) v. Expelir o feto do útero. [«Ganhá nenê», quando bate dor. Ante uns seis mêis, antes já fala: "fulano, a minha mulher vai", mas sempre o marido que vai, né? A mulher tá barriguda que fala, né, ou tá grávida, como que seja, então a senhora vai partejá minha mulé. Então ela já fica sabeno, então quando chega nos dia de ter a criança já tá sabeno, deu dor então a gente já vai direto lá chamá ela já vem pra ajudá [MT107-3]] QSL124/ ALiB: Chama-se a parteira quando a mulher está para...? MT; MS; GO. cf. **estar no parto; criar; descansar; sentir dor; dar à luz; parir; ter.**

gargalo s.m. [«Gargalo». Tem a historinha que diz é o ossinho de Adão, que diz que o homem tem aquilo ali poque o Adão foi cumê e ele engoliu um ossinho e ficô preso [MT109-2]] MT. cf. **gogó**.

garganta do diabo s.f. [É, eles costuma falar que é «garganta do diabo», quem vai lá morre [MS114-2]] MS. cf. **redemoinho$_2$**.

garoa$_1$ (garoinha) s.f. Chuva fina e contínua. [Uma «garoinha» gostosa... ao invés de falar “uma «garoa» gostosa”, esse “gostosa” vai longe [MT108-7]] QSL018/ALiB: Como se chama uma chuva bem fininha? MT; MS; GO. Cf. **chuva boba; chuva mansa; chuvisqueiro; sereno$_1$; chuva de primavera; chuva de neve; chuva fina; chuvisco; chuva molhadeira; neblina$_1$; chuva de molhar bobo; chuva de molhar besta.**

garoa$_2$ s.f. [A «garoa» faz aquelas bolhinhas que é da noite, da, du... Da água que cai da noite i a du sereno é a mesma coisa [MT106-2]] MT. cf. **sereno$_2$;**

garoar (estar garoando) v. MT; GO. cf. **chuviscar**.

garota (garotinha) s.f. MT; MS; GO. cf. **menina**.

garota de programa s.f. MT; MS; GO. cf. **prostituta**.

garoto s.m MT; MS; GO. cf. **menino**.

garrão$_1$ (garrão do mocotó) s.m. MT. cf. **tornozelo**.

garrão$_2$ s.m. MS. cf. **calcanhar**.

garupa (garupeira) s.f. Quarto traseiro dos animais, fica após o lombo. [Os menino monta cavalo: "eu quero i na «garupa».... Eu quero i na «garupa»"... Ee pulava na «garupa»... Desse jeito [GO124-4]] QSL076/ ALiB: A parte larga atrás do lombo? MT; MS; GO. cf. **pandeiro; cadeira; quarto; quadril; polpa; traseira; bunda; anca$_2$; traseiro.**

gato-cego s.m. MS. cf. **cobra-cega**.

geleia s.f. Alimento preparado com frutas cozidas em açúcar e que, ao esfriar, toma consistência gelatinosa e pode ser passado no pão, no biscoito. [É, «geléia», mas geralmente a gente não come assim, só come mantega, 'tendeu? [MT110-1]] QSL177/ALiB: Como se chama a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito? MT; MS; GO. cf**. polpa de fruta; creme; doce; chimia**.

gêmea$_1$ (gemi; gêmeas) s.f. Banana que nasce grudada a outra. [Quando nóis era novo a mãe memo dexava, é sempe era um homem e uma muié, era um homem e uma muié, dizia assim: "se a mulhé comê essa banana «gemi» o dia que ela vai tê os bebê vai tê de dois" [MT103-3]] QSL043/ALiB: Como se chamam duas bananas que nascem grudadas? MT; MS; GO. Cf. **melis$_1$; felipe; emendada**.

gêmea$_2$ (gêmius; gemi) s.f. Cada uma das crianças que nasceu no mesmo parto. QSL125/ALiB: Como se chamam duas crianças que nascem no mesmo parto? MT; MS; GO. cf. **mabaça; melis$_2$**.

gente morta s.f. MT. cf. **assombração**.

genu valgo (genuval) a. [Que a gente fala que é «genuvaldo» ou genuvaro, depende do... Do jeito que tá a perna. Pra dentro é «genuval» [MS115-6].] MS. cf. **perna torta**.

genu varo (genuvaro) a. [Que a gente fala que é genuvaldo ou «genuvaro», depende do... Do jeito que tá a perna. Pra fora é «genuvaro» [MS115-6].] MS. cf. **perna torta**.

gira s.f. MT. cf. **rotatória**.

girassol (girassor) s.m. Flor de grande porte e ornamental, amarela, redonda, com um círculo de sementes em seu centro. [A gente vê muitos nos jardins... É, tem, às vezes tem lavoura de «girassol», né, pra te fazer o óleo de «girassol». Ali pra Rio Verde tem bastante, é lindo, nossa... É lindo demais [GO123-4]] QSL048/ALiB: Como se chama a flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio? MT; MS; GO. cf. **mirassol**.

giratória s.f. MT; GO. cf. **rotatória**.

gliglório s.m. GO. cf. **gogó**.

gogó (gogó de ema) s.m. Parte do pescoço que é mais marcada, alta, nos homens. QSL105/ALiB: Como se chama esta parte alta do pescoço do homem? MT; MS; GO. cf. **pomo de Adão; gargalo; gliglório; papo; nó; maçã de Adão.**

gongo s.m. [Meio enrugadinho… É «gongo». Aqueles que dá no côco, que já comi uma veiz. Aqueles côco de babaçu, você já viu? Lá na, lá na aldeia dos Cinta Larga, quando eles me chamavam pra í pra lá tinha muito. Pegava pá pescá, né, pegá tucunaré, aí um dia eu vi eles cumeno aquilo lá, aí num tinha pegado nada e numa broca infernal falei: "eu vô cumê isso daí", não quis sabê não, e é bom aquilo lá, não é ruim não, só que dá nojo aquele negocinho mexendo. Ave Maria, aqueis índio eles tem, eu falava aqui na rua: "'cêis tem muita coragem", mai depois quando a fome

aperta memo, né, não teve boca não tive que partí pr'aquilo lá [MT103-1]] MT. cf. **coró$_2$**.

gongolô$_1$ (conguró; gongolô; gongoró) s.m. MS; GO. cf. **coró$_1$**.

gongolô$_2$ (conguró; gongoró) s.m. MT; MS; GO. cf. **coró$_2$**.

gralha (língua de gralha; graia) a. [Porque «graia», uma gritaria que Deus me livre [MT107-3]] MT; MS. cf. **falador**.

grampo (grampinha) s.m. Gancho de metal recurvado com que se prende o cabelo. [É eles fala mais é prisilha, mas o nome é «grampo», que vem na caxinha escrito «grampo». Mai fala prisilha [MT109-2]] QSL192/ALiB: Como se chama um objeto fino de metal, para prender o cabelo? MT; MS; GO. cf**. prendedor; gancho$_2$; tique-taque; ramona; presilha; invisível**.

granizo s.m. MT. cf. **cisco**.

grota s.f. [«Grota» é um corguim piquenim, que às vezes nos tempo das água corre direto, no tempo da seca ele seca [MT111-4]] MT; GO. cf. **córrego**.

guimba (quinula; quimba) s.m. [Fuma até fica pequenin' assim e joga o resto fora, joga o «quimba» fora [GO123-3]] MT; GO. cf. **bituca**.

guiné s.f. GO. cf. **galinha-d'angola**.

guloso (gulosa; golosu) a. Quem normalmente come em demasia. QSL184/ALiB: Como se chama uma pessoa que normalmente come demais? MT; MS; GO. cf. **fominha; passa-fome; exagerado; olho grande; surrão$_2$; apetitoso; faminto; esgulepado; danado; sameado; comilão; esgalamido; barriga quebrada; morto de fome; ganado; larido; esfomeado**.

guri (gurizote) s.m. [Parece que tem uns «guri» amolando ali, né, mas a gente quase num fala «guri», eu falo mesmo é os menino, né? Aí quando eles tão fazendo arte não, os «guri» aí (risos) [MT111-4]] MT; MS; GO. cf. **menino**.

guria (gureia) s.f. [Agora pá «guria», pá menina que fala «guria», 'tendeu? [MT110-1]] MT; MS; GO. cf. **menina**.

happy hour s.f. [«Happy hour», né, que se usa hoje, que é um termo inglês, mas... eu particularmente uso muito «happy hour» né, quando se refere a um termo das seis às oito né, que seria nesse horário [GO123-5]] GO. cf. **boca da noite**.

helicóptero (helicóptero voador; helicópto) s.m. [Eles punhava nome de avi... «Helicópto». Põe o nome naquele bichinho. Parece um helicopterozinho piquinininho [MS117-2].] MT; MS; GO. cf. **lava-bunda**.

homônimo s.m. GO. cf. **xará**.

hora das ave-marias s.f. [Aqui a gente chama, quando tá escurecendo, aqui eu lembro, falava, chamava tá na «hora da ave-maria», aquele ditado de povo religioso e tudo, aí eles têm até uma rezinha eu acho, essa hora, não sei se, acho que tinha, chamava esse nome, minha mãe mesmo falava [GO119-3]] MS; GO. cf. **entardecer$_2$**.

idade crítica s.f. MT. cf. **menopausa**.

inadimplente a. GO. cf. **mau pagador**.

indigesto a. MS. cf. **cheio**.

inimigo s.m. [É, fala assim: "Tá o «inimigo»", né? É, porque até na Bíblia geralmente tem umas parte que fala que assim: "ah, o «inimigo»", né, tem também essa parte [GO123-2]] MS; GO. cf. **diabo**.

interruptor (terruptor) s.m. Dispositivo pelo qual se interrompe (de forma reversível) a passagem de um sinal em um circuito elétrico ou eletrônico, acendendo ou apagando uma lâmpada, por exemplo. QSL175/ ALiB: Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada? MT; MS; GO. cf. **acendedor; ligador; botão; tomada; apagador**.

invernar v. Chuver forte e durante muito tempo. [«Invernô»: "tá invernado o dia todo hoje, num deu tempo nem de nóis saí". É só chovê, nói fala «invernô» o dia todo hoje, né? [MT109-3]] QSL014/ALiB: Como se chama uma chuva forte e contínua? MT; MS; GO.

inverneira de chuva (invernera de chuva) s.f. MT. cf. **inverno**.

inverno (chuva de inverno) s.m. Chuva forte e contínua. [Aqui se passou três dias chuvendo já fala que é «inverno» já [GO119-1]] QSL014/ALiB: Como se chama uma chuva forte e contínua? MT; GO. cf. **chuva forte$_3$; chuva; chuva demorada; tempestade$_3$; chuva alargada; aguaceiro; chuva temporona$_2$; chuva grossa$_2$; chuva pesada$_3$; chuvarada; inverneira de chuva; toró$_2$; chuva longa; temporal$_3$; chuva insistente; chuva de caju$_2$; enxurrada$_2$; chuva grande$_2$.**

invisível (invisivi) s.m. [Eu conhecia como «invisívi», mas aí co, convivendo com os pessoal de fora chamam de ramona [MT108-8]] MT; MS. cf. **grampo**.

ir embora (o tempo) v. MT; MS; GO. cf. **entrar**.

irmão s.m. MT; MS. cf. **irmão de leite**.

irmão de leite (irmão de leite materno; irmão por parte de leite; irmã de leite) s.m. Cada um dos indivíduos que, não sendo irmãos, foi alimentado com o leite da mesma mulher. [Aqui é «irmã de leite», eu já vi tive uma aluna que já... São irmã. Eh, mas seu pai... “Eu sô «irmã de leite» porque... A minha mãe amamentou ela, nós dua fomo amamentada pala mehma pessoa, somo «irmã de leite»” [MT108-5]] QSL129/ ALiB: O próprio filho da mãe de leite e a criança que ela amamenta são o que um do outro? MT; MS; GO. cf. **primo-irmão; irmão de peito; mano; irmão**.

irmão de peito s.m. MS. cf. **irmão de leite**.

irresponsável a. GO. cf. **mau pagador**.

isqueiro (esqueru; isquero) s.m. Objeto munido de uma torcida embebida de gasolina, ou de um reservatório de gás que, inflamando-se, serve para acender cigarros e para outros fins. [Antigamente tinha um «isquero» com um pedaço de gloza, lá no sítio usava muito, era... Era um... Um... Chifre, um pedaço de chifre de boi cheio de argodão. Daí ele boatava a gloza, uma... A gloza aqui no... Assim perto do, do chifre, encostado assim do chifre, assim chifre assim cheio de argodão. Daí entom ele encostava aqui assim, aí vinha com a pedra e assim, aí fazia aquele fagulho aí no no... Argodão, aí assoprava e acendia o cigarro (riso). Aqui usava muito [MT108-3]] QSL173/ALiB: Para acender um cigarro, se usa fósforo ou...? MT; MS; GO. cf. **bozó; binga**.

jacá s.m. [De taboca, bambu, mais é taboca mesmo. «Jacá» pá pegá milho em roça assim pro cê colhê, por exemplo, cacau, frutas assim na televisão, na televisão você vê eles fazendo a colheita da maçã, das coisa, assim eles sempre tem um trenzão daquele do lado [MT106-4]] MT; MS; GO. cf. **balaio**.

jagunço s.m. [Também o pessoal fala de «jagunço». Muitos «jagunço» de Arcanjo, lembra de Arcanjo? Não? Foi um nome, caiu na imprensa nacional. Ele matava, ele era agiota, né? Matava a Deus-dará aqui, quem não pagava ele matava. E ele era um dos mais rico do Mato Grosso, ele foi, né? E tinha influência na política, recebeu oh ah...Homenagem é... De comendadô de honra [MT108-5]] MT; MS; GO. cf. **pistoleiro**.

jaratataca (jaracataca) s.f. Animal semelhante a um rato, de cauda muito peluda e branca, de pelagem preta, com uma faixa branca nas costas dividida ao meio por uma linha preta. Possui uma glândula anal que segrega e faz projetar, como defesa, um líquido fétido, irritante e nauseante. [«Jaratataca» é tipo de um coelhinho assim, mais ou menos. Tem um raposo, tem um mai preto, tem um branco, se você pega ele ele solta um olhim alí mais ninguém guenta a catinga dele. Ele catinga o dobro do gambá, o dobro do gambá. Raposo é assim cor, da cor dessa desse trem… Marrom claro [MT111-3]] QSL071/ ALiB: Como se chama o bicho que solta cheiro ruim quando se sente ameaçado? MT; MS; GO.

joão-bobo s.m. [Nói chama «juão-bobo» ou juão-mago [MT103-3]] MT. cf. **lava-bunda**.

joão-de-barro (juão-di-barru) s.m. Ave de peito cuja cor varia do vermelho ao branco e de corpo cor de canela, que faz o ninho de barro em formato de forno. [O «joão-de-barro» é um que faz uma casa de barro, cê já viu? No gaio da árvore e tem porta, tem tudo, diz que tem quarto [MT106-4]] QSL066/ALiB: Como se chama a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa? MT; MS; GO. cf. **pedreiro da floresta; amassa-barro; joão-malvado**.

joão-mago s.m. [É ele, ele fica jogando a água na cara dele assim, dá onde tem água, ele fica andano, né, ele é igual um helicópi, né, ele fica jogando a água no peito dele, jogando água. Ele gosta de ficá o dia intero naquilo. Nói chama juão-bobo ou «juão-mago» [MT103-3]] MT. cf. **lava-bunda**.

joão-malvado s.m. [«João-malvado». Primeiro que ele é muito ciumento, né, segundo que ele tranca ela dentro da casa se ele vê ela numa árvore com qualquer outro pássaro, ele já sai batendo nela até colocar ela dentro de casa. Eu já vi, a gente já pegou lá na fazenda uma casinha com ela, só os ossos dela dentro, ele coloca ela aqui dentro, porque são duas parte, como se fosse uma área e um paxim, né, então ele coloca ela pra dentro, ele carrega barro até fechar aquilo ali tudo, mas ela não foge, ela fica lá esperando ele trancar ela, mas é burra, né (risos)? [MT104-2]] MT. cf. **joão-de-barro**.

jogar fora (a cria$_2$) v. MT. cf. **perder$_3$**.

jogar para fora v. MS. cf. **vomitar**.

judeu s.m. [É porque a gente num tem o entendimento, principalmente a gente criou aqui, é esse pronúncia que fazia, né? Mas hoje em dia tem gente que já sabe conhecimento do significado de «judeu», a gente já sabe que é diferente [MT107-4]] MT. cf. **diabo**.

jugo (juvo) s.m. [É assim, a língua que a gente conhecia falá assim, falava vai botá é «juvo» ou cambão, porque os dois é o memo nome, porque botava no pescoço dos doi boi, né, pra puxá, os dois boi e madera. É «juvu» ou cambão porque hoje em dia quase num usa, né, mas aqui a tradição, a língua da negro escravo, falava cambão ou «juvu» [MT107-4]] MT. cf. **canga$_3$**.

junta do pé (junta) s.f. MT; MS; GO. cf. **tornozelo**.

juntora (juntura) a. [«Juntora» é duas perna que anda assim, né, anda assim meio junto ca outra [MT105-2].] MT. cf. **perna torta**.

lagarta (largata) s.f. MT; GO. cf. **coró$_2$**.

lagoa s.f. MT. cf. **córrego**.

lambe-lambe s.m. [Ele vai batendo toda hora na água, conheço ele como «lambe-lambe», né? [MT105-1]] MT. cf. **lava-bunda**.

lambe-olho (lambe-oio) s.m. [Aquele que tem no mato? Nói chama pra ele «lambe-oio», né, tem muito na roça quando a gente tava trabaiano na roça, tinha muita aquele que caia no zóia da gente. Arde, né, então o «lambe-oio» [MT103-3]] MT. cf. **cisco**.

lamparina s.f. Utensílio portátil usado para iluminar, podendo ser elétrico ou a combustível. [Tem a «lamparina», que usava muito antigamente, ou vela né, só, mas tendo a lanterna é a lanterna ou a «lamparina», que era outra coisa que o pessoal fazia de lata [MT104-2]] QSL174/ALiB: Como se chama aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim? MT; GO. cf. **candeia; lampião**.

lampião s.m. GO. cf. **lamparina**.

lançar fora (tá lançando; lançá fora) v. [Porque de primero nói não falava essa palavra que nóis falamo hoje, provocá, porque realmente isso na sabedoria de hoje fala provocá, só que na língua nossa de premero nói chamava é «lançá fora», né: “oia, esse menino tá muito lançamentão”, então tava provocando, né, então lançando [MT103-3]] MT; GO. cf. **vomitar**.

lanche (lanche da manhã) s.m. [É engraçado, umas criança um dia falou assim: "ah, eu num gostei de ficá na casa da tia não, lá num toma café da manhã, só café cum bolo" (risos). Diz que num tomava «lanche», num tinha, só «lanche», num tem café da manhã. Eu falei: "ah, então num sei que jeito que é café da manhã" [MT111-4]] MT; GO. cf. **café da manhã**.

lanterna s.f. Aparelho para iluminar, portátil, que consiste de pilhas e uma pequena lâmpada elétrica encerradas, em geral, em cilindro de metal ou plástico. [De premero era «lanterna», hoje já a turma fala o farol, né? [MS114-3]] QSL174/ALiB: Como se chama aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim? MT; MS; GO. cf. **bico; foco; farol$_1$; cilibrim; farolete.**

lapinha s.f. [Poque faiz assim, é, na véspera assim, que é o mêis de dezembro, o pessoal faiz aquela «lapinha», que ponha aquele mon’de imagem, põe santo, aqueles carnerinhos, aquelas coisa assim... Desde que eu me entendo por gente eu conheço por nome de «lapinha» [MT109-4]] MT; GO. cf. **presépio**.

larido a. [O «larido» é aquela pessoa que come, come, come, come e às vezes uma coisa você tá comigo aqui, eu recebo uma coisa de comê, alguém chega e põe uma coisa aqui de comê pra nóis duas... E eu passo a mão e como tudo sozinha, num deixo pra você que pra mim nada chega, né? [MT106-4]] MT; MS. cf. **guloso**.

larva (larva de pau podre) s.f. MT; GO. cf. **coró$_2$**.

latinha s.f. GO. cf. **pique$_4$**.

lava-bunda s.m. Inseto de abdome longo e estreito, dotado de quatro asas alongadas e transparentes. [Chama ele de «lava-bunda», que eles só chegam e bate a bunda assim só. Mas cada descida dele é... É não sei quantos ovos lá [MT109-1]] QSL085/ALiB: Como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água? MT; MS; GO. cf. **pito$_1$; peixe seco; alapeia; louva-Deus; cigarra; papa-mosquito; gafanhoto d'água; cavalo do capeta; cavalo do diabo; lava-olho; bate-bunda; canzilo; helicóptero; cambito; lambe-lambe; avó de peixe; joão-mago; joão-bobo; libélula; olho de peixe; assa-peixe; mosquito d'água; mãe de peixe; cachimbo; cigana**.

lava-olho s.m. MS. cf. **lava-bunda**.

lençol de estrela s.m. MT. cf. **caminho de santiago**.

lento a. GO. cf. **burro**.

lerdo a. MT; GO. cf. **burro**.

levantar v. [É, fala estiage, né, mas pra aquela pessoa que tem mena cultura fala vai «levantá» o tempo [MT107-4]] MT; MS. cf. **limpar**.

libélula s.f. [É «libélula» o nome dela, né, mas o pessoal chama de lava-bunda [GO123-7]] MT; GO. cf. **lava-bunda**.

ligador s.m. GO. cf. **interruptor**.

limpar (alimpar) v. Findar-se o tempo de chuva e se iniciar o bilho do sol. QSL016/ ALiB: Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer? MT; MS; GO. cf. **firmar; esquentar; levantar; azular; secar; abrir$_2$; abrir$_1$; melhorar; estiar; clarear$_1$; mudar$_1$.**

língua de trapo a. MS. cf. **falador**.

língua quente a. GO. cf. **falador**.

linguarudo (linguaruda) a. [Fala que é «linguarudu», fala: "êh, mais pessoa «linguarudo»", que fala demais. Qué dizê a língua é grande, fala, fala muito e tem otos que a gente fala assim, qué dizê que tem pessoas que fala muito, cunversa muito mais é coisa alinhado, né, por isso que muda a cunversa e cunversa muito mais. É uma cunvésa alinhado que é de aproveitamento, e tem otas pessoa que cunvésa muito mais é tudo é qué dizê é brincadera, é aresia, então a gente fala que é «linguarudo» [MT103-3]] MT; MS; GO. cf. **falador**.

lobisomem (lobisome) s.m. [Dizem, dizem... Aqui em Corumbá não, quando eu era menina, falava que tinha «lubisome», tinha o senhor... Ai, me falha a memória agora o nome dele, fala "fulano vira «lubisome»", tinha uma mulher... A dona... Ah, esqueci o nome dela, "dona fulana lá vira porca... porca-espinho", sabe? Tinha aquele negócio né, viu sombração, tinha tudo esses negócio, tem o pessoal que ficava com medo, tem lugar que não passa, gente, ali... Ali tal hora tem «lubisome», ali tal hora, tem sombração [MS113-4]] MT; MS; GO. cf. **assombração**.

lombada (lombrada) s.f. MT; MS; GO. cf. **quebra-mola**.

lombo s.m. Parte da coluna dos animais em que se apoia a sela. QSL075/ALiB: Como se chama a parte do cavalo onde vai a cela? MT; MS; GO. cf. **coluna; espinha$_1$; dorso; espinhaço; costa; corcunda$_1$; anca$_1$.**

lote s.m. [Aqui fala mais «lote», isso, «lote», às vezes, um ou outro fala terreno, mas o popular mesmo é «lote» [MT104-2]] MT; MS; GO. cf. **terreno**.

louro (loro) s.m. [Quando a pessoa fala do próprio papagaio, fala o «loro». Se eu tivesse, suponhamos que eu, que eu tivesse um papagaio, aí eu podia chamá ele de «loro» [GO123-6]] MT; MS; GO. cf. **papagaio$_4$**.

louva-Deus (lava-Deus) s.m. [Eu trato de «lava-Deus». É o que bate na água, é comprido com quatro asas, nós trata de «lava-Deus» [GO126-3]] MT; GO. cf. **lava-bunda**.

lúcifer s.m. MT; MS; GO. cf. **diabo**.

luminoso s.m. GO. cf. **sinaleiro**.

lusco-fusco$_1$ s.m. MT. cf. **barra do dia**.

lusco-fusco$_2$ s.m. [«Luscu-fusco», que não é nem noite nem dia, tá intermediário, né? [GO123-7]] GO. cf. **boca da noite**.

mabaça s.m. [Tem um tipo de gêmeos que dá o nome de «mabaças», eu num sei porque o cordão umbilical é um só... A placenta é uma. Ah, é, acho que a placenta é uma só, aí eles são «mabaços», sabe? Gêmeos é duas pracenta, só vem, eles vêm junto, um nasce, o outro nasce, mas vem cada um com sua placenta [MT106-4]] MT. cf. **gêmea$_2$**.

maçã (maçã do joelho) s.f. MT. cf. **rótula$_2$**.

maçã de Adão s.f. [«Maçã de Adão». É, fala que Adão comeu uma maçã e ficô intalado. Parô e num desceu não. 'Cê pode repará, parece uma maçã memo [MT109-1]] MT. cf. **gogó**.

macaca (macacão) s.f. [«Macaca». Ela é um risco assim, faiz um quadro, faiz uns quadrinho. Aí eles têm uma pedra e joga lá na cabicera, né, aí chega aqui, ele pula com os dois pé. Aí depois ele tem que ir pulano daqui até lá onde tá aquela pedra lá só com um pé e vai té chegá no lugá que ela deve chegá. Aí ele discansa, vira pra trais e torna jogá até ela compretar tudo, aí ela compretano, chegano lá, ele ganha, agora se ele não chegá o otro ganha os ponto e ele perde [MT107-3]] MT; GO. cf. **amarelinha**.

macaxeira (macaxera) s.f. MT; MS. cf. **mandioca$_2$**.

macumba (macumbaria) s.f. Oferenda depositada em lugares determinados para fazer mal a alguém. [«Macumba». Eu já vi já isso daí: ponhava chocolate, cerveja, vela preta, vermelha, passava eu e a mulecada lá chutava era aqui tudo lá, tacava fogo... [MT103-1]] QSL149/ALiB: Como se chama o que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? MT; MS; GO. cf. **bruxaria; patifaria; saravá; congá; malfeito; mandraca; amalá; cilada; despacho; trabalho; feitiço; feitiçaria; descarrego; mandinga**.

madalena s.f. [Muito difícil, mas quando fala «Madalena» assim você já tá ligado e é aquilo que ele quis dizer, prostituta pra não falar muito feio. É, pra ser mais delicado [MT108-2]] MT. cf. **prostituta**.

madrasta s.f. Mulher em relação aos filhos de casamentos anteriores do homem com quem se casa. [É padrasto que fala, se a uma mulher pega uma criança é «madrasta» [MS116-3]] QSL134/ALiB: Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele tinha? MT; MS; GO. cf. **mãe adotiva; mãe de criação; mãe; segunda mãe$_2$**.

mãe s.f. MT. cf. **madrasta**.

mãe adotiva s.f. MT; GO. cf. **madrasta**.

mãe de criação s.f. GO. cf. **madrasta**.

mãe de leite (mãe do leite; mamãe de leite) s.f. Mulher que amamenta criança que não é dela. [Fala qué «mãe de leiti». Porque minha mãe ela é... Deu mamá pun pimu meu. Ela qui amamentô ele, até os dois anos [MT106-2]] QSL128/ALiB: Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher? MT; MS; GO. cf. **segunda mãe$_1$; amamentadeira; ama de leite; mãe de peito; mãe preta; mãezinha; mama$_3$.**

mãe de ouro (mãe do ouro) s.f. [Num sei, mas tem muito que fala estrela «mãe do ouro». Aquela que cai, que cê tá falano que fica um risco [MS114-1]] MS; GO. cf. **estrela cadente**.

mãe de parto s.f. MT. cf. **parteira**.

mãe de peito s.f. MT; MS. cf. **mãe de leite**.

mãe de peixe (mãe de pexe) s.f. [«Mãe de pexe», esse que eu conheço como «mãe de peixe». Porque ele é, é... Acompanha, quando o... Sobe cardume, é que agora nem tá mais acontecendo mais, isso já tá acabando, né? Mas antigamente, até uns anos atrás, sobe aquela, aquela cordume, ele dá muito no lugar de pantanal, né? Aí entom ele sobe ...Vem acompanhando o rio, o... Mas é bastante mesmo, nuvem desse, desse, desse inseto, né? Aí os peixe vem acompanhando ele pra pra... Comer porque o que cai na água eles vão comendo, por isso que ele sobe rio acima acompanhando esse inseto, né, porque ele sobe muito em quantidade, né? [MT108-3]] MT. cf. **lava-bunda**.

mãe de santo s.f. [Custuma benzê as pessoas, dizê qui elas estaum cum... Alguém feiz alguma uma macumba prá elas, alguma coisa assim. É issu, «mâim di santu» [MT111-2]] MT. cf. **benzedeiro**.

mãe preta s.f. [Usa mais mãe de leite, mas tem região que fala «mãe preta». Por causa das escravas, deve ser, que naquela época as escrava amamentava os filhos... [GO121-3]] GO. cf. **mãe de leite**.

mãedueira s.f. [A muda é a «mãeduera», é estrela que mudou, sai aqueles fogo, espécie de fogo, né? [MS113-3].] MS. cf. **estrela cadente**.

mãezinha (mãe) s.f. [Óia, pela, pelos filho de antigamente, tratavam «mãezinha», né, purque a, a, o minino que... Que mamô, aí tratava ela de «mãezinha» purque a mãe não tinha o leite, aí ela deu o peito dela, pra ela, pra ela alimentá [MT110-3]] MT. cf. **mãe de leite**.

mal de olho (mar de olho) s.m. MT. cf. **conjuntivite**.

mal de visão a. GO. cf. **míope**.

mala s.f. GO. cf. **bruaca**.

malandro a. MS. cf. **mau pagador**.

maléolo s.m. [É, us dois «maléulo»! Medial e «maléulo» lateral. Esse ossinho aqui! [MS115-6].] MS. cf. **tornozelo**.

malfeito s.m. GO. cf. **macumba**.

maligno s.m. GO. cf. **diabo**.

malvada s.f. GO. cf. **pinga**.

mama$_1$ s.f. [É «mama»... Quando ela tá com o peito cheio eles fala que tá... Tem qualquer problema fala que tá com a «mama» dura, porque tem vaca de todo tipo, né. Tem as «mama» fácil de tirar o leite e tem ela mais dura, né? [GO121-4]] MT; MS; GO. cf. **peito$_2$**.

mama$_2$ (maminha) s.f. MT; MS; GO. cf. **seio$_2$**.

mama$_3$ s.f. MT. cf. **mãe de leite**.

manco$_1$ (mancota) a. Que possui membro defeituoso ou inutilizado, que caminha firmando o passo mais de um lado que de outro, no caso de animais. QSL082/ALiB: Como se chama o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna? MT; MS; GO. cf. **manqueba$_1$; aleijado$_1$; troncho; náfego$_1$; coxo$_1$; rengo$_1$; deficiente$_1$; coxé$_1$; rimo; cambota$_1$.**

manco$_2$ a. MT; MS. cf. **aleijado$_2$**.

manco$_3$ (manca; mancu duma perna) a. Quem caminha firmando o passo mais de um lado que de outro. QSL115/ALiB: Como se chama a pessoa que puxa de uma perna? MT; MS; GO. cf. **zambeta; deficiente$_4$; coxé$_2$; deixa que eu chuto; rengo$_2$; coxo$_3$; trongo; aleijado$_3$; manquetola; caxinga; manquebo.**

mandinga s.f. MT; MS. cf. **macumba**.

mandioca$_1$ s.f. Raiz rica em amido e de largo emprego na alimentação. [Tem, porque sempe realmente a «mandioca» que nós comemos que hoje a gente faiz churrasco e come, ela é mansa, e a mandioca de fazê farinha sempe ela é braba, se uma vaca comê é só não bicho do mato, pode comê não tem nada, mais os bicho que é manso se comê mata, né, é comê, mata na hora, ela é braba [MT103-3]] QSL050/ALiB: Como se chama aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer? MT; MS; GO. Cf. **macaxeira.**

mandioca$_2$ (mandioca velha) s.f. [Eu já vi os cara, eles colhe a, a «mandioca», né? Põe tudo den'do rio pra amolecê, aí tem a... Aquela, aquele fornão grandão, aí eles vai jogando tudo, dislui ela tudinho e vai jogano e, e põe o fogo de baxo e vai esquentano até... Até ela virá aquele carocinho dela, chama farinha d'água, espera

é... Tipo apodrecê a «mandioca e sei que é um, um rolo doido, um negócio difícil de fazê. Num sei cum'é que esse tipo de pessoa, se a pessoa fai, o meu vô… Que é o pais da minhas tia, tá... Ele faiz daí, ele é, ele é um do… Acho que ele é o maior empregadô memo de farinha daqui, dessas farinha [MT103-1]] MT; MS; GO. cf. **mandioca brava**.

mandioca amarga s.f. GO. cf. **mandioca brava**.

mandioca brava (mandioca brabo; mandioca braba) s.f. Espécie de mandioca geralmente mais venenosa, frequentemente usada apenas para a produção de farinha e de ração animal. [«Mandioca braba» ela é branca, é diferente, diz que tem umas roxa né, umas amarelinha. As marelinha dá uns pézinho baxo, piqueno, agora já as roxa dá um pé mais alto, e a branca tamém dá uns pé baxo. Porque ninguém come, num tem... Mais só pra fazê farinha, a farinha dela é boa [MT106-1]] QSL051/ALiB: Como se chama uma raiz parecida com a mandioca que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)? MT; MS; GO. cf. **mandioca amarga; mandioca de bugre; mata-rato; marruquinha; mata-fome; mandioca cacau; mandioca$_2$; mandioca perdiz; canoa; mandioca paraguaia.**

mandioca cacau s.f. MT. cf. **mandioca brava**.

mandioca de bugre s.f. MS. cf. **mandioca brava**.

mandioca paraguaia s.f. MS. cf. **mandioca brava**.

mandioca perdiz s.f. [Nóis trata aqui da «mandioca perdiz», né, que a gente não come, só memo pa fazê farinha, «mandioca perdiz». É porque ela dá folhinha fina, folhinha fina e cumprida. Sinhora cunzinha ela pra comê ela amarga, sinhora comê ela dá dor de barriga, é só pra fazê farinha mesmo [MT107-3]] MT. cf. **mandioca brava**.

mandraca s.f. GO. cf. **macumba**.

mandruvá s.m. GO. cf. **coró$_2$**.

mangará s.m [«Mangará», tem gente que fala que isso aí faz bem pra quem tá gripado, faz chá com isso, mas eu nunca fiz não, não sei [GO125-4]] MT; GO. cf. **umbigo**.

manguaça s.f. [Os outros falam assim: “Fulanu tá bêbadu. Tomô uma «manguaça»”. É comum dizê «manguaça» [MT111-2]] MT. cf. **pinga**.

manhã (de manhã; manhãzinha) s.f. MT; MS; GO. cf. **amanhecer$_2$**.

mano s.m. MT. cf. **irmão de leite**.

manqueba$_1$ a. [É, fala aquele animal lá, aquele boi, aquela vaca tá «manqueba», né, tá mancano [MS114-4]] MT; MS; GO. cf. **manco$_1$**.

manqueba$_2$ a. GO. cf. **aleijado$_3$**.

manquebo (manqueba$_3$) a. MT; GO. cf. **manco$_3$**.

manquetola a. MT; GO. cf. **manco$_3$**.

mão$_1$ (mão do carrinho) s.f. MT; GO. cf. **braço**.

mão$_2$ (mão dianteira) s.f. Pata dianteira do cavalo. [A gente fala é a «mão» do cavalo [MS112-4]] QSL072/ ALiB: Como se chamam as patas dianteiras do cavalo? MT; MS; GO. cf. **pata; dianteira; pata da frente.**

mão de égua a. [Tem um que é o pior que todos, o «mão de égua», que não tem um buraquinho pra saí nada [GO123-7]] GO. cf. **mão de vaca**.

mão de vaca (pata de vaca) a. Quem evita ao máximo gastar dinheiro. [Mais antigamente falava «mão de vaca» [MS115-8]] QSL138/ALiB: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

MT; MS; GO. cf. **muxiba; mesquinho; caxias; canguinhas; avarento; muquirana; ridico; unha de fome; mão mirrada; murrinha; amarrado; mão de égua; pão-duro; mão fechada; seguro; sovina; mão segura; vil; cainha; miserável; econômico; munheca.**

mão fechada a. [Eles fala «mão fechada», né? Aqueles «mão fechada» que não gasta mesmo [GO124-4]] MT; MS; GO. cf. **mão de vaca**.

mão mirrada a. GO. cf. **mão de vaca**.

mão segura a. MT. cf. **mão de vaca**.

maracanã s.f. GO. cf. **papagaio$_4$**.

maranhão s.m. [O «maranhão» é grandão e não tem rabo, só desenhado de papel mesmo e as vareta [MS114-1]] MS. cf. **pipa$_2$**.

maré$_1$ s.f. [É, no meu modo de pensar aqui pra nóis aqui é a «maré», né… Levanta, cai lá diante, né? Eu acho que é, num sei eu nunca fui no mar, mas eu penso que é, né? [MS114-3]] MT; MS; GO. cf. **onda$_1$**.

maré$_2$ s.f. [Quando venta a água zanga, né, então fica aquela «maré», fica arta, né? [MS113-3]] MT; MS; GO. cf. **onda$_2$**.

maré$_3$ s.m. [Não, o «maré» que eles falava. Nóis fazia os, fazia os quadradinhos aqui... Aí agora, um joga um de cá, marcava e jogava pra ele acertar, se desse de cá, aí você ia pulando aqui até... Chegava aqui só com uma perna, pegava a pedra, pulava pro lado também e vinha de volta, se errar ou pisar na risca, aí você já sai e vai o outro [GO118-3]] GO. cf. **amarelinha**.

maria cambota (mariscambota) s.f. GO. cf. **cambalhota**.

maritaca$_1$ s.f. [Que a «maritaca» ela num... Ela num fala direito igual o papagaio né? E o papagaio é maior, a «maritaca» é... ela é menor. Ela fala, mas num é compreta igual o... o papagaio [GO123-1]] GO. cf. **papagaio$_4$**.

maritaca$_2$ a. [Ah... Porque fala demais... «Maritaca» quando chega no milharal começa gritação... Ele parece uma «maritaca»... Fala demais. Ah... Quando chega na roça de milho, Ave Maria... [MT106-1]] MT; MS; GO. cf. **falador**.

marola s.f. [Onda mehmo, «marola», «marola»: “não faiz «marola» aí. Oh! Pera aí nóis estamos pescando aqui” [MT108-7]] MT; GO. cf. **onda$_2$**.

marretada de água$_1$ s.f. MS. cf. **onda$_1$**.

marretada de água$_2$ s.f. MS. cf. **onda$_2$**.

marruquinha s.f. [É, antigamente falava «marruquinha», né. Amarga, isso, e... Faiz mal, se uma pessoa tomá... Se um animal tomá água daquela... Quando vai fazê polvilho dela, se tomá morre, porque... Diz que empanzina e num sei que lá: é a «marruquinha», essa num pode cumê não [GO123-3]] GO. cf. **mandioca brava**.

mata-burro s.m. [«Mata-burro» é um pontilhãozinho, ele é menor, é desses corguinho, mas menor, agora o mais comum de uns cinco metros acima, uns seis metro acima é ponte. Aquele assim, você faz os travisseru lá e põe quatro tábua de dois centímetro, quatro desse aqui, ó... Aí você põe quatro de cada lado, é da largura do carro aqui eu chamo de «mata-burro», mas eu acho que é por isso, as tábua é separada, se ele for lá e não for passar, ele enfia o pé lá dentro, ele quebra a perna e morre [GO119-3]] GO. cf. **pinguela**.

matador (matador de aluguel) s.m. [«Matador de aluguel» é aquele que você paga também [GO125-4]] MT; MS; GO. cf. **pistoleiro**.

mata-fome s.m. GO. cf**. mandioca brava**.

mata-rato s.m. [«Mata-rato». Quando você, é, rala ela, que pode ser no ralo, no munho, tem o munho elétrico, hora que cê rala ela cê tem que lavar demais... Ela dá o porvilho mas cê tem que lavar, que aquilo ali é um amargo que tem... Aquilo amargo é veneno, mata qualquer coisa, mata galinha, mata porco, mata rato, se fala «mata-rato» é porque ela... [GO121-4]] GO. cf. **mandioca brava**.

matraca a. [Ah, porque de certo «matraca» de prantá arroiz, milho né, é sem pará né, toda hora [MT111-1]] MT; MS; GO. cf. **falador**.

matutina s.f. MT. cf. **estrela-d'alva$_2$**.

mau cheiro s.m. MT; MS; GO. cf. **cê-cê**.

mau odor s.m. MT; MS. Cf. **cê-cê.**

mau pagador a. Quem deixa de pagar suas contas ou dívidas de maneira propositada. QSL139/ ALiB: Como se chama a pessoa que deixa suas contas penduradas? MT; MS; GO. cf. **ruim pagador; dador de nó; dador de cano; tranquilo; malandro; tratante; folgado; irresponsável; embrulhão; treteiro; desonesto; inadimplente; sossegado; velhaco; trambiqueiro; enrolão; nó cego; caloteiro; semvergonha$_1$; vagabundo; safado; devedor; enrolador; ruim de pagar.**

medalha$_1$ (medalhão) s.f. MT; MS; GO. cf. **amuleto$_1$**.

medalha$_2$ (medalhinha) s.f. Peça de metal de formatos e materiais diversos, com figuras e motivos de devoção religiosa, que se usa geralmente no pescoço presa a uma corrente. [A «medalha» com a honra, a chapinha do santo. O povo antigamente falava sacrifício, agora os outro e os meu filho eles fala «medalha», né? [MT111-3]] QSL153/ALiB: Como se chama a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente? MT; MS; GO. cf. **escapulário$_2$; sacrifício; verônica; patuá$_2$; santinho$_2$; crucifixo$_2$; pingente; breve$_2$; amuleto$_2$.**

meio-fio (mei-fiu) s.m. Bordo ao longo da rua, junto à pista de rolamento, de concreto ou de paralelepípedos, que a separa da calçada. [«Mei-fio». Vamô supô assim, aqui tá estrada, né, aí aqui tem aquele negocinho de concreto, dum lado e do outro [MS112-2]] QSL197/ALiB: Como se chama o que separa a calçada da rua? MT; MS; GO. cf. **sarjeta; rego$_2$**.

mel (mé) s.m. [“Vamo tomar um «mé»” [GO123-4]] GO. cf. **pinga**.

meleca (melequinha) s.f. Muco ressecado do nariz. [«Meleca», é, só «meleca». «Meleca» que eu falo [GO123-6]] QSL102/ALiB: Como se chama a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo? MT; MS; GO. cf. **cera; cacaca; ranho; catota; sujeira; cotia; catarro seco; caca; tatu; cataraca; casca$_2$; carne seca; catete; catarro.**

melhorar v. MT; MS; GO. cf. **limpar**.

melis$_1$ s.f. MS. Cf. **gêmea$_1$**.

melis$_2$ s.m. [Ou é gêmio ou é «melis» que fala. É, é mesma coisa que a banana [MS116-3].] MS cf. **gêmea$_2$**.

menina (minininha) s.f. Criança do sexo feminino. [Sê «minina», tem até um projeto da prefeitura, “Sê «minina»”, que é uma flexão. Sinhá «minina», chá «minina», sê «menina» [MT108-7]] QSL133/ ALiB: E se for do sexo feminino, como se chama? MT; MS; GO. cf. **mocinha; pivetinha; mulherzinha; moleca; garota; guria; menina mulher.**

menina do joelho s.f. MS. cf. **rótula$_2$**.

menina mulher s.f. [Aqui brinca muito disso, mas isso é só pra «menina mulher», homem aqui não brinca com isso não... [GO122-3]] GO. cf. **menina**.

menino (minininhu) s.m. Criança do sexo masculino. [Sê «menino», aqui chama sê «menino». Você chama "Vem cá, sê «menino»", são cuiabano memo da gema. "Vem cá, sê «menino»"... E se for mulher sê menina. Um dia já eu vi na...na... Naquela Regina Casé: "Vem cá, sê fulano". Se será que adotô Cuiabá? Cuiabá que o povo tem essa mania de chamar sê «menino», sê menina [MT108-5]] QSL132/ALiB: Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino? MT; MS; GO. Cf. **pivete; furete; rapazinho; pimpolho; pirralho; menino homem; garoto; guri; moleque; piá.**

menino homem s.m. GO. cf. **menino**.

menisco s.m. MT. cf. **rótula$_2$**.

menopausa (manopausa; menupausa; monopausa; menopause; maneopausa) s.f. Interrupção fisiológica dos ciclos menstruais. [Eles diz assim, os médico hoje, eu não sabia disso, nunca ouvi tamém falá que o povo de antigamente num entrava nessa… Nessa linha, né, hoje entra muito porque tudo tem que sabê, entrô na, na fase de «menopausa», né? [MT103-3]] QSL122/ALiB: Numa certa idade acaba a menstuação. Quando isso acontece, se diz que a mulher...? MT; MS; GO. cf. **idade crítica**.

menstruação (mistruação; misturação) s.f. Perda fisiológica de sangue de origem uterina, de caráter cíclico e que, habitualmente, retorna a cada período de cerca de quatro semanas. QSL121/ALiB: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? MT; MS; GO. cf. **final de mês; bandeira dois; bandeira vermelha; ciclo menstrual; fase menstrual; período menstrual; bode$_2$; vaca$_1$; sinal vermelho; regra; paquete.**

mercado (mercadinhu) s.m. MT; MS. cf. **boteco**.

mercearia s.f. MT; MS; GO. Cf. **boteco**.

merenda$_1$ s.f. [Aqui eles usa mais, muito pra pescá, chama aqui de «merenda», dá muito em madeira podre, memo [MS115-7].] MS. cf. **coró$_2$**.

merenda$_2$ s.f. [É, nóis chamamos na língua nossa se chamo-se uma «merenda»: "ô, pessoal, vamo merendá pa nóis pudê começá trabaiá, vamo merendá", porque a parte da tarde se chama o lanche, então a parte da de manhã é «merenda», tá pela parte cedo então é «merenda» [MT103-3]] MT. cf. **café da manhã**.

meretriz (militrizi) s.f. MT; MS. cf. **prostituta**.

mesquinho a. MS. cf. **mão de vaca**.

metralhadora a. GO. cf. **falador**.

mexerica s.f. Fruta menor que a laranja que se descasca manualmente e, normalmente, deixa odor na mão de quem a consome. [Porque a «mixirica», ela, ela é a casca bem fininha, ela é muito… Nóis falamos a catinga, otos fala o chero, que o chero dela é muito, se você, a coisa aqui lá na esquina todo mundo tá sabendo que a «mixirica» que você comeu [MT103-3]] QSL039/ALiB: Como se chamam as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são? MT; MS; GO. cf. **mexeriquinha; bergamota; fofoqueira$_1$; cheirosinha; enredeira; murcote; mexerica maracujá; poncã; mexerica cravo; fuxiqueira$_1$; tangerina.**

mexerica cravo s.f. [Tem a «mixirica cravo», que já não cheira tão forte [MT111-4]] MT; MS; GO. cf. **mexerica**.

mexerica maracujá s.f. [«Maracujá» é uma normalmente pequena assim, mais azeda. É uma branca. É, a casca é amarela, mais o cardo dela é branco [MT111-3]] MT. cf. **mexerica**.

mexeriqueiro a. MS; GO. cf. **falador**.

mexeriquinha s.f. [«Mixiriquinha» é as «mixiriquinha», né e as otra é mixirica. Ela é mais piquinininha e tem mais, e a gente tem mais dificuldade pa tirá a casca. Ela é mais grudado mais sai, a ota não, a ota só de você abri assim já vai saindo [MT109-2]] MT. cf. **mexerica**.

mingau$_1$ (mingau de milho; mingau de milho verde) s.m. [Ah, nós chama o curau, o curau, nós chama curau, só que aqui... Eu aprendi a falar curau por causa do pessoal do meu marido, mas só que aqui fala é «mingau»... [MT104-4]] MT; MS; GO. cf. **curau$_1$**.

mingau$_2$ s.m. [Num fica igual o cural, faiz do memo jeito, só que não fica gostoso porque ele não põe os tempero que vai no curau, né, canela e sim fica um «mingau» só [MT110-4]] MT; MS; GO. cf. **curau$_2$**.

minipão s.m. MT. cf. **pão francês**.

míope a. Quem tem miopia e, por isso, dificuldade em enxergar mais longe e precisa usar óculos ou lentes reparadoras. QSL093/ALiB: Como se chama a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos? MT; MS; GO. cf. **deficiente visual; boi de óculos; vista fraca; fraco das vistas; mal de visão; visão curta; curto da vista; ruim da vista; quatro faróis; quatro olhos; de pouca visão; vista curta; ruim da visão**.

mirassol s.m. MT. cf. **girassol**.

miserável (miseravi) a. [Aqui pra nóis é assim, se ele tem o dinhero e não gasta e já é... E precisa e num gasta, já fala que ele é um «miserávi» [MS114-3]] MT; MS; GO. cf. **mão de vaca**.

misura s.f. MT. cf. **assombração**.

mixila s.f. [«Mixila» é o mesmo gambá que nós conhece, um bicho que solta um cheiro forte no caso que se é atacado. É mais ou meno assim do tamanho de um gato, mais ou menos de um gato pra trás, o tamanho dele é quase que equivalente a um gato [MT106-3]] MT. cf. **gambá$_1$**.

mocha (mucha) s.f. Cabra desprovida de chifres ou com os chifres aparados. QSL079/ALiB: Como se chama a cabra que não tem chifre? MT; MS; GO.

mocho (chocho; mucho) s.m. Boi desprovido de chifres ou com os chifres aparados. [Aquele é o «mocho». Ele pode sê mochado artificialmente, né, e pode sê também de nascença [GO123-7]] QSL078/ALiB: Como se chama o boi sem chifre? MT; MS; GO.

mocinha s.f. [É «mocinha», esse tipo de coisa, depois que passa dos cinco anos a gente já fala: “tá falando «mocinha», fulana”, tal, sabe... Aí vai assim [GO122-2]] MT; MS; GO. cf. **menina**.

mocotó s.m. [É, tornozelo na nossa língua é «mocotó» [MT103-3].] MT; GO. cf. **tornozelo**.

moge s.m. [O «mógi» da vaca, parece qui eis fala, né? Acho que é lá [MS112-2]] MS. cf. **peito$_2$**.

moinho das sete estrelas s.m. [Diz que fica sete estrela bem juntinha assim, oh, o «moinho da sete estrela» [GO119-1]] GO. cf. **caminho de santiago**.

molar$_1$ (terceiro molar) s.m. MT; MS; GO. cf. **siso**.

molar$_2$ s.m. [Os «molares». É, tem o primero, segundo e o terceiro «molar». São trêis «molares», o terceiro que é o dente nascido por último [MS115-8]] MT; MS; GO. cf. **pilão$_2$**.

moleca (muleca) s.f. [Acho que se falar «moleca», ela não gosta, as pessoa não gostam [MS115-4]] MT; MS; GO. cf. **menina**.

moleque (muleque) s.m. [Não, assim quando a gente tá brava, bem brava assim com eles a gente chama de «mulequi», sabe... Mas quando a gente não tá nervosa assim com eles a gente chama pelo nome ou senão de minino mesmo [MS112-2]] MT; MS; GO. cf. **menino**.

mormaço s.m. [Ah, por causa do rio né, vai, levanta aquele «mormaço» [MS116-1]] MS. cf. **neblina$_3$**.

morrer v. MT; MS; GO. cf. **perder$_3$**.

morto s.m. MS. cf. **pique$_4$**.

morto de fome a. MT; GO. cf. **guloso**.

mosca (moscona; moscão) s.f. [Na nossa região se chama «mosca» mesmo ela, até ela é cabeluda, né, uma moscona cabiluda, né, uma moscona cabiluda. É a que maizi aquela «mosca» é a que mais a gente tem coidado quando a gente se encontra no mato. É, a gente tem cuidado pa ela num assentá porque aquela já com dois, trêis minuto que ela sentô, ela já infeta qualqué tipo de micose terríve que dá até trabaio pá curá.Então nessa região de Bacia Amazônica tem muita, tem muito mesmo dessa moscona cabiluda bem verde, ela já... Terríve [MT103-3]] MT; MS; GO. cf. **varejeira**.

mosca carniceira s.f. GO. cf. **varejeira**.

mosca de berne s.f. [«Mosca de berne» é assim meio azulada, meio averdiada, mema grandona, né? Ela já dexa o bichinho ali [MS112-4]] MS; GO. cf. **varejeira**.

mosca do bicho (mosca de bichera) s.f. [«Mosca de bicho» que eles fala, que ela põe a varejeira e loguinho tem bicho [GO118-1]] MT; MS; GO. cf. **varejeira**.

mosquito s.m [Tem gente que tá... Que é de fora fala pernilongo, mas os cuiabano fala «mosquito» [MT108-6]] MT; MS; GO. cf. **pernilongo**.

mosquito d'água s.m. MT. cf. **lava-bunda**.

movimentar-se v. MS; GO. cf. **cair**.

mucura s.f. [«Mucura», ela… Parece um rato, né, mais ela tem um bico mais comprido e mais grande, né. Eu falo «mucura», né, que eu já conheci como «mucura», que minha mãe sempe ensinava pa gente, né, que onde nóis, quando nóis morava no Amazona né an' de vim pra cá a gente criava minha galinha. Ela dava nas galinha, queria cabá as galinha né, aí minha mãe: "ah, mais essa «mucura», tem que matá essa «mucura»", senão ela vai cabá co 'as galinha, né? [MT103-4]] MT; GO. cf. **gambá$_1$**.

mudar$_1$ v. MT; MS; GO. cf. **limpar**.

mudar$_2$ (mudar de lugar; mudar de um canto pra outro) v. [Agora é ou não é eu num sei, sempe a gente via: "você viu como é que aquela estrela tá se «mudando» dum lugá pro otro? [MT103-3]] MT; MS; GO. cf. **cair**.

mugunzá (mucunzá) s.m. [«Mucunzá» nóisi fazia sabe como? Nóis ia po pilão, pilava então no pilão junto com as paia de milho, as paia de milho a gente rissava assim as painha de milho todo dia, farofava ela e jogava den'do pilão e jogava bastante milho branco aí ia pilá. Ia pilá até saí aquela pele branco, aí dispois ia soprá ela, soprava aquele e ficava branquinho. Depois de uma hora ficava branquinho e nóis discascava a castanha, que não tinha leite e não tinha vaca, não tinha nessa época pa trais num existia. Então a mãe fazia muito, aí nóis ia, tinha muito castanha no paió assim, muita castanha tirada do mato, muita mesmo, aí discascava rapidinho, ralava ela e tirava o leite aí, um litro, dois litro de leite, bastante... Aí jogava dento do, aí então é o

«mucunzá» falava, de milho, você comia o dia intero então, à veiz era a merenda do café de manhã, era mais isso aí também [MT103-3]] MT. cf. **canjica$_3$**.

mulata s.f. [É uma só, né, porque a gente, «mulata» que gente fala porque é mansa, né, já passa a chamar ela de «mulata» lá, num é papagaio. Aqui vai falar assim: "ah, fulano tem uma «mulata» que fala, né?" [MT111-4]] MT; MS; GO. cf. **papagaio$_1$**.

mulher da rua s.f. MT; MS. cf. **prostituta**.

mulher da vida (mulher da vida fácil; mulher de vida livre) s.f. [Que aqui que eu conheço, vejo fala não, né, assim, é uma «mulher da vida», né tamém, eu sempre eu vejo fala assim: "oh, aquela pessoa é «mulher da vida»" [GO123-2]] MT; MS; GO. cf. **prostituta**.

mulher da zona s.f. MT; MS. cf. **prostituta**.

mulher dama (muié dama) s.f. [É, se vendia, "ah, «muié dama»", se entregava pra qualqué um, né, que chegasse com o dinhero, pagô, né? [MT109-3]] MT. cf. **prostituta**.

mulher de branco s.f. [Ah, as «mulher de branco», né, que antigamente que na rua da igreja aqui só tinha um triero, né... Ah, mil novecentos e.. Tan tarará. Era só o triero que ia só até na igreja ali, que ali de noite diz que passava procissão, toda noite passava procissão à noite no triero até chegar na igreja. Ah, os antigo teve esses relato [MT105-1]] MT. cf. **assombração**.

mulher de programa s.f. MT; MS; GO. cf. **prostituta**.

mulher do mundo s.f. MS. cf. **prostituta**.

mulher sem vergonha s.f. [Antigamente, era «mulher sem vergonha». Quase num fala mais, né? Agora é mais chique, mulher da vida, prostituta [MS115-8]] MS. cf. **prostituta**.

mulher solteira (muié soltera) s.f. [«Muié soltera», dama que tava lá nos cabaré, né, porque naquele tempo tinha os cabaré, né, e a mulher se errô, se perdeu, se o pai não aceitava em casa mandava pro cabaré. Lá era registrada ela [MT109-3]] MT. cf. **prostituta**.

mulherzinha (muiezinha) s.f. [«Muiezinha», nego fala: "fulano tem uma «muiezinha», lá" [MT109-3]] MT. cf. **menina**.

múmia s.f. GO. cf. **cobra-cega**.

munheca a. MT; MS. cf. **mão de vaca**.

muquirana a. MS. cf. **mão de vaca**.

murcote (maricote; mucote; maricota; muricota; muricote) s.f. [A «muricote» é quase igual à pocã: ela é assim tipo uma lima, sabe, tipo uma lima. A casca dela é mais fina, mas é dura, dura, dura, não é igual à pocã, não é grudada [MT106-4]] MT; MS; GO. cf. **mexerica**.

muriçoca s.f. [A «muriçoca» é menor [MT106-1].] MT; GO. cf. **pernilongo**.

murrinha (murrinho) a. GO. cf. **mão de vaca**.

muruanha (muriranha; ariranha) s.f. MT. cf. **pernilongo**.

mutuca s.f. [«Mutuca» é uma grandona que pica doído, né? Que tira o sangue. A verdona, a verde que você falou, né? [MT105-1]] MT; GO. cf. **varejeira**.

muxiba a. MS; GO. cf. **mão de vaca.**

náfego$_1$ (náfrico$_1$) a. MT; GO. cf. **manco$_1$**.

náfego$_2$ (náfrico$_2$) a. GO. Cf. **aleijado$_2$**.

nambu (nhambu; nambuca) s.m. MT. cf. **sura**.

nandaia (iandaia) s.f. [A «iandaia» é um papagaiozinho mais delicado, mas bonitinho, o papagaio é mais o fortão, mais, né? A «iandaia» é uma, é uma... É uma avezinha mais assim bem trabalhada, mas também cheia, colorida tem. Aprende, aprende, alguma coisinha ela aprende, mas o papagaio aprende melhor [MT108-7]] MT. cf. **papagaio$_1$**.

não enxergar bem v. MT. cf. **ter problema nas vistas.**

não segurar (a cria$_1$) v. MT; GO. cf. **perder$_1$**.

não segurar a criança v. GO. cf. **abortar$_3$**.

nascente s.f. MT; MS; GO. cf. **barra do rio**.

nascer (o sol vem nascendo; o sol está nascendo; o sol nasce; começar a nascer; o dia) v. Romper-se o dia a partir do aparecimento do sol. [Num poema meu eu falo: «nasceu» rasgando a linha do horizonte para viver algum tempo e depois descambar e morrer nessa mesma linha do horizonte [MT108-7].] QSL023/ALiB: O que é que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear? MT; MS; GO. cf. **vir; raiar$_2$; subir; brilhar; sair$_2$; abrir-se; aparecer; amanhecer$_3$; clarear$_4$.**

nascer do sol$_1$ s.m. MT; MS. cf. **amanhecer$_2$**.

nascer do sol$_2$ s.m. Fenômeno que se observa no céu no romper do dia. QSL023/ALiB: O que é que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear? MT; MS; GO. cf. **aurora$_2$; brilho do sol; raio do sol.**

neblina$_1$ (nebrina; librina; leblina) s.f. [«Nebrina» é quando ela começa a chover bem fininha assim, começa a cair, começa a... Eh... Aqui quando tá cedo, a gente fala assim: “ah, hoje vai amanhecê frio, tá chovendo bem fraquinho..." [MT105-2]] MT; MS. cf. **garoa**.

neblina$_2$ (nebrina; librina; lebrina) s.f. MT; GO. Cf. **sereno$_2$**.

neblina$_3$ (nebrina; nubrina; lubrina; lebrina) s.f. Névoa densa e rasteira. [«Neblina». Dá no início das chuvas e no final das chuvas. Quando o tempo tá mudando pro inverno, aí começa a dar «neblina» e quando tá passando pro verão... Tem muita gente que fala estação, mas a gente mesmo fala inverno e verão, né? É a chuva e termina a chuva [GO125-4]] QSL021/ALiB: Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase que não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso? MT; MS; GO. cf. **fumaça$_1$; névoa; brisa; mormaço; orvalho; sereno$_3$; neve$_2$; cerração; nublado; nevoeiro.**

neblinar$_1$ (estar lebrinando) v. [É, povo chama: “ah, «tá só librinando», né?”, a chuvinha, só aquele chuvisquinho, né, que tá dando, né, que nem móia a gente, né, a gente conhece assim, né? [MT103-4].] MT. cf. **chuviscar**.

neblinar$_2$ (estar neblinando) v. Formar-se uma névoa densa e rasteira. [Aquilo que molha a grama pro exemplo aqui dá muito: amanhece no outro dia assim: “ah, hoje «tá nebrinando»...” [MT106-3]] QSL021/ALiB: Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase que não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso? MT; GO.

neguinho s.m. [É, muitos fala de «neguinho». (riso) Fala que é só preto que fede debaxo do subaco [MS114-2]] MS. cf. **cê-cê**.

neve$_1$ s.f. [Fala tá cheio de «neve», que é aquela aguinha né, que fica nas folha... [GO118-4]] MT; GO. Cf. **sereno$_2$**.

neve$_2$ s.f. [A «neve» é porque ela tá baxa, né, essa «neve» ela tá baxa, às veiz você vai num carro e você até, você vai com o farol assim clareando, então clarea poco, né?

É bem poquinho, então ela tá tomando tudo, chama de «neve» porque tá tomando as casa, tá tudo, né, porque a «neve» também ela traiz frieza, né, a «neve» já é uma frieza aqui sempe de primero dava, hoje não dá mais, mas de primero tomava tinha porque é quente, vai logo manhecê, o dia tá tampado, 'cê começa andá, tá tampado, daí a poco o tempo já clarea e tamém já vai embora, porque o tempo é quente, né? [MT103-3]] MT; GO. cf. **neblina$_3$**.

névoa s.f. MT; MS. cf. **neblina$_3$**.

nevoeiro (nuvieiro; nevoero) s.m. MT; MS; GO. cf. **neblina$_3$**.

nhaca s.f. MS; GO. cf. **cê-cê**.

ninho Jesus s.m. MS. cf. **presépio**.

nó (nó da goela; nó da garganta) s.m. MT; GO. cf. **gogó**.

nó cego a. MT; MS cf. **mau pagador**.

noite$_1$ s.f. [Vai cê a no... Vai istá, istá sendo a «noite», tá fechando a «noite» [MT110-3].] MT; MS. cf. **entardecer$_2$**.

noite$_2$ s.f. MT; MS; GO. cf. **boca da noite**.

nublado (nubradu) s.m. MT; GO. cf. **neblina$_3$**.

nuca s.f. Região infoposterior da cabeça que compreende as partes moles. QSL104/ALiB: Como se chama isto? MT; MS; GO. cf. **toutiço; cangote; assuã**.

olada$_1$ s.f. [«Olada» que eis fala, porque essa faiz com vento, né, só faiz aquela sim que vai e vem assim só quando tá ventano [MT107-3]] MT. cf. **onda$_1$**.

olada$_2$ s.f. [«Olada» é aquele, o rio é bem grande aí fica jogando aquelas «olada» bem grande, né, alta, né, na margem do rio, né. Tem, tem, ah, lá no Balneário, lá no balneário embaixo ali tem. Tem, na cachoera tem, a senhora já desceu aqui no, no, no tombo das indorinha? Ah, se a senhora vê, a senhora vê cada «olada», o buracão, lá tem uma ponte que a senhora chega bem encostado assim pra senhora vê pra lá pro rio, vai o asfalto até lá, desce bem aqui nessa avenida, vai asfalto até lá [MT103-4]] MT. Cf. **onda$_2$**.

olho (oi da banana) s.m. MT. cf. **umbigo**.

olho d'água s.m. [Trazendo água de dentro pra fora, né. Chama «olho d'água» aquilo que eu chamo [GO121-4]] GO. cf. **redemoinho$_2$**.

olho de boi s.m. [É tipo arco-íri... Mas só que ele meio... Ele num segue, ele vai assim... E o arco-íri que vai dum corguinho no outro, vai num rêgo d'água num corgo, isso que a gente vê a sombra ali assim dele. «Olho de boi» é aquele que faz no céu pequenininho assim... É só assim, eu já vi eles falá «olho de boi» e se é assim quando o tempo começa chovê, sempre aparece enquanto diz que num pegá, aparecê ele, o tempo num firma [GO124-4]] GO. cf. **arco-íris**.

olho de peixe (oio de pexe) s.m. [Então, é esse fininho que 'cê fala que tem as asa bem bran... Meio branquicenta e transparente que a gente fala «oio de pexe». Porque diz quando tá, assenta na água assim, que tem tempo que ele assenta na água e levanta, então o pessoal fala que vai tê pexe, muito pexe no rio, só quando tem a gente vai na berada do rio que tem aqueles, né, assim. Aí o pessoal fala: "ah, vai tê pexe, óia o «oio de pexe» aí" [MS112-4]] MT; MS. cf. **lava-bunda**.

olho grande a. MS. cf. **guloso**.

olho torto (torto) a. MT; GO. cf. **zarolho$_2$**.

onda$_1$ s.f. Movimento da água do mar causado por ventos ou marés. [Ah, eu nunca andei naquele bicho não, mas falam que é «onda», né, eu nunca fui lá não, o dia que eu fui

lá queria travessa de nado pra vê o que que tinha do oto lado, meu sogro não dexo. Eu levantei, falei: "agora eu vô nadá esse trem aqui, vô, vê o que que tem do outro lado desse trem aqui, dessa água". Meu sogro: "não vai, cê tá doido" [MT109-3]] QSL005/ALiB: Como se chama o movimento da água do mar? MT; MS; GO. cf. **marretada de água$_1$; olada$_1$; frivióca de água$_1$; maré$_1$.**

onda$_2$ s.f. Movimento da água do rio causado por ventos. [A gente fala assim, rio piqueno, né, tem uma olada grande, né, principalmente passa um barco, a gente tá na canoa e a gente fala: "vamo para aqui que vai ter uma olada grande ou uma «onda» grande. Vem uma «onda» grande lá, deve ser um peixe que vem aqui subindo, né" [MT107-3]] QSL006/ALiB: Como se chama o movimento da água do rio? MT; MS; GO. cf. **marola; banzeiro; correnteza; cavaleiro d'água; marretada de água$_2$; maré$_2$; olada$_2$; frivióca de água$_2$; vagalhão**.

ônibus$_1$ (ônibus urbano) s.m. Veículo automóvel para transporte público de passageiros dentro da cidade, com itinerário preestabelecido. QSL200/ALiB: Como se chama a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade? MT; MS; GO. cf. **circular; coletivo.**

ônibus$_2$ (ônibus de viagem; ônibus circular; ônibus interestadual; ônibus de linha; ônibus de passageiro) s.m. Veículo automóvel para transporte público intermunicipal de passageiros. QSL201/ALiB: Como se chama a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra? MT; MS; GO. cf. **cata-corno; viação**.

ontem s.m. Dia imediatamente anterior àquele em que se está. QSL036/ALiB: Hoje é segunda-feira. E domingo, que dia foi? MT; MS; GO.

orvalho$_1$ (borovalho) s.m. [É «orvalho» porque a coisa que vem da noite, né? «Orvalho» da noite e o sereno também, mas o sereno é mais acentuado. Porque «orvalho» a gente fala assim: quando cê vai travessá invernado assim, porque aquele capim custa secá, né? E quando é o sereno ele fica ali na grama, como por exemplo lá em casa tem um graminha, num é dessa assim, é de outro tipo, e cê vê tá tudo pingadinho assim de grãozinho, grãozinho branquinho, assim que o sol abre seca, rapidão some tudo [MT106-4]] MT; MS; GO. cf. **sereno$_2$**.

orvalho$_2$ s.m. MT; MS; GO. cf. **neblina$_3$**.

ossada s.f. MT. cf. **clavícula**.

osso (ossinho) s.m. MT. cf. **tornozelo**.

osso da miséria (ossinho da miséria) s.m. [O povo custuma dizê que é o «ossinho da miséria», né? Acho que porque tudo que bate nele é tão doído, né, deve sê assim [MS112-2].] MT; MS. cf. **tornozelo**.

osso do tornozelo (ossinho do tornozelo) s.m. MT. cf. **tornozelo**.

osso gostoso (ossinho gostoso) s.m. [Aqui a gente chama de «ossinho gostoso». Se bater aqui dá uma dor. (risos) A dorzinha não é gostosa, gostosa porque nem dói, nem coça, na verdade é uma dor indefinida. E aqui também (mostra), é aqui, no braço e aqui no pé, meu Deus do céu... [MT104-2]] MT; GO. cf. **tornozelo**.

ovelha (ovelhinhu) s.f. MT; MS; GO. cf. **carneiro**.

ovo choco s.m. [Então, é «ovo choco». "«Ovo choco» tá augorado", aí vai passando, aí vai brincando, aí vai pondo. Aí quem for pegar pega aquela pessoa, aí fica no meio, aí vira «ovo choco». Aquela que soltou a pedrinha, se você pegá ela, vira «ovo choco» [GO125-2]] GO. cf. **corre cotia**.

pá s.f. [Fala assim: “Ô, cê caí, cê vai quebrá”... de... conforme o jeito que a pessoa ta é... brincano diz assim: “Menino cê vai quebrá a «pá» cê vai...” (risos). É, essa «pá», isso, essa parte aí... [GO123-2]] GO. cf. **clavícula**.

pai de santo s.m. MT. cf. **curandeiro**.

palheiro (paieru; cigarro paieiro; cigarro de paieru; paiera) s.f. [«Paiero» eles falam que justamente já é do tabaco que faiz o... Já na palha, né, faiz na palha de milho, que hoje já ainda tem tredição que no Paraná inda faiz gente que faiz o... Corta a palha de milho aqui no tamanho e põe a fumo ali dento e enrola, né? [MT103-3]] MT; MS; GO. cf. **cigarro de palha**.

palito s.m. MT. cf. **bengala**.

palma (palma de banana) s.f. MT. cf. **penca**.

pálpebra (pálpeda; pálpila; pálpetras; palpa; palta) s.f. Cada uma das duas pregas móveis, uma superior e outra inferior, dotada de cílios, e que protege o olho. QSL089/ALiB: Como se chama esta parte que cobre o olho? MT; MS; GO. cf. **pestana; careta; couro; pele; capela; capa**.

pancada de chuva (pancada) s.f. [«Pancada de chuva», não? Essa chuva rápida e forte né, que a gente fala [GO123-3]] MT; MS; GO. cf. **tempestade$_2$**.

pandeiro s.m. MT. cf. **garupa**.

pandorga$_1$ (pandoga) s.f. [É que a «pandoga» só tem uma vareta e a pipa tem umas que faz de duas, tem uma que faz de quatro... Que a «pandoga» só tem uma no meio e ela é maior que a pipa... Só que tem uma vareta só [MT106-1]] MT; MS. cf. **pipa$_1$**.

pandorga$_2$ (pandolga) s.f. MT; MS. cf. **pipa$_2$**.

paneiro (panero) s.m. [Hoje o «panero» que nói chamava lá, o povo hoje pá conduzi milho eles chamo balaio, né? Ele chama balai' só que no lugá que nóis morô muito na bacia amazônica é o nome «panero», é, nóis tinha o «panero». É forte, o «panero» se dá assim: uma criança dessa que nóis tava aqui, então dispois que ela é feita daquele tipo ali ó, não naquele formato, só que ele tem encosto na costa. É daquele jeito feito ali, dispois dá até pra você vê e ele tem um pau do lateral, no lugá que você coloca nas costa é bem aprovado. Se uma pessoa que nem a Laís sentá, a gente carrega ela facero, só que ela tem que colocá a mão no pescoço pa num é mole, pessoa é mole. Mais criança a gente faiz o assentamento e colocava duas criança dentro, 'cê carregava daqui trêis, quatro quilômetro [MT103-3]] MT. cf. **balaio**.

panturrilha s.f. MT. cf. **tornozelo**.

pão$_1$ (pãozinho) s.m. MT; MS; GO. cf. **pão francês$_1$**.

pão$_2$ s.m. MT; GO. cf. **bengala**.

pão cascudo s.m. MT. cf. **pão francês$_2$**.

pão comprido s.m. [Não, aqui falá bengala ninguém sabe que é bengala. É «pão cumprido», só pão [MT108-5]] MT; GO. cf. **bengala**.

pão de sal$_1$ s.m. [Aí otra hora assim: eu queru um «pãu di sau» pequenu [GO119-4]] MT; GO. cf. **pão francês$_1$.**

pão de sal$_2$ s.m. [Aí cê pedi u grandi, fala assim: eu queru um «pãu di sau» grandi [GO119-4]] MT; GO. cf. **bengala**.

pão francês$_1$ (francês; pãozinho francês) s.m. Pão de trigo levemente alongado, a que o padeiro dá um talho na parte de cima antes de ir ao forno. QSL186/ALiB: Como se

chama isto? MT; MS; GO. cf. **pão de sal$_1$; bisnaguinha; minipão; pão$_1$; pão cascudo; careca.**

pão francês$_2$ s.m. MT; MS. cf. **bengala.**

pão grande s.m. GO. cf. **bengala**.

pão palito s.m. GO. cf. **bengala**.

pão-duro a. [Pode ser que tenha, mas a gente aqui sempre costuma chamá «pão-duro» [MT104-3]] MT; MS; GO. cf. **mão de vaca**.

papagaio$_1$ s.m. Ave de penas coloridas que, quando domesticada, pode aprender a falar. [Tem muito. E… Aqui tem época que tem tanto «papagaio» que uma rama que nem essa, se ele dá duas veiz acaba, acaba com a rama de tanto porque é demais, junta uns cem, cento e cinquenta, duzentos num pé de... [MT103-3]] QSL068/ALiB: Como se chama a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar? MT; MS; GO. cf. **maritaca$_1$; mulata; maracanã; nandaia; arara$_1$; louro; caturra; periquito.**

papagaio$_2$ (parecer papagaio) a [A gente põe apelido de «papagaio» [MS117-2]] MS; GO. cf. **falador**.

papagaio$_3$ (papagai$_1$) s.m. [É mais esse menino assim, igual eu te falei, esse menino que vem de fora, aí eles fala pipa. Aí, deixa eu soltar minha pipa... Mas os daqui, por exemplo, se eu tivesse tido os menino homem pra dizer, eles iam falar «papagaio», porque eu falo «papagaio». Porque vai por família [MT104-4]] MT; MS; GO. cf. **pipa$_1$**.

papagaio$_4$ (papagai$_2$) s.m. MT; MS; GO. cf. **pipa$_2$**;

papa-mosquito s.m. [«Papa-mosquito» que eles falam. É assim compridinho assim, que tem aquelas asinhas assim, que as veis ele bate e já, ele fica, ele não, molhou assim ele já não cosegue subi, é esse? [MS113-4]] MT; MS. cf. **lava-bunda**.

papo s.m. MT; MS. cf. **gogó**.

paquete (taquete) s.m. [Não, de premero num tinha esse negócio de mestruação, hoje de premero falava que a mulher tava de «paquete» (riso), agora mestruação, né, mas a maioria era «paquete», né? [MS114-3]] MT; MS; GO. cf. **menstruação**.

parada s.f. MS. cf. **pique$_4$**.

paralítico a. MT; MS. cf. **aleijado$_3$**.

paraplégico a. [«Paraplégico» é uma pessoa normal que aconteceu um acidente com ele, ô ele ficô, ô ele ficô caderante, né, ô ele teve… Alguma parte do órgão do corpo dele perdeu, né? [MT105-1]] MT. cf. **aleijado$_3$**.

parcela s.f. [Fala muito «parcela». É, porque geralmente quando é uma quadra, né, eles fala é uma «parcela» da quadra, um lote da quadra, um terreno da quadra [GO123-7]] GO. cf. **terreno**.

paredão s.m. [A gente chama aquele de pare... É «paredão», né? Que a gente chega vai... Encosta lá, aí fica já nele, segura com a mão, né? A gente fala aquilo de «paredão» [MS113-1]] MS. cf. **pique$_4$**.

parir v. [É, mais o pessoal fala mais, é «pari» mesmo, né? [MT106-2]] MT; MS; GO. cf. **ganhar**.

parir antes do tempo v. MS. cf. **perder$_3$**.

parteira (partera) s.f. Mulher que não é médica, mas assiste e auxilia as parturientes. [É «partera», aqui nói tinha uma desse jeito, nóis tinha uma já morreu. E mulhé, que esses menino meu tudinho… Meus menino memo tudo foi ela, a hora que a muié aperriava, eu morava lá no sítio ali, na hora que a mulhé aperriava, que sentia dô, já

vinha buscá ela, chamava-se Obertina. Ela chegava lá, já dava uma olhada assim e falava não, ela marcava até hora: “ô dotô aqui?”, marcava até hora, “óia, ‘cê pode i trabaiá, pude trabaiá que ela vai ganhá nenê lá pas quato hora, ou oito hora da noite, ou nove hora da noite”, dá aquele horário nascia mesmo. Ah, os médico aí confiava dela, tinha médico aqui, tinha dois médico inclusive um já morreu, dotô Élso, dotô Paulo e… “dona Obertina, se vira, dona Obertina”, no que ela falava ela aquilo mesmo, ela falava o que a dona Obertina falá é muito mais do que nóis, ela tem muito mais franqueza do que memo nóis, nóis que somo médico, tem veis que nóis vamo até por ela, então muito boa a véia Obertina, morreu e foi enterrada aqui mesmo [MT103-3]] QSL123/ALiB: Como se chama a mulher que ajuda a criança a nascer? MT; MS; GO. cf. **mãe de parto.**

paspalho a. MT. cf. **burro**.

passa-fome a. MS. cf. **guloso**.

passagem$_1$ (passagenzinha; passaginha) s.f. MT. cf. **pinguela**.

passagem$_2$ s.f. MT. cf. **trieiro$_2$**.

passar v. [É, geralmente, tem gente que não gosta, tem otas pessoa que gostam, faiz pedido né e o oto agradece “graças a Deus tá «passando» uma estrela, puxa, amanhã vai se meu diz de sorte”, tem tudo essas coisinhas assim [MS113-4]] MT; MS; GO. cf. **cair**.

passar mal v. [Comi muita é... Ainda mais no colégio, merenda, eu fui, tava brocado: eu cordei, minha mãe não fez o café e eu entrei abaxado no... Numa farofa lá. E comi ao meno uns treis prato aí e... Eu fiquei lá, aí eu fui bebê água, quando eu bebê água aquela farinha começô inchá. Aí a barriga, Ave Maria, eu tive que í pra casa que eu não tava aguentano, cheguei lá aquele suadô que não tá... Falei: “mãe, eu tô «passano mal», vamo no hospital cumigo”. Cheguei lá a mulhé já receitô um negócio, Ave Maria, nunca passei por uma situação triste que nem aquela... É ruim demais [MT103-1]] MT; GO. cf. **estourar**.

passarela$_1$ s.f. [Ah, normalmente é um... Só joga um pedaço de tronco, uma tábua assim... Não chega a ser uma ponte, né? Eu conheço como «passarela» [MS115-6]] MS. cf. **pinguela**.

passarela$_2$ s.f. MT; MS; GO. cf. **calçada**.

passeio s.m. [É, tem o asfalto e tem... Aqui tem muita já, entre o asfalto e... Aí tem o cimentado... A gente chama «passeio» [GO119-3]] MT; MS; GO. cf. **calçada**.

pata s.f. MT; MS; GO. cf. **mão$_2$**.

pata da frente s.f. MT; MS; GO. cf. **mão$_2$**.

pataca (pataca do joelho; pateca do joelho; catraca) s.f. [É, eu acho que era «pateca do joelho», eu não conheço outro pra isso [GO124-4]] MT; MS; GO. cf. **rótula$_2$**.

pata-cega s.f. MT; GO. cf. **cobra-cega**.

pata-choca s.f. MT. cf. **corre cotia**.

patela s.f. MS. cf. **rótula$_2$**.

patente s.f. [«Patente»... Falava antigamente, hoje em dia é vaso, mas antigamente era «patente». Se eu falar «patente» perto de meus filhos, eles chamam a atenção, acha que é o fim do mundo [MS115-8]] MS. cf. **vaso**.

patifaria s.f. MT. cf. **macumba**.

patuá$_1$ (catuá) s.m. [«Patuá»? Eu não sei, acho que eles põe uma oração ali dentro e costura, né? Ah, eu sei lá o que que tem ali dentro, menina, sei não, mas tem

arguma coisa que dá sorte, que eu vejo falá, diz que é pé de coelho, é ferradura, essas coisa, agora o que que eles punha ali eu num sei não. Eu penso que é oração [MT111-4]] MT; MS; GO. cf. **amuleto$_2$**.

patuá$_2$ s.m. GO. cf. **medalha$_2$**.

pau d'água a. MT; MS; GO. cf. **bêbado**.

pau de cana (cana) a. MS; GO. cf. **bêbado**.

pé s.m. [Chama ele de «pé» de arroiz que ficô, porque cê corta ele, é sempre a de meia paia, né? Só ficô o toco do arroizs na roça [MT107-3]] MT; MS; GO. cf. **toco$_1$**.

pé d'água s.m. [É. Quando dá aquela chuvona que todo mundo eh... «pé d'água», às vezes o povo fala assim, sabe: "teve um «pé d'água»" [GO118-4]] MT; MS; GO. cf. **tempestade$_2$**.

pé de cana a. MT; MS; GO. cf. **bêbado**.

pé inchado a. [É «pé inchado», qué dizê: vai pa bera do buteco, fica bebendo o tempo todo sentado num cadera, aí incha o pé, né, incha o pé de tanto tá sentado e bebendo, por a bebida já traizi inchamento no pé, né, aí se colocaro esse nome de «pé inchado» [MT103-3]] MT; MS; GO. cf. **bêbado**.

peão (pinhão) s.m. [«Pião», «pião» braçal [...]. Ele é diarista, «pião» por dia [MS114-3]] MT; MS; GO. cf. **diarista**.

pedreiro da floresta s.m. MS. cf. **joão-de-barro**.

pega s.m. GO. cf. **pega-pega**.

pegador$_1$ (pegadô) s.m. MT. cf. **braço**.

pegador$_2$ (pegadô) s.m. [«Pegadô». A genti corri i todu mundu sai correndu, aí tem qui fica paradu. Aí tem qui ispera o povu afasta um poco e depois qui o pessoal fasta aí fala assim: "podi pegá". Aí tem qui saí correnu, aí tem u piqui, aí si a genti... Si eles pega no piqui num podi... A genti num podi pegá eles, aí si eles saí a genti tem corre atrás pra pegá [MT106-2]] MT; MS; GO. cf. **pega-pega.**

pegador$_3$ (pegadô) s.m. MS. cf. **pique$_4$**.

pega-mão s.m. MT; MS; GO. cf. **braço**.

pega-pega (pegar-pega) s.m. Brincadeira infantil em que uma das crianças deve correr atrás de outras e pegá-las antes que estejam a salvo em um ponto previamente escolhido e de comum acordo. [Parece que é «pega-pega», né, é: "não me toque, eu defendi, eu saí", eu escuto elas brincá as veiz, mais num tem tempo pra... Pra ouvi [MT109-3]] QSL162/ALiB: Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance o ponto combinado? MT; MS; GO. cf. **chule; polícia e ladrão; barata; cola-cola; trisca; pique-esconde$_3$; salva-latinha; salva-cadeia; piquepega; pique-esconde$_2$; pira; pega; pique no alto; boca de forno; pique$_3$; pegador$_2$.**

pega-pegador s.m. MT. cf. **corre cotia**.

pega-varinha (varinha) s.f. [É que sempre a gente tá assim em volta, né, vai brincando, aí deixa um e já sai correndo, a pessoa tem que sê atenta a pegá e já saí atráis dela prá carimbá. «Varinha» [GO126-1]] GO. cf. **corre cotia**.

peida-pinga a. GO. cf. **bêbado**.

peito$_1$ s.m. Mama das fêmeas dos animais. QSL080/ALiB: Em que parte da vaca fica o leite? MT; MS; GO. cf. **vazio; moge; úbere; seio$_1$; teta$_1$; mama$_1$.**

peito$_2$ s.m. [Ah, fala os «peito», tira os «peito» pro nenê, mas o certo é seio, né? [MT109-2]] MT; MS; GO. cf. **seio$_2$**.

peixe seco (pexe sexo) s.m. [«Pexe seco» poque é leve. É um desse tamanho assim [MS112-3]] MS. cf. **lava-bunda.**

pele (pelinha do olho; pele do olho) s.f. [Aqui a gente fala assim: ixi, a «pele do olho» do fulando tava cobre o olho dela, a «pele do olho» [GO119-4]] MT; GO. cf. **pálpebra**.

pelote s.m. MT. cf. **estilingue**.

penacho s.m. MS. cf. **rabo$_3$**.

penca (penca de banana) s.f. Grupo frutífero do cacho de bananas. QSL042/ALiB: Como se chama cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer? MT; MS; GO. cf. **dedo; cacho; palma**.

pendão s.m. [Ah, é um negócio porque aí tem o cacho da banana, né, aí tem aquele talo que fica as penca, aí depois tem um negócio que fica dipindurado assim, sei lá, sempre vejo fala assim «pendão» [MT112-2]] MT. cf. **umbigo**.

pêndulo s.m. MS. cf. **umbigo**.

perda$_1$ s.f. GO. cf. **aborto$_1$**.

perda$_2$ (perca) s.f. MT; MS; GO. cf. **aborto$_2$**.

perda$_3$ s.f. MT. cf. **aborto$_3$**.

perder$_1$ (perdeu o bezerrinho; a cria; o filhote) v. Expulsar naturalmente o feto, no caso de animais, sem que ele tenha condições de sobreviver. [É, po animal fala: “ah, aquela vaca tava prenha de tanto mêis e «perdeu», né”, aí já a pessoa do ser humano fala: “não, fulana abortô”, tava com tanto mêisi né. Conheço assim [MT103-4]] QSL060/ALiB: Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria? MT; MS; GO. cf. **derrubar; botar fora; abortar$_1$; não segurar; jogar fora; por fora; morrer; parir antes do tempo.**

perder$_2$ (o nenê; o filho) v. [Agora quando é um aborto assim... o, o... o corpo, alguma coisa do corpo, do organismo, aí fala que «perdeu o neném» [GO123-6]] MT; MS; GO. cf. **abortar$_{2;}$.**

perder$_3$ (perder o filho; a criança; o bebê) v. MT; MS; GO. cf. **abortar$_3$**.

perereca (petereca; virar perereca) s.f. MT. cf. **cambalhota**.

período menstrual s.m. MT; MS; GO. cf. **menstruação**.

periquito s.m. [Que lá no sítio lá tem um «piriquito» lá que fala. Se ela chegá lá ele fala assim: “o que que cê veio fazê aqui”? É desse tamainho assim ó, ela é bem verdinho com as ponta da asa marela, ela só fica lá na porta do avoredo lá, que tem um avoredo em assim na porta de casa, aí quando a sinhora chega assim ele fica cabeça baxa olhano a sióra assim, né. Aí a sinhora entra: “O que que cê veio fazê aqui”. Minha muié sempre bate nela, fala: cê fica fazendo a gente passá vergonha, aí ele fala assim: "ah vaca, para com isso" [MT107-3]] MT; MS; GO. cf. **papagaio$_1$**.

perna curvada (perna encurvada; curva) a. MT; MS. cf. **perna torta**.

perna de alicate (alicate) a. [Aquele aqui é… "Ah, fulano tem as «perna de alicate», «perna de alicate»"… É, elas curva pra dentro, eu tinha um primo meu que, Nossa Senhora! Abre assim que, eu falei pra ele de cirurgia, falei: "rapaiz, ‘cê vai... Pode operar que cê vai dismontá uma hora esse trem e desloca", foi abrino, abrino e era perfeitim, hoje as perna dele tá assim já [MS114-3]] MT; MS; GO. cf. **perna torta**.

perna de cangalha a. MT. cf. **perna torta**.

perna de curica a. MT. cf. **perna torta**.

perna de estilingue a. GO. cf**. perna torta**.

perna de papagaio a. MT. cf. **perna torta**.

perna de Quico a. GO. cf. **perna torta**.

perna torta (torta; perninha torta) a. Quem tem as pernas tortas. [Uma vez eu namorei uma menina de «perninha tortinha» assim. Mas mentia que era um trem, ela andava assim... Bonita que era o trem, só que com as «perninha torta» [MT111-3]] QSL116/ALiB: Como se chama a pessoa de pernas curvas? MT; MS; GO. cf. **cotobó; genu valgo; deficiente$_5$; perna curvada; bluquim; forquilha$_2$; genu varo; perna de Kiko; arqueada; cambota$_2$; perna de cangalha; perna de papagaio; perna de curica; cambaio; juntora; perna de alicate; perna de estilingue.**

perneta a. MT; MS; GO. cf. **aleijado$_3$**.

pernilongo (pernelongo; pernalongo; pevelongo; pirilongo) s.m. Inseto hematófago de hábitos noturnos. [Nesse lugá que passa em estrada é na noite de luá, se você pará com a estrada, ele enche no carro né, então só aquele que muda, mai o res'de tudo quanto ferroa na língua da tedição daqui é carapanã, pode sê o tanto grande quanto piqueno porque tem vários tipo, tem o grande, aquele grandão que você pode rolá com trêis lençol desse deitado numa rede e ele vem por baxo e fura e vai lá coro, então tanto faiz, tanto faiz, é carapanã mesmo ou que seje na língua daqui «pernilongo» [MT103-3]] QSL088/ALiB: Como se chama aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? MT; MS; GO. cf**. muruanha; borrachudo; carapanã; mosquito; muriçoca**.

perua s.f. [É, ói, tem neguinho que chega e fala: "ói comé que é gali... Como é que aquela mulhé, é «pirua», fica só dano pra um e pra otro", aqui o pessoal fala muito isso [MT106-1]] MT. cf. **prostituta**.

pestana s.f. MT; MS; GO. cf. **pálpebra**.

peteca s.f. MT. cf. **bolita**.

piá (peá) s.m. [Já na língua do pessoal aqui, daqui pra frente principalmente da região do Paraná chama «piá», né: " ô, «piá», vem cá" [MT103-3]] MT; MS. cf. **menino**.

piador$_1$ (piadô) s.m. [É porque assim, os bicho que (salteia), bicho bruto, é aqui em cima, e gente eu chamo isso aqui de «piadô». Às vez eu levo uma pancada nesse ossinho aqui, faço "ih, mais uma pancada no «piador», que...", quase morro, entendeu? [GO119-3]] GO. cf. **rótula$_2$**.

piador$_2$ (piadô) s.m. GO. cf. **tornozelo**.

picada (picadinha) s.f. Caminho aberto na mata a golpes de facão ou de foice para a passagem de pessoas ou de pequenos veículos. [É, abre um caminho assim, bera do rio mesmo, muito sujo, né? Aí vai abrino aquela «picada» com facão e foice pra pudê passá [MT111-4]] QSL062/ALiB: O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado? MT; MS; GO. cf. **cerado; roçada; pique$_1$; aceiro; caminho$_2$; estrada$_1$; trilha$_1$; trieiro$_1$.**

picadinho s.m. MT. cf. **carne moída**.

picó s.m. MT; MS. cf. **pitoco$_2$**.

picumã (picomã; picumá; pucumã; pucunã; tucumã; picum; cumunã) s.m. Matéria preta e gordurosa que a fumaça deposita nas paredes e teto das cozinhas e nos canos das chaminés. [«Pucumã», fumaça véia, né, que parece até uma teiade aranha ali quando... É, aquilo ali mulhé bebe pra abortá. Eu conheci uma senhora que ela era partêra, ela engravidava pelo fato dela sê muito fraquinha de situação, a situação

financêra tinha muito menino já, ela bebia com sal e caldo de feijão quando tava cozinhando, aquele feijão que cozinhava no fogão a lenha nas panela de ferro. Aí ela pegava aquele caldo quando já tava vermelho colocava na vasilha, colocava pucumã dentro, punha sal, ficava até cortando, ela bibia [MT106-4]] QSL171/ALiB: Como se chama aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha? MT; MS; GO. cf. **rolim; borra; fuligem; tisna; fumaça$_2$; carburação.**

pilão$_1$ s.m. [Minha mãe sempre fala também pra nóis qui... Quandu o meu começô a nascê, memo, ela fala é o «pilão», o juízu, agora o porquê não sei ti ixplicá [MT106-2]] MT; MS. cf. **siso**.

pilão$_2$ (pilom) s.m. Cada um dos dentes situados nas partes média e posterior dos maxilares, que permite esmagar os alimentos. QSL099/ALiB: Como se chamam esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos sisos? MT; MS. cf. **dente chato; queixal$_2$; dente do fundo; dente queiro$_2$; dentão; dente de trás; molar$_2$.**

pilunga s.f. MT. cf. **estilingue**.

pimpolho s.m. GO. cf. **menino**.

pinga (pinga amarelinha; pinga de alambique) s.f. Bebida alcoólica destilada feita de cana-de-açúcar. [«Pinga»... Mais popular é «pinga» [MS115-8]] QSL182/ALiB: Como se chama a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar? MT; MS; GO. cf. **brejeira; mel; manguaça; cangibrina; rabo de galo$_2$; restilo; malvada; bagaceira; aperitivo; alambique; afofa-toba; cachaça; caninha; branquinha; pingo d'água; aguardente; pirassununga**.

pingente s.m. MT; MS; GO. cf. **medalha$_2$**.

pingo d'água s.m. [Porque quando você toma uma pinga você não vai colocar o copo cheio, né? Geralmente antes coloca... Um pouco, então fala «pingo d'água». Vai tomá um «pingo d'água». Pra não ficar muito indiscreto [MT108-2]] MT. cf. **pinga**.

pinguço a. MT; MS; GO. cf. **bêbado**.

pinguela (binguela) s.f. Estrutura rústica de madeira que liga as duas extremidades de um pequeno rio. [Dá pra pô «pinguela», apesar que é estreito, né? Não há necessidade de «pinguela» porque geralmente só põe no lugar fundo, mas nesse caso aí aqui ele tem ponte por causa da estrada, mas em nenhuma das parte dele tem porque ele é raso, geralmente a pessoa passa sem impedimento. Agora quando é fundo é usada a «pinguela» [MT106-3]] QSL002/ALiB: Como se chama um tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um córrego? MT; MS; GO. cf. **bimbarra; passarela$_1$; mata-burro; ponte; passagem$_1$; trilho$_1$.**

pinha s.f. MT. cf. **pique$_4$**.

pipa$_1$ s.f. Brinquedo feito com uma armação leve de varetas, recoberto de papel fino, que se empina no ar por meio de uma linha. [A «pipa», ela é diferente, tem que colocar um rabo grandão nela, o papagai não, é mais piqueno [MS114-1]] QSL158/ALiB: Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha? MT; MS; GO. cf. **pandorga$_1$; arraia$_1$; papagaio$_3$**.

pipa$_2$ (pipa de papel) s.f. Brinquedo feito de papel, sem varetas, que se empina no vento por meio de uma linha. QSL159/ALiB: E como se chama o brinquedo parecido com o(a) pipa, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina no vento por meio de uma linha? MT; MS; GO. cf. **arraia$_2$; balão$_1$; aviãozinho; teleco; coxim; ratinho; papagaio$_4$; pandorga$_2$; maranhão**.

pique$_1$ s.m. [É, fazer um «pique»... O «pique» às veiz fala pra uma medição, fala fazê «pique» aqui. A picada já é mai larga, mai um «pique» é que vai uma pessoa, já a

picada já é pra passá um trator, uma coisa ali, fala uma picada [MS116-3]] MS. cf. pic**a**da.

pique$_2$ s.m. [É, o esconde-esconde pode sê chamado de «pique» também [GO123-7]] GO. cf. **esconde-esconde**.

pique$_3$ s.m. [A brincadeira chama «pique». Que é o pique de esconder, que é esse que esconde, tampa e ele esconde e você vai procurar, chama pique de esconder, e o ponto é o pique, e a brincadeira chama «pique» [GO121-3]] GO. cf. **pega-pega**.

pique$_4$ (pique no alto; pique no ar; pau-a-pique; pico) s.m. Ponto combinado na brincadeira do pega-pega em que as crianças estão a salvo. [Eu sei que é «pique no ar» né, esse... Fica no ar, aí ela não pode pegar aquela, aí tem... Aí eles tem uma musiquinha, eu não sei como é que eles canta, eles fala assim:... É pique, pique, é meu... Não sei como é que é, desce de... Num sei, eu sei que eles tem um dizê né, que aí a pessoa, se a pessoa não descê aí ela já num tá na brincadera, aí ela num pode ficá muito tempo, ela só fica um poquim, quando ela corre, aí ela volta e fala alguma coisa, aí a pessoa tem que descê [GO123-2]] QSL163/ALiB: Como se chama esse ponto combinado? MT; MS; GO. cf. **parada; barra$_2$; morto; latinha; tambo; roda; ponto; pinha; paredão; pegador$_3$.**

pique no alto s.m. [«Pique no alto». Aí eles fala assim, eis corre lá, aí vão lá no pau lá e grita de lá "«pique no alto»" [MS112-2].] MS. cf. **pega-pega**.

pique-esconde$_1$ s.m. MT; MS; GO. cf. **esconde-esconde**.

pique-esconde$_2$ s.m. GO. cf. **pega-pega**.

pique-pega s.m. GO. cf. **pega-pega**.

pira s.f. [Vamo brincá de «pira», e bate na otra assim esse aí é que fica. É quando a pessoa corre, né, aí todo mundo, né, espalhou e fica um aqui, quem vai pegá a pessoa que ficou. Vai batê essa que já correu que ocê alcançou, porque você é «pira», aí você alcançou aquela já era [MT107-4]] MT. cf. **pega-pega**.

piranha s.f. [Tem gente que fala puta, «piranha», mas eu falo prostituta, acho feio falar os outros [GO123-6]] MT; MS; GO. cf. **prostituta**.

pirassununga s.f. [Só «pirassununga» memo. Bom, o que tinha aqui que eles fazia lá era só falava que era «pirassununga». Uma pinguinha. Aí ele chega e fala: "me dá uma «pirassununga» aí, ô" [MT107-3]] MT. cf. **pinga**.

pirralho s.m. GO. cf. **menino**.

pirueta (piruleta; pirulito) s.f. MT; MS; GO. cf. **cambalhota**.

pistoleiro (pistolero) s.m. Pessoa que é paga para matar alguém. [Esse povo que paga pa matá os oto dá o nome de «pistolero», esse são «pistolero», pessoas que negocia com vida de oto, ixistiu muito, até hoje ainda existe, né? [MT103-3]] QSL140/ALiB: Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém? MT; MS; GO. cf. **caça-prêmio; quebrador de milho; catador de orelha; empreiteiro$_2$; caboclo; carrasco; cangaceiro; capanga$_2$; bandido; matador; assassino; capataz; jagunço; criminoso.**

pito$_1$ s.m. MT. cf. **lava-bunda**.

pito$_2$ s.m. [«Pito» é feito de palha, né. Pega o fumo, pica ele bem picadin' e faiz, enrola na palha... [GO123-3]] MS; GO. cf. **cigarro de palha**.

pitoco$_1$ (pitoca) s.m. MT; MS. cf. **sura**.

pitoco$_2$ s.m. cf. Cachorro de rabo cortado. QSL070/ALiB: Como se chama um cachorro de rabo cortado? MT; MS; GO. cf. **picó; socó$_2$; bituca; rabicó$_2$; cotó$_2$; toco$_2$; tocó$_2$.**

pitoco$_3$ a. MS. cf. **aleijado$_3$**.

pitoco$_4$ s.m. MT; MS. cf. **bituca**.

pivete s.m. MT; GO. cf. **menino**.

pivetinha s.f. MT. cf. **menina**.

placa (placa do joelho) s.f. MS. cf. **rótula$_2$**.

planeta Vênus s.m. GO. cf. **estrela-d'alva$_2$**.

poente$_1$ s.m. GO. cf. **pôr do sol**.

poente$_2$ s.m. GO. cf. **estrela-d'alva$_2$**.

polaca s.f. MS. cf. **sura**.

polícia e ladrão s.m. MS. cf. **pega-pega**.

polpa s.f. MT; MS; GO. cf. **garupa**.

polpa de fruta s.f. GO. cf. **geleia**.

pomo de Adão s.m. GO. cf. **gogó**.

pompilha s.f. MT. cf. **rótula$_2$**.

poncã s.f. [A «pocã» é mais grande e mais doce. A casca da «pocã» é mais grossa [MT103-1]] MT; MS; GO. cf. **mexerica**.

ponta s.f. [Eu falaria a «ponta», do cacho [GO118-1]] MT; GO. cf. **umbigo**.

ponte (pontinha; pontezinha) s.f. [Ah, «ponte» é aquela que põe as maderinha pra passá. Ou... Dois ou treis pedaço de tábua assim pra passá [MT110-2]] MT; MS; GO. cf. **pinguela**.

ponto (ponto final) s.m. MT; MS; GO. cf. **pique$_4$**.

pôr do sol$_1$ s.m. Fenômeno que se observa no céu no final do dia. QSL025/ALiB: O que acontece no céu no final da tarde? MT; MS; GO. cf**. escurecer$_1$; entardecer$_4$; entardecer$_1$; poente$_1$; anoitecer$_1$**.

pôr do sol$_2$ s.m. MT; MS; GO. cf. **entardecer$_2$**.

por fora v. [Porque aborto é só pras pessoas, gente e lá «pois fora»: “pois o fi fora”, assim que fala [MT106-4]] MT. cf. **perder$_1$**.

pororoca s.f. [Isso quando a gente estuda eles falam «pororoca», né, encontro das águas. Aí dá aquela onda alta, né? [GO125-4]] GO. cf. **barra do rio**.

porronco (porronca; parronco; porrunco) s.f. [Palheiro, que faz na palha, né, na palha do milho, e «porronco» que enrola no papel mesmo [MT111-1]] MT; MS; GO. cf. **cigarro de palha**.

por-se (o sol$_3$) v. MT; MS; GO. cf. **entrar**.

prendedor s.m. MT; MS; GO. cf. **grampo**.

presa s.f. Dente pontudo e perfurante que permite rasgar os alimentos. QSL097/ALiB: Como se chamam esses dois dentes pontudos? MT; MS; GO. cf. **canino**.

presépio (presepi) s.m. Representação do nascimento de Jesus, montada artesanalmente com materiais diversos. [Não, hoje é «presépio», antigamente era lapinha, hoje é «presépio» [MT106-3]] QSL154/ ALiB: No Natal, monta-se um grupo de figura representando o nascimento do Menino Jesus. Como chama isso? MT; MS; GO. cf. **capelinha; ninho Jesus; lapinha**.

presilha (prisilha) s.f. [Antigamente era romona, hoje diz que é «prisilha», né? [MT109-3]] MT; MS; GO. cf. **grampo**.

preventivo s.m. MT. cf. **amuleto$_2$**.

prima s.f. [É. A gente falava assim: as «prima», a casa das «prima», né... É, num é bem as casa, eles fala que o povo tem que comprar, tem que ver as «prima», num sei o quê... [GO123-4]] GO. cf. **prostituta**.

primo-irmão s.m. [É isso, conhecido é... Desde pequeno, que amamentô... A gente fala que é «primo-irmão» [MS113-1]] MS. cf. **irmão de leite**.

privada s.f. [«Privada» também é de sentá, mais é feita de outro jeito. É um tipo de buraquinho assim que ali você senta e faiz as necessidade maió aí da... [MT106-4]] MT; MS; GO. cf. **vaso**.

prosa (prosa demais) a. MS. cf. **falador**.

prostituta (protestuta) s.f. Mulher que exerce a prostituição. [Eu falo «prostituta». Eu falo porque eu mexo com bar, então vejo muito, eu vejo muito, passa assim e falam: “nossa, aquela lá é rapariga...”, ela tá se vendendo, tá no motel ou tá... Entendeu? Ou aquela ali lá é uma «prostituta», entendeu? [MT104-4]] QSL142/ALiB: Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem? MT; MS; GO. cf. **violeta; madalena; rampeira; carmélia; biscate; perua; quenga; galinha; sem-vergonha$_2$; prima; vadia; rameira; safada; vaca$_2$; mulher da rua; mulher dama; mulher da zona; mulher de programa; puta; mulher da vida; mulher solteira; piranha; vagabunda; garota de programa; rapariga; mulher sem vergonha; mulher do mundo; meretriz.**

provocar (provoca) v. [Porque de primero nói não falava essa palavra que nóis falamo hoje, «provocá», porque realmente isso na sabedoria de hoje fala «provocá» [MT103-3]] MT; MS. cf. **vomitar**.

provocar aborto v. MT. cf. **abortar$_3$**.

pudim de cachaça a. MS. cf. **bêbado**.

puim s.m. MT. cf. **toco$_1$**.

pula-macaco s.m. [«Pula-macaco». É aqui é um risco né assim... Assim, aí cê pula e pega uma pedrinha e vai jogano, aqui cê vai pulano com um pé aqui, aí chega no meio os dois pé. Aqui cê pula com um pé lá no meio, cê pula aí cê fica com um pé só e pega a pedrinha, cê volta pula aí é assim. A pessoa que faiz mais ponto, né, aí joga pa trais assim daí aquele lugá que tem número não pode pisá [MT107-2]] MT. cf. **amarelinha**.

pula-pula$_1$ s.m. [«Pula-pula» que brinca aqui, que um senta numa ponta e o outro na outra, e fica um pula de cá e o outro em riba, o outro pula... Fica só subindo e descendo [GO119-1]] GO. cf. **gangorra$_1$**.

pula-pula$_2$ s.m. [É de, de sete número, sete casa, né. Fazia o quadro de, de, de um, ou de dois, é o de treis aqui, o de dois, né, até chegá no sete, né. Ahn. Vai jogando a pedra, daí ‘cê vai pulá. «Pula-pula» que fala, né? [MT105-1]] MT. cf. **amarelinha**.

pula-tábua (pula-tauba) s.f. [É esse aí mesmo, que criança, a gente balança que fala assim que «pula tauba», é esse mesmo estilo. Quando é criança a gente não pula e «pula tábua» é assim: você tá dum lado e do otro, aí você vai, levanta e aquilo sobe, aí vai bem rapidinho quando a gente vê já é pulano assim entendeu, com pé, e criança piquena você senta pa num, aí vai um, um abaxa [MT103-2]] MT. cf. **gangorra$_1$**.

puta s.f. [Mas quando é pra ofender às vezes também usa, né, ou «puta» [MT104-2]] MT; MS; GO. cf. **prostituta**.

quadril s.m. MT; MS; GO. cf. **garupa**.

quarto (quarto traseiro; quarto de trás) s.m. [É pra falar em termos de montaria, não? É garupa, agora se for pra falar em... Termos assim do cavalo, seria o «quarto» do cavalo, então, né? [MS115-8]] MS; GO. cf. **garupa**.

quatro faróis (quatro farol) a. [«Quatro farol», tem dois oio dentro, dois oio fora [GO122-3]] GO. cf. **míope**.

quatro olhos (quatro olho) a. MT; GO. cf. **míope**.

quebrador de milho (quebradô de mio) s.m. [«Quebradô de mio». É, pra num falá que ele é pistolero, quebra de mio: "rapaiz, vô te empresá cê fazê uma quebra de mio ali pra mim", é a mesma coisa se eu matá o oto, pistolero, quebra de mio [MT109-3]] MT; GO. cf. **pistoleiro**.

quebra-jejum s.m. [Outro fala na roça «quebra-jejum», né: "vamo quebrá o jejum aqui pra nóis ir pra roça". É bom, é o que levanta mesmo, você acaba de tirar o leite aí cê quebra o jejum, às vezes é um virado. O virado que que é? É o que sobrou da janta, mistura tudo, esquenta tudo junto, você come e vai pra roça, né... [GO122-3]] MS; GO. cf. **café da manhã**.

quebra-mola s.m. Alteração em relevo do piso de rua ou de estrada usado para forçar a diminuição da velocidade dos veículos. QSL195/ALiB: Como se chama aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade? MT; MS; GO. cf. **cabeça de baiano; lombada; tartaruga.**

quebra-torto s.m. [Num sei é já era sistema do povo antigo nosso, deis que nói cheguemo aqui, e eu num tinha, falava: "ah, fulano, num vai quebrá torto que nós vamo trabaiá". Então tudo mundo fala «quebra-torto». Aí era farofa, farofa, essas coisa, banana, pão, bolo intão fala «quebra-torto». Tinha café… [MT107-3]] MT; MS. cf. **café da manhã**.

queijo (queijinho) s.m. [É, que aí como, o seguinte, tem um aqui, é uma pista aqui, aí você não pode entrar por aqui, você tem que fazer, você vem daqui, você faz ele aqui assim... A gente chama aquilo «queijo», mas é o ditado mais popular daqui [GO119-3]] MT; GO. cf. **rotatória**.

queima s.f. [«Queima», vamo brinca de «queima»… É… «queima» porque se pulá errado e batê na… Na… Numa quadra que… Elimina a pessoa. Fazia o… Um quadro grande só pra iniciá depois da pessoa que ia pulá de lá do primeiro quadro jogava onde aquela pedra, caía, eles ia pulando… O que pulasse que errasse, que batesse na… Na… Ou na pedra… Que batesse nas linha de divisória tava eliminado do jogo [GO124-3]] GO. cf. **amarelinha**.

queixal$_1$ (quexado; dente quexal) s.m. MT. cf. **siso**.

queixal$_2$ (quexá) s.m. MS. cf. **pilão$_2$**.

quenga (quenguinha) s.f. [Ah, onte mesmo eu ví um menino falano uma minina lá de «quenguinha» [MS114-2].] MT; MS; GO. cf. **prostituta**.

quiosque (quiosquezinho) s.m. [Buteco mai pra cachaça. O «quiosque» também [MS115-7].] MS. cf. **boteco**.

quiquio s.m. [É. “Filho, vai tomar banho porque tá com seborréia no «quiquiu»” [GO121-4]] GO. cf. **sovaco**.

rabicó$_1$ s.f. MS; GO. cf. **sura**.

rabicó$_2$ s.m. MT; MS; GO. Cf. **pitoco$_2$**.

rabo$_1$ s.m. [É carriola: “ah, pega no «rabo», pega no «rabo» aí, impurra aí”. Os doi «rabo» dela, né, que era um «rabo» pra frente [MT109-3]] MT. cf. **braço**.

rabo$_2$ (rabo de cavalo; pelo do rabo; rabicho) s.m. Pelo flexível e resistente da cauda do cavalo. [Porque crina é o da frente, né, de trás é… «rabo»… É «rabo» [MT110-4]] QSL074/ALiB: Como se chama o cabelo comprido na traseira do cavalo? MT; MS; GO. cf. **cauda$_1$; cola$_1$; crina$_2$.**

rabo$_3$ (bassora do rabo) s.m. Apêndice pós-anal de alguns animais. [Aquele também é o «rabo», só que aí já é a bassora do «rabo», o cabelo é a bassora [MS114-3]] QSL081/ALiB: Como se chama a parte com que o boi espanta as moscas? MT; MS; GO. cf. **cauda$_2$; cola$_2$; penacho**.

rabo de galo$_1$ s.m. MS. cf. **estrela cadente**.

rabo de galo$_2$ s.m. GO. cf. **pinga**.

raiar$_1$ (do dia; do sol; arraiá do dia) s.m. [É o «arraiá do dia», né, o dia começa, tá raiando o dia, então começa a clareá, que é a luz do sol, né? [MT106-3]] MT; GO. cf. **amanhecer$_2$**.

raiar$_2$ (o dia; o sol) v. MT; GO. cf. **nascer**.

raiar do sol s.m. MT; MS; GO. cf. **barra do dia**.

raio$_1$ s.m. [O «raio» é mais fraco, o trovão é mais forte [MS112-1]] MT; MS; GO. cf. **relâmpago$_1$**.

raio$_2$ s.m. Descarga elétrica acompanhada de trovão e relâmpago que se produz entre duas nuvens ou entre uma nuvem eletrizada e o solo. [«Raio». O que aconteceu issu aqui, bem ali em cima, ali pertu do campu... Bem... Parece que foi o ano passadu. Caiu bem ali, inda bem que num tinha nada, só tinha uns mato ali, queimo só os mato memu. Nós só vimu só o queimadu, no chão. Queimô as folhas, né? Aquele trem si cai mata, né? [MT106-2]] QSL009/ALiB: Como se chama uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo? MT; MS; GO. cf. **relâmpago$_2$**; **corisco; faísca; descarga elétrica.**

raio da tarde s.m. GO. cf. **crepúsculo$_2$**.

raio do dia s.m. GO. cf. **barra do dia**.

raio do sol s.m. MT; GO. cf. **nascer do sol$_2$**.

raiz s.f. MT; MS; GO. cf. **toco$_1$**.

raizeiro (raizero) s.m. [Haham, aí a gente fala assim: "ai, fulano vai fazê uma garrafada pra mim, vai fazê uma raí, fulano é «raizero» porque ele cunhece assim". A gente chama de «raizero» porque ele cunhece todos tipo de raiz e pranta, né? Aí quando se refere a uma pessoa que faiz garrafada a gente chama de «raizero» [MS112-2]] MT; MS; GO. cf. **curandeiro**.

rameira s.f. GO. cf. **prostituta**.

ramona (romona) s.f. [Antigamente era «ramona», agora é grampo [MT111-4]] MT; MS; GO. cf. **grampo**.

rampeira s.f. MT. cf. **prostituta**.

ranho s.m. MT. cf. **meleca**.

rapariga s.f. [«Rapariga» é moça, né? Interessante, em português, né, e eles fala: “ah, fulana é «rapariga»”, é mulhé prostituta. É, mas geralmente dá o nome naquele tempo mesmo antigo eles dava muito o nome de «rapariga». Qué dizê aquela que num era casada que vivia prostituindo, né. Agora é o mesmo nome: “fulana é «rapariga»”, qué dizê: aquela mulhé, assim, aquela mulher que ela é que mora. Vamo dá um exemplo assim: que ela tem o lugá dela lá, que ela é, tem aquele direito de prostituição, então é «rapariga» [MT106-3]] MT; GO. cf. **prostituta**.

rapazinho s.m. [Sempre fala menino, «rapaizim», né, tá virano «rapaizim» [MS114-3]] MT; MS; GO. cf. **menino**.

raposa s.f. [Conheço é «raposa»... Muitos fala gambá, outros fala outro nome né... Mas aqui pra nóis, a gente fala «raposa» [MS117-3]] MS. cf. **gambá$_1$**.

rasga-calça s.f. MS. cf. **gangorra$_2$**.

raspa-tacho (rapa de tacho; rapinha do tacho) s.m. [Minha vó tinha mania de falar «rapa do tacho» [GO122-2]] MT; MS; GO. cf. **caçula**.

rastolho (restojo) s.m. MS; GO. cf. **toco$_1$**.

ratinho s.m. [«Ratinho» é laminol, e voa mais baixo, no caso, seria papel. Vai linha também e coisa, mas «ratinho» não vai vareta, não [GO121-1]] GO. cf. **pipa$_2$**.

rebojo (bojo) s.m. [«Rebojo». Tem, ali na cachoeira, esses dias quase que, que morro dentro dum. Fui pular lá, tava muito cheio, fui descer as onda, e lá esses fizeram uma barreira lá embaixo e eu não vi, cada onda alta, doutora, essa porta... Hm, eu, foi um monte de molecada lá, aí os guri foram dum lado, foi eu e mais três pessoa, mais três colega meu do outro, aí eu nadava, nadava e num saía de dentro daquilo, perdendo as força, começou a dar câimbra em mim... Os guri, meus colegas me ajudaram a sair dali. Ave Maria, tirei camisa, short pesado, bermuda pesada, aí começei a nadá, né, aí eles foram me ajudaram também [MT103-1]] MT; MS; GO. cf. **redemoinho$_2$**.

redemoinho$_1$ (redemoinho; ridimuinho; redimuim; rodamoinho; rodomoinho; redemunho; redimunhu) s.m. Turbilhão de água que se forma no rio dando origem a um buraco com força centrípeta. [Da água, «redemuinhu» de água, que fica aquele forte, principalmente quando a água tem uma caída bem forte, né, que faiz um poco, né, ali ele fica bem fais até a veiz fundo [MT107-4]] QSL004/ALiB: Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. MT; MS; GO. cf. **rebojo; funil; garganta do diabo; sumidouro; olho d'água; chupador.**

redemoinho$_2$ (redimoinho; ridimuinho; redimuim; rodomoinho; rodamoinho; redimunha; ridimunhu; redemunhu; redimuinho) s.m. Movimento circular e forte, de pequeno diâmetro, ocasionado por ventos contrários. [É, quando vem um «redemoinho», falam: “corre que lá vem o «redimunho». No meio do «redemoinho» vem o cão, é, vem o cãozinho lá dentro”. E, e e vai ter muita folha, muito trem, e se você conseguir pegar uma folhinha do meio do «redemoinho», você é a pessoa mais rica do mundo. Aí as pessoa fica, os menino fica... mas cuidado que o cão tá lá. Aí ninguém quer pegar [MT104-4]] QSL007/ALiB: Como se chama o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves? MT; MS; GO.

redondo s.m. [Na língua nossa é um «redondo», qué dizê: é ali é só pa obecê pra que se dexá ela aí nesse meio tem uma certa largura, se dexá vai havê acidente que às veiz ninguém, nem todos não vai sabê porque sempe vem daqui, vem daqui, vem daqui e tem duas entrada [MT103-3]] MT; MS. cf. **rotatória**.

reflexo$_1$ s.m. [É o «reflexo»... Aquela cor vermelha que dá no céu antes do sol é as estrelas, né? Depois vem a claridade do sol, né, que vem subindo, né, vai clareano o tempo [GO121-4]] MS; GO. cf. **barra do dia**.

reflexo$_2$ (reflexo do sol) s.m. MS; GO. cf. **crepúsculo$_2$**.

regente da perna s.m. MS. cf. **calcanhar**.

rego$_1$ (rego d’água) s.m. [É mais ou menos isso, fala: “é um «rego d’água»” que dois metro é um «rego d’água». Agora passou desse limite já chama de córgo, que nem aí por exemplo é córgo dos Borola porque ele é bem pequeno [MT106-3]] MT; MS; GO. cf. **córrego**.

rego$_2$ s.m. MT. cf. **meio-fio**.

regra s.f. MT; MS; GO. cf. **menstruação**.

relâmpago$_1$ (relâmpigo; relâmpido) s.m. Clarão no céu resultante de descarga elétrica que se produz entre duas nuvens ou entre uma nuvem e a terra. [A diferença é só de nome porque a gente na linguage da gente fala assim: "ah, tá relâmpejano", outro fala: "tá relâmpagano", otro fala: "tá teno «relâmpago»" [MT107-4]] QSL008/ALiB: Como se chama um clarão que surge no céu em dias de chuva? MT; MS; GO. cf. **clarão$_1$**; **raio$_1$; fuzilo**.

relâmpago$_2$ (relâmpado; relâmpido) s.m. [Não, aquilo chamo de «relâmpidu», né? Aquilo é eletricidade, eletricidade fortíssima, né? Não estudei muito essa parte, não [GO121-4]] MT; GO. cf. **raio$_2$**.

rengo$_1$ a. [Má pode se lá tamém aquele boi tá «rengo»... A mema coisa do cavalo [MS116-3]] MS. cf. **manco$_1$**.

rengo$_2$ a. MT; MS. cf. **manco$_3$**.

repugnar (repunandu) v. MT; MS; GO. cf. **estourar**.

restilo s.m. [Que o «restilo», geralmente ele é aguardente mais forte que tem, quando ela sai alambique, que ela num é uma purificada, ela é a parte que resta memo da cachaça [GO123-7]] GO. cf. **pinga**.

retardado a. [É, na minha época chamava a gente de pessoas assim, eu e mais alguns alunos de «retardado», é, como é que se diz... Repetente, incompetente, que é criança né, é só [MS115-1]] MT; MS. cf. **burro**.

retorno s.m. MT; GO. cf. **rotatória**.

rezadeiro (rezadera; rezadero) s.f. [“Vai na casa de fulana que ela é uma «rezadêra»”, ela reza... Com planta, pega um galho de planta, aqui memo morreu uma dona que era assim, ela pegava uma planta... [MT106-3]] MT; MS; GO. cf. **benzedeiro**.

riacho (riachuzim; riachim) s.m. [Quando a água é corrente, a gente fala «riacho» [GO119-4].] MT; MS; GO. cf. **córrego**.

ribeirão (riberão) s.m. [O córrego é mais pequeno, o «ribeirão» é mais um pouquinho, entre o rio e o córrego [GO125-3]] MT; GO. cf. **córrego**.

ridico a. GO. cf. **mão de vaca**.

rimo a. [Ah, o cavalo fala que é «rimo» [MS116-3].] MS. cf. **manco$_1$**.

rio (riuzinhu; rio pequeno; rio estreito) s.m. MT; MS; GO. cf. **córrego**.

riscar (fazer um risco) v. GO. cf. **cair**.

roçada s.f. MT; MS. cf. **picada**.

roda s.f. MT. cf. **pique$_4$**.

roda cotia s.f. MT. cf. **corre cotia**.

roda-mão s.m. GO. cf. **braço**.

roda-roda s.f. [«Roda-roda». É, tinha uma musiquinha que a gente cantava também, ah: ciranda, cirandinha, a gente cantava em volta: “ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar, vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar”. Não, deixava aí ia cantando aquilo ali até os outro interterem e você deixava lá né, e aí na hora que percebesse tinha que levantar, pegar e se conseguisse pegar a pessoa, pegou [MT104-2].] MT. cf. **corre cotia**.

rodela (ruela do joelho; roela; rodela do joelho) s.f. MT; GO. cf. **rótula$_2$**.

rolim s.m. [É uma fumaça preta, véia, que fica dura nós teiado, na parede assim... ajunta né, isso aí chama «rolim» [MS117-2]] MS. cf. **picumã**.

romper do dia$_1$ s.m. GO. cf. **amanhecer$_2$**.

romper do dia$_2$ s.m. MT. cf. **barra do dia**.

rotatória (rogatória; rodatória) s.f. Largo circular destinado a facilitar o trânsito que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto. [Agora é «rotatória». Ficô mais chique, né? Mais antigamente falava contorno. Quando ia contorná [MS115-8]] QSL198/ALiB: Como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto? MT; MS; GO. cf. **queijo; trevo; bola$_2$; balão$_2$; contorno; redondo; retorno; giratória; gira; rótula$_2$.**

rótula$_1$ (rótulo; rota; rota do joelho) s.f. Osso situado adiante do joelho. [Inclusive eu já quebrei esse «rótula» dessa perna qu'eu caí: lá em casa mesmo eu escorreguei e caí e bati com o joelho no chão e partiu em três pedaço [MT108-3]] QSL117/ALiB: Como se chama o osso redondo que fica na frente do joelho? MT; MS; GO. cf. **catuni$_1$; maçã; menisco; piador$_1$; menina do joelho; placa; patela; pompilha; bola$_1$; bolacha; pataca; rodela; cabeça.**

rótula$_2$ (rótala) s.f. [É. Mais o que que... O pessoal que fala, que mais de fora fala: "ah, tem um queijinho", hoje 'cê num acha tanta gente falando. Mais «rótula» do que quejinho [GO123-5]] GO. cf. **rotatória**.

rudo (arrudu; ruda; rudi; arruda) a. [Eu sô, sô muito «arruda». Num vou mentir. «Arruda», é diz tem assim dificuldade de fazê as coisa [MT107-2]] MT; MS; GO. cf. **burro**.

ruge (ruivo) s.m. Pó ou pasta, de tonalidade entre o rosa e o marrom, que se espalha nas maçãs do rosto. [De primero existia. Hoje até que não tem, tiram aquilo dali só que era um infeito. Até que era bonito, né, e aquilo era muito cheroso e chamava-se «ruivu», né, aquilo ali veio até um tempo, até eu me lembro, que até um tempo você via que as mulhé quando iam saí, né, por morena que seje elas passavam. Dá uma aparência, hoje acabô aquilo dali era de coisa as mulhé passavam, né, então passavam assim o «ruivo», né, ele era até cheroso, né, cheroso, gostoso, né, com aquela tredição, né? [MT103-3]] QSL191/ALiB: Como se chama aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas? MT; MS; GO. cf. **carmim; bronze; blush**.

ruim a. MT. cf. **cheio**.

ruim da visão a. GO. cf. **míope**.

ruim da vista (ruim das vista) a. MT; GO. cf. **míope**.

ruim de pagar (ruim pra pagá) a. [Fala assim: «ruim pra pagá», tá com o dinheiro e num paga [GO124-3]] MT; GO. cf. **mau pagador**.

ruim pagador a. GO. cf. **mau pagador**.

saboneteira s.f. GO. cf. **clavícula**.

sabugo (sabucu) s.m. Espiga de milho quando retirados os grãos. QSL046/ALiB: Quando se tira da espiga todos os grãos do milho, o que sobra? MT; MS; GO.

saciado a. MT; GO. cf. **cheio**.

sacrifício s.m. [O povo antigamente falava «sacrifício», agora os outro e os meu filho eles fala medalha, né. «Sacrifício». É, tem uma chapinha com imagem de qualquer um santo [MT111-3]] MT. cf. **medalha$_2$**.

safada (mulher safada) s.f. MT; GO. cf. **prostituta**.

safado a. MT; MS. cf. **mau pagador**.

sair$_1$ (o sol$_2$) v. GO. cf. **amanhecer$_2$**.

sair$_2$ (o sol; está saindo; começar a sair) v. MT; MS; GO. cf. **nascer**.

sair do lugar (saí do lugá) v. [Os antigo dizia assim: “aquela estrela, ela tá «saindo do lugá» dela, se mudando, ela tá «saindo» de um lugá para o otro, ela tá fazendo a mudança”, agora é ou não é eu num sei, sempe a gente via: “você viu como é que aquela estrela tá se mudando dum lugá pro otro? [MT103-3]] MT; GO. cf. **cair**.

salto mortal s.m. MT; MS; GO. cf. **cambalhota**.

salva-cadeia s.f. [A gente brincava mais era «salva-cadeia», era o mesmo tipo de, de brincadeira só que no local, quando ‘cê ía batê numa pessoa ela ía pra cadeia, ela fica parada, então, aí é, um deles pode encostá lá ou bater na cadeia, sai todo mundo [GO123-5]] GO. cf. **pega-pega.**

salva-latinha s.f. GO. cf. **pega-pega**.

samba-canção (samba-calção) s.f. [Eu tenho umas diferença de, de, de modelo, né, que a cirola geralmente é as cueca antiga, que eles chama de «samba-calção», né. E as cueca nova é cueca mesmo [GO123-7]] MS. cf. **cueca**.

sameado (samiado) a. [Meio «samiado», é a pessoa que não se satisfaz, né, na linguagem antiga, você só fala «samiado», é a mesma coisa de falar guloso [MT104-2]] MT; GO. cf. **guloso**.

sanga s.f. [«Sanga» a gente fala que é pequenininho, a gente fala: tem uma «sanga», uma «sanguinha» pequena [MS117-3]] MS. cf. **córrego**.

sanguessuga (sanguechuga; sanguessuo; chamichuga; samichuga; chumichuga; chuga-chuga; chupe-chunga; sambichuga; shambichuga; michuga) s.f. Animal invertebrado que suga o sangue de vertebrados por meio de ventosas. [Na região de Amazona tem muita aquilo, se dá o nome de «chamichuga». Aquilo é muito fácil, sempre aonde tem muito, a gente sempe tá caminhado com limão no bolso, se tano com limão no bolso ou fumo então é dificilmente ela, ela... ela se assegurá. [...] Cê já corta o limão assim, pega uma banda e espreme aqui. Quando cê espreme ela se mexe, ela espremeteu ela solta, ela cai no chão, ela cai é, aí num fica... Ela soltou por si própria, mais se você ficar com medo de corrê, pegá uma facão qualqué coisa e tirá ela obrigado, na marra, aí ficou o dente dela, aí vai fazê uma ferida terríve e vai demorá pa sará, vai fazê uma ferida muito grande [MT103-3]] QSL084/ALiB: Como se chama um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado? MT; MS; GO. cf. **bicha; berruga**.

santinho$_1$ s.m. MS. cf. **amuleto$_2$**.

santinho$_2$ (santinha) s.m. MT; MS; GO. cf. **medalha$_2$**.

sapicuá s.m. [Põe no «sapicuá» e põe no pescoço. Não, que tá... É o que tá segurando é... Que tá segurando a oração [MS112-3]] MS. cf. **amuleto$_2$**.

saravá s.m. [Aqui eles chama de «saravá». Põe vela, põe galinha morta, galinha preta, diabo a quatro, cabrito, amarra tudo lá e dexa lá [MS115-3]] MT; MS; GO. cf. **macumba**.

sarjeta s.f. MS. cf. **meio-fio**.

saruê s.m. [Não, esse aqui é um, é esse comedor de ovo, aquele... Se é comum eu não sei, não. De comum é o «saruê», ele é meio branco, pintado, do narizinho comprido, pretinho pintado igual esse cachorrinho aí, é o que cachorro pega ele, ele solta o...[GO119-3]] GO. cf. **gambá$_1$**.

satanás (satã) s.m [Que «satanás», num tá, num tá só no inferno, ele tá aqui também! No meio da gente! [MS115-7]] MT; MS; GO. cf. **diabo**.

satélite (salteti) s.m. MT; MS; GO. cf. **estrela cadente**.

satisfeito a. [Aí faiz igual a história do ônibus, né? Diz que a mãe falou: “Meu filho, não é cheio, é «satisfeito»”. Aí, ele saiu foi foi entrar no ônibus, né? E o ônibus estava cheio, ele falou assim: “mãe, esse ônibus tá «satisfeito»” [MS115-8]] MS; GO. cf. **cheio**.

saudoso (saudosa) a. MT; MS. cf. **finado**.

seara s.f. [É «seara», porque é um mato bem pequenininho memo [GO123-2]] GO. cf. **trieiro$_2$**.

seborreia s.f. [É. “Filho, vai tomar banho porque tá com «seborréia» no quiquiu”. Bicarbonato com limão é muito bom pra tirar, põe o bicarbonato na vasilha e corta o limão pelo meio e sóca ele lá no bicarbonato e passa [GO121-4]] GO. cf. **cê-cê**.

secar v. MS. cf. **limpar**.

segunda mãe$_1$ s.f. [Só amamenta. É a «segunda mãe». É respeitado como segundo filho, como filho dela. Quando... Eu mesmo tenho uma minina, eu só falo história minha, eu tenho, da idade dessa minina minha mais velha aí, a mãe... Ela nasceu e a mãe dela num deu, num tinha leite né, e eu tinha e elas nascero tudo num mês só, aí eu dava de mamar uma num peito e dava de mamar a outra ni outro, seis meis e ela me chama de mãe e me toma bênça: minha mãe [GO119-4]] MT; MS; GO. cf. **mãe de leite**.

segunda mãe$_2$ s.f. MT; GO. cf. **madrasta**.

segunda safra s.f. MT. cf. **toco$_1$**.

seguro (inseguro) a. [«Seguro». Fala assim: “nossa, mais o fulano é «seguro»” [GO123-6]] MT; MS; GO. cf. **mão de vaca**.

seio$_1$ s.m. MT; MS. cf. **peito$_1$**.

seio$_2$ s.f. Cada uma das mamas da mulher. [Óia, eu mesmo falo é peito né, num falo de «seios», eu falo «seios» porque eu sei que muita gente fala que é «seios», né, o certo é os «seios», mas a gente por às vezes não falá certo a gente fala: peito (risos) [GO123-2]] QSL111/ALiB: Como se chama a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos? MT; MS; GO. cf. **teta$_2$; mama$_2$; peito$_2$**.

sem dente a. MT; GO. cf. **banguela**.

sem perna a. MT; MS. cf. **aleijado$_3$**.

semáforo (senáforo; semáfaro; semáficuro) s.m. [Aqui o povo chama mais sinalero, né, mais o nome certo eu acho que é «semáforo», né [GO123-3]] MT; MS; GO. cf. **sinaleiro**.

sem-vergonha$_1$ a. MT. cf. **mau pagador**.

sem-vergonha$_2$ s.f. GO. cf. **prostituta**.

sentar (o sol; assentar) v. MT. cf. **entrar**.

sentir dor (estar com dor) v. MT; GO. cf. **ganhar**.

serenado a. Que forma um vapor atmosférico tênue que cai ao crepúsculo ou à noite. QSL020/ALiB: De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama? MT.

serenar (tá serenando; serenano) v. [«Tá serenando». A gente conhece como «serenando» quando tá aquela chuvinha assim, nem chove e nem faiz aquela tempestade. Tá aquele tempo que ‘cê não pode sair de casa sem sombrinha, a gente fala: “«serenano», «tá serenano» hoje” [MT103-2]] MT. cf. **chuviscar**.

sereno$_1$ s.m. GO. cf. **garoa$_1$**.

sereno$_2$ s.m. Vapor atmosférico tênue que cai ao crepúsculo ou à noite. [«Sereno» é aquele coisa que você coloca o carro, dexa o carro dormi à noite ali, aí amanhece o dia tá tudo... [MT103-2]] QSL020/ ALiB: De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama? MT; MS; GO. cf. **neve$_1$**; **garoa$_2$; orvalho$_1$; neblina$_2$.**

sereno$_3$ s.m. [Aqui cai muito, aqui quando chove assim, aqui mesmo que eu fico aqui na frente e você não vê a cidade, fica tudo escuro: vem da cachoera aquele «sereno» todinho assim ó, móia tudo, às vezes que tá assim lá fora móia tudo de «sereno» [MT103-4]] MT; MS; GO. cf. **neblina$_3$**.

sião s.m. [«Sião» é um negócio que a mulher, o homem ou a mulher, mais a mulher que usa, aí vai levando... É pendurado na cangaia de um lado e outro assim, nesses malote, aí as coisa que compra na cidade... [GO121-4]] GO. cf. **bruaca**.

sinal (sinal de trânsito; sinal de alerta) s.m. MT; MS; GO. cf. **sinaleiro**.

sinal vermelho s.m. MT; MS; GO. cf. **menstruação**.

sinaleiro (sinalera; sinalero) s.m. Aparelho de sinalização urbana, rodoviária ou ferroviária que orienta o tráfego por meio de lanternas, luzes, bandeiras e/ou hastes móveis, etc. [Assim, entre si, fala «sinalero», agora quando vai conversá cum otras pessoas, aí já fala... semáforo. Assim pessoas mais descunhecida né, mais... distante, agora quando é dia-dia co'a gente, amigos e colega, irmão, assim... É «sinalero» [GO123-3]] QSL194/ALiB: Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela? MT; MS; GO. cf. **sinal; luminoso; sinalização; semáforo; farol$_2$.**

sinalização s.f. MT. cf. **sinaleiro**.

siso (sisnu; sisor; siro; síris; cisto; sisso) s.m. Cada um dos terceiros dentes molares que surgem geralmente entre os 17 e os 21 anos de idade. [Aqui não usa muito «siso», fala mais é molar, pilão mehmo. Molar, pilão, éh, fala: "tô com uma dor no pilão". E aí no, no Pantanal usa-se muito o cansansã, o leite de cansansã pra estorar o pilão. E aí começa a atacá o nervo, começa a doê, aí ele pega os cansansã, que é uma... Uma... Vegetação que tem na bera do rio, ele tira um leitizinho, ela dá uma frutinha, uma frutinha fica até vermelha. Quando tira, sai um leitizinho branco, aí ele pega aquele leitizinho põe aqui, esse leite estora o dente, ah? Rebenta o dente, aí o nervo libera tudo, né? [MT108-7]] QSL098/ALiB: Como se chamam os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta? MT; MS; GO. cf. **dente de cavalo; molar$_1$; dente permanente; pilão$_1$; dente queiro$_1$; dente do juízo; queixal$_1$.**

soca (morissoca) s.f. [Nói chamamo aqui «soca», ela produzi também, ela dali você cortô e conforme dá terra boa, ela continua é crescendo, só que ela não muito tempo igual quando ela inicia porque ela já tá uma poco mais fraco, né, e ela produzi também [MT103-3]] MT; MS; GO. cf. **toco$_1$**.

socó$_1$ s.f. GO. cf. **sura**.

socó$_2$ s.m. GO. cf. **pitoco$_2$**.

sofrer de vista v. MT. cf. **ter problema nas vistas**.

soluço (saluçu) s.m. Ato reflexo que produz o início de movimento inspiratório, o qual subitamente é detido pelo fechamento da glote, com a produção de ruído característico. [Uma vez eu soluçando demais ela falou assim: "ó, minhas nica lá na minha mesa sumiu, e foi você que apanhou". E aquilo ia me pondo aquele, aquela supressão na minha cabeça, "me dá minhas nica, me dá minhas nica", aí eu ficava: "mas não foi eu não", eu chamava ela de Sabó, "não foi eu não, Sabó, não foi eu

não". "Você apanhou minhas nica. Eu quero minhas nica". Quando passava ali uns dez minutos, não tinha «soluço», não tinha nada, aí eu fi... já começava a chorar, aí: "Não, eu tou brincando com você por causa do «soluço»", aí o «soluço» já tinha parado há muito tempo [GO121-4]] QSL103/ALiB: Como se chama esse barulhinho que se faz? MT; MS; GO.

soqueira (soquero; soquera) s.f. [A «soquera», porque às vezis ele brota e 'cê colhe de novo [MS117-3]] MS; GO. cf. **toco$_2$**.

sossegado a. [Pra nóisi é «sussegado», é muito «sussegado», qué dizê, é tranquilo, não esquenta a cabeça, qué dizê, não procupa, é… A palava mais certo é que não procupa, é «sussegado», é a palava que nóisi é… A palava certo que nói refiremo elas que e é «sussegado», tranquilo [MT103-3]] MT. cf. **mau pagador**.

sovaco (sovacu; subacu; surubaco) s.m. Cavidade do corpo humano que fica na parte inferior da junção entre o braço e o ombro. [É, por exemplo, minha mãe, meus tios, que eu tenho muito... Vixi, quando tem reunião de família, tem num sei quantas pessoas, então tudo é «suvaco»: "ow, menina, tira esse sabão de dentro do meu «suvaco»", entendeu? [MT104-4]] QSL108/ALiB: Como se chama esta parte aqui? MT; MS; GO. cf. **quiquio; axila**.

sovaqueira (subaquera; suvaquera) s.f. MT; MS; GO. cf. **cê-cê**.

sovina (suvino) a. MT; MS; GO. cf. **mão de vaca**.

subir (começar a subir) v. MS; GO. cf. **nascer**.

sujeira s.f. GO. cf. **meleca**.

sumidouro (sumidô) s.m. GO. cf. **redemoinho$_1$**.

sumir (está sumindo; o sol some) v. MT; GO. cf. **entrar**.

sunga s.f. MT; MS. cf. **cueca**.

supitado (supitada) a. [«Supitada», tô muito «supitada», acho que eu vou fazer alguma coisa pra mim, pra... Dessupitar, tá «supitado» [MT108-2]] MT. cf. **cheio**.

sura (surá; suria; suru) s.f. Galinha sem rabo. QSL069/ALiB: Como se chama uma galinha sem rabo? MT; MS; GO. cf. **pitoco$_1$; nambu; polaca; rabicó$_1$; tocó$_1$; suruca; conga; socó$_1$; cotó$_1$.**

surrão$_1$ (surão) s.m. [É pa botá no animal pra transportá mercadoria, eu chamo isso aqui é «surrão». É que é feito de coro, põe esse aqui, ixi, cê joga aí, até den'do diss'aqui já. Meu avô carregava a gente. Transportá aqui, né. É, punha as coisa aqui dentro carregava, punha farinha, arroiz, fumo, essas coisa, pa í vendê na rua, quando vinha da rua comprava as coisa de lá, açúcar, as coisa que num tinha na fazenda e trazia de volta nisso aqui [MT109-4]] MT; MS. cf. **bruaca**.

surrão$_2$ a. [«Surrão», porque «surrão» é que cabe tudo quanto é trem que põe lá dentro mas num enche, né [GO124-3]] GO. cf. **guloso**.

suruca (surucura) s.f. MT; MS; GO. cf. **sura**.

sutiã (sustião; sutiem; sustiem; surtiem) s.m. Roupa íntima feminina destinada a sustentar ou a modelar as mamas. [Apanhei muito de «sutiem» [MT108-7]] QSL188/ALiB: Como se chama a peça do vestuário que serve para segurar os seios? MT; MS; GO.

tabaco s.m [Ah, ali eles chamo o dipois dele pronto se dá o nome de «tabaco», «tabaco» o nome dele real que é de tredição dos primero, dos primero né, «tabaco» [MT103-3]] MT; GO. cf. **cigarro de palha**.

tabuleta s.f. MT. cf. **tramela**.

tagarela a. MT; MS; GO. cf. **falador**.

talismã s.m. [Ah, um usa «talismã», penduradinho assim... Uns já usa um Jesus Cristo numa cruiz, o outro já usa um olho pra se defender de olho grande, essas coisa, inveja, uns já usam em casa assim como tá aqui, já usa defumador, pó, sal grosso, essas coisa [MT108-2]] MT. cf. **amuleto$_2$**.

talo s.m. MT; MS. cf. **toco$_1$**.

tambo s.m. MS. cf. **pique$_4$**.

tanga s.f. MT; GO. cf. **calcinha**.

tangerina s.f. [A «tangerina» tem a casca mais fina. O gosto dela, ela é mais azedinha, mais azedinha e ela tamém dá o chero mais forte, né. Discasca ela, se apanhá aqui escondido lá na rua a senhora passá todo mundo vai saber que a senhora panhô, né, onde a senhora passá ela dá o alarme logo [MT107-3]] MT; MS; GO. cf. **mexerica**.

tapado a. GO. cf. **burro**.

tapuru$_1$ (tapuruzinho) s.m. MT. cf. **coró$_1$**.

tapuru$_2$ s.m. MT. cf. **coró$_2$**.

taquara rachada a. MS. cf. **falador**.

tarde (tardezinha) s.f. MS; GO. cf. **boca da noite**.

tartaruga (tartaruguinha) s.f. MT; GO. cf. **quebra-mola**.

tatu s.m. MT; MS. cf. **meleca**.

teleco s.m. [É, é... é... «teleco»... os menino aqui mesmo, eu vejo os menino falá assim: "ah, o «teleco» dele". É, aí eles droba assim e solta [GO123-2].] GO. cf. **pipa$_2$**.

tempestade$_1$ (tempestade de chuva) s.f. Chuva forte e repentina acompanhada de ventos. [É, uma «tempestade» é assim desse jeito, que é rápida e caba cum tudo, né, vai acabando com tudo é a «tempestade», né. “Deu uma forte, mai deu um chuva forte”. Chove, no dizê o forte é que deu aquela chuva tão grossa, mas tão grossa, sabe aí derramô água e ó, nudô a rua, né e a «tempestade» é aquela que vai acabano com tudo né, derrubano casa, né [MT103-4]] QSL011/ALiB: Como se chama uma chuva com vento forte que vem de repente? MT; MS; GO. cf. **temporal$_1$; chuva de caju$_1$; chuva passageira$_1$; chuva temporona$_1$; chuva brava$_1$; chuva pesada$_1$; deita-capim; chuva de manga$_1$; chuva de vento$_1$; vendaval$_1$; chuva rápida$_1$; chuva grande$_1$; toró$_1$; enxurrada$_1$; chuva forte$_1$; chuva grossa$_1$; chuva de bomba; tromba d'água; chuva de verão; enchente; cepóide de pé d'água; pancada de chuva; chuvão$_1$; chuva de vento$_2$; ventania; tormenta.**

tempestade$_2$ (tempestade rápida) s.f. Chuva de pouca duração, muito forte e pesada. [A «tempestade» é uma chuva qure provoca estrago, né? Ela tira telha das casas, vem com vento, essas chuva passageira, rápida, mesmo que ela venha forte, ela é uma chuva passageira, mas ela vem forte, né, com muito vento [GO125-4]] QSL013/ALiB: Como se chama uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada? MT; MS; GO. cf. **chuva forte$_2$; chuva rápida$_2$; temporal$_2$; dilúvio$_1$; furacão; vendaval$_2$; chuva pesada$_2$; chuva brava$_2$; chuva passageira$_2$; chuva de manga$_2$; chuvona$_1$; canga d'água; chuvão$_2$; pé d'água.**

tempestade$_3$ s.f. MT; GO. cf. **inverno.**

tempestade de pedra s.f. MS. cf. **chuva de granizo**.

tempo aberto s.m. MT. cf. **estiagem**.

tempo limpo s.m. MT; MS; GO. cf. **estiagem**.

temporal$_1$ s.m. [«Temporal» forte deu, né, com muito vento, né? À vei' começa as chuva em otubo termina só em março... [MT103-4]] MT; MS; GO. cf. **tempestade$_1$**.

temporal$_2$ s.m. [Quando o «temporal» vai dar ele já vem escurecendo, vem escurecendo tudo, tudo, tudo. Aí tá de dia e já tá de noite. É «temporal» forte [MT104-4]] MT; MS. cf. **tempestade$_2$**.

temporal$_3$ (temporal de chuva) s.m. MT; MS; GO. cf. **inverno**.

ter (neném; filho) v. [Então ela já fica sabeno, então quando chega nos dia de «ter a criança» já tá sabeno, deu dor então a gente já vai direto lá chamá ela já vem pra ajudá [MT107-3]] MT; MS; GO. cf. **ganhar**.

ter fraqueza na vista v. MS. cf. **ter problema nas vistas**.

ter problema nas vistas v. Ter miopia e, por isso, dificuldade em enxergar mais longe e precisar usar óculos ou lentes reparadoras. QSL093/ALiB: Como se chama a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos? GO. Cf. **faltar as vistas; ter fraqueza na vista; sofrer de vista; não enxergar bem.**

terça-feira (terça-fera) a. [Fala que ela é «terça-fera». É porque num nasceu na segunda, né. Então tem uma série de dificuldade [GO123-7]] GO. cf. **burro**.

terçol (truçol; triçol; entreçol; turçoro; treiçol; torçol; terçolo; entreçol) s.m. Abscesso pequeno que cresce na borda da pálpebra. [É quando uns falam assim: a pessoa tá com «treiçol» quando tá com essa negócio no olho, que sai aquela, aquela verruguinha, aquela, aquela coisinha assim no bera do olho, fala assim: você canhou as coisa pra mulher... Pra mulher prenha (risos) [MT108-3]] QSL094/ALiB: Como se chama a bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha? MT; MS; GO. cf. **cu de pinto; bonitinha$_1$; espinha$_2$**.

terreno s.m. Porção de terra de pequenas dimensões, urbana ou rural, que se destina a construções ou à pequena agricultura. [Lote quando é assim já mais inferior, né, esse lugá de centro de cidade fala: "vô comprá um «terreno» pra contruí uma casa" [MT106-3]] QSL199/ALiB: Como se chama a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade? MT; MS; GO. Cf. **parcela; data; lote**.

teta$_1$ s.f. [A «teta» é onde puxa, né, pra saí o leite, e a ubri é a que guarda o leite, né? [MT105-3]] MT; MS; GO. cf. **peito$_1$**.

teta$_2$ s.f. MT; GO. cf. **seio$_2$**.

tiara (estiara) s.f. [Hoje tem, hoje eles já enfeitaram ela um pouquinho, mais então usa os dois nomes, né, só pelo costume de muito uso fala tanto faz a «tiara» como o diadema, é um objeto só, mas usa os dois nomes pras duas, pras uma coisa só, um objeto só [MT104-2]] MT; MS; GO. cf. **diadema**.

tique-taque s.m. MS; GO. cf. **grampo**.

tira-jejum s.m. [Pra nóis é o «tira-jejum». Hoje é café da manhã, né? Naquele tempo era tirá o jejum pra nóis í imbora fazê isso, aquilo [MS114-3]] MS. cf. **café da manhã**.

tirar v. MT. cf. **abortar$_3$**.

tira-torto s.m. [É, «tira-torto». Num diz, num dizer antigo, né, vamo tirá o torto, qué dizê: "vamo cumê". Agora falam café da manhã, né? [MT105-3]] MT; MS. cf. **café da manhã**.

tisna s.f. MT. cf. **picumã**.

tocaio s.m. [«Tocaio»... Pra mim é «tocaio». Bom... Pra nóis o termo antigo é, né? [MS117-4]] MS. cf. **xará**.

toco$_1$ (toquinho) s.m Parte do pé de arroz ou de fumo que permanece após a colheita da primeira safra. [Só ficô o «toco» do arroiz na roça [MT107-3]] QSL047/ALiB: Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte? MT; MS; GO. cf. **touceira; tronco; pé; rastolho; soqueira; talo; soca; broto; puim; raiz; segunda safra.**

toco$_2$ (toquinho; cotoco) s.m. MT; MS; GO. cf. **pitoco$_2$**.

toco$_3$ s.m. [«Toco» ou bituca, ficava pedino pra fumá aquele pedaço lá porque não tinha dinheiro pra comprá fumo. Parece que antigamente mais era o «toco», mas por agora eles fala mais a bituca, né? [GO124-4]] MT; MS; GO. cf. **bituca**.

tocó$_1$ s.f. GO. cf. **sura**.

tocó$_2$ (ticó; toró) s.m. MT; GO. cf. **pitoco$_2$**.

tô-fraco s.f. MS; GO. cf. **galinha-d'angola**.

tomada s.f. [É denominação eles usa pras duas coisa, tanto pra tomada de encaxá os pino, né, como a o interruptor pá... "aperta a «tomada» aí!" é assim. Dependendo da palavra anterior, colocá tomada é quando é o fio e apaga a «tomada», já é o interruptor [GO123-7]] MT; MS; GO. cf. **interruptor**.

tomado a. MT. cf. **bêbado**.

tonto a. MT; MS. cf. **bêbado**.

tormenta (tormento de vento) s.f. [O povo antigo fala mais «tormenta»... Que dá, onde dá... Ranca o que tem... Rebenta tudo [MS117-3]] MS. cf. **tempestade$_1$**.

tornozelo (cutuzelo) s.m. Saliência óssea que, em cada um dos membros inferiores, situa-se entre a perna e o pé. [Aí a gente fala «tornozelo» [MS116-2]] QSL118/ALiB: Como se chama isto? MT; MS; GO. cf. **junta do pé; osso da miséria; cotovelo; maléolo; catuni$_2$; panturrilha; osso; osso gostoso; piador$_2$; mocotó; garrão$_1$; osso do tornozelo.**

toró$_1$ s.m. MT; MS. cf. **tempestade$_1$**.

toró$_2$ s.m. MT. cf. **inverno**.

touceira (torcera) s.f. MT; MS; GO. cf. **toco$_1$**.

toutiço (tutiço) s.m. MT. cf. **nuca**.

trabalhador (trabalhadô) s.m. [Eu falo «trabalhadô», o «trabalhadô» hoje não veio [GO119-4]] GO. cf. **diarista**.

trabalho (trabalho de magia negra) s.m. [Fala que é «trabalho», mandou fazer um «trabalho» pra fulano, cicrano [GO123-4]] MT; MS; GO. cf. **macumba**.

traído a. [Chifrudo, alguma coisa, mais é mais «traído» que se usa [GO123-5]] MS; GO. cf. **chifrudo**.

trambiqueiro (trambiquero) a. [A pessoa é sem vergonha, é vagabundo, porque num, num, paga as cointa que deve: "fulano é «trambiquero»", é o nome que dá assim [MT109-2]] MT. cf. **mau pagador**.

tramela (tramelinha) s.f. Peça de madeira ou de metal que gira presa a prego ou similar e é pregada em portas e janelas para fechá-las. [Eu já tive, lá em casa teve esse trem, uai, é um coisinho assim a gente põe um prego, uma «tramela» [GO126-2]] QSL168/ALiB: Como se chama aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela...? MT; MS; GO. cf. **trivela; tranca; trinca; fechadura; trinco; tabuleta**.

tranca (travanca) s.f. MT; MS; GO. cf. **tramela**.

tranquilo a. MT. cf. **mau pagador**.

trapézio s.m. MT. cf. **balanço$_2$**.

traseira (parte traseira) s.f. MT; MS; GO. cf. **garupa**.

traseiro s.m. MT; MS; GO. cf. **garupa**.

tratante a. MS. cf. **mau pagador**.

travessa (trevessa; travessinha) s.f. [A «travessinha» é cheia de dentis, né, parece um pente [GO123-8]] MT; GO. cf. **diadema**.

trem s.m. MT. cf. **cisco**.

três marias s.f. MT. cf. **caminho de santiago**.

três reais magos s.m. MT. cf. **caminho de santiago**.

tresanteontem (tresantonti; treiondonti; três antes de ontem; transtransdiontem; trás anteontem) s.m. Dia que antecedeu em dois aquele em que se está. [Tem muito que fala, esse mais antigo fala «treisantonte» [MT107-4].] QSL038/ALiB: Como se chama o dia que foi antes de...[E mais um dia para trás]? MT; MS; GO. cf. **antes de anteontem**.

treteiro a. GO. cf. **mau pagador**.

trevo s.m. MT; MS; GO. cf. **rotatória**.

trieiro$_1$ (trieru; triera) s.m. [É, meu esposo, eu lembro meu esposo falá, ele... Onde que foi... Nóis tava, acho que foi, ai ele trabalhó muito em fazenda, né, purque quando nóis morava lá em Dourados ele teve plantação de...De... De arroz, de tudo, trabalhó muito num homem lá na fazenda, ele falo: "eu já abri o «triero», a gente abriu um «triero» até chegar lá", tal [MT109-2]] MT; MS; GO. cf. **picada**.

trieiro$_2$ (trieiru; triera; trilheiro; treeiro) s.m. Caminho rudimentar, geralmente estreito e tortuoso, entre a vegetação, aberto a partir da passagem contínua de pessoas ou animais. [Ou fez um «triero», o gado fez um «triero» também [MT109-3]] QSL063/ALiB: Como se chama o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali? MT; MS; GO. cf. **carreiro; passagem$_2$; seara; vereda; trilho$_2$; estrada$_2$; caminho$_3$; trilha$_2$; carreador**.

trilha$_1$ s.f. MT; MS; GO. cf. **picada**.

trilha$_2$ s.f. [«Trilha» é a pessoa que tem mais uma culturinha, né, já fala «trilha» [MT107-4]] MT; MS. cf. **trieiro$_2$**.

trilho$_1$ s.m. [O «trilho» é só uma tábua [MT110-2].] MT. cf. **pinguela**.

trilho$_2$ s.m. MT; GO. cf. **trieiro$_2$**.

trinca s.f. GO. cf. **tramela**.

trinco (trincão) s.m. MT; MS; GO. cf. **tramela**.

trisca s.m. [É só, esse é só “vamo brincar do «trisca»”, aí fala ... bate a pedrinha, assim, aí quem ficar pra pegar que vai pegar os outros, aí vai chegar, bater, trisquei ni você, você já vai, eu que vou, você já vai pegar o outro já lá [GO118-3]] GO. cf. **pega-pega**.

trivela s.f. MT. cf. **tramela**.

trole s.m. [Muitos fala o «trole» aquele carrim de mão, que põe e vai empurrando, leva tijolo, tem muito em olaria ele, né [GO124-4]] GO. cf. **carrinho de mão**.

tromba d'água (bomba d'água) s.f. [Ah, eles fala, eles fala assim muito, é «tromba d'água», né? Mas... pra nós aqui graças a Deus num tem não [GO118-3]] MT; MS; GO. cf. **tempestade$_1$**.

troncho a. MT. cf. **manco$_3$**.

tronco s.m. MT; MS. cf. **toco$_1$**.

trongo a. GO. cf. **manco$_3$**.

trono (trono do rei) s.m. MT; MS. cf. **vaso**.

trovão (truvão; trovejão) s.m. Estrondo provocado por descarga elétrica na atmosfera. [É que ele… É, quando dá o, o relâmpago, né, que fala relampagô e deu, deu estalo, daí já vem o «trovão» junto [MT110-3]] QSL010/ALiB: Como se chama o barulho forte que se escuta logo depois de um raio? MT; MS; GO. cf. **estrondo; estalo**.

turvo (ficar; estar) a. Que se observa no céu no final da tarde. [Tá «turvo», aqui nóis fala assim, quando ainda tá assim meio ... meio de dia, meio escuro, o povo fala assim: "ah, tá... Ah, tá ficando meio «turvo»" [GO118-4]] QSL027/ALiB: E quando o sol se põe? GO.

úbere (umbru; ubri; ubra) s.m. [A teta é onde puxa, né, pra saí o leite, e a «ubri» é a que guarda o leite, né? [MT105-3]] MT; MS; GO. cf. **peito$_1$**.

umbigo (imbigu) s.m. Ponta terminal da inflorescência da bananeira. [Uns chama da fruta, nóis chamamos é o «imbigo» dela. Essa parte aqui, essa aqui ó... Quando a pessoa tem a uma cocera [...], então você vai adonde tem essa banana iss'aqui, vai da banana baié, daquela, daquela nanica, aquela baxa, então o 'cê vai lá no mato que sempre 'ocê pranta bastante que é aqu'eis cachão grande. Aí você corta, tira, quebra ela, 'cê qué pôr pra quebrá né, aí o cê quebra ela e tráiz. Aí ocê corta essa parte aqui, 'cê corta essa parte e passa em cima daquilo. 'Cê vai na berada do rio e pega uma escova e dá uma lavada bem caprichada com sabão [...], aí 'ocê seca ela, que quando ela tá sequinha aquela, aquela cocera, aí o cê corta isso aqui e passa em cima e iss'aqui fica, fica aquela nóda, fica aquela nóda. Duas veiz que passá já sarô, já sarô iss'aqui [MT103-3]] QSL044/ALiB: Como se chama a ponta roxa do cacho da banana? MT; MS; GO. cf. **pêndulo; pendão; engasto; buio; cachopa; umbigueira; flor; mangará; coração; ponta; olho.**

umbigueira s.f. MT. cf. **umbigo**.

umedecido a. MT. cf. **úmido**.

úmido a. Que não está seco nem molhado, após uma leve chuva, no caso do solo. QSL019/ALiB: Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica? MT; MS; GO. cf. **bazé; enxovalhado; umedecido**.

unha de fome a. GO. cf. **mão de vaca**.

urubu (orubu; arubu) s.m. Ave preta de cabeça e pescoço nus que se alimenta de carne em putrefação. [Todo filhote de «urubu» nasce branco. Ele é branquinho e se 'ocê chegar no ninho dele ele vumita n'ocê. Ele tem...Ele tem nojo de gente. O filhotinho vumita em ocê. Ah, a mãe ataca [MT109-1]] QSL064/ ALiB: Como se chama a ave preta que come animal morto, podre? MT; MS; GO. cf. **corvo; abutre**.

útero (úter; utru) s.m. Órgão feminino em que se aloja o ovo fecundado até este se desenvolver e se tornar um feto. [Então hoje a gente sabemos que até nas televisão assim, naqueles quando eles tão fazendo exame, ele memo a gente tem, faz, porque quando eles tão falando qualqué coisa que vê nas mulher fala: "óia, a parte que fica os bebê", fica lá na parte do «útru» da mulhé, fica ali naquela parte ali, então ele vai gerá ali e o movimento dele, vai ficá ali até que ele, ele pode fazê algum giro dento

de uma manera que a pessoa se movimentá, a muié se movimentá maisi ele vira pra lá e vira de cá, né, maisi ele mantém ali, ele se cria ali dento [MT103-3]] QSL113/ALiB: Como se chama a parte do corpo da mãe onde fica o nenê/bebê antes de nascer? MT; MS; GO. cf. **bucho; abdômen; bolsa$_2$; barriga; ventre**.

vaca$_1$ s.f. [Num sei minina por que eis falam isso né... Eu já vi essa história tanto... Aí, fulano, chegô hoji o quê? A «vaca»... [GO119-4]] GO. cf. **menstruação**.

vaca$_2$ s.f. MT. cf. **prostituta**.

vadia s.f. MT; MS; GO. cf. **prostituta**.

vagabunda s.f. [Tem é, gente fala: "não, aquela mulhé num presta, ela é uma «vagabunda»" [GO126-2]] MT; MS; GO. cf. **prostituta**.

vagabundo a. MT; GO. cf. **mau pagador**.

vagalhão s.m. [«Vagalhão» usa muito, quando a onda é grande, né? [GO123-7]] GO. cf. **onda$_2$**.

vagem (vagi; bage) s.f. Base que guarda os grãos de feijão ainda no pé. [É «bage» que eis fala, é que é as «vagi», mas eis fala que é a «bage» do fejão [MT111-4]] QSL049/ALiB: Onde é que ficam os grãos de feijão, no pé, antes de serem colhidos? MT; MS; GO. cf. **bainha; bago; casca$_1$; fava.**

varal s.m. MS. cf. **braço**.

varejeira (varijera; varejera; mosca varejera; mosca cerejera; barejeira; varejo; varejenta) s.f. Mosca que deposita os ovos em tecidos vivos ou mortos de vertebrados ou em substâncias orgânicas em decomposição. [E tem a «varejera» que põe o bicho, a varejinha, daí cresce e vira os bicho, né? A «varejera» é menor do que a bernenta, é menor, quase da mema cor, mais iscura [MS112-4]] QSL083/ALiB: Como se chama um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa? MT; MS; GO. cf. **mosca carniceira; beronha; berneira; mosca de berne; mosca; mosca do bicho; mutuca.**

vaso (vaso sanitário; sanitário) s.m. Peça, geralmente de louça vidrada, que colhe dejeções humanas nos banheiros. QSL170/ALiB: Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades? MT; MS; GO. cf. **curva; patente; trono; privada**.

vazar (vazando) v. MS. cf. **estar de chico**.

vazio s.m. MT. cf. **peito$_1$**.

velhaco (veiaco) a. [Esse aí os nego já fala: “ah, ali tem um ...", os caboclo vai dizer: “ali tem um «veiaco»”, uma coisa assim, aí só deixando [GO118-3]] MT; MS; GO. cf. **mau pagador**.

venda s.f. [Agora falam «venda» [MS113-2]] MT; MS; GO. cf. **boteco**.

vendaval$_1$ s.m. [Eu tava numa fazendinha que eu tinha... Veio um «vendaval» assim que cê escutava, o trem vinha turrando, aí tinha um velinho lá, mais noi lá em casa que nois tava no rancho... E ele saiu lá fora e... Num sei o que que ele fez lá, num sei, sei que disviô. Tem, tem, disviô a chuva, passou dum lado do otro, derrubô árvore, derrubou do oto lado, e o barraco nosso ficô em pé, vinha, vinha rachando assim em cima. Sei que’le num quis mi falá. Diz ele que... Uns diz que trais o garfo e joga lá, né? É põe o garfo no outro cruzado, ingancha ele e põe lá. Mas eu num sei. Num sei. Esse dia eu num vi ele pondo não, ele só passou, benzeu a chuva, ela saiu de lado. Não tinha derrubado a casa nossa lá, o barraco, ela passou assim uns cinquenta metros...A árvore desta grossura ele jogou no chão [MT109-3]] MT; MS; GO. cf. **tempestade$_1$**.

vendaval$_2$ s.m. MT; MS. cf. **tempestade$_2$**.

veneziana (veleziana; vaneziana; deveziana) s.f. Janela feita de lâminas de madeira ou de metal que formam frestas que controlam a ventilação e a claridade do ambiente. [É «veneziana». Porque agora que eu tô conhecendo essas coisa aí, porque as nossa lá era janela mesmo de madeira [MT111-4]] QSL169/ ALiB: Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade? MT; MS; GO. cf. **bandeirola; folha**.

ventania (ventania forte; chuva de ventania) s.f. [Aí aqui fala assim: "deu uma «ventania» forte, mai uma chuva forte tamém qu alagô tudo". Igual esse dia lá em baxo teve, deu uma chuvona lá e uma «ventania» que tava rancano cobertura de casa tudo [MT107-3]] MT; MS; GO. Cf. **tempestade$_1$**.

ventre s.m. MT; MS; GO. cf. **útero**.

veranico (veranil) s.m. [«Veranico» é o... eu entendo assim: começa a chover, aí para e vem o sol, né? [GO122-4]] GO. cf. **estiagem**.

vereda s.f. GO. cf. **trieiro$_2$**.

vermelhão (vermelhão no olho) s.m. MT. cf. **conjuntivite**.

vermelhidão s.m. MT. cf. **barra do dia**.

verônica s.f. GO. cf. **medalha$_2$**.

vesgo a. [É «vesgo», eu falo que o meu filho é «vesgo», eu não falo que ele é zarolho. Meu irmão já fala que ele é zarolho, eu não gosto, é «vesgo», meu filho é «vesgo» [MT108-2]] MT; MS; GO. cf. **zarolho$_2$**.

véu de estrela s.m. MS. cf. **caminho de santiago**.

via láctea s.f. [Ouvia muito no jornal falando não sei o que «Via Láctea», «Via Láctea». É, a professora explicava na história, de História, de Geografia, eu nunca fui boa de Geografia nem de História [M108-2]] MT. cf. **caminho de santiago**.

viação s.f. [Não, aqui é «viação», chama «viação». Que faz, que tem uma «viação» na Paulina que faz Formosa-Brasília. "Vou pegar «viação»..." [GO121-3]] GO. cf. **ônibus$_2$**.

vil a. MT. cf. **mão de vaca**.

vilhida (venida) s.f. [«Vilhida»: “fulano tá com uma «vilhida» no olho, tá quase cego, tá c’uma «vilhida» no olho”. «Vilhida» é uma pele branca que dá que se não operá com o tempo fica cego [MT106-3]] MT; GO. cf. **catarata**.

violeta s.f. MT. cf. **prostituta**.

vir (o sol; o dia) v. GO. cf. **nascer**.

virolho (viroi) a. MT. cf. **zarolho$_2$**.

viroto a. [Uns fala: “ah, fulano é «viroto»", uns é “oh, discurpa”, otos é vesgo: "óia só pra dentro". Otos já "óia po oto lado, né?" Tem pessoas que a gente acha que tá olhano e você tá olhano lá nela a de lá tá pensano que tá olhano lá, té pensano em você, então aquela pessoa é «viroto» [MS114-3]] MT; MS. cf. **zarolho$_2$**.

visagem (visage) s.f. [«Visage» é aquela que vê no cemitério, né, sombração é que vê em qualqué lugá [MT106-4]] MT. cf. **assombração**.

visão s.f. [Ah é, eu já vi, fala mesmo que muitas pessoas já viu mesmo. A gente fala que é uma «visão», né, a pessoa teve uma «visão» [GO123-2]] MT; MS; GO. cf. **assombração**.

visão curta a. MT. cf. **míope**.

vista curta a. [É «vista curta», né. É «vista curta» porque é essa neta mesmo que nóis cria desde criança, aí piquininha ela tem a «vista curta», a mãe dela quando tava, é, que tava a gestante dela, então tomô muito medicamento e pá perdê ela, porque ela não sabia e aí ficô atrapaiada da vista [MT103-3].] míope. vista fraca loc. a. [Aí ele tem as «vista fraca», né, e tem que usar óculos igual eu tô usano [MS114-3]] MT; MS; GO. cf. **míope**.

vomitar (vumitar; rumitar; gumitar) v. Ação de expelir pela boca o que se comeu. QSL112/ALiB: Se uma pessoa come muito e sente que vai por/botar para fora o que comeu, se diz que ela vai o quê? MT; MS; GO. cf. **jogar para fora; lançar fora; provocar**.

vulto s.m. [Eles fala «vulto»: “ah, eu vi um «vulto» lá no cemitério”. Outra hora fala que viu tipo uma visão, uma coisa assim muito rápida [MT106-3]] MT; MS; GO. cf. **assombração**.

xará s.m. Pessoa com o nome idêntico ao de outra. [Não falo essa palavra e não gosto que falem. «Xará». Eu acho feio [GO123-6]] QSL143/ALiB: Como se chama a pessoa que tem o mesmo nome da gente? MT; MS; GO. cf. **homônimo; tocaio; xera**.

xera s.f. [Pois é, minha «xera» é quando é duas mulhé, né, que tem o mesmo nome, né, minha «xera» é xará [MT107-4]] MT. cf. **xará**.

zambeta a. MT; GO. cf. **manco$_3$**.

zarolho$_1$ (zaroio) a. [Que à veis tem pobrema só num olho, né? Aí a gente fala assim que é «zaroio», essas coisa [MS116-2]] MT; MS; GO. cf. **caolho$_2$**.

zarolho$_2$ (zaroi; zaroio; zanoio; sarolha) a. Quem possui desvio de um ou de ambos os olhos. [Cê fala o «zaroio» (risos)? Ele tá olhando pra senhora assim, mas ele tá, o olho dele tá virado lá pro outro lado [MT108-3]] QSL092/ALiB: Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? MT; MS; GO. cf. **viroto; contra-Deus$_1$; estrábico; olho torto; virolho; vesgo; caolho$_2$.**

zé pilintra s.m. [«Zé pilintra», o qu’ele atua na cachaça, faz a pessoa beber [MS115-1]] MS. cf. **diabo**.

zebu s.m. MT. cf. **diabo**.

zorba s.f. [A «zorba» é só aquela que dá uma vortinha no corpo, a «zorba» [MT111-3]] MT; MS; GO. cf. **cueca**.

APÊNDICE 1 – LEGENDA DIALETAL

à noitinha MT108-3; MT109-2; MT111-2; MS114-2; GO122-2; GO123-6; GO125-2

à tarde MT104-1; MT104-3; MT104-4; MT105-2; MT106-2; MT108-3; MT109-1; MT109-2 MT111-2; MT112-2; MS114-2; GO118-2; GO121-1; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-4; GO123-6; GO123-8; GO124-4; GO125-1; GO126-3

abaixar MT108-1; MT111-2; MS114-4; GO123-1

abdômen MS115-8

abortar$_1$ MT104-1; MT105-3; MT106-3; MT107-4; MT108-3; MT109-2; MT110-1; MT110-3; MT111-1; MT111-3; MT111-4; MS112-4; MS113-2; MS114-3; MS114-4; MS115-4; MS115-7; MS116-4; MS117-4; GO118-4; GO120-4; GO121-3; GO122-2; GO123-7; GO123-8; GO126-3; GO126-4

abortar$_2$ MT103-1; MT103-3; MT107-1; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT109-4; MT110-3; MT111-3; MS112-4; MS117-4; GO122-1; GO123-6; GO123-8; GO124-4

abortar$_3$ MT103-4; MT104-2; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-3; MT107-1; MT107-4; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-2; MT109-4; MT111-1; MT111-3; MS112-1; MS113-1; MS113-2; MS114-1; MS114-2; MS114-4; MS115-1; MS115-6; MS116-4; GO118-1; GO118-3; GO119-2; GO119-3; GO120-2; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO124-3; GO126-3

aborto$_1$ MT107-1; MS115-2; MS115-6; GO123-2

aborto$_2$ MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO125-2; GO125-4; GO126-2; GO126-3; GO126-4

aborto$_3$ MT108-2; MT108-5; MT110-3; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-4; GO118-1; GO118-2; GO123-1; GO123-2; GO123-4; GO124-2; GO125-2; GO125-4

abrir$_1$ MT103-2; MT106-2; MT106-3; MT108-2; MT108-4; MT108-5; MT110-4; MT111-3; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS113-4; GO119-1; GO123-5; GO123-6; GO124-4; GO125-2; GO125-4; GO126-1

abrir$_2$ MT110-3; MS115-3; MS116-3; GO121-2; GO126-1

abrir-se MT103-2; MT105-2; MT106-1; MS115-8; MS116-3; GO125-1; GO125-2

abutre MT107-4; MT108-3; MT109-1

aceiro MS115-2

acendedor MT109-1; MT109-3; MS114-2; MS115-1; GO120-1; GO124-1

acre GO119-1

adotado MT103-2; MT105-1; MT105-2; MT106-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT109-1; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-4; MT111-1; MS112-1; MS113-1; MS114-3;

MS115-1; MS115-6; MS115-8; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO122-1; GO122-2; GO122-4; GO123-4; GO123-7; GO123-8; GO124-4; GO125-1; GO125-2

adotivo MT103-1; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-3; MT105-4; MT106-4; MT107-1; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-2; MT110-2; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-4; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-3; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-1; GO121-3; GO121-4; GO122-2; GO122-3; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-5; GO123-6; GO124-2; GO124-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

afofa-toba MT105-1

aguaceiro MS117-2

aguardente MT106-4; MT108-6; MT110-2; MS113-1; MS114-1; MS116-1; GO119-2; GO122-3; GO123-1; GO123-2; GO123-7

alambique MT105-1; GO121-1

alapeia MS113-4

alça MT103-1; MT105-1; MT108-5; MS113-2; MS115-6; MS116-2; GO119-1; GO123-1; GO123-8; GO124-1

alcoólatra MT105-1; MT105-3; MT107-3; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-5; MT109-3; MT109-4; MS112-2; MS112-4; MS113-3; MS115-1; MS115-6; MS115-7; MS116-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-3; GO119-4; GO123-2; GO123-4; GO123-5 ; GO124-3; GO124-4; GO126-2; GO126-4

alcoolizado GO123-8

aleijado$_1$ MT103-3; MT108-2; MT108-5; MS114-3; MS116-1; MS116-2; MS117-2; GO118-1

aleijado$_2$ MT103-1; MT103-3; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-2; MT108-5; MT108-6; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT111-1; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS114-3; MS115-1; MS115-3; MS116-1; MS116-3; MS117-2; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO119-4; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-2; GO123-6; GO124-2; GO125-1; GO126-1; GO126-4

aleijado$_3$ MS112-3; MS114-3

aleivosia GO119-2

alforje MT104-3; MT110-2; MT111-3; MS112-2; MS112-3; MS114-4; MS115-4; MS115-7; MS115-8; MS116-4; GO124-3

alma MT104-2; MT104-4; GO123-1; GO125-2

alma penada MT104-4; MT109-2; MT110-1; MT111-2; MT111-4; MS115-1; MS115-6; MS115-7; GO120-2; GO122-3; GO123-1; GO123-5; GO124-2; GO124-3

alma perdida GO121-4

alma seca GO122-4

alvorada$_1$ MT110-1; GO123-7

alvorada$_2$ GO126-1

alvorecer$_1$ MS116-4

alvorecer$_2$ GO124-3

ama de leite MT108-8; MT110-1; MT111-2; MS115-5; MS115-8

amalá MS113-4

amamentadeira MT108-5

amanhecer$_1$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-4; MT107-1; MT107-2; MT108-1; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS113-1; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-2; MS115-8; MS116-1; MS116-2;MS116-3; MS117-2; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-4; GO123-1; GO123-4; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO125-1; GO126-1; GO126-2

amanhecer$_2$ MT104-1; MT105-2; MT105-3; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT108-2; MT109-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MS112-4; MS113-2; MS115-1; MS115-3; MS115-6; MS116-4; MS117-1; GO123-2; GO123-5; GO125-4

amanhecer$_3$ MT107-1; GO125-4

amarelinha MT103-1; MT103-2; MT104-1; MT104-2; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-4; MS117-2; MS117-3; GO118-2; GO120-1; GO120-2; GO121-2; GO122-3; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO125-2; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-4

amarra-boi MS116-3

amarrado GO120-1; GO120-2; GO123-1

amarrar o facão MT106-3; MT106-4; MT109-4

amassa-barro MT105-3; MT105-4; MT107-1; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2 MT108-3; MT108-6; MT108-7; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MS112-3; MS112-4 MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4

amendoim MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MT112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

amputado MS115-6

amuleto$_1$ MT103-2; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-4; MT106-3; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT109-2; MT110-1; MT111-2; MS113-4; MS114-2; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-5; MS116-4; MS117-1; MS117-3; GO118-1; GO118-2;

GO121-3; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-3; GO125-4; GO126-1

amuleto$_2$ MT105-1; MT108-7

anágua MT105-1; MT109-3; MS115-6

analfabeto GO122-1; GO122-2

anca$_1$ MT108-7; MS113-4; MS115-1; MS115-8; GO121-3; GO122-3; GO123-8

anca$_2$ MT104-1; MT106-4; MT108-7; MT108-8; MT109-3; MT110-3; MT111-4; MS112-4; MS113-3; MS114-3; MS114-4; MS115-3; MS116-3; MS116-4; MS117-3; MS117-4; GO118-4; GO123-6; GO124-4; GO125-3; GO126-3

andar MT104-4; MT111-2; GO123-2; GO124-1; GO124-2; GO126-2

angolista MT104-2; MT104-3; MT104-4

angu MT106-2; MT107-3; MT107-4; MT109-2; MT109-4; GO118-1

angular GO120-3

anjo do mal GO123-8

anoitecer$_1$ MT105-4

anoitecer$_2$ GO121-4; GO124-2

anoitecer$_3$ MT103-2; MT103-3; MT106-1; MT110-4; MS116-2; GO118-1; GO121-1; GO121-2; GO123-2; GO123-4; GO125-3; GO125-4

anoitecer$_4$ MT103-1; MT104-2; MT105-1; MT106-2; MT108-1; MT108-8; MS112-4; MS113-4; MS115-1; MS115-1; MS115-6; MS115-8; MS116-1; MS117-1; GO119-2; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO123-5; GO124-2; GO125-3; GO126-1; GO126-4

anoitecer$_5$ MT103-2; MT103-4; MT105-2; MT109-1; MT110-4; MS115-2; GO118-1; GO118-4; GO120-2; GO120-4; GO121-4; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-3; GO123-4; GO124-1; GO125-1; GO126-2

ansiado MT109-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MS112-2; MS112-4; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-4; MS117-3; GO118-3; GO118-4; GO120-4; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-2; GO123-3; GO124-4; GO125-2; GO126-2; GO126-4

ansioso MT103-3; MT104-3; GO123-7

anteontem MT103-3; MT104-2; MT105-4; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT108-3; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT110-1; MT112-2; MS112-3; MS113-4; MS114-4; MS115-3; MS115-7; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; GO118-2; GO118-3; GO121-2; GO121-3; GO123-6; GO123-7; GO124-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2

antes de anteontem MT103-1; MT103-2; MT104-1; MT105-1; MT106-1; MT108-5; MT108-8; MT109-2; MS112-1; MS113-1; MS114-2; MS115-2; MS115-4; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-2; MS117-2; GO118-2; GO118-4; GO120-1; GO121-2; GO123-1; GO123-3; GO123-6; GO124-1; GO126-4

antes de ontem MT103-1; MT103-2; MT104-1; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2 MT105-3; MT106-2; MT107-1; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-4; MT108-5 MT108-7; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-4; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2;

GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO126-3; GO126-4

apagador MT103-4; MT109-3; GO118-1; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO126-2; GO126-4

aparecer MT103-1; MT104-4; MT105-3; MT108-5; MT108-8; MT109-2; MT110-2; MS114-4; MS115-2; MS115-6; MS116-1; MS117-4; GO119-2; GO120-2; GO122-2; GO122-3; GO123-1; GO123-4; GO126-2

aparição MT109-1

aperitivo MT108-8

apetitoso GO124-4

aragem MS114-2

arara$_1$ MT106-4; MT108-1; MT108-2; MT109-3; MT110-2; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-4; MS115-2; MS115-6; MS115-8; MS116-3; MS116-4; GO118-3; GO122-4; GO124-3; GO125-2

arara$_2$ MT103-1; MT108-2

arcado MT103-3; MS114-3; MS117-4

arco MT103-2; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT106-4; MT107-2; MT107-3; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-2; MS115-5; MS115-6; MS116-1; MS116-4; GO124-2; GO124-3; GO125-4

arco celeste GO119-3; GO126-1

arco da aliança MT103-3; MT108-3

arco da velha MT106-4; MT111-2; MS114-3; MS114-4; GO124-3; GO126-4

arco-íris MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7;MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

armador MT108-3

armazém MT109-4; GO126-3

arqueada MT108-7; GO123-7

arraia$_1$ MT104-1; GO118-1; GO119-3; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO126-2; GO126-3

arraia$_2$ GO119-4; GO122-3; GO122-4; GO123-4

arreio MT108-1; MT111-3

ásculo MS117-4

assa-peixe MT108-5; MT108-8; MT110-3

assassino MT104-2; MT106-1; MT106-2; MT107-2; MT108-3; MT111-2; MS112-1; MS113-1; MS115-3; MS115-4 MS116-4; MS117-2; GO119-2; GO119-4; GO123-4; GO123-8; GO124-1

assombração MT103-1; MT103-4; MT104-1; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4 MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3 MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-3; MS115-4; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-3; GO119-3; GO119-4; GO120-2; GO120-3; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-3; GO123-4; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

assuã MT103-3

aurora$_1$ MS115-4; MS115-7

aurora$_2$ MT111-1

aurora$_3$ MT108-7; MS117-1; MS117-3

aurora$_4$ GO121-3

avarento MT108-3; GO124-1

aviãozinho MT108-3; GO124-1

avó de peixe MT105-3; MT105-4

axila MT103-2; MT104-2; MT105-2; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-4; MT108-5; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT111-1; MT111-2; MS112-2; MS112-4; MS113-2; MS113-4; MS114-2; MS115-1; MS115-2; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS117-1; MS117-3; GO118-4; GO119-4; GO121-1; GO121-2; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-4; GO126-1

azular MS117-4

bacia GO121-4; GO122-4

bagaceira GO123-7

bagana MT108-3; MS113-1; MS113-2; MS113-3

bago MS112-1

baguete MS115-6; MS115-7; GO121-2; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO125-1

bainha MT108-4

bala MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT103-4; MT108-3; MT108-4; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1;

MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

baladeira MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; GO120-3

balaio MT103-1; MT103-4; MT104-2; MT105-1; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT107-1; MT107-3; MT108-3; MT108-4; MT108-8; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MS112-2; MS112-3 MS113-2; MS113-3; MS114-1; MS114-; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-6; MS115-7; MS116-1; MS116-3; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO123-1; GO123-3; GO123-6; GO124-1; GO126-3; GO126-4

balanço$_1$ MT105-4; MT107-1; MT107-3; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS114-3; MS114-4; MS115-3; MS117-1; MS117-3; GO119-1; GO121-1; GO121-3; GO123-7; GO124-2; GO125-3; GO126-2; GO126-3; GO126-4

balanço$_2$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3 MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

balão$_1$ MS115-1; GO126-3

balão$_2$ MT110-4; GO119-2; GO119-4; GO121-1

bandeira dois GO121-3

bandeira vermelha MS117-2

bandeirola MT111-3

bandido MT103-2; MS117-4

banducha GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4

banguela MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-4; MS117-1; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO119-2; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2;

GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2

banzeiro MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT109-3; GO118-3; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO123-7; GO123-8

baquité MT107-3

bar MT103-1; MT103-2; MT104-1; MT105-2; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS113-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-4; GO118-1; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-4; GO121-2; GO122-2; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-3; GO124-4; GO125-2; GO126-1; GO126-2

barata MS114-1; MS114-2

barra$_2$ MS113-2

barra do dia MT106-3; MT107-3; MT107-4; MT108-4; MT109-3; MT111-4; MS112-3; MS113-3; MS114-2; MS115-3; MS115-8; MS117-4; GO119-3; GO124-3; GO124-4

barra do rio MT103-3; MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT107-4; MT109-3; MT110-3; MT111-4; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS114-3; MS115-3; MS116-3; MS117-3; GO118-1; GO119-3; GO121-3; GO122-3; GO123-7; GO124-3; GO124-4; GO125-3; GO126-3

barra do sol MS115-3; GO119-1

barrado MT106-3; MT109-3; MS115-3

barragem vermelha$_1$ MS112-2

barragem vermelha$_2$ MT112-2

barrão da tarde MT107-3

barriga MT103-1; MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-3; MT105-4; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-8; MT109-2; MT110-1; MT110-4; MS112-1; MS112-2; MS113-2; MS113-3; MS114-1; MS114-2; MS114-4; MS115-4; MS115-5; MS115-8; MS116-3; MS117-1; MS117-2; MS117-3; GO118-3; GO119-2; GO120-1; GO120-2; GO120-4; GO121-1; GO122-3; GO123-2; GO123-6; GO123-7; GO124-2; GO125-1; GO125-2; GO126-2

barriga quebrada MT103-3

barzinho MT103-2; MT107-3; MT108-1; MT109-3; MT109-4; MS116-2; GO118-3; GO122-2; GO123-3; GO124-3; GO125-2; GO126-1

bate-bunda MS115-4; MS115-8

bater-cara MS115-1

baú MT105-1; MT107-3; MS116-1; GO123-6

bazé GO120-2

bêbado MT103-1; MT103-2; MT104-4; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-4; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-3; MS113-1; MS113-2; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-2; MS115-4; MS115-5;

MS115-6; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO120-1; GO120-2; GO120-4; GO121-4; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-3; GO123-4; GO123-6; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO125-1; GO126-1; GO126-2

bebedor MT107-2

beberrão MT105-4; MT107-3; MT108-3; MS115-1; MS115-8; GO120-3; GO123-2; GO126-3

bebum MT104-1; MT104-2; MT106-2; MT108-2; MT110-1; MS115-2; MS115-7; GO121-3; GO123-5; GO123-6; GO125-4

beija-flor MT103-1; MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

bengala MT103-2; MT103-3; MT104-4; MT105-2; MT105-3; MT107-4; MT108-1; MT108-4; MT108-6; MT108-8; MT109-3; MT110-4; MT111-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-3; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-8; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-3; GO118-2; GO118-3; GO120-3; GO123-3; GO123-8; GO124-3; GO125-4; GO126-3

benjamim MT108-7

benzedeiro MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

benzedor MT105-1; MS116-2; GO122-1; GO123-1

bergamota MT105-3; MS117-3

berneira MS115-3; MS115-4; GO126-3

beronha MS114-1

berruga GO120-4

besta MT105-1; MT108-2

besta-fera MT108-2

bia MT107-1

bicha GO126-3

bicho$_1$ MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT106-1; MT108-1; MT108-2; MT108-4; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-4;MS112-1; MS112-3; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-2; MS115-5; MS115-6; MS115-8; GO118-2; GO118-3; GO119-1; GO119-2; GO119-4; GO121-2; GO121-3; GO122-3; GO122-4; GO123-3; GO123-5; GO123-6; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-3

bicho$_2$ MT104-2; MS112-4; MS113-4; GO118-3; GO121-3

bicho velho MT103-3

bico MS115-2

bicudo MT104-1

biloca GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO123-2; GO123-7; GO125-2; GO126-1; GO126-3; GO126-4

bimbarra MS113-2

binga MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT105-3; MT107-1; MT107-4; MT108-8; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-3; MS112-4; MS114-1; MS114-2; MS114-4; MS115-2; MS115-7; MS116-3; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-3; GO119-1; GO119-3; GO120-3; GO121-4; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-8; GO124-3; GO126-1; GO126-2; GO126-3

birola MT111-1; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4

birosca GO121-4

biscate MT105-3; MT106-1; MT106-3; MT107-1; MT107-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT110-4; MT111-1; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-7; MS116-3; MS117-3; GO122-3; GO124-4; GO125-2

bisnaga MT108-3; MT109-4; MS113-4; GO126-1

bisnaguinha GO125-4

bituca MT103-1; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT105-1; MT105-2; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-2; MT107-3; MT108-1; MT108-2; MT108-4; MT108-5; MT108-8; MT109-1; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO123-7; GO124-1; GO124-3; GO124-4; GO126-4

bluquim GO119-3

blush MT104-2; MT109-2; MS113-4; MS115-6; MS116-4; GO118-2; GO120-2; GO121-2; GO122-2; GO122-4; GO123-4; GO123-6; GO125-4; GO126-2

bobo MT105-1; GO126-1

boca da noite MT103-3; MT105-3; MT106-3; MT106-4; MT108-3; MT108-4; MT108-7; MT108-8; MT109-3; MT110-1; MT111-3; MT112-2; MS113-3; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-8; MS116-4; GO119-1; GO119-3; GO120-1; GO124-4; GO126-1; GO126-3

boca de álcool MS113-3

boca de forno MT108-2

boca de velho GO123-1

boca do rio MT103-3; MS113-3

boca do valo MT108-7

bocaiúdo MT108-8

bocudo MT108-2; MT108-7; MS113-1

bode$_1$ GO124-2

bode$_2$ GO122-4

bodoque MT107-1; GO122-1; GO122-3; GO122-4

bodum MT108-7

boi de óculos MT105-1

boi ralado GO121-3; GO123-5; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO124-4

boia-fria GO123-5; GO126-1; GO126-4

bola$_1$ MT104-2; MT109-1; GO120-1; GO123-1; GO123-2

bola$_2$ MS114-3; GO126-2; GO126-4

bola de vidro GO120-4; GO122-3; GO122-4; GO123-7; GO124-3

bolacha MT103-1; MT103-3; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MS115-1; MS116-3; MS117-3; GO118-1; GO126-1

boliche MT105-3; MT106-3; MT106-4; MT108-2; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT110-1; MT111-4; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS116-3; MS117-3

bolinha de gude MT104-2; MT104-3; MT105-1; MT106-2; MT106-4; MT107-4; MT108-8; MT109-2; MT109-4; MS112-1; MS113-1; MS113-4; MS114-2; MS115-4; MS115-8; MS116-2; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-3; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2

bolita MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO124-1; GO124-2; GO124-4

bolita de gude MT109-3

bolsa$_1$ MT104-1; MT106-1; MT108-2; MT110-1; GO118-1; GO118-2; GO120-2; GO124-2

bolsa$_2$ MT108-3; MT109-3; MS115-7; MS117-4; GO119-2

bom MS115-8

bombom MT107-4

bonitinha$_1$ GO120-1; GO122-3; GO122-4; GO125-1

bonitinha$_2$ GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO122-2; GO123-1; GO123-7; GO123-8; GO126-2; GO126-3; GO126-4

bornal MT110-1

borra GO123-5

borrachudo MS116-2; GO124-4

borralho MT105-3; MT106-3; MT106-4; MT107-4; MT108-3; MT108-4; MT108-7; MT108-8; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT110-4; MT111-2; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-3; MS115-4; MS115-8; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-3; GO119-2; GO119-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-3; GO123-3; GO123-4; GO123-7; GO124-4; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

borrego GO118-3; GO123-7; GO125-4

borrica MT108-4; MT108-7; MS113-3

botão MT107-2; MS112-4; MS117-1

botar fora GO119-3

boteco MT103-1; MT103-3; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-3; MT110-2; MT110-4; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO125-1; GO125-4; GO126-1; GO126-3; GO126-4

botequim MT103-4; MT107-4; MS113-4; MS115-1; MS116-4; GO122-4; GO123-2; GO123-5

bozó MT111-2

braço MT104-3; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT108-1; MT108-2; MT108-4; MT108-5; MT109-1; MT109-4; MT111-1; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS115-1; MS115-2; MS115-5; MS116-1; MS116-4; MS117-1; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO120-2; GO120-3; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-2; GO123-1; GO123-5; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO125-2; GO126-1

branquinha MT108-2; MT108-8; MS117-2; GO123-8

brasa$_1$ MT103-1; MT103-2; MT104-1; MT104-2; MT108-1; MT108-2; MT109-1; MT110-1; MT111-1; MS115-2; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; GO119-3; GO120-1; GO122-2; GO123-2; GO123-8

brasa$_2$ MT105-1; MT108-1; MT108-1; GO118-3; GO119-4; GO120-1; GO123-7

brejeira GO119-1; GO121-1

breve$_1$ MT106-4; MS113-3

breve$_2$ MT108-3; MS113-3

brilhar MS115-1; GO122-2

brilho do sol MT108-7

brincadeira de roda GO121-3; GO123-7

brincadeira do lenço GO123-8

brisa MT109-2; MS115-6

broca MT103-4; MT110-4; GO123-5

bronze MT111-1; GO125-2

broto MT103-2; MT106-3; MT108-1; MT110-2; GO121-1

bruaca MT105-3; MT105-4; MT106-3; MT106-4; MT107-4; MT108-3; MT108-4; MT108-7; MT108-8; MT109-3; MT110-3; MT110-4; MT111-3; MT111-4; MS112-4; MS115-3; MS116-3; MS117-3; MS117-4; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-3; GO120-4; GO121-3; GO122-3; GO122-4; GO123-3; GO123-7; GO124-4; GO125-3

bruxaria MT108-4; MT111-2

bucho MT108-7

buio GO123-3

bunda MT103-1; MT103-4; MT106-2; MT108-2; MT109-2; MT110-1; MS115-2; MS116-2; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO120-1; GO120-2; GO121-2; GO122-1; GO123-5; GO125-2

burro MT103-1; MT103-2; MT104-1; MT104-2; MT105-1; MT105-2; MT106-2; MT107-1; MT108-2; MT108-7; MT109-2; MT109-4; MT110-2; MT111-1; MS112-1; MS113-1; MS113-4; MS114-2; MS114-4; MS115-2; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO120-1; GO120-2; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1

cabeça MT105-3; MT107-4

cabeça de baiano GO123-8

cabeça de boi GO126-1

cabeça-dura MT105-4; MS117-2; MS117-3

cabeçalho MS117-3

cabeceira MT103-4; MT108-1; MT110-2; MS113-4; MS116-1

cabelo MT103-2; MT108-2; MS117-1; GO125-2

cabo MT103-4; MT104-1; MT104-4; MT107-4; MT109-2; MT110-4; MT111-3; MT111-4; MS112-4; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS115-3; MS115-4; MS115-8; MS116-3; MS117-2; GO119-3; GO120-4; GO121-4; GO122-3; GO122-4; GO123-3; GO123-7; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO126-3; GO126-4

caboclo GO120-3

cabra-cega MT103-1; MT105-3; MT108-4; MT108-7; MT110-3; MS113-4; MS115-6; MS117-3; GO121-3; GO122-3; GO122-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO126-3;

cabrito MT107-4; MT110-3; GO119-1; GO119-3; GO123-4; GO125-3

caca MT104-1; MT106-4; MT108-8; MT110-1; MT111-1; MS113-2; GO118-1; GO125-4

cacaca MT106-1; MT107-2; MT107-4; MT108-4; MT111-4; MS115-5; GO119-4; GO121-1; GO126-1

caça-prêmio MS113-4

cachaça MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT104-1; MT104-2; MT105-3; MT106-3; MT107-1; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1;

MS112-4; MS113-4; MS114-2; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-6; MS115-8; MS116-2; MS116-4; MS117-3; GO118-3; GO119-3; GO120-3; GO121-3; GO123-4; GO123-6; GO123-7; GO124-2; GO124-3; GO125-2; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

cachaceiro MT104-2; MT105-1; MT106-2; MT107-1; MT108-4; MT108-7; MT109-1; MT109-3; MT110-1; MS112-4; MS113-1; MS115-1; MS115-2; MS115-3; GO118-1; GO123-1; GO123-3; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO125-3

cachimbo MT106-4

cacho MT105-4; MT106-3; MT107-4; MT110-1; MT110-3; MS112-1; MT112-2; MS113-4; MS116-1; GO123-7

cachopa GO122-2

caçula MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

cadeira MT105-3; MT105-4; MT107-3; MT110-2; MT110-3; MT110-4

café MT103-3; MT107-2; MT107-3; MT109-4; MT110-2; MT111-4; MS112-4; MS113-1; MS117-2; MS117-4; GO119-1; GO120-3; GO126-2

café da manhã MT103-1; MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-2; MT106-3; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS117-1; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-3; GO126-4

cainha MT105-4; MT108-2; MT110-4

cair MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT105-2; MT106-1; MT106-2; MT107-1; MT107-4; MT108-5; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT110-1; MT110-2; MT111-1; MT111-2; MS114-1; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-1; MS116-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO119-2; GO120-2; GO121-2; GO122-4; GO123-1; GO123-4; GO123-7; GO124-3; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-3

calçada MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2;

MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

calcanhar MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

calção MT111-3

calcinha MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

calçola MT108-2

caloteiro MT103-2; MT104-2; MT106-4; MT108-1; MT108-5; MT108-8; MT109-1; MT109-3; MT110-1; MS112-2; MS113-4; MS114-2; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-6; MS115-8; GO120-2; GO122-4; GO123-1; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO124-3; GO125-1

cambaio MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4

cambalhota MT104-1; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT108-5; MT108-7; MT109-1; MT109-2; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS113-1; MS113-3; MS113-4; MS114-2; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-1; MS116-4; MS117-1; MS117-2; GO118-1; GO118-2; GO120-2; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-2; GO123-3; GO123-5; GO123-6; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO125-1; GO125-2; GO125-4; GO126-1; GO126-3

cambão$_1$ MT107-4; MT108-3; MT108-7; GO119-1

cambão$_2$ MT107-4; MT108-7

cambito MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT106-1; GO118-3; GO119-1; GO119-2; GO120-1; GO120-3

cambota$_1$ GO121-3

cambota$_2$ MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT107-1; MT107-3; MT108-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-8; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-4; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-4; GO121-3; GO122-4; GO123-8; GO125-3; GO126-3

cambota$_3$ MT103-2; MT104-4; MT105-3; MT105-4; MT106-4; MT107-3; MT107-4; MT108-4; MT109-3; MT110-3; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-4; MS115-1; MS115-3; MS117-3; GO118-1; GO118-3; GO118-4; GO120-4; GO123-4; GO123-7; GO125-3; GO126-3; GO126-4

cambotada MT105-3; MT108-3

caminho$_1$ MT104-4

caminho$_2$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT106-4; MT108-6; MT110-2; MS113-4; MS115-5; MS115-8; GO119-1; GO122-2; GO123-8; GO124-2; GO125-1; GO125-2

caminho$_3$ MT103-2; MT103-4; MT105-3; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-2; MT108-3; MT108-5; MT110-4; MT111-2; MS113-3; MS113-4; MS117-1; GO123-1; GO123-3; GO125-2

caminho da estrela MT104-4

caminho de santiago MT105-3; MT106-4; MT108-3; MT109-4; MT110-4; MT111-1; MT111-4; MS113-3; MS114-3; MS115-3; MS115-8; MS116-3; MS117-3; MS117-4; GO118-3; GO119-1; GO119-3; GO121-4; GO126-3; GO126-4

camomila MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MT112-2; MS112-3; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-2; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-4; GO120-3; GO120-4; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-2; GO123-3; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO124-4; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

candeia GO125-4

canga$_1$ MT104-2; MT104-4; MT106-3; MT107-1; MT111-2; GO118-3; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-4; GO123-7; GO123-8; GO124-3; GO126-1

canga$_2$ MT106-1; GO124-1

canga$_3$ MT103-1; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-3; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-3; MT108-3; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-4; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS113-3; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-3; MS115-4; MS115-7; MS115-8; MS116-3; MS116-4; MS117-3; MS117-4; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-3; GO119-4; GO120-3; GO121-1; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-3; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-3; GO124-4; GO125-3; GO125-4; GO126-3; GO126-4

canga d'água GO121-3; GO124-4

cangaceiro MS115-4; MS115-6

cangalha$_1$ MT108-1; MT109-3; MT111-1; MT111-3; MT111-4; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-3; MS115-4; MS116-2; MS116-3; MS117-3; MS117-4; GO118-2; GO118-4; GO123-3; GO124-4; GO125-3; GO125-4; GO126-3

cangalha$_2$ MT104-1; MT104-3; MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-3; MT106-4; MT107-3; MT107-4; MT108-4; MT108-7; MT108-8; MT109-3; MT109-4; MT110-3; MT110-4; MT111-4; MS112-3; MS112-4; MS114-3; MS115-1; MS115-3; MS116-3; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-4; GO120-3; GO120-4; GO121-3; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-7; GO124-3; GO125-4; GO126-3

cangalha$_3$ MT108-4; GO119-3

cangibrina MS117-3

cangote MT105-1; MT108-6; MT108-7; GO123-2

canguinhas MT106-2; MT109-3

canhoteiro MT105-1; MT105-2; MT105-4; MT107-2; MT108-1; MT108-2

canhoto MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-3; MT104-4; MT105-3; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

caninha MT104-2; MT105-4; MT109-2

canino MT108-6; MT108-7; MT109-2; MT110-1; MT111-1; MS112-1; MS113-4; MS114-2; MS115-4; MS115-5; MS115-8; MS116-4; MS117-4; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-3

canjica$_1$ MT103-4; MS115-6

canjica$_2$ MT103-3; MS115-6

canjica$_3$ MT103-2; MT103-4; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-4

canjicada MT111-1; MT111-3; MS114-3; MS114-4; MS115-8; GO124-3; GO124-4; GO126-2; GO126-3

canoa MS114-2

cantoneira MT104-4

canzilo GO119-3

cão MT104-2; MT106-4; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT111-3; MS114-2; GO118-1; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-4; GO124-3

caolho$_1$ MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT108-4; MT108-7; MT109-1; MT109-4; MT110-4; MT111-4; MS113-1; MS113-3; MS114-2; MS114-4; MS115-2; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-4; MS117-1; MS117-3; GO118-3; GO118-4; GO119-3; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-3; GO123-1; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-3; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3

caolho$_2$ MT106-3; MT107-3; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-3; MT110-1; MS117-3; GO122-4

capa MT104-4; MT105-3; MT106-3; MT106-4; MT107-3; MT108-2; MT108-3; MT109-3; MT110-4; MS112-3; MS113-1; MS113-3; MS115-4; GO119-1; GO121-3; GO122-4; GO123-3; GO124-4

capa preta MT107-3

capa-cega MT105-4; MS114-4

capanga$_1$ GO118-2; GO123-2; GO124-2

capanga$_2$ MT103-2; MT108-5; MS112-2; MS113-1; MS114-1; MS116-2; GO123-2; GO123-3; GO124-3; GO126-1; GO126-4

capataz MT108-7

capela MT103-2; MT103-3; MT104-1; MT104-4; MT107-1; MT107-3; MT111-4; MS114-2; GO118-4; GO121-4; GO122-1; GO123-1; GO124-3

capelinha GO119-1; GO120-4

capeta MT103-2; MT104-4; MT105-2; MT105-3; MT107-2; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-3; MT110-1; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MS114-1; MS114-3; MS115-2; MS115-6; MS115-8; MS116-2; MS116-3; GO118-1; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO121-1; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-3; GO123-5; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3

capote MT109-3; GO120-3

carambota MT103-1; MT103-3; MT103-4; MT105-2; MT108-2; MS112-3; MS113-2; MS116-2; MS116-3

caramelo MT105-3; MT106-3; MT106-4 ; MT107-3; MT107-4; MT108-2; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT109-3; MT111-2; MT111-4; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS115-3; MS115-4; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; GO123-8

carapanã MT103-3; MT103-4; MT109-4

carburação MS115-1

careca MT108-7

careta MT108-1

cargueiro$_1$ MS117-4; GO123-8

cargueiro$_2$ MS116-1

carmélia MT107-2; MT107-3

carmim MS115-8

carne MT103-1; MT108-6

carne moída MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

carne seca MT107-3; MT108-3; MT110-1; MS113-1

carneiro MT104-4; MT105-1; MT106-1; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT109-4; MT111-2; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS113-3; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-6; MS115-8; MS116-3; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO119-4; GO121-2; GO122-1; GO122-3; GO123-6; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO126-3; GO126-4

carrasco GO118-2

carreador MT105-3

carreiro MS115-7; GO119-3; GO119-4

carreiro de santiago MS112-3; GO126-3

carrinho MT104-3; MT106-4; MT107-2; MT107-3; MT110-3; MT111-3; MS112-2; MS112-3; MS113-1; MS115-2; MS115-3; MS115-7; MS115-8; MS117-4; GO118-1; GO118-4; GO123-7; GO126-1

carrinho de ferro MT106-3; MS115-7; GO118-4; GO125-3; GO126-3

carrinho de mão MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-4; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-2; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-3; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-4; GO126-2; GO126-4

carrinho de massa MS115-8

carrinho de pedreiro GO118-1

carriola MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-3; MT109-1; MT109-3; MT110-2; MT110-3; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS117-2; MS117-3; GO120-1; GO123-7; GO124-3; GO125-4; GO126-1

carroça MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT109-3; MT109-4

casca$_1$ MT103-1; MT103-2; MT105-2; MT108-2

casca$_2$ MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT110-4; GO119-1; GO119-2

cassete armado MT103-3

cata-corno GO120-2

catador de orelha MT108-7

cataraca MT103-1; MT103-4; MT106-4; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; GO120-4; GO123-1

catarata MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5 MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO119-1; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3

catarro MT106-2; MT108-4; MT111-3; MS115-2; MS115-8; MS116-1; MS116-3; GO118-2; GO118-4; GO119-2; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO126-3

catarro seco MS113-3

catete MT106-4; MT111-3; MS114-2; MS115-4; GO126-2; GO126-4

catinga MT105-1; MT107-4; MS114-3; MS116-3

catinga de gambá MT111-3

catota MT108-7

catuni$_1$ MT110-3

catuni$_2$ MT110-4

caturra MS113-3; MS113-4

cauda$_1$ MT108-8; MS112-2; MS113-4; MS114-3; GO123-3; GO126-1

cauda$_2$ MT104-3; GO123-3; GO126-3

cavaleiro d'água GO126-3

cavalo do capeta GO125-1; GO125-3; GO126-3

cavalo do diabo GO125-4; GO126-3

caxias MS113-3

caxinga GO119-4

cê-cê MT103-2; MT104-1; MT104-2; MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT107-2; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-4; MS114-4; MS115-4; MS115-6; MS115-8; MS116-2; MS116-4; GO118-1; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-4; GO121-1; GO121-2;

GO121-3; GO122-2; GO123-3; GO123-4; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO125-1; GO125-2; GO125-4; GO126-1

cedo MT108-7; GO118-1

cego MT103-3; MT105-4; MT106-2; MT106-4; MT107-2; MT109-4; MT110-2; MS112-4; MS115-1; MS115-3; GO121-2; GO122-4; GO125-2; GO126-4

cego de um lado MS116-3; MS117-2

cego de um olho MT103-1; MT103-4; MT105-3; MT106-1; MT106-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-5; MT108-6; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MS112-3; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS116-1; MS116-3; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO119-2; GO119-4; GO120-4; GO121-1; GO121-4; GO122-2; GO123-2; GO124-2; GO124-4; GO125-1; GO125-3

cego de uma vista MT103-2; MT107-3

ceguinho GO125-3

cepóide de pé d'água MT108-7

cera MT108-6; MT110-3; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-3; MS116-3; GO123-8; GO125-2; GO125-3; GO126-3

cerado MS115-2

ceroula MT103-3; MT107-4; MT109-3; MT110-3; MT111-3; MS114-4; MS115-4; MS115-6; GO122-4; GO123-7

cerração MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-3; MT107-4; MT108-2; MT108-3; MT108-8; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-4; MS113-4; MS114-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-7; MS116-2; MS116-3; MS117-3; MS117-4; GO123-6

cesta MT108-2; MT108-3; MT110-3; MT110-4; MS114-2; GO118-3; GO123-2

cesto MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT104-3; MT105-1; MT105-2; MT105-4; MT106-2; MT106-3; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-2; MT110-1; MT111-2; MS112-1; MS113-1; MS113-2; MS114-3; MS115-7; MS115-8; MS116-2; MS116-4; MS117-1; MS117-4; GO118-1; GO119-2; GO120-2; GO121-2; GO122-2; GO123-1; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-4; GO125-1; GO126-1; GO126-2; GO126-3

céu de estrela MT108-7

chá MT108-3; MT108-5; MT108-7; MT110-2; MS112-3; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS117-2

chá de burro MT104-4

chapado GO123-6

charuto MT110-2; MT110-4; MT111-4; GO118-2; GO118-4; GO119-3; GO124-1; GO126-1

chegada MT105-2

chegar MS117-4

cheio MT103-4; MT104-2; MT105-2; MT105-3; MT106-2; MT107-3; MT107-4; MT108-2; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-3; MT111-1; MT111-4; MS112-1; MS113-1; MS113-4; MS115-2; MS115-3; MS115-5; MS115-8; MS116-1; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-4; GO118-1; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO122-4; GO123-1; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO125-2; GO126-3; GO126-4

cheiro de gambá GO124-1

cheirosinha GO123-3

chicotinho está no pé MS112-2

chicotinho queimado GO123-4; GO123-7

chifre MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

chifrudo MT103-1; MT104-1; MT104-2; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-3; MS114-2; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-5; MS116-2; MS116-4; MS117-1; MS117-3; MS117-4; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO125-1; GO125-4; GO126-1; GO126-2

chimia MT105-1; MS117-4

chule MS116-1

chupador GO122-3

chuva MT110-1; MS113-2; GO123-6

chuva alargada MT110-2

chuva boba MS112-3

chuva brava$_1$ MT104-4; MT106-4; MT109-4; MT111-3; MS114-1; MS114-3; MS115-3; GO118-3; GO120-1; GO120-3; GO120-4; GO122-2; GO124-3; GO125-1; GO125-2; GO126-3

chuva brava$_2$ MS112-3; GO125-1

chuva de bomba GO119-3

chuva de caju$_1$ MT103-3; MT105-1

chuva de caju$_2$ MT108-7

chuva de flores MS112-2; MS114-1; MS114-2; MS115-2; MS117-4; GO121-2; GO123-2

chuva de gelo MT103-2; MT103-3; MT106-2; MT108-1; MT108-5; MT109-2; MT109-4; MT110-3; MT111-2; MS112-2; MS115-6; MS116-1; MS117-1; GO118-3; GO119-2; GO119-3; GO120-1; GO122-3; GO123-5; GO123-7

chuva de granima MS113-3

chuva de granizo MT103-1; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-4; MS112-1; MS112-4; MS113-1; MS113-4; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-3; MS116-4; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO119-2; GO119-3; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-3; GO124-4; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-3; GO126-4

chuva de manga$_1$ MT103-3; MT105-1; MS114-2

chuva de manga$_2$ MT103-3; MT105-3; MT107-4; MT109-4; MT111-1; MS115-3; GO120-3; GO120-4; GO121-4; GO122-3

chuva de molhar besta MT104-4

chuva de molhar bobo MT105-1; MS114-1; MS114-2; MS115-7; MS117-1; GO118-1; GO118-4; GO121-1; GO122-4; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO125-3; GO125-4

chuva de neve MT105-4

chuva de pedra MT103-4; MT104-4; MT105-3; MT105-4; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-3; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-8; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-4; GO120-4; GO121-4; GO122-4; GO123-2; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

chuva de primavera GO125-2

chuva de vento$_1$ MT108-1; MT110-3; MT111-2; MT111-3; MS115-2; MS115-5; GO118-1; GO119-1; GO119-3; GO122-2; GO123-5; GO123-6; GO125-4

chuva de vento$_2$ MT106-1; MT106-4

chuva de verão MS115-1; GO123-4; GO124-3

chuva demorada MT108-4; MT108-7; MS117-3

chuva fina MT104-3; MS115-1; MS115-4; GO118-1; GO118-3; GO119-4; GO122-3; GO123-3; GO124-2; GO125-3

chuva forte$_1$ MT106-1; MT109-2; MT110-4; MT111-1; MT111-4; MS115-5; GO118-2; GO118-3; GO119-2; GO123-2; GO124-2; GO125-1; GO125-3; GO125-4

chuva forte$_2$ MT107-3; GO118-2; GO124-1; GO125-1

chuva forte$_3$ MT109-2; MT110-4; MT111-1; MT111-3; GO120-2; GO123-7

chuva grande$_1$ MT108-4; MT108-8

chuva grande$_2$ MT108-3; MT108-4; MS115-3

chuva grossa$_1$ MT106-4; MT108-8; MT111-3; MS117-2; GO119-1; GO124-2; GO126-2

chuva grossa$_2$ MT111-1

chuva insistente MT108-3

chuva longa MT106-1; MS115-5

chuva mansa MT106-3; MS115-7; MS115-8; GO120-3; GO124-2 GO124-3; GO126-4

chuva molhadeira MT103-3

chuva passageira$_1$ MT104-3; MS116-1

chuva passageira$_2$ MT103-1; MT106-1; MT107-1; MT108-1; MT109-2; MS115-1; MS117-3; MS117-4; GO118-4; GO121-2; GO123-1; GO124-1; GO126-3

chuva pesada$_1$ MT103-3; MT105-4; MS115-3

chuva pesada$_2$ MT111-4; GO122-1

chuva pesada$_3$ MS112-3; MS114-3; GO122-1; GO123-5

chuva rápida$_1$ MT108-6

chuva rápida$_2$ GO120-1; GO122-2; GO123-2; GO124-2; GO124-3; GO126-2

chuva temporona$_1$ MT103-3

chuva temporona$_2$ GO124-2

chuvão$_1$ GO125-2

chuvão$_2$ GO122-1; GO124-4

chuvarada MT107-4; MT109-2; MS113-3; MS117-4

chuviscar MT108-2; MT109-3; MT109-4; GO119-2; GO123-1

chuvisco MT104-1; MT104-4; MT106-1; MT109-1; MT109-2; MS112-1; MS113-1; MS114-4; MS115-5; MS115-6; MS116-1; MS117-1; GO118-2; GO119-2; GO120-2; GO121-2; GO123-1; GO123-5; GO125-1; GO126-1

chuvisqueiro MT106-4; MT108-3; MT111-4; MS112-3; MS114-2; GO118-1; GO122-1; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO125-4

chuvona$_1$ MS117-2; GO125-1

ciclo menstrual MS115-7; MS116-4

cigana MT107-3; MT107-4

cigarra MT110-2

cigarro MT110-1; MS112-4; GO118-1; GO118-2; GO120-3

cigarro bravo MT106-4; GO120-4

cigarro de fumo MT106-3; MT106-4; MS112-4; MS114-2; MS115-1; MS116-2; MS117-2; GO118-4; GO121-2; GO121-3; GO123-2; GO123-7

cigarro de macaia MS115-6

cigarro de palha MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT107-3; MT107-4; MT108-2; MT108-5; MT108-6; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-3; MT110-4; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS113-1; MS113-3; MS113-4; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-3; GO118-4; GO119-4; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

cigarro de papel MS112-1; MS116-4

cigarro de rolo MS113-3; GO125-2

cilada MT103-2

cilibrim MT104-1

cinza MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT106-2; MT107-3; MT108-2; MT108-3; MT108-5; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT111-1; MT111-3; MS112-1; MS112-4; MS114-1; MS115-1; MS115-5; MS115-7; GO118-2; GO118-4; GO119-1; GO120-3; GO122-1; GO122-2; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-6; GO123-8; GO125-1; GO125-3

circular MT103-1; MT103-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT108-1; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT110-3; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-2; MS115-4; MS115-6; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS117-1; MS117-2; MS117-4; GO119-3; GO121-3; GO121-4

cisco MT103-1; MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

clarão$_1$ GO123-8

clarão$_2$ MT104-4; MT108-1

clarão da tarde MS112-3; MS115-3

clarear$_1$ MT104-4; MT107-3; MT108-8; MT111-1; MT111-3; MS112-4; MS114-3; MS114-4; MS117-3; GO119-3; GO119-4; GO120-3; GO121-4; GO123-4

clarear$_2$ MT103-3; MT106-1; MT107-3; MT109-4; MT111-3; MS112-3; MS115-5; MS116-3; GO119-1; GO120-4; GO122-3; GO122-4; GO123-3; GO123-4; GO124-1; GO124-4

clarear$_3$ MT103-3; MT104-4; MT105-1; MT110-3; MS115-8

clarear do dia$_1$ MT107-4; MS115-3; MS117-3

clarear do dia$_2$ MS116-3

claro do sol MT106-4; MS114-3; GO126-3

clavícula MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-3; GO126-4

coalheira$_1$ GO126-4

coalheira$_2$ MS115-1

cobra-cega MT103-2; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-3; MS114-1; MS114-2; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-5; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO122-2; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-4

cocar MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-3; MT106-1; MT106-3; MT107-1; MT108-5; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT111-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO123-7; GO126-1

cócega MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

cofo$_1$ MT109-4

cofo$_2$ GO120-4

coisa de outro mundo MT107-2

coisa-ruim$_1$ MT108-7; MT110-3; MT110-4; MS113-4; MS114-2; GO123-7

coisa-ruim$_2$ MT105-1; GO123-7

cola$_1$ MS112-4; MS113-2; MS115-3; MS117-4

cola$_2$ MS113-2; MS117-4

cola-cola MS115-2

coletivo MT104-4; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT108-4; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-3; MT111-4; MS113-3; MS113-4; MS115-1; MS115-2; MS115-7; MS117-3; GO118-1; GO118-3; GO118-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-3; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-6; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

colibri MS113-4; GO123-8; GO126-3

coluna MS115-7

comer de gula MT110-3

comércio MT103-1

cometa MT106-3; MT108-3; MT108-5; MT109-1; GO123-1; GO126-1

comilão MT104-3; MT105-3; MT105-4; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-3; MT108-4; MT108-7; MT108-8; MT109-4; MT111-2; MS112-1; MS113-3; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-3; MS117-1; MS117-2; GO118-4; GO119-4; GO120-1; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO123-5; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO126-3; GO126-4

companheiro MT111-3; GO120-3; GO126-3

conga MT104-2

congá MT108-5; MT108-6; MT108-8

conjuntivite MT103-2; MT103-3; MT104-1; MT105-2; MT105-4; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT108-1; MT108-3; MT108-5; MT108-6; MT109-1; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-4; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-5; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; GO118-1; GO118-4; GO119-1; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO124-4; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-2; GO126-4

constelação MT107-4; MT108-1; MT108-8; MS113-2; MS115-7; MS116-4; GO121-1; GO121-2; GO122-4; GO124-3

contorno MT105-3; MT106-3; MT107-3; MT107-4; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT110-2; MS115-1; MS115-2; MS115-8; MS116-3; GO118-4; GO122-1; GO122-4

contra-Deus$_1$ GO122-4

contra-Deus$_2$ MT105-1

conversador MT106-4; MT107-1; MT109-3; MT109-4; MT110-3; MT111-3; MS112-3; MS114-1; MS114-3; MS115-6; MS116-1; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-3; GO119-2; GO119-4; GO120-1; GO123-6; GO124-3; GO124-4; GO126-3

conversar mais que homem da cobra MT105-1; MT108-6; GO126-1

coração MT104-4; MT108-7; MS113-1; MS117-1; MS117-2; GO121-3; GO123-7

corcunda$_1$ MT108-4; GO120-3

corcunda$_2$ MT103-1; MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

cordão GO122-1; GO122-2

cordeiro MT106-4; MT108-7; MS113-4; MS117-3; GO123-5

corisco MT105-4; MT106-4; MT108-3; MT109-4; MT111-4; MS112-4; MS113-3; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-3; MS116-3; GO119-4; GO120-4; GO126-3

corixo MT107-4; MT108-7; MS113-1; MS113-2; MS113-3

cornélio MS117-2; GO120-3

corno MT103-1; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT108-2; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS113-1; MS113-2; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS117-2; MS117-3; GO118-1; GO118-3; GO119-1; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO121-2; GO122-1; GO122-2; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO125-1; GO125-4; GO126-3

cornudo MS115-7

coró$_1$ MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT110-2; MT110-3; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-3; MS114-1; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-3; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-4; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3

coró$_2$ MT103-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT111-1; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-4; GO119-3; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-1; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-3; GO125-4; GO126-2; GO126-4

corre cotia MT103-2; MT104-1; MT108-5; MT108-8; MT110-1; MS114-2; MS115-1; MS115-2; MS116-2; MS116-4; GO118-2

córrego MT103-1; MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-2; MT107-3; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS117-1; MS117-2; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

correnteza MT103-4; MT106-2; MT109-3; GO118-4; GO121-1; GO123-6; GO123-7

correr MT104-4; MT105-3; MT105-4; MT106-4; MT108-7; MT108-8; MT110-4; MT111-2; MT111-4; MS117-4; GO118-4; GO126-4

corvo MT108-4; MT110-4; MS114-3; MS115-3; MS115-4; MS116-3

costa MT103-2; MT103-4; MT105-1; MT105-2; MT105-4; MT107-2; MT108-1; MT108-2; MT108-5; MT109-1; MT109-2; MT110-1; MS112-1; MS112-4; MS114-1; MS114-2;

MS115-4; MS115-7; MS116-2; MS117-2; GO118-1; GO118-3; GO119-2; GO120-1; GO120-3; GO120-4; GO122-2; GO123-2; GO123-6; GO123-7; GO124-2; GO125-2; GO126-2

cotia MT109-4; MT111-2; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO120-1; GO120-3; GO122-1; GO122-2; GO123-2 GO123-3 GO123-4; GO123-5

cotó$_1$ MT105-1; MT107-1; MT108-8; MT109-1; MS115-6; GO123-1; GO125-1

cotó$_2$ MT103-1; MT105-1; MT105-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MS112-2; MS113-4; GO122-2; GO123-1; GO123-4; GO123-5; GO125-1; GO125-3

cotó$_3$ MT103-4

cotobó MT111-4

cotovelo MT104-4

couro MT108-4; MS115-3

coxé$_1$ MT110-3; MT110-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS116-3

coxé$_2$ MT107-3; MT110-3; MS113-2; MS113-3; MS115-2; GO119-3

coxim GO122-1

coxo$_1$ MT104-4; MT106-3; MT106-4; MT107-4; MT111-2; MT111-4; MS113-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; GO122-3

coxo$_2$ MT111-2; GO118-4; GO123-8

coxo$_3$ MS114-3; MS114-4; MS115-1; GO125-4

creme GO120-4

crepúsculo$_1$ GO122-3

crepúsculo$_2$ MT107-4; MT109-2; MT109-3; GO123-8

criado MS117-3

criar MT109-3; MT111-3; MT111-4; GO120-4; GO122-4; GO124-3

criminoso MT104-3; MS115-3; GO119-2

crina$_1$ MT103-1; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

crina$_2$ MS116-2; MS116-3; GO123-7

crista MT105-1; GO120-2

crucifixo$_1$ MT105-2; MT106-2; MT111-1; MS115-6; MS115-8

crucifixo$_2$ MT103-3; MS112-4; MS115-5; MS116-1; MS116-2; GO121-1; GO123-2

cu de pinto GO126-3

cueca MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

cupim MT108-1; MT108-2; MT108-8; MT111-4

curandeiro MT103-1; MT104-4; MT105-3; MT105-4; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-4 MT108-1 MT108-2 MT108-3 MT108-4 MT108-5 MT108-6 MT108-7 MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-4; MS112-1; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-1; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-3; GO119-1; GO119-3; GO120-3; GO121-2; GO121-3; GO122-2; GO122-3; GO123-3; GO123-5; GO123-6; GO124-2; GO124-3; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-4

curau$_1$ MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-7; MS115-8; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-3; GO118-1; GO118-3; GO118-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO126-4

curau$_2$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT105-1; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT109-1; MT109-3; MT110-1; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-8; MS116-2; MS116-3; MS116-4; GO118-3; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO123-1; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO124-4

curto da vista MT104-3; MT105-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; GO122-4

curto das vistas MT107-1

curva MT109-3

curvado GO119-4; GO121-2

dador de cano GO126-3

dador de nó MS117-4

danado MT107-2; MT108-2; MT108-6; MT110-1; MS112-4; MS113-1; MS113-3

dar à luz MT103-1; MT104-2; MT106-2; MT106-4; MT108-5; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-2; MT111-4; MS112-2; MS113-1; MS113-4; MS114-4; MS115-1; MS115-4; MS115-6; MS115-7; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-4; GO118-2; GO118-4; GO119-2; GO120-1; GO121-1; GO121-3; GO122-4; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-4; GO125-4; GO126-1; GO126-3

data MT103-3; MT103-4; MT109-4; MT110-2; MS114-3; MS114-4

de pouca visão MT104-1; MT111-1

dedo MT108-1; MT108-7

deficiente$_1$ MT108-6; GO121-1

deficiente$_2$ MT106-1; MT108-3; GO121-4; GO125-3

deficiente$_3$ MT103-2; MT105-1; MT106-1; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-5; MT111-4; MS112-2; MS114-3; MS117-1; GO120-1; GO121-1; GO121-4; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-6; GO124-4; GO125-2; GO126-1

deficiente$_4$ MT108-6

deficiente$_5$ MT109-2

deficiente visual MT111-2; GO126-1

defunto MT109-1; MS115-5; GO119-3

deita-capim MT105-1

deixa que eu chuto MT105-1

demônio MT103-2; MT103-3; MT104-1; MT105-3; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-7; MT109-2; MT110-1; MT110-3; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS113-1; MS113-3; MS113-4; MS114-4; MS115-1; MS115-7; MS117-1; MS117-4; GO118-3; GO118-4; GO120-1; GO121-1; GO121-3; GO121-4; GO123-1; GO123-3; GO123-4; GO123-7; GO123-8; GO124-3; GO124-4; GO126-3

dentão MT103-2

dente chato MT111-3; MT111-4; MS114-2; MS114-3; MS114-4; GO118-2; GO118-4; GO120-2 GO121-2; GO121-3 GO121-4; GO125-2; GO125-3; GO126-3

dente de cavalo MT107-1

dente de trás MT104-1; GO121-2

dente do fundo MS116-2

dente do juízo MT103-2; MT103-3; MT105-1; MT105-2; MT106-2; MT107-2; MT110-2; MT111-1; MS112-2; MS113-1; MS114-2; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-8; MS116-2; GO118-2; GO123-3; GO123-4

dente permanente GO123-2

dente queiro$_1$ MT103-1; MT103-3; MT103-4; MT106-4; MT104-3; GO118-3; GO119-2; GO119-3

dente queiro$_2$ MT109-3; GO119-1; GO119-2; GO119-3

derrubar MS113-3

desajunto MT107-4

desaparecer MT108-3; MT108-6; MT108-7; MT110-2; GO121-4

descansar MT111-3; GO119-3; GO124-2

descarga elétrica MS117-3; GO123-7

descarrego MT107-3; MT110-3

desdentado MT105-3; MT105-4; MT106-2; MT106-4; MT107-3; MT107-4; MT108-7; MT110-3; MT111-2; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS114-2; MS115-2; MS115-3; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-4; GO118-4; GO119-3; GO123-4; GO126-3; GO126-4

desgraça GO118-2

desjejum MT111-2; MS114-2; MS116-4; GO125-4

deslocar-se MT103-3; MT107-3; MS115-4; MS115-8; GO122-1

desonesto GO122-3

despacho MT103-4; MT105-3; MT105-4; MT106-3; MT107-1; MT108-5; MT108-8; MT109-4; MT110-2; MT111-4; MS112-3; MS113-2; MS113-4; MS114-2; MS114-3; MS115-5; MS115-7; MS116-2; MS116-3; MS117-3; GO118-4; GO120-4; GO121-1; GO122-3; GO122-4; GO123-2; GO123-7; GO124-3; GO125-4

devagar GO123-4

devedor MT108-2; GO120-1; GO123-7

diabo MT103-1; MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT111-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO119-1; GO120-1; GO120-2; GO120-4; GO121-2; GO122-1; GO122-2; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-4; GO123-6; GO124-1; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-4; GO126-1; GO126-3; GO126-4

diadema MT103-1; MT103-2; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT111-1; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-7; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-2; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-3; GO126-4

dianteira MT104-1; MT104-2; MT105-1; MT105-4; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT108-3; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT110-1; MT110-3; MT110-4; MT111-2; MT111-4; MS115-4; MS115-8; MS116-4; GO118-2; GO118-3; GO120-2; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO123-1; GO123-4; GO124-4; GO125-4

diarista MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT04-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-3; MS112-2; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-6; MS115-8; MS116-1; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO120-2; GO121-1; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO125-3; GO126-1; GO126-2

dilúvio$_1$ MS117-4

dilúvio$_2$ MT104-2

doce MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT107-3; MT108-1; MT108-3; MT111-4; GO123-3; GO126-4

dor de vista MT103-2; MS117-4

dor d'olho MT103-2; MT103-4; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT109-2; MT109-4; MT110-3; MT111-3; MS112-3; MS113-1; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-4; GO122-1; GO124-2

dorso MS115-8; GO123-7; GO123-8

econômico MT103-3; MS114-1

ema MT110-3

embocadura MS115-7; MS116-4

embodocado MS117-4

embriagado MT106-3; MT108-8; MT109-2; MT111-1; MT111-4; MS112-1; MS116-4; MS117-4; GO122-2; GO122-3; GO124-3

embrulhão GO126-4

embrulhar-se GO119-3

emendada MS116-2; MS117-4

empachado MT105-1; MT108-2; MT108-5; MT108-7; MS113-3; MS113-4; MS116-2

empanturrado MT104-4; MT108-8; MS115-6; GO121-3; GO124-3

empanzinado MT103-3; MT104-1; MT107-3; MT108-4; MT108-7; MT110-4; MS113-4; MS115-7; GO118-1; GO123-8; GO125-4

empório MS115-7; MS115-8

empreiteiro$_1$ MT106-2; MT106-3; MS115-1; MS115-4; MS116-3; GO121-4

empreiteiro$_2$ MS115-1; GO122-3

encachorrar MT104-1

encarnação MT103-2

enchente MT106-4; MT111-4

encontro MT104-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT111-1; MT111-2; MS112-1; MS113-1; MS113-3; MS115-1; GO118-4; GO120-1; GO120-3; GO120-4; GO122-1; GO123-7; GO125-4

enfadado MT106-4; MT109-3; GO125-3

enfadicado MT106-3; MT107-1; MT107-2; MT108-3; MT110-2; MS112-2; GO121-4

enfartado GO121-2

engasto GO119-3

enjoado MT103-1; GO118-2; GO123-4

enredeira MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; GO123-4; GO123-8

enrolador MT108-6; GO124-1

enrolão MT103-1; MT103-3

entanguido MT108-7

entardecer$_1$ MT106-3; GO123-5; GO123-7; GO123-8

entardecer$_2$ MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT108-1; MT108-8; MT110-2; MS114-1; MS115-1; MS115-2; MS115-6; MS115-8; MS116-1; GO121-2; GO121-3; GO123-5; GO124-3; GO126-1

entardecer$_3$ MS114-4; GO121-3

entardecer$_4$ MT105-4

enteado MT108-2; MT111-3

entrada do sol MS116-2

entrar MT105-3; MT106-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-4; MT109-3; MT110-2; MT110-4; MT111-4; MS112-3; MS113-3; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-3; MS115-4; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO119-1; GO119-4; GO121-1; GO121-3; GO122-4; GO123-3; GO124-3; GO124-4; GO125-4; GO126-1 GO126-3

entupido MT108-7; GO123-7

enxovalhado MT108-8

enxurrada$_1$ MS113-3

enxurrada$_2$ MT108-2

escada de anjo GO126-1

escapulário$_1$ MS115-6

escapulário$_2$ GO119-4

esconde-esconde MT103-1; MT103-2; MT104-2; MT104-3; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-4; GO119-1; GO120-2; GO122-3; GO123-7; GO124-3; GO125-2; GO125-3; GO126-1

esconder MT104-1; MT108-8; MS114-4; MS117-3; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-3; GO120-4; GO122-1; GO122-2; GO122-4; GO124-1; GO124-3; GO125-3; GO126-1; GO126-4

esconder-se MT110-3; MT111-2; MS115-2; GO118-4; GO119-3; GO122-2; GO122-3; GO123-4; GO124-2; GO126-1

escurecer$_1$ MT107-1; MS112-3; MS112-4; MS113-3; MS114-3; MS114-4; MS115-2

escurecer$_2$ MS115-6; MT106-2; GO124-3; GO124-4; GO126-3; GO126-4

escurecer$_3$ MT103-2; MT107-3; MT108-6; MT109-4; MT110-1; MS113-2; MS113-3; MS114-1; MS115-4; MS116-2; MS116-3; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-3; GO119-4; GO123-3; GO125-3

escurecer$_4$ MT108-4; MT108-5; MS112-3; MS112-4; MS116-4

escurecer$_5$ MT104-1; MT104-3; MT105-2; MT105-4; MT107-3; MT107-4; MT108-2; MT108-6; MT109-4; MT110-2; MT111-1; MS115-3; GO118-2; GO122-3; GO122-4; GO124-3; GO125-1; GO125-3

escurecer$_6$ MT104-4; GO120-3

esfomeado MT106-4; MT108-1; MT108-5; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS116-2; GO126-2

esgalamido MT103-1

esgulepado GO123-7; GO125-2

espiga MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

espinha$_1$ MS115-7

espinha$_2$ MT104-2; MT104-4; GO119-1; GO119-2

espinhaço MS115-7; GO118-1; GO119-1

espírito MT103-2 MT108-3 MT109-1 MT109-2 MT109-4 MT111-4 MS115-6 GO121-1 GO123-1; GO125-2

esquecer anão debaixo do sovaco GO124-3

esquentar MT110-3

esquerdo MT106-1; MS113-1; GO119-3; GO122-3; GO124-1; GO125-1

estafado GO122-1

estalo MT110-3; MS114-3; MS114-4; MS115-3

estar bichada GO124-2

estar com azio GO125-2

estar com danadeza MT105-2

estar de boi MT104-4; GO120-4; GO121-3

estar de chico MT107-2; MT107-4; MT109-4; MS114-1; MS114-2; MS115-2; MS116-3; GO120-2; GO121-2; GO123-4; GO123-8; GO124-3; GO126-2

estar de flamengo MT106-2; MT111-1

estar de visita GO121-2

estar menstruada MT109-3; GO120-4

estar no parto MT108-1

estar nos dias MT104-2; MT106-2; MS117-1; GO121-1; GO123-4

estar trojevando MT108-6

estiada MT105-3; MT108-8

estiado GO121-1; GO121-3

estiagem MT105-1; MT107-4; MT108-3; MT108-7; MS115-7; MS116-4; GO123-3; GO123-8

estiar MT103-4; MT105-1; MT106-1; MT107-1; MT108-8; MS115-1; MS115-4; MS116-4; GO120-1; GO120-4; GO122-3; GO122-4; GO123-4; GO123-8; GO124-3; GO126-3; GO126-4

estilingue MT103-1; MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-8; MT109-1; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

estourar MT105-4; MT109-2; MT110-1; MS112-1; GO123-5

estrábico MS115-6; GO123-5; GO123-8

estrada$_1$ MT103-1; MT103-4; MT108-1; MT109-3; MS116-1; GO119-4; GO122-2; GO125-2

estrada$_2$ MT104-3; MT104-4; MT106-2; MT107-2; MT108-3; MT108-7; MT109-3; MT111-4; MS113-4; MS115-3; MS116-4; GO118-4; GO119-1; GO119-3

estrada de santiago GO126-3

estrela boiadeira MS115-3; MS117-3

estrela cadente MT103-1; MT103-2; MT104-2; MT105-1; MT105-2; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-7; MT109-1; MT109-2; MT110-1; MT110-2; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MT112-2; MS113-1; MS113-4; MS114-2; MS115-1; MS115-2; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-4; MS117-1; MS117-2; GO118-2; GO118-3; GO119-3; GO120-1; GO120-2; GO121-1; GO121-2; GO122-2; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO125-1; GO125-2; GO126-2

estrela da manhã MT105-3; MT106-3; MT109-2; MT111-4

estrela da noite MS112-3

estrela da sorte MT104-2

estrela da tarde GO123-7

estrela do oriente$_1$ MT108-4

estrela do oriente$_2$ MT108-4; MS113-1

estrela do oriente$_3$ GO121-4

estrela guia$_1$ MT104-4; MS117-4; GO123-3

estrela guia$_2$ GO118-2; GO122-1

estrela-d'alva$_1$ MT103-1; MT103-3; MT103-4; MT104-3; MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-4; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-5; MT108-7; MT109-3; MT109-4; MT110-3; MT110-4; MT111-4; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-3; MS113-4; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-8; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-3; GO118-4; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-2;

GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-4; GO123-7; GO123-8; GO124-3; GO124-4; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-3; GO126-4

estrela-d'alva$_2$ MT104-4; MT105-1; MT108-3; MT108-5; MT108-8; MT109-2; MT109-4; MT110-3; MT111-1; MT111-3; MT111-4; MS113-3; MS114-3; MS117-2; MS117-4; GO120-1; GO120-3; GO121-3; GO122-4; GO123-5; GO123-8; GO125-3; GO125-4; GO126-1

estrela-mãe MT104-2

estrondo GO123-7

estufado MS116-2; MS116-4

exagerado MT108-2

explodir MS112-1

extraterrestre MT108-2

exu caveira MS115-1

faísca MS116-4

falador MT103-2; MT104-4; MT105-3; MT105-4; MT106-2; MT106-3; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-8; MT109-4; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MS112-2; MS112-4; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-6; MS115-8; MS116-4; GO118-2; GO120-4; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-3; GO123-6; GO123-7; GO124-2; GO125-2; GO125-3; GO126-2; GO126-3

falante MT107-1

falar mais que homem da cobra MS115-1; GO123-2; GO123-4

falastrão MT109-2; GO119-3

falecido MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-4; MT105-3; MT106-1; MT106-3; MT107-1; MT108-3; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-3; MS113-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS116-2; MS117-1; MS117-3; GO118-4; GO120-2; GO122-2; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO125-1; GO125-3; GO126-2; GO126-4

faltar as vistas MT111-4

faminto MS116-1; MS117-4

fanhento MT103-2; GO122-1; GO125-1

fanho MS115-6; MS115-8; MS116-4; MS117-3; MS117-4; GO118-3; GO119-1; GO120-2; GO121-3; GO123-3; GO123-5; GO123-6; GO125-4

fanhoso MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT110-1; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; GO118-1; GO118-4; GO120-3; GO120-4; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-3; GO123-4; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2 GO124-3; GO124-4; GO125-3; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

fantasma MT104-3; MT105-3; MT107-1; MT107-4; MT108-4; MT108-7; MT109-2; MT110-1; MT110-2; MT111-1; MS113-2; MS114-2; MS115-2; MS115-5; MS116-4; MS117-1; MS117-2; GO118-2; GO118-4; GO119-1; GO122-2; GO122-4; GO123-6; GO123-7; GO124-1; GO125-1; GO126-3

farol$_1$ MT106-4; MT108-5; MT111-1; MS114-1; MS114-3; MS116-2

farol$_2$ MT103-1; MT103-3; MT104-1; MS112-1; MS112-2; GO122-3; GO125-4

farolete MT106-4; MT107-1; MT107-4; MS115-6; MS116-3

farto GO119-2

fase menstrual GO123-2

fastiado MT104-2; MT106-1; MS112-3; MS114-2; GO119-1; GO119-2

fava MT104-4; MT106-3

fazer aborto GO123-6

fechadura MT103-2; MT108-6

feder gambá MT104-4; MT107-3; GO118-2

feder macaco GO123-2

feitiçaria MT107-4; MS115-1; GO121-2; GO123-3

feitiço MT103-3; MT104-2; MT104-4; MT106-4; MT107-1; MT108-4; MT109-3; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MS112-2; MS112-4; MS114-2; MS114-4; MS115-7; MS116-4; MS117-2; MS117-4; GO118-2; GO119-1; GO119-2; GO119-4; GO122-1; GO123-3; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO126-2; GO126-3; GO126-4

felipe MT103-1; MT106-3; MT106-4; MT109-3; MT109-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MT112-2; MS112-3; MS112-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-2; MS115-3; MS115-5; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO120-1; GO120-3; GO121-1; GO122-3; GO122-4; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

figa MT105-2; MS115-8

filho de criação MT106-2; MT106-3; MT108-1; MT109-2; MT110-3; MT111-3; MS115-7; GO118-1; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO120-4; GO121-2; GO123-6; GO123-8; GO124-1; GO125-3

filho último MT109-3; MS116-4

filhote$_1$ MT103-1; MT105-3; MT106-2; MT108-2; MT108-3; MT109-1; MT109-2; MT110-1; MT110-2; MT111-1; MT111-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS115-3; MS115-8; MS116-1; GO118-1; GO118-4; GO120-4; GO121-1; GO121-4; GO125-3

fim da tarde MT108-2; MT108-4; MS116-2; GO123-8; GO124-1; GO126-3

fim do rio MT108-3; MT108-4

finado MT103-1; MT103-2; MT104-1; MT104-3; MT105-1; MT105-2; MT105-4; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS115-1; MS115-3; MS115-4; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO119-1; GO119-2; GO119-4; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-3; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-4; GO126-1; GO126-3

final MT104-1; GO118-4; GO126-2

final da tarde MS113-4; GO118-2; GO120-1

final de mês MT109-4

finca GO122-3

firmar MT111-2; MS116-1; GO126-1

flor MT104-2; MT108-3; MT109-4; MT110-2; MT111-2; MS112-1; MS113-4

FM MS117-1

foco MS115-7

foem MT104-1; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT109-2; MT109-3; MT109-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO121-1; GO121-4; GO123-1; GO123-2; GO124-4

fofoqueira$_1$ MT109-4

fofoqueiro MT103-1; MT105-2; MT106-2; MT109-2; MS115-6; GO119-2; GO120-1; GO121-1; GO121-2; GO122-2; GO124-2; GO126-4

folgado GO123-8

folha MT107-1; MT107-4; MS112-4

fominha MS115-2

fonha MT104-3; MT106-1

forquilha$_1$ MT103-1; MT103-3; MT104-3; MT105-3; MT106-4; MT107-3; MT109-2; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS115-2; MS115-4; MS115-6; MS115-7; MS115-8; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO120-3; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-3; GO123-1; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO125-1; GO125-2

forquilha$_2$ GO124-1

foz MT108-5; MT110-1; MS115-7; GO118-3; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO126-1

fraco das vistas MS113-3; GO120-3

frivióca de água$_1$ MT103-3

frivióca de água$_2$ MT103-3

fuligem GO123-7

fumaça$_1$ MT106-4; MT110-3; GO118-4; GO123-2

fumaça$_2$ MT104-2; MT108-2; MT108-6; GO118-2; GO123-1; GO123-2; GO125-2; GO125-4

fumo MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT104-1; MT107-2; MT108-1; MT108-2; MT109-2; MT110-3; MT111-1; MS113-1; MS114-3; GO120-1; GO122-4; GO124-1

funda MT105-1; MT105-3; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT110-1; MT110-4; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS115-1; MS115-3; MS115-4; MS115-7; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-3; MS117-4; GO119-4

funil MT103-3; MT104-4; GO118-4; GO120-3; GO123-3; GO123-7

furacão MT111-2; MS115-6

furete MT104-1

futriqueira MS115-4

fuxiqueira$_1$ MT104-4; MT106-4; MT109-3; MT111-4; GO120-1; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO122-3; GO123-2; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-3

fuxiqueira$_2$ MS115-4; GO118-2

fuzilo MT110-4

gafanhoto d'água GO125-1

gaieiro MT106-3; MT106-4; MT109-3; MT111-2; MT111-4; MS115-3; GO121-2; GO121-3; GO124-2; GO124-3

galheiro MT108-2

galinha MT111-1; MS115-1; MS115-3; GO119-1; GO122-4; GO123-1

galinha-d'angola MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT104-1; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-3; GO120-1; GO122-3; GO122-4; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

gambá$_1$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

gambá$_2$ GO120-3; GO121-1

gamela MS113-1

ganado MT107-1; MS113-2; MS115-4; MS116-2; MS117-3

gancho$_1$ MT105-1; MT105-3; MT105-4; GO121-4

gancho$_2$ MT107-3; MT107-4

gangorra$_1$ MT103-1; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT105-2; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-4; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS114-1; MS114-2; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-8; GO124-1; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-4; GO126-1

gangorra$_2$ MT108-6; MT111-2; MT111-3; MT111-4; GO123-8; GO124-2

ganhar MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-4; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT107-4; MT108-2; MT108-3; MT108-4;

MT108-8; MT110-3; MT111-2; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-3; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-8; MS117-2; MS117-3; GO118-1; GO118-3; GO119-1; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-2; GO121-4; GO123-1; GO123-2; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO125-1; GO126-2

gargalo MT109-2

garganta do diabo MS114-2

garoa$_1$ MT103-1; MT104-2; MT104-4; MT105-3; MT105-4; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-2; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-2; MS112-4; MS113-2; MS113-4; MS114-2; MS114-3; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-2; GO118-3; GO119-3; GO120-1; GO120-4; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO123-3; GO123-4; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-4; GO125-3; GO126-1; GO126-2; GO126-3

garoa$_2$ MT103-3; MT106-2

garoar MT109-3; MT109-4; GO123-2

garota MT103-1; MT108-3; MT108-8; MT109-2; MS113-1; MS115-6; MS116-4; GO119-3; GO120-1; GO123-8; GO125-2

garota de programa MT105-2; MS112-1; MS117-2; GO122-3; GO124-2

garoto MT103-1; MT106-4; MT108-3; MT108-8; MS112-1; MS113-1; MS115-1; MS115-6; MS116-3; MS116-4; GO118-1; GO119-3; GO120-1; GO121-4; GO122-2; GO123-8; GO125-2; GO125-3

garrão$_1$ MT103-3

garrão$_2$ MS117-1; MS117-3

garupa MT104-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-4; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-4; MT111-1; MT111-3; MS112-3; MS113-2; MS114-1; MS114-2; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-1; GO118-1; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-4; GO121-1; GO121-4; GO122-4; GO123-1; GO123-3; GO123-7; GO124-4; GO125-1; GO125-4

gato-cego MS117-3; MS117-4

geleia MT103-1; MT104-2; MT104-4; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-4; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-2; MS114-4; MS115-2; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-3; GO118-2; GO118-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-4; GO123-5 GO123-6 GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2

gêmea$_1$ MT103-1 MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-4; MS112-1; MT112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-2; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1;

GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO125-2; GO126-3

gêmea$_2$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

gente morta MT108-2

genu valgo MS115-6

genu varo MS115-6

gira MT104-2

girassol MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

giratória MT104-2; GO125-4

gliglório GO118-2

gogó MT103-1; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-3; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-4; MT110-1; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-1; MS116-4; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-2; GO126-3

gongo MT103-1

gongolô$_1$ MS113-1; MS113-2; GO119-1

gongolô$_2$ MT103-1; MT104-3; MT106-4; MT107-3; MT109-4; MS113-1; MS113-4; GO119-1

gralha MT107-3; MT108-2; MS113-2; MS113-3

grampo MT103-1; MT103-2; MT103-3 MT103-4 MT104-1 MT104-2 MT105-1 MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2 MT106-4 MT107-1 MT107-2 MT107-4 MT108-1; MT108-2; MT108-4; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-2; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-2; GO121-2; GO121-4; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-3; GO126-4

granizo MT104-3

grota MT111-1; MT111-3; MT111-4; GO121-4; GO122-3

guimba MT109-1; GO118-1; GO118-3; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO120-1; GO120-3; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-4; GO123-1; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-3

guiné GO120-3; GO126-1

guloso MT103-1; MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT107-4; MT108-2; MT108-4; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-3; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO119-2; GO120-2; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3

guri MT103-1; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT109-4; MT110-1; MT110-4; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-2; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO119-3; GO121-3; GO121-4; GO124-1; GO125-4

guria MT103-1; MT103-2; MT104-1; MT105-2; MT105-3; MT106-3; MT106-4; MT108-2; MT108-5; MT109-3; MT110-1; MT111-2; MS112-2; MS112-3; MS114-2; MS115-1; MS115-2; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-2; MS116-3; MS117-1; MS117-2; MS117-4; GO124-1; GO124-2

happy hour GO123-5

helicóptero MT109-2; MS115-1; MS116-1; MS117-1; MS117-2; GO122-2; GO123-2; GO123-3; GO123-5; GO126-1

homônimo GO123-7

hora das ave-marias MS117-3; GO119-3; GO121-3

idade crítica MT105-4

inadimplente GO123-6

indigesto MS115-7

inimigo MS114-2; GO123-2

interruptor MT104-1; MT104-3; MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-3; MT108-3; MT108-7; MT108-8; MT109-3; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT111-1; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS113-3; MS113-4; MS114-3; MS114-4; MS115-3; MS115-4; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-4; MS117-3; GO118-2; GO118-3; GO123-1; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO124-3; GO125-1; GO125-4; GO126-1

invernar MT109-3; MT109-4; MT111-2; MT111-4; MS114-1; GO118-2; GO119-2; GO120-3; GO121-1; GO121-2; GO124-4

inverneira de chuva MT107-4

inverno MT105-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-3; GO121-4; GO122-3; GO122-4; GO123-4; GO125-3; GO126-3

invisível MT106-3; MT106-4; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MS116-3; MS116-4

ir embora MT103-2; MT108-2; MS114-1; GO119-3; GO126-2

irmão MT104-2; MT111-2; MS113-1; MS114-2; MS117-4

irmão de leite MT103-2; MT103-4; MT104-4; MT105-1; MT105-4; MT106-1; MT106-3 MT106-4; MT107-2 MT107-3 MT107-4 MT108-2 MT108-3 MT108-4 MT108-5 MT108-7 MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT111-1; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-4; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-4; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-3; GO126-4

irmão de peito MS117-2

irresponsável GO123-8

isqueiro MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

jacá MT106-4; MT109-3; MT109-4; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-3; MS112-4; MS114-3; MS114-4; MS115-3; MS115-4; MS116-3; GO118-3; GO120-3; GO121-3; GO122-3; GO122-4; GO123-3; GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-4

jagunço MT107-1; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT111-1; MS113-3; MS114-1; MS114-2; MS114-4; MS115-2; MS115-7; MS116-4; GO122-2; GO123-1; GO123-5; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO125-1; GO125-4; GO126-3

jaratataca MT111-3; MT111-4; MS114-3; MS115-7; GO121-4; GO124-4; GO125-1; GO125-3

joão-bobo MT103-3

joão-de-barro MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-2; MT107-4; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS113-2; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-3; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

joão-mago MT103-3

joão-malvado MT104-2

jogar fora MT106-1; MT107-3

jogar para fora MS117-4

judeu MT107-4

jugo MT107-4

junta do pé MT107-4; MS117-4; GO118-4; GO126-4

juntora MT105-2; MT108-7; MT110-3

lagarta MT108-6; GO118-4

lagoa MT108-1; MT110-2

lambe-olho MT103-3

lamparina MT104-2; GO122-2; GO123-7; GO125-4; GO126-3

lampião GO124-1; GO125-4

lançar fora MT103-3; MT111-3; GO123-8

lanche MT106-4; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT111-1; MT111-3; MT111-4; GO118-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO124-2; GO124-4

lambe-lambe MT105-1

lanterna MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

lapinha MT106-3; MT109-4; MT111-4; GO119-3; GO121-3

larido MT105-1; MT106-4; MT108-5; MT108-6; MS112-4

larva MT104-2; MT107-4; GO121-2; GO123-2

latinha GO118-1

lava-bunda MT109-1; MT109-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS117-4; GO118-3; GO122-3; GO123-4; GO123-7; GO124-4

lava-olho MS115-2

lençol de estrela MT108-7

lento GO120-2

lerdo MT105-3; MT108-5; GO123-4; GO125-1

levantar MT107-4; MS115-3

libélula MT104-1; MT110-1; MT111-2; GO121-3; GO123-4; GO123-7

ligador GO121-4

limpar MT103-2; MT105-2; MT105-4; MT106-4; MT108-1; MT108-4; MT111-1; MT111-3; MT111-4; MS112-4; MS113-1; MS114-1; MS115-2; MS115-5; MS117-1; MS117-2; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO119-3; GO120-2; GO120-4; GO122-1; GO123-3; GO126-2

língua de trapo MS115-2

língua quente GO118-2

linguarudo MT103-3; MT106-2; MT108-8; MT109-1; MT109-3; MS115-2; MS116-2; GO118-1; GO119-1; GO119-2; GO120-3; GO121-1; GO123-2; GO123-2; GO125-1; GO126-4

lobisomem MT108-5; MS113-2; MS113-4; GO119-1; GO123-5

lombada MT104-2; MT105-4; MT106-4; MT108-3; MT108-4; MT110-1; MT110-3; MS113-1; MS113-2; MS113-3; GO118-3; GO123-3; GO123-7; GO124-3; GO124-4; GO125-1

lombo MT103-1; MT103-3; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-3; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS116-1; MS116-3; MS116-4; MS117-3; MS117-4; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-3; GO119-4; GO120-2; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-8; GO124-1; GO124-3; GO124-4; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

lote MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-3; MT111-4; MS114-1; MS114-2; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-7; MS115-8; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-3; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO124-1; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3

louro MT104-4; MT105-2; MT107-4; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-8; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MS113-2; MS114-2; MS115-1; MS116-1;

MS116-2; MS117-1; GO119-2; GO119-4; GO121-2; GO121-3; GO122-4; GO123-6; GO123-8; GO124-1; GO124-4; GO126-1; GO126-2; GO126-4

louva-Deus MT109-3; MT111-1; GO122-3; GO126-3

lúcifer MT105-1; MT107-1; MS117-1; GO122-3; GO123-8

luminoso GO123-7

lusco-fusco$_1$ MT108-3

lusco-fusco$_2$ GO123-7

mabaça MT106-4

maçã MT108-6

maçã de Adão MT109-1

macaca MT104-4; MT107-3; GO119-2

macaxeira MT103-4; MS112-4

macumba MT103-1; MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-3; MT110-1; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-4; MS113-1; MS113-3; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-3; GO119-1; GO119-3; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO123-1; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-3

madalena MT108-2

madrasta MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-4

mãe MT104-3

mãe adotiva MT104-4; GO126-3

mãe de criação GO126-3

mãe de leite MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-2; MT107-4; MT108-3; MT108-7; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT111-1; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS116-1; MS116-2; MS116-4; MS117-1; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4;

GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

mãe de ouro MS114-1; GO125-4

mãe de parto MT104-1

mãe de peito MT108-1; MS117-2

mãe de peixe MT105-4; MT108-3

mãe de santo MT111-2

mãe preta GO121-3

mãedueira MS113-3

mãezinha MT105-3; MT108-4; MT108-5; MT110-3; MT110-4

mal de olho MT107-4

mal de visão GO125-1

mala GO118-2; GO120-2

malandro MS115-8

maléolo MS115-6

malfeito GO125-3

maligno GO123-8

malvada GO123-7

mama$_1$ MT104-4; MT105-2; MS114-4; MS116-4; GO121-4; GO126-4

mama$_2$ MT103-4; MT104-1; MT106-4; MT108-2; MT111-3; MS115-1; MS116-4; GO119-2; GO123-1; GO123-4; GO123-8; GO125-3; GO125-4

mama$_3$ MT107-3; MT110-4

manco$_1$ MT103-1; MT103-4; MT104-2; MT104-3; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-1; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT111-1; MT111-3; MT111-4; MS112-3; MS113-2; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS115-1; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-2; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2

manco$_2$ MT108-4; MT111-4; MS112-3; MS117-2

manco$_3$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-5; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-2; MS112-4; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-3; MS117-4; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

mandinga MT105-1; MS114-2; MS116-4

mandioca$_1$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

mandioca$_2$ MT103-1; MT103-2; MT106-2; MT106-4; MT107-2; MT108-1; MT108-2; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT110-3; MT111-1; MS112-1; MS112-2; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-4; MS114-1; MS115-2; MS115-8; MS116-1; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2

mandioca amarga GO119-3

mandioca brava MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT105-1; MT105-3; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-3; MT107-4; MT108-4; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT111-3; MT111-4; MS112-3; MS115-1; MS115-5; MS116-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-4; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO125-3 GO125-4 GO126-3

mandioca cacau MT105-3

mandioca de bugre MS117-4

mandioca paraguaia MS115-3

mandioca perdiz MT107-3

mandraca GO124-4

mandruvá GO125-1

mangará MT103-4; MT104-3; GO125-4; GO126-1

manguaça MT111-2

manhã MT104-2; MT108-3; MT109-1; MT109-4; MT110-3; MT111-2; MS115-2; MS116-2; GO118-1; GO123-6; GO124-1

mano MT103-3; MT105-3; MT108-6; MT110-4

manqueba$_1$ MT104-1; MS114-4; GO120-1; GO121-3; GO122-4; GO123-4; GO124-3

manqueba$_2$ GO123-1; GO124-3

manquebo MT104-1; MT105-1; MT106-1; MT106-2; MT108-3; MT111-3; GO118-1; GO120-1; GO121-3; GO121-4; GO122-2; GO123-3

manquetola MT108-7; GO121-3

mão$_1$ MT107-2; MT108-7; MT108-8; MT111-1; GO119-2; GO122-1

mão$_2$ MT103-3; MT103-4; MT104-3; MT104-4; MT105-3; MT106-2; MT107-2; MT108-4; MT109-4; MT111-3; MT111-4; MS112-3; MS112-4; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-3; MS115-7; MS116-1; MS116-3; MS117-3; GO118-1; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3;

GO122-4; GO123-3; GO123-5; GO123-7; GO124-3; GO124-4; GO125-2; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

mão de égua GO123-7

mão de vaca MT103-1; MT103-3; MT104-1; MT104-2; MT106-2; MT107-4; MT108-4; MT108-6; MT108-7; MT109-1; MT109-2; MT110-1; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS114-2; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-6; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS117-2; GO118-1; GO118-2; GO119-1; GO120-2; GO121-1; GO122-3; GO123-1; GO123-7; GO123-8; GO125-1; GO125-4; GO126-2

mão fechada MT103-2; MT107-2; MT111-1; MS112-2; MS115-8; MS116-2; MS117-1; GO122-4; GO123-2; GO124-4

mão mirrada GO120-3

mão segura MT103-3

maracanã GO124-3

maranhão MS114-1

maré$_1$ MT106-4; MS114-3; MS115-8; GO121-4; GO124-3; GO124-4; GO125-3

maré$_2$ MT111-3; MS113-3; MS114-1; MS114-3; GO123-3; GO125-3

maré$_3$ GO118-3; GO121-3; GO122-2; GO122-4; GO123-4; GO123-5; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO125-4

maria cambota GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3

maritaca$_1$ GO123-1

maritaca$_2$ MT103-1; MT104-1; MT106-1; MS114-2; GO125-1

marola MT108-7; GO118-3; GO123-5

marretada de água$_1$ MS117-4

marretada de água$_2$ MS117-4

marruquinha GO123-3

mata-burro GO119-1; GO119-3; GO122-3; GO123-2

matador MT103-1; MT104-1; MT105-2; MT108-7; MT108-8; MS114-2; MS115-1; MS115-6; MS117-2; GO120-2; GO123-1; GO123-5; GO123-6; GO124-2; GO125-1; GO125-2; GO125-4

mata-fome GO125-3

mata-rato GO121-4

matraca MT104-2; MT111-1; MS115-3; MS115-7; MS116-4; GO122-2; GO122-4; GO123-6; GO123-8

matutina MT108-7

mau cheiro MT103-1; MT105-3; MT110-3; MT111-3; MS115-2; GO126-2

mau odor MT111-4; MS113-4

mau pagador MT106-1; MT106-3; MT107-3; MT107-4; MT108-2; MT108-3; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS113-3; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-5; MS116-2; MS116-4; MS117-1; GO118-4; GO120-1; GO120-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO125-2; GO126-1; GO126-2; GO126-3

medalha$_1$ MT106-2; MS112-1; MS115-6; GO126-2

medalha$_2$ MT103-4; MT104-4; MT105-3; MT106-3; MT106-4; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-6; MT108-8; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-4; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS113-4; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-6; MS115-8; MS116-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO119-3; GO119-4; GO120-4; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-3; GO124-4; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-2; GO126-3; GO126-4

meio-fio MT103-1; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT110-1; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

mel GO123-4

meleca MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT107-1; MT109-4; MS113-4; MS115-5; MS115-8; GO120-2; GO121-3; GO122-3; GO122-4; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-2

melhorar MT103-2; MT104-4; MT105-3; MT108-3; MT108-5; MS112-2; MS113-4; MS115-6; MS115-7; GO123-3; GO123-7

melis$_1$ MS116-3

melis$_2$ MS116-3

menina MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-4; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-3; GO126-4

menina do joelho MS115-2

menina mulher GO118-2; GO122-3

menino MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-6; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS117-2; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-4; GO120-2;

GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-3; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3 GO124-4 GO125-1; GO125-3; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

menino homem GO118-2

menisco MT107-4

menopausa MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-2; MT108-4; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

menstruação MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

mercado MT104-1; MS108-2

mercearia MT110-1; MT111-2; MS117-3; GO124-3

merenda$_1$ MS115-7

merenda$_2$ MT103-3

meretriz MT103-3; MT108-3; MT108-8; MS116-4

mesquinho MS115-2

metralhadora GO123-8

mexerica MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-4; MT108-2; MT108-3; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-3; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MT112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

mexerica cravo MT111-4; MS114-4; GO123-8; GO124-4; GO125-3

mexerica maracujá MT111-3

mexeriqueira MS115-4; GO121-3

mexeriquinha MT109-2

mingau$_1$ MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT109-2; MT111-1; MT111-4; MS113-3; MS114-1; MS114-3; MS115-2; MS115-8; MS116-1; MS117-3; MS117-4; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-2; GO120-4; GO121-1; GO123-1; GO123-2; GO123-7; GO124-1; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

mingau$_2$ MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT105-2; MT105-3; MT109-3; MT110-4; MS113-1; MS113-2; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS117-3; MS117-4; GO118-2; GO118-3; GO119-2; GO119-3; GO121-1; GO123-1; GO123-2; GO123-7; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-2

minipão MT109-3

míope MT104-2; MT106-4; MT108-1; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-3; MT109-4; MT111-1; MS113-1; MS113-4; MS114-2; MS115-2; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-4; GO118-3; GO121-2; GO121-3; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-8; GO125-4; GO126-1

mirassol MT111-3

miserável MT105-1; MT105-2; MT105-4; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT107-4; MT108-2; MT108-4; MT108-8; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MS112-2; MS113-3; MS114-3; MS116-3; MS117-3; GO121-4; GO122-3; GO123-7; GO123-8; GO125-3; GO126-3

misura MT103-3

mixila MT106-3

mocha MT103-3; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-4; MT107-3; MT107-4; MT108-3; MT108-7; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-3; MT111-4; MS112-3; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS115-1; MS115-3; MS115-6; MS115-7; MS116-3; MS117-3; MS117-4; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO121-3; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-4; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-3; GO126-4

mocho MT103-1; MT103-3; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT107-4; MT108-3; MT108-4; MT108-7; MT109-1; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-3; GO121-3; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-3; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-3; GO124-4; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-3; GO126-4

mocinha MT104-2; MT108-6; MT109-3; MT111-3; MS114-3; GO122-2; GO125-2; GO126-4

mocotó MT103-3; MT103-4; GO119-1

moge MS112-2

moinho das sete estrelas GO119-1

molar$_1$ MT108-7; MT109-2; MT110-1; MT111-4; MT111-4; MS115-8; GO123-5

molar$_2$ MT108-7; MS115-6; MS115-8; MS116-4; GO121-3; GO123-3; GO123-6; GO123-8; GO124-4; GO125-4; GO126-1; GO126-2

moleca MT104-1; MT109-3; MS114-4; GO121-2; GO123-1; GO123-2; GO124-1; GO126-1

moleque MT104-1; MT106-1; MT107-4; MT108-2; MT108-6; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MS112-2; MS112-4; MS113-1; MS114-1; MS114-2; MS114-4; MS115-1; MS115-4; GO118-3; GO119-3; GO120-2; GO121-2; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO124-1; GO124-2; GO125-4; GO126-1

mormaço MS116-1

morrer MT104-3; MT108-6; MS112-3; GO122-4

morto MS115-6

morto de fome MT106-4; GO119-1; GO124-2

mosca MT103-2; MT103-3; MT107-2; MT109-2; MT109-4; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS114-3; MS114-4; GO118-2; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO120-3; GO122-1; GO123-5; GO125-1

mosca carniceira GO123-3

mosca de berne MS112-4; GO126-1

mosca do bicho MT104-4; MS112-2; MS114-3; MS115-8; GO118-1; GO118-3; GO119-1; GO119-4

mosquito MT103-1; MT104-1; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MS112-1; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS115-5; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; GO124-4

mosquito d'água MT108-6

movimentar-se MS115-7; GO121-1; GO123-5

mucura MT103-4; MT104-3; MT106-4; GO118-3; GO120-4

mudar$_1$ MT104-2 MT107-2 MT108-8; MS112-2; MS117-3; GO122-2; GO123-5; GO125-4

mudar$_2$ MT103-3; MT105-3; MT105-4; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-2; MT108-3; MT108-8; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MT111-3; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-3; MS116-2; MS116-3; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-3; GO119-3; GO119-4; GO120-3; GO121-2; GO122-2; GO123-3; GO123-8; GO125-4; GO126-1

mugunzá MT103-3

mulata MT111-2; MT111-4; MS114-4; GO123-3; GO123-7; GO124-4; GO125-2; GO126-3

mulher da rua MT108-1; MS113-3

mulher da vida MT103-1; MT103-2; MT106-2; MT106-4; MT108-3; MT110-4; MS113-4; MS115-6; MS115-8; MS116-2; GO118-2; GO118-4; GO119-3; GO122-1; GO123-2; GO123-4; GO124-4

mulher da zona MT110-4; MS113-3; MS116-3

mulher dama MT109-3

mulher de branco MT105-1

mulher de programa MT108-1; MT109-1; MS113-1; GO120-2; GO122-3; GO122-4; GO123-3

mulher do mundo MS116-2

mulher sem vergonha MS115-8

mulher solteira MT103-3; MT109-3; MT111-3

mulherzinha MT109-3

múmia GO120-1

munheca MT105-1; MT107-2; MT108-7; MS115-6; MS115-7

muquirana MS116-4

murcote MT105-3; MT106-1; MT106-4; MT108-8; MT111-3; MS112-4; MS115-1; MS115-2; MS116-2; GO123-3

muriçoca MT103-2; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT108-5; MT108-7; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-3; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4

murrinha GO118-1; GO118-3; GO119-1; GO119-4; GO122-1

muruanha MT109-3

mutuca MT105-1; MT108-5; GO118-3

muxiba MS112-3; MS114-1; MS114-3; MS115-1; MS115-3; MS115-4; MS116-1; MS117-3; GO123-3; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO126-1; GO126-4

náfego$_1$ MT107-3; GO126-3; GO126-4

náfego$_2$ GO126-3

nambu MT105-4; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-7; MT110-4

nandaia MT107-3; MT108-7

não enxergar bem MT111-1

não segurar MT103-2; GO125-2

não segurar a criança GO119-4

nascente MT104-2; MS115-2; GO124-1

nascer MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT105-4; MT106-2; MT107-3; MT108-6; MT108-7; MT110-1; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-3; MS113-3; MS114-2; MS114-4; MS115-7; MS116-2; MS116-4; MS117-2; GO118-2; GO118-4; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-4; GO122-1; GO122-4; GO123-1; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO126-2

nascer do sol$_1$ MT109-4; MS115-5

nascer do sol$_2$ MT109-4; MS113-2; MS115-5; GO123-7

neblina$_1$ MT105-2; MT107-4; MT108-1; MT109-4; MT111-3 MS112-2 MS113-1 MS113-3 MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS116-2; MS116-3; MS117-2

neblina$_2$ MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT106-1; MT107-2; MT108-1; MT111-2; GO118-1

neblina$_3$ MT103-1; MT103-2; MT104-1; MT104-4; MT106-2; MT106-3; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-6; MT108-7; MT109-1; MT109-3; MT110-1; MT110-2; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-5; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS117-1; MS117-2; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

neblinar$_1$ MT103-4

neblinar$_2$ MT106-3; GO123-2; GO125-2

neguinho MS114-2

neve$_1$ MT103-4; GO118-4; GO120-4

neve$_2$ MT103-3; MT104-3; MT106-3; MT108-4; MT109-4; MT111-3; GO119-2; GO119-3; GO119-4

névoa MT106-4; MT109-2; MS113-2

nevoeiro MT105-3; MT108-7; MT109-2; MS112-2; MS113-1; MS113-3; MS113-4; MS115-1; MS116-4; GO123-7

nhaca MS116-4; GO120-4; GO126-2

ninho Jesus MS117-2

nó MT103-3; MT109-3; MT111-4; GO123-3; GO126-1

nó cego MT103-1; MT103-4; MT105-1; MT105-2; MT105-4; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT108-4; MT109-1; MT111-1; MT111-2; MS112-1; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS114-1; MS114-3; MS115-1; MS115-7; MS116-1; MS117-3

noite$_1$ MT110-1; MT110-3; MS115-3; MS115-4; MS116-3

noite$_2$ MT111-4; MS114-1; MS116-3; MS117-3; MS117-4; GO118-3; GO122-1; GO125-1

nublado MT106-2; MT110-4; GO121-4

nuca MT103-1; MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

olada$_1$ MT103-4; MT107-3

olada$_2$ MT103-4; MT107-4

olho MT107-2

olho d'água GO121-4

olho de boi GO124-4

olho de peixe MT108-4; MT108-6; MS112-4

olho grande MS113-1

olho torto MT108-8; MT111-4; GO124-2; GO126-4

onda$_1$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

onda$_2$ MT103-1; MT103-2; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-3; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-4; MS115-1; MS115-3; MS115-4; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-4; GO119-1; GO119-3; GO119-4; GO120-2; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-7; GO124-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-4

ônibus$_1$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT107-4; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT110-1; MT110-2; MT111-2; MT111-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO119-1; GO119-2; GO120-1; GO120-2; GO120-4; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO125-1

ônibus$_2$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-4; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

ontem MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4;

MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MT112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

orvalho$_1$ MT103-4; MT106-4; MT107-4; MT108-3; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT110-4; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-7; MS115-8; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-3; GO118-4; GO119-3; GO119-4; GO120-3; GO120-4; GO121-2; GO121-3; GO122-2; GO122-3; GO123-1; GO123-2; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-4; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-4

orvalho$_2$ MT106-4; MT107-4; MT108-3; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT110-4; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-7; MS115-8; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-3; GO118-4; GO119-3; GO119-4; GO120-3; GO121-2; GO121-3; GO122-2; GO122-3; GO123-1; GO123-2; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-4; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-4

ossada MT104-2

osso MT108-1

osso da miséria MT105-3; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT108-7; MT111-2; MS112-2; MS114-2

osso do tornozelo MT104-1; MT109-1

osso gostoso MT104-2; GO119-4

ovelha MT103-3; MT104-2; MT108-6; MT109-2; MT109-3; MT110-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS116-4; MS117-1; GO118-2; GO119-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO122-1; GO122-2; GO122-4; GO124-1; GO125-1; GO125-2; GO126-2

ovo choco GO125-2

pá GO123-2

pai de santo MT105-1

palheiro MT103-3; MT104-4; MT105-4; MT108-3; MT108-4; MT108-7; MT108-8; MT109-3; MT111-1; MT111-3; MS112-2; MS112-4; MS114-1; MS115-7; MS116-1; MS116-2; GO120-2; GO122-2; GO122-3; GO123-7

palito MT109-3

palma MT103-3; MT109-4

pálpebra MT104-2; MT107-4; MT108-3; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT110-1; MT111-4; MS112-4; MS113-4; MS114-4; MS115-2; MS115-7; MS115-8; MS116-4; MS117-3; MS117-4; GO119-4; GO121-2; GO121-3; GO122-3; GO123-2; GO123-4; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO125-4

pancada de chuva MT108-4; MS115-5; MS116-2; GO123-3; GO123-5; GO123-8

pandeiro MT108-6

pandorga$_1$ MT105-3; MT106-1; MT107-1; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4

pandorga$_2$ MT105-1; MT105-3; MT107-1; MT108-5; MT110-1; MT110-3; MS113-1; MS115-1; MS116-4; MS117-3; MS117-4

paneiro MT103-3

panturrilha MT110-2

pão$_1$ MT104-1; MT104-3; MT105-4; MT107-2; MT107-3; MT108-1; MT108-2; MT109-1; MT109-4; MT111-4; MS113-1; MS113-3; GO118-4; GO120-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO124-4; GO126-4

pão$_2$ MT111-4; GO122-2; GO124-4

pão cascudo MT108-1

pão comprido MT108-5; GO124-2

pão de sal$_1$ MT111-3; GO118-1; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO121-1; GO121-3; GO123-4; GO123-7; GO123-8; GO126-2; GO126-3

pão de sal$_2$ MT111-3; GO119-4; GO124-2

pão francês$_1$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-4; MT108-2; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO120-2; GO120-3; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1

pão francês$_2$ MT104-2; MT106-1; MT108-3; MS112-1; MS113-2

pão grande GO122-3; GO123-2; GO123-4; GO126-4

pão palito GO124-2

pão-duro MT103-2; MT104-3; MT104-4; MT105-3; MT106-1; MT106-4; MT107-2; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-8; MT109-2; MT109-4; MS113-1; MS113-4; MS115-5; MS115-7; MS116-2; MS117-2; GO119-2; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO122-4; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO124-2; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-3

papagaio$_1$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4;

GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

papagaio$_2$ MS112-2; MS115-1; MS117-2; GO120-2; GO126-1

papagaio$_3$ MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-3; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-6; MS116-3; MS116-4; GO118-2; GO120-4; GO122-4; GO123-4; GO123-7; GO125-3; GO125-4; GO126-2; GO126-3; GO126-4

papagaio$_4$ MT103-1; MT103-3; MT104-2; MT105-3; MT106-3; MT108-8; MT109-1; MS115-5; GO118-2; GO118-3

papa-mosquito MT110-2; MS113-4; MS116-4

papo MT103-2; MT105-1; MT107-2; MS115-2; MS117-2

paquete MT107-2; MT109-3; MS114-2; MS114-3; MS116-3; GO120-4; GO122-3

parada MS113-3

paralítico MT110-4; MS115-2

paraplégico MT105-1

parcela GO123-7

paredão MS113-1

parir MT103-1; MT104-1; MT104-4; MT106-2; MT108-6; MT108-7; MT109-1; MT109-3; MT110-1; MT111-1; MT111-2; MS112-1; MS113-4; MS115-1; MS115-2; MS117-1; MS117-2; GO120-2; GO122-2; GO122-4; GO123-4; GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO126-3

parir antes do tempo MS113-4

parteira MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4;MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

paspalho MT108-5

passa-fome MS115-2

passagem$_1$ MT104-2; MT104-4

passagem$_2$ MT108-1

passar MT112-2; MS113-4; GO119-1; GO121-4

passar mal MT103-1; MT108-1; MT110-2; GO119-4

passarela$_1$ MS115-6

passarela$_2$ MT106-2; MT109-3; MT109-4; MS115-1; GO120-3

passeio MT108-3; MT108-7; MS115-7; GO118-3; GO119-3; GO120-3; GO124-4; GO126-4

pata MT108-1; MT108-2; MT111-1; MS112-1; MS113-1; MS113-3; MS115-6; MS117-4; GO119-1; GO120-3; GO123-2; GO123-7; GO123-8; GO125-3

pata da frente MT103-1; MT103-2; MT105-1; MT107-4; MT108-6; MT109-2; MS113-4; GO124-2; GO125-1

pataca MT107-2; MT107-3; MT111-1; MT111-4; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-3; MS115-4; GO118-4; GO120-3; GO123-3; GO124-3; GO124-4; GO126-3; GO126-4

pata-cega MT103-4; GO118-4

pata-choca MT107-3

patela MS115-6

patente MS115-8

patifaria MT108-3

patuá$_1$ MT106-3; MT108-4; MT109-1; MT109-3; MT109-4; MT111-4; MS112-4; MS113-2; MS113-4; MS114-1; MS115-1; MS115-7; MS116-3; MS117-1; MS117-4; GO120-1; GO123-5

patuá$_2$ GO120-1

pau d'água MT103-3; MS115-3; GO121-3; GO126-1

pau de cana MS115-5; GO126-1

pé MT107-3; MS112-4; GO124-2

pé d'água MT108-5; MS116-2; GO118-4; GO123-5; GO123-6; GO124-4

pé de cana MT108-2; MT110-1; MT111-2; MS115-1; GO118-4; GO123-1

pé inchado MT103-1; MT103-3; MT105-1; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT108-2; MT108-4; MT109-1; MT111-1; MS115-1; GO121-2; GO121-4; GO124-1

peão MT104-1; MT107-1; MT107-2; MT108-1; MT108-8; MT110-1; MT110-4; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-3; MS113-4; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-6; MS116-3; MS117-2; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO119-1; GO119-4; GO120-1; GO120-3; GO120-4; GO121-2; GO121-3; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO124-1; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-4; GO126-3

pedreiro da floresta MS115-7

pega GO119-1; GO119-2; GO122-3; GO122-4

pegador$_1$ MT104-2; MT108-4; MT110-2

pegador$_2$ MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT110-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-4; MS115-3; MS115-5; GO125-3

pegador$_3$ MS112-3

pega-mão MT105-4; MT108-3; MT109-4; MT110-3; MS113-1; MS113-3; MS117-4; GO119-4

pega-pega MT103-2; MT104-2; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT107-1; MT107-4; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-3; MS113-3; MS113-4; MS115-1; MS115-4;

MS115-6; MS115-8; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-4; GO122-3; GO123-1; GO125-2

pega-pegador MT108-2

pega-varinha GO121-2; GO126-1; GO126-2

peida-pinga GO120-3

peito$_1$ MT103-1; MT103-4; MT104-2; MT104-4; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MS112-1; MS112-3; MS113-1; MS114-1; MS114-2; MS115-1; MS115-2; MS115-7; MS116-4; MS117-2; GO118-2; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-2; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-3; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO126-1; GO126-2

peito$_2$ MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MS112-2; MS112-4; MS113-1; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS115-4; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-4; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-2; GO126-3; GO126-4

peixe seco MS112-3

pele MT103-2; MT104-2; GO119-4; GO126-2

pelote MT108-8

penacho MS113-3

penca MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MT112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-3; GO120-4; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

pendão MT112-2

pêndulo MS115-6

perda$_1$ GO126-1

perda$_2$ MT104-3; MT104-4; MT109-4; MS112-1; GO120-4; GO121-1; GO125-3

perda$_3$ MT109-4

perder$_1$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT106-2; MT107-2; MT107-4; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-3; MT111-1;

MT111-2; MT111-4; MS112-2; MS113-1; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-8; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO119-1; GO119-2; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-2

perder$_2$ MT108-1; MS114-3; GO119-1; GO119-4; GO120-4; GO121-4; GO123-6; GO123-7; GO124-1; GO125-1

perder$_3$ MT104-1; MT104-4; MT107-4; MT108-2; MT108-4; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT111-1; MT111-2; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-4; MS115-5; MS116-1; MS116-2; MS117-3; GO118-4; GO119-1; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-4; GO123-3; GO123-4; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO126-1; GO126-4

perereca MT108-6; MT108-8; MT110-4

período menstrual MT111-1; MS116-1; GO121-1

periquito MT107-3; MS114-4; MS115-4; MS116-3; GO122-4; GO126-3

perna curvada MT110-1; MT111-4; MS114-1; MS116-1

perna de alicate MT104-2; MT104-4; MT108-2; MT109-1; MT111-1; MS114-3; MS115-7; GO118-1; GO120-3; GO121-2; GO122-2; GO123-2; GO125-4

perna de cangalha MT104-1

perna de curica MT103-1

perna de estilingue GO126-1

perna de Kiko GO121-1

perna de papagaio MT103-1

perna torta MT104-4; MT105-2; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS114-1; MS114-2; MS114-4; MS115-4; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS117-2; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO120-1; GO120-2; GO120-4; GO121-1; GO121-4; GO122-1; GO122-4; GO123-2; GO123-4; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-4

perneta MT106-4; MT108-3; MT108-7; MT108-8; MT110-3; MS113-4; MS115-5; MS115-7; MS115-8; GO118-3; GO121-2; GO123-7; GO124-3

pernilongo MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-4; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS113-3; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO120-1; GO121-2; GO121-4; GO122-4; GO123-2; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

perua MT106-1

pestana MT104-3; MT104-4; MT105-3; MT105-4; MT108-4; MT109-2; MT111-2; MS115-1; MS115-3; MS115-5; GO118-3; GO119-1; GO119-3; GO120-3; GO120-4; GO125-3; GO126-4

peteca MT104-1; MT104-2

piá MT103-2; MT103-3; MS112-1; MS115-7; MS117-1

piador$_1$ GO119-3

piador$_2$ GO121-4

picada MT103-1; MT103-3; MT104-1; MT104-3; MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT107-4; MT108-3; MT108-4; MT108-8; MT109-3; MT109-4; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-3; MS115-4; MS115-7; MS115-8; MS116-3; MS116-4; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-3; GO120-1; GO120-3; GO120-4; GO121-3; GO121-4; GO122-3; GO123-3; GO123-7; GO124-3; GO124-4; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-3; GO126-4

picadinho MT110-1

picó MT111-4; MS112-3

picumã MT103-3; MT105-3; MT105-4; MT106-3; MT106-4; MT107-3; MT107-4; MT108-3; MT108-4; MT108-7; MT108-8; MT109-3; MT109-4; MT110-4; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-4; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-7; MS115-8; MS116-3; MS116-4; MS117-3; MS117-4; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-3; GO120-4; GO121-3; GO121-4; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-3; GO123-4; GO123-7; GO123-8; GO124-3; GO124-4; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

pilão$_1$ MT106-2; MT108-2; MT108-7; MS115-3

pilão$_2$ MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-3; MT106-4; MT107-3; MT107-4; MT108-3; MT108-4; MT108-6; MT108-7; MT110-2; MT110-4; MS113-3; MS113-4

pilunga MT106-1

pimpolho GO121-3

pinga MT103-1; MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

pingente MT103-1; MT104-2; MT106-2; MT106-4; MT107-2; MT109-1; MT110-2; MT111-1; MT111-2; MS112-1; MS112-2; MS113-1; MS113-3; MS113-4; MS114-3; MS116-1; MS116-2; GO118-2; GO118-3; GO119-1; GO121-1; GO123-1; GO123-2

pingo d'água MT108-2

pinguço MT103-2; MT103-4; MT104-2; MT104-3; MT105-1; MT105-2; MT105-4; MT106-2; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT109-3; MT110-2; MT111-3; MS112-4; MS114-3; MS114-4; MS115-5; MS117-2; GO118-2; GO118-4; GO120-1; GO121-1; GO121-2; GO122-4; GO123-2; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-3; GO126-4

pinguela MT103-3; MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-3; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-7; MS115-8; MS116-3; MS116-4; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-3; GO119-4; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

pinha MT109-1

pipa$_1$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS113-1; MS113-2; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO122-1; GO122-3; GO123-1; GO123-2; GO123-4; GO123-6; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-3

pipa$_2$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT108-1; MT108-2; MT108-8; MT109-1; MS114-2; MS117-3; GO119-1; GO125-2; GO126-3; GO126-4

pique$_1$ MS116-3

pique$_2$ GO123-7; GO124-4

pique$_3$ GO120-3; GO121-3; GO123-1; GO123-4; GO123-7; GO123-8; GO124-4; GO126-3

pique$_4$ MT103-1; MT103-2; MT104-2; MT105-2; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT108-2; MT108-5; MT108-6; MT109-2; MT109-3; MT110-1; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS114-2; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-5; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; GO118-2; GO118-3; GO119-2; GO120-2; GO120-3; GO121-1; GO121-2; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-6; GO123-8; GO124-2; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3

pique no alto MS112-2

pique-esconde$_1$ MT104-1; MS112-1; MS115-6; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO120-1; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO125-1; GO125-4

pique-esconde$_2$ GO122-1; GO122-2; GO123-1

pique-esconde$_3$ GO118-4; GO122-1

pique-pega MT104-1; GO118-2; GO120-1; GO120-2; GO121-1; GO121-2; GO123-2; GO123-6; GO124-1; GO124-2; GO125-1; GO125-4; GO126-1; GO126-4

pira MT103-1; MT107-1; MT107-2; MT107-4

piranha MT104-4; MT108-4; MS115-3; GO118-2; GO118-4; GO120-1; GO120-2; GO121-1; GO122-4; GO123-1; GO123-6; GO126-2

pirassununga MT107-3

pirralho GO121-3

pirueta MT103-1; MT104-1; MT104-2; MT105-1; MT105-2; MT107-2; MT109-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-2; MS115-7; MS116-2; MS117-3; GO124-3; GO125-3

pistoleiro MT103-3; MT104-4; MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-4; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-3; MT111-4; MS112-3; MS113-3; MS114-3; MS115-2; MS115-3; MS115-5; MS115-8; MS116-1; MS116-3; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-3; GO118-4; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-4; GO123-7; GO124-1; GO124-3; GO126-2

pito$_1$ MT111-4

pito$_2$ MS116-3; GO121-4; GO123-3; GO125-3

pitoco$_1$ MT109-1 MS115-8

pitoco$_2$ MT104-2; MT105-2; MT106-1; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT109-1; MT109-3; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT111-1; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO121-3; GO124-3; GO126-4

pitoco$_3$ MS116-4

pitoco$_4$ MT103-2; MS115-7

pivete MT108-2; GO121-3; GO123-1

pivetinha MT108-2

placa MS112-2

planeta Vênus GO123-7

poente$_1$ GO118-3; GO123-7

poente$_2$ GO118-2

polaca MS117-1

polícia e ladrão MS117-2

polpa MT104-4; MS114-4; GO126-2

polpa de fruta GO118-4

pomo de Adão GO118-3

pompilha MT104-4

poncã MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MT112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO125-4

ponta MT107-4; GO118-1

ponte MT103-1; MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT107-2; MT108-1; MT108-2; MT109-1; MT110-1; MT110-2; MS112-1; MS113-1; MS113-3; MS113-4; MS114-4; MS116-1; MS117-2; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-4; GO122-1; GO122-3; GO123-1; GO123-4; GO125-2; GO126-1

ponto MT107-2; MS114-1; GO119-4

pôr do sol$_1$ MT105-1; MT106-4; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT111-1; MS112-1; MS113-2; MS113-3; MS115-1; MS115-5; GO118-3; GO120-1; GO120-3; GO122-1; GO122-2; GO122-4; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO125-1; GO125-3; GO125-4

pôr do sol$_2$ MT108-7; MT110-2; MT111-1; MS115-8; GO121-3; GO123-4

por fora MT106-4; MT107-3; MT110-4

pororoca GO125-4

porronco MT103-3; MT104-1; MT104-2; MT105-2; MT106-4; MT109-1; MT111-1; MS114-2; GO118-3; GO119-2; GO122-3; GO122-4

por-se MT103-3; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT108-5; MT110-1; MT112-2; MS112-4; MS113-4; MS115-3; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-4; GO118-1; GO118-2; GO119-1; GO119-2; GO120-2; GO120-4; GO121-2; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO125-1; GO125-2

prendedor MT106-3; MT108-1; MS115-1; MS115-7; GO120-1; GO120-4; GO123-1; GO124-1; GO126-4

presa MT103-1; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-2; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-6; MS115-7; MS116-1; MS116-2 ; MS116-3; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

presépio MT104-4; MT105-3; MT105-4; MT106-3; MT106-4; MT107-2; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-2; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS113-4; MS114-4; MS115-2; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-4; MS117-1; MS117-3; MS117-4; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-4; GO120-2; GO120-3; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3

presilha MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT106-1; MT106-2; MT107-4; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-6; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-4; MS115-1; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO121-1

preventivo MT107-3

prima GO123-4

primo-irmão MS113-1; MS117-2

privada MT105-1; MT106-4; MT108-3; MT108-6; MS112-1; MS115-6; GO119-4; GO123-5; GO126-2

prosa MS114-4; MS116-3

prostituta MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT110-3; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-4; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-1; GO121-2; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO123-1; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

provocar MT103-3; MS117-4

provocar aborto MT106-3; MT106-4

pudim de cachaça MS114-2

puim MT104-4

pula-macaco MT107-2

pula-pula$_1$ GO119-1

pula-pula$_2$ MT105-1; MT109-3

pula-tábua MT103-2

puta MT103-1; MT104-1; MT104-2; MT107-1; MT108-7; MT110-1; MT111-1; MS114-1; MS114-4; MS115-4; GO118-1; GO119-1; GO119-2; GO120-2; GO121-3; GO123-3; GO123-6; GO123-7; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

quadril MT111-2; MS115-2; MS115-7; GO120-4; GO123-2; GO124-1; GO124-3; GO126-1; GO126-4

quarto MS115-3; MS115-8; GO118-1; GO125-4

quatro faróis GO122-3

quatro olhos MT103-1; GO120-1; GO123-1

quebrador de milho MT109-3; GO125-3

quebra-jejum MS115-4; GO122-3

quebra-mola MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO124-1; GO124-2; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

quebra-torto MT106-4; MT107-3; MT107-4; MT108-3; MT108-6; MT108-7; MT110-4; MS112-4; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS115-7; MS116-3

queijo MT109-2; MT109-3; MT109-4; GO119-3; GO121-2; GO123-4; GO123-5

queima GO124-3

queixal$_1$ MT103-3; MT104-4

queixal$_2$ MS115-1

quenga MT106-4; MS114-2; GO125-1; GO125-2

quiosque MS115-7; MS117-4

quiquio GO121-4

rabicó$_1$ MS114-4; GO123-3; GO123-8; GO126-1; GO126-2

rabicó$_2$ MT105-3; MT111-2; MT111-3; MS114-2; GO123-2; GO124-1; GO124-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3

rabo$_1$ MT109-3

rabo$_2$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

rabo$_3$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

rabo de galo$_1$ MS112-3

rabo de galo$_2$ GO123-8

raiar$_1$ MT106-3; MT108-8; MT111-3; GO123-2; GO123-3; GO123-7; GO125-3; GO126-3

raiar$_2$ MT108-3; GO125-3; GO125-4

raiar do sol MT108-3; MS113-2; MS116-2; GO125-3; GO126-1

raio$_1$ MT108-6; MT109-4; MS112-1; MS115-6; GO123-8

raio$_2$ MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1;

MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-3; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

raio da tarde GO120-4

raio do dia GO120-4; GO121-3

raio do sol MT108-7; GO118-3; GO124-3

raiz MT105-2; MT106-2; MT109-4; MS115-2; GO122-2; GO122-4

raizeiro MT103-3; MT104-2; MT105-2; MT106-4; MT107-3; MT109-4; MT110-1; MT111-1; MT111-3; MS112-2; MS115-4; MS115-7; GO118-4; GO119-4; GO120-1; GO120-4; GO121-4; GO122-1; GO122-4; GO123-4; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3

rameira GO123-8

ramona MT103-4; MT105-1; MT107-1; MT108-2; MT108-8; MT109-3; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-8; GO118-1; GO118-3; GO120-4; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO125-3; GO126-1; GO126-2; GO126-3

rampeira MT108-7

ranho MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-5

rapariga MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-3; MT106-3; MT106-4; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT109-3; MT111-3; GO118-2; GO118-3; GO119-1; GO122-3; GO124-3; GO126-3; GO126-4

rapazinho MT111-3; MS114-3; GO125-2; GO126-4

raposa MS117-3

rasga-calça MS117-4

raspa-tacho MT108-7; MS115-6; MS115-7; GO122-2; GO123-2

rastolho MS116-4; GO122-2

ratinho GO121-1

rebojo MT103-1; MT103-4; MT104-4; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT108-3; MT108-5; MT108-7; MT109-1; MT109-3; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS115-3; MS115-5; MS115-7; MS116-1; MS116-3; GO120-1; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-3; GO126-4

redemoinho$_1$ MT103-2; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MT111-1; MS112-1; MS114-2; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-6; MS115-8; MS116-2; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1;

GO118-2; GO118-3; GO119-1; GO119-3; GO120-2; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO124-3; GO125-1; GO125-2; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3

redemoinho$_2$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

redondo MT103-3; MT106-2; MT109-4; MS112-4

reflexo$_1$ MS114-4; GO121-4

reflexo$_2$ MS114-4; MS115-4; GO121-4

regente da perna MS116-1

rego$_1$ MT106-3; MT109-3; MT109-4; MT111-1; MS116-3; MS117-3; MS117-4; GO123-1; GO123-7; GO124-3; GO124-4; GO125-2

rego$_2$ MT107-3

regra MT108-7; MT110-3; MT111-3; MT111-4; MS112-4; MS113-3; MS113-4; MS114-4; MS116-4; GO118-3; GO122-3; GO122-4; GO123-7; GO124-4

relâmpago$_1$ MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

relâmpago$_2$ MT103-1; MT108-6; GO121-4

rengo$_1$ MS115-4; MS115-7; MS116-3; MS117-1

rengo$_2$ MT107-3; MT110-3; MS115-7; MS117-3

repugnar MT103-2; MT108-5; MS115-3; GO120-2; GO121-1

restilo GO123-7

retardado MT110-1; MS115-1

retorno MT103-1; MT107-1; MT110-1; MT111-3; GO119-1

rezadeiro MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT106-2; MT106-3; MT110-1; MS113-4 GO123-5; GO125-1; GO125-3

riacho MT104-1; MT108-5; MT108-7; MT110-1; MT110-3; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-6; MS115-8; MS116-4; GO119-4; GO120-4; GO122-1; GO123-1; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO125-4; GO126-1

ribeirão MT105-2; GO118-3; GO125-2; GO125-3; GO126-3

ridico GO120-4; GO122-2; GO126-1

rimo MS116-3

rio MT103-2; MT103-4; MT106-4; MT110-1; MS116-4; GO118-4; GO119-1

riscar GO120-1; GO123-6

roçada MT105-2; MS114-4

roda MT107-4

roda cotia MT105-2

roda-mão GO123-2

roda-roda MT104-2

rodela MT106-3; MT108-1; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-4

rolim MS117-2

romper do dia_1 GO121-3; GO126-4

romper do dia$_2$ MT105-4

rotatória MT104-1; MT104-4; MT108-6; MT109-1; MT109-2; MT111-1; MS112-3; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO120-2; GO121-3; GO122-2; GO122-3; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-6; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO126-3

rótula$_1$ MT105-1; MT108-3; MT108-8; MT109-4; MT111-3; MS112-3; MS115-5; MS115-7; MS115-8; MS116-4; GO118-3; GO121-3; GO121-4; GO122-3; GO122-4; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO125-3; GO125-4

rótula$_2$ GO123-4 GO123-5 GO123-6; GO123-7; GO124-3

rudo MT103-3; MT103-4; MT104-3; MT104-4; MT105-4; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-3; MT110-3; MT110-4; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS114-1; MS114-3; MS115-3; MS115-4; MS117-4; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO124-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

ruge MT103-3; MT103-4; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-3; MT106-4; MT107-3; MT107-4; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-3; MT110-4; MT111-2; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS113-3; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS117-3; MS117-4; GO118-3; GO118-4; GO119-4; GO120-3; GO120-4; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-3; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO124-4; GO125-3; GO126-1; GO126-3; GO126-4

ruim MT108-1

ruim da visão GO118-4

ruim da vista MT103-2; MT105-2; MT108-3; MT110-2; GO118-2; GO122-1; GO122-2

ruim de pagar MT108-8; MT109-4; GO118-1; GO118-2; GO124-3; GO124-4

ruim pagador GO118-3; GO124-4; GO125-4

saboneteira GO123-8

sabugo MT103-1; MT103-3; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

saciado MT106-2; MT111-4; GO124-1; GO124-2

sacrifício MT111-3

safada MT109-2; MT111-4; GO120-4; GO121-2

safado MT109-3; MS115-4

sair$_1$ GO119-1; GO121-1; GO125-2

sair$_2$ MT103-4; MT107-2; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-4; MT109-3; MT110-3; MT110-4; MS112-2; MS112-4; MS113-1; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS115-3; MS115-4; MS116-1; MS116-3; MS117-1; MS117-3; GO118-1; GO119-1; GO119-4; GO121-2; GO121-3; GO124-1; GO125-2; GO125-4; GO126-3; GO126-4

sair do lugar MT103-3; MT108-8; GO125-1; GO126-2

salto mortal MT108-1; MT110-4; MS114-3; MS117-4; GO120-1; GO120-3; GO126-2

salva-cadeia GO123-5

salva-latinha GO118-1

samba-canção MS115-6

sameado MT104-2; GO119-3

sanga MS117-3

sanguessuga MT103-1; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-7; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-2; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-5; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-3; GO118-2; GO118-3; GO119-3; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO124-3; GO125-1 GO126-1

santinho$_1$ MS112-1

santinho$_2$ MT108-4; MS115-1; MS116-4; GO119-1

sapicuá MS112-3

saravá MT108-1; MS112-3; MS114-1; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS117-4; GO126-1

sarjeta MS114-4

saruê GO119-2; GO119-3

satanás MT103-3; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT106-2; MT106-4; MT107-4; MT108-1; MT108-4; MT109-2; MT110-1; MT110-4; MT111-1; MS112-1; MS115-4; MS115-7; MS116-4; GO118-2; GO119-2; GO119-3; GO121-1; GO122-2; GO123-2; GO123-4; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO126-1

satélite MT107-3; MT109-4; MS113-2; GO119-1; GO120-3; GO124-4

satisfeito MS113-4; MS115-8; MS116-1; MS117-4; GO124-1

saudoso MT103-3; MS115-5

seara GO123-2

seborreia GO121-4

secar MS115-6

segunda mãe$_1$ MT108-2; MS113-1; MS113-3; MS117-4; GO118-3; GO119-4

segunda mãe$_2$ MT104-4; GO126-3

segunda safra MT104-3

seguro MT103-1; MT105-3; MT106-3; MT107-3; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS114-4; MS115-8; MS116-3; MS116-4; MS117-4; GO118-4; GO119-3; GO120-4; GO121-4; GO123-3; GO123-6; GO123-8; GO124-2; GO124-4; GO126-2; GO126-4

seio$_1$ MT103-1; MS115-7; MS117-2

seio$_2$ MT103-1; MT103-3; MT104-1; MT104-2; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-2; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-2; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-4; GO118-2; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO123-2; GO123-5; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO126-1

sem dente MT103-2; MT108-3; MT111-4; GO118-1; GO118-3; GO119-1

sem perna MT108-2; MS113-4

semáforo MT103-1; MT105-1; MT106-2; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-2; MT108-3; MT108-7; MT108-8; MT109-4; MT110-1; MT110-3; MT111-1; MT111-2; MT111-4; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-2; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO123-1; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO126-1; GO126-2; GO126-3

sem-vergonha$_1$ MT109-2

sem-vergonha$_2$ GO120-4; GO121-2

sentar MT103-1; MT103-4

sentir dor MT103-4; GO119-3; GO122-3

serenado MT110-3

serenar MT103-2

sereno$_1$ GO118-1; GO126-4

sereno$_2$ MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2;MT110-4; MT111-1; MT111-4; MS113-1; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO119-1; GO119-2; GO120-1; GO120-2; GO121-1; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-4; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO126-3

sereno$_3$ MT103-4; MT104-2; MT106-2; MT106-3; MS112-2; MS112-3; GO120-4

são GO121-4

sinal MT103-4; MT104-3; MT105-2; MT107-2; MT107-3; MT108-4; MT110-1; MT111-1; MS114-3; MS115-5; MS116-2; MS117-2; GO122-3; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-2; GO125-4

sinal vermelho MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT111-1; MS117-2; GO120-2; GO123-1; GO124-2

sinaleiro MT104-1; MT104-4; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS113-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-3; GO118-3; GO118-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO125-2; GO125-3; GO125-4

sinalização MT103-2; MT104-2

siso MT104-2; MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-3; MT106-4; MT107-4; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MS112-3; MS112-4; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-3; MS116-4; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-4; GO119-4; GO120-2; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-4; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

soca MT103-3; MT105-3; MT106-4; MT107-4; MT108-3; MT108-4; MT109-3; MT110-3; MT111-4; MS113-3; MS115-7; MS117-4; GO118-3; GO119-3; GO119-4; GO120-4; GO121-3; GO121-4; GO122-3; GO123-3; GO124-3; GO125-3; GO125-4; GO126-1

socó$_1$ GO121-3; GO122-3; GO122-4

socó$_2$ GO121-3

sofrer de vista MT108-2

soluço MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-3; GO126-4

soqueira MS112-3; MS114-3; MS117-3; GO123-7; GO126-3; GO126-4

sossegado MT103-3

sovaco MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-3; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-6; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO126-1; GO126-2; GO126-3 GO126-4

sovaqueira MT103-4; MT105-2; MT106-4; MT107-1; MT108-1; MT108-5; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT111-1; MS114-1; MS115-1; MS115-2; MS115-5; MS115-7; MS116-1; MS117-2; MS117-3; GO118-2; GO118-3; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-5; GO124-4; GO125-2; GO125-3; GO126-3

sovina MT103-1; MT103-4; MT108-8; MS114-2; GO123-3; GO124-3; GO126-3

subir MS115-6; GO119-3; GO121-4

sujeira GO119-3; GO123-6

sumidouro GO120-4

sumir MT104-3; MT105-2; MT105-4; MT108-7; MT109-1; GO124-3

sunga MT103-2; MT108-1; MT108-2; MS114-2; MS115-1; MS117-4

supitado MT105-3; MT108-2; MT108-6

sura MT103-3; MT103-4; MT104-3; MT105-3; MT106-1; MT106-4; MT107-3; MT107-4; MT110-2; MT110-3; MT111-1; MT111-4; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS115-1; MS115-3; MS115-4; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS117-3; MS117-4; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO120-3; GO120-4; GO123-7; GO124-4; GO125-4; GO126-4

surrão$_1$ MT106-4; MT109-4; MS113-3

surrão$_2$ GO124-3

suruca MT104-4; MT106-3; MT109-3; MT109-4; MT110-4; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS114-2; MS114-4; GO118-1; GO119-4; GO120-1; GO121-4; GO122-1; GO124-3; GO125-3; GO126-3

sutiã MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-2; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT109-1; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT107-1; MT107-3; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-7; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-3; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

tabaco MT103-3; MT107-1; MT111-2; GO119-1

tabuleta MT103-4

tagarela MT104-2; MT105-3; MT106-4; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT109-2; MT109-3; MT110-1; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS113-4; MS114-4; MS115-5; MS116-2; MS117-1; MS117-4; GO118-4; GO120-2; GO121-4; GO123-1; GO123-3; GO123-5; GO123-8; GO124-1; GO124-3; GO125-4

talismã MT106-3; MT108-2

talo MT104-2; MT105-1; MT106-1; MT107-1; MT107-2; MT108-5; MS115-1; GO126-1

tambo MS117-2

tanga MT108-2; GO122-4

tangerina MT103-3; MT103-4; MT104-3; MT104-4; MT105-4; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT110-4; MT111-2; MT111-4; MS112-1; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS115-3; MS115-4; MS115-6; MS115-8; MS116-2; MS116-3; MS117-2; MS117-3; GO118-2; GO119-3; GO120-3; GO121-3; GO123-2; GO123-7; GO124-1; GO124-3; GO125-3

tapado GO119-1; GO121-3

tapuru$_1$ MT103-2; MT103-4

tapuru$_2$ MT103-2

taquara rachada MS115-7

tarde MS112-1; MS115-5; GO119-4

tartaruga MT103-4; MT107-4; MT108-8; MT109-3; GO124-4

tatu MT103-2; MT103-3; MT105-1; MS115-1; MS115-6; MS116-2; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4

teleco GO123-2

tempestade$_1$ MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-3; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-4; MT108-2; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS113-3; MS114-1; MS114-2;

MS114-3; MS115-1; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-3; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

tempestade$_2$ MT108-5; MT108-7; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS113-2; MS114-3; MS115-2; GO118-1; GO119-2; GO119-4; GO122-4; GO125-3; GO125-4

tempestade$_3$ MT108-8; GO118-1; GO120-1; GO123-1

tempestade de pedra MS115-3

tempo aberto MT103-1

tempo limpo MT103-3; MS113-3; GO125-1; GO125-3

temporal$_1$ MT103-1; MT103-4; MT105-4; MT106-1; MT107-2; MT107-4; MT108-1; MT108-3; MT108-5; MS112-1; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS115-1; MS115-2; MS117-2; GO120-2; GO122-1; GO122-4; GO123-6; GO124-1

temporal$_2$ MT104-4; MT106-2; MT106-3; MT108-5; MT110-4; MS112-2

temporal$_3$ MT108-1; MS115-2; GO120-4; GO121-3; GO126-2

ter MT104-3; MT105-1; MT107-2; MT107-3; MT108-7; MT111-1; MS112-4; MS113-2; MS114-2; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-4; MS117-1; GO122-1; GO125-2; GO125-3; GO126-4

ter fraqueza na vista MS117-4

ter problema nas vistas GO118-1; GO120-2; GO121-4; GO122-4

terça-feira GO123-7

terçol MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO120-2; GO121-1; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-2; GO123-4; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO125-4; GO126-1; GO126-4

terreno MT103-1; MT104-2; MT104-4; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-4; MT111-1; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO121-4; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

teta$_1$ MT103-2; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT106-2; MT106-4; MT109-2; MT110-1; MT111-1; MS114-2; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS116-2; MS116-4; MS117-1; MS117-3; MS117-4; GO120-2; GO121-2; GO121-3; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO123-8; GO124-2; GO126-4

teta$_2$ MT106-4; MT108-2; GO124-2

tiara MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT106-2; MT107-2; MT107-4; MT108-7; MT109-1; MT111-4; MS113-2; MS113-4; MS114-2; MS115-1; MS115-4; MS115-6; MS115-8; MS116-2; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; GO118-4; GO122-2; GO122-4; GO123-2; GO123-4; GO123-6; GO126-2

tique-taque MS117-3; MS117-4; GO126-2

tira-jejum MS114-3; MS114-4; MS115-3; MS115-4; MS116-2; MS116-3; MS117-2; MS117-3

tirar MT109-4

tira-torto MT105-3; MT106-1; MT106-3; MT106-4; MS116-4

tisna MT103-1

tocaio MS117-4

toco$_1$ MT103-4; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT107-3; MT107-4; MT108-5; MT108-6; MT109-3; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MS112-2; MS112-4; MS113-2; MS114-1; MS114-2; MS114-4; MS115-8; MS116-3; MS116-4; MS117-2; MS117-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO120-1; GO120-3; GO121-2; GO122-1; GO122-4; GO125-1; GO126-2

toco$_2$ MT104-2; MT106-4; MT109-4; MS113-4; GO118-1; GO118-2; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO121-4 toco$_3$ MT104-4; MT105-3; MT105-4; MT106-3; MT106-4; MT107-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT109-2; MT109-3; MT110-3; MT111-2; MT111-4; MS113-2; MS114-2; MS114-4; MS115-1; MS115-6; MS115-7; GO118-2; GO118-4; GO119-4; GO120-2; GO120-4; GO122-4; GO123-2; GO123-6; GO123-7; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4 tocó$_1$ GO122-4 tocó$_2$ MT103-4; MT104-3; MT104-4; MT105-3; MT109-2; GO118-3; GO118-4; GO120-1; GO120-3; GO120-4; GO122-1; GO122-4; GO123-3; GO123-7; GO123-8

tô-fraco MS116-4; GO121-3

tomada MT103-1; MT104-1; MT104-2; MT104-4; MT105-2; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT107-1; MT107-4; MT108-1; MT108-4; MT108-6; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS114-1; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-5; MS116-1; MS117-3; GO118-2; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-4; GO121-3; GO122-4; GO123-2; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO126-2; GO126-3

tomado MT108-8

tonto MT103-2; MT106-4; MT110-3; MT110-4; MS112-3; MS113-1; MS116-3

tormenta MS115-4; MS116-2; MS116-3; MS117-3; MS117-4

tornozelo MT103-1; MT103-2; MT104-1; MT104-3; MT105-1; MT105-2; MT106-2; MT107-1; MT108-2; MT108-3; MT108-6; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT110-1; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-1; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3

toró$_1$ MT104-4; MS115-4; MS115-8

toró$_2$ MT104-4

touceira MT110-4; MS115-3; MS115-4; GO118-1; GO118-2

toutiço MT108-7

trabalhador GO119-4

trabalho MT103-4; MT105-3; MS113-3; MS115-1; MS115-5; GO120-1; GO122-3; GO123-4; GO123-8

traído MS116-1; MS116-4; MS117-2; GO119-1; GO122-3; GO123-5; GO125-3

trambiqueiro MT104-2; MT106-2; MT109-2

tramela MT103-1; MT103-3; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

tranca MT107-1; MT107-3; MT107-4; MT108-7; MT110-4; MS115-6; GO121-3

tranquilo MT103-3

trapézio MT108-7; MT108-8

traseira MT103-3; MT104-3; MT105-2; MT107-1; MT108-5; MT108-7; MT109-1; MT109-2; MS113-1; MS115-2; MS115-6; MS116-2; MS117-2; GO118-2; GO118-3; GO123-3; GO123-4; GO125-2; GO126-2

traseiro MT104-2; MT108-1; MT108-3; MS114-2; MS115-5; GO123-7

tratante MS116-4; MS117-1

travessa MT103-3; MT103-4; MT107-4; GO123-8

trem MT111-2

três marias MT104-2

três reais magos MT104-2

tresanteontem MT105-3; MT105-4; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT107-4; MT108-3; MT108-7; MT109-3; MT110-1; MT110-3; MT110-4; MT111-3; MT111-4; MT112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-3; MS114-3; MS114-4; MS116-3; MS117-3; MS117-4; GO118-3; GO119-1; GO119-2; GO119-4; GO120-2; GO120-4; GO121-3; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-4; GO123-7; GO123-8; GO124-3; GO124-4; GO126-2

treteiro GO119-3

trevo MT105-1; MT105-2; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-4; MT108-3; MT108-8; MT110-3; MS115-1; GO120-1; GO120-3; GO121-4; GO126-1

trieiro$_{1}$ MT103-1; MT103-3; MT104-2; MT105-2; MT106-2; MT106-3; MT108-5; MT108-7; MT109-1; MT109-2; MS112-1; MS114-2; MS114-4; MS115-2; MS115-6; MS116-1; MS116-2; MS117-2; MS117-4; GO120-1; GO121-1; GO122-1; GO122-2; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-5; GO123-7; GO123-8; GO124-1

trieiro$_2$ MT103-1; MT103-3; MT104-2; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-3; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT110-2; MT110-3; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO123-1; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

trilha$_1$ MT104-4; MT107-2; MT108-1; MT108-2; MT109-2; MT110-1; MS113-1; MS113-4; MS115-2; MS115-6; MS116-4; MS117-1; GO118-3; GO120-2; GO121-2; GO123-4; GO126-2

trilha$_2$ MT105-4; MT107-2; MT107-4; MT109-2; MT109-4; MT110-1; MS113-1; MS113-3; MS115-6; MS116-4

trilho$_1$ MT110-2

trilho$_2$ MT107-1; GO121-3; GO121-4

trinca GO123-2

trinco MT103-3; MT104-2; MT107-3; MT109-1; MT110-2; MS115-5; GO120-4; GO122-1

trisca GO118-3

trivela MT104-1

trole GO124-4

tromba d'água MT105-3; MT109-3; MS114-4; MS115-7; MS116-3; GO118-3; GO123-4; GO123-7; GO126-1

troncho MT106-1

tronco MT109-4; MS112-2; MS113-4

trongo GO122-1

trono MT105-1; MT108-7; MS115-7

trovão MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

turvo GO118-3; GO118-4

úbere MT103-1; MT103-3; MT104-3; MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT107-3; MT107-4; MT108-3; MT108-4; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-4; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-8; MS116-1; MS116-3; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3;

GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO120-1; GO120-3; GO120-4; GO121-4; GO122-1; GO122-3; GO123-5; GO123-7; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-3

umbigo MT103-3; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-3; MT107-4; MT108-3; MT108-4; MT108-8; MT109-2; MT109-3; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-3; MT111-4; MS112-3; MS112-4; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-7; MS115-8; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-3; MS117-4; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-4; GO120-1; GO120-3; GO120-4; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-3; GO122-4; GO123-3; GO123-4; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO126-2; GO126-3; GO126-4

umbigueira MT111-1

umedecido MT105-4

úmido MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-6; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-2; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

unha de fome GO122-3

urubu MT103-1; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

útero MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-4; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-4; GO119-1; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-4; GO125-3; GO126-1; GO126-3; GO126-4

vaca$_1$ GO119-4

vaca$_2$ MT109-2; MT110-1

vadia MT111-2; MS115-2; MS116-4; GO123-1; GO125-2

vagabunda MT104-4; MT108-2; MS112-4; MS114-2; MS115-2; GO120-4; GO123-8; GO124-1; GO125-2; GO126-2

vagabundo MT109-2; GO118-2

vagalhão GO123-7

vagem MT103-3; MT103-4; MT104-2; MT104-3; MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-3; MT108-5; MT108-6; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-3; MS115-4; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-3; GO126-4

varal MS115-7

varejeira MT103-1; MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-3; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-2; MS115-1; MS115-2; MS115-4; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO120-1; GO120-2; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-2; GO122-3; GO123-1; GO123-2; GO123-4; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-2; GO125-3; GO125-4

vaso MT103-1; MT103-2; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-4; MT108-5; MT106-3; MT107-2; MT108-3; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

vazar MS112-1

vazio MT109-3

velhaco MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-3; MT106-3; MS112-3; MS115-3; MS116-1; MS116-3; GO118-1; GO118-3; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-3; GO126-1

venda MT108-6; MT108-8; MS113-2; MS115-8; GO118-2

vendaval$_1$ MT107-4; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT110-1; MS112-3; MS112-4; MS113-4; MS115-8; GO123-7; GO123-8; GO125-2

vendaval$_2$ MT108-6; MS115-8

veneziana MT103-1; MT103-3; MT104-2; MT105-1; MT106-3; MT106-4; MT107-3; MT108-3; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-3; MT109-4; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-4; MS112-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-4; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO121-3; GO121-4; GO122-3; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

ventania MT106-1; MT106-2; MT107-2; MT107-3; MT108-3; MT108-4; MT109-1; MT110-2; MS114-4; MS117-2; GO118-4; GO120-3; GO122-4; GO123-6; GO124-4

ventre MT105-1; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT108-5; MT109-2; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-4; MS116-3; MS116-4; MS117-2; GO118-3; GO120-4; GO122-1; GO123-5; GO124-1; GO124-3; GO125-4

veranico GO122-4; GO123-3

vereda GO118-3

vermelhão MT110-3

vermelhidão MT108-6

verônica GO126-4

vesgo MT103-3; MT104-1; MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT107-3; MT108-2; MT108-4; MT108-7; MT109-2; MT111-1; MT111-2; MS112-1; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-3; MS115-1; MS115-4; MS115-5; MS115-7; MS115-8; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-4; GO118-4; GO120-2; GO121-2; GO122-3; GO123-6; GO124-3; GO125-4; GO126-2; GO126-3

véu de estrela MS115-6

via láctea MT108-2

viação GO121-3

vil MT105-4

vilhida MT106-3; MT107-3; GO118-4; GO126-4

violeta MT107-3

vir GO120-3; GO126-1

virolho MT106-2

viroto MT111-3; MT111-4; MS114-2; MS114-3; MS114-4; GO124-4

visagem MT103-1; MT106-4

visão MT105-3; MT106-3; MT107-2; MS116-3; MS117-3; GO120-4; GO123-2; GO126-1

visão curta MT111-3

vista curta MT103-3; MT103-4; MT104-4; MT108-4; MT109-3; MT110-3; MT110-4; MT111-4; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS115-3; MS116-1; GO119-1; GO119-3; GO120-4; GO123-4; GO124-3; GO126-3

vista fraca MT105-3; MS114-3; MS114-4; GO124-4; GO126-4

vomitar MT103-1; MT103-2; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT104-3; MT104-4; MT105-1; MT105-2; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; MS117-4; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

vulto MT104-2; MT106-3; MS114-1; MS116-1; GO119-2; GO120-1

xará MT103-1; MT103-3; MT103-4; MT104-1; MT104-2; MT04-3; MT104-4; MT105-1; MT105-3; MT105-4; MT106-1; MT106-2; MT106-3; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-3; MT107-4; MT108-1; MT108-3; MT108-4; MT108-5; MT108-6; MT108-7; MT108-8; MT109-1; MT109-2; MT109-3; MT109-4; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT110-4; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS113-1; MS113-2; MS113-3; MS113-4; MS114-1; MS114-2; MS114-3; MS114-4; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-4; MS115-5; MS115-6; MS115-7; MS115-8; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS116-4; MS117-1; MS117-2; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO118-4; GO119-1; GO119-2; GO119-3; GO119-4; GO120-1; GO120-2; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-2; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO122-3; GO122-4; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-5; GO123-6; GO123-7; GO123-8; GO124-1; GO124-2; GO124-3; GO124-4; GO125-1; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-2; GO126-3; GO126-4

xera MT107-4

zambeta MT108-4; GO119-1

zarolho$_1$ MT110-2; MS113-4; MS116-2; GO120-1;

zarolho$_2$ MT103-1; MT103-2; MT103-4; MT104-2; MT104-4; MT105-2; MT105-3; MT106-1; MT106-2; MT106-4; MT107-1; MT107-2; MT107-4; MT108-1; MT108-2; MT108-3; MT109-1; MT109-2; MT109-4; MT110-2; MT110-3; MT111-4; MS112-1; MS112-2; MS112-3; MS112-4; MS114-1; MS114-2; MS115-1; MS115-2; MS115-3; MS115-6; MS116-1; MS116-2; MS116-3; MS117-3; GO118-1; GO118-2; GO118-3; GO119-1; GO119-2; GO119-4; GO120-3; GO120-4; GO121-1; GO121-3; GO121-4; GO122-1; GO122-2; GO123-1; GO123-2; GO123-3; GO123-4; GO123-7; GO124-1; GO125-1; GO125-2; GO125-3; GO125-4; GO126-1; GO126-3

zé pilintra MS115-1

zebu MT108-2

zorba MT105-4; MT106-2; MT106-3; MT107-1; MT108-1; MT108-2; MT108-5; MT110-1; MT110-2; MT110-3; MT111-1; MT111-2; MT111-3; MS112-2; MS113-4; MS114-3; MS114-4; MS115-2; MS115-3; MS115-8; MS116-3; MS117-1; MS117-4; GO126-1; GO126-3; GO126-4